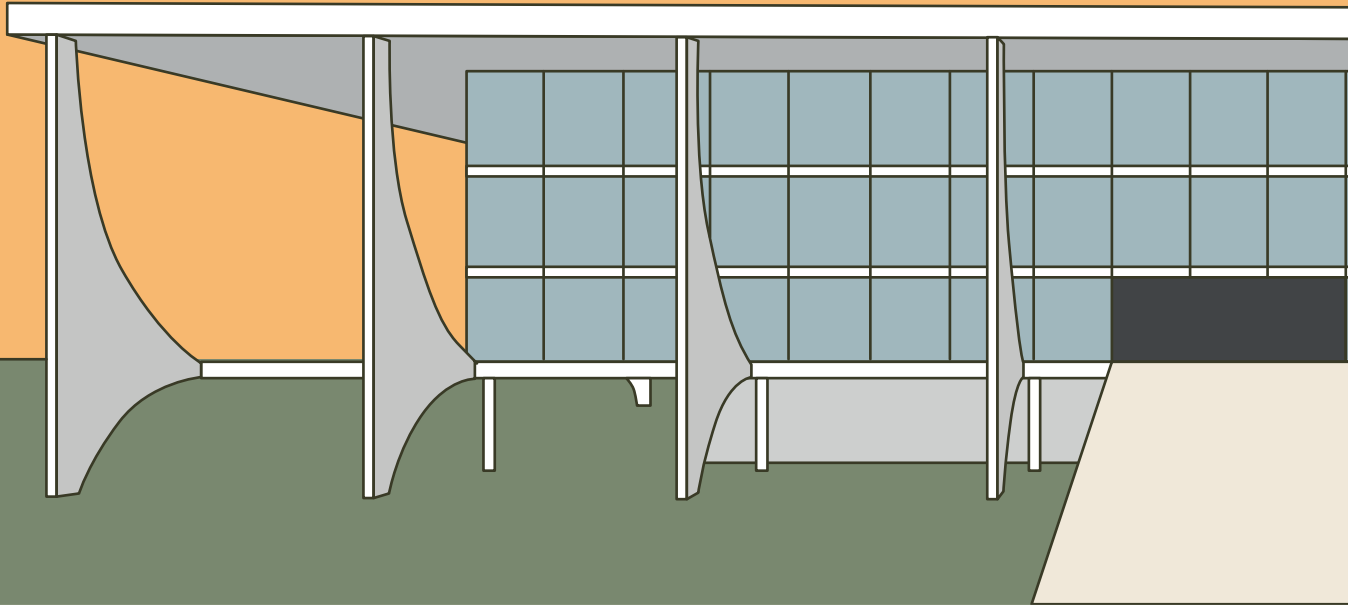


Jéssica Mayara de Melo Rivetti



NÃO SE NASCE PRESIDENTA

A trajetória política de Dilma Rousseff

NO SE NACE PRESIDENTA

La trayectoria política de Dilma Rousseff

2024

JÉSSICA MAYARA DE MELO RIVETTI

NÃO SE NASCE PRESIDENTA
A trajetória política de Dilma Rousseff

Versão corrigida

SÃO PAULO - GRANADA

2024

Jéssica Mayara de Melo Rivetti

NÃO SE NASCE PRESIDENTA
A trajetória política de Dilma Rousseff

Versão corrigida

Tese apresentada para a obtenção do título (dupla-titulação) de Doutora, no âmbito do Convênio Acadêmico Internacional celebrado pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo e pelo Departamento de Filosofia I da Escola Internacional de Pós-graduação da Universidade de Granada.

Orientadores: Profa. Dra. Ana Paula Hey (USP) e Prof. Dr. José Luis Moreno Pestaña (UGR).

2024

Jéssica Mayara de Melo Rivetti

NO SE NACE PRESIDENTA
La trayectoria política de Dilma Rousseff

Versión corregida

Tesis presentada para la obtención del título (doble-titulación) de Doctora en el ámbito del Convenio Académico Internacional llevado a cabo por el Programa de Posgrado en Sociología de la Facultad de Filosofía, Letras y Ciencias Humanas de la Universidad de São Paulo y el Departamento de Filosofía I de la Escuela Internacional de Posgrado de la Universidad de Granada.

Directores de tesis: Profa. Dra. Ana Paula Hey (USP) y Prof. Dr. José Luis Moreno Pestaña (UGR).

2024

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

R624n Rivetti, Jéssica Mayara de Melo
Não se nasce presidenta: A trajetória política de
Dilma Rousseff / Jéssica Mayara de Melo Rivetti;
orientador Ana Paula Hey; coorientador José Luis
Moreno Pestaña - São Paulo, 2024.
289 f.

Tese (Doutorado)- Faculdade de Filosofia, Letras e
Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.
Departamento de Sociologia. Área de concentração:
Sociologia.

1. MULHERES. 2. ESTÉTICA. 3. ELITE. 4. ELEIÇÃO
PRESIDENCIAL. 5. REPRESENTAÇÃO POLÍTICA. I. Hey, Ana
Paula, orient. II. Título.

ENTREGA DO EXEMPLAR CORRIGIDO DA DISSERTAÇÃO/TESE**Termo de Anuência do (a) orientador (a)**

Nome do (a) aluno (a): Jéssica Mayara de Melo Rivetti

Data da defesa: 21/06/2024

Nome do Prof. (a) orientador (a): Ana Paula Hey

Nos termos da legislação vigente, declaro **ESTAR CIENTE** do conteúdo deste **EXEMPLAR CORRIGIDO** elaborado em atenção às sugestões dos membros da comissão Julgadora na sessão de defesa do trabalho, manifestando-me **plenamente favorável** ao seu encaminhamento ao Sistema Janus e publicação no **Portal Digital de Teses da USP**.

São Paulo, 20/08/2024



(Assinatura do (a) orientador (a))

RIVETTI, Jéssica M. M.. *Não se nasce presidenta: A trajetória política de Dilma Rousseff/ No se nace presidenta: La trayectoria política de Dilma Rousseff*. 2024. 389 f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo/ Tesis (Doctorado en Filosofía) – Departamento de Filosofía I de la Escuela Internacional de Posgrado de la Universidad de Granada, São Paulo, Granada.

Aprovado em: 21/06/2024

COMISSÃO JULGADORA

Orientadores/Directores

Presidenta: Profa. Dra. Ana Paula Hey (USP)

Secretário: Prof. Dr. José Luis Moreno Pestaña (UGR)

Membros

Profa. Dra. Débora Messenberg Guimarães (Unb)

Prof. Dr. Francisco Manuel Carballo Rodríguez (USAL)

Profa. Dra. Ingrid Cyfer (Unifesp)

Suplentes

Profa. Dra. Alessandra Maia Terra de Faria (PUC-Rio)

Prof. Dr. Daniel J. García (UGR)

Profa. Dra. Lidiane Soares Rodrigues (UFABC)

Prof. Dr. Luiz Carlos Jackson (USP)

Profa. Dra. Nuria Peist Rojzman (UB)

Ao Ugo, com amor

Para aquelas que fizeram sua partida durante essa jornada mas que deixaram marcas profundas de afeto: avó Augusta (*in memoriam*), Diane Santana (*in memoriam*), abuela Idina (*in memoriam*) e tia Marli (*in memoriam*).

No sólo de pan vive el hombre.

Yo, si tuviera hambre y estuviera desvalido en la calle no pediría un pan; sino que pediría medio pan y un libro.

Y yo ataco desde aquí violentamente a los que solamente hablan de reivindicaciones económicas sin nombrar jamás las reivindicaciones culturales que es lo que los pueblos piden a gritos.

Bien está que todos los hombres coman, pero que todos los hombres sepan. Que gocen todos los frutos del espíritu humano porque lo contrario es convertirlos en máquinas al servicio del Estado, es convertirlos en esclavos de una terrible organización social.

[...]

¡Libros! ¡Libros!

—Federico García Lorca

AGRADECIMENTOS

O percurso até a conclusão da pesquisa foi árduo, especialmente por cobrir um período de recessão nos investimentos na educação pública, em um governo que menosprezava o saber e a produção científica. Este trabalho é, assim, fruto de um contexto marcado pela falta de recursos financeiros nas instituições de ensino, aliado à uma pandemia que cruzou frontalmente a investigação em andamento. Por isso, agradeço, antes de tudo, ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e ao Programa de Internacionalização da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES-Print) pelo apoio financeiro (parcial) que viabilizou a produção desta tese.

Sem as bolsas obtidas e as universidades públicas, certamente não seria possível que a neta da Dona Augusta Ferreira de Melo (*in memoriam*), de Santa Rita de Caldas-MG, hoje pudesse estar escrevendo essas linhas e, muito menos, fugindo do destino dos seus. Essa tese é para você, vó, exemplo de força e determinação, que sempre sonhou e nunca pôde ler e escrever. Infelizmente, você se foi deste plano no intervalo deste doutorado, mas espero que saiba, onde quer que esteja, que você terá uma neta doutora graças a todos os seus esforços.

Além disso, não existiria tese alguma sem o apoio de minha família: meus pais, Natalina e Luiz, que estiveram do meu lado em todos os momentos, minha amada tia e madrinha, Marli (*in memoriam*), que se foi tão cedo, mas que nos legou a memória de sua alegria, que segue nos preenchendo de vida. À minha querida sobrinha Thay, por ser meu abraço favorito desde sempre. À Mari, Lara e Léo por todo apoio e torcida.

Agradeço a inestimável contribuição de minha orientadora, Ana Paula Hey, por seu trabalho de orientação, sua ética e seu acolhimento nos momentos mais difíceis. Nossas trocas foram profundas e, em cada encontro, meus horizontes se expandiram ainda mais. Muito obrigada por tudo e, principalmente, por sua confiança.

Al gran referente teórico, que además de todo, tengo el privilegio de que sea mi director de tesis: José Luis Moreno Pestaña, a quien tanto admiro no solamente por su trabajo, sino también por su compromiso revolucionario. Muchísimas gracias por todo lo que hiciste, por creer en la relevancia de mi investigación y recibirme de manera tan amable en la bellísima ciudad andaluza.

Al personal de la UGR que siempre me ha ayudado con prontitud y ha tornado posible los trámites de la cotutela: Encarnación Garrido, Fernando Martínez Manrique y Pedro Francés. A los compañeros/as del otro lado del océano, del Despacho de Filosofía I y de la Cátedra Extraordinaria de Filosofía Moral de la Discriminación Corporal por todas las trocas que tuvimos a lo largo de mi instancia en Granada. Agradezco especialmente a los profesores Daniel J. García y Nuria Peist Rojzman que tan gentilmente aceptaron la invitación para componer la suplencia de

mi tribunal. Agradezco a Alba Moreno Zurita, Amalia Haro Marchal, David Alejandro, Jesús Ángel Ruiz, Pablo Beas Marín y a la amiga, Violeta Garrido.

Si es verdad que el doctorado fue un período de intensa soledad pero tuve la gran suerte de, una vez en España, tener los caminos cruzados con personas a las cuales tengo profunda admiración y cariño: Amanda Nogueira, Andrés Andreotti, Beatriz Lourenço, Carem Fagundes, Elayne Castro, Lucas Reis, Luiza Winter, Manu Ansaldo Roloff e Moisés Lira. A Lina Magalhães, amiga-irmã, grande presente da vida. Gracias a vosotros por todos los momentos en que compartimos anseios por la investigación, reflexiones teóricas, saudades de nuestro país y tanta cosa, mientras tomábamos un cafelito en Diplomatique del Centro de Investigación, a lo largo de un interminable almuerzo en los Comedores, o de un rico churros en Bib-Rambla en los días fríos. Y claro, todas las risas acompañadas de una tapa y una copita de Rioja.

Deste lado do oceano, agradeço aos companheiros/as do GPSECC-USP e do Projeto Mulheres Eleitas - LAPPCOM, em especial a Adriana Valobra, Alessandra Maia, Carolina Butterby e Mayra Goulart pela parceria em inúmeros projetos ao longo dos anos. À Anne Capelo e ao João Campos agradeço por todas as nossas manhãs pandêmicas, em que desafiamos as convenções da vida acadêmica e compartilhamos planos, anseios e muito afeto no processo de escrita.

Agradeço imensamente a confiança de todos/as os/as interlocutores/as da tese: Celso Kamura, Fernando Pimentel, Juliana Vieira, Olga Curado, Pedro Rousseff e Roberto Stuckert. Ao Memorial da Resistência, à Biblioteca Central da Unicamp e ao Setor Acadêmico da Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS pela solicitude na disponibilização de documentos.

A Dilma Rousseff, pela companhia ao longo dos últimos seis anos e por ser uma grande inspiração de resistência. Espero que possamos nos encontrar em algum momento.

À turma de doutorado da USP e, especialmente, aos colegas André Pinhel, Bruna Ramaciotti, Fernanda Araújo, Tulio Custódio e Mônica Moraes. Àquelas/es que me fizeram sentir parte da Universidade, que me acolheram de uma forma tão carinhosa no NÓS - Núcleo de Sociologia, Gênero e Sexualidade Prof. Gustavo Venturi: Alexandre Martins, Iuri Cardoso e João Filipe Cruz, e às companheiras nos estudos de gênero e sexualidade, Beatriz Sanchez, Júlia Gimenes, Lux Ferreira, tita e Thais Tiriba.

Aos professores da Universidade de São Paulo: Alexandre Massella, Edison Bertencelo, Lidiane Soares Rodrigues, Luiz Carlos Jackson, Marcia Lima, Marcos Alvarez e Sylvia Gemignani Garcia por todos os ensinamentos, conversas e partilhas. À Érica Rocha, Fábio Amâncio, Georgina Pinto, Gustavo Mascarenhas e Regina Sant'Ana, servidores da Universidade, pela paciência e todo o suporte técnico e burocrático prestado neste período.

Não poderia deixar de registrar que ingressar no doutorado não seria um horizonte possível sem o apoio irrestrito de professoras que tanto admiro, como as inestimáveis Lúcia Avelar e Patrícia Rangel, que sempre me incentivaram, mesmo quando o futuro parecia tão distante. Aos orientadores de mestrado, a quem tanto devo o conhecimento adquirido, Ingrid Cyfer e Paulo Renato da Silva.

À Ingrid, por estar ao meu lado desde as Iniciações Científicas, a Monografia e a Dissertação de Mestrado, conduzindo de maneira tão generosa os meus primeiros passos por um horizonte de possibilidades, ensinando a fazer pesquisa e a construir uma visão crítica de mundo. Obrigada por me apresentar a leituras que me auxiliaram a nomear tudo aquilo que me afligia. Se não desisti, muito devo a você que sempre esteve por aqui, sem soltar a minha mão.

À professora Débora Messenberg pelas reflexões e leitura atenta do meu trabalho na qualificação, que me brindou a honra de participar também da banca examinadora de defesa. Al profesor Francisco Manuel Carballo Rodríguez, quien tan solícitamente se disponibilizó a acompañar mis investigaciones y a aportar sus inestimables contribuciones en el tribunal de lectura de tesis.

Não posso deixar de agradecer aos chefes do Museu da Imagem e do Som, Ayaça Castro, Dafna Pondé e Lucas Ribeiro, que foram tão sensíveis em momentos em que precisei conciliar as atividades de pesquisa, as aulas e a intensa rotina de trabalho. Sou grata também às preciosas amigadas de Anouch Kurkdjian, Fernando Filho, Laís Torres, Lygia Leal, Lorena Kaz, Paula Bortolin, Raquel Suely, Marcela Dantas e Vinicius Wohnrath. Em especial, à Ana Lidia Oliveira Aguiar e Ruth Guedes pela cumplicidade.

À Camila Galetti, pelo lindo laço construído. Minha amiga, companheira de todas as horas e grande parceira acadêmica, com quem tenho o privilégio de poder discutir e produzir. Juntas, o mundo é pequeno para nós.

Ao Pepe, amigo de quatro patas que acompanhou incansavelmente no processo de escrita. Dia e noite, sempre ao meu lado. Por último, mas não menos importante, agradeço ao Ugo, por todo amor e companheirismo nesta caminhada, que está apenas começando.

Resumo

Eleita a primeira presidenta do Brasil em 2010, Dilma Rousseff, que até então era uma novata nas urnas, apresenta uma trajetória ímpar para a compreensão do acesso das mulheres ao cargo de maior prestígio no campo político democrático, o Executivo Nacional. Na contramão das abordagens usuais sobre a política, esta tese procura entender o que a levou a subir a rampa do Planalto, e não o que a fez descer de lá antecipadamente após o processo de impeachment em 2016. Nesse sentido, o fator de originalidade da pesquisa está na moldura do tema, partindo de uma perspectiva sociológica que, respaldada na teoria bourdieusiana, pretende apreender o campo político brasileiro até sua primeira vitória eleitoral. Para isso, realizou-se um estudo de sua trajetória política com foco nas instituições presentes em sua história de vida, nos tipos de capital (cultural/erótico, econômico e social) e em sua linhagem política. Por meio da análise de diversos materiais, observou-se que Dilma enfrentou o desafio de se apresentar como uma figura política forte e competente, ao mesmo tempo em que enfrentava estereótipos de gênero arraigados na sociedade brasileira, resultado da histórica dominação masculina. Tanto que sua campanha ora buscou desafiar esses modelos, enfatizando suas realizações políticas e habilidades de liderança, ora explorou elementos de feminilidade e de ética do cuidado para atrair um maior apoio do eleitorado. Nesse sentido, os resultados deste estudo contribuem para uma melhor compreensão do papel do capital erótico na política e do impacto das representações das mulheres no campo político. Além disso, destacam a importância da construção de uma imagem pública coerente e eficaz para as candidatas que buscam superar barreiras materiais e simbólicas em cargos de prestígio no mundo social para a obtenção de reconhecimento de suas agências políticas.

Palavras-chave: Dilma Rousseff; Capital erótico; Mulheres na política; Eleições de 2010; Gênero e política.

Abstract

Elected as Brazil's first female president in 2010, Dilma Rousseff, until then a newcomer to the electoral scene, presents a unique trajectory for understanding women's access to the National Executive, the highest prestige position in the democratic political field. Contrary to the usual approaches to the politician, this thesis seeks to understand what led her to ascend the ramp of the Planalto Palace, rather than what caused her to leave prematurely after the impeachment process in 2016. In this sense, the originality factor of this research lies in the framing of the theme, starting from a sociological perspective that, supported by Bourdieusian theory, aims to grasp the Brazilian political field up to her first electoral victory. For this purpose, a study of her political trajectory was carried out focusing on the institutions present in her life story, the types of capital (cultural/erotic, economic, and social), and her political lineage. Through the analysis of various materials, it was observed that Dilma faced the challenge of presenting herself as a strong and competent political figure, while also confronting gender stereotypes deeply rooted in

Brazilian society, the result of historical male domination. Her campaign either sought to challenge these models, emphasizing her political achievements and leadership skills, or explored elements of femininity and the ethics of care to attract greater support among the electorate. In this sense, the results of this study contribute to a better understanding of the role of erotic capital in politics and the impact of women's representations in the political field. Additionally, they highlight the importance of constructing a coherent and effective public image for candidates seeking to overcome material and symbolic barriers in prestigious positions in the social world to obtain recognition of their political agencies.

Keywords: Dilma Rousseff; Erotic capital; Women in politics; 2010 elections; Gender and politics.

Resumen

Elegida como la primera presidenta de Brasil en 2010, Dilma Rousseff, quien hasta entonces era una recién llegada a la escena electoral, presenta una trayectoria única para entender el acceso de las mujeres al cargo de mayor prestigio en el campo político democrático, el Ejecutivo Nacional. Contrariamente a los enfoques habituales sobre la política, esta tesis busca comprender qué la llevó a ascender por la rampa del Palacio del Planalto, en lugar de lo que la hizo dejar el cargo prematuramente después del proceso de destitución en 2016. En este sentido, el factor de originalidad de la investigación radica en el enfoque del tema, partiendo de una perspectiva sociológica que, respaldada por la teoría de Bourdieu, tiene como objetivo comprender el campo político brasileño hasta su primera victoria electoral. Para ello, se realizó un estudio de su trayectoria política centrándose en las instituciones presentes en su historia de vida, los tipos de capital (cultural/erótico, económico y social) y su linaje político. A través del análisis de diversos materiales, se observó que Dilma enfrentó el desafío de presentarse como una figura política fuerte y competente, al mismo tiempo que enfrentaba estereotipos de género arraigados en la sociedad brasileña, resultado de la histórica dominación masculina. Su campaña buscó desafiar estos modelos, enfatizando sus logros políticos y habilidades de liderazgo, o exploró elementos de feminidad y ética del cuidado para atraer un mayor apoyo del electorado. En este sentido, los resultados de este estudio contribuyen a una mejor comprensión del papel del capital erótico en la política y del impacto de las representaciones de las mujeres en el campo político. Además, destacan la importancia de construir una imagen pública coherente y efectiva para las candidatas que buscan superar barreras materiales y simbólicas en cargos de prestigio en el mundo social para obtener el reconocimiento de sus agencias políticas.

Palabras clave: Dilma Rousseff; Capital erótico; Mujeres en la política; Elecciones de 2010; Género y política.

Lista de ilustrações e figuras

Figura 1- Circuito de imigração do pai	45
Figura 2- Circuito de migração da mãe	49
Figura 3- Árvore genealógica	51
Figura 4- Circuito das organizações	98
Figura 5- “Você acha que sou um poste?”	164
Figura 6- Coração Valente	179
Figura 7- Foto oficial de Lula e Dilma (2010)	185
Figura 8- Freio de <i>Scold</i>	247
Figura 9- Freio de <i>Brank</i>	247
Figura 10- <i>Ducking-stool</i>	247
Figura 11- <i>Fake news</i> Jesus é travesti	259
Figura 12- Montagem de Dilma e Verônica Maldonado	261
Figura 13- Busca no Google pelo nome de Dilma	265
Figura 14 - Os tons de vermelho de Dilma	269
Figura 15- ‘Pantone Merkel’	270
Figura 16- As faces de Dilma	275
Figura 17- Dilma antes e depois de Kamura	282
Figura 18- Margarida Salomão e Dilma	287
Figura 19- Os brincos de Dilma	287

Lista de fotografias

Fotografia 1- Dilma jovem lendo jornal	58
Fotografia 2- Primeira comunhão da turma do Colégio Sion em 1955	69
Fotografia 3- Colégio Estadual Central em Belo Horizonte	72
Fotografia 4- Passeata dos 100 mil no RJ	102
Fotografia 5- Ficha policial de Dilma com sobrenome grafado errado	117
Fotografia 6- Julgamento de Pimentel e Dilma em Juiz de Fora	133
Fotografia 7- Carlos segurando jornal	146
Fotografia 8- AMT/ PDT-RS (1986)	147
Fotografia 9- Secretária da SEMC do governo Dutra	151
Fotografia 10- Equipe ministerial do primeiro mandato (2003)	156
Fotografia 11- Equipe ministerial do segundo mandato (2007)	162
Fotografia 12- Lula e Dilma em Sorocaba	163
Fotografia 13- Lula e Dilma em refinaria (07/10/2008)	163
Fotografia 14- Apresentação do PAC	166
Fotografia 15- Dilma com o neto recém-nascido	174
Fotografia 16- <i>Mugshot</i> de Dilma	177
Fotografia 17- Julgamento	177
Fotografia 18- Dilma em encontro do PT	179
Fotografia 19- Diplomação da presidenta e do vice-presidente eleitos (2010)	194
Fotografia 20- Michelle nas eleições de 2022	254
Fotografia 21- Jair e Michelle Bolsonaro em 2019	254
Fotografia 22- Lançamento do Programa Criança Feliz	255
Fotografia 23- Michel e Marcela Temer	255
Fotografia 24- Manuela finalizando a campanha de 2018	258
Fotografia 25- Dilma e James Green abraçados	261
Fotografia 26- Merkel e Hillary vestem <i>tailleur</i> azul	267
Fotografia 27- Merkel e Hillary vestem <i>tailleur</i> creme	267

Fotografia 28- Encontro entre Merkel e Bachelet	273
Fotografia 29- Posse de Bachelet	273
Fotografia 30- Laura Chinchilla e Cristina Kirchner	274
Fotografia 31- Carolina Herrera	281
Fotografia 32- Dilma sorridente	281
Fotografia 33- Christine Lagarde	281
Fotografia 34- Presidenta Dilma após cerimônia no Congresso Nacional	284
Fotografia 35- Bolsonaro, Michelle e Luciano Hang	299
Fotografia 36- Janja e Lula	299

Lista de gráficos

Gráfico 1- Teses e dissertações concluídas a cada ano	28
Gráfico 2- Número de pesquisas sobre “Dilma Rousseff”	29
Gráfico 3- Pesquisas sobre Dilma defendidas no Brasil até 2022	30
Gráfico 4- Visibilidade dos candidatos na imprensa on-line (entre jul.-ago. 2010)	192

Lista de quadros

Quadro 1- Tentativas de contatos e solicitações de entrevista	31
Quadro 2- Entrevistas realizadas	36
Quadro 3- Ocupação em pastas ministeriais	83
Quadro 4- Carreira profissional	154
Quadro 5- Candidaturas presidenciais de 2010	173
Quadro 6- Composição do capital erótico	202
Quadro 7- Capital erótico e o mercado de trabalho	210
Quadro 8- Esquema de formação da imagem corporal na perspectiva sociocultural	227
Quadro 9- Tipologia e representação de políticas no campo midiático	271
Quadro 19- Adjetivos usados pela rede de Dilma (para se referirem à ela)	277

Lista de abreviaturas e siglas

AEPD	Assessoria Especial de Apoio ao Processo Decisório
ANEEL	Agência Nacional de Energia Elétrica
ANE	Academia Nacional de Engenharia
APCBH	Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte
AP	Ação Popular
APERS	Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul
ARSS	<i>Actes de La Recherche en Sciences Sociales</i>
ARJ	Agência Rio de Janeiro
AGU	Advocacia Geral da União
ANL	Aliança Nacional Libertadora
ANEEL	Agência Nacional de Energia Elétrica
BA	Bahia
BRICS	Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul
BNDES	Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social
BNM	Brasil Nunca Mais
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CCC	Comando de Caça aos Comunistas
CE	Ceará
CEC	Centro de Estudos Cinematográficos
CEDEM	Centro de Documentação e Memória da UNESP
CEUB	Instituição de ensino superior de Brasília
CFEMEA	Centro Feminista de Estudos e Assessoria
CIE	Centro de Informações do Exército
CNBB	Conferência Nacional dos Bispos do Brasil
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
Colina	Comando de Libertação Nacional
CONAB	Companhia Nacional de Abastecimento
COVEMG	Comissão da Verdade em Minas Gerais
CPDOC	Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil
CSBH	Centro Sérgio Buarque de Holanda
CUT	Central Única dos Trabalhadores
DEM	Democratas
DEPE	Departamento de Economia e Planejamento Econômico
DEOPS	Departamento de Ordem Política e Social
DF	Distrito Federal
DOI-Codi Interna	Destacamento de Operações de Informações - Centro de Operações de Defesa Interna
DOPS	Departamento de Ordem Política e Social
DVR	Dilma Vana Rousseff
Ebserh	Empresa Brasileira de Serviços Hospitalares
EFLCH	Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
EHESS	École des hautes études en sciences sociales
ES	Espírito Santo
EPM	Escola Paulista de Medicina
ESPM	Escola Superior de Propaganda e Marketing
EUA	Estados Unidos da América
FACAMP	Faculdades de Campinas
FAFICH	Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas

FBT	Fração Bolchevique Trotskista
FCE	Faculdade de Ciências Econômicas
FDC	Faculdade de Direito de Curitiba
FEE	Fundação de Economia e Estatística
FEI	Faculdade de Engenharia Industrial
FFLCH	Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
FHC	Fernando Henrique Cardoso
FIESP	Federação das Indústrias do Estado de São Paulo
FIF	Fundo de Investimento Financeiro
FGV	Fundação Getulio Vargas
FNA	Federação Nacional dos Arquitetos e Urbanistas
GCE	Câmara de Gestão da Crise de Energia Elétrica
GGN	Grupo Gente Nova
GPPR	Gabinete pessoal do Presidente da República
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IBOPE	Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística
IE	Instituto de Economia
IFCH	Instituto de Filosofia e Ciências Humanas
Ipespe	Instituto de Pesquisas Sociais, Políticas e Econômicas
ITA	Instituto Tecnológico de Aeronáutica
LAPPCOM	Laboratório de Eleições, Partidos e Política Comparada
LGBTQIA+	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Queer, Intersexuais, Assexuais e demais orientações sexuais e identidades de gênero
MAE	Mercado Atacadista de Energia
MDB	Movimento Democrático Brasileiro
MEC	Ministério da Educação
Mercosur	<i>Mercado Común del Sur</i>
MG	Minas Gerais
NDB	Novo Banco de Desenvolvimento
NEAMP	Núcleo de Estudos em Arte, Mídia e Política
OBAN	Operação Bandeirantes
ONU	Organização das Nações Unidas
OSDE	<i>Organización de Servicios Directos Empresarios</i>
PAC	Programa de Aceleração do Crescimento
PC	Partido Comunista
PCB	Partido Comunista Brasileiro
PCdoB	Partido Comunista do Brasil
PCL	Partido Liberal Catarinense
PDT	Partido Democrático Trabalhista
PE	Pernambuco
Petrobrás	Petróleo Brasileiro S.A.
PFL	Partido da Frente Liberal
PIB	Produto Interno Bruto
PIBIC	Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica
POA	Porto Alegre
POC	Partido Operário Comunista
Polop	Organização Revolucionária Marxista Política Operária
POR	Partido Operário Revolucionário
PMDB	Partido do Movimento Democrático Brasileiro
PMN	Partido da Mobilização Nacional
PN	Partido Nacionalista

PNPM	Plano Nacional de Políticas para as Mulheres
PSB	Partido Socialista Brasileiro
PSC	Partido Social Cristão
PSD	Partido Social Democrático
PSDB	Partido da Social Democracia Brasileira
PSL	Partido Social Liberal
PSTU	Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado
PSOL	Partido Socialismo e Liberdade
PPT	Presidência Rotativa Pro Tempore do Mercosul
PT	Partido dos Trabalhadores
PTB	Partido Trabalhista Brasileiro
PTC ¹	Partido Trabalhista Cristão
PTdoB ²	Partido Trabalhista do Brasil
PTN ³	Partido Trabalhista Nacional
PP ⁴	Partido Progressista
PPE	Programa de Planejamento Estratégico
PPS ⁵	Partido Popular Socialista
PR ⁶	Partido da República
PR	Paraná
PRB	Partido Republicano Brasileiro
PRC	Partido Republicano Constitucional
PRF ⁷	Partido Republicano Brasileiro
PRP	Partido Republicano Progressista
PUC	Pontifícia Universidade Católica
PV	Partido Verde
Rede	Rede Sustentabilidade
RJ	Rio de Janeiro
RN	Rio Grande do Norte
RS	Rio Grande do Sul
SC	Santa Catarina
SEADE	Sistema Estadual de Análise de Dados
Secom	Secretaria de Comunicação Social
SINTE	Sindicato dos Trabalhadores em Educação
SISEJUFE	Sindicato dos Servidores do Judiciário Federal
SNI	Serviço Nacional de Informação
SP	São Paulo
SPBancarios	Sindicato dos Bancários de São Paulo, Osasco e Região
STF	Supremo Tribunal Federal
STM	Superior Tribunal Militar
TRE	Tribunal Regional Eleitoral
TSE	Tribunal Superior Eleitoral
UCMG	Universidade Católica de Minas Gerais
UFBA	Universidade Federal da Bahia
UFF	Universidade Federal Fluminense
UFJF	Universidade Federal de Juiz de Fora

¹ Em 2022 o partido passou a se chamar Agir (TSE, 31/03/2022).

² Em 2017 o nome do partido foi alterado para Avante (Avante 70, 02/08/2017).

³ Em 2017 o partido passou a se chamar Podemos (PODE) (TSE, 16/05/2017).

⁴ Em 2018 alterou o nome para Progressista mas manteve a sigla PP (TSE, 24/01/2018).

⁵ Em 2019 passou a se chamar Cidadania (TSE, 19/09/2019).

⁶ Em 2019 teve seu nome alterado para Partido Liberal (PL) (TSE, 07/05/2019).

⁷ Em 2019 alterou o nome para Republicanos (Poder 360, 15/08/2019).

UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
UFPE	Universidade Federal de Pernambuco
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro
UFRRJ	Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
UFSM	Universidade Federal de Santa Maria
UFU	Universidade Federal de Uberlândia
UGR	Universidade de Granada
Unasur	<i>Unión de las Naciones Suramericanas</i>
UNB	Universidade de Brasília
UNESP	Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”
Unicamp	Universidade Estadual de Campinas
UniFESO	Centro Universitário Serra dos Órgãos
Unifesp	Universidade Federal de São Paulo
Unisinos	Universidade do Vale do Rio dos Sinos
USAL	Universidad de Salamanca
USP	Universidade de São Paulo
VAR	Palmares Vanguarda Armada Revolucionária Palmares
VPR	Vanguarda Popular Revolucionária

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	22
Objetivos.....	24
Metodologia	26
Procedimentos de pesquisa.....	27
Fontes.....	34
Capítulo 1: TRAJETÓRIA FAMILIAR E FORMAÇÃO EDUCACIONAL	40
1.1 Herança e linhagem familiar.....	40
1.1.1 As raízes búlgaras.....	41
1.1.2 “Zebu” e o encontro com o lado mineiro.....	46
1.1.3 A transmissão do “sangue vermelho”.....	50
1.1.3.1 Pontos de encontro das carreiras profissionais.....	54
1.1.3.2 Patrimônio e investimento cultural.....	55
1.2 Onde tudo começou: Belo Horizonte (1940-1950).....	60
1.3 “Conhece o dever e cumpre-o”.....	63
1.4 Sion e a cultura escolar católica de tradição francesa.....	66
1.5 Colégio Estadual Central e o engajamento político.....	71
1.5.1 Exigência e seletividade da escola “sem muros”.....	73
1.6 Para mover o mundo: a formação em economia.....	78
1.6.1 Celeiro de lideranças: UFRGS (1974-1977).....	81
1.6.2 Escola crítica da UNICAMP (1978 e 1998).....	84
Capítulo 2: “OUSAR LUTAR, OUSAR VENCER”: Militância e resistência	90
2.1 Organizações de esquerda nos anos de chumbo.....	91
2.1.1 ORM-POLOP.....	93
2.1.2 O... ou Colina.....	98
2.1.3 VAR-Palmares: a fusão das lutas entre organizações.....	103
2.1.3.1 Clandestinidade: fuga entre estados.....	105
2.2 Militância e afetividade: os casamentos.....	106
2.2.1 Cláudio Galeno de Magalhães Linhares (codinome Lobato/ Aurélio).....	107
2.2.2 Carlos Franklin Paixão Araújo (codinome Max).....	110
2.2.2.1 Max e Vanda.....	112
2.3 Do inferno ao purgatório.....	114
2.3.1 As marcas da tortura “sou eu”.....	117
2.3.1.1 Mulheres na ditadura: luta no feminino.....	120
2.3.1.2 Disputa moral e práticas de mentira: Estratégia de sobrevivência.....	126

2.4 O céu: Presídio Tiradentes.....	128
2.4.1 Práticas de repique.....	131
2.4.1.1 Distensão da ditadura e o avanço feminista.....	134
Capítulo 3: EXPERTISE TÉCNICO-BUROCÁTICA E A CONVERSÃO EM PRESIDENTA.....	139
3.1 Participação de mulheres na política.....	140
3.1.1 Redenção ao sul e a fundação do PDT.....	143
3.1.2 Uma mulher de bastidor?.....	148
3.2 Do local ao nacional: Os ministérios.....	152
3.2.1 Ministério de Minas e Energia (2003- 2005).....	155
3.2.1.1 Expertise técnico-burocrática como credencial.....	157
3.2.2 Casa Civil (2005-2010) e o mensalão.....	158
3.2.2.1 Mãe do PAC.....	165
3.2.2.2 A sucessora.....	167
3.3 Eleições de 2010: “primeiro é o cara e depois vem a coroa”.....	172
3.3.1 Resignificando imagens do passado.....	176
3.3.1.1 Apadrinhamento político.....	182
3.4 Marketing político e estratégia eleitoral.....	186
3.4.1 Sedução do eleitorado.....	188
3.4.2 Ecos da campanha na internet.....	189
3.4.2.1 Lugar de mulher... ou uma mulher fora de lugar.....	192
Capítulo 4: CAPITAL ERÓTICO: Héxis corporal e assimetrias de gênero.....	197
4.1 Conceitualização do capital erótico.....	201
4.1.1 Atratividade: um recurso possível?.....	205
4.1.2 Exploração, mutilação e sofrimento.....	209
4.1.2.1 Consequências no nível moral.....	213
4.2 Capital erótico como capital cultural.....	215
4.3 Magreza como ética e ideal de beleza.....	219
4.3.1 Mito da beleza e o capitalismo.....	224
4.3.2 Sexonomia ou economia sexual.....	228
4.3.2.1 O valor social do erotismo.....	232
4.4 Corpo-território e a vaidade na padronização da beleza.....	234
4.4.1 A tecnologia e a vigilância de si.....	235
4.4.2 Autocuidado como estilo de vida e autopreservação.....	238
Capítulo 5: COMO UMA POLÍTICA SE PARECE? Representação e reprodução de estereótipos de gênero.....	243
5.1 Dominação masculina.....	244
5.1.1 O menosprezo histórico pelos saberes femininos.....	248

5.2 Dualidade na representação feminina: virgens versus putas.....	251
5.2.1 Primeiro-damismo e mulheres de direita.....	252
5.2.2 Loucas e putas: As mulheres de esquerda.....	256
5.3 De candidata à referência estética.....	264
5.3.1 Outras lideranças políticas femininas.....	268
5.3.2 Investimentos estéticos e transformações da possível sucessora.....	274
5.3.3 Mudanças no visual e a popularização do cabeleireiro.....	280
5.3.3.1 Conversão em tendência: “Se fosse concurso de moda, ganhava meu voto”.....	286
5.4 Estilo matronal que divide opiniões.....	288
5.4.1 O (des)encontro com Herchcovitch.....	291
5.4.2 O conhecido sob a assinatura de Luisa Stadlander.....	292
5.5 Masculinidade na política: a virilidade em jogo.....	295
5.5.1 Homem de verdade é homem eleito.....	298
Considerações finais: DE JOANA D’ARC DA SUBVERSÃO À PRESIDÊNCIA.....	303
Referências.....	309
Anexos.....	345
Roteiro - Entrevista com Roberto Stuckert Filho.....	345
Roteiro- Entrevista com Celso Kamura e Juliana Vieira.....	346
Roteiro- Entrevista com Olga Curado.....	349
Roteiro- Entrevista com Pedro Rousseff.....	352
Roteiro- Entrevista com Fernando Pimentel.....	355
Levantamento de referências sobre Dilma no Estadão e Folha de S.Paulo.....	362
Pesquisa no Repositório da CAPES.....	362
Doutorado.....	362
Impeachment (8).....	362
Teses na Sociologia (4).....	363
Mestrado.....	363
Impeachment (106).....	363
Dissertações na Sociologia (19).....	372
Apêndice.....	374
Turma que se formou juntamente com a Dilma na UFRGS em 1977.....	374
Quadro 20- Rede de Dilma.....	375
Referências- Rede.....	381

INTRODUÇÃO

Essa vida organizada como uma história se desenrola de acordo com uma ordem cronológica que também é uma ordem lógica, desde o início uma origem, no duplo sentido de ponto de partida, o início, mas também o princípio, a razão de ser, a causa primeira, até seu término, que é também um objetivo.
–Bourdieu (1998, p. 184).

Na primeira década dos anos 2000 com a onda rosa de governos de centro-esquerda na América Latina, houve um avanço das pautas feministas e LGBTQIA+, além da intensificação das bandeiras de combate às desigualdades sociais. Os movimentos de mulheres passaram a se organizar não somente nas ruas, mas também, em diversas instâncias de poder político-partidárias para a institucionalização de suas pautas, levando as demandas de igualdade de gênero para o centro do debate público. Essa série de fatores foi abrindo espaço para a chegada de lideranças femininas nos Executivos Nacionais, como foi o caso das presidentas progressistas Michelle Bachelet (2006-2010; 2014-2018) no Chile e Cristina Fernández Kirchner (2007-2011; 2011-2015) na Argentina. Ambas, em sucessão aos seus companheiros partidários, Ricardo Lagos (2000-2006) e Néstor Kirchner (2003-2007), respectivamente. De forma muito similar, o campo político brasileiro também encontrava um terreno fértil após dois mandatos do sindicalista Luiz Inácio Lula da Silva (2003-2011), do Partido dos Trabalhadores (PT), para a eleição da primeira presidenta do país (Avelar; Rangel, 2019).

Tanto que em 31 de outubro de 2010 a população brasileira elegeu pela primeira vez, com mais de 55 milhões de votos, uma mulher para o governo nacional. A mineira Dilma Rousseff (PT), que até então era uma novata nas urnas, havia ocupado postos de destaque no campo político como Ministra Chefe da Casa Civil (2005-2010) e Ministra de Minas e Energia (2003-2005) nos governos de Lula – em uma trajetória muito similar à de sua contemporânea chilena, do Partido Socialista, eleita em 2006, após ter ocupado cargos ministeriais no governo de Lagos.

Esse momento de acesso de mulheres de esquerda ao Executivo Nacional na América do Sul representou um período significativo na história da região, levantando questões importantes sobre gênero e representação política. Tendo em vista esse fenômeno de inserção das mulheres na elite política, dedico-me nesta tese, a analisar o campo político brasileiro, buscando desvendar os fatores que levaram Dilma a subir a rampa do Planalto. Entre os fatores de originalidade da pesquisa, está na abordagem sobre a primeira presidenta do país que ao invés de ser por meio do processo de impeachment, sofrido em 2016, coloco a trajetória, bem como os recursos, credenciais e investimentos – de diversos níveis, incluindo o estético – em destaque para

demonstrar a construção da agência política de Dilma. Outro ponto de novidade está depositado na moldura do tema, partindo de uma perspectiva respaldada pela teoria bourdieusiana para pensar a política em termos sociológicos, ao fazer uma releitura de objetos tradicionalmente tratados pela Ciência Política. Isto é, uma pesquisa que visa fornecer interpretações de variáveis explanatórias, sociais e políticas de fenômenos políticos, considerando o tornar-se presidenta, como eixo norteador da análise.

O interesse aqui é observar como a política construiu sua imagem pública e muitas vezes, acentuou aspectos de feminilidade e maternidade como recursos para obtenção de atratividade social e apoio político. Para isso, foi realizado um exame sobre as possibilidades e limitações de exploração do capital erótico (ou cultural) (Hakim, 2012; Moreno Pestaña, 2016), sua aplicabilidade, consequências e efetividade no campo político. Considerando-o um espaço relativamente autônomo, é sabido que esse campo, assim como os demais (religioso, acadêmico, econômico etc.) é dependente de um universo de regras, códigos de funcionamento, critérios de validação e avaliação, crenças e papéis próprios. De acordo com a definição de campo por Bourdieu (1981), trata-se de um espaço que possui rituais específicos do *savoir faire* político. No entanto, a particularidade do político seria a representação de distintos grupos de indivíduos, assim, não se pode autonomizar por completo, uma vez que os agentes ou porta-vozes encontram-se constantemente submissos a concessão de poder de representação dos leigos ou da clientela (*Ibid.*, 1999).⁸

Para o autor, as disputas no campo político se dariam pelo monopólio de imposição de uma maneira “legítima” de enxergar o mundo e de se enxergar nesse mundo, operando, em cada campo, de uma maneira diferente (*Ibid.; op. cit.*). Assim, a reprodução das classes dominantes depende não apenas, mas também, do reconhecimento pelos dominados, ou seja, de uma “aprovação” dos leigos políticos pela legitimidade dessa dominação em uma espécie de consentimento. Ou então, de um desconhecimento por parte dos dominados sobre as relações de força que fundam a percepção de que essa dominação nada mais é do que legítima. Outra questão central, diz respeito em como essas representações e visões legítimas de mundo são transmitidas (Bourdieu; Passeron, 2016).

Segundo Hey (2024), um agente da política é sempre uma pessoa pública, construída. Historicamente, no Brasil, caracterizado como homem e que imprime ao campo político uma estrutura e uma feição. As ações dos agentes políticos/as são esperadas a partir dessa posição ‘real’ (a maioria de homens) e simbólica (autoridade do falo como imposição da ordem

⁸ Bourdieu (1999) destacou que esse julgamento da clientela também se aplicaria ao campo religioso. No decorrer de sua conferência sobre o campo político, realizou distintos paralelos entre os dois campos, demonstrando algumas similaridades em suas dinâmicas.

masculina). Ao tratar das mulheres nesta posição, não se torna explicativo somente demonstrar os números das assimetrias de gênero no campo político, mas também, inquirir trajetórias singulares que possam trazer à tona elementos da construção de uma posição minoritária, socialmente marcada pela dominação (real e simbólica). Pensar propriedades que determinam posições relacionais – que estabelecem uma posição em certo espaço – é um dos meios de investigar o campo político, mas não o suficiente para posicionar as mulheres, uma vez que a generalidade de elementos (dominantes ligados ao masculino) pode descaracterizar particularidades que tornariam mais potente a ação das mulheres no campo político e a reorganização de seu jogo.

Isto posto, a produção de um discurso centrado na distribuição estatística (extremamente desigual entre políticos e políticas) pode servir de recurso para reforçar uma suposta incapacidade das mulheres em ocupar esse espaço, sendo necessário desconstruir essa validade construída como traço social ‘natural’. Estabelecendo um paralelo com o campo acadêmico, exposto por Hey (2008, p. 51-2), vale lembrar que “a eficácia simbólica de um discurso dominante [...] é garantida pelo fato de que a lógica e o ajustamento ao real, que caracterizam este discurso, conferem-lhe o poder de impor-se a todos aqueles que não dispõem de um sistema de classificação concorrente e, mais ainda, mesmo àqueles capazes de lhe impor uma perspectiva analítica constituída, visto que utilizam, sem o saber, os esquemas que são seu princípio” (Bourdieu; Boltanski, 1976, p. 42).

Objetivos

Como objetivo central, busco compreender como se deu o acesso de Dilma – política privilegiada na análise da tese – à uma elite política legitimada e dominante para concorrer ao pleito de chefia de Estado. Para isso, perpasso desde a mais remota formação educacional na infância, a genealogia tanto na Bulgária quanto no Brasil, a socialização e linhagem familiar, a formação universitária, militante e partidária, redes de amizade/contatos para a identificação de nexos, de seu estilo de vida, em uma (re)construção das disposições e *habitus* que assentaram sua trajetória no campo político. Mais adiante, também analiso como, durante a campanha eleitoral presidencial em 2010 – que inaugurou seu nome nas urnas – representou uma configuração social específica que precisou ser desvendada pela assessoria e partido político para que sua imagem pública encarnasse os atributos e trunfos requeridos pela população à sucessão de Lula na chefia do poder Executivo. Esse fazer-se presidenta, no caso de Dilma, diz respeito tanto à ampliação do capital político e ao desenvolvimento de habilidades no âmbito da militância, profissionalizando-se na carreira.

No texto *A Ilusão Biográfica* (1998), Bourdieu alerta que histórias de vida são noções que partem do senso comum e entram em uma espécie de “contrabando no universo científico, inicialmente, sem muito alarde, entre etnólogos, depois, mais recentemente, com estardalhaço, entre os sociólogos” (*Ibid.*, p. 183). A crítica é direcionada contra a possibilidade dos cientistas sociais, sobretudo de sociólogos/as, reproduzirem uma narrativa, deposta de teoria, repousando em certa lógica imbricada na criação artificial de sentidos. Para isso, os seis anos de dedicação a uma trajetória demandou um olhar afastado sobre a política, mas que inevitavelmente inclinou à tendência de selecionar acontecimentos significativos e realizar conexões para dar coerência e sentido à análise sociológica – que respalda o desenvolvimento da tese.⁹

Para rastrear como ocorreu o processo de estruturação e formação de representação pública da política, me debrucei sobre diversos materiais como jornais, revistas e discursos para identificar os capitais e recursos que dispunha e que foram legitimados em sua projeção presidencial. Nesse sentido, foram mapeados os seguintes eixos:

- i. *Capital cultural (e erótico)* que pode ser convertido em bens simbólicos. Refere-se ao estilo de vida e traços de classe social; habilidades de comunicação e oralidade (linguagem erudita ou popular); idiomas falados; altura; práticas esportivas; instrumentos que têm afinidade; gosto musical e literário; academias e clubes que frequenta/ou, mudanças e investimentos na estética (cirurgias plásticas, aplicação de botox, corte de cabelo); nível de atratividade social e de sexualidade; dinamismo; modo de se vestir e marcas que consome (bolsas, cosméticos, joias, roupas, sapatos de salto ou não etc.). Diplomas e títulos universitários das instituições que fez parte; escolas que frequentou durante a educação básica e o Ensino Médio, a posição e o prestígio da UFMG e UFRGS no campo das instituições de ensino superior em economia; a pós-graduação na Unicamp; a área de interesse em sua formação e se seus diplomas se traduziriam ou não em um forte poder simbólico.
- ii. *Capital econômico* pode ser convertido em capital educacional e capital cultural. É compreendido por meio de indicadores como a origem e classe social familiar (alta, baixa, classe média), propriedades, declaração de renda, salários, bairros e cidades que vive e viveu (capital ou interior).
- iii. *Capital político* identificado com as vinculações partidárias, tempo de filiação; movimentos sociais pelos quais militou, carreira profissional (cargos ocupados e a ordem em que os ocupou); cidade, estado e ano em que ocupou os primeiros cargos públicos (serviço

⁹ Para Bourdieu (1986, p. 72), a inteligibilidade de uma trajetória ocorre por meio da reconstrução dos “estados sucessivos do campo onde ela [a trajetória do agente] se passa, o conjunto das relações objetivas que ligam o agente em questão [...] ao conjunto dos outros agentes presentes no mesmo campo e que se defrontam”. Portanto, seguindo esses ensinamentos, me refiro ao indivíduo construído e não ao biográfico, por não se tratar de uma contação de história pessoal, mas sim, tornar evidente o *habitus* para compreender as condições de produção e ocupação de certas posições no mundo social.

público concursado ou comissionado); eleições que disputou; se já realizou controle ou não de cargos de direção em movimentos sociais.

- iv. *Capital simbólico* que consiste em capital convertido simbolicamente em uma relação de reconhecimento de determinado agente no espaço social. Por exemplo, o que remete ao imaginário popular quando se fala em Dilma.
- v. *Capital social* compreendido como as relações sociais que em algum momento se converte em recurso de dominação ou de acesso a determinado campo. São indicadores desse capital as redes de contato herdadas por via familiar; rede de amigos de militância, do âmbito universitário e das instituições que integrou. Linhagem familiar (descendência); os matrimônios realizados (com quem, em que ano e qual a duração); composição do núcleo familiar.

Metodologia

Sejam pessoas ou instituições, os objetos dos sociólogos se apresentam como já classificados. Eles são portadores de nomes e de títulos que são tanto indicadores de pertencimento a classes quanto nos dão uma indicação do que significa classificar na existência ordinária. Se aquilo que o sociólogo encontra se apresenta como já classificado, é porque ele lida com sujeitos classificados.
—Bourdieu (28/04/1982).

Agentes sociais são dotados de nomes, qualificações e portam signos como vestimenta, *hélix* corporal, vocabulário, repertório linguístico, trejeitos, sotaques e outros atributos que os situam no mundo social, cujos códigos podem ser incorporados e funcionam como indicativos de distinção de classe. Para analisar a presidenta brasileira, a investigação percorre questões relativas a como ela incorporou o atributo de autoridade e o teve legitimado durante sua trajetória.

Para isso, sigo as pistas dadas por Françoise Vergès (2020) de que “as análises mais esclarecedoras e produtivas das últimas décadas foram aquelas que puxaram o maior número de fios, colocando em evidência as redes de opressão concretas e subjetivas que tecem a teia da exploração e das discriminações” (*Ibid.*, p. 49). Aproprio dessa perspectiva de desatar os “nós” da história¹⁰ para construir os espaços político, social e cultural de contato da política, examinando aspectos de sua origem social, formação escolar, universitária e militante, dinâmicas e

¹⁰ Heleieth Saffioti também possui uma leitura sobre os “nós”. Para ela, esses devem ser entendidos como uma união entre o patriarcado, racismo e capitalismo que distorce a realidade, e caso esses “nós” não sejam desatados, haveria uma impossibilidade de se imaginar um horizonte de mudança social e de ordem democrática de gênero. Cf.: SAFFIOTI, Heleieth. Gênero e patriarcado: a necessidade da violência. In: MARTÍN-CASTILLO, Márcia; OLIVEIRA, Suely (Org.). *Marcadas a ferro: violência contra mulher: uma visão multidisciplinar*. Brasília: SPM, 2005. pp. 35-76.

espacialidades de seu percurso na burocracia estatal para, através de um processo indutivo, explorar as estruturas do campo político que lhe deram forma.

A análise bourdieusiana possibilita a interpretação do campo político como um espaço para a produção de regras e bens simbólicos (Bourdieu, 1989; 2008), e as perguntas de pesquisa contribuem para demonstrar o que está em jogo nos bastidores da política – onde as expertises são vistas como trunfos nos jogos de poder. Ou seja, é possível identificar as disputas no campo político, entre grupos diversos, pela hegemonia dos meios legítimos, isto é, pela posição de agência em uma instituição dominante que é fonte de legitimação de poder e de práticas culturais.

As mulheres, mesmo conseguindo se infiltrar no mundo da política, continuam, como afirma Sheila Rowbotham (1973), escondidas da história, e, nesse sentido, trabalhos biográficos transcendem a história de vida de excepcionalidades, pois **contam muito mais do que a própria vida dessas pessoas, contam as condições em que viveram, a rede de relações de poder em que se localizavam, entre outros.** (Pinto, 2017, p. 463; *grifos meus*).

Procedimentos de pesquisa

A pesquisa foi desenvolvida em frentes complementares: [a] coleta de bibliografia e leitura; [b] sistematização documental e estudo de caso sobre as disposições e características da formação de Dilma; [c] mapeamento e análise de materiais e documentos coletados em campo; [d] discussão da pesquisa e a apresentação de seus resultados durante as reuniões no Grupo de Pesquisa em Sociologia da Educação, Cultura e Conhecimento (GPSECC) da Universidade de São Paulo.¹¹

Em um primeiro levantamento bibliográfico, em consulta ao repositório da USP, encontrei um total de 21 dissertações de mestrado e 17 teses de doutorado para a palavra-chave ‘Dilma Rousseff’. Entre esses trabalhos realizados na Universidade, três dissertações de mestrado foram defendidas nos anos de 2019 e 2021 e tratavam sobre o processo de impeachment da Presidenta (Guaré, 2019; Rambourg Junior, 2019; Silva, 2021). Já no âmbito do doutorado, encontrei quatro teses defendidas em um período similar (entre 2019 e 2022) e também abordavam a mesma temática (Rocha, 2019; Blanco, 2021; Costanzo, 2022; Nascimento, 2022). Entre todas, apenas uma única tese foi realizada no Programa de Pós-graduação em Sociologia (PPGS-USP), *Ativismo liberal-conservador no Brasil pós-2013* (2022) da pesquisadora Ellen Elsie Silva do Nascimento.

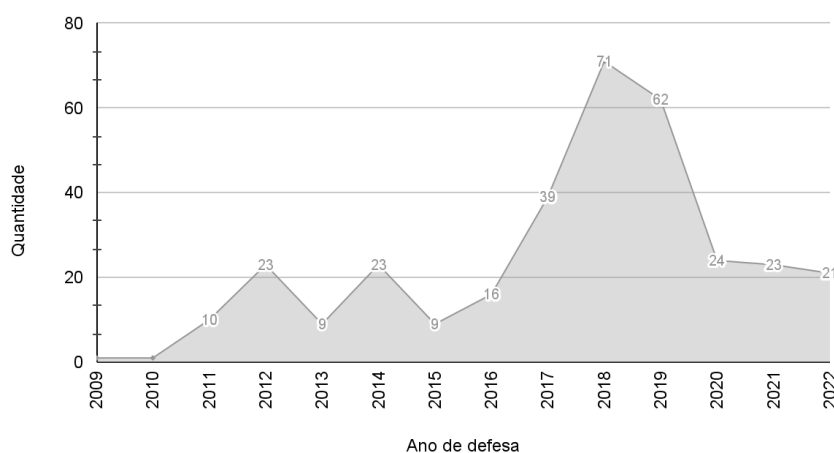
Nessa primeira etapa, pude identificar que o impeachment foi a problemática que permeou a maioria das pesquisas realizadas na USP sobre a Dilma, seguida pela temática da campanha eleitoral de 2010, que contou com duas pesquisas: uma dissertação (Modolo, 2018) e uma tese

¹¹ Coordenado desde 2010 pelas professoras Dra. Ana Paula Hey (USP) e Dra. Sylvania Gemignani Garcia (USP). C.f.: <https://sociologia.fflch.usp.br/gpsecc>, consulta: 20/08/2024.

(Pimentel Junior, 2015). As demais abordagens são mais pulverizadas flertando entre políticas públicas, feminismo institucional e movimentos sociais.

Uma vez identificada as produções da Universidade de São Paulo, rastreei também o repositório de dissertações e teses da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), vinculado ao Ministério da Educação do Brasil, para verificar se o mesmo era aplicável à nível nacional. Em resultado da pesquisa para a palavra-chave “Dilma Rousseff”, foram encontrados um total de 332 trabalhos concluídos até o dia 05/04/2023.¹² Até a data de consulta ao repositório foram defendidas 261 dissertações de mestrado e 71 teses de doutorado.

Gráfico 1- Teses e dissertações concluídas a cada ano



Fonte: Autoria própria. Dados extraídos do Repositório Capes (05/04/2023).

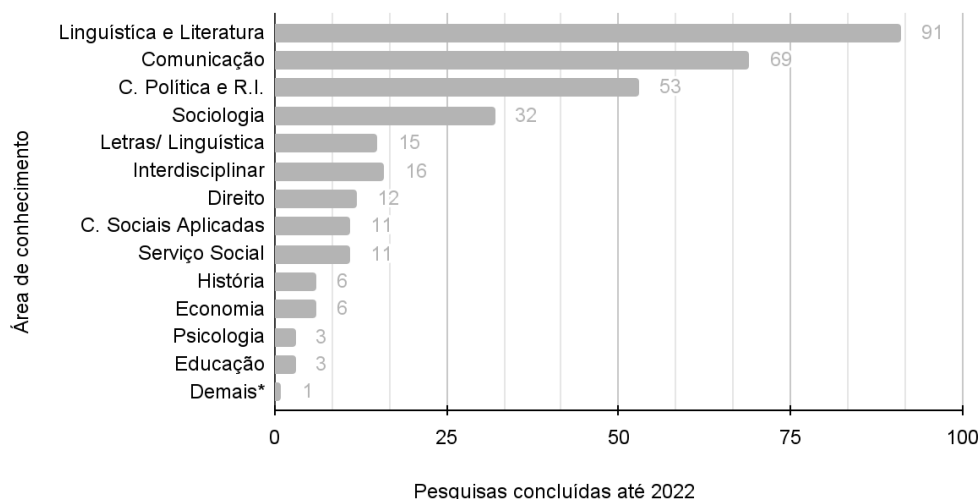
O gráfico acima apresenta uma decrescente a partir do ano de 2019, estabilizando de 2020 em diante. Vê-se também, uma crescente abrupta entre 2016 e 2017, o que evidencia um maior interesse dos/as pesquisadores/as sobre a Dilma no período em que ela foi deposta de seu cargo. Por isso, o maior pico de defesas ocorreu em 2018 (71), quando se resulta 2 anos após o impeachment e o tempo médio para a conclusão de pesquisas de mestrado. O mais baixo foi em 2009, quando ainda era Ministra de Minas e Energia e recebia pouco reconhecimento a nível nacional enquanto agente política.

Outro dado encontrado é que as dez universidades que tiveram mais pesquisas foram: UFRGS (16), seguido pela PUC-SP (14), UFRN (13), UFMG (12), UNB e PUC-MG (11), UFPR (10), UFPE, USP e UFJF (9). Demonstrando um predomínio da região sul e sudeste, que é onde há maior concentração de prestígio nas universidades brasileiras e um conseqüente investimento de maior porte em bolsas e incentivos de pesquisa para mestrandos/as e doutorandos/as.

¹² O rastreamento ocorreu entre os dias 03, 04 e 05 de março de 2023.

Entre as 332 teses e dissertações, chama a atenção o fato de quase 50% estarem nas áreas de Letras, Literatura, Linguística e Comunicação (165), seguida por Ciências Políticas e Relações Internacionais 15,6% (53) e Sociologia 10% (32).

Gráfico 2- Número de pesquisas sobre "Dilma Rousseff" concluídas por área

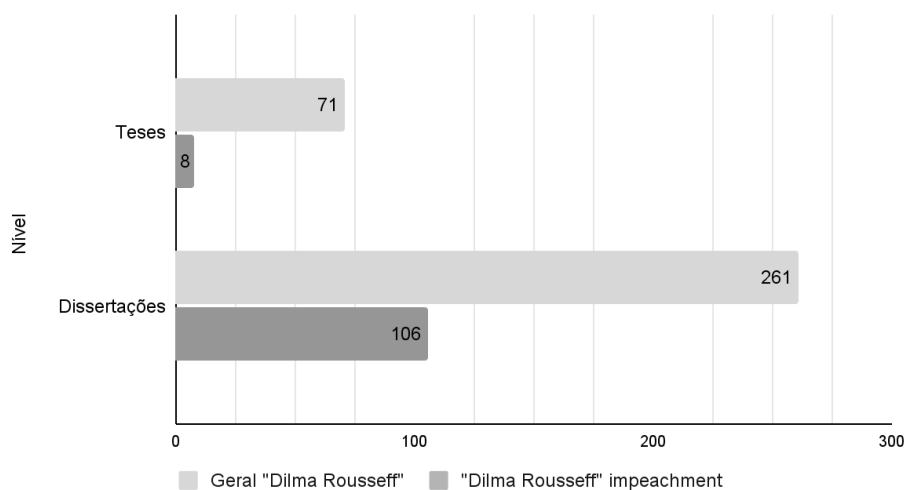


Fonte: Autoria própria. Dados extraídos do Repositório Capes (05/04/2023).¹³

Para verificar a hipótese de que a maioria das investigações teriam como foco o processo de impeachment, analisei entre os 332 trabalhos concluídos (teses e dissertações), quais teriam como palavras-chaves no título como “golpe” e/ou “impeachment”. O resultado obtido evidencia que entre as dissertações de mestrado há um predomínio do tema, ao passo que nas investigações de doutorado a temática se dilui entre questões que interseccionam o governo da petista – a ponto de fazer com que a interrupção do mandato em si não seja o eixo central para entrar no título da tese.

¹³ *Demais áreas: Antropologia/Arqueologia, Artes, Filosofia e Saúde Coletiva com apenas 1 pesquisa concluída em cada.

Gráfico 3- Pesquisas sobre Dilma defendidas no Brasil até 2022



Fonte: Autoria própria. Dados extraídos do Repositório Capes (05/04/2023).

O gráfico demonstra um baixo índice da recorrência temática entre as teses, apenas 11,3% (8/71). No entanto, se observado no total das 332 pesquisas, um terço (34,3%) se dedica à essa questão – o que representa um valor menor do que o esperado mas ainda se mantém expressivo. Já se considerarmos as dissertações de maneira isolada, quase metade 40,6% (106/261), tratam do período ou do tema de interrupção do mandato. Quando observado os anais de eventos e revistas acadêmicas, vê-se que ao se referirem à trajetória política de Dilma, o texto acaba recaindo no processo de impeachment e deixando a própria trajetória como um plano de fundo bastante ofuscada ou reduzida à nota de rodapé.¹⁴

Destaco que a originalidade da tese lança luz na tentativa de suprir, ainda que de forma muito limitada, uma lacuna nas investigações científicas sobre a ex-presidenta que é abordar sua construção enquanto agente política, demonstrando suas disposições sociais, culturais e políticas para a produção de uma candidatura viável ao PT em substituição ao governo de Luiz Inácio Lula da Silva. Além de testar, por fim, o conceito de capital erótico (CE) (Hakim, 2012) para verificar se a condição de gênero corroborou com sua vitória nas eleições presidenciais de 2010.

Como não há nenhuma tese ou dissertação específica sobre sua carreira política e expertise técnica burocrática, houve muita dificuldade para a realização da pesquisa que, além de fatores ordinários à qualquer investigação, contou com um período da pandemia de COVID-19 no meio do caminho. A pandemia veio justamente quando estava previsto o trabalho de campo, no ano de

¹⁴ Vide o texto *A trajetória política de Dilma Rousseff: A coragem contra a covardia do poder patriarcal* de Beatriz Rosario (s/d). Cf.: https://www.academia.edu/97625197/A_TRAJET%C3%93RIA_POL%C3%8DITICA_DE_DILMA_ROSSEFF_A_CORAGEM_CONTRA_A_COVARDIA_DO_PODER_PATRIARCAL?email_work_card=view-paper, consulta 11/09/2023.

2021 e 2022, o que restringiu ainda mais as possibilidades de realização de entrevistas, de obter acesso à materiais em arquivos como o Instituto Lula, Instituto Perseu Abramo, Memorial da Resistência e outros.

No cronograma inicial, era pretendido entrevistar os secretários de imprensa, assessores de comunicação, publicitários/as e a própria Dilma, para compreender as orientações, ensejos e direções que se buscou na construção da campanha em resposta às demandas do campo político. Para isso foram realizadas inúmeras tentativas de solicitação e agendamento das entrevistas, consulta de materiais ao PT e que, em sua grande maioria, tampouco tivemos algum retorno, conforme foi documentado a partir de 2021 no *quadro 1*.

Quadro 1- Tentativas de contatos e solicitações de entrevista

Data	Contato	Meio	Solicitação	Resolução
03/03/2021	CSBH	E-mail	Materiais de campanha	Indisponibilidade de visita em função da pandemia
31/03/2022	Paula Zagota			Sem retorno
16/06/2021	Dilma Rousseff	Instagram	Entrevista	Enviou o e-mail institucional
13/05/2022	Paula Zagota			Sem retorno
25/05/2022	CSBH			O responsável ficou de dar um retorno e não voltou escrever
	Olímpio Cruz	E-mail	Materiais da campanha	Possui apenas os materiais de 2014 e não respondeu como obtê-los
26/05/2022	Memorial da Resistência		Materiais de pesquisa	Disponibilização imediata
04/07/2022	Olímpio Cruz		Materiais da campanha	Sem retorno
13/07/2022	Paula Zagota			
05/08/2022	Juliana Vieira			Agendamos a entrevista
09/08/2022	Roberto Stuckert Filho	Instagram	Entrevista	Passou o numero do Whatsapp
23/08/2022	Anderson Dorneles			Passou o contato da assessoria
26/08/2022	Eduarda Marona	Whatsapp		Sem disponibilidade de agenda
11/11/2022	Dinamus contabilidade	E-mail	Contato do João Santana	
	Eduarda Marona (Assessoria Anderson)	Whatsapp	Entrevista	
14/11/2022	Dinamus contabilidade	E-mail	Contato do João Santana	Sem retorno
	Anderson Dorneles	Instagram	Entrevista	
	Elen Coutinho	Whatsapp	Contato do Giles Azevedo	
	Olímpio Cruz	E-mail	Materiais da campanha	
	Juliana Vieira	E-mail	Solicitação de contatos	Ficou de retornar
	Roberto Stuckert Filho	Whatsapp		Passou o contato do Olímpio Cruz
15/11/2022	André Singer		Solicitação do contato do Giles e João Santana	Não possui
	Lincoln Secco	E-mail	Solicitação de contatos	Passou o contato do Julian Rodrigues
	Valter Pomar		Solicitação do contato do Giles	Sem retorno
	Julian Rodrigues			Passou o contato da Paula Zagota
	Iole Iliada		Solicitação de contatos	Passou o contato da Ligia Gianni
17/11/2022	Anderson Dorneles	Instagram	Entrevista	Sem retorno
	Ligia Gianni	E-mail	Materiais da campanha	Passou o contato da Paula Zagota
08/02/2022	Olímpio Cruz	Whatsapp	Contato do Giles	Passou o contato
	Paula Zagota			Sem retorno
	Giles Azevedo	E-mail/ Whatsapp	Entrevista	Passou o e-mail
15/02/2023	Ligia Gianni			Passou o contato da Paula Zagota (novamente) e Cilene Antonioli
	Cilene Antonioli	Whatsapp	Materiais de campanha	Passou o contato da Paula Zagota, Juan Santana e Sandra Recaldi
	Juan Santana			Não possui acesso aos materiais
	Sandra Recalde			Sem retorno
	Paula Zagota	E-mail		Respondeu que não possuem acervo dos materiais
	Nísia de Oliveira Perosa	Whatsapp	Entrevista	Agendamos a entrevista

	Giles Azevedo Olga Curado	E-mail		Sem retorno
23/02/2023	Nísia de Oliveira Perosa	Whatsapp		Agendamos a entrevista Pedi para remarcar a entrevista e não retornou novamente
13/03/2023	Olga Curado		Contato da Helena Chagas	Não possui o contato atualizado
14/03/2023	Biblioteca da Presidência da República	E-mail	Materiais de campanha	
29/03/2023	Fernando Pimentel Gleisi Hoffmann	Instagram Instagram	Entrevista	Sem retorno
12/04/2023	Sandra Recalde	Whatsapp	Materiais de campanha	
18/09/2023	Pedro Farah Rousseff Patrus Ananias Olímpio Cruz	Amigos/ Whatsapp Whatsapp	Entrevista	Agendamos a entrevista Declinou ao convite Ficou de dar um retorno
07/11/2023	Fernando Pimentel	Amigos/ Whatsapp		Sem retorno
15/01/2024	Mara Moreira Paula Zagota	Whatsapp E-mail		Assessora de Pimentel que entrou em contato para agendamento de entrevista Sem retorno

Fonte: Autoria própria (2024).

Desde 2019 começaram as tratativas com agentes políticos para a obtenção de redes para que auxiliasse não somente acessar interlocutores dentro do PT como também, e sobretudo, identificar e buscar contato com a equipe de marketing responsável pela campanha de 2010. As respostas, quando existentes, eram de que não há um acervo que comporte os materiais de campanha das eleições presidenciais de Dilma, e que nem mesmo o Centro Sérgio Buarque de Holanda: Documentação e Memória Política (CSBH) da Fundação Perseu Abramo, que abriga o acervo do Diretório Nacional do PT, possuiria algum tipo de peça de marketing ou demais materiais relacionados à candidatura de Dilma.

Quando questionado, os responsáveis do arquivo CSBH diziam que a única pessoa que poderia ter informações ou materiais era o Olímpio Cruz – atual assessor de imprensa de Dilma, que também esteve no posto com Dilma durante o segundo governo (2014-6). Em contato com Olímpio e Paula Zagota, os dois afirmaram que não possuem acesso aos materiais e que, provavelmente, apenas a equipe de João Santana (responsável pelo marketing eleitoral) deveria ter algo (G1, 02/02/2017). Neste ponto passa a ser ainda mais evidente as questões políticas em relação ao desenvolvimento da tese (ou seria justamente sobre as conflitividades despertadas pela presença ou ausência de Dilma no campo político?). Primeiro, pela falta de ações de preservação do PT em relação aos materiais e documentos relacionados à Dilma, sendo que existem centros de patrimônio relacionados ao partido. O que demonstra que talvez não seja de interesse comum a perpetuação ou manutenção da memória da política em razão do seu impeachment ou do seu gênero, uma vez que o petismo tem se concentrado na figura de Lula – que seria o que Singer (2012) chama de lulismo –, sem dar tanto espaço para outros políticos/as se destacarem.

Segundo, porque com o Mensalão e seus desdobramentos na operação da Lava Jato, durante a 23ª fase em 2016, batizada de Acarajé, o publicitário João Santana e sua esposa Mônica

Regina Cunha Moura, foram condenados a 8 anos e 4 meses de reclusão por lavagem de dinheiro. Após uma delação premiada, tiveram a sentença atenuada e ainda hoje permanecem reclusos e longe dos holofotes, então não é possível contactá-los.¹⁵ Além de claro, ter um embargo com Dilma e seus demais profissionais como Celso Kamura, afetados pelo processo envolvendo o casal – o que fez com que o acesso aos materiais de 2010, se é que ainda existem, seja impossibilitado por questões de natureza política. Esses desafios são comuns quando o objeto de pesquisa encontra-se em movimento e é alvo de distintas disputas político-ideológicas.

Os silêncios, lacunas e ausência de retornos do PT e de potenciais interlocutores/as acabaram se tornando parte da pesquisa, e que encaminha para indagações como o por que não houve uma ação de documentação memorialística dos materiais de campanha da primeira mulher eleita e reeleita presidenta no Brasil. Tal como afirma Elizabeth Jelin (2002): “No mundo ocidental contemporâneo, o esquecimento é temido e sua presença ameaça a identidade” (*Ibid.*, p. 2), então, o acontecimento “memorável” ou rememorado, expresso como um sentido do passado, perpetua a história que se quer contar. Não é novidade que a memória de grupos subalternizados, racializados e feminilizados são, sistematicamente, borrados da história. No entanto, a questão em foco é o caso de uma campanha presidencial vitoriosa e que representava um caso inédito na política brasileira de eleição da primeira presidenta. Não se tratava de alguém sem protagonismo, que indispunha de posição de privilégio, mas mesmo assim, parte dessa história foi ofuscada por disputas políticas (e talvez, com outras dimensões problemáticas ainda mais profundas).

Infelizmente, algo que os historiadores esquecem é que as coisas mais importantes se expressam muitas vezes pelo silêncio. [...] **Uma das virtudes das análises sistemáticas é fazer surgirem os silêncios.** Ao passo que, se vocês pegarem os discursos dos que falaram, não verão aqueles que nada disseram, embora os silêncios possam ser mais eloquentes que os discursos dos que falaram. (Bourdieu, 2014, p. 129; *grifos meus*).

Recorro novamente à Jelin (2002) para ressaltar que o esquecimento não é, necessariamente, produto da ausência ou do vazio. A ausência deve ser interpretada, neste caso como “a representação de algo que existia e agora não existe mais, apagado, silenciado ou negado. [...] Não há um único tipo de esquecimento, mas uma multiplicidade de situações nas quais se

¹⁵ Em dezembro de 2023, Edson Fachin, ministro e vice-presidente do STF (Supremo Tribunal Federal), anulou as condenações resultantes da operação Lava Jato dos marqueteiros políticos João Santana e Mônica Moura, e do ex-tesoureiro do PT, João Vaccari Neto. C.f.: <https://static.poder360.com.br/2024/01/decisao-fachin-joao-vaccari-neto-19dez2023.pdf>, consulta: 12/03/2024.

manifestam os esquecimentos e silêncios, com diversos «usos» e sentidos” (*Ibid.*, p. 10). O silêncio em uma não resposta, o esquecimento por meio da não documentação via *lugares de memória* (Nora, 1992) por meio da criação de acervo, sites, memorial etc, apontam importantes direções que serão desenvolvidas ao longo da tese – como parte de uma violência simbólica vivenciada por Dilma.

Fontes

Em detrimento dos reveses, recorri a um conjunto diversificado de técnicas para a coleta de dados e materiais, por isso são múltiplas as fontes primárias e secundárias utilizadas: entrevistas com agentes privilegiados, recortes de jornais impressos e televisivos, transcrição de depoimento, fotografias e arquivos. Tomo também, em consonância com Irllys Barreira (2008), fotografias, charges e desenhos como “espécies de porta de entrada, capazes de apontar significantes de uma cultura política, a saber, a estética de uma temporalidade ou um estilo de se fazer política” (*Ibid.*, p. 19). Assim, Bourdieu (2003; 1965) afirma que a fotografia supõe uma proximidade com determinado universo por meio de um olhar sensível e direcionado a detalhes quase invisíveis, possibilitando a apreensão em campo daquilo que não se faz explícito.

Esse tipo específico de material fotográfico/imagético amplia o leque de possibilidades crítico-analíticas ao cenário que constitui o local físico de enunciação, as vestimentas portadas pelos/as agentes e demais elementos figurativos que versam a composição final. Esse material visual pode ser interpretado como uma expressão cultural do mundo social ao representar determinados agentes – no caso, pertencentes à elite política – de maneiras distintas, mobilizando, em cada contexto, um recurso visual particular, como a produção estética dos materiais de campanha, a determinação da paleta de cores da identidade visual, os *slogans*, as formas gestuais aderidas nas fotografias e vídeos institucionais (chamados de *spots*), a postura corporal, o tipo sapato, joias e expressões linguísticas mobilizadas, com o objetivo de produzir uma *béxis corporal* capaz de suprir as expectativas sociais e ganhar a confiança do eleitorado.

Conforme destacado por Marconi e Lakatos (2003), o processo eleitoral pode ser entendido como uma cerimônia de estratégias de sedução dos eleitores, que compõe a disputa acirrada por cargos eletivos em um Estado Democrático. Para ilustrar uma parte do arsenal de marketing produzido por agências e instituições políticas, recorri a iconografias como imagens, gravuras e cartazes, além de fotografias da trajetória de Dilma e de sua campanha eleitoral em 2010. Outro fator que corroborou para a delimitação das fontes foi o alcance quase universal da linguagem imagética que implica na receptividade de um público heterogêneo e de destinação múltipla – incluindo as mais distintas classes sociais e repertórios políticos.

Quando em contato com o material gráfico, surgiram algumas questões como: [a] o contexto de produção da anúncio da candidatura presidencial; [b] análise das estratégias de marketing adotadas; [c] a reiteração ou não de um discurso de feminilidade e de *ética do cuidado* (maternal).

Como demais fontes, foram priorizadas entrevistas como instrumentos consagrados de técnica de pesquisa. Para isso, foram selecionados diversos agentes e pessoas próximas à Dilma para serem entrevistados/as, no entanto, em função da dificuldade de acesso, obtive o retorno de poucos, o que totalizou em 5 entrevistas, sendo uma delas, pareada (Celso Kamura e Juliana Vieira) e as demais de forma individual (Fernando Pimentel¹⁶, Pedro Farah Rousseff, Roberto Stuckert Filho e Olga Curado).¹⁷

A abordagem aos entrevistados – informantes chaves¹⁸ – ocorreu por meio de redes sociais, emails e Whatsapp, e esses retornos se deram, sobretudo, pela realização da estratégia bola de neve (*snow ball*). Conforme Vinuto (2014) destaca, esse método que utiliza cadeias de referência é comumente utilizado para abordar grupos de difícil acesso, incluindo membros de elites e auxilia no ganho de confiança das redes dos entrevistados/as. A amostragem em bola de neve requer uma constante coleta de informações entre as sementes e seus contatos potenciais, ou seja, à uma rede ampliada de contatos do campo político brasileiro.

O objetivo das entrevistas foi de ampliação das informações e dos materiais de análise, adensando com fontes originais e auxiliando na produção de um diagnóstico científico. Tendo sido realizadas entre 2022 e 2024, de modo *on-line* e presencial, foram gravadas e transcritas para uma posterior análise do conteúdo com o consentimento livre e esclarecido de todos os/as envolvidos/as.

¹⁶ A entrevista com Fernando Pimentel ocorreu na presença de sua assessora, Mara Moreira. Diferentemente de como foi com Celso Kamura e Juliana Vieira, Mara deteve-se a dois breves e pontuais comentários que não agregaram conteúdo para a análise e por isso não entraram no escopo da tese.

¹⁷ Como descrito anteriormente, a dificuldade de acessar esses agentes e a própria Dilma não foi somente um problema encontrado pela investigação doutorado, como também, um dado de pesquisa.

¹⁸ Informantes chaves são “sementes que ajudam o pesquisador a iniciar seus contatos e a tatear o grupo a ser pesquisado. Em seguida, solicita-se que as pessoas indicadas pelas sementes indiquem novos contatos com as características desejadas, a partir de sua própria rede pessoal, e assim sucessivamente e, dessa forma, o quadro de amostragem pode crescer a cada entrevista, caso seja do interesse do pesquisador.” (Vinuto, 2014, p. 203).

Quadro 2 - Entrevistas realizadas

Data	Relação	Entrevistado/a	Duração	Local
17/08/2022	Fotógrafo oficial	Roberto Stuckert Filho	47min 05'	Online
25/08/2022	Beauty stylist e assessora	Celso Kamura e Juliana Vieira	54 min 58'	Salão C. Kamura SP
03/03/2023	Professora de oratória	Olga Curado	56 min 54'	Online
20/09/2023	Sobrinho-neto	Pedro Farah Rousseff	54 min 59'	
21/02/2024	Amigo de longa data e Ministro de seu governo	Fernando Pimentel	55 min 47'	EMGEA, Brasília

Fonte: Autoria própria (2024).

A condução das entrevistas de profundidade foi por meio de um roteiro com perguntas abertas e semi-estruturadas que possibilitam maior liberdade para a formulação de questões, bem como uma exploração do repertório dos/as interlocutores/ras de forma mais ampla, aproveitando as informações fornecidas – para além do roteiro preparado.¹⁹

Foi também realizado um banco de dados com pesquisas em diversos meios de comunicação com algumas palavras-chave essenciais para o entendimento da objetivação do capital erótico (CE)²⁰ ou cultural de Dilma, como: ‘Acessórios’, ‘Alimentação’, ‘Bonita’, ‘Brinco’, ‘Cabelo’, ‘Dieta’, ‘Educação’, ‘Escola’, ‘Estilo’, ‘Esportes’, ‘Estética’, ‘Estilista’, ‘Família’, ‘Feia’, ‘Gorda’, ‘Gostos’, ‘Idiomas’, ‘Joias’, ‘Jovem’, ‘Livros’, ‘Magra’, ‘Maquiagem’, ‘Roupa’, ‘Sapato’ etc. O que me encaminhou a diversos *sites*, jornais e revistas desde a espaços pouco prestigiosos como blogs e sites de notícias de celebridades, até agências de notável reconhecimento a nível internacional. São elas em maior ou menor grau de circulação *online*: Agência PT, Agência Senado, Aos Fatos, Aventuras na História, BBC Brasil, Brasil de Fato, Caras, Catraca Livre, Contigo!, Correio Braziliense, Donna, El País, Época, Estado de Minas, Estadão, Extra, Exame, Fashion Network, Flickr, Folha de S. Paulo, Focando a Notícia, G1, GZH Geral, Glamurama, Hoje em Dia, IstoÉ, Jornal de Brasília, Lilian Pacce, Lupa, Marie Claire, O Globo, O Tempo, Passando Blush, Piauí, R7, Revista Fórum, Telesur, Terra, UOL, Valor Econômico, Veja SP e Vogue.²¹

¹⁹ Os roteiros iniciais foram divididos em blocos como trajetória profissional, pessoal, relação com Dilma e podem ser visualizados no *Anexo*.

²⁰ No artigo de Abubakar, Anasori e Lasisi (2019), os/as autores/as optam por se referir ao capital erótico como EC (abreviatura do termo em inglês, *Erotic Capital*). Em razão de uma repetição necessária do conceito, seguirei a mesma estratégia ao longo da tese para que haja uma melhor fluidez textual.

²¹ Ao observar especificamente o acervo de dois jornais de elevada circulação no Brasil: O Estado de S. Paulo (ou Estadão) e Folha de S. Paulo, identifiquei que, no período de campanha eleitoral desde a saída do cargo de Ministra, até o primeiro turno (15/06/2010 à 03/10/2010), 4.358 registros no primeiro jornal sobre Dilma. Separados nas seguintes categorias fornecidas diretamente pelo Estadão: Política (1.944), Brasil (1.099), Política (sic) (479), Geral (361), Economia (183), Opinião (166), Cultura (59), Internacional (35), São Paulo (21), Esportes (8). Sendo os assuntos com grande frequência de repetição: Eleições 2010 (1.026), Dilma Rousseff (811), José Serra (496), Eleição

Como descrito anteriormente, pela impossibilidade da realização de uma entrevista diretamente com Dilma para essa tese – ainda que tenham sido realizadas inúmeras tentativas de contato, me vali de entrevistas de segunda mão tanto de Dilma, quanto de familiares e pessoas próximas para que pudesse reunir informações que não eram suficientes na escassa literatura sobre a agente em questão. Entre as entrevistas que me debrucei, de 2004 à 2023, estão as concedidas aos seguintes veículos e programas televisivos: Band (Brasil Urgente), El País TV, Estadão, France 24, Rede Globo (Bom dia Brasil, Jornal Nacional, Programa do Jô), Rede Record (Jornal da Record), Rede Tv!, TV 247, TV Band, TV Brasil, TV Cultura (Roda Viva) e UOL.

Também utilizei documentos oficiais para a reconstrução da trajetória, para isso, coletei materiais no Arquivo Público Mineiro (Relatório BNM nº 217, Ação Penal nº 32/70, apelação STM nº 38.903), Conselho Estadual de Direitos Humanos de Minas Gerais (Depoimento de Dilma, 10/2011), Comissão de Indenização de Presos Políticos do Rio Grande do Sul (Depoimento de Dilma, 25/10/2001), Comissão Municipal da Verdade de Juiz de Fora (Relatório Final, 2015), Comissão Nacional da Verdade (Relatório Final, 23/10/2012), Comissão Nacional da Memória, Verdade e Justiça da CUT (Relatório Final, 2015), COVEMG (Relatório Final da Comissão da Verdade em Minas Gerais – Governo do Estado, 2017) e Memorial da Resistência de São Paulo (Entrevistas concedida por Dilma em 28/05/2018 e Menicucci em 16/05/2018).

A tese é composta por cinco capítulos. No primeiro, intitulado *Trajetória familiar e formação educacional*, faço uma análise da socialização primária, vislumbrando elucidar a genealogia familiar de Dilma, demonstrando que havia, desde a Bulgária, uma tradição de participação ativa na política partidária. Neste ponto, identifico a relevância da formação educacional em Colégios tradicionais da elite mineira e interiorização do capital cultural via transmissão familiar, bem como os primeiros contatos com a militância política no Colégio Estadual Central – onde começou a ser construída uma forte rede nacional de luta contra a ditadura civil-militar.

Já no capítulo 2 “*Ousar lutar, ousar vencer*”: *Militância e resistência*, reconstrui a formação política como militante na década de 1970, incluindo uma análise sobre as dinâmicas de forças na época, as consequências físicas e simbólicas do autoritarismo que reprimiu violentamente movimentos sociais e de esquerda. Também foi possível mapear o núcleo de sua rede de militância, e que posteriormente se encontraria no exercício da política institucional.

(490), PT (447), Dilma (393), Lula (377), Eleições (334), PSDB (281), Serra (271). Já na Folha de S. Paulo, encontrei 3.880 registros sem distinções temáticas (ver *Anexo*).

O capítulo 3, *Expertise técnico burocrática e a conversão em Presidenta*, empreende o período de saída da prisão à chegada de Dilma na presidência. Para isso, um longo caminho foi percorrido junto com seu segundo marido, Carlos Araújo, na luta pela redemocratização e na reestruturação do PDT de Leonel Brizola na década de 1980. Nesta etapa, evidencio o arsenal técnico que ela adquiriu sobre a estrutura e dinâmica político-partidária, se consolidando como um quadro técnico-burocrático no Rio Grande do Sul, ganhando projeção nacional após um trabalho distintivo frente à crise energética no país nos anos 2000. Nesse sentido, ao ser nomeada como Ministra de Minas e Energia, Ministra-Chefe da Casa Civil e sucessora de Lula, fica evidente que estratégias foram mobilizadas para garantir o seu acesso ao Executivo Nacional.

Enquanto nos últimos capítulos, 4 e 5, intitulados *Capital erótico: héxis corporal e disputas simbólicas* e *Como uma política se parece? Representação e reprodução dos estereótipos de gênero*, respectivamente, desenvolvi um debate teórico sobre como os corpos das mulheres são expostos à críticas em função da dominação masculina, inserindo uma reflexão crítica sobre violência simbólica e o conceito de capital erótico (Hakim, 2012a), seus usos, limitações e possibilidades. Para isso, dialoguei com a interpretação de José Luis Moreno Pestaña (2016), de compreender o capital erótico à luz do capital cultural (Bourdieu, 1999). A fim de demonstrar como esse debate se aplicaria ao campo político, com o caso de Dilma, realizei uma inflexão da teoria com a empiria, analisando os materiais coletados a partir do repertório teórico bourdieusiano.



Capítulo 1: TRAJETÓRIA FAMILIAR E FORMAÇÃO EDUCACIONAL

*Com sol e chuva você sonhava
Que ia ser melhor depois
Você queria ser o grande herói das estradas
Tudo que você queria ser.*
–Clube da Esquina (1972).

1.1 Herança e linhagem familiar

Dilma Vana Rousseff, nascida em 14 de dezembro de 1947, descende da união de Pedro Rousseff (ou Pétrar Russév)²² e Dilma Jane Coimbra Silva. Sua unidade familiar era configurada com a presença de seus pais e dois irmãos: Igor (1947), com quem compartilha uma diferença de idade de apenas alguns meses, e Zana Lúcia (1951-1976), já falecida. Contava também com um meio-irmão paterno, Luben (1930-2008),²³ que viveu a vida toda na Bulgária, e, apesar de correspondências mantidas com a família no Brasil, os irmãos não chegaram a se conhecer pessoalmente (Carvalho, 2009).

Inicialmente, é preciso dizer que, em termos geográficos, a trajetória política de Dilma se dá, sobretudo, em Minas Gerais e no Rio Grande do Sul, culminando em Brasília-DF. Mas, por herança familiar e pela circulação de seu pai na França e Argentina, na Bulgária – terra natal de sua família paterna, localizada no sudeste da Europa –, é onde encontro muitas explicações para a conformação de seu capital cultural (incorporado, objetivado e institucionalizado).

O cruzamento das histórias do Brasil e da Bulgária ocorre, no circuito familiar de Dilma, nas primeiras décadas do século XX com o êxodo acentuado dos búlgaros, motivados, principalmente, por questões econômicas e pela instabilidade política no país de origem (Cocicov, 2005). Para se ter uma dimensão do fluxo de imigração, apenas no ano de 1926, chegaram em média dez mil búlgaros bessarábicos no Brasil (*Idem*). No caso de Pedro Rousseff, seu desembarque em terras brasileiras aconteceu em 1944.

²² O nome em búlgaro passou por uma mudança de “Russév” para “Rousseff” durante seu período na França, onde permaneceu de 1929 a 1944. Segundo Chade e Indjov (2011, p. 46), isso ocorreu porque na década de 1920 e 1930 era comum que aqueles que saíssem da União Soviética em direção à Europa Ocidental trocassem o sobrenome terminado em “v” por “ff”. Assim, ao longo da tese será referido como Pedro Rousseff.

²³ Luben era filho de uma escritora de livros infantis, Evdokia Yankova, com certa visibilidade na Bulgária. Não chegou a conhecer o pai, Pedro, que deixou sua mãe ainda grávida e tampouco teve contato com a família paterna que ainda vivia no país de origem (Chade; Indjov, 2011). Em entrevista para esta tese, o sobrinho-neto de Dilma questionou a presença de outras ramificações na árvore genealógica: “*Existem algumas teorias de que [meu bisavô] tinha outra família lá [na Bulgária], mas nunca foi de fato comprovado isso, e a gente não olha isso*” (Pedro, entrevista 20/09/2023). O discurso de Pedro (bisneto) pode ser contestado pela troca de cartas entre irmãos (Luben e Dilma), vide os arquivos mobilizados por Chade e Indjov (*op. cit.*).

A escolha do Brasil como destino foi motivada por uma intensa propaganda no exterior de valorização das benesses de nosso país, destacando o clima agradável, “a oferta de moradias gratuitas e a disponibilidade de terras férteis. O governo brasileiro arcava com as passagens dos imigrantes” (Praça, 2016, p. 62). Isso ocorreu porque, no final do século XIX e início do século XX, o cenário político e social do país estava marcado por profundas contradições e intensas desigualdades em função do longo processo de escravização. Então, como pano de fundo, havia uma demanda urgente de inclusão da população negra – cuja liberdade lhes havia sido negada brutalmente durante três séculos –, além da transição do regime monárquico para a República em 1889.

Neste período, a elite agrária brasileira, que detinha o poder econômico e político, exercia um controle significativo sobre as instituições governamentais e, com o fim do trabalho escravizado, tinha o interesse de estimular a vinda de mão de obra de imigrantes europeus ao país para manutenção, cultivo e plantio de suas lavouras de café. Esse foi o caso de muitos imigrantes que deixaram a Bulgária em razão das condições de vida precárias, ao serem seduzidos pelo ideário de habitar uma região do outro lado do oceano, cuja imagem era descrita como próspera, fértil, quente e com oportunidades que lhes eram restritas no país de origem (Lemos *et al.*, 2020). Em algumas das versões da imigração de Pedro Rousseff ao Brasil, o ímpeto de sua viagem também é atribuído à questão política, como uma fuga à perseguição que sofria na Bulgária por ser filiado ao Partido Comunista da Bulgária (BCP – sigla em búlgaro).²⁴

1.1.1 As raízes búlgaras

Pedro era alto, media 1,95 m, tinha olhos azuis, cabelos louros, destacava-se por sua habilidade nos negócios e na matemática (Chade; Indjov, 2011); formou-se em Direito na Bulgária, com estudos em Engenharia na Alemanha²⁵ e foi militante do BCP.²⁶ A primeira cidade em que esteve no Brasil foi Salvador,²⁷ no nordeste do país, onde teve muita dificuldade em se adaptar ao clima – e foi o fator decisivo para sua transição à capital Argentina, Buenos Aires, e, anos mais tarde, retornou ao Brasil instalando-se em São Paulo (Carvalho, 2010).

²⁴ O marxismo búlgaro era, inicialmente, dividido em duas alas distintas. De um lado, os *Narrow Socialists*, de outro, os *Broad Socialists* (Rothschild, 1959). Após um congresso realizado em 25 de maio de 1919, em Sófia, os primeiros passaram a se chamar Partido Comunista Búlgaro. Segundo Slipkov (1984), o partido tornou-se um importante colaborador na convocação da Terceira Internacional Comunista, e entre as principais lideranças desse movimento estavam Georgi Dimitrov e Valko Chervenkov.

²⁵ Amaral (2011) afirma que Pedro estudou em um liceu de artes técnicas na Alemanha por incentivo de seu pai, no entanto não aprofunda, não expõe quando haveria sido e nem o porquê seria do interesse familiar esse tipo de profissionalização.

²⁶ Morreu aos 62 anos, vítima de uma crise de angina e deixou, como herança material, imóveis, que foram capazes de sustentar o padrão de vida da família (Amaral, *op. cit.*).

²⁷ Não há registros sobre o ano de seu primeiro ingresso no Brasil.

Era filho de Stefan Russév e Tzana Kornazheva – 18 anos mais nova e de família burguesa (Chade; Indjov, 2011). Seu pai era um homem que portava um grande acúmulo de capital social em sua cidade, Gabrovo, atuando como “fabricante de artigos de couro que se beneficiou da expansão do comércio no final do século XIX” (*Ibid.*, p. 27). Filiado ao Partido Popular, de viés conservador, Stefan converteu o capital social em capital político, tornando-se o primeiro Russév a ocupar uma posição na política formal, abrindo as portas para uma genealogia de políticos búlgaros que viriam a se formar em sua família – que descreverei a seguir.

O capital econômico da família de Tzana também contribuiu para uma vida de privilégio que os cinco filhos tiveram: Russi, Vana, Pisa, Pedro e Zahari. O primogênito Russi seguiu os passos do pai na política e passou a atuar no Partido Democrático; Vana, a segunda filha, trabalhou como professora de pintura e morreu já na idade adulta; a terceira, Pisa, casou-se com Vassil Kovatchev – que anos mais tarde foi enviado aos campos de concentração por ser considerado comunista –, e os dois tornaram-se bem posicionados no interior do Partido Social Democrático búlgaro; Pedro era o quarto filho, filiado ao BCP, graduou-se em direito na capital, Sófia – com incentivo de seu tio materno, Zahari Kornazhev, que vivia como um notável comerciante –, mas consolidou sua trajetória profissional do outro lado do oceano, no Brasil; já o caçula, Zahari, seguiu a profissão do pai de comerciante de peles (*Idem*, 2011, p. 27).

Pedro Farah Rousseff, da quinta geração, em entrevista para a tese, descreveu que o bisavô, Pedro Rousseff, teria sido prefeito da cidade. No entanto, quando contrastamos a memória de família, relatada via história oral, com o livro de Chade e Indjov (2011), vê-se que quem ocupou uma posição dentro do poder institucional foi seu trisavô, Stefan.

Na época, ele era prefeito de Gabrovo ou tinha sido prefeito de Gabrovo. Não entendo muito bem como que funcionava na época, se era por eleição, se era por indicação. Não entendo como funcionava o sistema político búlgaro. Mas ele já foi prefeito de Gabrovo, então na época ele sai refugiado da Bulgária pela perseguição nazista, pela perseguição fascista. (Pedro, entrevista 20/09/2023).

Em respeito à participação política, havia uma presença constante de políticos na família Russév, começando pelo patriarca Stefan, que “sofreu repressão nas mãos de fascistas e do regime comunista, que depois controlou o país. Vários Russév foram presos, enviados a campos de concentração ou impedidos de sair do país” (Chade; Indjov, *op. cit.*, p. 27). Foram vítimas do que se chamou de “terror branco”, que eram práticas fascistas inflamadas pelo nacionalismo e chauvinismo, reverberadas em políticas persecutórias anticomunistas (Girginov; Bankov, 1999). Pedro Rousseff, ao chegar a Sófia (centro político e econômico do país) para fazer a graduação, esteve amparado economicamente e desfrutava do capital social herdado do tio, seguindo os passos do familiar: “Estudou direito na mesma universidade [Universidade Santo Kliment

Ohridski]. Foi apontado por Zahari como seu substituto no escritório, o que deu ao jovem rapaz amplo acesso aos negócios do tio²⁸ (Chade; Indjov, 2011, p. 34). Nesse período, ele se uniu com Evdokia Yankova, sua primeira esposa, mãe de Luben, de quem se separou (mas não formalmente), em 1929, ainda grávida, para ir à Viena. A migração de Pedro Rousseff pode ser explicada pelo contexto do país, pois houve uma intensa perseguição do governo autoritário aos filiados ao partido, que o obrigou a se refugiar em outros países como França, Brasil, Argentina e, novamente, Brasil em 1944, onde se estabeleceu definitivamente.²⁹

A Bulgária vivia tempos turbulentos nos anos [19]20. Era uma monarquia e tinha um governo fascista. Os comunistas tentavam desestabilizar o governo com atos terroristas. Eram reprimidos e perseguidos. Dilma já disse em entrevistas que o pai deixou a Bulgária por razões políticas. Luben, seu meio-irmão, afirmou que foram razões econômicas: o pai estava falido. Estudiosos dizem que pode ser uma combinação das duas coisas. Além de politicamente conturbada, a Bulgária estava com sua economia em frangalhos. (Folha de S.Paulo, 05/09/2010).

No início do século XX, a Bulgária ficou marcada pela instabilidade econômica após obter, a duras penas, a independência do Império Otomano em 1908. As lutas da população pela autonomia do país comprometeram a economia da nova monarquia constitucional apesar dos esforços na consolidação do poder político e da promoção de uma identidade nacional. Chade e Indjov (2011) destacam que “até mesmo o Império Otomano reconheceu a soberania búlgara. Mas a estabilidade política durou pouco tempo. A Bulgária logo foi acometida pelas duas guerras balcânicas” (*Ibid.*, p. 28-29). Com a economia notadamente agrícola e um setor manufatureiro incipiente, o país estava fortemente endividado pelos empréstimos tomados ao longo do processo de independência (Hobsbawm, 1988), ocasionando, assim, desafios econômicos persistentes e com impacto direto no país ao longo do século.³⁰

Payne *et al.* (2022) afirmam que no período de 1923 a 1931 houve uma Aliança Democrática no país que flertou com o nazismo alemão e o fascismo italiano – apesar de, segundo os autores, o fascismo não ter chegado ao poder de fato.³¹ Em setembro de 1923,

²⁸ Pedro tinha dois primos por parte de Zahari: Tzonyu e Petar. O primeiro era jornalista e o segundo advogado – e seguindo a genealogia familiar na política, na década de 1990, Petar (o primo) tornou-se deputado pelo Partido Social Democrata.

²⁹ Em uma versão alternativa, Carvalho (2010) indica que Pedro Rousseff teria chegado ao Brasil no final da década de 1930 e que era viúvo, mas não explora o que teria acontecido com a primeira esposa e quem estaria responsável pelos cuidados do filho Luben.

³⁰ No período de 1900 a 1940, a Bulgária passou por uma transição política tumultuada, indo de uma monarquia constitucional a um regime autoritário. As tensões étnicas, disputas territoriais e influências externas contribuíram para a instabilidade política. Logo após a Primeira Guerra Mundial, com a abdicação do Czar Fernando I, o líder autoritário Aleksandar Tsankov do partido pró-nazista (União Nacional Agrária Búlgara) tomou o poder, permanecendo entre 1930-1934. Em 1934 enfrentou um golpe de Estado organizado por oficiais da Zveno – facção militar de orientação fascista, criada em 1927, que estabeleceu uma ditadura militar temporária (C.f.: Daskalov, 2008).

³¹ Girginov e Bankov (1999) apontam que a análise da história política da Bulgária “fornece provas convincentes do domínio da doutrina ideológica fascista, dos esforços de várias administrações e instituições governamentais para garantir a sua aceitação na sociedade e da sua aspiração de criar uma masculinidade ‘ariana’” (*Ibid.*, p. 82).

ocorreu, segundo Chade e Indjov (2011), a primeira rebelião antifacista do mundo, organizada pelos militantes comunistas, o que resultou em dezenas de milhares de vítimas da repressão estatal. Tanto que, em 1925, emerge uma guerra civil no país com o objetivo de assassinar o Czar Boris III (filho do Czar Fernando I), ocasionando perseguição incansável aos comunistas, além da prática de torturas, massacres em massa e assassinatos. Com a Segunda Guerra Mundial, Boris III declarou apoio às potências do Eixo e associou-se intensamente a Hitler; e, em 1943, com a repentina morte do Czar, o Exército Vermelho da URSS tomou a capital Sófia e declarou o fim da monarquia.

Em similitude ao destino de muitos de seus antepassados perseguidos por políticas de extrema violência aos comunistas, Dilma também sofreu represálias no período militar. Décadas depois, a história familiar passaria por uma grande transformação com a vitória presidencial da política, que chegou a ser aclamada na terra natal de seu pai (Cf. Folha S.Paulo, 18/11/2010).

A maior parte da Bulgária acompanhou a campanha eleitoral no Brasil de 2010 como se fosse assunto nacional. [...] A prefeitura de Gabrovo, onde nasceu o pai de Dilma, fez da eleição dela à presidência uma ocasião de interesse municipal, promovendo uma festa com danças tradicionais e discursos. Ordenou uma pesquisa sobre os antepassados da presidente assim que foi revelado que sua família tinha origem na região central da Bulgária, em plenas montanhas dos Bálcãs. (Chade; Indjov, 2011, p. 20-1).

Com direito, inclusive, à exposição permanente no Museu Histórico de Gabrovo, intitulada “Raízes profundas de Dilma Rousseff”, sobre a sua família (Cf. Estadão, 02/11/2010; O Globo, 02/11/2010). A mostra foi idealizada pelo Partido Cidadãos pelo Desenvolvimento Europeu da Bulgária (GERB) e organizada por Georgi Nalbantov, Krassimira Cholakova e Toshka Kovacheva (casada com um primo de segundo grau de Dilma). Em entrevista, Krassimira relatou que “*os gabrovianos torceram muito por ela [Dilma] no domingo e acompanharam as notícias. Infelizmente, os resultados saíram quando aqui já era madrugada, mas no dia seguinte todo mundo estava muito feliz que uma meio búlgara vai se tornar presidente do Brasil*” (Terra, 03/11/2010).

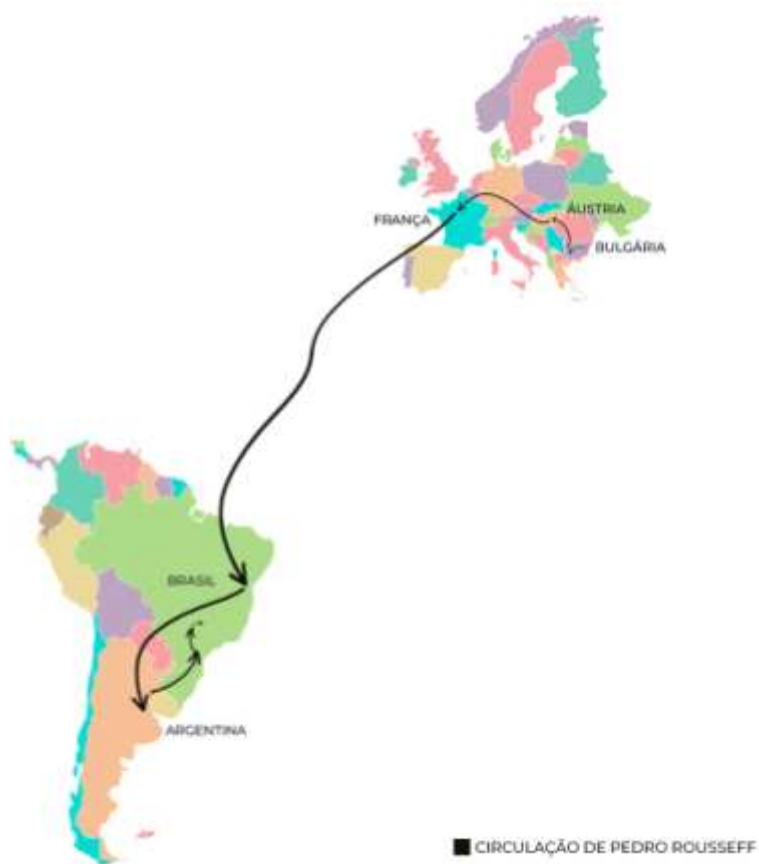
Já Nalbantov ressaltou a relevância da mostra sobre a família que, segundo ele, “*tem raízes profundas, de três séculos, na cidade. Os bisavós de Dilma foram célebres como gente de espírito empreendedor*” (BBC Brasil, 02/11/2010).

[A vitória de Dilma se transformou em uma espécie de válvula de escape para os búlgaros, que vivem uma crise social, política e econômica profunda. A imprensa do país do leste europeu acompanhou hoje os resultados da eleição no Brasil como se fosse um assunto local. Entre a população, muitos organizaram jantares em horários avançados para poder acompanhar pela televisão a vitória de Dilma. (IstoÉ Dinheiro, 31/10/2010).

A eleição brasileira foi utilizada como uma estratégia política pelos partidos locais, cujo discurso era o de demonstração de um caso de sucesso de uma búlgara que teria acessado, em

outro país, o cargo mais prestigioso de um estado democrático. Como demonstram os relatos, a imprensa tratou da sua campanha presidencial como se fossem eventos de interesse local, instigando a população a acompanhar de perto o desfecho da disputa (Cf. Folha de S.Paulo, 08/11/2010), embora tenha sido longo o percurso de Pedro Rousseff para que a filha pudesse estar nessa posição de “*presidente (sic) Búlgara do Brasil*” (Veja, 06/11/2011).

Figura 1 - Circuito de imigração do pai



Fonte: Autoria própria (2023).

O início da história se dá, portanto, em 1944, com a chegada de Pedro ao Brasil e, ainda no mesmo ano, quando conheceu Dilma Jane, que viria a ser sua segunda esposa, durante uma viagem feita com um amigo brasileiro a uma tradicional feira de exposição de gado Zebu em Uberaba-MG, a quase 500 km da capital paulista (Amaral, 2011).³²

³² Não há outros registros sobre como ocorreu o encontro entre os pais de Dilma além do mencionado anteriormente na biografia de autoria de Amaral (*op. cit.*).

1.1.2 “Zebu” e o encontro com o lado mineiro

Uberaba é tradicionalmente conhecida pelas feiras expositivas deste tipo de gado, realizadas desde 1906 para reforçar a economia sustentada na bovinocultura. Localizada no oeste de Minas Gerais, no chamado triângulo mineiro,³³ a cidade foi marcada profundamente pela construção da linha de trem no final do século XIX, entre 1889 e 1895, concretizada pela Companhia Mogiana, que implicou em uma intensificação de fluxo (i)migratório para a região para suprir a necessidade de mão de obra na Companhia (Fonseca, 2010). De acordo com Sampaio (1971), em um recenseamento realizado em 1908 pela prefeitura, foram contabilizados 9.186 habitantes, sendo 877 estrangeiros, entre eles, italianos, espanhóis e portugueses.³⁴

Na época da República Velha (1889-1930), os estados de São Paulo e Minas Gerais dominavam o setor econômico e político brasileiro e, por isso, eram destinos de tantas famílias (i)migrantes. O primeiro era conhecido por sua produção em larga escala de café, já o segundo, pela criação de gado, o que fez com que a política firmada em comum acordo pelas oligarquias fosse referida como “política café-com-leite” (Santos; Plácido, 2012). Esse acordo político e econômico previa a alternância do governo entre São Paulo e Minas, e auxiliou no desenvolvimento e urbanização dos dois estados.

Entre os anos de 1910 e 1920, houve um aumento no investimento mineiro e, no caso de Uberaba, na criação do gado Zebu, propiciado pelas condições climáticas do semiárido. O Zebu, de origem indiana e com ampla adaptação ao clima brasileiro – razão da viagem de Pedro na década de 1940 à cidade –, passou a adquirir maior valor nacional, enriquecendo as famílias com grandes posses de terra.

O gado Zebu, e por consequência os criadores e proprietários rurais, eram celebrados em eventos festivos, monumentos e exposições, de modo que, a despeito da concentração de riqueza, o animal indiano se tornou o maior e mais duradouro símbolo da cidade. Já houve quem se referiu a esse imaginário como o “fetiche do Zebu”, um estado de espírito social constituído por toda uma ritualística que associava a bovinocultura à prosperidade de todos. (Fonseca, 2010, p. 33).

O domínio territorial por coronéis, latifundiários de extensas fazendas, fez com que a região se concentrasse em poucas linhagens familiares que, além de deterem propriedades, também exerciam forte influência política. Victor Nunes Leal (2012) descreve esse tipo de exercício político como coronelismo, que seria um fenômeno brasileiro de influência social de

³³ De acordo com o IBGE (1990), o Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba é formado por 66 municípios, que são divididos em sete microrregiões (Ituiutaba, Uberlândia, Patrocínio, Patos de Minas, Frutal, Uberaba e Araxá), e está localizado em uma posição estratégica dentro do país no escoamento da produção agrícola, pois faz divisa com os estados de São Paulo, Goiás e Mato Grosso do Sul.

³⁴ Para se ter uma dimensão do crescimento no período, em novembro do ano seguinte, a população (urbana e rural) passou para 10.910 habitantes (Sampaio, 1971).

chefes locais fundado na estrutura agrária e sustentado pelo poder privado no interior do território nacional. O coronelismo desempenhava, e ainda desempenha em locais com elevados níveis de pobreza, uma relação de dominação e dependência do eleitorado com a figura do “coronel”, firmada via voto de cabresto. Nesses casos, “a força eleitoral empresta-lhe [aos coronéis] prestígio político, natural coroamento de sua privilegiada situação econômica e social de dono de terras” (*Ibid.*, p. 45). Contudo, essas práticas de poder exercidas por coerção, controle e violência pelas elites econômicas e políticas não se limitam apenas ao período eleitoral, elas sustentam a estrutura de autoritarismo político nessas regiões (Lamounier, 2009).³⁵

Odilon Silva e Ana Silva, avós maternos de Dilma, apesar de praticarem a agricultura e a criação de animais através da pecuária, eram pequenos proprietários agrários e não possuíam recursos como algumas tradicionais famílias da oligarquia mineira. A filha do casal, Dilma Jane Coimbra da Silva, nasceu em Nova Friburgo-RJ e foi criada em Uberaba, onde viveu até os vinte anos de idade.³⁶

Trabalhava como professora primária quando conheceu Pedro e era considerada “a mulher mais bonita de Uberaba naqueles anos” (Chade; Indjov, 2011, p. 59). Sua família era católica³⁷, numerosa, contando com mais de dez irmãos e era formada por pais migrantes. Ou seja, seguia à risca o que se denomina de família tradicional, de classe média baixa, que transitou entre cidades em busca de melhores condições de vida, indo parar em uma região rural do estado mineiro que vivia um momento de prosperidade econômica.

Como toda família brasileira, por parte de mãe, meu avô saiu ali de Caetité, lá na Bahia, do Jaques Wagner, e veio para Paracatu, em Minas Gerais. Eu não conheci meu avô materno, avô por parte de mãe [Odilon Silva]. Mas uma tia minha me mostrou uma carta em que ele dava, dava ali na carta, notícias de membros da família. E eu sempre vou me lembrar de uma parte dessa carta que dizia o seguinte – sobre um casal que ele dizia: fulana e beltrana estão muito pobres, não têm casa, não têm onde morar. E completava com uma expressão muito daquela região do país, Bahia e Minas Gerais: não tem onde cair morto. (Dilma, 12/04/2012).

A casa da família, habitada até 1951, está localizada na rua Vigário Silva, 90, no centro de Uberaba: “*Tem três quartos, sala de jantar, copa, cozinha, banheiro e área de serviço. [...] Dilma nunca morou*

³⁵ As formas de cooptação do coronelismo perderam fôlego ao longo do século XX com o que Lamounier (2009) e Simon Schwartzman (2007) chamam de *dilatação da arena política*, dada a maior adesão da população ao sufrágio – comprovada por registros eleitorais – e a efetivação de órgãos estatais reguladores dos processos eleitorais.

³⁶ Não foram encontrados registros sobre Odilon Silva e Ana Silva para que pudesse ser verificado o porquê de Dilma Jane ter nascido em Nova Friburgo e posteriormente a família ter migrado para a cidade mineira.

³⁷ Dilma já eleita Presidenta, quando questionada a respeito da sua religiosidade, afirmou: “*eu gosto muito de Nossa Senhora Aparecida. [...] Tem uma frase de Guimarães Rosa que diz que Deus existe até para quem não acredita?*” (Dilma, 15/03/2011). Sua afeição à matriz católica e à figura de Nossa Senhora, certamente, tem influência da família materna e, posteriormente, foi ainda mais acentuada ao estudar em um colégio católico.

na residência, apenas sua mãe, mas chegou a frequentar o local quando criança” (Jornal de Brasília, 13/10/2015). Segundo consta no site da prefeitura,

O imóvel foi construído nos anos 1937/1938 e adquirido de Francisco Buzzolo em 08 de março de 1938, pelo avô da presidente, Odilon Silva, para seus filhos. Segundo a escritura do imóvel, a casa é uma construção de tijolos e madeira, assoalhada e ladrilhada, constante de alpendre, três quartos, sala de jantar, copa, cozinha, banheiro, área de serviço, dotada de instalações elétricas e sanitárias. Seu estilo arquitetônico é de partido simples acompanhando o estilo das construções de outras casas da rua Vigário Silva, construídas por João Laterza³⁸ na década de 1930, no quarteirão que fica entre as ruas Dr. Paulo Pontes e Carlos Rodrigues da Cunha. (Uberaba, 29/11/2013).

A construção era simples e exibia traços de uma família de classe média, em comparação com a opulência dos casarões da elite agrária uberabense – marcada por seus “palacetes suntuosos que ostentavam a fortuna dos pecuaristas, acentuando com isso o contraste com uma cidade que sofria com calçamento rudimentar, iluminação inconstante, sistema de água precário e população empobrecida” (Fonseca, 2010, p. 33). A grandiosidade exibida era uma forma de ostentação da prosperidade econômica, e, ao mesmo tempo, ao fixar suas residências no centro da cidade, faziam-se notar certa importância à sua família e suas propriedades (Furtado, 2000).

Apesar de se tratar de uma família “comum”, em 2013, a casa dos Silva foi tombada como patrimônio pela Fundação Cultural/Conselho do Patrimônio Histórico e Artístico de Uberaba (Conphau). Esse fato se deu em função da ligação de Dilma e sua família materna com o imóvel, o que lhe conferiu prestígio simbólico, ainda que apenas na terceira geração familiar. O objetivo da prefeitura era transformar a casa dos avós em um Memorial dos Presidentes – apesar de as tratativas terem sido iniciadas, o projeto não se concretizou³⁹ (Terra, 28/11/2013).

O casamento entre Bulgária e Brasil não foi tão simples, pois Odilon e Ana não receberam com bons olhos o pedido de Pedro Rousseff à mão de Dilma Jane. O receio dos pais era porque, além de duas décadas na diferença de idade do casal, pouco se sabia sobre o passado do imigrante.

Aquele gringo grandalhão falava um espanhol arrevesado, mas se entendia muito bem com cartas de baralho. Em discretíssimas rodas de carteadado, ganhou um bom dinheiro dos fazendeiros locais, mas nada que o tornasse mais respeitável aos olhos da família de Dilma Jane. Aquele urso branco era velho demais para a jovem professora. Tinha uma

³⁸ Com a expansão de Uberaba, a construção civil adquiriu fôlego com obras de diversos construtores italianos no início do século XX, como Luigi D’Orsa, Giuseppe Cotani, Giuseppe Rosato, Egidio Betti Monsagrati, Michelle Laterza, Alessandro Capellaccide Gusberti, Santos Guido e Carlo Macchi, cujas obras figuram a história arquitetônica da cidade. Entre os nomes, chamo atenção para Laterza, imigrante que se alçou como uma referência na cidade e que transmitiu a profissão para seus filhos João, Pepino e Nicolau. João Laterza assinou construções como o Jockey Clube, o Banco do Brasil, a Santa Casa e outros, e ganhou prestígio profissional, chegando a concorrer à prefeitura (apesar de não ter obtido adesão suficiente para eleger-se) (Fonseca, 2010).

³⁹ Devido à instrumentalização política da genealogia de Dilma por parte do governo búlgaro, é possível acessar de maneira mais fácil as informações sobre suas raízes no outro continente do que no próprio Brasil. Como o memorial não foi continuado, vê-se que a imigração europeia tem uma visibilidade ainda mais ampla do que a migração do avô materno da Bahia para Minas, depois para o Rio e voltando novamente para Minas.

vida incerta (a família da moça ainda nem desconfiava das cartas), um passado nebuloso e jamais aprenderia a pronunciar o “ão”. (Amaral, 2011, p. 26).

Contrariando as ressalvas comuns da época de tradicionalmente manterem o vínculo entre famílias conhecidas ou até entre a própria família,⁴⁰ Dilma Jane e Pedro casaram-se em 1946 e, no mesmo ano, se mudaram para a jovem capital mineira, Belo Horizonte, onde tiveram os três filhos.

Figura 2 - Circuito de migração da mãe



Fonte: Autoria própria (2023).

A migração do recém-casal se deu pela busca de uma mobilidade social através de melhores condições de trabalho no centro urbano que estava em ebulição – Uberaba, na época, restringia-se à dinâmica rural, não restando muita alternativa para quem não fosse de uma tradicional família mineira.

A família inteira nasceu em Belo Horizonte, e todo mundo nasceu aqui. Isso é sempre uma dívida até que as pessoas têm. Mas todo mundo nasceu aqui. Meu pai nasceu aqui [Pedro Rousseff], eu nasci aqui,

⁴⁰ Pourcher (1987 *apud* Canêdo, 2011, p. 64) descreve que “nas famílias de proprietários de terra, tanto no Brasil como em outros países, a persistência de casamentos consanguíneos se explica pelo interesse da família em manter o seu patrimônio de terras”. Outras estratégias matrimoniais comuns eram as de alianças opostas e alianças múltiplas entre grupos preferenciais (Cf. *Ibid.*, p. 64 et seq.).

Dilminha, meu vô [Igor], a minha bisavó [Dilma Jane], a mãe da Dilminha, que é de Uberaba⁴¹ (sic), mas de resto, todo mundo nasce aqui. (Pedro, entrevista 20/09/2023).

Ao chegar em Belo Horizonte, Pedro foi trabalhar como empreiteiro de obras em construções (Carvalho, 2010, p. 119; Portela, 2014). Em 1947 nasceu o filho Igor e, meses depois, Dilma (no círculo familiar, conhecida como Dilminha), cujo parto “foi conduzido pelo doutor Lucas Machado, formado nas primeiras turmas da Faculdade de Medicina da Universidade de Minas Gerais.” (Amaral, 2011, p. 19). Logo após, em 1951, o casal teve a terceira filha, Zana Lúvia, cujo nome homenageia a avó paterna, Tzana.

1.1.3 A transmissão do “sangue vermelho”

Ó, veja bem, deixa eu te mostrar então a genealogia disso, tá? De um lado está meu bisavô Pétar Russév, do outro lado está a Dilma – mãe da Dilma. Eles têm três filhos. Primeiro meu avô Igor, segundo a Dilma e terceiro a Zana. A Dilma teve a Paula, meu avô [Igor] teve meu pai [Pedro] e a Zana teve o Guilherme. (Pedro, entrevista 20/09/2023).

Dilma, Pedro, Vana, Zana. Como se pôde verificar através da árvore genealógica, há uma dinâmica de recorrência na família Silva Rouseff que é a transmissão dos nomes. Dilma tem, notadamente, seu nome em homenagem à mãe (Dilma Jane) e seu segundo nome em homenagem à tia paterna (Vana). Já Igor, decidiu homenagear o patriarca da família (Pétar Russév) colocando o nome de seu filho de Pedro Rouseff, que, por sua vez, (re)transmitiu o nome ao filho, Pedro Farah Rouseff.

De acordo com Krom (2000), “a escolha do nome do filho, muitas vezes, obedece às lealdades invisíveis. Isto pode ser notado quando há repetição de nomes na família, ou, por exemplo, em casos de predominância de nomes com sentidos religiosos” (*Ibid.*, *apud* Bacal *et al.*, 2014, p. 455). Ainda que o sobrenome Rouseff fosse novidade na oligarquia mineira, com o passar das décadas, criou raízes e ganhou notoriedade (capital simbólico)⁴² em função da aquisição de capital econômico. A princípio o sobrenome “Rouseff” no Brasil⁴³ não estaria relacionado a um capital político, mas, após a segunda geração, tornou-se sobrenome ilustre e atrelado à simbologia da primeira presidenta do país. Vale destacar, também, que Dilma, até o

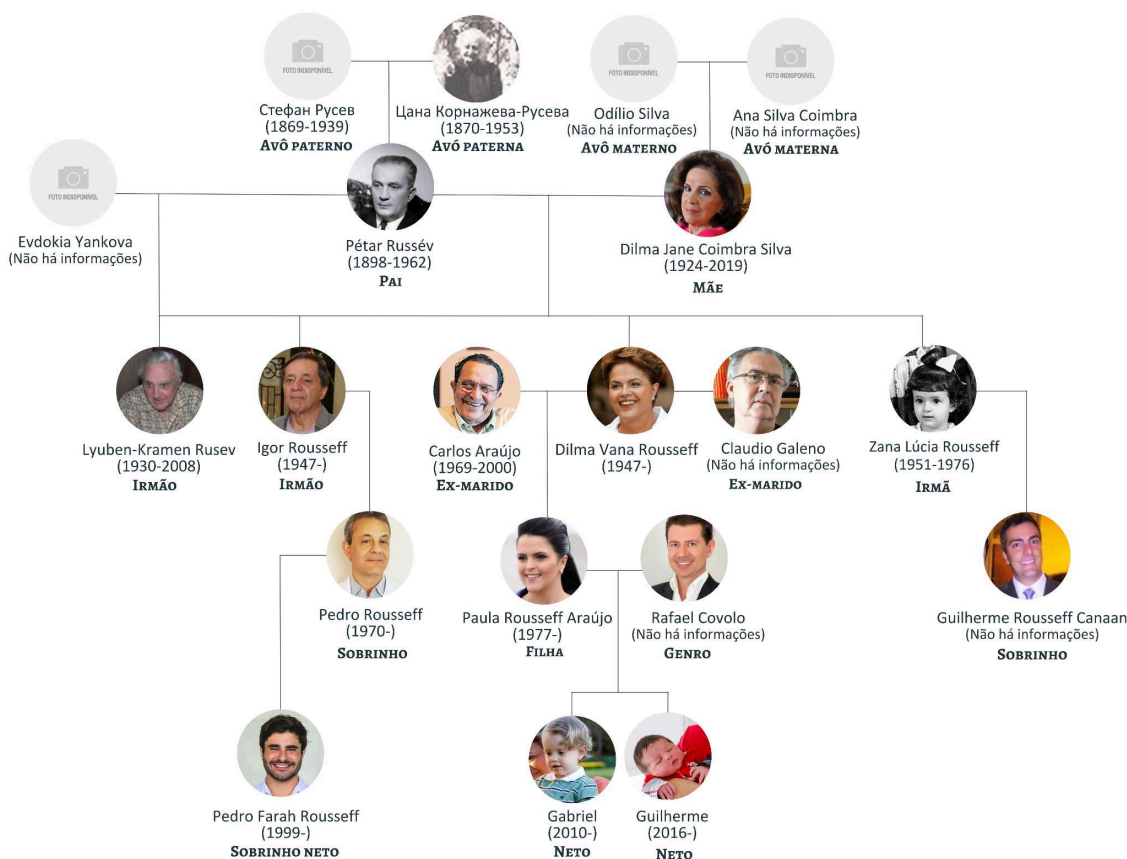
⁴¹ Na verdade, Dilma Jane nasceu em Nova Friburgo, Rio de Janeiro.

⁴² Bourdieu (2020) descreve que “os sobrenomes – em particular os sobrenomes nobres – sejam uma forma de capital simbólico, um capital de reconhecimento que tem sua lógica própria de acumulação, de conservação, de transmissão e também de conversão em outras espécies de capital” (*Ibid.*, p. 113-4).

⁴³ No caso de Russév na Bulgária, no circuito de Gabrovo e Sófia, há um certo status, pois se trata de uma antiga família que possuía membros na política institucional das respectivas cidades.

momento, foi a única mulher de sua família a pleitear um cargo eletivo, ao passo que os demais políticos eram todos homens e com recursos políticos na Bulgária.

Figura 3- Árvore genealógica



Fonte: Autoria própria (2023).

Bourdieu (2020) entende que o nome (e sobrenome) é um capital social, é um estatuto que “funciona como um recurso de vinculação ao grupo e relaciona-se ao conhecimento e ao estabelecimento de contatos” (Bacal *et al.*, 2014, p. 460), convertendo-se em capital simbólico, que serve de acesso para determinados campos e posições para seus herdeiros/as. Desta maneira, a família produz uma identificação social de seus membros, ou seja, pode ser apreendida como um meio privilegiado tanto de transmissão como de diferenciação (Bourdieu, 2020).

Pedro Rousseff, nascido em 1999, sobrinho-neto de Dilma, descreveu que, em função de sua linhagem, sempre foi reconhecido por seus laços familiares como sobrinho “de...” e filho “de...”. Durante a adolescência, no período de 2014, teria, inclusive, sido vítima de *bullying* no ambiente escolar em função de divergências políticas de outros colegas para com sua tia, que concorria à reeleição pelo PT.

*Desde criança sempre fui colocado com a estrela do PT em cima e sempre levei isso de uma maneira muito serena. Claro, quando você tem dez anos, você não entende as coisas, mas depois que você vai entendendo e... relacionando as coisas, você vai percebendo que as pessoas que te criticam é porque elas têm outro posicionamento. Então, você tem que levar isso sempre de uma maneira firme. E é **por isso que eu acho que eu muito entrei na política também. Já ter sido construído nesse sangue vermelho, já muda a minha história com base nisso.** (Pedro, entrevista 20/09/2023).*

Ainda que não tenha pleiteado nenhum cargo eletivo de grande visibilidade, Pedro, que integra o Conselho Municipal de Juventude (COMJUVE)⁴⁴, goza de fácil acesso a uma rede de contatos de lideranças políticas e agentes em posições de destaque. Já inserido em movimentos estudantis desde a juventude, sabe que, para sua ascensão política na região de Belo Horizonte (e, posteriormente, a nível nacional), é fundamental contar com as bênçãos de sua tia-avó e mobilizar sua herança política. Nesse sentido, a analogia do “sangue vermelho” demonstra que se trata, para ele, de um processo quase natural ao ingressar nas disputas políticas via processo eleitoral – ainda que seus pais, Pedro e Geiza, tenham seguido carreira profissional no âmbito sanitário como médico e enfermeira, respectivamente. Já Igor, o avô paterno, apesar de se identificar com o discurso *hippie* e uma cosmovisão de esquerda, participou tão ativamente da vida pública como a irmã, Dilma.

Em 2003, [Igor] ocupou o cargo de secretário de Cultura de Ouro Preto. Depois, se tornou assessor especial da Secretaria de Planejamento, Orçamento e Finanças da Prefeitura de Belo Horizonte, durante a gestão de Fernando Pimentel, amigo de adolescência de Dilma e parceiro de militância no PT. A Igor foi atribuída pela família a responsabilidade de administrar os 15 imóveis deixados de herança pelo pai, a maioria deles em Belo Horizonte. (IstoÉ, 01/11/2010).

Em outro momento da entrevista, Pedro afirmou que se filiou ao partido apenas em 2022 porque não sentia necessidade disso, uma vez que “*sempre fui colocado com a estrela vermelha. Então, eu já me sentia no PT desde que eu nasci basicamente*” (Pedro, entrevista 20/09/2023). A familiaridade é reiterada novamente, pois a estrela que o marca é a representação do partido e de uma ideologia política, o que pode ser entendido como códigos e linguagens do campo político que, desde precocemente, é conhecido por ele. Bacharel em administração pelo Instituto Brasileiro de Mercado de Capitais (IBMEC), em Belo Horizonte, justificou sua escolha pelo curso por acreditar ser algo que lhe daria mais ferramentas para atuar no campo político.

⁴⁴ Criado pela Lei 7.551 de 1998, o COMJUVE/BH: “É um órgão consultivo, que monitora a política de atendimento, promoção e defesa dos direitos das juventudes. É composto por oito Conselheiros, dentre titulares e suplentes, representantes do Poder Executivo, nove representantes regionais da Sociedade Civil organizada, cinco representações dos movimentos organizados das áreas: educação, trabalho e renda, direitos humanos, qualidade de vida e cultura, totalizando 25 representações titulares de composição do COMJUVE, conforme previsto na Lei 7.551/1998. Atualmente seu mandato é de dois anos” (Cf. Conselho Municipal de Juventude de Belo Horizonte. Disponível: <https://prefeitura.pbh.gov.br/smasac/conselhos/juventude>, consulta: 09/11/2023).

Eu, na verdade, tive sempre essa linha política. Eu sempre quis entender como que a economia funcionava, como que um país funciona agora, – e aí já vai pra outra discussão, que é uma discussão mais, mais técnica – o curso de economia, pelo menos o do IBMEC, era um curso muito centrado em mercado financeiro e em fórmulas matemáticas para poder tentar prever o crescimento econômico do ano que vem e o crescimento da inflação. (Pedro, entrevista 20/09/2023).

O repertório do sobrinho-neto demonstra um investimento e domínio prévio da linguagem do meio político, seja através do ambiente familiar, da circulação em espaços e diretórios acadêmicos e da formação superior em Administração Pública. No entanto, no começo de sua investida na disputa eleitoral, vislumbrando uma possível candidatura às eleições municipais de 2024, descreveu que a reação da tia-avó, em um primeiro momento, foi de tentar alertá-lo sobre as dificuldades desse campo: “Menino, [vo]cê não vai aguentar. Nem sei por que você quer entrar nisso. Eu acho que você não deveria entrar” (Pedro imitando a voz de Dilma). A ressalva de Dilma pode ter a ver com alguns fatores, como a preocupação com a violência política que sofreu durante a interrupção de seu mandato presidencial em 2016, que poderiam ser também herdados a contragolpe por Pedro. Ou então, a reprodução do alerta, durante a entrevista, é uma forma de demonstrar que, diferentemente da família Bolsonaro ou das tradicionais famílias da oligarquia mineira (Canêdo, 2011), ele não se beneficiaria de facilidades do capital social para se consolidar no jogo político – pois, se a herança familiar lhe é importante, isso não será o suficiente, por si só, para sua profissionalização na carreira política.

Em entrevista com Fernando Pimentel (21/02/2024), o ex-governador de Minas Gerais, ex-prefeito de BH e amigo próximo de Dilma disse que estaria auxiliando Pedro na construção de uma candidatura viável.

Pimentel: *Pedro Rousseff... Ele está animado que quer ser candidato a vereador. [...] Eu vou ajudar ele lá nas eleições de vereador. Coloquei um pessoal que eu tinha assim pra ficar com ele... vamos ver se ajuda. Acho que ele ganba.*
– *É importante essa animação... [interrompida]*
Pimentel: *É muito! Tá doido. É muito. O sobrenome pra alguma coisa vai ajudar, né? Para o bem ou para o mal...*

A frase “O sobrenome para alguma coisa vai ajudar” demonstra que Pedro, portador de um capital simbólico intrínseco ao nome, pode ser convertido em capital político. Ou seja, herdou certa reputação por meio do nome e isso lhe renderá, por si só, uma imagem distintiva frente aos demais adversários políticos. A fala de Pimentel evidencia que o sobrinho-neto já herdou, por meio do sobrenome, certo capital social ao obter reconhecimento da população à sua família, além do apoio de figuras consolidadas na política mineira, com carreira política consolidada nas urnas e dentro do próprio partido.

1.1.3.1 Pontos de encontro das carreiras profissionais

O capital cultural familiar pode e deve ser compreendido com base na objetivação de determinadas trajetórias familiares nas Letras, Economia, Medicina, Administração e, especialmente, no campo do Direito. É certo que o interesse pela política transcorreu gerações com Stefan (avô), Pedro (pai), Dilma e Pedro (sobrinho-neto), mas, ao analisar detalhadamente a profissionalização dos familiares, percebo que a formação jurídica também aparece como um eixo em comum.

Zahari Jornazhev (tio avô de Dilma), Pedro (pai), Igor (irmão), Carlos Araújo (ex-marido), Guilherme (sobrinho), Paula (filha) e Rafael Covolo (genro),⁴⁵ todos fizeram graduação em Direito – o que demonstra uma expertise familiar no campo jurídico que perpassa gerações.

Guilherme Rousseff Canaan,⁴⁶ filho de Zana Lúcia e sobrinho de Dilma, graduou-se em Direito pelo Centro Universitário (UDF) do Distrito Federal, Brasília, em 2006, e defendeu uma monografia sobre o princípio da insignificância como forma de exclusão da tipicidade penal. Já trabalhou como perito papiloscopista para a Polícia Civil do Distrito Federal e, desde 2012, é Procurador Geral do Estado do Espírito Santo. Seu galho na árvore genealógica é sempre esquecido ou ocultado, não aparecendo nem mesmo na biografia escrita por Amaral (2011) ou no perfil biográfico de Dilma de autoria de Carvalho (2010). Provavelmente, pelo fato de sua mãe ter falecido muito jovem, vítima de uma doença cardíaca durante a ditadura militar (enquanto sua irmã estava presa e o irmão morando entre os Estados Unidos e Canadá), pouco ou nada se fala sobre a trajetória do sobrinho, e, conforme observado, Guilherme possui uma formação coerente com grande parte da família, vide sua larga experiência no âmbito jurídico e no serviço público.

A filha única de Dilma, Paula, também é formada em Direito e trabalha como Procuradora do Ministério Público do Trabalho do Rio Grande do Sul (MPT-RS). Seu ingresso na vida tecno-burocrata se deu através de um concurso público realizado em 2003 para a Procuradoria Regional do Trabalho da 4ª Região.⁴⁷ Juntamente com seu marido, mantém o antigo e tradicional escritório do pai, Carlos Araújo, em Porto Alegre – agora, com o nome de Araújo e Covolo

⁴⁵ Covolo possui duas graduações pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). A primeira, foi em Administração (2001-2006), cujo trabalho de conclusão de curso intitula-se “Implicações dos Procedimentos Burocráticos no Atendimento e na Cultura Organizacional da Agência IAPI do INSS”; a segunda, foi logo em seguida em Ciências Jurídicas e Sociais (2007-2011) e teve como trabalho final o texto “A Responsabilidade Civil do Empregador nos Acidentes de Trabalho”. Os dados foram colhidos do Currículo Lattes da Plataforma Carlos Chagas e foram informados pelo próprio autor. A página de Rafael Covolo teve sua última atualização no dia 30/01/2015. Disponível: <http://lattes.cnpq.br/7764875451121471>, consulta: 25/09/2023.

⁴⁶ C.f.: <https://www.escavador.com/sobre/491563918/guilherme-rousseff-canaan>, consulta: 25/09/2023. Segundo Pedro Farah Rousseff, em uma conversa informal pelo Whatsapp no dia 25/09/2023, após a morte de Zana, Guilherme foi criado pela família paterna.

⁴⁷ Disponível: <https://www.prt4.mpt.mp.br/procuradorias?start=10>, consulta: 10/10/2023.

Advogados. O escritório de advocacia teve suas atividades iniciadas em 1945, com o avô paterno de Paula, Afrânio Araújo, que é reconhecido como um dos precursores do Direito Trabalhista na região Sul do Brasil. Posteriormente, Carlos, seguindo os passos do pai, consolidou-se também como um referente militante político e defensor dos direitos trabalhistas no Rio Grande do Sul (RS).

Paula Araújo e Rafael Covolo, casados desde 2008, formaram uma sociedade que desfruta desse capital social herdado da família, e Araújo e Covolo Advogados agora está a cargo da terceira geração, demonstrando que há uma continuidade familiar no âmbito jurídico. Portanto, afastando-se dos holofotes da política, Paula tem se dedicado ao serviço público através do MPT e à manutenção do escritório.

Essa transmissão geracional da profissão nas famílias ocorre, muitas vezes, com certa “naturalidade”, uma vez que os caminhos a serem trilhados já estão assentados no campo profissional (Bacal *et al.*, 2014). O nome e sobrenome (capital social) promovem condições e símbolos distintivos que podem servir como credenciais para abrir portas e oportunidades, fazendo com que ocorra a repetição da carreira de membros familiares já consolidados, pois se trata de “uma via de sucesso facilitada pelo que o grupo familiar já construiu e até mesmo pela referência que a família e o sobrenome são em determinada área profissional” (*Ibid.*, p. 456).

1.1.3.2 Patrimônio e investimento cultural

Tenho ciúmes e todos os maus sentimentos com meus livros.
–Dilma (Marie Claire, 30/06/2016).

A construção dessa genealogia profissional não ocorre de uma hora para outra, pode levar três, quatro gerações ou mais. Pedro Rouseff obteve incentivo do tio para seguir os seus passos na advocacia; já Igor, seguiu os passos do pai e do tio; Guilherme e Paula seguiram os passos do avô (e do pai, no caso de Paula); Pedro Farah segue hoje os passos da tia-avó. Esses interesses aparecem de modo quase que orgânico pela intensa socialização familiar da trajetória profissional, expressa no *habitus* dos agentes. Essa organicidade, “naturalidade”, deve ser entendida como:

Uma maneira de ser e um tipo particular de condições materiais de existência, mais precisamente, uma disposição distinta e as condições de existência das quais ela é o produto e que, por seu intermédio, são continuamente lembradas: [...] como coincidência realizada do ser e do dever-ser, que fundamenta e autoriza todas as formas íntimas ou exteriorizadas da confiança em si, segurança, desenvoltura, aparência

agradável, facilidade, flexibilidade, liberdade, elegância ou, em uma palavra, naturalidade. (Bourdieu, 1998, p. 110).⁴⁸

A família Silva Rousseff demonstra que havia um investimento assíduo dos pais no capital cultural dos descendentes. Dilma estampa características atribuídas às famílias de classe média, que teriam como uma de suas estratégias, por parte dos pais, o investimento robusto na educação dos filhos em busca de mais sucesso na hierarquia social e na vida profissional das próximas gerações (Bourdieu; Passeron, 2012). Nesse sentido, seu pai, que possuía enorme afinidade com o campo das artes, é sempre descrito como um grande incentivador para que ela e os irmãos prosseguissem nos estudos e se dedicassem à formação intelectual (Amaral, 2011). Seu interesse também era expresso na relação com a poetisa Elisaveta Bagriana,⁴⁹ um dos principais nomes da literatura do país – e que, posteriormente, mesmo após a morte de Pedro, visitou algumas vezes a família no Brasil (*Ibid.*, *op. cit.*; Carvalho, 2009).

O pai era uma referência muito forte pra ela. O pai já tinha morrido, o pai dela morreu quando ela tinha 15 anos, eu não o conheci, mas eu sabia da referência. O pai era um sujeito intelectual assim, um cara muito culto, empreendedor, era empreiteiro, mas era bulgaro, né? E tinha vindo meio que... Não vamos falar que foi exilado, mas ele saiu da Bulgária muito jovem, quando, no início da segunda Guerra Mundial... pré-segunda Guerra Mundial. Aí foi pra... viveu na França, de alguma forma ele se envolveu com a resistência ao nazismo. E logo depois da Guerra, ele veio para o Brasil. Primeiro ele foi pra Argentina, depois ele veio para o Brasil.

Casou-se com uma jovem de Uberaba, a dona Dilma Jana. Que era muito bonita, era uma mulher muito bonita, e aí teve filhos e tal, e era um empresário bem sucedido, mas ele tinha uma biblioteca vasta. Eu lembro da biblioteca na casa dela, então acho que teve uma influência muito grande na Dilma essa figura do pai, entender? E o pai certamente tinha tendências marxistas, digamos assim... Não sei se eram marxistas, mas enfim, lia. (Pimentel, entrevista 21/02/2024).

A descrição de Pimentel reforça o argumento de que o pai foi uma figura central para o desenvolvimento político-militante e intelectual de Dilma. O fato de ter sido bem-sucedido profissionalmente em Belo Horizonte também possibilitou o acesso familiar a uma “biblioteca vasta”, colégios particulares e o investimento em práticas culturais distintas para os filhos. Tanto que possuíam um piano em casa para a prática e, desde pequenos, tinham aulas de francês com

⁴⁸ Tradução livre assim como as demais passagens que originalmente constavam em outro idioma.

⁴⁹ Os dois se conheceram em Paris, em 1930, e mantiveram a amizade mesmo com a vinda de Rousseff ao Brasil. No poema “Whiskey with Ice and Tears” do livro *Brazilian Cycle (1960-1963)*, a poetisa descreve um encontro com Pedro, abordando seu búlgaro enferrujado, como a mãe lidava com a distância (e as raras correspondências trocadas com o filho) e a família brasileira que ele estava construindo em longínquas terras ao lado de Dilma Jane. Cf. “Poems for Brazil: Dilma Rousseff’s Father and Bulgaria’s Greatest Poetess between Friendship and Love?”, *In: Novinite Insider* (17/01/2011).

Disponível: <https://www.novinite.com/articles/124256/Poems+for+Brazil%3A+Dilma+Rousseff%27s+Father+and+Bulgaria%27s+Greatest+Poetess+between+Friendship+and+Love%3F>, consulta: 04/10/2023.

uma professora particular, chamada madame Vincent, que os visitava semanalmente (Amaral, 2011).

A casa [da rua Major Lopes, no bairro São Pedro em BH] era cuidada por três empregados e sempre tinha um carro na garagem. Como todas as pessoas que ansiavam por reconhecimento social, os Rousseff exibiam um piano na sala e as três crianças (Dilma, Igor e Zana) eram obrigadas a estudar música, muito embora nenhuma delas demonstrasse muita vocação para isso. (IstoÉ, 01/11/2020).

“O Igor era um furacão e a Dilma estava sempre estudando, com algum livro debaixo do braço’, diz Natércia Pereira Leite (últimas vizinhas que tiveram contato próximo com a família Rousseff a viver no mesmo lugar)” (IstoÉ, 01/11/2020). A predileção de Dilma pela literatura, por exemplo, pode ser explicada pela transmissão familiar via socialização no espaço doméstico, por meio da mãe, dona de casa, que já tinha atuado como professora primária e estimulava a aprendizagem dos filhos, e por meio do pai, conhecido por frequentar rodas de poetas e literatos e ter uma frequente circulação no campo artístico búlgaro e francês (Amaral, 2011).

“Dilminha sempre estava com algum livro’, disse Igor [o irmão]” (Carvalho, *op. cit.*, p. 121), e aos 12 anos já teria lido o livro *Germinal*, de Émile Zola, um clássico da literatura francesa. Igor, Dilma e Zana, incentivados a desenvolverem o gosto pela leitura, eram sempre presenteados com obras completas de autores como Monteiro Lobato, Jorge Amado, filósofos gregos etc. (Cf. GZH Geral, 17/11/2012).

A ex-presidente Dilma Rousseff tem fama de leitora contumaz. Fama que tem amparo na realidade, dizem assessores, e que se estende à vida privada distante de cargos públicos. Desde a adolescência, época em que era incentivada pelo pai a fazer leituras periódicas, até o auge do desgaste político, quando sofreu um processo de impeachment, a petista sempre estava acompanhada de livros. (Borges *et al.*, 2018, s/p).

O capital intelectual adquirido em aulas particulares e nos cursos do colégio foi importante para a aquisição de competências que, mais tarde, seriam convertidas no desenvolvimento do exercício da política. Logo após sua eleição, Dilma concedeu uma entrevista ao Fantástico (TV Globo) e afirmou que seu lugar predileto no Palácio da Alvorada era a biblioteca e que gostava de conviver com os livros. Essa formação com gostos distintos reverberou nas incorporações de traços de classe, caracterizando-a por uma sensibilidade às artes plásticas, literatura clássica, com um especial carinho a Machado de Assis, Clarice Lispector e Marcel Proust, psicanálise (“O que li de Freud não está no gabi. Aliás, outro dia mostrei minha coleção de livros. Gosto ainda mais deles do que de filmes”) (Dilma, Marie Claire, 30/06/2016). Dilma também não esconde seu apreço, que vem desde a infância, por óperas – especialmente, *Tristan und Isolde*, de Wagner –, músicas clássicas,

eruditas, Jovem Guarda e MPB – Chico Buarque, Paulinho Viola⁵⁰ e Francis Himes (O Globo, 01/11/2010).

Fotografia 1- Dilma jovem lendo jornal



Reprodução: Página do perfil de Facebook Jornalistas Livres (14/12/2017).

Durante a pandemia, em maio de 2020, Dilma afirmou, em uma *live* com Manuela D’Ávila, que todos os dias assistia a alguma Ópera da Metropolitan de Nova York pelo site Met Opera, e disse ainda que já havia gastado muito dinheiro frequentando óperas. Além do gosto pela leitura de livros a jornais e de pedalar todo dia pela manhã, seus hobbies incluem assistir séries, como as de época da BBC (El País, 26/10/2014) e filmes: “*Gostei de Downton Abbey, acho a House of Cards americana chatérrima. Gosto de Doc Martin e The Midwife, sobre enfermeiras. Vi um filme de que gostei muito, Os Filhos da Meia-noite. Assista*” (Dilma, Marie Claire, 30/06/2016); seus prediletos são “*Mimi, o metalúrgico*’ (da diretora italiana Lina Wertmüller) e *2001 - Uma odisseia no espaço*’ (de Stanley Kubrick)”(O Globo, 01/11/2010b).

⁵⁰ A canção *Para um amor no Recife*, de Paulinho da Viola, marcou os dias de Dilma na prisão. Maria Cristina Uslendi contou ao biógrafo Ricardo Batista Amaral (2011) que, quando retornava das sessões de tortura, Dilma sempre a acolhia e pedia que prestasse atenção na letra dessa música.

“Ela gosta muito de ler, ouvir música, ver novela” (Carlos, O Globo, 29/12/2011). Entre pintores/as e artistas plásticos/as que estão na lista de favoritos, encontram-se Caravaggio,⁵¹ Diego Velázquez, Doménikos Theotokópoulos (El Greco), Frans Hals, Henri Matisse, Hieronymus Bosch, Iberê Camargo, Katsushika Hokusai, Luca della Robbia, Lucas Cranach, Pierre-Auguste Renoir, Remedios Varo,⁵² entre outros, demonstrando pleno domínio para falar sobre o assunto. O historiador James Green, em entrevista, abordou a apreciação de Dilma ao campo artístico: “Dilma o surpreendeu, afirma, quando demonstrou que conhecia melhor do que ele próprio os artistas do movimento impressionista que teve lugar na França a partir do século 19” (GZH Política, 18/08/2017). Esse perfil foi relatado de forma similar por Olga Curado, professora que a auxiliou com aulas de oratória durante a campanha de 2010, em entrevista para esta tese.

Ela gosta de arte, se interessa muito por literatura, se interessa muito por pintura, principalmente os russos e a literatura russa e cultura russa, e tal. E isso parece pouco na descrição da personalidade dela. E ela tem muita curiosidade artística, tem uma sensibilidade grande para a pintura e gosta muito. (Curado, entrevista 03/03/2023).

Em 1972, em Porto Alegre, além de retornar à academia ao reingressar na universidade, fez um curso de dramaturgia com Ivo Bender, juntamente com sua colega Vera Stringuini – o que demonstra seu entusiasmo pela literatura e escrita (Amaral, 2011).

As duas [Dilma e Vera] aprenderam a dirigir na mesma época e tinham um gosto literário semelhante. “Tivemos a fase Saramago, a fase de ficção científica, principalmente Ray Bradbury, e a fase da tragédia grega”, disse. As duas foram alunas de um curso do dramaturgo gaúcho Ivo Bender. Durou um ano, com aulas semanais no auditório da FEE. Estudaram peças de Ésquilo, Eurípedes e Sófocles. “Às vezes, chorávamos de emoção durante as aulas”, contou (Carvalho, 2009, s/p).

Além de tudo isso, no final da década de 1960, ainda em BH, Dilma, muito inspirada pelo Cinema Novo de Glauber Rocha e os filmes da vanguarda francesa – junto com outros integrantes da Polop (*ver capítulo 2*), como Cláudio Galeno, Guido Rocha, Eid Ribeiro e José Aníbal Peres de Pontes –, aventurou-se na produção de cinema (Amaral, *op. cit.*). O grupo era motivado pelo Centro de Estudos Cinematográficos (CEC), onde eram exibidos filmes independentes e *cults* na época, foi também um epicentro de encontros da classe intelectual e artística na cidade, o que lhe rendeu encontros com Milton Nascimento e Márcio Borges (Marcinho Godard, apelido dado por Dilma).

⁵¹ Em 2012, na abertura da exposição do Caravaggio, no Palácio do Planalto, Dilma lamentou-se pela obra *Amorino dormiente* (1608), segundo ela, sua predileta, não ter sido selecionada pela curadoria (G1, 05/10/2012).

⁵² Ao Fantástico (10/10/2011), Dilma afirmou que sua obra predileta da pintora espanhola é o quadro *Naturaleza Muerta Resucitando* (1963).

O único filme produzido por eles não foi exibido, e a carreira na dramaturgia também não teve muitos desdobramentos em produções teatrais – o que não resulta em fracasso, uma vez que a luta política via militância requeria uma dedicação mais exclusiva. Já a parte das artes plásticas, em entrevista, Dilma expressou: “*Só tenho uma tristeza na vida: não tenho o menor talento. Já tentei pintar, mas talento você tem ou não. E eu não tenho*” (Carvalho, 2009, s/p).

1.2 Onde tudo começou: Belo Horizonte (1940-1950)

Fundada em dezembro de 1897, a nova capital mineira simbolizou um futuro próspero para o estado, visando, sobretudo, um planejamento focado em saneamento e higienização.⁵³ Belo Horizonte era vista como um “local privilegiado para a irradiação da modernização agrária para o estado” (Carvalhais Júnior, 2013, p. 399).

Santos e Plácido (2012) descrevem que o presidente do estado, Dr. Jacques Crispim Bias Fortes, juntamente com os constituintes estaduais, “decretou e promulgou a Lei número 3, de 17 de dezembro de 1893, aprovando a mudança da capital para um local mais conveniente” (*Ibid.*, p. 18-19). Assim, sob a presidência de Afonso Pena, Ouro Preto deixou de ser a capital de Minas Gerais para dar lugar à Cidade de Minas Gerais – que em 1901 passou a se chamar Belo Horizonte –, cujo projeto foi planejado por engenheiros e arquitetos para ser composto por três zonas: central e urbana (dentro do perímetro da Avenida do Contorno), suburbana (fora deste traçado) e rural (destinadas ao cultivo de produtos hortifrutigranjeiros). Essa estruturação teve como inspiração Paris (França) e Washington (EUA), duas cidades-chave no ideário republicano.

Na década de 1940 e 1950, durante a infância de Dilma, a cidade belo-horizontina passou por um vertiginoso crescimento industrial acompanhado também por mudanças na reorganização do perímetro urbano. Com a ocupação da região central, houve um deslocamento dos moradores para bairros periféricos e a construção de prédios cada vez mais verticais, ultrapassando, inclusive, dez pavimentos, para acomodar a intensificação populacional.⁵⁴ Segundo Lisboa (2015), “com o êxodo rural, a população da cidade, que em 1940 era de 211.377 mil habitantes, passou para 352.724 em 1950, alcançando em 1960 o número de 693.328, com um crescimento ao longo desta década de 7% ao ano” (*Ibid.*, p. 4).

⁵³ Segundo Carvalhais Júnior (2013), “a instalação dos serviços básicos de infraestrutura nos novos bairros e vilas – redes de esgoto, água encanada e energia elétrica, principalmente – foi insuficiente para o pleno atendimento da população” (*Ibid.*, p. 348).

⁵⁴ Cf. Os anos 1940: uma moderna metrópole no Horizonte. Disponível: <http://curraldelrei.blogspot.com/2010/11/os-anos-1940-uma-moderna-metropole-no.html>, consulta: 22/07/2023.

Nos primeiros anos em Belo Horizonte, a família Rousseff residia em uma casa localizada na rua Major Lopes, 469, no bairro São Pedro. O imóvel era amplo, tinha um pomar no quintal e até uma pequena piscina (Amaral, 2011). O bairro faz parte de uma área nobre, tranquila, predominantemente residencial e compunha parte da 2ª seção suburbana,⁵⁵ que começou a ser loteada no início da década de 1920 com a consolidação da estrutura Comissão Construtora da Nova Capital (CCNC) em 1895. Somente a partir de 1936, com a união das vilas Maria Ana e Mendonça, passou a se chamar São Pedro (APCBH, 2008). Na proximidade, estão os demais bairros: Anchieta, Carmo, Cruzeiro, Mangabeiras, Parque das Mangabeiras e Sion, todos no entorno do vale Córrego Gentio.

Com a intensa expansão urbana, foi necessária a criação de cidades industriais, Betim e Contagem, próximas à capital, que comportassem o crescimento em curso. Trad (2009) destaca que, no período, também foi criada a Companhia Energética de Minas Gerais (CEMIG) para superação da precariedade de oferta de energia elétrica que, no momento, apresentava-se como um entrave para o crescimento de Belo Horizonte como polo econômico.

Nesse sentido, uma cidade agora [década de 1940] considerada ilógica e ultrapassada só poderia ser habitada por um povo que admirava algo considerado, também, antiquado, como as estradas de ferro, das quais a capital era, por sinal, muito bem servida. Um povo que se contentava com o macadame e as pedras pé-de-moleque dos pisos das ruas e avenidas – como os 351 curralenses que se misturavam à poeira das vielas – e não compreendia que o futuro pertencia ao automóvel e ao asfalto. (*Ibid.*, p. 350-1).

Como apontam os resultados da pesquisa de Carvalhais Júnior (2013), com Juscelino Kubitschek, do Partido Social Democrático (PSD), à frente do Executivo municipal, a década de 1940 foi marcada por uma BH que precisava transformar-se para comportar os automóveis e a chegada do processo de modernização. Para isso, o prefeito implementou diversos planos de reforma urbana, como canalização de córregos, desenvolvimento de obras arquitetônicas (o complexo arquitetônico da Pampulha, em 1943, concretizado por Oscar Niemeyer – um dos maiores expoentes da arquitetura moderna brasileira), além da criação de rodovias e ruas asfaltadas como forma de romper com a cidade rural e transformá-la em metrópole.

Entre as construções realizadas, chamo atenção em especial para o conjunto da Pampulha, composto pela Igreja de São Francisco de Assis, o Cassino (hoje Museu de Arte da Pampulha), a Casa do Baile (Centro de Referência em Urbanismo, Arquitetura e Design de Belo Horizonte) e o Iate Golfe Clube (Iate Tênis Clube), que conta com painéis do artista plástico brasileiro de grande reconhecimento, Cândido Portinari, e jardins do paisagista Burle Marx, tombado pelo Instituto

⁵⁵ A seção suburbana era, sobretudo, destinada às famílias de classes média e alta, cuja inspiração era o modelo de urbanização dos subúrbios estadunidenses com baixa densidade e exclusivo para residências.

do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) como patrimônio cultural.⁵⁶ Na época de inauguração, “foi claramente utilizado numa operação política e propagandística de uma administração municipal que insistia na busca por uma modernidade, tão idealizada quanto distante, para a capital de Minas Gerais” (Carvalhais Júnior, 2013, p. 391).

Belo Horizonte tornou-se então, naquele momento, uma expressão da modernização da arquitetura (Lisboa; Gouvea, 2016), e mais, expressão e representação dos valores de seu prefeito – que se colocava no lugar da vanguarda e se lançava como um nome presidenciável.⁵⁷ O espaço urbano da nova capital revelava – no estilo dos principais edifícios, locados em pontos estratégicos das vias mais largas – o Estado como grande referência espacial.

Na década seguinte, sob gestão de Américo René Giannetti, da União Democrática Nacional (UDN), de 1951 a 1954, houve a elaboração de um Plano Diretor para BH, de modo a ordenar o crescimento urbano, o que verticalizou ainda mais a cidade, continuando a gestão de JK (Lisboa; Gouvea, 2016). Nesse período, a maior fabricante de tubos de aço a nível mundial, a Companhia Siderúrgica Mannesmann,⁵⁸ instalou-se na região industrial e construiu a siderúrgica do Barreiro (Amaral, 2011). Segundo Carvalho (2010), Pedro Rousseff foi um dos contratados (por indicação de um amigo) para trabalhar na multinacional como empreiteiro de obra e, com isso, seus negócios se estabilizaram e ele passou a investir em imóveis – o que certamente propiciou uma escalada social à família.⁵⁹

Vale destacar também que, para acompanhar o processo de modernização em desenvolvimento, BH passou por um movimento de reforma educacional que visava mudanças nos currículos educacionais, horários escolares, estruturas administrativas e formação de professores a fim de equipar os residentes, incluindo os mais jovens ao ambiente urbano. Simultaneamente, esforços foram feitos para construir instalações educacionais adequadas ao funcionamento das escolas.

⁵⁶ O Conjunto Moderno da Pampulha recebeu o título de Patrimônio Mundial durante a 40ª Reunião do Comitê do Patrimônio Mundial em julho de 2016. Disponível: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/820>, consulta: 27/06/2023.

⁵⁷ O discurso eleitoral usado por JK em 1955 foi de “50 anos em 5”, visando mudar a capital do país do Rio de Janeiro para Brasília e expandir a mesma vanguarda modernista de Minas Gerais para o Brasil. Seu mandato como chefe do executivo nacional foi de 1956 a 1961.

⁵⁸ A pedra fundamental foi lançada em maio de 1952, mas as atividades tiveram início em 12 de agosto de 1954 (Hoje em dia, 21/10/2016).

⁵⁹ Outra versão da história, contada pelo jornal Valor Econômico (16/12/2010, Política, p. A8), é que o pai de Dilma teria sido contratado como advogado da multinacional. C.f.: https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/463430/complemento_1.htm?sequence=2, consulta: 06/04/2023.

1.3 “Conhece o dever e cumpre-o”

Sempre me perguntam, se quando eu era pequena, se eu queria ser Presidente. [...] Eu queria ser bailarina, depois eu quis ser do corpo de bombeiro, porque criança quer ser aquilo que ela acha mais bonito, aquilo que mais admira. E hoje as meninas podem ser Presidentas. E é isso que eu acho que significa a minha condição de presidente. (Dilma, 15/03/2011).

Na infância, Dilma cursou a educação básica fundamental no Colégio Metodista Isabela Hendrix, cuja sede era na rua da Bahia, no bairro Lourdes. O colégio era destinado apenas a estudantes mulheres e o lema era “conhece o dever e cumpre-o”. Em geral, as estudantes vinham de famílias com certo prestígio, de classe média e alta, com pais “médicos, advogados, políticos, negociantes e fazendeiros, as quais se preparavam para serem professoras e líderes, servindo à pátria e à Igreja” (Oliveira, 2010, p. 45).⁶⁰

O Izabela Hendrix estava ligado ao ensino secular, por meio de um ideário metodista, e foi fundado em 05 de outubro de 1904 por Martha Watts. A proposta educacional era considerada “inovadora e humanizante para a época e a clientela a que se dedicaram, mulheres (meninas e moças) de classe média e média alta” (Santos; Plácido, 2012, p. 34). A instituição era parte de um projeto desenvolvido por missionárias metodistas do sul dos Estados Unidos que previa não somente a criação, mas também a direção de escolas que seriam, futuramente, consideradas pioneiras. Tinham como finalidade, “criar uma escola para mulheres brasileiras, com recursos de mulheres americanas” (Trad, 2009, p. 56).

A Woman's Missionary Society da Igreja Metodista no Sul acreditava que as mulheres deviam ser responsáveis pela educação e pela assistência social das mulheres nos países onde a Igreja Metodista norte-americana instalasse uma missão religiosa. [...] As Sociedades de Mulheres Metodistas Americanas arrecadavam recursos financeiros e destinavam verbas para o trabalho missionário no Brasil, com indicativos bem específicos de que esses recursos fossem aplicados na formação de mulheres. (Oliveira, 2010, p. 45).

Na época da inscrição de Dilma ao ensino primário, além do Izabela Hendrix, havia também outra escola tradicional, confessional e não católica, que era o Colégio Batista Mineiro (1918), instituição de origem cristã de orientação batista, criado por missionários estadunidenses e entregue à Convenção Batista Mineira para mantê-lo e administrá-lo.

No cenário sociopolítico do início dos anos 1900, existia uma presença latente de sentimentos republicanos, coincidindo com uma transformação significativa na esfera social.

⁶⁰ Lúcia Oliveira (2010) destaca que, “mesmo tendo iniciado suas atividades com o propósito de atender as filhas das famílias de fazendeiros republicanos, considerados a elite da sociedade mineira, há o princípio de bolsas que favorece alunas que não tinham as mesmas condições financeiras das mais favorecidas” (*Ibid.*, p. 48), o que propiciou um ambiente um pouco mais diverso em temas de estratos sociais no cotidiano escolar.

Parafraseando Santos e Plácido (2012), como resultado, escolas particulares administradas por americanos/as que professavam a fé protestante, positivistas e cientistas surgiram como exemplos, de acordo com os republicanos, apesar de sua natureza inerentemente confessional, devido à oferta de uma forma secular de educação. O objetivo era a formação dos filhos e filhas das elites políticas e de fazendeiros republicanos que se opusessem ao modelo católico e tradicional (na época) de educação. Para isso, houve grande incentivo ao desenvolvimento de um ensino leigo, neutro, apartidário, por meio de liceus científicos e escolas profissionais, na tentativa de propiciar aos estudantes hábitos morais de base racional e científica e convicções dos ideais norte-americanos/liberais de democracia e liberdade (Oliveira, 2010).

Neste caso, o Izabela Hendrix veio contribuir com o processo de republicanização não somente de Minas Gerais, mas, sobretudo, de Belo Horizonte, favorecendo o desenvolvimento de um projeto de difusão de uma pedagogia considerada moderna e liberal – ou seja, uma forma de ensino que convergia com os anseios republicanos. A escolha da cidade para a instalação do colégio em BH ocorreu após uma visita das missionárias, em 1891, e teve como um dos eixos primordiais o fato de que as demais escolas metodistas, “que já funcionavam em São Paulo e Rio de Janeiro tinham boa aceitação e receberam apoio moral, político e financeiro de políticos como Manoel [de] Barros e Prudente de Moraes” (*Ibid.*, p. 46).

Na época da fundação da bella capital mineira, **o seu conselho municipal, querendo apressar o desenvolvimento da cidade, ofereceu condições vantajosas a qualquer sociedade benemerita, que quizesse estabelecer residência ou sede na nova cidade.** Como sociedade beneficente, entrou a nossa igreja, aceitando, entre outros compromissos, o de construir um collegio – internato e externato – dentro do prazo de dez annos. Para este fim recebeu da intendência da capital mineira excellente terreno em ponto esplendido. [...] Juntamente nesta occasião a Junta votou a quantia de 15.000 dollares para estabelecer uma escola no estrangeiro, em honra de Mrs. Izabella Hendrix, veneranda mãe do Bispo Hendrix. [...] Miss M.H. Watts [...] foi nomeada para estabelecer a nova escola e seguiu para Bello Horizonte em setembro de 1904. (Kennedy, 1927, p. 351-353; *grifos meus*).

A estrutura de ensino era organizada com cursos de instrução, incluindo a educação primária, curso de admissão ao ginásio e curso ginásial – que, por sinal, foi o pioneiro no país a ter a disciplina Educação Física. Desde sua fundação, o colégio manteve o curso de Jardim de Infância e “em novembro de 1947 teve o Pré-Escolar registrado na Secretaria da Educação. A instituição foi reconhecida oficialmente por meio do Decreto nº 1.701, de 31 de agosto de 1936 e, no ano de 1939, o Curso Primário obteve registro na Secretaria Estadual de Educação de Minas Gerais” (*Ibid.*, p. 49).

O primário seguia os parâmetros oficiais do Estado, e a grade curricular no período de formação de Dilma era composta pelas seguintes disciplinas: “português, francês, inglês, alemão, latim, história da civilização, geografia, matemática, ciência físicas e naturais, física, química,

história natural, desenho” (Santos; Plácido, 2012, p. 31). A formação também passava por um crivo fundamental à socialização feminina no período:

Julgando parte essencial desta o conhecimento das tarefas domésticas, a disciplina do internato está arranjada de modo que cada menina tenha sua vez de servir à mesa; de varrer e espanar seu dormitório; arrumar sua cama e cuidar da sua roupa, inclusive o conserto desta. **O serviço é leve, mas o valor educativo é grande, incutindo o hábito de trabalho e preparando a menina para ser uma boa dona de casa.** Nenhuma aluna será dispensada desta parte da vida no Internato (Peixoto; Soares, 2004, p. 25; *grifos meus*).

Essa formação das alunas, segundo uma *ética do cuidado*, serviria para o desenvolvimento de aptidões relacionadas ao feminino, como a responsabilidade do cuidado (de si mesma e dos outros), e que implicaria no que Carol Gilligan (1982) descreve como desenvolvimento moral diferente entre homens e mulheres. Deste modo, as mulheres, mas não somente elas, constroem “um mundo arquitetado com os pressupostos da bondade feminina” (*Ibid.*, p. 90) – sustentado na possibilidade de autossacrifício na elaboração do domínio moral das mulheres. Gilligan trabalha essencialmente com uma perspectiva que fornece-nos pistas de como o desenvolvimento moral das mulheres e dos homens passa por uma estrutura mental distinta – resultado de uma socialização generificada na cultura ocidental, em que as mulheres são historicamente relacionadas com atividades domésticas, do cuidado de idosos e crianças, responsáveis pelo preparo da comida, pela costura de roupas, pela limpeza da casa e por trabalhos manuais sem (ou quase nulo) prestígio e reconhecimento financeiro.

A ordem social funciona como uma imensa máquina simbólica que tende a ratificar a dominação masculina sobre a qual se alicerça: é a divisão [sexual e] social do trabalho, distribuição bastante estrita das atividades atribuídas a cada um dos dois sexos, de seu local, seu momento, seus instrumentos; é a estrutura do espaço, opondo o lugar de assembleia ou de mercado, reservado aos homens, e a casa, reservada às mulheres (Bourdieu, 2002, p. 18).

Apesar do forte investimento familiar no desenvolvimento do capital cultural de Dilma, ela também teve contato com essa educação baseada em uma divisão sexual do trabalho, pois, no Izabela Hendrix e, posteriormente, no Sion, havia uma demanda institucional para as alunas de aquisição de um repertório educacional feminilizado: a forma de se portar e se apresentar (*béxus corpora*), aulas de etiqueta, cuidado com a estética e demais técnicas corporais.

Segundo a tradição ocidental baseada em valores sexistas, as práticas femininas ou os trejeitos feminilizados são incentivados desde a primeira educação (Bourdieu, 2006) e estão relacionados ao artesanal, ao doméstico e ao estético. Por outro lado, “os valores viris são os valores da experimentação, do risco, da ruptura com o lar” (Despentes, 2016, p. 21). Dentro de uma sociedade em que os valores masculinos prevalecem, cada aspecto se presta a promover um comportamento agressivo, rude e não refinado. Bourdieu (2014) ao analisar os camponeses de

Béarn, descreveu que um homem que, naquele contexto, prestasse muita atenção ao seu traje e aparência (*tenue*) era considerado afeminado. Tanto que, ao ser descrito assim, com traços femininos, seria ridicularizado, pois havia um status de inferioridade socialmente intrínseco ao fato de “ser mulher” – resultante da estrutura de dominação masculina e da sociedade androcêntrica. Em nosso contexto atual, podemos entender que há uma certa mudança de perspectiva em relação aos tipos de códigos entendidos como masculino e feminino, em razão do avanço nos debates públicos sobre misoginia, sexismo e identidade de gênero. Contudo, ainda é um senso comum da masculinidade hegemônica, que os homens que se enquadrem dentro da cisheteronormatividade rejeitem expressões da sensibilidade e quaisquer sinais de vulnerabilidade em detrimento de um comportamento supostamente mais assertivo, para se tornarem compatíveis com as expectativas sociais do que é ser “homem”.

O Izabela Hendrix, por exemplo, foi conhecido por ter sido o primeiro colégio a ter educação física no curso ginásial, pois, segundo a instituição, seria fundamental para um aprimoramento do desenvolvimento físico, moral e intelectual das estudantes através da prática esportiva em seu cotidiano (Oliveira, 2010). Segundo o relato de Marisa Andrade Chaves, companheira de classe de Dilma no pré-primário, dos 4 aos 6 anos de idade, elas levavam uma infância comum: “*Brincávamos de rainha e princesa, subíamos nas árvores, jogávamos bola no pátio*” (IstoÉ, 01/11/2010). Entre as atividades, tinham aulas convencionais de estudo de música, de inglês e francês, eram também obrigadas a decorar o Hino Nacional e, uma vez por semana, ouviam histórias bíblicas.

Em 1955, aos sete anos de idade, Dilma foi transferida do Metodista para o Colégio Sion, cuja cultura escolar era bem diferente da que estava acostumada.

1.4 Sion e a cultura escolar católica de tradição francesa

Com o passar do tempo, o crescimento dos filhos e o incremento no padrão familiar, os Rousseff deram preconceitos e foram plenamente aceitos. Ficaram sócios dos clubes mais tradicionais, e Igor e Dilma entraram nas melhores escolas – ela no Colégio Sion, de freiras, particular, e depois no Estadual Central, público e renomado. (Carvalho, 2010, p. 120-121).

O Colégio Nossa Senhora de Sion,⁶¹ escola católica, originada em Paris, era particular e exclusivamente de meninas, conhecido, inclusive, como um dos principais redutos da elite econômica da capital mineira. A pouco mais de um quilômetro de distância do Sion, estava localizado outro colégio que também era um dos mais procurados por famílias abastadas da cidade: o Colégio Zilah Frota, no bairro Mangabeiras. Foi neste espaço que Aécio Neves, conterrâneo de Dilma e seu opositor nas eleições presidenciais de 2014, completou sua formação escolar.

A congregação de Sion fundou seis estabelecimentos desde sua instalação em terras brasileiras: Petrópolis (1889) e Rio de Janeiro (1908), no Estado do Rio de Janeiro; São Paulo (1901), no Estado de São Paulo; Campanha (1904) e Belo Horizonte (1944), no Estado de Minas Gerais; Curitiba (1906), no Estado do Paraná. [...] Belo Horizonte fechou as portas em 1961, Campanha em 1965 e Petrópolis em 1970. Existiu também um sétimo colégio de duração efêmera, em Juiz de Fora, de 1897 a 1901 (Brito, 2011, p. 16).

Recém-saída de uma instituição de ensino metodista, Dilma agora se via inserida em uma dinâmica diferente, orientada por uma cultura escolar católica de tradição francesa, composta por um “conjunto de regras e regulamentos disciplinares inspirado nas formas de socialização das *Demoiselles* francesas no século XVIII” (*Ibid.*, p. 14).

As candidatas ao Sion eram submetidas a um processo seletivo prévio, valorizando, principalmente, aquelas que faziam parte de uma linhagem materna de *enfants de Sion* – ou seja, de filhas de mães que frequentaram o colégio. Esses processos, destaca Brito (2008, p. 94), “reforçam a homogeneidade do recrutamento, basicamente feito dentro de uma clientela de classe média alta, de origem agrária ou urbana”, cujo eixo central está na transmissão de certa distinção via identidade social específica e prestígio entre aquelas que pertence(ia)m ao colégio.

Para a manutenção dessa identidade, “os primeiros rituais [...] enfatizam justamente os aspectos de reconhecimento social: o uniforme, as insígnias, as festas de classe, as assembleias” (*Ibid.*, p. 106). O uniforme das alunas era composto por uma saia azul-marinho na altura dos joelhos, com suspensório e camisa branca com botões de madrepérola (Cf. Azevedo, 18/06/2010). Bourdieu (2006) destaca que “as mulheres são preparadas, por toda sua formação cultural, para estar atentas aos detalhes exteriores da pessoa [...]. Elas têm, como que de maneira estatutária, o monopólio do juízo de gosto. Essa atitude é encorajada e favorecida por todo o sistema cultural” (*Ibid.*, p. 88).

⁶¹ “A congregação de Notre Dame de Sion, fundada em 1843 na França por Théodore e Alphonse-Marie Ratisbonne e aprovada pelo Papa Pio IX em 15 de janeiro de 1874, não tem como carisma o ensino e sim a conversão do povo judeu – o que faz dela na atualidade uma das congregações mais ligadas ao espírito do ecumenismo. O colégio parisiense, primeiro estabelecimento da congregação, foi fundado em 1853, seguido de Sion-Grandbourg (em Évry, Essones), fundado em 1867” (Brito, 2011, p. 15).

Além da apresentação física (uniforme, penteado, estética) e de determinada *héxis* corporal, a dinâmica interna do Sion também valorizava em suas alunas (*enfants*) aspectos psicológicos –como enfrentar eventuais problemas com posição de serenidade e domínio sobre os instintos, por exemplo, as emoções e o choro. A objetivação deste perfil específico do grupo escolar contribuiu para a formação de um grupo dotado de uma identidade social específica (Brito, 2011).

Em entrevista, Sandra Borges da Costa, amiga de infância de Dilma, afirmou que, no período, “*ela sempre foi muito discreta, contida, meio tímida. Não era de ficar dando gargalhadas ou de falar muito*” (Azevedo, 18/06/2010). A personalidade de Dilma reunia virtudes apreciadas pelo Sion e demonstra a incorporação do *habitus* conferido ao que Angela Brito (2008, 2011, 2014) denomina de *enfant* de Sion, que acompanha as alunas do Colégio “até o fim da vida, contribuindo a assentar seu capital social, fazendo com que sejam reconhecidas em sociedade [...] e se reconheçam entre si” (*Ibid.*, p. 91).

Isso também é expresso no relato de Aparecida de Almeida, ex-professora na época: “[Dilma] *se sentava do lado esquerdo da sala, mais para o fundo. Tinha a letra redondinha, tamanho médio, bem feminina. Era muito dedicada. Nunca precisei chamar a atenção dela*” (Azevedo, *op. cit.*).

Era uma menina que foi criada com muita rigidez, afinal de contas, isso é o que eu ouço da família. É uma menina criada com muita rigidez, porque o pai vem da Bulgária, fala em português muito arranhado, um homem muito bravo também. É muito da época, né? Então ela é criada dessa forma. Participa também dos colégios de freiras, que são muito rígidas também. Então acredito que essa rigidez dela, essa competência técnica, já vem de desde a criação mesmo. (Pedro, entrevista 20/09/2023).

Entre as disciplinas convencionais, havia aulas de latim, inglês, francês e trabalhos manuais, tais como bordado e tricô – o que correspondia às expectativas das tradicionais e conservadoras famílias da época, de se almejar um bom casamento para as filhas e/ou que elas fossem professoras. Na imagem abaixo, da primeira comunhão da turma de 1955 do Colégio Sion, disponibilizada pela matéria da revista IstoÉ, pode-se ver Dilma na última fileira à direita. Está indicada por uma seta vermelha e aparentemente sorri, tinha 8 anos, cabelo curto e veste os mesmos trajes que as demais, túnica branca com um crucifixo na parte da frente seguido de um véu na cabeça e sapatos baixos, no estilo sapatilhas.

Fotografia 2 - Primeira comunhão da turma do Colégio Sion em 1955



Fonte: Reprodução IstoÉ (01/11/2010).

Ela estava no quarto ano primário do Sion quando teve uma gripe muito forte, uma sinusite, e ficou um mês sem aulas. Combinei com as irmãs que elas mandariam para nós tudo o que havia sido ensinado no dia, e também o dever de casa. E ela, na cama, sentada ou deitada, resolvia todas as questões, lia tudo o que havia. Quando voltou e fez a prova final, ela, que havia faltado durante um mês, tirou o primeiro lugar. (Dilma Jane, Estadão, 08/03/2006).

Neste trecho, a mãe ressalta o interesse da filha pela leitura, ainda que doente. Em relato de uma professora do Sion, Dilma também é descrita como alguém séria e dedicada desde a infância: *“Ela começou a se destacar na adolescência, quando ficou claro para as colegas que Dilma tinha um repertório literário superior ao da maioria das meninas da mesma idade?”* (IstoÉ, 01/11/2010). Segundo a mãe, Dilma nunca recebia o “fitão” no Sion – faixa que servia como um certificado institucional pelo desempenho das alunas –, pois era inquieta, perguntava e falava demais. Uma vez, após os pais ameaçarem trocá-la de escola caso não se adequasse ao comportamento apreciado no Sion, Dilma se esforçou para moldar-se ao que era requerido e, finalmente, conseguiu o “fitão” (Estadão, 08/03/2006).⁶² Os boletins, que narram numericamente a vida acadêmica da estudante, foram divulgados pelo jornal Estado de Minas:

Em 1963, a melhor nota no Ginásio Sion, uma escola só de meninas, havia sido 9,9 em trabalhos manuais, com 8,2 em matemática e 7,45 em latim. Três anos depois, ao se formar no Estadual, a pior nota foi matemática (5,83) e a melhor, história (8,45). Em setembro de 1965, num ofício de próprio punho ao então diretor José Guerra Pinto Coelho, Dilma pediu para fazer uma segunda chamada do exame de matemática, do qual se ausentou por motivos de doença. (*Ibid.*, 15/02/2012).

⁶² A mãe destaca que essa foi a única vez que conseguiu a certificação de bom comportamento.

Sônia Regina Lacerda Macedo, amiga próxima que a acompanhou no Sion e no Estadual Central, e que ainda mantém uma relação afetuosa com Dilma,⁶³ afirmou que, quando jovens, elas iam “*a locais frequentados por pessoas de tendência mais progressista, que eram contra a ditadura, mas não estavam necessariamente ligadas a alguma organização*” (IstoÉ, 01/11/2010), ainda que os primeiros passos na militância tenham sido no Colégio, em função do Concílio Ecumênico Vaticano II, conforme Dilma relatou em entrevista para o Memorial da Resistência (28/05/2018):

Concílio Vaticano II mudou a forma como segmentos da Igreja Católica viam a brutal desigualdade econômica que existia no Brasil, e uma consciência social e também, em alguns segmentos, uma consciência também nacional, anti-imperialista emergiu forte. E naquela época havia todo um clima democrático no Brasil e, é, nessas, nesse, no Colégio Sion tinha um grupo que chamava Grupo Gente Nova, que era um grupo ligado à Igreja Católica. Então, eu tive uma, uma... Um início de militância, mas muito pequeno.

O Grupo Gente Nova (GGN) era orientado pela encíclica “*Mater et Magistra*”, do Papa João XXI – que teve uma grande recepção no Brasil, acendendo a questão social à luz da doutrina cristã ou de um “personalismo comunitário”.⁶⁴ Nesse sentido, houve uma efervescência popular com o engajamento em temas sobre o subdesenvolvimento, como a sindicalização rural (vislumbrando a melhoria das condições de trabalho), a reforma agrária (em razão do empobrecimento do campo) e a educação de base (C.f.: Folha de S.Paulo, 18/04/1999). Alguns porta-vozes da encíclica foram os religiosos D. Helder Câmara, D. José Maria Pires e D. José Vicente Távora, ativos no trabalho humanitário e defensores do processo de sindicalização de trabalhadores rurais, além de haver uma ampla difusão por via de sindicatos e jornais de grande circulação.⁶⁵

O intenso processo de urbanização no país aliado à reivindicação cristã de um olhar para as desigualdades sociais, considerando as condições de trabalho no campo, são essenciais para compreender o clima instaurado em Belo Horizonte (Lemos, 2007). Dilma, que estava inserida no cotidiano católico no Sion e muito próxima de grupos que passam a discutir com mais afinco questões de justiça social, começa a circular em espaços que lhe rendem a aquisição de capital social, como a região da avenida Augusto de Lima, onde fica o Edifício Arcângelo Maletta (mais

⁶³ Dilma e Sônia tiveram uma trajetória educacional similar, reencontrando-se na universidade e, posteriormente, dedicando-se à militância política no Colina e na VAR-Palmares. Além disso, Sônia também trabalhou na Casa Civil até julho de 2010, quando o ministério era comandado por Dilma.

⁶⁴ Em 1961, a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) realizou uma declaração afirmando ser oportuna a aplicação da encíclica no contexto brasileiro, sobretudo no que tange aos temas de reforma no campo – encaminhando para a fundação da Pastoral da Terra em 1975 (Beozzo, 2011).

⁶⁵ Vale destacar que, no Brasil, os direitos dos/as trabalhadores/as rurais foram conquistados apenas e timidamente a partir da segunda metade da década de 1960 (C.f.: Sbardelotto, 2011).

conhecido como Edifício Maletta, ponto de encontro de expressão cultural) – que foi crucial para o desdobramento de sua militância no Estadual Central.

Em relação a suas predileções nas atividades de lazer, a torcedora do Atlético Mineiro costumava frequentar o Minas Tênis Clube, do qual seu pai era sócio e onde formaram reconhecidas equipes de vôlei, natação e basquete (Amaral, 2011), além de ir ao cinema de rua mais tradicional na época com sua tia Arilda, o Cine Pathé – inaugurado em 1948 na região da Savassi (antigo bairro Funcionários), era conhecido por selecionar em sua programação filmes clássicos europeus e longas independentes, e se tornou um local de referência cultural na cidade.

O Pathé lá continuou, cumprindo a função de capital cultural dos savassianos, desde os tempos da bossa-nova e dos Beatles; um cinema de arte, por onde passaram Bergman, Godard, Fellini etc. O Pathé foi o ponto de encontro dos intelectuais e das gerações cult, lugar onde se inscreveu uma memória e foram criadas e recriadas identidades, como um centro da vida cultural da cidade. (Assis, 2006, p. 104).

Dilma também costumava ir aos tradicionais bailinhos, chamados de “hora dançante”. Talvez, esse tenha sido um dos motivos que impulsionou o seu desejo de se tornar bailarina – intenção expressa em inúmeras entrevistas concedidas (Cf. TV Globo, 26/05/2008; Rede TV!, 11/03/2011). A dinâmica da festa juvenil foi descrita por um colega de maneira que havia uma separação de garotos de um lado e garotas de outro, “*sentadas em fila, como num mostruário, com seus vestidos rodados, seus cabelos armados e os saltinhos baixos*” (Estado de S. Paulo, 09/08/2008). Em 1962, o Colégio de freiras foi vendido, trocou de nome e direção, fazendo com que houvesse um êxodo das alunas com essas mudanças. O destino de Dilma foi o seletivo Colégio Estadual Central.

1.5 Colégio Estadual Central e o engajamento político

Cresci ali no bairro do Carmo e estudei no colégio estadual Central, aquele do Santo Antônio. Foi lá que tomei contato pela primeira vez com a literatura, o cinema e a música. Foi lá que ganhei uma visão social do mundo, e me iniciei na militância política; só que fui obrigada a sair de Minas ainda muito jovem. Perseguida, presa e torturada durante a ditadura militar de 1964 (Dilma, 2018).

A formação do capital político de Dilma deve ser interpretada através de duas vias complementares: *i.* por meio da socialização e transmissão familiar (Bourdieu; Passeron, 2014), uma vez que esse primeiro contato com o jogo político foi realizado por influência das disposições paterna – a filiação ao Partido Comunista da Bulgária e a tradição familiar búlgara de participação política, o que pode ter despertado certo interesse, considerando o espectro educacional no âmbito familiar; *ii.* por meio da socialização escolar com uma educação política na

Escola Estadual Governador Milton Campos – instituição laica e reconhecida como “berço dos notáveis” e centro de agitação do movimento secundarista na década de 1960 (Carvalho, 2009).

Dilma completou o ginásio no Colégio Estadual Central entre os anos de 1964 a 1966. Quando as jovens do Sion chegaram ao Estadual Central em 1964, “*o país se fechava e as liberdades democráticas saíam de cena. Ponta de lança do ensino público mineiro, o Estadual Central era o epicentro da agitação estudantil do período*” (O Globo, 01/11/2010d).

O colégio é o mais antigo do estado mineiro e iniciou suas atividades em 1854 na cidade de Ouro Preto, sendo transferido, posteriormente, para Belo Horizonte (G1, 22/06/2016). Foi projetado por Oscar Niemeyer em 1954, durante a gestão de JK, e inaugurado em 18 de maio de 1956, com um tempo curto de execução entre o projeto e a conclusão da obra (Lisboa; Gouvea, 2016). Em função do sucesso do paisagismo de Burle Marx e a ousadia de Niemeyer no Conjunto da Pampulha, o Estadual Central repetiu a dobradinha em seu plano arquitetônico, contando com um espaço amplo, aberto e com gramado. O projeto tornou-se patrimônio material, histórico e artístico da capital mineira, repetindo “a característica mais fortemente observada nas edificações escolares das primeiras décadas [em Belo Horizonte]: inserção privilegiada na cidade, de modo a permitir que o conjunto arquitetônico inovador participe ativamente da construção do espaço urbano e da irradiação de valores civilizatórios” (Carvalhais Júnior, 2013, p. 392).

Fotografia 3 - Colégio Estadual Central em Belo Horizonte



Reprodução: Biblioteca IBGE (s/d).

Na fotografia é possível verificar como os traços de Niemeyer desenham a estrutura da escola: linhas retas, estrutura aparente com grandes pilares de sustentação que deixam a parte de baixo livre para a circulação dos alunos e alunas. Não há muros (materiais), mas havia um árduo processo na seletividade de quem poderia ou não entrar e frequentar esse espaço. Dessa maneira, há muros, mas não são evidentes a um simples olhar, são simbólicos.

Tanto que a instituição ganhou notoriedade não somente pelo sistema de ensino, mas também pelo edifício, que reproduz formas que representam objetos do cotidiano escolar: a cantina representa uma borracha, as salas são em formas régua, o auditório como mata-borrão e a caixa d'água como giz (Trad, 2009). Apesar de sua exuberância estética, não se tratava apenas de um projeto que vislumbrava alçar a modernidade arquitetônica, mas, sim, de uma demanda efetiva pelo aumento do número de vagas no ensino secundário. Segundo anunciou o reitor Heli Menegale: “*A escolha de uma escola secundária para ser parte da intervenção do jovem arquiteto na cidade indica a importância conferida à instituição pelo governo JK, dotando a juventude de um espaço identificado com o moderno*” (Lisboa; Gouvea, 2016, p. 266).

1.5.1 Exigência e seletividade da escola “sem muros”

Como pontuado anteriormente, a instituição destacou-se como lugar de excelência acadêmica e símbolo da juventude nas décadas de 1950 e 1960 (Estado de Minas Gerais, 09/07/2011). O Estadual Central vislumbrava formar as elites intelectuais e políticas do país e do estado mineiro, por isso o processo seletivo de ingresso era acirrado. Ainda que fosse público, eram cobradas taxas de matrícula e taxas para a realização de exames (Lisboa; Gouvea, 2016) e, apesar de ser misto, era predominantemente masculino (Lisboa, 2015). O público-alvo eram aqueles que seguiriam carreiras liberais, como futuros bacharéis nos tradicionais cursos de Direito, Medicina e Engenharia, passando a ser conhecido como “berço de notáveis”, exibindo uma longa lista de personalidades que ali estudaram.⁶⁶

Com cerca de dois mil alunos, rapazes na esmagadora maioria, o Estadual Central era o **coração do movimento estudantil secundarista, celeiro de quadros da esquerda**. Um lugar muito especial para se transitar da adolescência à juventude, a porta para

⁶⁶ Além de Dilma, Afonso Pena (presidente do estado de MG e da República), Eduardo Azeredo (prefeito de Belo Horizonte e governador de MG), Elke Maravilha (atriz e modelo), Fernando Brant (compositor), Fernando Pimentel (prefeito de BH, governador de MG e ministro do Desenvolvimento), Fernando Sabino (escritor), Getúlio Vargas (presidente do Brasil), Herbert de Souza ‘Betinho’ (sociólogo e ativista), Henfil (cartunista e escritor), Hélio Pellegrino (escritor e psicanalista), Humberto Werneck (escritor e jornalista), José Mayer (ator), Juarez Moreira (compositor e violonista), Márcio Borges (compositor), Milton Campos (governador de MG), Murilo Antunes (poeta e compositor), Nilmário Miranda (deputado estadual, deputado federal e ministro dos Direitos Humanos), Raul Soares (presidente do estado de MG), Tostão (jogador de futebol) etc. (Lisboa, 2015; Moraes, 2014).

todas as descobertas: música, literatura, cinema, política, paixão (Amaral, 2011, p. 35; *grifos meus*).

Parafraseando Bourdieu e Passeron (2014), os processos admissionais em instituições de ensino e para cargos públicos (técnicos e burocráticos) exprimem, inculcam e consagram valores de certa organização do sistema escolar. Segundo os autores, os exames “asseguram a todos a igualdade formal diante de provas idênticas [...] e garante aos indivíduos dotados de títulos idênticos a igualdade de oportunidades de acesso” (*Ibid.*, p. 173).

O corpo docente da instituição também era composto apenas pelos seletos e a carreira era dividida entre: professor/a catedrático, de ensino médio e os/as contratados/as como auxiliares. Trad (2009) descreve que “esses concursos eram mais difíceis de aprovação do que os concursos de ingresso para a UFMG, havendo casos de professores que tiveram êxito em concursos da UFMG, mas foram reprovados no concurso do Colégio Estadual” (*Ibid.*, p. 69). Essas posições no magistério implicavam bom retorno financeiro, reconhecimento do trabalho, prestígio e, por consequência, boas condições de vida e satisfação na carreira.

Eram poucos/as aqueles/as que conseguiam uma tão almejada vaga como docente e principalmente, como discente, pois era muito elevado o nível de exigência do processo de admissão, “sendo [para os jovens que pleiteavam uma vaga] sua aprovação experimentada como sucesso pessoal e a reprovação, fracasso” (Lisboa, 2015, p. 9). Se, por um lado, os exames seletivos atestam a qualificação técnica e intelectual do/a candidato/a e lhe outorgam certo *efeito de certificação*, por outro, os/as que não são bem sucedidos/as são conduzidos/as a “se identificar com aqueles que malogram, permitindo aos que são eleitos entre um pequeno número de elegíveis ver em sua eleição a comprovação de um mérito ou de um ‘dom’” (Bourdieu; Passeron, 2014, p. 199).

Se é verdade que um sistema de ensino consegue sempre obter daqueles que ele consagra ou mesmo daqueles que ele excluiu um certo grau de seleção à legitimidade da consagração ou da exclusão e, portanto, das hierarquias sociais, constata-se que um forte rendimento do sistema de ensino na realização de sua função de legitimação da “ordem social”. (*Ibid.*, p. 215).

Em vista disso, os dados demonstram que o índice de recrutamento do Estadual Central era baixo se comparado ao número dos/das que concorriam: “No ano de 1957, foram aprovados 198 alunos, 40% do total. No ano de 1958, a seletividade foi ainda maior, tendo sido aprovados 166 alunos, o que representou 23% do total de inscritos” (Lisboa; Gouvea, 2016, p. 270). O rígido processo de admissão do distinto colégio confirma a tese de Bourdieu de que o sistema escolar “[...] através de uma série de operações de seleção, ele separa os detentores de capital

cultural herdado daqueles que não o possuem. Sendo as diferenças de aptidão inseparáveis das diferenças sociais conforme o capital herdado, ele tende a manter as diferenças sociais preexistentes” (Bourdieu, 2014, p. 37). Há, assim, uma perpetuação da estrutura social de classes e da ordem estabelecida evidenciada na pesquisa realizada por Lisboa (2015), a ex-alunos/as do Estadual Central, que conclui que “o Colégio Estadual era uma aposta da família e que o capital cultural aí herdado, ou quando na sua ausência, sua valorização, tiveram [*sic*] grande influência na composição dessa elite escolar” (*Ibid.*, p. 10).

Não se avaliava apenas a capacidade dos/as candidatos/as na aprendizagem do conteúdo, mas também a predisposição ao estudo – derivado de um lento processo de socialização familiar que se encarrega da constituição do gosto por alguma atividade – e a transmissão e interiorização de predisposições do *êthos de classe*, como o repertório de livros clássicos, músicas eruditas, óperas, domínio de outros idiomas etc. A seleção dos/as “notáveis” representava uma dinâmica de um sistema de ensino (e avaliação) que reproduzia o arbitrário cultural das classes dominantes (Bourdieu; Passeron, 2014).

Em consonância com essa perspectiva, a pesquisa de Santos (2006) citada por Trad (2009, p. 62) aponta que “muitos alunos do Colégio Estadual eram filhos de juízes, professores universitários, funcionários públicos e comerciantes”, ou seja, herdeiros/as de um grupo social letrado. Para este grupo, era constante o incentivo familiar que, proveniente de estratégias de reprodução, econômica e educativa (cultural e linguística), cria, desde cedo, disposições em seus/suas descendentes para o estudo e a vida acadêmica. Já os/as alunos/as de classes mais desfavorecidas que ousavam ser admitidos/as no colégio, estavam sujeitos a uma estrutura de violências simbólicas legitimadas pelo sistema de ensino, como a inculcação de um arbitrário cultural.

Segundo o relato de uma das professoras, os/as alunos/as, em sua maioria, eram “*meninos privilegiados que tinham tudo em casa, já chegavam à sala de aula estimulados para leitura, estimulados para tudo (Ester, ex-professora)*” (Lisboa, 2015, p. 10). Como era o caso de Dilma, que havia frequentado bons colégios (Isabela Hendrix e o Sion), já era afeiçãoada por livros e atividades culturais e seguia sendo estimulada pelos pais, com um importante capital econômico, a desenvolver suas habilidades escolares.

Se o capital cultural e econômico familiar foi importante para a admissão no Colégio, o sucesso no interior da escola ocorria via um conjunto de práticas de autogestão dos/as alunos/as com o processo de aprendizagem em sintonia com as exigências dos docentes e da instituição (*Idem*). As dinâmicas familiares não eram um fator determinante do sucesso, mas poderiam auxiliar no investimento e na aquisição do capital cultural que seriam fator de diferenciação na

dinâmica institucional. Lisboa e Gouvêa (2016, p. 271) sinalizam que “o Colégio Estadual era uma aposta da família e que o capital cultural familiar herdado – ou, quando na sua ausência, sua valorização – tinha grande influência na composição dessa elite escolar”.

No percurso escolar dos sujeitos entrevistados se observa que eles encontraram no clima do estabelecimento um ambiente que valorizava o trabalho escolar, o conhecimento, a liberdade, a autonomia, a formação política, a ampliação do capital cultural e social. Portanto, o clima do colégio favorecia condições que efetivamente propiciavam a apropriação de disposições culturais, sociais e políticas para os sujeitos das camadas populares. (Trad, 2009, p. 109).

Assim, além do bom desempenho escolar e da cobrança por parte de pais e professores/as, os/as alunos/alunas também eram incentivados a adquirirem um “capital cultural não estritamente ligado ao conteúdo escolar, mas fundamental na formação de uma elite intelectual. A cobrança dava-se não pelos professores, mas pelos colegas, numa sociabilidade fundada na visibilidade do exercício da atividade intelectual” (Lisboa, 2015, p. 13). Como exemplos, podemos citar a prática de discutir leituras que não estivessem especificamente ligadas diretamente ao universo escolar – jornais, revistas, livros de outros gêneros – e de frequentar espaços culturais – cinema, museus, teatro, espaços de discussão política etc.

A gente lia muita coisa por fora, que não tinha nada a ver com escola. Lia romance e, romance bom; coisa de sociologia; coisa de gente grande que estava lendo. Eu acho que isso era muito valorizado no Colégio, você usava para dar um exemplo na sala de aula. Não era considerada pesquisa ou um dever. Dava status! Ah, meu Deus! Sair de casa, eu ficava insegura, eu tinha que ter um livro debaixo do braço, se eu ficasse sozinha eu podia ler. Era uma muleta maravilhosa, e a gente estava sempre lendo coisas interessantes, sempre trocando livros de tudo (Maria, ex-aluna). (Lisboa; Gouvea, 2016, p. 276; grifos meus).

Como demonstra o trecho acima, o livro era uma muleta, e demonstrações públicas de conhecimento convertiam-se em status para os agentes naquele sistema escolar. Nesse sentido, o estímulo dos docentes e das famílias era também acompanhado por uma retribuição de reconhecimento de suas capacidades. Assim, há uma coerência com os relatos dos entrevistados por Trad (2009), que relatam um clima, no Estadual Central, estimulante ao desenvolvimento da responsabilidade e da autonomia – disposições fundamentais para o êxito escolar: “A formação humana dos alunos (e não estritamente escolar) sustentada pelo princípio do autogoverno foi uma característica ali marcante” (Lisboa; Gouvêa, *op. cit.*, p. 264).

Em função da notoriedade daqueles/as que rompiam os muros invisíveis do Estadual via admissão e obtinham sucesso escolar durante o período no colégio, era inflado um sentimento de diferenciação e orgulho que viria a ser parte da construção de uma memória coletiva dos áureos

tempos da instituição em BH.⁶⁷ Ultrapassada a barreira da seletividade, “fazer parte desse universo desenvolveu nos alunos uma autoestima elevada e um sentimento de capacidade e de potencialidade para prosseguir nos estudos” (Trad, 2009, p. 114).

Tal como ocorria no Sion com suas *enfants*, o Estadual Central incorporava em suas alunas/os certa distinção concedida pelo diploma – ou seja, via capital cultural institucionalizado – e que permitia “a comparação entre os diplomados e, até mesmo, sua ‘permuta’ (substituindo-os uns pelos outros na sucessão); permite também estabelecer taxas de convertibilidade entre o capital cultural e o capital econômico, garantindo o valor em dinheiro de determinado capital escolar” (Bourdieu, 1999 [1979], p. 79). A marca de ter sido um/a estudante do Estadual Central indicava probabilidades objetivas de êxito no campo acadêmico, como, por exemplo, a admissão na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) ou o ingresso em uma instituição de ensino superior de renome, pois esse era um caminho orgânico, sem muitos empecilhos e vista de maneira “natural”.

Além disso, o clima de liberdade e de autogestão da disciplina em plena efervescência cultural dos anos 1960, favoreceu o desenvolvimento de disposições e práticas políticas naquele momento, que pode ser reconvertido no campo político ou fora dele. Quando Dilma ingressou na instituição para cursar o ensino médio, o espaço já se apresentava como um dos mais importantes focos de resistência da juventude mineira em relação à ditadura militar. E foi nessa dinâmica de disputas que os/as estudantes começaram a se organizar em movimentos estudantis para defender bandeiras democráticas, contra o autoritarismo.

Os alunos tinham no colégio intenso espaço de formação e atuação política, que ultrapassava o cotidiano escolar. Estavam em contato com diversas outras entidades, como o Diretório Estudantil do Colégio Municipal de Belo Horizonte e a União Municipal dos Estudantes Secundaristas de Belo Horizonte (UMES). Paralelamente à UMES, no nível estadual existia a União dos Estudantes Católicos (UEC); no nível nacional, existia a União Nacional dos Estudantes (UNE). União Colegial de Minas Gerais (UCMG); o Diretório Central dos Estudantes da UFMG (DCE); a Juventude Estudantil Católica (JEC) e a Juventude Universitária Católica (JUC), todas elas foram entidades de grande importância na formação dos jovens naquela época. (Lisboa; Gouvea, 2016, p. 277-8).

Diversas organizações de esquerda, como o Partido Comunista Brasileiro (PCB), a Ação Popular (AP) e a Política Operária (Polop), tinham vínculos com essa militância estudantil do Estadual Central. “Com dezessete anos, muitas leituras e intelectualmente inquieta, Dilma deu ali os primeiros passos de sua educação política. Dois anos depois, passou a militar numa

⁶⁷ A oferta do ensino secundário na cidade estava concentrada, sobretudo, em escolas particulares confessionais e o ensino secundário público se restringia ao concorrido Estadual Central. Frente à crescente demanda da população, houve uma reforma política e educacional através da Lei Estadual N. 3.032 de 19/12/1963 que previu a abertura de novas sedes do colégio – significando uma ruptura dos tradicionais padrões de exigência e de qualidade do ensino.

organização chamada Política Operária, a Polop” (Carvalho, 2010, p. 122). O capital cultural institucionalizado foi não somente o de ampliação das chances de ingressar em um curso de alta concorrência em uma universidade de prestígio, mas também de ampliação das disposições militantes que lhe foram objetivadas ao participar ativamente dos movimentos que estavam latentes em seu cotidiano.

A socialização, tanto dentro do colégio como fora dele, incluía não somente a troca de leituras, as idas ao cinema (Pathé) para assistir a filmes alternativos, mas também os debates acalorados sobre o contexto político repressivo. Entre os locais frequentados pela jovem e seus colegas, estavam a pensão da Dona Odete e os bares localizados no Edifício Maletta, no centro de Belo Horizonte, onde morava Cláudio Galeno de Magalhães Linhares (vulgo Lobato), com quem se relacionou afetivamente. Dilma o conheceu durante as atividades da Organização Revolucionária Marxista Política Operária (Polop ou simplesmente “PO”).⁶⁸

– *Como foi o início da militância da senhora, sair de estudante no Estadual Central e entrar na Polop?*

Dilma: *Era uma coisa muito natural, as organizações eram estudantis. Era um prolongamento do que se fazia, distribuir panfleto na escola, participar de manifestação estudantil. É normal. Na minha época, logo no início, não havia essa distinção tão forte [entre simpatizante e militante].* (Folha de S.Paulo, 05/04/2009).

Ao concluir os estudos no Estadual Central, Dilma foi aprovada no curso de Economia da UFMG, em 1966, onde ampliou ainda mais as suas redes de contato com a militância e se inseriu efetivamente como um dos quadros da Polop, tornando-se responsável pela parte burocrática, comandando o esquema de impressão dos materiais de divulgação dos debates a serem realizados e participando do recrutamento de novos/as integrantes (Amaral, 2011).

1.6 Para mover o mundo: a formação em economia

A graduação em Ciências Econômicas que Dilma havia iniciado em 1967, foi interrompida em razão do Decreto-Lei n.º 477 de fevereiro de 1969, que proibia atividades políticas nas universidades: *“que caçava o sujeito que fosse preso por motivos políticos, ficava... era expulso da Universidade e ficava 8 anos sem poder estudar nas Universidades Federais, então podia fazer particular mas Federal não.”* (Pimentel, entrevista 21/02/2024).

O que encaminhou ao desligamento de muitos estudantes ativos na luta contra o regime militar, das faculdades, submetendo-os à constante vigilância e interrogatórios por autoridades

⁶⁸ Nesse espaço de militância é que os caminhos do casal, Dilma e Cláudio Galeno, se cruzaram e, pouco tempo depois, iria resultar em um casamento realizado em cerimônia íntima (*ver capítulo 2*).

policiais. Na UFMG, o decreto teve um impacto significativo sobre a dinâmica educacional e epistemológica da Faculdade de Ciências Econômicas (FACE)⁶⁹, desafiando as bases tradicionais da formação em economia, e mais, reconfigurando as relações de poder dentro da instituição – que era conhecida pelo intenso engajamento estudantil. A instituição vivia um paradoxo, pois:

De um lado, em relação aos professores da Universidade, encontram-se posições de resistência ao regime e de apoio ao movimento estudantil considerado “subversivo” – tanto que professores, diretores e reitores foram aposentados compulsoriamente ou até mesmo exonerados – e, por outro lado, posições de colaboração com a máquina repressora, principalmente nas ações de vigilância das atividades no campus da Universidade. (COVEMG, s/d).

O Decreto-Lei 477, concebido para dismantelar o movimento estudantil, considerado perigoso adversário do governo no contexto dos eventos de 1968. O Decreto dispunha sobre infrações disciplinares praticadas por professores, estudantes, funcionários ou empregados de estabelecimentos de ensino. No entanto, o foco era a desestruturação do movimento estudantil. Os estudantes punidos eram desligados das faculdades e ficavam três anos proibidos de se matricular em outra Instituição de Ensino Superior. (Comissão da Verdade, 2014).

Esse foi um ponto de inflexão ao campo acadêmico brasileiro, ao impor, não somente na UFMG, como nas demais universidades, uma orientação ideológica autoritária e conservadora sobre o ensino e a pesquisa em economia. Tanto que sob essa legislação, a liberdade acadêmica foi cerceada, e as instituições passaram a ser controladas de forma mais direta pelo Estado, com o objetivo de promover valores alinhados aos interesses do regime.

Almeida e Cavalieri (2018) apresentam outra perspectiva, descrevendo que “se constatamos a falta do marxismo na academia econômica brasileira das décadas do regime militar, em boa medida isso pode ser produto da falta de uma rede de discussão, pesquisa e, conseqüentemente, da difusão desse tipo de teoria econômica.” (*Ibid.*, p. 696). Ainda assim, é preciso considerar que, embora não houvesse uma censura direta ao conteúdo ministrado em sala de aula, as relações de poder dentro do sistema de ensino foram acentuadas e o debate intelectual comprometido. Isso porque, autoridades acadêmicas – alinhadas com o regime militar – eram fortalecidas, ao passo que, proporcionalmente, se enfraquecia a autonomia dos docentes e estudantes de oposição.

O principal grupo político atuante no movimento, com forte presença nas principais entidades estudantis, em especial na UNE, de 1961 a 1972, foi a Ação Popular, conhecida pela sigla AP. Ela teve sua origem na Ação Católica, marcadamente na Juventude Universitária Católica (JUC), de importante atuação na virada da década de 1950 para a década de 1960. O apoio da JUC a João Goulart e seu crescente alinhamento à esquerda renderam-lhe a pecha de comunista, o que levou o episcopado, já em 1962, a proibir os membros do grupo de ocupar cargos de liderança em entidades estudantis. O desdobramento natural dessa proibição foi a dissidência dos jovens de

⁶⁹ Fundada em 1941, a FACE, já era, na década de 1960 reconhecida como uma instituição de destaque no ensino e na pesquisa em economia no país.

maior vocação política, que vieram a formar a AP. Entre eles estavam Aldo Arantes, presidente da UNE de 1961 a 1962, Vinicius Caldeira Brant (1962-1963), José Serra (1963-1964, cassado por ocasião do golpe), José Luís Guedes (1966-1967) e Luís Travassos (1967-1968), entre outros.” (Memorial da Democracia, s/d).

Declarada extinta em 27 de outubro de 1964, a União Nacional dos Estudantes (UNE) passou para a clandestinidade tendo suas atividades políticas ainda mais monitoradas pelo aparato de inteligência do Estado entre 1969-1972 (Bertolino, 2013). As atividades do Movimento Estudantil (ME) retornaram apenas em 1979 com a refundação da organização.

Em 1974, após sair do presídio, Dilma conseguiu retomar os estudos na UFRGS, mas como havia sido jubilada da UFMG, não pôde aproveitar os créditos cursados anteriormente. Sendo assim, prestou o processo seletivo da instituição gaúcha, onde foi aprovada novamente para o curso de Ciências Econômicas. Um dado que se destaca ao observar a trajetória de Dilma, é que a maioria dos/as militantes de sua rede também se formaram em economia. A respeito disso, questionei Pimentel, seu amigo que também seguiu esses passos, sobre o por quê de sua escolha pessoal ao curso:

Pimentel: *Fiz economia em [19]70 e... Como é a história? Logo depois que eu saí [da prisão], eu não tinha completado o ensino médio, então quando eu saí, em outubro de [19]73, eu fiz um negócio naquela época que chamava Madureza – supletivo, aí eu fiz o exame supletivo no final do ano de [19]73 e em [19]74... Aí eu falei “bom, então vou fazer um vestibular, mas o vestibular que tinha, naquele tempo não tinha vestibular no meio do ano, nas Federais, só tinha na Católica”. Então eu vou fazer no meio do ano e em [19]74 eu fiz vestibular no meio do ano pra economia, na Católica, passei... fiz cursinho assim rapidinho e passei e aí estudei e me formei em [19]78 e em [19]78 mesmo, assim que eu formei, eu fui e fiz concurso e virei professor da federal de economia. De economia na federal, e fiz mestrado em ciência política também na Federal, mas foi tudo muito rápido assim...*

– *E você sempre teve essa inclinação para ir para a área da economia ou você ficou meio...?*

Pimentel: *Não, na verdade eu não consigo te falar que eu tive essa inclinação. **Eu fui porque eu era marxista. Falei “como tudo se resolve na economia, eu vou estudar economia”.** [risos] [...] É... pra te falar a verdade, eu devia ter feito direito. [...] Eu gosto mais, mas é que direito na época não era uma coisa demandada por que o que um advogado faz na ditadura? Nada. Não tem, entendeu?*

– *Faz sentido, claro...*

Pimentel: *Então eu olhava tudo com esse viés meio político, eu falava assim “pô, **esse negócio do direito não serve pra nada**”, a economia sim, é onde move o mundo, então eu vou pra lá. [...] Muita gente foi pra economia, algumas para a engenharia também. É, tinha essa história de “vamos pra economia porque é por lá que se resolve tudo”. (grifos meus). (Entrevista, 21/02/2024).*

O ex-ministro de Dilma afirmou que para aqueles/as de sua geração que se interessavam pelas Ciências Sociais Aplicadas, se tornar bacharel em Direito não teria “utilidade” para se fazer revolução e não se poderia exercer a profissão em um estado autoritário. Assim, justifica a escolha da Economia, que em sua visão, poderia “mover o mundo”, refletindo criticamente (“eu olhava

tudo com um viés meio político”) a partir de suas leituras prévias nas organizações marxistas sobre os sistemas econômicos e políticos, formas de dominação, exploração e transformação social.

1.6.1 Celeiro de lideranças: UFRGS (1974-1977)

A **regulamentação da profissão de economista** em 1951 (lei nº 1.411, de 13 de agosto, regulamentada pelo decreto nº 31.794, de 17 de novembro de 1952) permitiu ao economista exercer a profissão em campos definidos, tanto no âmbito privado quanto público, em atividades como estudos, pesquisas, análises, perícias, arbitragens, planejamento, implantações, supervisão dos trabalhos da natureza da profissão. Essa lei também cria o Conselho Federal de Economistas Profissionais (CFEP) e os Conselhos Regionais de Economistas Profissionais (CREP), atualmente denominados, a partir da lei nº 6.021, de 3 de janeiro de 1974, respectivamente, Conselho Federal de Economia (COFECON) e Conselhos Regionais de Economia (CORECON). (Marchetti, 2009, p. 55; *grifos meus*).

No Sul, o curso de economia era associado à Faculdade de Direito, derivado da Escola de Comércio de Porto Alegre em 1909⁷⁰ – onde manteve-se integrada até 1945 (Marchetti, 2009). Uma vez desvinculada da Faculdade de Direito, não foi imediata a desvinculação de docentes bachareis de direito e engenharia, pois havia uma lacuna na formação de quadros universitários que implicou na dificuldade de recrutamento de profissionais especializados (Loureiro, 2016). Para contornar o problema, considerando a grande demanda pelos cursos de Ciências Econômicas no período desenvolvimentista do país, houve grandes investimentos no aperfeiçoamento dos docentes, bem como na circulação nacional e internacional desses em prestigiosas instituições da área (Corazza, 2009).

Loureiro (2016) destaca que até fins de 1960, “a formação profissional dos economistas fazia-se menos nas escolas de economia que se caracterizavam, de modo geral, por um ensino de má qualidade e pouco adequado às demandas do mercado de trabalho e mais nos organismos governamentais.” (*Ibid.*, p. 348). No caso da UFRGS, sob a Regulação do Parecer Nº 397/62 do Conselho Federal de Educação (CFE), o currículo cursado por Dilma entre 1974-1977⁷¹ estava dividido em dois ciclos (básico e profissional) de duração mínima de quatro anos – além dos pré-requisitos obrigatórios de 190 créditos e 2850 hs de carga horária (UFRGS, 1974).

⁷⁰ Segundo Corazza (2009): “Poucos meses após a criação da Escola de Comércio, editais na imprensa local divulgavam os novos cursos da Escola. O Correio do Povo de 11 de março de 1910 dizia: ‘É de se esperar que a juventude rio-grandense e, especialmente, os moços já empregados no comércio, procurem o novo estabelecimento, onde receberão instrução prática para bem desempenhar a profissão que abraçaram?’” (*Ibid.*, p. 16).

⁷¹ Os diretores da Faculdade no período da graduação foram Herbert Guarini Calháu (1971-1975) e Francisco Machado Carrion (1976-1981).

O primeiro momento da formação era voltado para disciplinas como matemática, contabilidade, estatística, introdução à administração, história econômica etc. Já o segundo tratava de temas como história do pensamento econômico, moedas e bancos, economia internacional, finanças públicas, análise macroeconômica, contabilidade nacional etc. (Marchetti, 2009).⁷² Nos levantamentos realizado por Almeida e Cavalieri (2018), a ementas do ano de 1973 da UFRGS podem ser apreendidas como “bastante sintéticas e, por conseguinte, é difícil concluir que efetivamente havia conteúdo marxista em disciplinas como HEG & FEB e HPE (UFRGS, 1973).” (*Ibid.*, p. 699).

A Faculdade de Ciências Econômicas era percebida como um celeiro de lideranças (Lagemann; Bandeira, 2009) dada a elevada inserção de docentes e egressos na vida política do município, estado e do país, tanto em cargos de administração pública (Ministérios, Secretarias, Presidentes/as de Fundações e órgãos públicos), setores privados e postos eletivos nos poderes Executivo (Prefeitura, Governo Estadual e Nacional) e Legislativo (Municipal, Estadual e Nacional). O que pode indicar a existência não somente de uma formação direcionada à gestão pública mas também, um certo processo de socialização de forma efetiva na consolidação de redes, e por consequência, a conversão do capital social e cultural dos discentes em capital político e econômico. Isso porque o título universitário e as redes em que se está inserido/a são recursos distintivos na hora da nomeação à cargos públicos (Corazza, 2009).⁷³ Quando analisadas posições importantes do terceiro e segundo escalão de administração pública dos governos estaduais, o número é cada vez mais elevado.

Olívio Dutra, um dos fundadores e membro da Executiva Nacional do PT, quando eleito governador do RS em 1999, nomeou três ex-alunos da FCE para integrar o seu governo: Arno Hugo Augustin Filho (formado em 1983) na Secretaria da Fazenda, Dilma (formada em 1977) na Secretaria de Minas, Energia e Comunicação e José Luiz Vianna Moraes (formado em 1979) na Secretaria da Indústria e Comércio.

No Brasil, os economistas se tornaram, ao longo dos anos de 1940-1970, importante segmento das elites dirigentes. Historicamente, eles ascenderam a postos tradicionais do Estado, tais como ministros da Fazenda, substituindo bacharéis, homens de negócios ou membros de partidos políticos e ocuparam os novos cargos surgidos com a expansão das funções de regulação e intervenção econômica. (Loureiro, 2006, p. 346).

⁷² A partir da Reformulação de 1984, o currículo sofreu alteração visando um desenvolvimento técnico-científico do/a bacharel em ciências econômicas que fosse alinhado com teorias econômicas.

⁷³ Dada a vasta lista de personalidades que circularam pela FCE, restrinjo-me apenas a destacar aqueles/as que foram contemporâneos a Dilma. Alguns cargos de relevância que foram ocupados por egressos/as do curso, foram os seguintes: Secretaria do Tesouro Nacional: Arno Augustin (formado em 1983); Presidente do IPEA: Marcio Pochmann (formado em 1984); Presidente do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA): Rolf Hackbart (formado em 1982); Diretoria da Agência Brasileira de Promoção das Exportações e Investimentos (APEX-Brasil): Alessandro Teixeira (formado em 1996); Diretoria da Empresa de Pesquisa Energética: Ibanês César Cassel (formado em 1981) etc.

Nessa perspectiva, Lagemann e Bandeira (2009) também destacam que os/as bachareis concentram suas presenças na área de administração das finanças do governo do Estado: “Um indicativo seguro da influência da instituição é o fato de que, no decorrer das últimas quatro administrações estaduais – que cobrem um período de pouco mais de catorze anos – por mais de dez anos a Secretaria da Fazenda foi dirigida por ex-alunos ou professores de economia da UFRGS.” (*Ibid.*, p. 137). Tanto que a Secretaria da Fazenda do RS já foi ocupada por quase dez egressos e docentes do curso como Ário Zimmermann (formando de 1972) no governo de Germano Rigotto (MDB), Arno Hugo Augustin Filho (formado em 1983) no governo de Dutra (PT) e Ricardo Englert (formado em 1976) no governo de Yeda Crusius (PSDB).

Quadro 3- Ocupação da FCE-UFRGS em pastas ministeriais

Agente	Formação	Governo	Pasta ministerial
Dilma	1977	Lula (PT)	Ministério de Minas e Energia (2003-5); Casa Civil (2005-10)
Paulo Renato Costa Souza	1967	FHC (PSDB)	Ministério da Educação (1995-02)
Marcus Vinicius Pratini de Moraes	1963		Ministério da Agricultura (1999-03)
			Collor (PRN)
Yeda Rorato Crusius	Docente	Itamar Franco (PTB)	Ministério do Planejamento (1993)

Fonte: Autoria própria (2024).

A ocupação em postos de alto escalão dos governos demonstra que, Dilma, assim como Marcus Vinicius Pratini de Moraes foram os únicos formados pela FEC que ocuparam o Ministério de Minas e Energia, mas Dilma foi a única que esteve no mais prestigioso posto ministerial, que é a Casa Civil – também foi a primeira mulher a ocupar o cargo. O número é relativamente baixo se analisado em perspectiva nacional, o que demonstra que há um maior prestígio do título em nível regional no Sul do país. Outro dado interessante é que as ocupações dos quatro (Dilma, Paulo, Marcus e Yeda) ocorreram em distintos governos, partidos políticos e espectros ideológicos.

Após a conclusão da graduação em 1977, Dilma prestou o processo seletivo da pós-graduação *stricto sensu* na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), no interior de São Paulo. Foi aprovada e para dar início ao mestrado, se mudou para a capital paulista com sua filha, recém-nascida, Paula.

1.6.2 Escola crítica da UNICAMP (1978 e 1998)

Na década de 1960, Zeferino Vaz (reitor da Unicamp) e brigadeiro Faria Lima (prefeito de São Paulo) nomearam Fausto Castilho para a criação da área de Humanidades da Unicamp no interior do estado. Com isso, Castilho iniciou o Departamento de Economia e Planejamento Econômico (Depe) em 1968, e depois, tornou-se Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH) (Melo; Costa, 2019, p. 49-50). O curso de graduação em Ciências Econômicas foi inaugurado no IFCH, seguido pelo estabelecimento formal do programa de mestrado em 1974 e do programa de doutorado em 1977.

Quando Dilma ingressou no programa recém inaugurado, os/as economistas que compunham o quadro docente da Unicamp, compartilhavam uma leitura das Ciências Econômicas como uma ciência humana e não um ramo das exatas. Segundo Levy (2006), “naquela época a preocupação inicial era construir uma política econômica alternativa ao padrão de crescimento que vinha sendo implementado pelo regime militar. Para isso, toda a agenda acadêmica estava colada à agenda da sociedade.” (*Ibid.*, s/p.). O Instituto de Economia, concebido e idealizado por Maria da Conceição Tavares, João Manuel Cardoso de Mello, Luiz Gonzaga Belluzzo, José Serra e Wilson Cano, passou a ser reconhecido como uma instituição assentada em abordagens críticas sobre o desenvolvimento, fundada nas bases teóricas de Marx, Kalecki, Keynes e Schumpeter. Isso ocorreu por grande influência da CEPAL (Comissão Econômica para a América Latina), que rendeu, inclusive, o apelido à instituição, de Escola Crítica de Campinas e de seus membros, “cepalinos”.

A Cepal era instituição nova que pretendia afirmar sua identidade latino-americana e marcar posição de autonomia frente aos EUA. Seus membros eram, em geral, jovens saídos das escolas de Direito ou Economia de diversos países da América Latina, reunidos em Santiago do Chile sob a liderança de Raul Prebisch. [...] Assim, as possibilidades de inovação teórica, ou de posicionamento heterodoxo, por parte deste grupo, eram mais elevadas. Além da perseguição política, vivida por Prebisch, muitos, como Furtado, iniciavam, na época, suas carreiras e estavam fazendo os primeiros investimentos nos estudos econômicos. Estavam, portanto, mais abertos às novas teorias. (Loureiro, 2016, p. 351).

Segundo Bastos e D’Ávila (2007), é destacável a influência tanto de Celso Furtado, quanto de Maria da Conceição Tavares na tradição de pensamento econômico cepalina, que semeou a partir da década de 1970 na Unicamp, o debate sobre o papel do Estado na economia e as possibilidades de desenvolvimento das economias periféricas (Levy, 2006). Furtado, foi pioneiro no discurso intelectual da década de 1950, com reconhecíveis textos como “A Formação Econômica do Brasil”, além de ter participado ativamente na formulação de políticas por meio de iniciativas como o Plano Trienal. Já Conceição Tavares, consultora econômica do PMDB,

licenciada em Ciências Matemáticas pela Universidade de Lisboa (1962), bacharela em Ciências Econômicas (Universidade Brasil, 1960) e livre-docente (UFRJ, 1975), produziu inúmeros trabalhos que marcaram o campo acadêmico brasileiro, incluindo o livro “Da substituição de importações ao capitalismo financeiro”.⁷⁴

Conceição analisava dois grandes temas: o movimento do lado real da economia e a natureza do sistema financeiro brasileiro e seu papel no processo de acumulação no país. Continuava com seu espírito crítico e aguçado senso de justiça, ensinando e formando as novas gerações de economistas, entre estes, a futura presidenta do Brasil, Dilma Rousseff, e vários de seus ministros. Esta era, então, já uma profissão procurada por muitos jovens, homens e mulheres, que acreditavam na democracia e no poder do Estado brasileiro para implementar reformas estruturais. (Melo; Costa, 2019, p. 50).

Ao lado dos professores Luiz Gonzaga Belluzzo – bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais (USP, 1965), doutor (USP, 1975) – e João Manuel Cardoso de Mello – bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais (USP, 1975) e doutor (Unicamp, 1975) –, foi uma das responsáveis pelo estabelecimento do Programa de Pós-graduação (mestrado e doutorado) no instituto.⁷⁵

De acordo com o catálogo da Unicamp (1978), no primeiro ano do mestrado de Dilma, o corpo docente do programa era constituído pelos seguintes professores:

- Antonio Carlos de Castro: Bach. Ciênc. Econ. (Univers. Brasil, 1959); Doutor (Unicamp, 1976);
- Carlos Eduardo do Nascimento Gonçalves: (FECAP, 1966), Doutor (Unicamp, 1976);
- Carlos Francisco Theodoro Machado Ribeiro de Lessa: Bach. Ciênc. Econ. (Univers. Bras., 1959), Doutor (Unicamp, 1976);
- Ferdinando de Oliveira Figueiredo: Bach. Ciênc. Econ. (Univers, Bra., 1963), Doutor (Unicamp, 1975);
- Jorge Lobo Miglioli: Bach. e Lic. Ciênc. Soc. (Univers. Brasil), 1960), Ph.D. (RCPR, Varsóvia, Polônia, 1968);
- José Serra: Bach. Ciênc. Econ. (Univers. do Chile), Ph.D. (Cornell Univ., USA, 1976);
- João Manuel Cardoso de Mello: Bach. Ciênc. Jurid. Soc. (USP, 1975), Doutor (Unicamp, 1975);
- Liana Maria Aureliano da Silva: Bach. Ciênc. Econ. (UFF, 1969), Doutor (UNICAMP, 1976);
- Luciano Galvão Coutinho: Bach. Ciênc. Econ. (USP, 1968), M.A (Cornell Univ., USA, 1973), Ph.D. (Cornell Univ., USA, 1974);
- Lutz Gonzaga de Mello Belluzzo: Bach. Ciênc. Jurid. Soc. (USP, 1965), Doutor (Unicamp, 1975);
- Maria da Conceição Tavares: Lic. Ciênc. Matem. (Univ. Lisboa, Portugal, 1962), Bach. Ciênc. Econ. (Univers. Brasil, 1960), Livre-docência (UFRJ, 1975);
- Osmar de Oliveira Marchese: Bach. Ciênc. Jurid. e Soc. (USP, 1965), Doutor (Unicamp, 1976);
- Rui Guilherme Granziera: Bach. Ciênc. Jurid. e Soc. (USP, 1965), Doutor (Unicamp, 1976);

⁷⁴ Segundo Hildete Pereira de Melo (2019), a fase da Unicamp na trajetória de Conceição Tavares, representa um momento de “revisão teórica, através do diálogo crítico com os três mais significativos autores da tradição da Economia Política – Marx, Keynes e Kalecki, além da original revisão da Teoria do Oligopólio, explicitada na sua reinterpretação da história econômica do Brasil. Estas ideias estão expressas nas suas duas teses escritas nestes tempos a de Livre-Docência e a de Professora Titular.” (*Ibid.*, p. 10).

⁷⁵ Os três também já haviam assessorado Dilson Funaro (Ministro da Fazenda no governo Sarney), na formulação do Plano Cruzado, objetivando combater a hiperinflação por meio de medidas como o congelamento de preços.

- Tamás Szmrecsányi: (USP, 1961), Doutor (Unicamp, 1976);
- Wilson Cano: Bach. Ciênc. Econ. (PUC, São Paulo, 1962), Doutor (Unicamp, 1975).

Luciano Galvão, contemporâneo ao Serra no Departamento da Cornell University, foi nomeado presidente do BNDES entre 05/2007 a 05/2016 nos governos de Lula 2 e Dilma 1 e 2. Serra, que viria a disputar as eleições com Dilma em 2010, foi seu professor na Unicamp, trabalhou como pesquisador do CEBRAP e em 1983 coordenou a elaboração do programa de governo do estado de SP de Franco Montoro (PMDB). Após longa trajetória no campo econômico, na prestação de consultorias e no exercício docente, ingressou ao campo político tornando-se um profissional.⁷⁶ Conceição Tavares, filiada ao PMDB (1980-1989) e ao PT (1994-), também se inseriu na carreira política, tendo sido deputada na década de 1990, quando o seu mandato “contribuiu para formar um novo ciclo de elaboração programática nacional para o PT.” (Melo, 2019, p. 53). Já João Manuel Cardoso de Mello, que viria a ser o orientador de Dilma, foi assessor técnico da Secretaria de Economia e Planejamento do Estado de SP (1970), assessor Especial (1985-1987) e Ministro Interino do Ministério da Fazenda (1987) no governo de José Sarney (Folha de S.Paulo, 05/10/1996).

Com essa breve explanação da participação política dos docentes, é possível afirmar que,

O IE firmou-se, com folga, como maior fornecedor de quadros da Unicamp para a formulação de políticas públicas. Além de João Manuel, Belluzzo e Cano, passaram pela unidade – ou ainda estão lotados nela – nomes como José Serra, Paulo Renato Costa Souza, Barjas Negri, Walter Barelli, José Graziano da Silva, Antonio Kandir, Aloizio Mercadante, Carlos Américo Pacheco, Ricardo Carneiro, José Carlos Braga, Luciano Coutinho, Márcio Pochmann e o atual diretor do IE, Marcio Percival Alves Pinto, entre outros. Independentemente do alinhamento político partidário, todos eles moldaram sua atuação na mesma matriz: tratar essa área do conhecimento enquanto objeto da economia política, cujo objetivo é entender o processo de produção e distribuição da riqueza, bem como as classes sociais estão articuladas nesse processo. (Levy, 2006, s/p).

É nesse ambiente de acentuados laços acadêmicos com os órgãos governamentais de formação de dirigentes políticos, que Dilma se insere. Na perspectiva de Loureiro (2006) o cenário não teve mudanças significativas depois da década 1970, permanecendo uma polarização entre “grupos ortodoxos (monetaristas, liberais) e heterodoxos (sejam eles denominados estruturalistas ou desenvolvimentistas)” (*Ibid.*, p. 357). Na época, ela também frequentava reuniões de dois grupos ex-militantes do VAR-Palmares. Um deles era coordenado por Rui Falcão: “*Líamos Marx e também renovadores do marxismo como Poulantzas e Althusser*”. [...] O grupo

⁷⁶ A trajetória de Serra é marcada pela atuação em diferentes cargos políticos. Foi secretário de Planejamento do governo de SP na década de 1980; Ministro do Planejamento, da Saúde e das Relações Exteriores; Prefeito da cidade de São Paulo (2004-6); Governo do estado de SP (2006-14); Senador pelo estado de SP (1995-02; 2015-8). Pleiteou a presidência da República nas eleições de 2002, 2010 e 2018 e apesar de ir para o segundo turno, não obteve maioria dos votos.

durou uns dois anos, com reuniões trimestrais.” (Carvalho, 2010, p. 145). Ao passo que o outro era organizado em São Paulo, por Roberto Espinosa (ex-professor da Escola Paulista de Política, Economia e Negócios da Unifesp Osasco) e às vezes, contava com a participação de Carlos.

Ela foi minha aluna na década de 1980, na Universidade de Campinas, a Unicamp, em economia. [...] Uma aluna brilhante, inteligentíssima, uma pessoa de mente aberta e de coração aberto. E essa coisa da generosidade dela, da atenção que ela presta aos mais humildes, pra mim é uma virtude. (Maria da Conceição Tavares; Youtube, 10/08/2010).

Com um posicionamento notável no círculo acadêmico e militante da Escola Crítica – prestigiosa instituição de *policy makers*, técnicos-economistas – e compartilhando críticas ao modelo ortodoxo de economia, Dilma participou ativamente de grupos de debate e era vista como uma pesquisadora aplicada. Contudo, a maternidade foi um impasse no seguimento do mestrado. Isso por estar longe de rede de apoio, já que os familiares estavam em outros estados (RS e MG), incluindo Carlos Araújo, o que lhe impedia uma dedicação exclusiva ao desenvolvimento da pesquisa científica. Segundo Carvalho (2009), ainda que Dilma tivesse condições de manter uma babá, muitas vezes precisava levar a filha, Paula, à Universidade. Então apesar de ter cumprido os créditos obrigatórios do Programa de Pós-graduação, não apresentou a dissertação de mestrado e retornou para o RS para trabalhar como assessora do PDT na assembleia legislativa (RS), logo em seguida, tornou-se Secretária da Fazenda no governo de Alceu Collares na cidade de Porto Alegre (1986-8).

Em 1998 retomou a carreira acadêmica com o ingresso no curso de Doutorado na mesma instituição, pois já havia cumprido os créditos do mestrado e poderia aproveitá-los. Seu projeto estava inserido na área de Economia e subárea de Economia Monetária e Fiscal e Teoria Monetária e Financeira, novamente, sob orientação de João Manuel Cardoso de Mello. Entre os companheiros de orientação do professor, há outra figura-chave do PT: Aloizio Mercadante Oliva, um dos fundadores do Partido – que defendeu sua dissertação em Economia em 1989, sob o título “*Estado autoritário e desobediência operária : os trabalhadores metalúrgicos de São Bernardo do Campo e Diadema*”.⁷⁷ No período, também “participa de alguns grupos de discussão política, em São Paulo e no Rio Grande do Sul. Com os gaúchos organiza o “coletivinho”, formado principalmente por brizolistas e trabalhistas.” (Gazeta do Povo, 29/12/2010).

“No mestrado eu virei secretária da Fazenda da Prefeitura de Porto Alegre e no doutorado eu virei ministra... Não, secretária, secretária de Energia, Minas e Comunicação do governo do Estado do Rio Grande do

⁷⁷ Mercadante é atualmente o presidente do BNDES após nomeação de Lula, em 2023. Professor aposentado da Unicamp, foi eleito duas vezes como deputado federal (1991-1995; 1999-2003) e uma como senador de São Paulo (2003-2011), além de ter sido ministro nos governos de Dilma: Ministério de Ciência, Tecnologia e Inovação (2011-2012); Ministério da Educação (2012-2014; 2015-2016) e Ministério da Casa Civil (2014-2015).

Sul.” (Dilma, Memorial da Resistência SP, 28/05/2018). Em razão da agenda muito movimentada devido aos cargos que ocupava, Dilma interrompeu novamente o curso em 1999, e deixou a vida acadêmica em segundo plano (Amaral, 2011). Certa vez, Dilma afirmou: *“Fiz o curso de mestrado, mas não o concluí e não fiz dissertação. Foi por isso que voltei à universidade para fazer o doutorado. E aí eu virei ministra e não concluí o doutorado”*. (Carvalho, 2010, p. 146).

Quando ganhou notoriedade na política nacional, suas capacidades intelectuais, cognitivas e seu capital educacional foram constantemente interrogados, sobretudo, o seu ingresso na Pós-graduação na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), que era visto como “fraude”. Ao conferir os dados da Plataforma Lattes, de fato percebe-se que Dilma iniciou o mestrado em 1978 na Unicamp no Programa de Pós-graduação de Economia com a pesquisa intitulada *Modelo energético do estado do Rio Grande do Sul* interrompendo-a em 1983 e o doutorado em 1998.⁷⁸

⁷⁸ C.f.: Instituto de Economia da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Disponível: <https://www.eco.unicamp.br/instituto-economia/historico>, consulta: 14/02/2024.



Capítulo 2: “OUSAR LUTAR, OUSAR VENCER”⁷⁹: Militância e resistência

*Paix entre nous, guerre aux tyrans
Appliquons la grève aux armées
Crosse en l'air et rompons les rangs
S'ils s'obstinent ces cannibales
À faire de nous des héros
Ils sauront bientôt que nos balles
Sont pour nos propres généraux*
–L'Internationale de Eugène Pottier (1871).

Um capítulo essencial na formação de Dilma enquanto agente política foi sua intensa participação em movimentos de esquerda e de resistência à ditadura no Brasil (1964-85). Oposição ao regime militar compartilhada com outras lideranças políticas que vieram a se eleger ao Executivo nacional, como Fernando Henrique Cardoso (PSDB) e Lula.⁸⁰ Dilma foi presa e torturada; Lula, então líder sindical, também foi preso; Fernando Henrique sofreu aposentadoria compulsória e teve de se exilar no Chile e na França. Essa luta contra o autoritarismo também é um ponto em comum com as trajetórias de elites políticas dessa geração em países vizinhos, como os casos de Michelle Bachelet no Chile e de Néstor e Cristina Kirchner na Argentina (Rivetti; Hey, 2024).

O pano de fundo que constitui essas disputas é a Guerra Fria, isto é, o embate no pós-Segunda Guerra entre os blocos capitalista e comunista. Na história da América Latina, a Revolução Cubana de 1959 foi um marco crucial da resistência anti-imperialista – impactando profundamente movimentos sociais de todo o globo, incluindo o Brasil. Em termos gerais, sua importância residiu na transformação radical da estrutura política, econômica e social do país, cujos objetivos eram a derrubada do regime ditatorial de Fulgêncio Batista, a implementação de reformas sociais e econômicas, a nacionalização de indústrias e a independência política e econômica em relação aos Estados Unidos (Sales, 2011). Revolução que, ao que me parece, imprimiu impactos significativos nos países latino-americanos, particularmente nas lutas sindical, e camponesa e, sobretudo, nos movimentos estudantis (ME) e radicais, inspirando toda uma geração de ativistas e intelectuais.

Nesse período havia a mística das revoluções. Havia um ambiente internacional, as esquerdas todas queriam saber o que fazer. Cuba, Nicarágua, Vietnã, na França, em [19]68. Uma conjuntura internacional em

⁷⁹ Frase de Carlos Lamarca – ex-capitão do Exército que se tornou um “quadro” (leia-se, liderança) da VPR e do MR-8. Considerado o inimigo número um dos militares que estavam no poder, foi assassinado em 17 de setembro de 1971 em uma operação no interior da Bahia.

⁸⁰ Brizola, Carlos Lacerda, Jânio Quadros, JK e João Goulart são outros exemplos de membros da cúpula política brasileira que se opuseram (cada um à sua maneira) ao avanço militar, e foram considerados inimigos do regime. Como consequência, tiveram seus mandatos e direitos políticos cassados e foram obrigados a partir para o exílio.

ebulição. O movimento social que havia no Brasil era o trabalhismo, onde estavam os operários, os sindicatos
(Carlos Araújo, Jornal Já, 12/08/2017).

Com o presidente João Goulart (PTB) se alinhando cada vez mais à esquerda em seus discursos, em defesa de um reformismo de base, as cúpulas militares, com o apoio dos Estados Unidos, passaram a traçar refinadas estratégias para a sua retirada do poder e para sufocar qualquer possibilidade de revolução comunista no Brasil, tal como havia ocorrido em Cuba. Tanto que, após a destituição de Goulart, em 1 de abril de 1964, as marcas da ditadura logo começaram a aparecer.

É notável também que o período de instauração da ditadura cívico-militar ocorreu em momentos páreos na América Latina: Argentina (1976-1983), Brasil (1964-1985), Chile (1973-1989), Paraguai (1954-1989), Bolívia (1971-1978), Peru (1968-1980) e Uruguai (1973-1985), o que implicou também na articulação dos países para ações coordenadas, como a Operação Condor (*Plan Cóndor*) estimulada por Pinochet e levada à cabo pelos aparatos repressivos do Cone Sul com o apoio (em maior ou menor grau) de Colômbia, Peru e Venezuela.⁸¹ A narrativa de autoridade mobilizada pelos militares sustentava-se em valores como hierarquia e disciplina, por eles tidas como os fundamentos essenciais da estrutura organizacional das Forças Armadas (Exército, Marinha e Aeronáutica). Com isso, pretendiam perpetuar a crença coletiva de serem os mais competentes para governar e proteger os interesses dos cidadãos e do Estado. Nesse sentido, a formatação de um estado burocrático-autoritário foi construída com base em uma nova ideologia anticomunista – que se valeu de decretos-leis e atos institucionais –, para a legitimação de práticas de política militar e pelo uso da violência contra todos aqueles/as que ousassem desestabilizar a “ordem”.

2.1 Organizações de esquerda nos anos de chumbo

*Rompi tratados, traí os ritos
Quebrei a lança, lancei no espaço
Um grito, um desabafo
E o que me importa é não estar vencido
Minha vida, meus mortos, meus caminhos tortos
Meu sangue latino
–Secos e Molhados (1971).*

⁸¹ Falecido na Argentina em dezembro de 1976, João Goulart foi possivelmente uma das vítimas dessa operação, que resultou no assassinato de mais de 50 mil militantes na região. Em 1992, Martín Almada e José Agustín Fernández descobriram um conjunto de documentos oficiais (*Archivos do Terror*) com a descrição de atividades ilícitas empreendidas pelas Forças Armadas. C.f.: *Servicio de Información de Defensa de Uruguay: Archivos del Terror*. Disponível: <https://archive.org/details/@archivos-del-terror-de-uruguay?page=5&and%5B%5D=subject%3A%22Archivos+del+Terror+de+Uruguay%22>, consulta: 05/04/2024.

Segundo Gentilli (2004), “nos anos que antecederam o endurecimento da ditadura, a produção cultural brasileira atingiu um padrão bastante elevado, na música, no cinema, nas artes plásticas, no teatro, enfim em todas as manifestações culturais” (*Ibid.*, p. 96). Essa convulsão social foi, no entanto, interrompida em 1964 pelo golpe militar, marco inaugural de uma ditadura escancarada (Gaspari, 2002) que provocou uma supressão tanto da ação política de esquerda como do desenvolvimento da intelectualidade (Ignês; Magno, 2018) e da cultura nacional-popular engajada (Napolitano, 2014).

A expressão “anos de chumbo” (1968-1974) faz referência a uma atmosfera de temor e de restrição dos direitos civis decorrentes de uma série de medidas autoritárias por parte do Estado que incluíram: *i.* domínio dos militares e tecnocratas no poder político e na tomada de decisões, bem como na implementação de políticas públicas (Codato, 2004); *ii.* censura à imprensa e às produções artístico-culturais; *iii.* decreto de ilegalidade e proibição de greves, organizações de sindicatos e movimentos estudantis⁸²; *iv.* perseguição política, tortura e assassinatos de opositores/as ao regime empreendidas por instrumentos represivos como o Sistema Nacional de Informações (SNI) e o Centro de Informações do Exército (CIE) (Gaspari, *op. cit.*; Motta, 2018).

Houve também a cassação dos partidos políticos, no quadro da imposição de um bipartidarismo nacional entre 1966-79 formado pela Aliança Renovadora Nacional (ARENA)⁸³ – partido de ideologia política de direita e conservadora, operando como sustentáculo político-partidário da ditadura militar –, e pelo Movimento Democrático Brasileiro (MDB), oposição ao regime que reunia representantes do PTB e da ala mais progressista do PSD (Antunes; Ridenti, 24/05/2018). As Forças Armadas, por outro lado, eram formadas por diferentes correntes políticas conservadoras como o grupo mais “profissional” ligado à Escola Superior de Guerra (ESG) e o “grupo palaciano” – ala ideológica mais influente dentro da corporação militar e no Gabinete Militar da Presidência da República entre 1964-8 –, protagonistas de disputas internas no campo do poder (Codato, *op. cit.*).

Nesse contexto de significativa instabilidade política e social, o Diretório Estudantil do Colégio Estadual estava engajado na denúncia da repressão exercida pelo autoritarismo (assim como outras instituições escolares conhecidas por seu caráter político). O Estadual Central garantiu aos jovens que ali estavam inseridos uma participação ativa no foco mineiro de luta contra a ditadura, propiciando redes de socialização no ME e em diversos grupos de esquerda.

⁸² Em 09/11/1964, foi instaurada a Lei nº 4.464, chamada Lei Suplicy, decretando a ilegalidade da União Nacional dos Estudantes (UNE) – entidade fundada em 1937 (COVEMG, 2017).

⁸³ “Aderem ao partido [*Arena*] praticamente todos os integrantes da antiga UDN, que tinha feito feroz oposição aos governos trabalhistas de Getúlio Vargas e João Goulart, e a maior parte do antigo PSD, partido do ex-presidente Juscelino Kubitschek, além de membros do PSP e de outras agremiações menores.”. C.f.: *MEMORIAL DA DEMOCRACIA*: Arena nasce para dizer “sim, senhor” Disponível: <https://memorialdademocracia.com.br/card/arena-nascida-para-dizer-sim-senhor>, consulta: 06/04/2022.

No caso de Dilma, a participação na militância se deu pela Organização Revolucionária Marxista - Política Operária (ORM-Polop ou Polop)⁸⁴, grupo que se apresentava como alternativa à ampla influência do Partido Comunista Brasileiro (PCB) – que dominava os movimentos operário e estudantil pré-1964 no país (Chade; Indjov, 2011).

A diversidade de propostas e ideias que envolviam o movimento dos estudantes mineiros, em especial na capital, pode ser percebida na existência de três organizações políticas que mantiveram a supremacia naquele período. São elas: o grupo originado da esquerda católica, Ação Popular (AP), o Partido Comunista Brasileiro (PCB) e a Organização Revolucionária Marxista Político-Operária (ORM-POLOP). [...] Cada facção política pressupunha uma forma de luta, assim como cada grupo tinha uma leitura sobre a realidade brasileira, e era justamente esse ponto que orientava as práticas políticas (Bertolino, 2013, p. 57-8).

Eram frequentes as assembleias e a participação dos/as estudantes em marchas e manifestações, dentro das possibilidades que a restrição das liberdades de expressão autorizavam: “pouco depois da entrada de Dilma, a Polop atravessou um período de turbulência teórica, polemizando acerca do melhor método para derrubar a ditadura e avançar na luta pelo socialismo” (Carvalho, 2010, p. 122). Conforme registra a história da educação brasileira, foi nesses anos que o ME ganhou força ao se opor frontalmente às políticas educacionais implementadas pelos militares; também em razão disso, a população jovem foi alvo privilegiado da repressão, o que empurrou organizações secundárias e universitárias a operar na clandestinidade.

Há que considerar o impacto do quadro internacional sobre os ativistas de oposição em 1967/68, notadamente as lutas pela independência nos países colonizados e pela revolução socialista no terceiro mundo, com o caso cubano funcionando como poderoso chamariz na América Latina, além do ativismo juvenil nos espaços públicos das grandes metrópoles mundiais, com **a sensação de emergência do “poder jovem”** (Motta, 2018, p. 199; *grifos meus*).

2.1.1 ORM-POLOP

Com as atividades iniciadas em 1961, a partir da fusão de diferentes correntes e tendências políticas de esquerda, a ORM-Polop foi criada por antigos quadros do PCB, do PSB e do trabalhismo, seguindo uma orientação marxista clássica e adotando as produções de Trotsky, Lenin e Rosa Luxemburgo como principais referências teóricas. Era composta, em sua maioria, por jovens e intelectuais que se opunham à “importação de modelos revolucionários

⁸⁴ A organização reuniu membros de diferentes partidos, como o PSB do RJ e SP, a Juventude Trabalhista de Minas e os adeptos da teoria de Rosa Luxemburgo vinculados à Liga Operária de SP.

estrangeiros” (Torres, 2013, p. 55). Dilma integrou o comitê político da Polop e foi também uma das supervisoras dos secundaristas.

A POLOP era uma esquerda mais radical do que o Partidão e a AP de então. A divisão dos grupos era clara, exceto na esquerda católica. Mas havia diálogo, embora eles tivessem linhas políticas diferentes. Especialmente no turno da manhã, eram alunos bastante engajados no movimento estudantil, considerando-se a idade que tinham – 16, 17, 18 anos. Todos militavam ativamente nas suas respectivas tendências. Havia também os congregados marianos, de direita, que depois se reagruparam na TFP. Afirma Marcos, ex-membro do Diretório Estudantil (Lisboa; Gouvea, 2016, p. 280-1).

A ORM-Polop estava estruturada no circuito de São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro e buscava criar um partido revolucionário que atendesse às demandas da classe operária. Tinha como objetivo promover a organização política dos/as trabalhadores/as na luta contra a ditadura militar, defendendo a perspectiva de uma revolução socialista. Suas instalações físicas estavam, principalmente, na Faculdade de Ciências Econômicas da UFMG e, com a entrada de Dilma na faculdade, foi inevitável que o seu contato com as atividades militantes se acentuasse ainda mais.

– *Como ela era vista dentro do movimento? Na época assim, quando você ingressou, qual era a função da Dilma?*

Pimentel: *A Dilma tinha uma assim... ela era muito séria. Uma mulher muito séria assim, muito jovem né? Mas muito respeitada pela capacidade intelectual assim, tanto que ela era coordenadora de célula e logo ela foi dirigente do Colina e tal. **Lia muito, era uma pessoa que tinha uma aura diferente assim, ela era uma militante mais qualificada**, digamos assim. Eu também achava isso dela, sempre achei “essa moça, essa aí sabe das coisas” [risos].*

É interessante isso... Eu lembro de uma reunião, ela era tão absorta nas coisas [dá gargalhadas] que na reunião que a gente tava [fala rindo]. Ela, e a gente discutindo alguma coisa e ela, sabe assim, completamente absorta naquele negócio com uma caneta bic na mão, escrevendo e tal e, mastigando a caneta, daí uma hora ela quebrou a caneta na boca [imita o barulho e dá risada].

Falei “pô, que isso cara?” [risos coletivos]. [...] Mas era assim, o estilo dela né? Óculos, lente muito grossa e tal, mas muito dedicada, muito dedicada, muito disciplinada, então ela tinha uma... e foi dirigente depois da VAR-Palmares também, então assim, ela se destacava por isso. É um pouco o que todo mundo achava dela. [...] (Entrevista 21/02/2024).

Segundo Pimentel, Dilma era vista como uma “*militante mais qualificada*”, ou seja, alguém que detinha um grande acúmulo de capital cultural, incluindo habilidades organizacionais e uma sólida rede (capital social) adquirida nos colégios que estudou. “*Essa moça sabe das coisas*”, as leituras marxistas e o entendimento sobre o debate comunista, muito vinha da biblioteca particular que dispunha em casa, com os livros de seu pai e que desde cedo lhe chamavam a atenção. “*Era assim, o estilo dela*” expressa também o que viria a ser, futuramente, motivo de crítica por alguns pares: o estilo “*durona*”, de “*gerentona*”, de alguém que requer dedicação, seriedade e disciplina daqueles/as que trabalham com ela, assim como aparenta cobrar de si mesma. Por outro lado, após ser presa

em 1970, Dilma foi descrita pelos militares como “Joana D’Arc” da subversão e alguém com “*dotação intelectual bastante apreciável*”, descrição que visava, em alguma medida, justificar as agressões a que ela seria submetida.

*Num relatório sobre guerrilheiros da VAR-Palmares, o delegado Newton Fernandes, da Polícia Civil de São Paulo, traça um perfil de 12 linhas sobre Dilma. Segundo ele, ela era “uma das molas mestras e **um dos cérebros dos esquemas revolucionários** postos em prática pelas esquerdas radicais. [...] Trata-se de uma pessoa de **dotação intelectual bastante apreciável**” (O Globo, 19/11/2010; grifos meus).*

O “autoritarismo” atribuído a Dilma pode ser entendido pelas experiências vivenciadas no período entre o final da década de 1960 e de 1970. Não à toa, a estudante logo se destacou dentro da nova organização que atraía os jovens com um discurso anti-imperialista e revolucionário. A Polop se apresentava como uma alternativa para além dos partidos que compunham a esquerda brasileira na época (PTB, PSB e PCB), os quais “eram acusados pela ORM-Polop de entravar o processo revolucionário no país, em decorrência de suas avaliações de conjuntura equivocadas, bem como das estratégias que desenvolviam, privilegiando a associação entre as classes burguesa e proletária com vistas a uma política apenas reformista” (Torres, 2013, p. 55).

A organização foi concatenada por Eric Sachs, que assinava seus textos como Ernesto Martins, liderança que exigia de seus quadros uma rigorosa formação teórica, que incluía textos como “*Princípios fundamentais de Filosofia*” do Politzer, “*Estudo do método dialético*”, “*O materialismo histórico*”, “*Estado e Revolução*” de Lenin, além de escritos de Althusser e Poulantzas (Amaral, 2011). Entre os anos 1950 e 1960, o marxismo no Brasil extrapolava o campo acadêmico, estava enraizado nos movimentos políticos e estudantis, e tinha em Althusser o autor mais refinado dentre todos (Almeida; Cavalieri, 2018). Já entre a literatura local, expoentes como Celso Furtado, Caio Prado Jr. e Sérgio Buarque de Hollanda não podiam faltar na bibliografia obrigatória imposta por Sachs (Amaral, *op. cit.*).

Baseada em São Paulo, a organização possuía também uma base ativa em Minas Gerais, liderada por Guido Rocha (do CEC), Juarez Guimarães de Brito e Carlos Alberto “Beto” Soares de Freitas. O perfil dos/as demais militantes recrutados/as, sobretudo em MG, costumava ser de jovens com origem familiar de classe média e alta, participantes do movimento estudantil (secundarista ou universitário) e que futuramente se tornariam uma parcela da elite política intelectualizada – vide Dilma, Fernando Pimentel e Eleonora Menicucci.

Na entrevista (21/02/2024), questionei Pimentel⁸⁵ – cuja trajetória se assemelha à de Dilma por ter ingressado na política no mesmo contexto belo-horizontino da década de 1960, no Estadual Central –, se era inevitável participar do movimento secundarista naquela posição.

Pimentel: No Estadual Central sim, digamos que quem passou por ali, boa parte se envolveu no movimento estudantil. Não quer dizer que teve sequência depois, nós tivemos porque nós fomos militar mesmo, de organizações de resistência à ditadura e tal, mas aí é uma minoria. Mas a grande maioria participou das manifestações, passeatas e tal e os universitários da época também, a maioria participou de tudo porque o ambiente, o clima da ditadura era... [...] tudo era proibido.

Você não podia fazer nada, então, se você reunisse... Vamos nos reunir para fazer uma peça de teatro – não, não pode. A polícia política vai lá e fala que é subversivo. Vamos escrever um jornalzinho – não, também não pode. [inaudível] O Diretório Acadêmico do Colégio Estadual foi fechado, né? Foi só piorando e no final do ano de [19]68, que foi o grande ano das manifestações, então veio o AI-5. Aí sim que o tempo fechou mesmo.

Então, se você queria ter alguma participação política, inevitavelmente você ia pra clandestinidade. Não tinha como não ir! Ou então, você saía fora e falava “não, não vou mexer com isso [política], não quero correr risco e vou ficar quieto no meu canto”, ainda que não concorde mas eu não vou... Foi o que a maioria das pessoas fez; eu não concordo mas eu vou ficar quieto.

A restrição da liberdade, dos direitos políticos e o monitoramento constante dos jovens e trabalhadores/as, apontava para dois caminhos, segundo Pimentel: o primeiro era a indignação e a revolta, por meio da participação em organizações clandestinas e grupos contrários ao regime; já o segundo era a resignação daqueles/as que temiam por sua segurança e que não tinham intenção de ir para a clandestinidade, que colocavam seu bem-estar e integridade física acima dos anseios políticos. O segundo caso claramente não foi uma escolha para Dilma nem para seu amigo.

Muitos/as foram aqueles/as que optaram pela primeira alternativa e, nesse contexto, o país testemunhou o surgimento de diversas organizações de esquerda formadas por estudantes secundários e universitários, camponeses e operários/as engajados na realização de protestos, manifestações e greves exigindo mudanças políticas e reformas democráticas, educacionais e autonomia das universidades públicas (Santana, 2018). Para o último grupo, “as greves tinham um claro sentido de confronto, tanto com a ditadura militar, que cerceava a liberdade e a autonomia sindicais, quanto com a política econômica, que se fundava na superexploração do trabalho.”

⁸⁵ Pimentel foi ministro do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior no governo Dilma (2011-4) e, em 2014, também atuou como coordenador da campanha à reeleição. “A ligação entre Pimentel e Dilma é amplamente conhecida: os dois foram colegas do à época curso clássico no Colégio Estadual Central em BH, no começo dos anos [19]60. Ambos foram juntos para a luta armada e militaram na VAR-Palmares entre 1969 e 1970. Dilma foi presa em janeiro daquele ano. Pimentel, que saíra da VAR-Palmares para retornar à VPR, foi preso em abril, em Porto Alegre. Ficou dois anos e nove meses em regime de isolamento, seis meses em regime prisional normal e foi solto, sob condicional, em 1973” (Valor Econômico, 16/12/2010, Política, p. A8).

(Antunes; Ridenti, 24/05/2018, s/p).

Segundo Ortiz (1999), mesmo depois do golpe de [19]64, o espaço de liberdade de expressão continuou a vigorar por um tempo a mais, uma vez que “o Estado autoritário, no início, se voltou para a repressão dos sindicatos e das forças políticas que lhes eram adversas, só depois é que o AI-5 estendeu suas presas sobre a esfera cultural” (Ortiz, 1999, p. 104 *apud* Lisboa; Gouvea, 2016, p. 281).

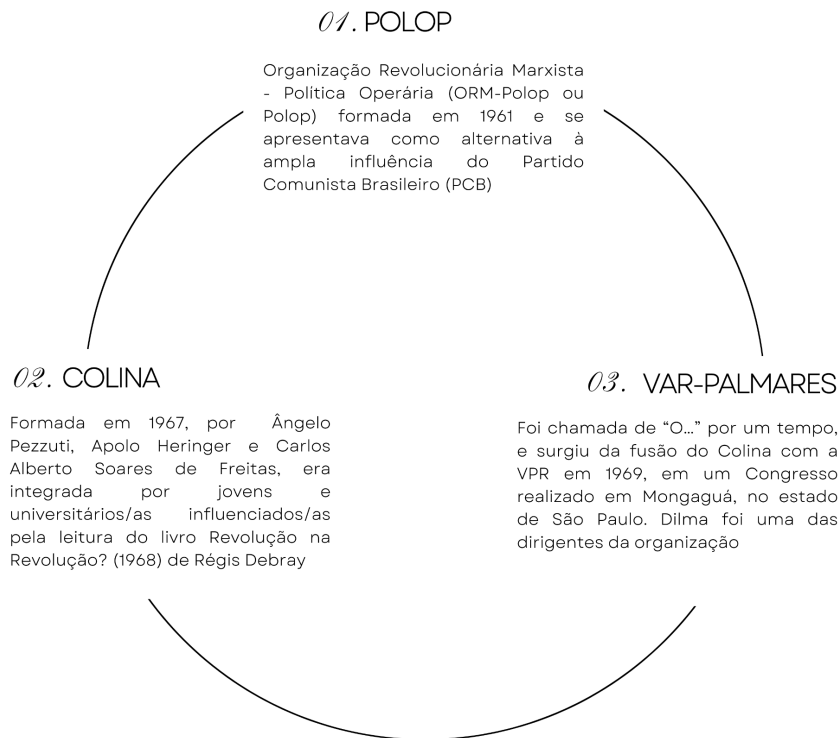
Foi de suma importância o papel desempenhado pelo movimento estudantil no período, notadamente por meio de organizações como a Ação de Libertação Nacional (ALN) – liderada por Carlos Marighella –, o Movimento Revolucionário 8 de outubro (MR-8), a Vanguarda Popular Revolucionária (VPR) – liderada por Carlos Lamarca –, e o Comando de Libertação Nacional (Colina). Posteriormente, em junho de 1969, as duas últimas facções se fundiram na Vanguarda Armada Revolucionária Palmares (VAR-Palmares) (Chade; Indjov, 2011; O Globo, 19/11/2010).

Com o recrudescimento da censura e da repressão no campo social, político e cultural, Dilma se filiou à Colina. Em 1967, no 4º Congresso da Polop, ocorreu um racha na organização, em razão de conflitos internos e divergências ideológicas entre defensores da linha tradicional – que recusaram a luta armada – e outros que, influenciados por Debray e Che Guevara, defendiam as ações de guerrilha – embate que se traduziu no dilema de enfrentar o regime por meio da passividade ou da luta armada (Chade; Indjov, *op. cit.*). Dilma, assim como Galeno e Carlos, optou por acompanhar o grupo “O...”.

Nesse momento da Polop, é, houve realmente outro racha na Polop, [risos], um pouco mais à frente em 68, no início - já o Movimento Estudantil muito avançado - e eles formaram a Colina e nós formamos o POC. É aí que surge o POC. Por isso que tem que contar essa história, essa trajetória, porque o POC ele se baseava na Quarta Internacional que é a luta de classe. Embora a Polop também, mas a Polop entrou no racha, a Colina e depois virou VAR e aí foi... Eu deixo pros companheiros da Polop contarem ou as companheiras, embora eu saiba (Menicucci, Memorial da Resistência, 16/05/2018).

A Polop se transformou em O..., depois passou a se chamar Colina e POC. Colina, que enfatizava o trabalho de doutrina em centros urbanos, se fundiu com a VPR, que defendia o foco nas ações armadas e na disseminação de pontos de guerrilha, dando origem à VAR-Palmares – de vida curta, pois não demorou para que a VPR e a VAR se separassem novamente. Conforme indica a imagem abaixo, no meio desse fluxo de simbiose e dissociação, Dilma integrou a Polop, a Colina e se tornou uma das dirigentes da VAR-Palmares (no segundo momento da organização).

Figura 4- O circuito das organizações



Fonte: Autoria própria (2024).

2.1.2 O... ou Colina

– *Quando a Polop se fragmentou, um grupo virou VPR e outro Colina lá em 1967?*

Dilma: *Não, virou duas organizações diferentes. A nossa não tinha nome. A nossa ficou uma organização era O pontinhos.*

– *Quando vira Colina?*

Dilma: *Todo mundo que era dessa organização, nós sempre ficamos juntos. Houve sempre dentro desse grupo uma visão diferenciada, tinha um pessoal que achava que tinha de ter luta armada e outro que achava que a linha de massa era mais forte. Isso vai permanecer. Tanto é que os que acham que a linha de massa era mais forte viram VAR e ficam sempre VAR. Os que acham que a luta armada era o melhor caminho começam VPR e não ser VPR depois que a VAR racha. Colina foi um período curto na minha cabeça e eu não me lembro direito se era três meses, dois meses. Até porque a gente não gostava de libertação nacional...*

– *Por quê?*

Dilma: *Porque eram duas linhas: uma era a revolução socialista e a outra libertação nacional. O povo da revolução socialista era linha de massa e o povo da libertação nacional era luta armada. (Folha de S.Paulo, 05/04/2009).*

Formada em 1967, a Colina foi temporariamente chamada de "O...". Seus primeiros dirigentes foram Ângelo Pezzuti (*codinome Gabriel e Cabral*), Apolo Heringer e Carlos Alberto Soares de Freitas. Seus membros eram, majoritariamente, jovens e universitários/as

influenciados/as pela leitura do livro *Revolução na Revolução?* (1968)⁸⁶ de Régis Debray – porta-voz de uma abordagem que combinava ações armadas com trabalho político e organização de base nas cidades, vislumbrando a criação de uma frente formada por forças populares contra o poder estabelecido. Che Guevara, referência na luta latino-americana contra os governos autoritários, foi um dos adeptos do argumento de Debray e um dos expoentes da estratégia que veio a ser chamada de “foquismo”⁸⁷ – formação de pequenos focos guerrilheiros em áreas rurais subdesenvolvidas para o desencadeamento de uma revolução nacional. Dessa forma, acreditava-se que uma vanguarda revolucionária que difundisse a ação armada e a propaganda entre a população via trabalho de base, despertaria uma consciência política das massas, logo, um impulso revolucionário em escala nacional.

Havia o Partidão, com muitas dissidências, os trotskistas, o PCdoB e nós, os debrayistas, os foquistas. Quer dizer, chegamos em 1964 com as esquerdas fragilizadas, divididas, sem base teórica, ninguém tinha conhecimento, nunca estudaram a história dos países. Nós fomos ser foquistas porque não tínhamos preparo político. Se tivéssemos maior preparo teórico, conhecêssemos mais o marxismo, não teríamos seguido esse caminho. A nossa ignorância, o exemplo de Fidel... Cuba era o grande exemplo... (Carlos, Jornal Já, 12/08/2017).

Em seu livro, Debray analisa a teoria e a prática da guerrilha como meio de transformação social e política, sobretudo a partir de sua experiência na América Latina, com destaque para Bolívia e Cuba. O argumento do autor é que uma estratégia revolucionária bem-sucedida deve se concentrar na mobilização das massas urbanas e na construção de um movimento popular amplo e enraizado.

Ângelo Pezzuti, um dos dirigentes do grupo, cursava medicina na UFMG e participava ativamente do Centro de Estudos de Medicina (CEM), diretório acadêmico do curso e do Show Medicina (prestigioso grupo teatral acadêmico e amador). Caiu (isto é, foi preso) em 1968 frente a agentes do DOPS e foi encaminhado a diversas prisões nos estados de MG, RJ e SP.⁸⁸ Foi acusado pelo regime de fazer propaganda subversiva e apologia de crime contra a segurança nacional, sendo julgado em 10 de agosto de 1971 e 23 de agosto de 1979, o que resultou em seu

⁸⁶ Trata-se de uma obra influente que gerou debates e controvérsias dentro dos movimentos de esquerda e revolucionários da época, especialmente na América Latina. Contribuiu para uma revisão das estratégias e táticas adotadas pelos grupos revolucionários e para a formulação de novas abordagens da luta contra regimes autoritários e opressivos.

⁸⁷ A eficácia do “foquismo” como estratégia revolucionária ainda permanece controversa e é objeto de debate tanto entre militantes como dentro do campo acadêmico (C.f.: Carnovale, 2023).

⁸⁸ Sua mãe (Carmela) e irmão (Murilo) também foram presos. Em dezembro de 1969, Pezzuti redigiu, juntamente com outros presos políticos, as Cartas de Linhares, nas quais eram denunciadas as torturas físicas e psicológicas a que eram submetidos. Esse documento se tornou, posteriormente e em nível internacional, uma importante prova da prática institucionalizada de tortura e maus-tratos levada a cabo pelo regime militar brasileiro. Os documentos podem ser consultados no site da COVEMG. Disponível: <http://www.comissaodaverdade.mg.gov.br/handle/123456789/319>, consulta: 01/12/2023.

banimento do território nacional e exílio na Argélia.⁸⁹ Segundo consta em sua ficha documental do Brasil Nunca Mais (BNM) nº 217 (Ação Penal nº 32/70, apelação STM nº 38.903), “foi extinta a punibilidade de *Ángelo Pezzuti da Silva*, em razão de seu óbito [em 1975] [p.569].”

A relação de Dilma com Pezzuti colocou-a no alvo da tortura. Primeiro, por reforçar a suspeita dos militares de que ela era uma das dirigentes do grupo e, segundo, por colocar Dilma – destinatária de bilhetes de Pezzuti interceptados na prisão – entre os possíveis organizadores de um plano de fuga para ele. Tanto que, em diversos relatos, ela afirma que teve de entrar para a clandestinidade e fugir de Minas Gerais logo após a prisão de Pezzutti.

*Eu comecei a ser procurada em Minas nos dias seguintes à prisão de *Ángelo Pezzuti*. Eu morava no Edifício Solar, com meu marido, *Cláudio Galeno de Magalhães Linhares*, e numa noite, no fim de dezembro de 1968, o apartamento foi cercado e conseguimos fugir, na madrugada. O porteiro disse aos policiais do DOPS de Minas que não estávamos em casa. Fugimos pela garagem que dá para a rua do fundo, a Rua Goiás (Dilma, Aventuras na História, 19/02/2022).*

*Fui interrogada dentro da Operação Bandeirantes (Oban) por policiais mineiros que interrogavam sobre processo na auditoria de Juiz de Fora e estavam muito interessados em saber meus contatos com *Ángelo Pezzuti*, que, segundo eles, já preso, mantinha comigo um conjunto de contatos para que eu viabilizasse sua fuga. [...] Desconhecia as tentativas de fuga de *Pezzuti*, mas eles supuseram que se tratava de uma mentira. Talvez uma das coisas mais difíceis de você ser no interrogatório é inocente. Você não sabe nem do que se trata (Dilma, G1, 18/06/2012).*

Assim como outras organizações de esquerda da época, o Colina enfrentou uma forte perseguição por parte das estruturas paraestatais de repressão após a imposição do Ato Institucional 5 (AI-5), em 13 de dezembro de 1968. O Ato foi decretado pelo marechal Arthur da Costa e Silva e representou a vitória política da extrema-direita militar (Codato, 2004), resultando em perseguições, prisões e mortes de seus/suas membros (Correio Braziliense, 18/06/2012), dando guarida jurídica a uma série de medidas autoritárias, como a instauração da Lei de Segurança Nacional, o fechamento do Congresso Nacional e a repressão institucionalizada.

Para Motta (2018), esses atos institucionais representavam um instrumento de aprofundamento autoritário, medidas que “armaram o Estado de poderes extraordinários, tal como o primeiro AI, editado em 1964. No entanto, diferente do primeiro Ato, o AI-5 não tinha prazo de expiração e poderia abrir caminho para ditadura eterna dos militares” (*Ibid.*, p. 196). Por essa razão, ainda que Dilma não estivesse à frente de ações armadas, uma das versões que se conta é que ela precisou aprender a manusear armas, tanto que teria feito um treinamento inicial em Belo Horizonte e um segundo em outro país.

⁸⁹ C.f.: GRUPO TORTURA NUNCA MAIS/RJ (s/d): Mortes no Exílio. Disponível: <https://www.torturanuncamais-rj.org.br/dossie-mortos-desaparecidos/mortes-no-exilio/>, consulta: 01/12/2023.

– Como era o treinamento?

Dilma: *Única e exclusivamente um treinamento básico sobre armas, meio precário, não tinha lá grande coisa. Não era a minha área. Nunca fui de muita ação. Eu nunca romantizei isso, não. E a partir de determinado momento todos nós achávamos que estava chegando no limite, que a situação ia ficar muito feia.* (Folha de S.Paulo, 26/06/2005b).⁹⁰

Dilma: [...] *Eu vou te dizer, sempre fui muito dedicada mas não achava isso [luta armada] grande coisa. Rigorosamente falando, nunca fiquei avaliando, naquele momento, se devia fazer isso ou aquilo. Seria irreal se eu te falasse isso. Nunca pensei, devo fazer isso ou devo fazer aquilo? Não se colocava assim para nós. Falavam assim: “vai ali e aprende a desmontar e desmontar a arma”. Você ia e aprendia. “Vai ali e escreve um documento”. Você também ia* (Folha de S.Paulo, 05/04/2009).

O ano de 1968 chegou ao fim com a dura repressão da ação operário-estudantil por meio de um terrorismo de Estado que perpetuava violações de direitos humanos em massa via meios institucionais (COVEMG, 2017). Nesse contexto, o terrorismo se afirmou plenamente como uma arma eficaz no combate de visões de mundo que se contrapõem às visões oficialistas e que age “tanto através de sua eficácia simbólica quanto de sua eficácia técnica” (Bourdieu, 2020, p. 110).

Nessa conjuntura de violações sistemáticas, o Colina se viu praticamente dizimado. Seus integrantes que sobreviveram se viram obrigados a fugir clandestinamente para outros estados.

Quando no Colina, [Dilma] tornou-se uma dirigente e esteve em dois congressos considerados históricos: o de Mongaguá, em São Paulo, quando o Colina e a VPR fundiram-se na VAR-Palmares, e no de Teresópolis, Rio, no episódio que se tornou conhecido como ‘racha dos sete’, como esfacelamento da organização e Lamarca saindo para dedicar-se à guerrilha rural. Dilma permaneceu na VAR. Ela se separou do marido, que seqüestrou (sic) um avião e foi para Cuba [...]. (Estadão, 08/03/2006).

O AI-5 elevou a tensão política e fomentou reações da esquerda ao aparato repressivo estatal, gerando uma espiral de violentos episódios que marcaram a história política brasileira, como: *i.* As greves operárias dos metalúrgicos em Contagem (MG) em abril e outubro⁹¹, duramente reprimidas – o que empurrou os quadros mais à esquerda à luta armada; *ii.* A *Passeata dos Cem Mil*⁹² em junho; *iii.* As greves operárias dos metalúrgicos em Osasco em junho, que atingiram as empresas Barreto Keller, Braseixos, Granada, Lonaflex e Brown Boveri⁹³; *iv.* A

⁹⁰ Em outra entrevista realizada e publicada pela Folha de S.Paulo (05/04/2009), Dilma afirma que nunca fez treinamento e muito menos saiu do país para a realização de qualquer formação de militância armada.

⁹¹ C.f.: MEMORIAL DA DEMOCRACIA: *Greve de Contagem*. Disponível: <https://memorialdademocracia.com.br/card/greve-de-contagem-fura-o-arrocho-salarial>, consulta: 06/04/2024.

⁹² Após o assassinato do secundarista Edson Luís, em 28 de março de 1968, foi realizada uma passeata em reação à violência sistêmica praticada pela ditadura. Nesta ocasião, cerca de cem mil pessoas se reuniram em protesto no centro do RJ, mobilização que contou com o apoio do ME, estudantes universitários, classe artística e diversos setores da população. C.f.: MEMORIAL DA DEMOCRACIA: *Passeata dos Cem Mil*. Disponível: <https://memorialdademocracia.com.br/card/passeata-dos-cem-mil-afronta-a-ditadura>, consulta: 06/04/2024.

⁹³ Segundo documentos, as fábricas (paralisadas) foram cercadas e invadidas, e a greve foi declarada como ilegal pelo regime.

Batalha da Maria Antônia em outubro, em São Paulo⁹⁴; *v.* Justificação do militar norte-americano Charles Chandler, em outubro⁹⁵; *vi.* *Ação Grande*, o roubo de US\$ 2,6 milhões do cofre do ex-governador paulista, Adhemar de Barros, em 1969. Esta última consistiu em uma ação do conjunto denominado de “expropriação revolucionária” para o levantamento de fundos ao movimento, a fim de propiciar condições básicas para a sobrevivência daqueles/as que estavam em situação de clandestinidade. Com a intensificação da perseguição aos militantes após o AI-5, mais pessoas foram para a clandestinidade, impedidas de exercer atividades remuneradas. Por isso, era requerido cada vez mais ações de expropriação no sustento desses grupos, além da produção e distribuição de materiais (panfletos, livros, textos) para as atividades de base e do custeio de viagens.

Fotografia 4- Passeata dos 100 mil no RJ



Foto: Evandro Teixeira/ Reprodução: G1 (26/06/2018).

⁹⁴ Em 02 de outubro de 1968 ocorreu, na Rua Maria Antônia, um sangrento confronto entre estudantes de perfis ideológicos diferentes: de um lado alunos da Universidade Mackenzie, notadamente conservadores e com discentes (homens civis e jovens) vinculados ao Comando de Caça aos Comunistas (CCC); do outro lado, alunos da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências da USP, organizados em movimentos revolucionários e partidos de esquerda. C.f.: *MEMORIAL DA RESISTÊNCIA: Rua Maria Antônia*. Disponível: <https://abrir.link/gUuSd>, consulta: 24/03/2024.

⁹⁵ Justificar era uma expressão usada para se referir ao assassinato de figuras do aparelho de Estado, como o caso de Charles Chandler em outubro de 1968 – justificado por organizações radicais de esquerda como a ALN e a VPR. O comandante norte-americano era acusado de ser enviado pela CIA para auxiliar no treinamento e ensino de técnicas de tortura aos agentes do Exército brasileiro. C.f.: *MEMORIAL DA DITADURA: Rua Petrópolis*. Disponível: <https://memorialdaresistencia.org.br/lugares/rua-petropolis/>, consulta: 24/03/2024.

2.1.3 VAR-Palmares: a fusão das lutas entre organizações

No carnaval de 1969, a Colina já havia sido fundida com a VPR e Estela [Dilma] passaria a adotar o codinome de Vanda. Antes disso, em uma fase de transição para a criação do novo grupo, Colina e VPR foram provisoriamente batizados de Ó Pontinho (Correio Braziliense, 18/06/2012).

VPR e MR-8 eram “organizações de vanguarda, contra o regime civil-militar, o imperialismo, o capital espoliador. Grupos que queriam mudar o Brasil, e mais, mudar o mundo, mudar tudo que fosse possível (e impossível) de ser mudado” (Cassal, 2010, p. 103). Como descrito anteriormente, a VAR-Palmares surgiu da união do Colina com a VPR em junho de 1969, durante um Congresso em Mongaguá – região Metropolitana da Baixada Santista, no estado de São Paulo: “Dilma estava na reunião de fundação, realizada clandestinamente” (Folha de S.Paulo, 26/06/2005).

Dilma: Na minha cabeça, eu só lembro que a gente conversava e discutia muito, debatia. Tinha uma infraestrutura complexa porque a gente não saía de lá, não podia aparecer. Bom não era. Mas, naquela época, você achava que estava fazendo tudo pelo bem da humanidade. Nunca se esqueça que a gente achava que estava salvando o mundo de um jeito que só acha aos 19, 20 anos. Sem nenhum ceticismo, com uma grande generosidade. Tudo fica mais fácil. Tudo fica mais justificado, todas as dificuldades (Ibid., 05/04/2009).

Poucos meses depois, em outubro, foi realizado um congresso em Teresópolis (RJ) para decidir sobre o futuro da organização – fruto da junção entre Colina e VPR, o que rendeu uma nova divisão, “o racha dos sete”, em razão de divergências irreconciliáveis quanto à adesão ou não da luta armada. Assim, dividiu-se entre VAR-Palmares “massista” e a VPR armamentista de Carlos Lamarca (Folha de S.Paulo, 26/06/2005; Gentilli, 2004).

Marcamos uma reunião em Teresópolis, reunimos, numa casa, 50 pessoas, era democrático, cada estado vinha com uma representação. Havia muitas divergências e ninguém queria abrir mão de nada. Uns eram militaristas, queriam fazer foco, enquanto outros queriam ficar no trabalho político, nos sindicatos, nos bairros. Metade de um grupo apoiava a metade do outro, era uma confusão geral (Carlos, Jornal Já, 12/08/2017).

Foi nesse momento que Dilma se tornou uma das dirigentes do grupo que agregou a maioria dos/as militantes, a VAR-Palmares. Pimentel, integrante da VAR-Palmares, fez o caminho inverso na cisão: “eu saí pra VPR, coisa que ela nunca me perdoou [risos]. Porque ela ficou na VAR-Palmares...” (Entrevista, 21/02/2024).

Tinha divisão no comando. Um pessoal participava da parte armada e o outro do trabalho urbano. A Dilma e eu participávamos do trabalho urbano. Nunca participei de nenhuma ação armada. Não teria restrição em

participar, mas minha função era organizar o grupo pelo Brasil. E isso eu fazia (Carlos, Brasileiros, 31/07/2012).

Nesse novo ciclo, a VPR esteve sob o comando de Maria do Carmo⁹⁶ (*codinome Lia*) – contemporânea de Dilma na Faculdade de Economia da UFMG, ela foi a primeira mulher a comandar um grupo guerrilheiro na América Latina –, Ladislau Dowbor e Lamarca. “*Depois da ruptura com Lamarca, [Carlos] Araújo se instalou em São Paulo, onde acabou preso em julho de 1970*” (GZH, 12/08/2017). Pimentel justifica sua ida à VPR porque a VAR era composta por um núcleo mais intelectualizado, composto originalmente por quadros que formavam a Colina, no que se contrapunha completamente ao perfil do grupo encabeçado por Lamarca.

Eu fui um dos que saiu e ela [Dilma] ficou indignada. “Não, você vai com esses militaristas? Não sei o que e tal” mas não era... a VAR-Palmares não tinha... Eu falava assim “o nosso negócio é fazer luta armada? Guerrilha?”. Então vamos com quem sabe fazer isso, porque nós somos um bando de estudantes que não sabe mexer com isso não. [risos coletivos] [...] E a VPR tinha os ex-militares cassados em [19]64, liderados pelo Lamarca que não tinha sido caçado mas que tinha saído do quartel e fugido com as armas no começo de [19]69. Mas tinha muito ex-militar, sargento, marinheiros e tal. Bom, e esse pessoal entendia de arma e nós não. Então se vamos pegar em armas, nós vamos para lá. Então nós, alguns, fomos para a VPR e eu entre eles. Ela ficou e nessa época a gente se encontrou, e teve discussões dela tentando me convencer e não conseguiu. Bom, aí, em [19]69, aí nós fomos presos em [19]70... eu fui preso em abril e ela foi presa... [em janeiro] – em organizações diferentes, lugares diferentes, tudo diferente (Pimentel, entrevista 21/02/2024).

Em 16 de janeiro de 1970, uma sexta-feira, após um longo período na clandestinidade, Dilma foi presa em uma lanchonete no centro da cidade de São Paulo e encaminhada ao DOI-Codi da Rua Tutoia, onde foi torturada por 22 dias (Amaral, 2011). Em seguida, foi levada à Torre das Donzelas onde passou dois anos e dez meses encarcerada.

Faz parte do meu currículo ter ficado, ter sido condenada a seis anos, se eu não me engano, é a... Foi a seis anos de prisão por São Paulo, Rio e Minas Gerais. Depois a pena foi reduzida pra dois anos e um mês e eu já tinha cumprido quase três e aí eu fui solta (Dilma, Memorial da Resistência, 28/05/2018).

Quando soube da prisão da companheira, Araújo rumou para São Paulo. Alugou a edícula de uma casa no Jardim Japão, bairro da periferia paulistana, e decidiu perambular diariamente pelas imediações do Largo do Arouche, tradicional ponto de encontros secretos da militância. Numa manhã, viu passar a ativista Maria Celeste Martins, que por coincidência dividira com Dilma, antes desta ser presa, um quarto de pensão no Brás. “Ela me contou que Dilma se mantinha firme, sem entregar ninguém, e que estava no DOPS”, relembra Araújo (CQ, 01/09/2015).

⁹⁶ Em 1962, Maria do Carmo se casou com Juarez Guimarães de Brito, destacado dirigente do ME. Os dois tiveram grande protagonismo na Polop, Colina e na VAR-Palmares. Posteriormente, foram para a luta armada com a VPR e participaram ativamente do roubo do “cofre do Adhemar”. Em 1970, o casal caiu em uma emboscada dos militares: Juarez se suicidou e Lia foi presa, torturada e exilada na Argélia – passando a se relacionar com outro dirigente de esquerda, Ângelo Pezzuti (TPM, 01/04/2014; Amaral, 2011).

Em entrevista ao Estadão, Dilma Jane contou como recebeu a notícia da prisão da filha.

Eu soube porque nesse tempo a gente tinha uma parenta, o mesmo que uma tia, que era muito política, casada com um coronel médico. [...] Ela era amiga do Juscelino, que foi padrinho de casamento dela. Então ela tinha um amigo que era coronel, o coronel Cúrsio, e ele veio me avisar, a pedido dela, disse que a Dilma tinha sido presa em São Paulo. Ela disse pro coronel me dizer que estava presa, mas que não tinha perigo, que não estavam torturando - coitado do coronel, nem sabia direito (Dilma Jane, Estadão, 08/03/2006).

2.1.3.1 Clandestinidade: fuga entre estados

O custo de se dedicar à militância, seja pegando em armas e indo para o *front*, ou como um quadro notável na formação política, no trabalho organizacional dos grupos e na contabilidade, é alto. Implica na dissociação de sua própria identidade com o uso de codinomes, em abrir mão de qualquer tipo de estabilidade e da tradicional socialização familiar em nome de uma causa. Ou seja, além de se viver na iminência de ser preso/a e flagelado/a, trata-se de uma opção drástica de cortar laços, não dar notícias por uma questão de segurança de si e da família e estabelecer outros tipos de rede vislumbrando manter-se fiel aos ideais político-revolucionários. No caso de Dilma, essas redes⁹⁷ ou contatos mobilizados durante o período foram reconvertidas, no longo prazo, em capital cultural e político, pois lhe conferiram visibilidade, reconhecimento (certo *status*) e um conjunto de habilidades que se provaram úteis no exercício da política estatal – por meio do “domínio de pontos de referência ideológicos ou históricos e *know-how* operacional na mobilização e/ou gerenciamento de organizações” (Neveu, 2013, p. 355).

“Você ter um filho preso, um filho clandestino, um ano sem dar notícias. Um ano que ela [a mãe] não sabia se estava vivo ou morto, né?” (Pimentel, entrevista 21/02/2024). O relato de Linda Goulart, que era militante da Colina, se assemelha ao de Pimentel: *“Quando eu estava clandestina no Sul, Dilma fazia a conexão com a minha família, pois eu estava lá há sete anos e tinha perdido os vínculos”* (O Globo, 01/11/2010c). Assim como ao de Dilma, que teria conseguido ver a mãe uma única vez durante o período de clandestinidade (Amaral, 2011).

– É verdade que a senhora dorme de sapatos e guarda dinheiro no colchão?

*Dilma: Olha, querida, dormi de sapato bem uns cinco anos da minha vida, vocês nem eram nascidas, no fim da década de 60. Dormia vestida porque, a qualquer momento, tinha que acordar e ir embora. Os caras sempre podiam estar ali. Mas não durmo mais não. E sempre tem um dinheirinho vivo, uai. Isso daí você *acquire* [risos]* (Marie Claire, 30/06/2016).

⁹⁷ Embora Dilma tenha mantido as amizades daqueles tempos, alguns de seus/suas companheiros/as foram mortos/as e desaparecidos/as, como Carlos Alberto Soares de Freitas (*codinome Beto*) e Maria Auxiliadora Lara Barcelos (*codinome Dora*).

Como o relato de Dilma ilustra, o estado de vigilância era constante, a ponto de não poder descansar e ter uma noite de sono em trajés confortáveis porque a qualquer momento poderia ser necessário realizar alguma fuga. De Minas Gerais para o Rio de Janeiro, do Rio para São Paulo, muitas vezes, o destino reservava também o Rio Grande do Sul para os/as militantes. Assim, eram múltiplos os caminhos e as técnicas de fuga que usavam para despistar os militares, como percorrer distintos estados do país, além da confidencialidade e cuidado com a troca de informações sobre as células e aparelhos (isto é, esconderijos)⁹⁸: “a gente trocava de estado para fugir.” (Carlos em depoimento; Ruiz; Solon, 2016, p. 120).

*Eu comecei a ser procurada em Minas nos dias seguintes à prisão de **Ângelo Pezzuti**. Eu morava no Edifício Solar, com meu marido, Cláudio Galeno de Magalhães Linhares, e numa noite, no fim de dezembro de 1968, o apartamento foi cercado e conseguimos fugir, na madrugada. O porteiro disse aos policiais do Dops de Minas que não estávamos em casa. Fugimos pela garagem que dá para a rua do fundo, a Rua Goiás (Dilma, Conedh, 10/2011).*

2.2 Militância e afetividade: os casamentos

A militância política implicava na formação de comunidades onde as relações sexuais e afetivas eram desenvolvidas de maneira distinta dos padrões tradicionais da época. Tanto que a maioria se relacionava entre companheiros/as de militância, em contatos motivados pelo compartilhamento das mesmas visões de mundo (comprometimento com causas comuns aos padrões culturais dominantes) e pela possibilidade de vislumbrar condições mínimas de segurança física. A permanente ameaça da presença de infiltrados, com o conseqüente reforço do clima de insegurança e suspeição, impunha limites e desafios adicionais às relações interpessoais.

Um aspecto importante do contexto foi a liberação sexual que teve início com a comercialização das pílulas contraceptivas (Pedro, 2003), que, atrelada aos valores progressistas e contestatórios dos/as militantes, deu a tônica do discurso de amor livre. Ou seja, da construção de laços e alianças livres de parâmetros tradicionalistas, já que o afeto e a liberdade eram vistos como um ato político. A sexualidade, nesse sentido, é uma dimensão importante da emancipação individual e coletiva por rejeitar os valores e normas conservadoras que outrora reprimiam as expressões sexuais e controlavam os corpos femininos.

⁹⁸ Durante a ditadura, célula e aparelho (isto é, moradia de vários militantes) referiam-se a unidades organizacionais clandestinas ou semi-clandestinas pertencentes a movimentos de resistência ou grupos políticos de orientação de esquerda. O objetivo dessas organizações era promover o recrutamento (atividades de base e conscientização crítica) e, em alguns casos, execução de ações de guerrilha urbana. Em razão do *status* de clandestinidade, as operações das células e dos aparelhos estavam sujeitas a uma constante vigilância, enfrentando repressão, perseguição e prisões frequentes para a desestabilização da organização revolucionária contra o regime.

Isso posto, os laços afetivos estabelecidos transcendiam os limites da família nuclear, desafiando o discurso tradicional da moral e dos bons costumes críticos que orientavam e seguem orientando – ao menos na teoria –, os/as representantes conservadores de direita e extrema-direita (Cordeiro, 2021). Os/as integrantes das organizações não apenas lutavam radicalmente por transformações sociais e políticas, mas também experimentavam mudanças significativas em suas relações afetivas e na compreensão de sua própria sexualidade, que refletiam tanto os ideais libertários do movimento quanto os desafios e contradições inerentes à busca por uma vivência emancipatória.

É preciso ter em vista também que as relações afetivas e sexuais entre militantes de esquerda não estavam isentas da reprodução de discursos machistas ou outras formas de opressão, pois a própria hierarquia dos movimentos reforçava as dinâmicas de poder, as hierarquias e a divisão sexual do trabalho, reverberando, conseqüentemente, nas relações pessoais.

2.2.1 Cláudio Galeno de Magalhães Linhares (*codinome Lobato/ Aurélio*)

O primeiro marido de Dilma foi Cláudio Galeno de Magalhães Linhares, mineiro nascido na cidade de Ferros, no interior do estado, filho de Joviano Linhares e Conceição Lage de Magalhães. Também conhecido pelo sobrenome, durante a ditadura seu codinome era Lobato. Os dois se conheceram na militância da Polop, em 1967, quando ele já era um quadro experiente e que, inclusive, já tinha sido preso em 1964 após o golpe militar (Amaral, 2011). Casaram-se em setembro do mesmo ano (“*O casamento de dois anos registrado em cartório e celebrado com festa.*” (GHZ, 01/06/2013), quando ela era estudante de economia e ele, que já trabalhava como repórter, cursava a graduação em sociologia na UFMG.

– *Vocês noivaram, casaram como prevê a tradição, família e propriedade?*

Dilma: *Não. Namoramos e casamos na tradição da esquerda da época. Só pode casar no cartório* (Folha de S.Paulo, 26/06/2005).

Com a intensificação da perseguição política à Colina, após a prisão de Ângelo Pezzuti, Dilma e Galeno precisaram recorrer à clandestinidade e o destino do casal os separou. Os dois foram para o Rio de Janeiro, o berço da organização, mas apenas Dilma lá permaneceu.

Antes de seguir para São Paulo, Dilma e o marido passaram pelo Rio, em 1969. Sem conseguir, de início, um apartamento para morar, viveram num hotel em Laranjeiras (O Globo, 19/11/2010).

– *No depoimento à polícia, a senhora diz que ficou na casa de uma tia, depois vai para o Hotel Bahia e depois vai para a casa de companheiros... Como era a vida de clandestina no Rio de Janeiro?*

Dilma: *Não era nada disso. O hotel Bahia é verdade, todo mundo ia para o hotel e ele caiu. A gente estava dizendo uma coisa que já tinha caído. Depois a gente alugava apartamento por temporada* (Folha de S.Paulo, 05/04/2009).

No final de [19]68, início de [19]69, Cláudio resolveu fugir para o Rio. Alguns dias depois, como lembra a senhora Dilma, a filha também desapareceu de Belo Horizonte. Foi bem na hora, porque no dia 18 de março de 1969 o 2º tenente do Exército Carlos Alberto Del Menezzi batia à porta do apartamento 1.001 do Condomínio Solar, na Avenida João Pinheiro, 85, a casa dos Linhares (Estadão, 08/03/2006).

O destino de Galeno, depois da curta passagem pelo RJ, foi Porto Alegre, para onde ele se mudou com o objetivo de auxiliar na luta dos movimentos que encontravam-se debilitados no Sul: *“com cabelo pintado de vermelho e sobrancelhas aparadas para alterar a fisionomia, já não era mais Lobato. Usava documentos como Ivan ou André - eram tantos nomes falsos que ele nem recorda”* (GHZ, 01/06/2013). No mesmo período, um dos integrantes do grupo conhecido como “O...”, baseado em Porto Alegre, Carlos Araújo, fazia o caminho inverso saindo do Sul em direção ao Rio de Janeiro, onde conheceria Dilma (C.f.: GZH, 12/08/2017). A militância no RS fez com que Galeno se aproximasse e dividisse casa por um tempo com Luiz Heron Araújo, irmão de Carlos, além de ser acolhido por Calino Pacheco.

Galeno era um dos coordenadores do grupo no Estado. Passou alguns dias na casa do companheiro Luiz Heron Araújo, irmão de Carlos Araújo – o segundo marido de Dilma –, e também no aparelho da Var-Palmares, montado em um apartamento no bairro Menino Deus, acolhido pelo líder estudantil Calino Pacheco (GZH, 01/06/2013).

Quando saíram de Minas, os dois já estavam separados, o que explica o envolvimento com outros/as militantes. Galeno passou a se relacionar com Ignez Maria Serpa Ramminger (*codinome Martinha*)⁹⁹, e Dilma com Carlos Araújo (C.f.: Veja, 27/10/2018). Martinha, inclusive, relatou o seguinte para a CNV (2014): *“Eu o namorei e não sabia que ele era casado. Bem, eu não sabia nem o nome verdadeiro dele. Aí o Galeno foi fazer uma ação que foi o sequestro de um Boeing da Varig. Aí ele foi embora para Cuba e eu só fui vê-lo anos depois quando fui a Paris”* (Ibid., p. 185). O que se assemelha à relação entre Dilma e Carlos, os quais não conheciam a real identidade do outro, uma vez que, quanto menos se soubesse a respeito dos/as parceiros/as, menor a chance de colocar o outro em risco diante da possibilidade de tortura – algo iminente no cotidiano da clandestinidade. Nesse sentido, o uso do codinome e o não compartilhamento do nome real era um cuidado auto-imposto por ambos os lados.

⁹⁹ Militante da VAR-Palmares e VPR e sobrinha de Ulisses Câmara Vilar, quadro de grande relevância dentro do PCB.

Somente quando [Carlos] leu nos jornais as notícias a respeito da prisão da namorada, em janeiro de 1971 (sic), foi que ele soube o verdadeiro nome da garota com quem vinha mantendo uma relação afetiva havia cerca de dois anos: Dilma. Até ali, o casal se tratara, tanto na intimidade quanto perante os companheiros de movimento, apenas pelos respectivos codinomes: “Max” e “Estela” (CQ, 01/09/2015).

Galeno ou Lobato vivia dias complicados no Sul, após a caída (prisão) de diversos/as militantes, capturados/as pela polícia ao tentarem realizar assaltos para a arrecadação de fundos para a luta revolucionária. Fausto Machado Freire e Marco Antônio Meyer, ameaçados de morte, desapareceram sem deixar nenhum sinal e, como forma de obter qualquer informação sobre o seu paradeiro, foi realizada uma articulação estratégica para pressionar as autoridades a darem algum tipo de retorno aos familiares (GHZ, 01/06/2013).

Segundo a BBC: *“O sequestro de aviões foi uma arma muito utilizada naquele período de recrudescimento da ditadura, bem como o de diplomatas estrangeiros. O objetivo era forçar a libertação de companheiros presos e torturados, dar fuga aos perseguidos políticos e, claro, chamar a atenção do mundo para o que acontecia no país” (Ibid., 08/08/2017).* Essa foi também a arma usada por Galeno, Athos Magnus Costa e Silva, Isolde Sommer e Marília Guimarães, a esposa de Freire, Marília Guimarães¹⁰⁰ e os dois filhos (Marcello e Eduardo), que, ao encontrarem James Allen da Luz, em Montevidéu em 1970, sequestraram um avião Caravelle (voo 114) da companhia Cruzeiro do Sul, que iria rumo ao Rio de Janeiro.¹⁰¹ Os militantes fizeram com que o piloto desviasse em direção à Argentina *“parando para reabastecer no Chile, depois no Peru - onde ficou quase dois dias por causa de um problema de bateria – Panamá e, finalmente, Cuba” (GHZ, 01/06/2013).* Quando em Cuba, no exílio, Galeno passou a trabalhar *“em uma agência de notícias ligada ao governo cubano, focada em denunciar prisões arbitrárias e torturas no Brasil. A gente recebia casa e comida e um pequeno dispêndio para pequenos gastos, ir ao cinema, comprar cigarro” (Idem).*

Os cinco foram acusados de espionagem, sabotagem e terrorismo e propaganda subversiva. Na apelação n. 42.426/1979 é descrito que também *“são atribuídas acusações pela distribuição de panfletos de caráter subversivo no interior da nave, apoderamento de duas malas diplomáticas pertencentes à Embaixada Brasileira e entregue a autoridades cubanas”.* A acusação se baseou nos Artigos 15, parágrafo 2º, 28, 29 e 45, incisos I e V, do Decreto-Lei nº 898, de 1969¹⁰² e, após a Auditoria da 11ª CJM em Brasília (29/04/1971), foi determinada a seguinte sentença:

¹⁰⁰ Marília e os filhos permaneceram em Cuba até a promulgação da lei da Anistia, retornando ao Brasil apenas em 1980. Em 2017, ela lançou o livro *Habitando o Tempo – Clandestinidade, Sequestro e Exílio*, pela editora Liber Ars, onde relata sua trajetória na VPR, a fuga para Cuba e a vida familiar no exílio.

¹⁰¹ Após repercutir internacionalmente, o governo brasileiro admitiu a captura de Freire e Meyer ainda vivos (GHZ, 01/06/2013). Segundo o jornal Folha de S.Paulo (26/06/2005), *“Dilma não participou do sequestro, mesmo tendo aprovado a sua execução, porque tinha responsabilidades internas e não foi designada para a tarefa. Foi presa 15 dias depois.”*

¹⁰² Classificação do crime adequado após a sentença para o artigo 26 da Lei nº 6.620/78 (equivalente ao artigo 28 do Decreto-Lei nº 898, de 1969).

[...] *Condenação de James Allen da Luz à pena de 30 anos de reclusão e à pena acessória de suspensão dos direitos políticos pelo prazo de 10 anos; de Cláudio Galeno Magalhães Linhares, Athos Magno Costa e Silva e de Isolde Sommer à pena de 25 anos de reclusão e à pena acessória de suspensão dos direitos políticos pelo prazo de 10 anos; e de Marília Freire à pena de 15 anos de reclusão e à pena acessória de suspensão dos direitos políticos pelo prazo de 10 anos.* (BNM; Ação Penal nº 62/70 Apelação STM nº 42.426).

Após o período em Cuba, Galeno mudou-se para o Chile, depois se refugiou no Panamá, Bélgica, Itália e França e, com a Lei de Anistia de 1979, retornou a Belo Horizonte e ao RS, e *“foi justamente na casa de Dilma e Araújo que encontrou abrigo até reestruturar a vida no Brasil. Estava acompanhado pela mulher, a nicaraguense Mayra, e pelas filhas Iara e Ana”* (Brasileiros, 31/07/2012). Passou a trabalhar novamente com editoração de textos – atividade que nunca deixou de exercer – e, no que concerne às atividades políticas, participou da refundação do PTB e da criação do PDT no Rio Grande do Sul (que será abordado no capítulo adiante), juntamente com o casal Dilma e Carlos, Carlos Alberto de Ré, Sereno Chaise (Cardoso *et al.*, 2004) e outros/as conhecidos/as de militância. Posteriormente, acompanhou Brizola no Rio de Janeiro como seu assessor. Segue em contato com Dilma (IstoÉ, 01/11/2010).

2.2.2 Carlos Franklin Paixão Araújo (*codinome Max*)

Nascido em 1938 em São Francisco de Paula, na região serrana do Rio Grande do Sul, foi casado com Dilma durante 25 anos. Assim como Galeno, Carlos também conheceu Dilma durante a militância em oposição à ditadura. Carlos teve três filhos, um de cada relacionamento: Leandro (1962), do primeiro casamento, Paula (1976) e Rodrigo (1996).¹⁰³ Seu primeiro casamento foi com a arquiteta Vânia Abrantes, com quem teve o primogênito – procurador do Ministério Público do Trabalho do Rio Grande do Sul (MPT-RS), assim como Paula.¹⁰⁴

Carlos e seus irmãos, Paulo e Luiz Eron, cresceram em um ambiente doméstico politizado, sobretudo pela influência de seus pais, Afrânio¹⁰⁵ e Marieta. Faz referência, em diferentes relatos, a quando seu pai saía à noite para pichar muros e às conversas que costumava ter com um amigo comunista sobre a Guerra Civil espanhola, destacando a influência desses episódios em sua introdução precoce na vida militante: *“Seu pai era Afrânio Araújo, advogado e um dos únicos comunistas*

¹⁰³ Rodrigo é fruto de um relacionamento extra-conjugal de Carlos quando ainda era casado com Dilma. Os três filhos seguiram a formação jurídica familiar de Carlos e Afrânio.

¹⁰⁴ Leandro exerce o cargo de Procurador desde 1993. C.f.: *Relatório Conclusivo de Inspeção RS - Corregedoria Nacional do Ministério Público, maio de 2014.* Disponível: https://www.cnmp.mp.br/portal/images/Corregedoria/inspe%C3%A7%C3%A3o/RIO_GRANDE_DO_SUL/MPT_RS.pdf, consulta: 01/04/2024.

¹⁰⁵ *“Meu pai era comunista e veio para Porto Alegre para ser advogado dos sindicatos. Foi o primeiro advogado no Brasil a defender só trabalhadores”* (Carlos, Jornal Já, 12/08/2017).

da pequena cidade em que viviam. O nome Carlos, dado ao filho, era uma homenagem ao pensador Karl Marx e a Luiz Carlos Prestes, chefe do Partido Comunista no Brasil” (GZH, 12/08/2017).

Ainda na juventude, quando se mudou para a capital, Porto Alegre, Carlos passou a militar na Juventude Comunista. Foi preso pela primeira vez aos 15 anos, em Pelotas, em um encontro de estudantes secundaristas, experiência por ele definida como “*coisa de poucas horas, um fresco aos olhos de hoje*” (Brasileiros, 31/07/2012). Em 1957, foi um dos poucos brasileiros que integrou a delegação brasileira do 6º Festival Internacional da Juventude, em Moscou – na época capital da URSS –, que reuniu mais de 30 mil jovens de 131 países sob o lema “Pela paz e fraternidade!”.

Nós, gaúchos, não tínhamos dinheiro. Éramos pelados. Fomos de navio, para ficar mais barato, e nos encontramos lá com a delegação. (Carlos, Brasileiros, 31/07/2012).

No Leste Europeu, tomou conhecimento do relatório secreto em que Nikita Krushev denunciava os crimes cometidos por Joseph Stalin. Na volta ao Brasil, como a direção local do Partido Comunista se negava a reconhecer o documento, decidiu deixar a agremiação com outros militantes (GZH, 12/08/2017).

Segundo contou ao jornal Brasileiros (*op. cit.*), quando retornou à capital, “*a guriçada toda saiu [do Partido Comunista]. Criamos um centro de estudos e debates. Começamos também um forte trabalho de base em associações de bairro e no movimento sindical*”. Não demorou para que fosse convidado para realizar outra visita internacional de cunho político, desta vez para Cuba.

Até hoje não sei por que fui convidado. De Porto Alegre, convidaram a mim e a outros dois caras. Um deles era um conservador progressista da UDN Bossa Nova (grupo que defendia a renovação do partido), que depois veio a ser governador do Estado durante a ditadura, o Simval Guazzelli. Um cara muito aberto, com quem Dilma e eu tivemos boas relações. O outro convidado era o Adroaldo Streck, meu colega de turma na faculdade. Um cara de direita, que depois foi deputado federal (Carlos, Brasileiros, 31/07/2012).

Foi nessa viagem, no início dos anos 1960, que conheceu Francisco Julião¹⁰⁶ – líder das Ligas Camponesas, deputado federal pelo Partido Socialista Brasileiro (PSB) entre 1963-4, quando teve seu mandato cassado e direitos políticos suspensos por efeito do AI-1, publicado em 10/04/1964. Julião e Carlos estabeleceram uma forte relação, viajando juntos pelo Brasil e pela América Latina com o objetivo de disseminar a luta do movimento rural e camponês (*Idem*). A relação entre os dois também foi importante porque foi por intermédio de Carlos que Julião se aproximou de Leonel Brizola, então governador do RS e peça-chave para o fortalecimento institucional do Movimento dos Agricultores Sem Terra (Master) no estado. Com o golpe de

¹⁰⁶ Julião foi uma figura central na luta pelos direitos dos/as trabalhadores/as rurais no país, reivindicando melhores condições de trabalho, contra a pobreza extrema e a superexploração por parte dos latifundiários. A demanda central do movimento da Liga dos Camponeses, surgida inicialmente na Zona da Mata de Pernambuco, era a reforma agrária e a redistribuição de terras, estando intimamente ligada às lutas mais amplas por justiça social e democracia.

1964, o Master foi completamente desestruturado, com suas lideranças e militantes subjugadas a represálias, sevícias, prisão e exílio.¹⁰⁷

2.2.2.1 Max e Vanda

O encontro de Carlos, que na época tinha 30 anos, com Dilma (*codinome Vanda/Wanda*), então com 21, ocorreu “*pouco depois do Carnaval de 1969, no Rio de Janeiro, em uma das reuniões preparatórias para a formação da organização guerrilheira Vanguarda Armada Revolucionária Palmares (VAR–Palmares)*” (CQ, 01/09/2015). Segundo Carlos, o que lhe chamou a atenção nela foi sua beleza física, mas também o seu capital cultural: “*Já havia lido uma boa quantidade de livros para a idade dela*” (*Idem*); “*Eu achei ela muito inteligente, era muito bonita. Era muito bonita. Existe esse negócio de amor à primeira vista? Isso foi à primeira vista. As nossas energias, as nossas fantasias se combinaram*” (Carlos, Folha de S.Paulo, 03/06/2012). Da parte de Dilma, a atração se deu pelo fato de Carlos ser uma figura de liderança, logo, ter uma postura que constantemente atraía as pessoas (militantes) ao seu redor. Perfil bastante similar, vale ressaltar, ao de Galeno, que também era alguns anos mais velho que Dilma e que já possuía um certo capital político consolidado nas organizações militantes antes de conhecê-la.

Os dois, membros da Colina, participaram ativamente da fusão e do desmantelamento da VAR-Palmares com a VPR, tornando-se quadros centrais da VAR. No período, o cerco às organizações se fechava cada vez mais, o que fez com que Dilma fosse à São Paulo, enquanto Carlos permaneceu no Rio para orientar o comando nacional (CQ, 01/09/2015).

Pouco tempo depois, em janeiro de 1970, Dilma “caiu” em uma emboscada armada pelos militares. Na esperança de obter algum contato da namorada, Carlos foi para São Paulo. Enquanto circulava pelas ruas do centro da cidade à procura de informações, encontrou Maria Celeste Martins, que dividia um quarto de pensão com Dilma (Amaral, 2011). “Carlos soube o essencial, que se filtrava da cadeia: Dilma estava viva, não tinha entregado ninguém e tinha sido transferida para o DOPS. Do inferno ao purgatório” (*Ibid.*, p. 75).

Em 12 de agosto do mesmo ano, o próprio Carlos foi capturado pela equipe do delegado Sérgio Paranhos Fleury. Submetido a extrema violência física, chegou a tentar o suicídio, com medo de não resistir às torturas que vinha sofrendo e entregar integrantes da VAR (*Idem*). No

¹⁰⁷ Em 2015, a Comissão Camponesa da Verdade (CCV) concluiu que 1.196 camponeses foram mortos ou desapareceram entre 1964-85, número abaixo do identificado por Gilney Viana, que identificou cerca de 1.600 vítimas fatais e mais de 16.500 que sofreram algum tipo de repressão política entre 1964-88. De qualquer maneira, tanto a CCV quanto Viana apresentam números muito superiores aos informados pelo relatório da CNV (2014), o que reflete, segundo o pesquisador, a discriminação e exclusão reproduzidas pela classe dominante contra os/as camponeses/as e indígenas (A Pública, 21/03/2024).

registro (R.T.J. 70) feito quando de sua prisão, atribui-se a Carlos as seguintes palavras: “Disse que está, como sempre estive e pretende estar até morrer, consciente da revolução socialista” (BNM, s/d, p. 623).

Araújo mentiu aos torturadores. Garantiu que tinha um “ponto” a cumprir com Lamarca. Os homens do delegado Sérgio Fleury, apontado como um dos principais responsáveis pela prática de torturas durante a ditadura, acreditaram na história e levaram o prisioneiro até o suposto lugar do encontro, a movimentada Rua Clélia, na Lapa. Dezenas de automóveis passavam em alta velocidade pelo local e, em um gesto premeditado, Araújo escolheu saltar e se atirar debaixo das rodas de uma Kombi. Estatelado no asfalto, foi transportado para o Hospital das Clínicas, onde os médicos e as freiras impediram o prosseguimento das sessões de tortura (CQ, 01/09/2015).

Decidi me matar, inventei que tinha um ponto com o Lamarca (o que eles mais queriam) e quando cheguei na rua me atirei embaixo de uma Kombi. Fui pro hospital todo quebrado, fiquei nove dias, quiseram me torturar no hospital, mas uma freira impediu (Carlos, Jornal Já, 12/08/2017).

A tentativa de suicídio fracassou e Carlos seguiu preso de julho de 1970 a julho de 1972 na OBAN, no Presídio Tiradentes e no DOPS em São Paulo. Depois, foi levado ao RS, onde ficou preso de agosto de 1972 a junho de 1974 no DOPS e na Ilha do Presídio.¹⁰⁸ Condenado a quatro anos, foi solto no mesmo dia em que o pai, Afrânio, faleceu, vítima de infarto.

Em um movimento de “repique”, no final de 1970, o casal se encontrou brevemente no Rio de Janeiro, na fase de depoimento. Um ano depois, em 1971, enquanto aguardavam o julgamento, os dois ficaram enclausurados no Presídio Tiradentes, momento em que oficializaram a relação: “conseguiram uma declaração de que, antes da prisão, **viviam em “concubinato marital”**. Com isso, tiveram direito a encontros íntimos e reataram a relação.” (CQ, 01/09/2015). O casamento entre Carlos e Dilma se efetivou após um parecer positivo de Romeu Tuma – diretor do DOPS entre 1977-1982.

Resolveram pegar a minha mãe e a mãe da Dilma, ouviram o DOPS, faziam um processo administrativo que as duas eram testemunhas que nós vivíamos juntos e assinaram, então a certidão de casamento minha e da Dilma é assinada pelo DOPS, é verdade, é a única que nós temos, é real isso, mas aí quando chegamos aqui [no RS] a Dilma pediu para me visitar e não deixaram, não reconheciam a certidão de casamento do DOPS de São Paulo, na repressão também tinha essas contradições, temos aqui uma coisa de São Paulo, um papel aqui e não reconheciam [...] (Carlos em depoimento; Ruiz; Solon, 2016, p. 101).

¹⁰⁸ “Eu fui preso em São Paulo [em agosto de 1970] fiquei um tempo preso em São Paulo cerca de uns 4 meses aí fui transferido para o Rio de Janeiro no rio eu fiquei preso cerca de 6 a 8 meses e retornei a São Paulo eu já tenho mais ou menos um ano de cadeia, aí em São Paulo eu fiquei mais um ano lá no Tiradentes, e aí que eu vim para o Rio Grande do Sul [em 1972] pela primeira vez na Rua Celeste Martins” (Carlos em depoimento; Ruiz; Solon, 2016, p. 9). Na Ilha, Carlos ficou preso em companhia de Raul Pont (PT), Fernando Pimentel (PT) e Rui Falcão (PT), os quais também se consolidaram, posteriormente, como lideranças político-partidárias no campo político brasileiro.

O casamento em papel passado tornou possível visitas na prisão com uma hora de duração. Em março de 1976 nasceu a única filha do casal, Paula¹⁰⁹ – que se tornaria primeira-dama do país entre 2011-4, no primeiro governo de sua mãe. O relacionamento de Dilma e Carlos chegou ao fim em 2000, com idas e vindas após um primeiro término em 1994 – o que não significou, contudo, uma ruptura na relação de amizade: “*Eu e Dilma tivemos uma ótima vida amorosa, afetiva e rica para os dois. [...] A gente sempre se ajudou muito. Hoje, considero a Dilma uma irmã*” (Carlos, IstoÉ, 01/11/2010).

2.3 Do inferno ao purgatório

Qualquer pessoa que ousar dizer a verdade para interrogadores, compromete a vida dos seus iguais e entrega pessoas para serem mortas. Eu me orgulho muito de ter mentido, senador [José Agripino]. Porque mentir na tortura não é fácil. Agora, na democracia se fala a verdade e diante da tortura, quem tem coragem, dignidade, fala mentira (Dilma, 07/05/2008).

Na Oban era o pátio e ficava as menina do lado, os homens do outro e, e a tortura era... Se ouvia grito de tudo quanto é lado, aqui [DOPS] cê não ouvia (Menicucci, Memorial da Resistência, 16/05/2018).

Após o assassinato de Carlos Marighella¹¹⁰, em setembro de 1969, “o governo institucionalizou a Operação Bandeirantes, prevendo a tortura e a prisão de lideranças de esquerda” (Chade; Indjov, 2011, p. 79) ou OBAN – organização mais ampla que envolvia não apenas o Exército, mas também a Polícia Militar e a Polícia Civil.

A OBAN¹¹¹ foi um projeto idealizado pelo General Canavarro Pereira, a partir de uma força-tarefa formada por Polícia Militar, Polícia Civil e Exército que contou com o financiamento de empresários, indústrias estrangeiras e da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (FIESP), conforme aponta a investigação realizada pelo CNV e divulgada em artigo no jornal *O Globo*:

Os recursos para financiar o aparato repressor eram coletados, entre outros, pelos empresários Gastão de Bueno Vidigal (Banco Mercantil de São Paulo), João Batista Leopoldo Figueiredo (Banco Itaú e Scania) e Paulo Ayres Filho (Pinheiros Produtos Farmacêuticos), além do advogado Paulo Sawaia. Empresas como

¹⁰⁹ “*Paula, 34 anos, nunca participou diretamente das atividades políticas dos pais. Mas está sempre por perto. Quando necessário, faz valer a sua opinião*” (Carlos, IstoÉ, 01/11/2010).

¹¹⁰ Maior liderança da Ação Libertadora Nacional (ALN), fundada em 1968, que tinha como objetivo promover ações armadas e de guerrilha urbana no país. Foi, inclusive, considerado o principal “inimigo” a ser combatido pelos militares durante a ditadura. C.f.: *MEMORIAL DA RESISTÊNCIA: Carlos Marighella*. Disponível: <https://memorialdarestenciap.org.br/pessoas/carlos-marighella/>, consulta: 01/04/2024.

¹¹¹ C.f.: *MEMORIAL DA DEMOCRACIA: Nasce a OBAN, braço da tortura em SP* (s/d). Disponível: [114](http://memorialdademocracia.com.br/card/nasce-a-oban-braco-da-tortura-em-sp#:~:text=A%20Oban%20foi%20criada%20para,civis, consulta: 02/04/2024.</p></div><div data-bbox=)

Ultras, Ford, Volkswagen e Chrysler forneceram carros blindados, caminhões e até refeições prontas para as equipes do Dops (O Globo, 18/03/2013).

O patrocínio da ditadura por parte do empresariado conservador denuncia o discurso anticomunista hegemônico permeando as elites financeiras, intimamente ligado aos interesses econômicos, políticos e ideológicos desses setores. Uma das obras desse acordo são as políticas econômicas adotadas por Delfim Netto, ministro da Fazenda do governo Médici (1969-74), no chamado “Milagre econômico”, baseado em grande investimento de capital estrangeiro no país¹¹², com o favorecimento de setores como a indústria pesada (automobilística e produção de bens duráveis) e a agroindústria (Gentili, 2004).

Assim, é evidente que o apoio reunido entre setores da elite e do empresariado decorria não apenas do compartilhamento de uma visão autoritária de mundo, mas, também, da expectativa de privilégios concedidos pelo Estado, como benefícios fiscais, acesso privilegiado a recursos públicos, além da supressão e retaliação dos movimentos de oposição (de esquerda), com destaque para os movimentos sindicalistas que estavam então fomentando greves por melhores condições de trabalho.¹¹³ Lula, por exemplo, foi um dirigente que teve seu nome divulgado pela montadora alemã Volkswagen por suas atividades sindicais (El País, 08/09/2014) – sendo preso por trinta dias, em 1980, enquanto era presidente do Sindicato dos Metalúrgicos (Moraes, 2021).

A OBAN consistia em uma unidade de membros de diferentes instituições que atuavam em conjunto, enquanto o DOI-CODI era uma unidade exclusiva do Exército.

É nesse momento que muda a característica da repressão, ela passa de repressão baseada, sobretudo, nos Departamentos de Ordem Política e Social, que... E se... Que se caracterizam por uma repressão civil para uma estrutura militar sob controle dos DOI-Codis, dos Departamentos de Operação de Defesa Interna (Dilma, Memorial da Resistência, 28/05/2018).

¹¹² Entre as consequências do “milagre econômico” da ditadura se destacam: inflação ascendente, concentração de renda, desenvolvimento desigual das camadas sociais e aumento intenso da dependência externa como reflexo da política de endividamento. Esses elementos contribuíram para a fragilização da economia brasileira no longo prazo, além de acentuarem as desigualdades entre a população (Fonseca, 2009, p. 47).

¹¹³ Na Argentina, as indústrias também tiveram um protagonismo na colaboração com o regime autoritário, principalmente entre os anos de 1976-83. As empresas que se destacaram na delação de trabalhadores/as foram: Aguilar, Ledesma, La Veloz del Norte e Ford (El País, 08/09/2014).

Instituído pelo presidente e general Emílio Garrastazu Médici em 1970 (em substituição à OBAN), o Destacamento de Operações de Informações - Centro de Operações de Defesa Interna (DOI-Codi) – “apelidado pelos militares, com macabra ironia, de ‘Casa da Vovó’” (CQ, 01/09/2015) – funcionava como uma unidade de inteligência do Exército Brasileiro responsável por investigar e combater organizações políticas de esquerda, sindicatos e movimentos sociais (CEDEM; Unesp, 26/03/2018), destacando-se por práticas cruéis de repressão. Se consolidaram como os principais centros de repressão do Estado em várias cidades, como Belém, Belo Horizonte, Brasília, Curitiba, Fortaleza, Porto Alegre, Recife e Salvador. As principais unidades estavam sediadas no Rio de Janeiro e em São Paulo, onde o DOI foi comandado de 1970 a 1974 pelo coronel Carlos Alberto Brilhante Ustra – que, mais tarde, viria a ser acusado de praticar torturas e outros crimes durante a ditadura.¹¹⁴

Fui interrogada dentro da Operação Bandeirantes (Oban) por policiais mineiros que interrogavam sobre processo na auditoria de Juiz de Fora e estavam muito interessados em saber meus contatos com Ângelo Pezzuti, que, segundo eles, já preso, mantinha comigo um conjunto de contatos para que eu viabilizasse sua fuga (Dilma, Aventuras na História, 19/02/2022).

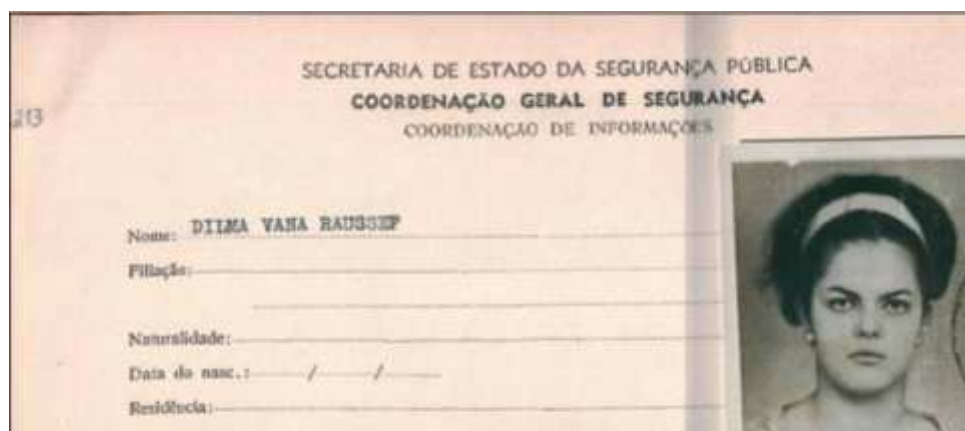
Eu lembro de chegar na Operação Bandeirante, presa, no início de [19]70. Era aquele negócio meio terreno baldio, não tinha nem muro, direito. Eu entrei no pátio da Operação Bandeirante e começaram a gritar “mata!”, “tira a roupa”, “terrorista”, “filha da puta”, “deve ter matado gente”. E lembro também perfeitamente que me botaram numa cela. Muito estranho. [...] Eu senti ali que a barra era pesada. E foi (Dilma, Folha de S.Paulo, 21/06/2005).

Os relatórios das Comissões da Verdade (2014) atestam que, nesse período, qualquer pessoa que apresentasse algum tipo de resistência ao autoritarismo e repressão seria silenciada. Em relato no documentário *A Torre das Donzelas* (2018), Dilma declarou que “a OBAN era um inferno, acho que fiquei 2 meses para mais na OBAN. Eu saí da OBAN e fui para o DOPS”.

“No DOPS você passava a... Existir. Porque lá na Oban cé não existe, né?” (Eleonora Menicucci, Memorial da Resistência, 16/05/2018). O DOPS (Departamento de Ordem Política e Social) foi uma organização criada em 1924 também empregada na repressão e perseguição aos movimentos políticos que se opunham ao regime militar. O DOPS, ou “purgatório”, nas palavras de Dilma, era conhecido por sua atuação truculenta e por violar sistematicamente os direitos humanos dos presos políticos. Em entrevista ao Memorial da Resistência (28/05/2018), descreveu “as marcas da tortura sou eu. Fazem parte de mim”.

¹¹⁴ Anos mais tarde, durante a votação do processo de impeachment de Dilma na Câmara dos Deputados, em abril de 2016, Ustra foi homenageado pelo deputado federal Jair Bolsonaro (na época, filiado ao PL), que assim justificou seu voto em favor da interrupção do mandato: “pela memória do Coronel Carlos Alberto Brilhante Ustra, o pavor de Dilma Rousseff” (Estadão, 08/08/2019).

Fotografia 5- Ficha de Dilma em branco e com sobrenome grafado errado



Fonte: COVEMG/Divulgação (s/d).

Documentos do SNI registram que Dilma teria usado identidade falsa com o nome de Marina Guimarães Garcia de Castro, além de Maria Lúcia dos Santos. Os codinomes *Estela*, *Wanda/Vanda* e *Luíza* também constam em seus registros. Vale destacar que os militares pontuaram em sua ficha que ela seria uma “*Joana d’Arc da subversão*”, “*papisa da guerrilha*” e “*uma figura feminina de expressão tristemente notável*”. De acordo com a AERJ, em 1971, quando Iara Iavelberg (*codinome Liana*) foi assassinada em uma operação militar, ela carregava uma das carteiras de identidade falsas usadas por Dilma – com o nome de Maria Lúcia. Samuel Iavelberg, irmão de Iara e cunhado de Lamarca, contesta essa versão afirmando que “*Quando Iara caiu, elas militavam em organizações diferentes. Era contra a norma de segurança andar com carteira de identidade de pessoas do outro grupo*” (Estado de Minas Gerais, 27/06/2012).

2.3.1 As marcas da tortura “sou eu”

Acho que nenhum de nós consegue explicar a sequela.

A gente sempre vai ser diferente

–Dilma (El País, 10/12/2014).

Apredida por estudiosos/as como uma experiência sobre os limites da dor, das desigualdades e de poder, a tortura é uma questão tributária do problema “que remonta às condições históricas da instituição dos direitos humanos e ao valor diferencial dos corpos e da vida em uma ordem biopolítica, como mostrou Foucault, e em sua esteira, Agamben (2010) e Butler (2015)” (Sarti, 2019, p. 510). Os métodos utilizados pelo regime para a obtenção de

informações sobre os grupos – como o uso de choques elétricos em pés, mãos, parte interna das coxas, regiões íntimas e orelhas, o uso de pau de arara, palmatória, afogamento, cadeira do dragão, soro da verdade (pentotal sódico)¹¹⁵, além de diversas outras tecnologias para gerar o sofrimento alheio – se tornaram amplamente conhecidos pelos/as os/as militantes, e para os quais eles/elas passaram a se preparar com antecedência, desenvolvendo técnicas, como a mentira, para resistir ao máximo ao suplício físico.¹¹⁶

Apesar de todas as formas possíveis de resistência, os relatos de Dilma sobre as sessões de sevícia a que foi submetida após sua detenção em 1970, revelam de modo evidente em que medida as marcas da tortura se tornam inesquecíveis: no corpo, mas, sobretudo, na dimensão psicológica (“*a gente sempre vai ser diferente*”). Os relatórios divulgados pela CNV e pelas comissões estaduais comprovam a existência de práticas coordenadas pelo aparato militar, em que buscava-se diminuir as condições de dignidade humana dos/as presos/as, fazendo-os/as passar por situações vexatórias e de maus-tratos, com assédio psicológico e violências físicas que produziram efeitos traumáticos na vida social dos/as militantes, conforme se pode observar nos trechos abaixo:

Uma das coisas que me aconteceu naquela época é que meu dente começou a cair e só foi derrubado posteriormente pela OBAN. Minha arcada girou para o outro lado, me causando problemas até hoje, problemas no osso do suporte do dente. Me deram um soco e o dente deslocou-se e apodreceu. Tomava de vez em quando Novalgina em gotas para passar a dor. Só mais tarde, quando voltei para SP, o Albernaz completou o serviço com um soco, arrancando o dente (Dilma, 25/10/2001).

Fizeram choque, muito choque, mas muito choque. Eu lembro, nos primeiros dias, que eu tinha uma exaustão física, que eu queria desmaiar, não agüentava mais tanto choque. Eu comecei a ter hemorragia (Dilma, Estadão, 08/03/2006).

É uma disputa entre éticas diferentes, entre princípios diferentes. Uma pessoa que se dispõe a fazer a outra ter dor tem um processo de difícil identificação (Dilma, Folha de S.Paulo, 05/04/2009).

Você não chora na tortura, não sei por quê, mas você não chora, tão.. É indizível aquela dor física, você mente na tortura, mente pra, pra proteger companheiros e companheiras, né? Então isso é muito, muito forte, mas [vo]cê fica com marcas indelévelis. [...] A tortura física dói, arreventa, a psicológica marca, são cicatrizes que não curam nunca! (Menicucci, Memorial da Resistência, 16/05/2018; grifos meus).

Tinha muito esquema de tortura psicológica, ameaças. Eles interrogavam assim: “me dá o contato da organização com a polícia?” Eles queriam o concreto. Você fica aqui pensando daqui a pouco eu volto e

¹¹⁵ De acordo com Napoleão Teixeira (1950), o soro da verdade (*truth serum*) é composto por várias substâncias entorpecentes e sedativas, como a morfina (injetada via intramuscular), causando diversos efeitos colaterais, como alucinações. No caso das torturas, o pentotal sódico era injetado para que o/a preso/a, uma vez imerso em um estado de semiconsciência, confessasse as operações da organização a que pertencia e delatasse os esconderijos de seus/suas companheiros/as.

¹¹⁶ C.f. Relato de Ana Maria Ramos Estevão (2021) reproduzido no capítulo “A queda” (pp. 30-66).

*vamos começar uma sessão de tortura”. A pior coisa é esperar por tortura. Não se distinguia se era dia ou noite. O interrogatório começava. Geralmente, o básico era choque. [...] Se o interrogatório é de longa duração, com interrogador “experiente” ele te bota no pau-de-arara alguns momentos e depois leva para o choque, **uma dor que não deixa rastro, só te mina**. Muitas vezes também usava palmatória, usava em mim muita palmatória. [...] Era de dia e de noite. Emagreci muito, pois não me alimentava direito (Dilma, Memorial da Resistência, 28/05/2018; grifos meus).*

*Fiz terapia para me curar desses traumas. **Nunca tive coragem de contar os detalhes da tortura para os meus filhos ou para a minha mãe**. [...] Quando lembro da tortura, posso dizer que conheci a besta humana. Conheci o lado mais nefasto (Ignez Maria Serpa Ramminger; Veja, 26/10/2018; grifos meus).*

*O estresse é feroz, inimaginável. Descobri, pela primeira vez, que estava sozinha. Encarei a morte e a solidão. Lembro-me do medo quando minha pele tremeu. **Tem um lado que marca a gente pelo resto da vida** (Dilma, Aventuras na História, 19/02/2022; grifos meus).*

Ainda sobre as atrocidades sofridas, a postulante, na petição inicial (ID 1294095261), “explica que as violências eram aplicadas na maioria das vezes sobre o corpo nu, com choques nos bicos dos seios. As sessões de choques eram tão intensas que sentia vontade de desmaiar, e, ao fim das sessões, não conseguia sequer controlar as mais básicas funções humanas de controle de urina e fezes” (Transcrição do depoimento de Dilma, anexado ao processo 1056557-38.2022.4.01.3400 de 04/02/2023).

As violências sofridas na tortura são tipificadas como parte de um crime imprescritível¹¹⁷, assim como os crimes de lesa humanidade, tanto que, anos após a redemocratização do país, Dilma foi anistiada por quatro Comissões Estaduais que reconheceram e ratificaram a sua condição de anistiada política: 1. *Minas Gerais*: anistiada e indenizada pela Comissão Estadual de Indenização às vítimas de tortura do Estado (Lei nº 13.187/99), em R\$ 30.000,00; 2. *Rio de Janeiro*: anistiada e indenizada pela Comissão Especial de reparação do Governo do Estado (Lei nº 3.744/2001, regulamentada pelo Decreto 31.995/2002), em R\$20.000,00; 3. *Rio Grande do Sul*: anistiada em 13/06/1990; 4. *São Paulo*: anistiada e indenizada pela Comissão Especial do Governo do Estado (Lei nº 10.726/2001), em R\$22.000,00.

Em âmbito federal (via Processo nº 1056557-38.2022.4.01.3400, com sentença emitida em fevereiro de 2023), foi reconhecida sua condição de anistiada política com indenização por danos morais visando redimir os prejuízos causados por abalos psicológicos, a supressão dos direitos políticos e as torturas sofridas no período militar. Nesse processo, Dilma obteve uma indenização no valor simbólico de R\$400.000,00 como reparação pelos danos causados. O Relatório de Sentença, nº 1472330357 de 04/02/2023 (p. 14-15; *grifos do original*) cita as seguintes provas de perseguição política e atos de tortura por ela sofridos:

¹¹⁷ São quatro tipos graves de violações de direito que ocorriam por meio da tortura: 1. detenção (prisão) ilegal ou arbitrária; 2. tortura; 3. execução sumária, arbitrária ou extrajudicial, e outras mortes imputadas ao Estado; 4. desaparecimento forçado e ocultação de cadáver. (CMV-JF, 2015, p. 93; COVEMG, 2017).

- I. **Mandado de Busca e Apreensão expedido por autoridade militar** (ano 1969 – ID 1294095270, evento 6), com **apreensões de livros e cadernos considerados proibidos à época**, dentre eles: *A História da Revolução Russa, Torturas e Torturados, Cultura e Revolução Cultural, Canudos – Guerra Santa no Sertão, além de talões de cheques e outros.*
- II. Relação de **indiciados pelo regime militar (inquérito policial)**, onde consta o nome da demandante, conforme ID 1294095272 (evento 7); na fl. 8 do referido ID consta que a autora, cognominada “Estela” teria praticado os seguintes delitos à época: pertencer à organização clandestina e revolucionária de cunho **marxista-leninista**; integrar uma célula política de organização político-militar (comunista) da Faculdade de Medicina; realizar reuniões em seu apartamento etc.
- III. **Relatório de investigação da Agência Brasileira de Inteligência** (ID 1294095273, evento 8), dando conta do histórico político da demandante, notadamente dos fatos acontecidos nos anos **1968-1988**, tais como: **a) presa pela Operação Bandeirantes no Estado de São Paulo**, por ser considerada subversiva; **b) indiciada pelo DOPS/SP** para apurar atividades desenvolvidas por elementos ligados às organizações subversivas COLINA e VAR- Palmares, infringindo o art. 12 do Decreto-Lei n. 314/67, tendo sua **prisão preventiva decretada pelo Juiz Auditor da 2ª Região Militar**; **c) informação de que seu nome constou da relação de presos exigidos em troca da libertação do Embaixador Suíço Charles Elbrick**; **d) condenação à pena de prisão por 4 anos e à perda dos direitos políticos (10 anos)**; **e) ter participado do lançamento do Jornal “Em Tempo”, realizado na Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul, ocasião em que fez uso da palavra, defendendo ideias contrárias ao regime vigente à época**; **f) ter participado de atos públicos de repúdio aos atos terroristas praticados no Rio de Janeiro, dentre outros.**

Auto de Qualificação e Interrogatório, em 18/05/1970, com o desiderato de apurar os **atos considerados subversivos pelo regime militar** (ID 1294095274, evento 9).

Embora seja reconhecida como parte de um processo de reconciliação, a Anistia também gerou controvérsias pela não punição dos agentes da repressão e por não criar mecanismos de responsabilização do Estado pela violação sistemática dos direitos humanos, o que implicou em um comprometimento da justiça de transição no país. Conforme Amaral (2011), nos termos de Figueiredo, a Lei de Anistia aprovada em 1979, “indultou previamente os torturadores que viessem a ser acusados por ‘crimes conexos’ na repressão aos subversivos” (*Ibid.*, p. 99). Portanto, como argumenta Raphael Neves (2012), a imposição da anistia total “impede o acesso dos cidadãos a mecanismos de responsabilização e livra os governantes do dever de prestar contas de suas ações. Isso reduz os cidadãos a meros subordinados de uma ordem imposta” (*Ibid.*, p. 181-182).

2.3.1.1 Mulheres na ditadura: luta no feminino

Nesse contexto de violações sistemáticas dos direitos humanos, também a violência de gênero surge em diversos relatos de mulheres que denunciam os maus-tratos sofridos no período em razão da identidade de gênero, além de episódios nos quais foram submetidas a violações e

abusos sexuais (Cunha, 2002). Dilma, por exemplo, descreve algumas das ameaças feitas pelos militares como “*you will be deformed and no one will want you. No one knows you are here. You will become a “presunto” and no one will know*” (Dilma, CNV, 2014, p. 320). A perspectiva de uma não-desejabilidade do corpo torturado e ferido pretende causar sofrimento psíquico às mulheres, além de, evidentemente, impor como um fato uma possível morte ou desaparecimento mergulhados no esquecimento. Nesse sentido, são inúmeros os relatos, constantes no Relatório Final da Comissão Nacional da Verdade (2014)¹¹⁸, de militantes que sofreram abuso sexual e de gênero.

Diversas mulheres foram torturadas para que repassassem informações sobre militantes, de quem eram companheiras ou namoradas e com os quais eram acusadas de colaborar. Suas falas indicam que, com frequência, os torcionários entendiam a violação de seus corpos como uma possibilidade de humilhar os homens dos grupos políticos aos quais pertenciam (Ibid., p. 407).

Se de um homem se espera que seja viril, na prisão se procurava destruir sua masculinidade. [...] Os constrangimentos verbais a eles dirigidos passavam pela intenção de feminilização e homossexualização simbólica do corpo torturado, enquanto a violência física exibia vigor na prática do empalamento incluindo mutilação sexual ou castração, os golpes e cortes nos testículos (Ibid., p. 413).

Atentar contra os corpos femininos e feminilizar os corpos masculinos (por meio de violência sexual) são formas seculares de demonstração de poder, adotados como mecanismo de guerra para a violação e exploração de um território privado, fazendo dos corpos outros um objeto de atentado à honra e à moral dos dominados (*ver Capítulo 5*). Outra questão que diz respeito às mulheres é a maternidade, usada reiteradamente contra as próprias militantes, pois, conforme demonstra o Relatório da CNV (*op. cit.*), torturava-se grávidas até que elas abortassem ou, então, com a sua esterilização. Esse uso da maternidade para a exploração da vulnerabilidade das militantes pode ser observado nos casos da filha de Eleonora Menicucci¹¹⁹ – amiga de Dilma – e dos filhos de Amelinha Teles, que foram ameaçados com choques elétricos e expostos às sessões de tortura a que eram submetidos os próprios pais.

*Até depois de sair da cadeia, quase três anos depois, eu convivi com o medo de que a minha filha fosse pega. [...] Hoje, na minha compreensão feminista, eu entendo que eles **torturavam as crianças na frente das mulheres achando que nos desmontaríamos por causa da maternidade** (Menicucci, CNV, *op. cit.*, p. 408; grifos meus).*

¹¹⁸ C.f.: Capítulo 10 – Violência sexual, violência de gênero e violência contra crianças e adolescentes, pp. 399-426.

¹¹⁹ Maria Oliveira (filha de Menicucci) e Marta Nehring dirigiram um documentário intitulado “*15 Filhos*”, lançado em 1996, em que oferecem um retrato da ditadura com base nas memórias dos/as filhos/as de militantes presos/as, mortos/as ou desaparecidos/as. C.f.: “*15 Filhos*” (19min). Acervo de Origem: ENFF - Escola Nacional Florestan Fernandes. Disponível: <https://www.youtube.com/watch?v=bkTO6cS8hiQ>, consulta: 27/04/2024.

*Na organização [POC], dizia-se que não podíamos, por exemplo, ficar grávidas e ter filhos, porque isso significaria ser alvo mais fácil da repressão. Como não poderíamos ser alvos da repressão, não podíamos ter filhos. Era um tipo de injunção em que **era a organização que decidia e não você, se teria filho ou não**. Não cheguei a questionar esse ponto de vista porque eu não queria ter filho naquela época (Helena Hirata¹²⁰; Martins *et al.*, 2019, p. 12; *grifos meus*).*

Se, por um lado, os agentes da repressão procuravam desmontar a resistência pela via da maternidade e da paternidade (ameaçando pais e filhos), por outro, gravidez e maternidade/paternidade também eram mal vistos dentro dos próprios grupos por serem percebidos como um ponto de vulnerabilidade das mulheres (ou de casais), sobretudo como vínculos que os/as expunham a maiores riscos, tornando-os/as potencialmente mais expostos/as à vigilância do aparelho repressivo. Na Argentina, em contrapartida, a maternidade era compreendida em outra chave, enquanto um recurso político, isto é, como uma forma de compartilhar, por meio do cuidado e da educação, uma visão de mundo socialista e revolucionária. Não por acaso, no caso argentino, a violência estatal mirou as centenas de jovens militantes grávidas, privadas de suas crianças e filhos recém-nascidos – cerca de 500 –, sequestrados e entregues a famílias de militares.¹²¹ Nesse sentido, o rapto de crianças inseria-se em uma disputa política em torno da transmissão e do compartilhamento de uma cosmovisão da política.

Nós estávamos lutando contra uma Ditadura que nós considerávamos de classe, nós não tínhamos a noção do patriarcado. [...] Os homens participavam muito mais das direções do que nós, não resta a menor dúvida, tanto é que todos os escritos sobre a Ditadura, a grande maioria, era de homens, foi de homens (Menicucci, Memorial da Resistência, 16/05/2018).

Segundo Cynthia Sarti (1998), durante esse período, questões de gênero se impuseram de modo incontornável ao projeto militante das organizações de esquerda. No entanto, as pautas feministas acabaram se diluindo em meio às demandas por um estado democrático. Isso posto, a mesma autora ressalta a ausência de uma proposição feminista deliberada, pois “as militantes negavam o lugar tradicionalmente atribuído à mulher ao assumirem um comportamento sexual

¹²⁰ Hirata era militante da POC e estudante de filosofia na USP na década de 1960. Em razão da perseguição política, exilou-se na França em 1971, onde cursou o doutorado em Sociologia na Universidade Paris VIII. Foi também uma das integrantes do *Círculo de Mulheres em Paris* (1976-1979), composto por feministas brasileiras refugiadas, exiladas políticas, e estudantes universitárias (Pinto, 2003; Martins, 2019; Pedro, 2003).

¹²¹ A ditadura militar na Argentina (1976-1983) ficou marcada como uma das mais violentas da região, sendo conhecida, sobretudo, pelo desaparecimento de mais de trinta mil militantes e de 500 crianças (Tega, 2015). Foi justamente o estopim para que outras mães e avós se lançassem às ruas para reivindicar uma posição do Estado sobre onde e o que teria acontecido com seus filhos/as e netos/as, o que veio a ser internacionalmente reconhecido como a luta das *madres e abuelas de la Plaza de Mayo* que sofreram e ainda sofrem nas mãos de governos de direita e extrema-direita.

que punha em questão a virgindade e a instituição do casamento, “comportando-se como homens”, pegando em armas e tendo êxito neste comportamento (*Ibid.*, p. 3).

No ambiente da militância em geral, era comum que os espaços fossem hostis à presença feminina, posto que as mulheres tendiam a ser subestimadas e desvalorizadas, vistas como “mais frágeis”: “somente aquelas que tinham atributos, traços ou ‘olhar masculino para a vida’, conseguiam conquistar postos de comando na hierarquia das organizações” (Cunha, 2002). Não obstante, outras militantes confessam que elas próprias, à época, discriminavam companheiras de militância” (*Ibid.*, p. 80). Tanto que treinamentos e ações como sequestros e roubos a bancos geralmente colocavam à prova a resistência feminina.

Em alguns casos, a feminilidade ou a estética eram vistas como possíveis distrações à luta revolucionária. Uma das militantes da época conhecida por sua beleza foi Iara Iavelberg¹²² – militante da Polop, VPR, VAR-Palmares e MR-8 –, cuja beleza provocava, segundo relatos, perturbações sexuais nos guerrilheiros (Nascimento, 2022). Assim, o *habitus* dominante, moldado por uma ideologia patriarcal arraigada, tendia a relegar as militantes a papéis secundários e subalternos dentro das organizações, apesar de comprovadas contribuições na ação política. Essa subestimação do capital simbólico feminino refletia, portanto, as estruturas de poder vigentes e as hierarquias internas das próprias organizações de esquerda.

Em entrevista realizada em 2019, Helena Hirata relatou a existência de uma espécie de divisão sexual do trabalho no interior das organizações de esquerda. Sobre a organização de que ela participava (POC), afirmou:

*O grupo não era feminista e não tinha nenhum aspecto de feminismo e o fato de ser mulher me levou a trabalhar em uma célula inter-na. Isto é, uma célula que fazia panfletos, documentos internos. O papel que eu desenvolvia era na produção da datilografia desses manifestos e em sua mimeografia. Tudo isso fazia parte das **atividades designadas às mulheres nessas organizações** (Helena Hirata; Martins *et al.*, 2019, p. 12; *grifos meus*).*

Nesse mesmo sentido, as mulheres eram responsáveis por trabalhos mais atrelados a aspectos organizacionais e de socialização na arregimentação¹²³ de companheiros/as. No caso de Dilma, sua atuação se concentrou no trabalho de base (cursos, grupos de leitura) e de

¹²² Iara (*Liana*) e seu companheiro, Lamarca, faziam parte do MR-8, dissidência do VAR-Palmares. O casal tornou-se um dos mais buscados pela ditadura, o que lhes conferiu grande visibilidade nacional, com fotos suas espalhadas por todo o país para a sua captura. Ambos foram mortos em 1971. Embora as evidências já indicassem a ação do aparato da ditadura, a morte de Iara foi registrada oficialmente como suicídio. O assassinato de Iara pela ditadura só foi oficialmente confirmado em 2005, após inúmeras reivindicações por parte de sua família (*Ibid.*, p. 73 et seq.). C.f: MEMÓRIAS DA DITADURA: Iara Iavelberg. Disponível: <https://memoriasdeditadura.org.br/personagens/iara-iavelberg/>, consulta: 27/03/2024.

¹²³ Arregimentação (ou recrutamento) era um dos trabalhos de base essenciais para que o movimento ganhasse mais aderência e força frente ao aparato estatal. Segundo a reportagem do jornal *O Globo*, quando no Colina, Dilma teria ido “ao Rio Grande do Sul, onde a atuação de seu grupo era fraca e não havia militantes suficientes. Depois, foi cumprir o mesmo papel em Brasília e Goiânia” (*Ibid.*, 19/11/2010).

recrutamento tanto na Polop, como na Colina, atividades que “foram mais um passo no aprendizado de habilidades necessárias à prática política, especialmente no que diz respeito à oratória” (Angeli, 2019, p. 587). Na Colina, ela também estava encarregada da área de comunicação e propaganda, tendo como responsabilidade: “organizar um jornal [*Piquete*], manter a relação com os sindicatos e preparar aulas sobre marxismo. Mas o seu treinamento também incluía aulas de tiro e conhecimento sobre bombas” (Chade; Indjoy, 2011, p. 111).

Dilma foi professora de marxismo e em sua casa foram apreendidos materiais para falsificação, panfletos e livros considerados subversivos (O Globo, 19/11/2010).

Dilma sempre trabalhou na infraestrutura, como divulgação, formação e política. Desde cedo, mostrou perfil de dirigente e sofreu com um ranço machista das organizações de esquerda (Jorge Nahas, O Globo, 01/11/2010c).

Dilma também colaborou na tradução de textos e livros do francês e na cobertura de pontos e contatos para atrair e despistar a atenção dos militares enquanto outros/as companheiros/as participavam de reuniões (O Globo, 19/11/2010). O trabalho militante não cessou nem mesmo após a sua soltura. Segundo Carlos, quando ele ainda se encontrava preso em Porto Alegre, Dilma se dedicou a ministrar aulas de matemática no curso supletivo aberto no Presídio Central¹²⁴ em 1974 (Ruiz; Solon, 2016; Amaral, 2011) – forte indício de aprimoramento de seu “estilo professoral”.

Na visão de Cunha (2002), é difícil argumentar pela existência de uma posição consensual no interior dos movimentos acerca da participação das mulheres, pois, em muitos casos, foram elas quem tiveram protagonismo na direção das organizações. Quando na VAR-Palmares, tanto Carlos como Dilma ocuparam posição central; enquanto muitos/as dos líderes estavam sendo presos, ela foi dirigente, coordenadora dos Setores Operário e Estudantil da VAR-Palmares de São Paulo e do Setor de Operações (C.f.: Folha de S.Paulo, 26/06/2005). Uma questão que poderia ser debatida é se Dilma e outras mulheres passaram a adquirir protagonismo na luta em razão do reconhecimento, por seus pares, de suas competências, ou pelo vácuo criado pela queda dos comandos do primeiro escalão.

Essa situação pode ser entendida a partir do fenômeno “abismo de vidro” (*acantilados de cristal* ou *glass cliffs*): isto é, a tendência, subsidiada por evidências empíricas, de mulheres serem nomeadas a postos prestigiosos em circunstâncias arriscadas, precárias e de instabilidade, ou seja, quando há maior probabilidade de fracasso (Ryan; Haslam, 2007). Nesse sentido, as mulheres assumiram a dianteira nos campos revolucionário e de guerrilha em uma confluência de fatores

¹²⁴ Em 1974, Carlos foi transferido da Ilha para o presídio central na região de Porto Alegre, em uma penitenciária em que ficavam presos comuns (Amaral, *op. cit.*, p. 191).

caracterizada pela “coexistência de sentimentos ambíguos em relação às mulheres, como admiração, ao mesmo tempo em que se considerava a fragilidade do sexo feminino” (Cunha, 2002, p. 84).

Questões cotidianas relacionadas a sexualidade, maternidade e consentimento eram discutidas pelo comando das organizações, mas pautas como a orientação sexual estavam em um segundo plano ou, mesmo, abafadas, conforme relata Pimentel ao falar sobre o caso de Herbert Daniel.

Ele era muito amigo nosso. Muito amigo dela também, mas ele morreu jovem, teve AIDS e tal. O Herbert sofreu muito porque ele era gay e não podia falar, né? Imagina o que era ser gay naquela época? E ele era gay, ia ajudar a dar tiro, sequestrar o embaixador e era um encanto de pessoa. Inteligentíssimo, um cara bacana, estudante de medicina e foi muito meu amigo. Aí [suspira]... deve ter sofrido muito. Quando ele voltou do exílio [1981], ele voltou assumido, casado com um amigo dele da clandestinidade. Eles tinham ficado... se tornaram namorados e tal, aí foram pra França, viveram lá na anistia e voltaram. Cláudio, e os dois morreram de AIDS. Primeiro ele e depois o Cláudio. Não tinha vacina... [se corrige] remédios (Pimentel, entrevista 21/02/2024).

James Green e Renan Quinalha (2023) mostram como, nessa época, subsistia um discurso patologizante da homossexualidade, dirigido a corpos “anormais” cujas práticas afetivas eram apreendidas como uma espécie de “*maquinação do inimigo comunista*” com fins de corromper a juventude e destruir a tradicional família brasileira, cristã e heteronormativa.¹²⁵ Sarti (2019) chama atenção para o fato de que “nessa lógica, que é uma lógica de guerra, ou, no mínimo, de combate, fundamenta-se a aceitação moral da tortura, mas sobre alguns corpos, os dos oponentes, corpos em relação aos quais a tortura é tolerável, porque ‘necessária’ sob esse prisma, corpos ‘torturáveis’” (*Ibid.*, p. 512).

Corpos de mulheres, negros, indígenas, trabalhadores rurais e pessoas LGBTQIA+ eram, na perspectiva institucional, portadores de menor valor simbólico e, por isso mesmo, vistos como permissíveis de atos de violência. Assim, para preservar a ordem vigente e combater, por exemplo, práticas homoafetivas, associadas aos membros de organizações de esquerda ou radicais, tentava-se fazer um controle social combatendo-os frontalmente e a qualquer custo – em nome de um bem maior que era a preservação da ordem e da moral. Afinal, o que estava em jogo era “a luta pelo monopólio do poder simbólico, ou seja, a luta pelo poder de enunciar legitimamente a verdade do mundo” (Bourdieu, 2020, p. 106). Nesse combate, o regime lançou mão não somente

¹²⁵ Aqui, vale lembrar a Marcha da Família com Deus pela Liberdade, série de manifestações realizadas em diversas cidades do país entre março e junho de 1964. O movimento foi composto, majoritariamente, por pessoas de classe média, dotadas de um repertório político de direita apoiado em setores conservadores da Igreja Católica (Napolitano, 2014). A principal bandeira levantada nas manifestações foi a defesa da família e o anticomunismo (Cordeiro, 2021).

das armas simbólicas da instituição, como também das armas da violência material com vistas à imposição de uma visão de mundo conservadora e reacionária.

2.3.1.2 Disputa moral e práticas de mentira: Estratégia de sobrevivência

Em depoimento ao Memorial da Resistência, Dilma faz referência a três estágios do curto circuito da estrutura de repressão.

*Você tem três estágios, o **primeiro estágio é a prisão sem identificação da prisão**, não existe o prisioneiro naquele período, isso permite um grau de liberdade bastante grande para torturar, matar, esconder o corpo ou construir, é... Eu, chamo de álibis que são aquelas tentativas de fuga que não existiram, a pessoa tava presa dentro do DOPS, eles falam que ela tentou fugir e por isso morreu. Este processo é um processo que é feito pela Operação Bandeirante e pelos DOIs-Codis do Brasil. **Quê que acontece? Acontece que tem... É necessário um curto-circuito. O curto-circuito significa eu vou - é o que pensa a repressão - limpar os traços deste processo fazendo do DOPS a instância de cartório.***

*Quê que significa instância de cartório? Significa que é onde você é identificado, onde você é fotografado, fazem aquela, aquelas fotografias tradicionais e onde, é, de fato começa o processo, o processo público, né? Porque ao lado desse processo público há todo um processo que não é legalizado, mas que vai ser fornecido como elemento probatório nos processos judiciais dentro das Auditorias Militares de Guerra. Então, são os relatórios que eles passam para os juízes que não são acessíveis nem pra defesa, nem pra ninguém mais. Bom, esse processo de curto circuito se completa quando o **depoimento é fechado**, é assinado e a partir daí é esse depoimento que vai pras justiças, pra justiça militar. O curto-circuito se dá, porque você interrompe a cadeia de depoimentos que vinha anteriormente, que eram aqueles submetidos à tortura e esses depoimentos eles submergem e aparecem na Auditoria Militar sem a defesa ter acesso. E é essa estrutura de repressão que montaram no Brasil (Dilma, Memorial da Resistência, 28/05/2018).*

A resistência às violências e o recurso ao silêncio e à mentira por parte daqueles/as que não sucumbiam diante dos métodos cruéis empregados pelos agentes da repressão para a obtenção de informação ilustram aquilo que Sarti (2019) descreve como sentimento de pertencimento, ou seja, de coletividade dos/as resistentes à dor extrema e ao sofrimento. Essas pessoas usavam técnicas variadas para não sucumbir “‘por seus ideais’, sem ‘entregar’ informação alguma, atitude que, pela resistência ao inimigo da qual se orgulhavam, se inscrevia numa ordem de sentido. Sentido este que se atualiza, posteriormente à ditadura, na luta incessante dos que foram torturados por ‘memória, justiça e verdade’” (Ibid., p. 520). Maria Aparecida Costa, presa no Rio de Janeiro no final de 1969 e torturada na OBAN, afirmou à CNV (2014) que uma das diretrizes das organizações era o silêncio ou o máximo de tolerância às torturas: “Para algumas organizações era o seguinte: preso não fala. Ponto. Para outras, era o seguinte: segura 48 horas, três dias e depois tenta segurar as coisas. [...] O básico é isto: quem é preso não deve falar e não deve implicar outras pessoas” (Ibid., p. 414-5).

Muitos/as morreram ou desapareceram em função do silêncio, outros/as falaram menos ou mais e se sentem culpados/as por isso: “*Até hoje carrega o peso de não ter suportado algumas sessões de tortura e, por isso, entregado companheiros. ‘Eu sei, só um herói agüentaria (sic), mas teve gente que conseguiu. Não me perdôo.’*” (Maria do Carmo, TPM, 01/04/2014). Há também aqueles/as que sobreviveram, mas que ficaram com marcas profundas e insuperáveis, como aconteceu com Maria Auxiliadora Lara Barcelo¹²⁶ (codinome Dora), militante da Colina, VPR e VAR-Palmares que acabou se suicidando no exílio. Ou sofrimento que vem com a exposição em público relatado por Ana Maria Ramos Estevão (2021): “*O exacerbamento do meu instinto de sobrevivência e a mudez perante grande público são marcas deixadas pela tortura que trago até hoje*” (Ibid., p. 156).

E há também, como assinalou Sarti, um certo orgulho entre quem resistiu. No caso de Dilma, isso pode ser observado na audiência pública (07/05/2008) realizada pela Comissão de Infraestrutura do Senado para debater o PAC.¹²⁷ A então Ministra-chefe da Casa Civil foi questionada pelo Senador José Agripino Maia (DEM-RN), se ela, que havia mentido durante a ditadura militar, também repetiria a prática na casa legislativa. Em resposta, Dilma deu provas da internalização do código moral militante de quem resistiu à tortura.

Qualquer comparação entre a ditadura militar e a democracia brasileira, só pode partir de quem não dá valor à democracia brasileira.

*Eu tinha 19 anos, eu fiquei três anos na cadeia e fui barbaramente torturada, senador. E qualquer pessoa que ousar dizer a verdade para os seus interrogadores, compromete a vida dos seus iguais e entrega pessoas para serem mortas. Eu me orgulho muito de ter mentido senador, porque mentir na tortura não é fácil. Agora, **na democracia se fala a verdade, diante da tortura, quem tem coragem, dignidade, fala mentira.** E isso (aplausos) e isso, senador, faz parte e integra a minha biografia, que eu tenho imenso orgulho, e eu não estou falando de heróis. Feliz do povo que não tem heróis desse tipo, senador, porque agüentar a tortura é algo difícil, porque todos nós somos muito frágeis, todos nós. Nós somos humanos, temos dor, e a sedução, a tentação de falar o que ocorreu e dizer a verdade é muito grande senador, a dor é insuportável, o senhor não imagina quanto é insuportável. Então, eu me orgulho de ter mentido, eu me orgulho imensamente de ter mentido, porque eu salvei companheiros, da mesma tortura e da morte. Não tenho nenhum compromisso com a ditadura em termos de dizer a verdade. Eu estava num campo e eles estavam noutro e o que estava em questão era a minha vida e a de meus companheiros. E esse país, que transitou por tudo isso que transitou, que construiu a democracia, que permite que hoje eu esteja aqui, que permite que eu fale com os senhores, não tem a menor similaridade, esse diálogo aqui é o diálogo democrático. A oposição pode me fazer perguntas, eu vou poder responder, nós estamos em igualdade de condições humanas, materiais.*

*Nós não estamos num diálogo entre o meu pescoço e a força, senador. Eu estou aqui num diálogo democrático, civilizado, e por isso eu acredito e respeito esse momento. Por isso, todas as vezes eu já vim aqui nessa comissão antes. Então, eu começo a minha fala dizendo isso, porque isso é o resgate desse processo que ocorreu no Brasil. Vou repetir mais uma vez: Não há espaço para a verdade, e é isso que mata na ditadura. **O que***

¹²⁶ Ver mais: MEMORIAL DA RESISTÊNCIA. Maria Auxiliadora Lara Barcelo. Disponível: <https://memorialdaresistencia.org.br/pessoas/maria-auxiliadora-lara-barcellos>, consulta: 03/04/2024.

¹²⁷ Ver trecho do interrogatório completo: <https://www.youtube.com/watch?v=Tiyezo1fLRs>, consulta: 01/04/2022.

mata na ditadura é que não há espaço para a verdade porque não há espaço para a vida, senador. Porque algumas verdades, até as mais banais, podem conduzir à morte.

Anos depois, destacou a importância de não guardar mágoa ou rancor do que experienciou, pois isso significaria, segundo ela, manter uma forma de submissão aos, e reiterar um controle dos, dispositivos de poder (como o aparato militar) sobre a própria vida: “*Eu acho que não tem como passar a vida tendo mágoa disso, isso é um absurdo. Porque não é possível ter ódio. Ódio é dar a quem fez isso contigo um poder que não pode ter. Você tem de olhá-los como eles são: banais. São banais*” (Dilma, Brasil de Fato, 15/01/2020).

2.4 O céu: Presídio Tiradentes

Miserável país aquele que precisa de heróis.
– Bertolt Brecht¹²⁸

Inaugurado em 1852 como Casa de Correição para abrigar aos escravizados que chegavam ao país, o presídio Tiradentes passou a ser a Casa de Detenção de São Paulo em 1938, vindo a ser desativado em 1972.¹²⁹ Em 1968, foi usado para o encarceramento de diversos/as estudantes detidos/as no Congresso da UNE, realizado em Ibiúna, cidade do interior de São Paulo. Ganhou mais notoriedade, contudo, sob a alcunha de Torre das Donzelas, porque serviu como prisão feminina entre 1964-1979, com a detenção de inúmeras mulheres, incluindo Ana Maria Ramos Estevão, Arlete Bendazoli, Dilma, Eleonora Menicucci¹³⁰ (*codinome Ruth*), Eliana Rollemberg, Heleni Guariba, Leslie Berloque, Terezinha Zerbini etc. Em muitos casos, as encarceradas na Torre nem mesmo eram alvo de acusação formal ou processo legal.

O presídio Tiradentes era uma construção composta por um conjunto de edifícios no bairro do Bom Retiro, construído para ser uma Casa de Correção em 1852, e, posteriormente, foi nomeado de Casa de Detenção de São Paulo. Ao longo de sua existência, o presídio teve diversas destinações. Foi utilizado como um depósito de escravos no século XIX. No século XX, a partir de 1935, de acordo com Teles (2015, p. 197-198), o edifício recebia presos políticos, especialmente do Partido Comunista Brasileiro (PCB) e da Aliança Nacional Libertadora (ANL). Em 1968, o Presídio Tiradentes voltou a ser um estabelecimento de detenção de opositores do governo, abrigando cerca de 250 prisioneiros políticos (Praxedes; Soares Manso, 2020, p. 332).

¹²⁸ Frase escrita na parede da Torre das Donzelas.

¹²⁹ Apesar de o presídio ter sido demolido por problemas estruturais, conservou-se o portal (Arco da Pedra), posteriormente tombado pelo governo do estado por seu valor simbólico (C.f.: História da Ditadura, 04/05/2012).

¹³⁰ Colega da UFMG, Eleonora foi presa em 1971. Anos depois se tornou Ministra-chefe da Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres do governo Dilma (2012-15).

As detentas eram submetidas a condições precárias de subsistência, humilhações, assédios, torturas físicas e psicológicas. Nesse contexto, elas empregavam seu tempo em atividades manuais tais como tricô, crochê, bordado e artesanato, visando a prestar assistência às famílias daquelas que eram menos favorecidas economicamente e que não dispunham de recursos financeiros para, por exemplo, arcar com as despesas advocatícias. Não obstante, a maioria das detentas pertenciam, segundo Estevão (2021), a famílias abastadas, com tradição intelectual e portadoras de recursos econômicos. Afinal, os proletários, operários e camponeses “já haviam sido exterminados, [...] exilados ou presos” (*Ibid.*, p. 100).

A socialização em torno da produção artesanal também se constituiu em um ato revolucionário, pelo qual se buscava atribuir um significado coletivo – para além das divergências políticas e ideológicas – e contribuir para o bem-estar das que estavam em condições mais vulneráveis, sem suporte econômico e familiar.

Se eu tivesse ficado sozinha na cadeia, teria muito mais problemas. Devo grande parte de ter superado, absorvido e em alguns momentos chegado até a ironizar a tortura, para agüentar, às minhas companheiras. Eu lembro do povo do [presídio] Tiradentes, que esteve comigo (Dilma, Folha de S.Paulo, 21/06/2005).

Éramos um coletivo. A maior preocupação era sempre sermos justas na distribuição de tarefas, igualitárias na hora de pedir os víveres a cada família, de acordo com as suas posses, responsáveis com as tarefas a nós atribuídas pelo coletivo de celas (Estevão, 2021, p. 102).

O cotidiano no mundinho, experienciado na reclusão da torre, era justamente o de estreitamento dos laços: “Na minha cabeça eu ia ficar uns 10 anos. É... E aí você cria relações, cria laços, você cria uma vida lá dentro, nós chamávamos de mundinho, o mundão e o mundinho, né?” (Menicucci, Memorial da Resistência, 16/05/2018). Segundo Amaral (2011), “as celas da Torre eram úmidas, as paredes, cobertas de mofo, e as latrinas eram buracos no chão. Havia goteiras por toda parte e, nas noites frias, as presas usavam jornais velhos para tapar os vãos entre as grades na janela” (*Ibid.*, p. 77).

Dilma chegou ao Tiradentes em maio de 1970 e Eleonora Menicucci, sua colega de faculdade, se juntou a ela no ano seguinte: “ela me recebeu também com muita solidariedade, muito afeto e... Porque a gente se conhecia desde Belo Horizonte. Esse depoimento eu dei em várias... Na campanha dela. E, ela saiu um ano antes de mim” (Menicucci, Memorial da Resistência, 16/05/2018).

A maioria das detentas eram estudantes universitárias ou com formação universitária já concluída. Portanto, detinham diversas expertises que costumavam compartilhar umas com as outras por meio de aulas e grupos de leitura – caso de Heleny Guariba, encarregada das aulas de francês. Responsável por ministrar aulas de economia, Dilma levava a sério a disciplina dos

estudos e “era rigorosa com a frequência das colegas. ‘Estudar é uma tarefa revolucionária’, ela cobrava” (Amaral, 2011, p. 80).

Dilma se sobressaía nos grupos de estudo. “Ela é muito engenhosa na macroeconomia”, elogia outra companheira da Torre, a economista Diva Burnier, 63 anos. Na cadeia, Dilma, que abandonara a faculdade por causa da clandestinidade, dava aulas de economia para as colegas e participava dos debates [...] (IstoÉ, 25/06/2010).

*Alta, magra, com cara de sábia, Dilma olhava para nós com os olhos arregalados. Seu tom de voz era invariavelmente professoral e de comando, mesmo quando a gente não estava discutindo política. Sempre estava com um cigarro nas mãos. **Dizia que era muito estudiosa por uma questão de disciplina** (Estevão, 2021, p. 115).*

A dinâmica desenvolvida pelas militantes era uma forma de resistência: por meio dessas atividades que elas procuravam, dentro das possibilidades, expressar sua criatividade, manter a saúde mental e fortalecer as relações de solidariedade: “*Nós demos felicidade para nós mesmas na pior situação possível. Fugimos de uma visão penitente da cadeia*” (Dilma, em *A Torre das Donzelas*, 2018).

Não demorou para que as donzelas da Torre se agrupassem, primeiro com base nas organizações clandestinas às quais pertenciam no “mundão”. Porque a Torre, no vocabulário das presas, era o “mundinho”. Mas as afinidades pessoais também contavam muito, como relata a médica e pesquisadora Guiomar Silva Lopes, 66 anos. “No mundão, o vínculo era de vida e morte”, diz Guiomar. “Na cadeia, estabelecemos uma relação de confiança inabalável.” Dilma é até hoje lembrada pelo espírito solidário. Durante um período, cuidou de uma estudante de arquitetura. “Quando a menina chegou da tortura, estava muito desestruturada emocionalmente”, afirma a advogada Rita Sipahi, 72 anos. “A Dilma ficou de olho nela o tempo todo para evitar que cometesse algum desatino” (IstoÉ, 25/06/2010).

Embora houvesse um acentuado clima de fraternidade entre as detentas, havia também muitas divergências, decorrentes das origens de classe, do caráter das organizações das quais as detentas eram oriundas e das abordagens e leituras sobre como combater o regime ditatorial: “*Era muito, muito fraterno, muito solidário [...] teve brigas assim muito sérias também, de divergências de coletivo, qual coletivo que não tem? Então, eu acho que tem que quebrar um pouco o mito que era uma verdadeira irmandade, uma verdadeira solidariedade, não era*” (Menicucci, Memorial da Resistência, 16/05/2018). Mais adiante na entrevista, Menicucci afirma que Dilma tinha certo domínio ou liderança no espaço: “*Basicamente quando a Dilma, a Lu Beloque e a... A Lelé chegaram, elas dominaram um pouco a Torre e controlaram lá, fizeram uma relação boa com as carcereiras*”.

O grande canal de contato com o “mundão” eram as visitas familiares, reservadas às tardes de sábado. Dada a circulação interestadual das militantes, algumas famílias faziam poucas visitas em razão dos elevados custos de deslocamento. Dilma Jane, por exemplo, relata que, no primeiro

mês em que Dilma esteve encarcerada, passou o tempo todo na cidade de São Paulo, mas que, depois, precisou retornar a BH:

Porque tinha a minha outra filha [Zana], que era doente. Depois, durante três anos, eu viajava todo sábado de manhã para São Paulo e voltava no domingo. Eu levava mantimentos para que elas fizessem sua comida. Eu levava queijo, a Dilminha gostava muito. Também levava livros, só os que podia comprar, que eles autorizavam. Romances e livros técnicos (Dilma Jane, O Globo, 06/11/2010).

“Nossas famílias, de Belo Horizonte, não conseguiam viajar com tanta frequência”, diz a pró-reitora da Universidade Federal de São Paulo, Eleonora Menicucci de Oliveira, 66 anos. “De qualquer forma, a mãe da Dilma e o irmão dela conseguiam vir bastante. Era uma alegria” (IstoÉ, 25/06/2010).

Amaral (2011) relata que Dilma Jane, tia Arilda (de quem Dilma sempre foi muito próxima), Igor e Zana iam de vez em quando visitá-la no Tiradentes. Tomavam um ônibus em BH e chegavam sábado pela manhã em São Paulo: “Aos sábados, Dilma trocava o moletom ou o jeans por roupas mais alegres (havia uma arara coletiva para essas ocasiões) e passava um batonzinho básico. Dilma Jane nunca deixou passar uma expressão de tristeza diante da filha” (*Ibid.*, p. 79). Os encontros eram, portanto, um momento não somente de contato com o mundo exterior, mas também de extrapolação dos sentimentos de tristeza e medo, tanto para as famílias, quanto para as detentas. O contato entre Dilma e Carlos ocorreu apenas em novembro de 1971, e foi realizado antes da confirmação da união por parte do DOPS, por meio de cartas, uma vez que os dois encontravam-se presos. Certa feita, Carlos ficou também um tempo no Tiradentes, sendo encaminhado depois para o Sul, onde cumpriu grande parte de sua pena.

2.4.1 Práticas de repique

Durante os anos de prisão, Dilma era sistematicamente retirada do presídio para eventuais acariações por meio de interrogação e tortura, sem que soubesse para onde e o porquê. Era encaminhada para a OBAN e, às vezes, até para outros estados (MG e RJ). Esse movimento era denominado de “repique”¹³¹, consistindo em uma série de ações repressivas coordenadas por agentes dos órgãos de segurança do Estado, como o DOPS e o SNI – muitas vezes, em colaboração com o Exército e a Polícia Militar. No início de 1971, Dilma foi conduzida para o DOI/CODI-I, o QG da Polícia do Exército – Pelotão de Investigações Criminais (PIC) no Rio de Janeiro, onde muitos/as foram assassinados/as (*ver: Processo 1056557-38.2022.4.01.3400, Num. 1472330357*).

¹³¹ O repique ganhou destaque principalmente no governo do General Médici (1969-1974).

Tomou liberdade para transcrever, na íntegra, a descrição do Inquérito da 1ª Auditoria da 2ª Região de São Paulo (20/09/1971).¹³²

DILMA VANA ROUSSEF (sic) LINHARES, “Joana D’Arc” da subversão (fls. 661/670). *A figura feminina de expressão tristemente notável. Ingressou nas atividades subversivas em 1967 levada por Galeno de Magalhães Linhares, então se (sic) noivo e, a partir de então, jamais esmoreceu. Como membro da “Colina” ao lado de Maria de Brito, chefiou greves, assessorou assaltos a bancos. Foi da VPR e, finalmente da VAR (onde sua atividade nos traz interesse). Não há especificar sua ação, pois tudo o que foi feito no setor teve a sua atuação direta. Praticamente foi a organizadora e distribuidora de funções. Seu nome está em qualquer parte do processo, como se pode verificar pelo que até agora foi exposto e pelo que se dirá. Relaciona entre os participantes da organização de evidência mais intensa Espinosa, Lamarca, Mario Japa, Cláudio Galeno, Herbert, Eustáquio Juarez e Maria do Carmo de Brito, Darci Rodrigues, Lungaretti, Carlos Soares de Freitas, Welton Diniz, Carmen Lisboa, Nóbrega, Reinaldo José de Melo, Sampaio Mesquita, os Iavelberg e Abramovai, Pedro Camargo, Paulo Cesar, Natael, Antoni Francisco Xavier, Cubas, José Mariane, João Batista de Souza, e muitos outros. Veio a São Paulo para substituir Mesquita Sampaio e Samuel Iavelber (sic) que estava para “cair. Quando sentiu que o setor operário estava débil obteve a vinda do Rio do Ruar e Gilberto Vasconcelos o que revela a sua influência, valendo ressaltar que era ela professora de marxismo... Em sua residência foram apreendidos materiais para falsificação, panfletos, livros subversivos e uma infinidade de comprovantes de sua atuação (fls, 674/725).*

Alguns pontos que merecem destaque no documento são as atribuições de poder (“*tudo o que foi feito no setor teve a sua atuação direta*”) à imagem da “Joana D’Arc da subversão”, à sua caracterização como alguém que detém didatismo e a referência ao trabalho de formação (“*era ela professora de marxismo*”), recrutamento e distribuição de tarefas entre os/as militantes/as da VAR-Palmares (“*Praticamente foi a organizadora e distribuidora de funções*”).

Em 1970, Dilma foi interrogada, presa e torturada durante dois meses na 4ª Região Militar de Minas Gerais, em Juiz de Fora¹³³ (Covemg, 2001): “*Fiquei em absoluto isolamento, mantendo contatos apenas com os meus torturadores, entregue por um carcereiro, que também me conduzia ao banheiro, quando conseguia andar. Nesse período, fui submetida, por quase um mês, a interrogatórios e a toda sorte de torturas*” (Dilma, Estado de Minas, 18/06/2012).

Segundo consta do relatório da CMV-JF (2015), entre os/as presos/as em Juiz de Fora, havia um predomínio de homens (141) em relação às mulheres (10). A faixa etária era “entre 18 e 35 anos no momento da primeira violação de direito (83 pessoas ou 77,6% do total). Quanto ao estado de origem, há grande predomínio de pessoas nascidas em Minas Gerais (61,6%), seguido

¹³² Documento do Ministério Público Militar com a Auditoria (fls. 12-3) (BNM 042/13, p. 4142-3).

¹³³ De acordo com o relatório da CMV-JF (*op. cit.*, p. 52): “*todos os processos que eram instaurados nos estados de Minas Gerais, Goiás e no Distrito Federal tramitavam no local. [...] Pessoas consideradas comunistas, subversivas ou ameaças em potencial ao regime autoritário em vigência, mesmo que naturais de outros estados, poderiam ser processadas em Minas, caso tivessem algum envolvimento com grupos ou com a militância da região de cobertura da 4ª RM. É por isso que pessoas como Leonel Brizola, Dilma Rouseff, Fernando Pimentel, Nilmário Miranda, Márcio Lacerda, Gilney Viana, dentre tantos outros, ficaram detidos, foram julgados ou passaram pela cidade.*”

pelos estados do Rio de Janeiro e Goiás.” (*Ibid.*, p. 89). Entre eles, 31,8% eram estudantes, seguidos de profissionais liberais (12,5%) como advogados/as, jornalistas/as, médicos/as etc.

Destacam-se também os movimentos e atuações políticas no momento da prisão entre 1964-77: Colina (34), Corrente (28), Polop (21), AP e Var-Palmares (12 cada), ALN (11) e demais com menos de 10 pessoas cada uma (CMV-JF, 2015, p. 93).

Fotografia 6- Julgamento de Pimentel e Dilma em Juiz de Fora



Fonte: Divulgação / Comissão Municipal / Divulgação/Comissão Municipal da Verdade-JF (19/04/1972).

Na imagem acima, Pimentel, descrito na ficha policial como “*um profissional da subversão*” (R7, 13/12/2017), está na fileira do meio, de óculos e olhando diretamente para a câmera; Dilma, de branco, olhando para o lado e sentada na mesma fileira, é a única mulher. Ambos estavam então sendo julgados pelo Tribunal Militar de Juiz de Fora por suas atividades militantes no período da Colina em BH.

Ela foi presa antes de mim. Janeiro ela foi presa em São Paulo e eu fui preso em abril em Porto Alegre. Nada a ver os processos. Nós fomos pra cadeia, eu fiquei lá no Sul e depois eu fui pra Minas e ela ficou em São Paulo. E em [19]72, nós ainda estávamos presos e eu a encontrei no banco dos réus em Juiz de Fora, tem até uma foto [...] que era o julgamento do primeiro processo nosso lá de 68, lá da Colina – inquérito fruto do qual a gente saiu de Belo Horizonte. [...]

Foi aí que eu a reencontrei porque desde então, nunca mais tinha visto. Conversamos um pouco, não podia conversar no banco dos réus mas a gente ficava cochichando, rindo pra burro... Porque aquilo tudo é uma palhaçada. Julgamento, como que é julgamento? Pelo que vai ser condenado? Isso é uma bobagem... (Pimentel, entrevista 21/02/2024).

Dilma foi condenada com base no artigo 36 do Decreto Lei de segurança nacional à pena de 1 ano de detenção (G1, 26/07/2015), enquanto Pimentel foi absolvido por ser menor de idade na época.

Eu saí da prisão em [19]73, no final do ano, ela já tinha saído, mas ela estava morando em Porto Alegre porque ela estava casada já com o Carlos Paixão de Araújo... eu ia falar Max, que era o codinome dele. Ela já estava casada com o Max, então ela morava em Porto Alegre e eu em Belo Horizonte, e eu estava em liberdade condicional. Eu fiquei 3 anos em liberdade condicional depois, mas eu a encontrei porque ela ia à Belo Horizonte de vez em quando, visitar a família (Pimentel, entrevista 21/02/2024).

Pouco tempo depois do registro, após ter cumprido metade da condenação estabelecida pelo STM, Dilma foi solta no final de 1972 (Amaral, 2011): “quando saiu, dez quilos mais magra, do presídio Tiradentes. Estava com cerca de 57 quilos, usava manequim 42, tinha 25 anos” (Carvalho, 2010, p. 139). Passou um tempo em Belo Horizonte com sua família e rumou ao Sul, instalando-se na casa de Afrânio e Marieta, para reconstruir a vida em um novo estado e mais próxima de Carlos, então encarcerado na Ilha da Pólvora¹³⁴, em Porto Alegre.

2.4.1.1 Distensão da ditadura e o avanço feminista

No final dos anos de 1970, no quadro do processo “de ‘distensão lenta e gradual’ dos últimos governos militares” (Sarti, 1998, p. 4), as mulheres começaram a traçar formas de organização, elaboração política e estratégias mais complexas para a conquista não somente da democracia como também da garantia de seus direitos formais (Pinto, 2003). De modo que, lentamente, a parcela feminina da população foi ingressando, por entre as brechas institucionais, dos debates políticos: “ainda que reconhecido o direito de a mulher ingressar na vida política do país, através do livre exercício do voto ou como candidata às eleições, sua participação ensejava inúmeras reações negativas” (Araújo, 2003, p. 136).

Os estudos sobre mulheres se desenvolveram no espaço acadêmico brasileiro a partir dos anos [19]70. Se tomarmos como referência o universo da produção científica inventariado no livro *Mulher brasileira: Bibliografia anotada*, verificamos que no período anterior a 1970, estão registrados apenas dois mestrados, dois doutoramentos e uma livre docência (Costa; Barroso; Sarti, 2019, p. 120).

Parafraseando Sarti (1998), identificar-se como feminista era, em um primeiro momento, visto pelos movimentos de esquerda como sinal de um certo reformismo da classe média

¹³⁴ Encontrei diversas variações em referências à ilha como Ilha das Pedras, Ilha das Pedras Brancas e Ilha do Presídio.

brasileira, enquanto a população conservadora via esse movimento como algo perigoso, reconhecendo no feminismo uma força de oposição à feminilidade tradicional. No panorama internacional, a eleição de 1975 como o Ano Internacional da Mulher representou um marco, inclusive para o movimento feminista no Brasil, em que a questão identitária ganhou visibilidade enquanto um problema social relevante (que até então operava predominantemente na clandestinidade). A oficialização não apenas reconheceu a importância da luta de mulheres, mas também permitiu que grupos políticos emergissem no debate público, tais como o *Brasil Mulher* (Pedro, 2003, p. 254), *Nós Mulheres* e o *Movimento Feminino pela Anistia*¹³⁵, organizado por Terezinha Zerbini e que ganhou proeminência sobretudo em São Paulo.

Com a anistia em 1979 e o retorno de militantes exilados/as, houve uma grande recepção no país de debates acalorados que estavam ocorrendo nos Estados Unidos e Europa – com destaque para a França e Inglaterra –, sobre os movimentos feministas e a participação feminina nos espaços de poder. Nesse sentido, “as exiladas traziam em sua bagagem não apenas a elaboração (alguma, pelo menos) de sua experiência política anterior, com também a influência de um movimento feminista atuante, sobretudo na Europa” (Sarti, *op. cit.*, p. 7). Outros movimentos internacionais impulsionaram ainda mais o avanço de políticas direcionadas às mulheres, como as proposições firmadas em Nairobi (1985) expressando a necessidade de reforçar medidas específicas para o combate das assimetrias de gênero.

Em um clima mais receptivo às demandas sociais, os grupos feministas se alastraram pelo país, a ponto de vislumbrar a educação política nos âmbitos formais (partidário e institucional) e informais, via organizações não-governamentais, associações e sindicatos (Avelar, 2001). Nesse sentido, a Constituinte de 1988 e a Carta das Mulheres¹³⁶, elaborada em um momento em que já havia certa pressão internacional para um avanço nos direitos das mulheres, marcou uma significativa alteração da condição da mulher. Entre os avanços formais, declarou-se o fim da tutela masculina na sociedade conjugal; o estabelecimento da igualdade de direitos entre homens e mulheres em diversos aspectos, garantindo a igualdade perante a lei, sem distinção de sexo (art. 5º, I); a proteção contra discriminação; proteção à maternidade e à infância (art. 7º, XVIII, e art. 201, II); combate à violência contra a mulher (art. 226, §8º); incentivo à participação das mulheres na política (art. 5º, §2º).

Nesse contexto, debates internacionais promovidos pela Quarta Conferência Mundial

¹³⁵ Em 1975, Terezinha convidou Dilma para participar do Movimento Feminino pela Anistia, promovendo o movimento no Sul. No entanto, como Amaral (2011) relata, Dilma já estava grávida e, para se preservar, passou o bastão a Lícia Peres (C.f.: Duarte, 2019).

¹³⁶ Documento entregue aos/às legisladores/as durante a Assembleia Nacional Constituinte de 1988, que pontuou as demandas dos feminismos naquele período (direitos reprodutivos, igualdade de gênero, combate à violência contra a mulher, direitos trabalhistas etc.). Essa foi uma forma de jogar luz na necessidade de políticas públicas que garantissem direitos iguais para as mulheres na nova Constituição que estava sendo elaborada (Pinto, 2003).

sobre a Mulher, realizada em Beijing em 1995, também estimularam a institucionalização da igualdade entre os gêneros e cobraram a promoção dos “direitos humanos e das liberdades fundamentais, com programas que dêem prioridade para o desenvolvimento e o pleno desfrute dos direitos humanos pelas mulheres” (Sarti, 1998, p. 41-2), vislumbrando a erradicação de discriminações, além de possibilidade de representação política e reconhecimento da agência das mulheres.

Já em 1997, atendendo às demandas da comunidade internacional, promoveu-se uma transformação institucional no Brasil através da lei de cotas – política de ação afirmativa que suscitou um processo de expansão da representação a partir da aprovação da Lei Eleitoral 9504/97, que garantia a reserva de pelo menos 30% das candidaturas de mulheres nos partidos ou coligações nas eleições proporcionais para os níveis nacional, estadual e municipal. No ano seguinte, com a lei de cotas vigente, as mulheres ocupavam ainda apenas 5,4% das cadeiras da Câmara dos Deputados, mesma taxa registrada no ano de 1994. Nesse sentido, as esperanças foram, de certa maneira, frustradas, pois não houve uma expansão efetiva no curto prazo e, como demonstra Corrêa e Chaves (2020), esse mecanismo por si só não solucionaria o problema histórico da sub-representação de mulheres.¹³⁷

O problema, segundo Marques (13/09/2018), é “fazer essas candidaturas possíveis, competitivas, com recursos e visibilidade. Candidaturas só são competitivas se há investimento do partido em assim torná-las”, uma vez que as barreiras nesse processo de equiparação de assentos no legislativo não são derrubadas apenas por transformações nas regras eleitorais, mas, isso sim, por políticas que também atuem de modo transformador para a obtenção de justiça social (Fraser, 2007).

A Lei de Cotas sofreu uma modificação em 2009, em decorrência da Reforma Política, com a imposição aos partidos políticos da obrigação de preencher as reservas de cotas mínimas de 30% nas listas para a disputa das eleições – portanto, avançando-se para além da reserva de vagas. Com isso, as candidaturas superaram a taxa de 20% nas eleições de 2010, embora as deputadas federais não tenham ampliado as cadeiras, ocupando apenas 8,7% do total. Em 2012, 13,3% (7.634) mulheres assumiram o posto, em contraposição a 86,6% (49.538) de homens (Cfemea, 2013). Desse modo, “apesar das candidaturas femininas terem sido bem recebidas entre os eleitores, inclusive entre o eleitorado feminino, as candidaturas foram apresentadas de forma mais rigorosa e estereotipada: maior exposição da vida privada das candidatas [...] e também sobre a

¹³⁷ De acordo com o levantamento realizado pelo CFEMEA, nas eleições municipais de 2004, 12,6% (5.847) de mulheres foram eleitas para vereadoras, ao passo que em 2008, houve uma intensa queda e apenas a eleição de 0,7% (321). A Lei 9504/97 estabelecia que, transitoriamente, no pleito de 2008, a reserva de candidaturas femininas deveria ser de pelo menos 25%. No entanto, nesse ano, as mulheres sequer alcançaram 20% das candidaturas, além do contingente de eleitas ter diminuído.

aparência das candidatas” (Lima, 2010, p. 6). Conforme assinalou Avelar (2001), esses números evidenciam em que medida avanços formais devem ser acompanhados também pela educação política e por transformações culturais, pois há ainda barreiras insuperáveis no campo simbólico restringindo o acesso a espaços privilegiados no campo social¹³⁸ – desenvolvo essa discussão com mais profundidade nos capítulos subsequentes. Isso posto, é possível afirmar que, com o passar do tempo e com o advento de novas demandas, o movimento de mulheres foi tomando contornos cada vez mais sofisticados, reverberando no campo acadêmico através de pesquisas no âmbito da teoria feminista, com a reconversão de frações da militância à pesquisa.¹³⁹

¹³⁸ Atualmente, os debates desenvolvidos no bojo do feminismo acadêmico têm buscado pensar a marginalização da mulher na vida pública, as limitações sociais e as diferenças de oportunidades. Portanto, é preciso ter em vista que “elas não estiveram totalmente ausentes dos estudos das ciências humanas, o que hoje se questiona é o tipo de tratamento que lhes foi destinado. Uma presença quase ausência” (Costa; Barroso; Sarti, 2019, p. 109). Ou seja, as desigualdades sustentadas em intersecção entre gênero, classe, raça, regionalidade etc., que compõem as injustiças sociais e dificultam uma participação equitativa da população nos sistemas democráticos (Buarque de Hollanda, 2019; Teixeira; Mota-Santos, 2022).

¹³⁹ Como argumenta Rose-Marie Lagrave no texto *Recherches féministes ou recherches sur les femmes?* (1990), é preciso ir além da imagem de uma simples oposição entre as feministas acadêmicas e as militantes do movimento – uma vez que é consensual a importância tanto do âmbito da teoria no campo científico, quanto da militância no campo político na consolidação do que se entende como movimento feminista. Esse é o ineditismo que faz com que os feminismos tenham fôlego histórico para levar adiante suas pautas, desaguando em uma pluralidade de movimentos, tal como as concepções de emancipação feminina, estratégias de disputa, identificações sobre o que é ser mulher e suas opressões.



Capítulo 3: EXPERTISE TÉCNICO-BUROCRÁTICA E A CONVERSÃO EM PRESIDENTA

*Minha jangada vai sair pro mar
Vou trabalhar meu bem querer
Se Deus quiser quando eu voltar do mar
Um peixe bom eu vou trazer
Meus companheiros também vão voltar
E a Deus do céu vamos agradecer*
–Canção da Partida de Dorival Caymmi¹⁴⁰

Neste capítulo procuro mostrar como as habilidades adquiridas por Dilma em seu período de militância nas organizações de esquerda durante a ditadura militar foram decisivas para que, uma vez instalada no Sul, ela se afirmasse como uma servidora técnico-burocrática de alto nível. Em um percurso que a levou a ocupar espaços de alto escalão em secretarias do governo do Estado do Rio Grande do Sul, quando seu nome e sua esperteza ganharam destaque nacional pela forma como ela lidou em âmbito estadual com a crise energética (apagão) que atingiu o Brasil na virada do século.

Dilma passou cerca de 30 anos envolvida em atividades políticas em Porto Alegre, cidade para onde se mudou após deixar a prisão em 1972, desempenhando funções tanto na burocracia partidária como na máquina pública. Após a libertação do marido, continuou a ministrar aulas particulares para um pequeno grupo engajado em revigorar o PTB no estado. Com a vitória de Ivete Vargas sobre Leonel Brizola pelo controle do antigo PTB, Dilma integrou o grupo brizolista na fundação do PDT em 1980¹⁴¹ (C.f.: *O Globo*, 01/11/2010). Essa ação por ela desempenhada como formadora política, como uma instrutora dentro da célula do partido, reverberou posteriormente no estilo “professoral” pelo qual a futura Presidenta será caracterizada por seus pares.

Seu período em solo gaúcho foi marcado pela ocupação de cargos importantes na administração pública local, como o posto de secretária municipal da Fazenda de Porto Alegre (1986-1988), no governo de Alceu Collares (PDT) e, por duas vezes, na secretaria estadual de Energia e Comunicação (1993-1994; 1999-2002). Segundo o jornal *O Globo* (2010), nesse período,

¹⁴⁰ De acordo com relatos de ex-prisioneiras da Torre das Donzelas (como ficou conhecido o Presídio Tiradentes), como que em um ritual de passagem, quando alguma detenta era solta, todas cantavam essa canção.

¹⁴¹ O núcleo responsável pela organização do partido era composto por Alceu Collares, Antonio Guaçu Dinaer Piteri, Benedito Cerqueira, Carlos, Darcy Ribeiro, Dilma, Doutel de Andrade, José Frejat, José Guimarães Neiva Moreira, Lidovino Antônio Fanton, Sereno Chaise, Susana Thompson Flores Pasqualini etc. Ver mais: *CPDOC: Partido Democrático Trabalhista (PDT)*. Disponível: <https://www18.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/partido-democratico-trabalhista-pdt>, consulta: 08/05/2024.

Dilma estabeleceu amizades duradouras e fiéis aliados/as, mas também acumulou algumas desavenças e inimizades. Superada a crise energética que atingiu o país no governo FHC, o setor energético gaúcho – sob a administração de Dilma – passou a se destacar como um exemplo na produção e distribuição de energias alternativas, cuja fatia aumentou em quase 50%, na contramão da recessão nacional.

Com a vitória de Lula nas eleições de outubro de 2002, Dilma ingressou no governo federal, assumindo o comando de programas sociais vultosos, como o PAC (I e II) e os programas *Minha Casa Minha Vida* e *Luz para Todos*. No bojo da crise do mensalão que atingiu o governo Lula em 2005 – e a consequente derrocada de diversos líderes partidários e políticos na disputa pela posição de sucessores de Lula –, Dilma, detentora de um elevado arsenal de capital cultural e político, emergiu como um dos nomes mais palatáveis para concorrer à presidência em 2010, quando, após longos investimentos, completou o percurso de uma agente política de nível local, restrita aos bastidores, para o posto de herdeira política de Lula e, em seguida, de primeira presidenta do país.

3.1 Participação de mulheres na política

O histórico da atuação política das mulheres brasileiras, apesar da proeminência de líderes políticas importantes há décadas (aqui, é impossível não pensar em uma figura como Bertha Lutz, por exemplo), sempre foi marginal. Nunca houve grandes possibilidades de que os interesses das mulheres, por mais diversos que fossem, tivessem importância central no projeto de país. Isso é resultado de uma desigualdade na condução da vida política, nas barreiras que impedem que mulheres tenham importância na tomada de decisões. Os espaços que organizam as possibilidades, os recursos e as decisões políticas, ou seja, os partidos políticos, sempre foram comandados por homens (Marques, 2018, s/p).

Historicamente, as atividades políticas formais foram vistas, nas sociedades ocidentais, como um negócio de homens e para homens. No entanto, isso não se dá por falta de interesse feminino, como aponta Marques, mas, sim, por um sistema de dominação masculina que, desde a Grécia Antiga, as afastou da politeia (πολιτεία) – realidade que limou o estímulo para a participação na vida pública, em razão da ausência de representação e socialização política. Cenário que, no entanto, vem se alterando a duras penas graças às lutas feministas. Segundo Lipovetsky (2007), ainda que com reservas, “o êxito feminino já não suscita em um ostracismo social. [...] Já não é uma inibição psicológica que mantém as mulheres afastadas do poder, mas sim uma **menor estimulação social para se imporem na cena pública, uma socialização que valoriza mais o sucesso privado do que o sucesso organizacional**, o enriquecimento relacional do que o domínio hierárquico” (*Ibid.*, p. 273).

Conformado por dinâmicas, *habitus* político e códigos associados à performatividade de gênero masculino, o campo político também implica em uma dinâmica conformada por agentes divididos entre profissionais e profanos (Bourdieu, 1981). Esses agentes dispõem de formação especializada como competências específicas sobre disputas e hierarquias partidárias, retórica política, domínio de técnicas de sedução do eleitorado e outras forças políticas, ou seja, são detentores de um conjunto de capitais que precisam estar em coerência, em diversos contextos, do fazer político. No Brasil, o campo político também esteve majoritariamente composto por repertórios masculinos, cujas presenças eram tidas como “naturais” e legítimas. Apesar desse cenário desfavorável à presença feminina, os movimentos de mulheres não se intimidaram e reivindicaram sistematicamente para si o protagonismo nas ruas e na cena pública.

No que diz respeito à representação institucional, mesmo com o passar das décadas, o avanço ocorria de forma acanhada, em razão das barreiras materiais e simbólicas interditando o acesso aos cargos formais. Foi apenas nas eleições de 1947, ano de nascimento de Dilma, que as mulheres puderam participar plenamente do processo democrático eleitoral, naquela que foi a primeira eleição sob a égide da Constituição de 1946, que, em substituição à Carta de 1937 do Estado Novo, estabeleceu o retorno democrático com eleições livres e diretas para presidente da República e outras autoridades.¹⁴² Nesse momento, início da década de 1950, 12 legisladoras mulheres foram eleitas pela primeira vez.¹⁴³

De acordo com Céli Pinto (2017), entre as pioneiras, havia uma “diversidade das trajetórias de vida, das razões para entrada na vida pública e da atuação como deputadas” (*Ibid.*, p. 487) e seus perfis eram variados, conforme a autora explicita mais à frente: “havia mulheres desquitadas, casadas, com e sem filhos, com mais de um casamento, de origem familiar diversa, umas recatadas, outras polêmicas, que fizeram história e participaram diretamente da política de seus estados e do país” (*Idem*).

Se, durante a ditadura civil-militar, o movimento de mulheres foi ofuscado pelas demandas dos movimentos operário e trabalhista, sobretudo em sua oposição aos avanços do autoritarismo, também é verdade que as mulheres sempre estiveram (mais ou menos) organizadas em torno de diversas reivindicações, como as pautas históricas pelo acesso à educação formal, pela liberação sexual, pela lei do divórcio, pela participação política eleitoral etc. (Sarti, 1998). Esse período

¹⁴² Em 02/12/1945 ocorreu a eleição presidencial (com a vitória do marechal Eurico Gaspar Dutra). Em 19/01/1947 houve eleições diretas para o Senado, Câmara Federal, executivos estaduais, assembleias legislativas, e executivos e câmaras municipais.

¹⁴³ As deputadas analisadas por Céli Pinto (2017) foram: Judith Leão Castello (PSD-ES) e Maria Conceição Santamaria (PTB/PSD/ PSP/MDB-SP), eleitas em 1947; Cândida Ivete Vargas Martins (PTB-SP), Núbia Nabuco Macedo (PTB-SE), Rosa C. Rebelo Pereira (PSD/PTB-PA), Suely de Oliveira (PTB-RS) e Tereza Delta (PSP/PTB-SP), eleitas em 1950; Almerinda M. Arantes (PTB/PSB-GO), Berenice T. Artiaga (PSD-GO), Leolina Barbosa de Souza Costa (PTB-BH), Lindalva T. Fernandes (PDC-RN) e Maria Elisa Viegas de Medeiros (PDC-PE), eleitas em 1955.

demandou um recuo nas demandas feministas, como na reivindicação ao aborto, em uma estratégia que, em nome do retorno democrático, incluiu até mesmo alianças com a Igreja Católica: “A prudência para ‘não assustar a Igreja’ foi uma posição utilizada pelo renascente movimento feminista brasileiro, àquela época, o qual precisava contar com todos os aliados possíveis em vista da situação em que se encontrava o País” (Pedro, 2003, p. 254).

Com a distensão da ditadura e a reorganização dos partidos políticos, as intersecções dos feminismos passaram a eclodir novamente e de uma maneira mais institucionalizada, atuando fora da clandestinidade. Apesar do avanço das mulheres em posições de destaque e das inúmeras conquistas (logradas a duras penas), passaram-se quase oito décadas entre a conquista do sufrágio (1932)¹⁴⁴ e a eleição da primeira presidenta brasileira, em 2010. Essas assimetrias de poder, evidenciadas pelas desigualdades e pela baixa representação política feminina, vigoram ainda hoje, na medida em que as mulheres permanecem excluídas dos processos de decisão política – donde a necessidade de diversas medidas (como a ação afirmativa) capazes de garantir uma concorrência em bases minimamente igualitárias.

Apesar de seu histórico na luta pela democracia e de sua participação ativa no campo político brasileiro em defesa dos direitos humanos, Dilma nunca se apresentou publicamente, durante as eleições ou antes delas, como feminista. Ainda assim, com base na análise do cenário político-eleitoral, é possível perceber como a identidade de gênero, muitas vezes mobilizada como um argumento para o afastamento das mulheres da política, foi usada por Dilma e pelo PT como recurso para seu acesso ao Executivo Nacional.

A ausência de uma autodenominação feminista por parte de Dilma não foi um entrave para que a sua presidência suscitasse inúmeras pesquisas interessadas em saber se haveria uma correlação entre o fato de uma mulher ocupar a presidência e mais ou menos avanços em legislações consideradas de interesse feminista ou das mulheres (Rangel, 2012).¹⁴⁵ Embora esse tipo de análise sobre *representação substantiva* (Phillips, 2011) ultrapasse os limites da investigação levada à cabo nesta tese, vale destacar que o primeiro governo Dilma (2011-2014) não ficou marcado como especialmente favorável à materialização de políticas para as mulheres – ainda que

¹⁴⁴ No Brasil, o direito ao voto feminino foi conquistado em 1932, durante o governo de Getúlio Vargas – mas restrito a mulheres casadas (com autorização do marido), mulheres viúvas e solteiras com renda própria. Somente em 1934, com a promulgação de uma nova Constituição em substituição à Carta de 1891, que todas as brasileiras maiores de 21 anos puderam participar das eleições, sem a necessidade de qualquer tipo de autorização prévia.

¹⁴⁵ Foram inúmeras as críticas feministas à postura do governo Dilma por não priorizar o debate público sobre os direitos reprodutivos e assegurar um avanço na legislação sobre a discriminação do aborto. Apesar de ter se mostrado uma pessoa sensível a essas pautas em momentos anteriores (10/2007 e 04/2009), isso se explica pela necessidade de a candidata ceder às pressões de setores religiosos receosos em apoiá-la. Conforme se pode observar no documento divulgado durante a campanha: “*Sou pessoalmente contra o aborto e defendo a manutenção da legislação atual sobre o assunto; Eleita presidente da República, não tomarei a iniciativa de propor alterações de pontos que tratem da legislação do aborto e de outros temas concernentes à família e à livre expressão de qualquer religião no País*” (Trecho extraído da Mensagem da Dilma a religiosos; ver *apêndice*) (C.f.: IstoÉ, 13/05/2010; G1, 07/10/2010; Correio Braziliense, 12/03/2012, Política, p. 5; Gazeta do Povo, 21/06/2012; El País, 07/03/2014).

a Secretaria de Políticas para as Mulheres (SPM), encabeçada por Menicucci, tenha defendido as bandeiras de igualdade de gênero. Como afirma Souza (2018), “em contraste com as três últimas décadas, quando a agenda feminista começou a ter maior permeabilidade no Estado brasileiro, a ampliação e efetivação dos direitos das mulheres, no governo Dilma, esbarraram-se em alguns limites” (*Ibid.*, p. 157-8).

Por outro lado, o fato de uma mulher presidir o país seria, por si só, concretização máxima de uma *política da presença* (Phillips, 2011), isto é, da representatividade (no caso, feminina) de um grupo até então excluído dessa posição. Ora, se Dilma pôde ou não declarar, deliberadamente, apoio aos movimentos feministas, isso certamente ocorreu pelas características dos governos de coalizão por ela encabeçados (no primeiro, mas, sobretudo, no segundo). As condições parecem ter se modificado substancialmente quando Dilma disputou o Senado por Minas Gerais nas eleições de 2018. Foi nessa campanha, sob o slogan *Dilma valente e valente brasileira*¹⁴⁶, que a agente mobilizou todo um vocabulário feminista com vistas a uma maior aproximação com um grupo que lhe ofertou grande apoio durante o processo de interrupção de seu mandato, em atos iniciados em 2015 e que assumiram um caráter marcadamente feminista (“anti-Cunha” e “pró-Dilma”) em 2016, em demonstrações que tiveram início no dia das mulheres (08/03) e que se repetiram em 18/03, 31/03, 07/04, 18/08 e 26/04.¹⁴⁷ O *jingle* da campanha ao senado embalava a canção: “*Não tem homem ruim que derrube essa mulher, não tem dor no corpo que abale a sua fé. [...] Dilma segue valente, Dilma segue de pé, é força de guerreira, é força de mulher. [...] lute como uma menina, lute como uma mulher, lute como uma Dilma*”.¹⁴⁸ De fato, esse foi o momento da associação mais explícita entre Dilma e os feminismos.

3.1.1 Redenção ao sul e a fundação do PDT

A ditadura me tirou de Minas Gerais, e fui acolhida no Rio Grande do Sul. Aqui em Minas Gerais tem umas pessoas que dizem que eu não sou mineira. Agora, lá no Rio Grande do Sul, quem não gosta de mim diz que não sou gaúcha. Que eu não sou gaúcha, eu acho que fica um pouco óbvio porque ninguém fala ‘ocê’ no Rio Grande do Sul, e nem fala ‘uai’. Mas também eu já misturei um pouco, porque eu falo barbaridade. Eu sou esta mistura (Dilma, G1, 27/08/2013).

Quando no Sul, Dilma retomou os estudos na Faculdade de Ciências Econômicas, ingressando, em 1975, como estagiária, na Secretaria da Coordenação e Planejamento da

¹⁴⁶ Dilma não foi eleita como senadora pelo estado mineiro, obtendo apenas 15,21% dos votos válidos (Folha de S.Paulo, 08/10/2018).

¹⁴⁷ Ver: O Tempo, 08/03/2016; El País, 08/03/2016; Folha de S.Paulo, 08/03/2016; Terra, 18/03/2016; O Globo, 07/04/2016; Agência Brasil, 26/04/2016; Brasil de Fato, 18/06/2016; Folha de S.Paulo, 29/09/2020.

¹⁴⁸ “Jingle Dilma Rousseff (PT) - Dilma mineira, valente brasileira - Senadora MG 2018”. Arquivo Eleitoral, 19/08/2018: <https://www.youtube.com/watch?v=uSkIU828ZLI>, consulta: 04/01/2024.

Fundação de Economia e Estatística (FEE)¹⁴⁹ – emprego que, segundo Amaral (2011), foi “resultado dos bons contatos da família Araújo” (*Ibid.*, p. 91), ou seja, do capital social obtido por meio do casamento. Dilma permaneceu nesse posto até novembro de 1977, quando tanto ela como Calino Pacheco tiveram seus nomes publicados na chamada “Lista do Frota”, divulgada no jornal O Estado de S.Paulo, e que consistia em uma relação de 97 supostos comunistas infiltrados no governo. Com isso, os dois foram prontamente demitidos (GHZ, 08/12/2012; Carvalho, 2010).

Em razão da prisão de Carlos e do campo político que ainda era conduzido pelos militares, Dilma se manteve afastada das atividades públicas, discutindo política dentro do espaço privado, com antigos/as militantes como Calino e Carlos Alberto de Ré, e no círculo muito restrito de amigos/as filiados/as ao Setor Jovem do MDB, como Jandira César, Marcos Klassmann, Glênio e Lícia Peres (Carvalho, 2009a). Em relato, De Ré afirmou: “*Não foi tanto o arcabouço teórico que nos aproximou a todos, mas sim a solidão, a imensa solidão em que a esquerda tinha se jogado. [...] Nossa ida ao trabalhismo, anos mais tarde, foi uma espécie de reencontro com o que havia de popular e progressista na política*” (Amaral, *op. cit.*, p. 90).

A aproximação de Dilma com o trabalhismo gaúcho ocorreu por meio do Instituto de Estudos Políticos, Econômicos e Sociais (Iepes) e do MDB – chefiado no âmbito local por Pedro Simon¹⁵⁰. Foi nessa época que se deu a eleição de Ernesto Geisel para a presidência (após derrotar a “anticandidatura” de Ulysses Guimarães nas eleições indiretas de 1974). Geisel deu início ao projeto de distensão lenta e gradual do regime, processo ambíguo que desembocou, no final daquela década, na revogação do AI-5 e na instauração da Lei de Segurança Nacional, que serviu de base, no governo Figueiredo, para a repressão das greves sindicais do ABC Paulista.

A partir de 1975, após a libertação de Carlos, a casa onde ele e Dilma viviam se tornou um centro de socialização de grupos do MDB, movimentos sindicalistas, intelectuais como Darcy Ribeiro e lideranças políticas como Francisco Julião. Com o retorno de exilados/as políticos/as e a saída da prisão de diversos/as militantes, a residência ganhou ainda mais destaque como ponto de encontro. Amaral (2011) descreve, inclusive, como, “em certas temporadas, havia colchões espalhados por todos os cômodos. Além dos viajantes da esquerda universal, a casa servia de

¹⁴⁹ “Instituição criada em 1974 e que, desde o governo Pedro Simon, passou a ser denominada Fundação de Economia e Estatística “Siegfried Emanuel Heuser”, [...] teve a maioria de seus presidentes constituída por ex-alunos ou professores do curso de Ciências Econômicas da UFRGS: Rudi Braatz (1969), Leodegar Jost (1960), Milton José Silva e Silva (1964), Mário Baiocchi (1972), Dilma Rousseff (*sic*) (1977), Rubens Soares de Lima (1972), José Antônio Fialho Alonso (professor), Aod Cunha de Moraes (1989) e Adelar Fochezatto (doutor pelo PPGE)” (Lagemann; Bandeira, 2009, p. 144).

¹⁵⁰ Na época, deputado estadual do RS. Simon foi coordenador nacional do movimento Diretas Já, participou ativamente da Assembleia Nacional Constituinte e se tornou uma das figuras centrais do processo de redemocratização do país (C.f.: Agência Senado, 10/12/2014).

morada provisória para amigos [...]. Paula cresceu nesse ambiente de assembleia geral, tendo de dividir os pais com a política” (*Ibid.*, p. 97-8).

Nesse contexto, o PT foi fundado em torno de classes sindicalistas, intelectuais, militantes da esquerda e pelo movimento sócio-ecclesial da Teologia da Libertação, destacando-se em torno da figura de Lula e alastrando-se por todo o país. Nomes como Tarso Genro, Olívio Dutra e Raul Pont foram fundamentais para a organização do Partido dos Trabalhadores no Sul – depois, com a chegada de Lula à presidência, tanto Tarso como Olívio se tornaram ministros de seu governo. Contudo, o Rio Grande do Sul, “onde a memória do trabalhismo era muito forte e a influência de Brizola era incontestável” (Amaral. *op. cit.*, p. 100), foi palco de uma articulação pela recriação do PTB, da qual Dilma (que já morava em Campinas para realizar a pós-graduação) e Carlos não pouparam esforços para assegurar o retorno de Brizola (então exilado no Uruguai) ao país (Carvalho, 2009a).

Conhecido como *Engenheiro* e *Caudilho*, Leonel Brizola era um político experiente, tendo ocupado cargos no legislativo (estadual e nacional) e executivo (local e estadual) – servindo, inclusive, como governador de dois estados: RJ (1991-1994; 1983-1987) e RS (1959-1963). Seu projeto de refundar o PTB naufragou quando foi derrotado por Ivete Vargas¹⁵¹ na disputa pelo controle da sigla no Tribunal Superior Eleitoral (TSE). A alternativa encontrada pelos “brizolistas” foi fundar o PDT. Eis, assim, o quadro partidário brasileiro às vésperas da transição para o governo civil em 1985:

No lugar do esquema plebiscitário de dois partidos, vieram o PDS, sucessor da Arena; o PTB de Ivete, sua linha auxiliar; o PMDB, mantendo a frente que ia do PCB e PCdoB clandestinos até os democratas conservadores; o PDT de Brizola e o PT. [...] O PDT e o PT passaram anos acusando-se mutuamente de dividir a esquerda e servir ao sistema (Amaral, 2011, p. 102-3).

O Partido Democrático Trabalhista teve forte presença nos estados do RS e RJ (onde a memória política e a liderança de Brizola eram mais fortes), disputando quadros políticos com o PMDB e o PT. Dilma e Carlos integravam a “turma da alpargata”, como era conhecida a ala mais à esquerda do PDT gaúcho.

Dilma permaneceu no PDT até 2001 e, nesse ínterim, participou ativamente das atividades político-partidárias, tanto que, em 1982, se tornou assessora da bancada na Assembleia Legislativa do RS (Tejero, 2014). Entre suas atribuições, ela tinha de selecionar notícias e produzir análises

¹⁵¹ Sobrinha-neta de Getúlio Vargas, foi deputada federal entre 1951-69 e 1983-4. De acordo com Angeli (2019): “Ivete Vargas agiu ativamente para ingressar com sucesso na carreira política e, quando teve a oportunidade de concorrer a deputada federal, já contava com os recursos e competências que, convertidos em capital político, foram importantes para o sucesso dessa candidatura – bem como a herança familiar. [...] O que lhe permitiria, com êxito e durante décadas, lidar com os códigos e práticas de um meio predominantemente masculino, e com as habilidades necessárias para atuar com eficácia nas luzes e sombras desse métier” (*Ibid.*, p. 596).

conjunturais para subsidiar os pronunciamentos dos/as deputados/as, o que viria a se tornar a *Síntese* (Amaral, 2011, p. 104): o material produzido por Dilma era enviado tanto para o gabinete de Brizola – então governador do RJ – como para as demais bancadas estaduais.

Vera Stringuini, em depoimento para Luiz Maklouf Carvalho, afirma que Dilma apostava muito no PDT e em Brizola, ainda que alimentando eventuais divergências políticas (Carvalho, 2010, p. 148). Em função disso, se dedicou integralmente à campanha eleitoral de 1989, a primeira eleição presidencial direta desde 1960, na qual o histórico líder trabalhista estava entre os contendores.¹⁵²

Fotografia 7- Carlos lendo jornal



Fonte: Agência RBS/Arquivo pessoal de Carlos Araújo, reprodução: Facebook (04/04/2022).

Na imagem acima, uma fotografia antiga sem data, em preto e branco, Carlos lê um jornal estampado com o rosto de Brizola seguido da frase: *A esperança tem nome: Leonel Brizola*. Carlos, que também auxiliou na fundação do partido, concorreu a um cargo no legislativo estadual, e foi eleito em 1982 para a 46ª Legislatura do RS, com 30.717 votos válidos: “*Foi deputado estadual por três mandatos. Atuou com destaque na Assembleia Constituinte Estadual, em 1989. Por duas vezes, concorreu à prefeitura de Porto Alegre: em 1988 e 1992, mas os vencedores foram Olívio Dutra e Tarso Genro, ambos do PT*” (GZH, 12/08/2017). Em 1988, disputou as eleições municipais de Porto Alegre, mas acabou

¹⁵² Brizola garantiu o terceiro lugar na disputa, ficando atrás de Lula (PT) e do vitorioso Fernando Collor de Mello (PRN). Dez anos depois, disputou como vice de Lula nas eleições de 1998, em eleição vencida por Fernando Henrique Cardoso (PSDB) e Marco Maciel (PFL), que obtiveram 53,06% dos votos válidos.

ficando na quarta colocação, em disputa vencida por Olívio Dutra (PT), primeiro mandatário do PT na capital.¹⁵³

Carlos, que detinha um grande arsenal de capital simbólico herdado de seu pai, foi se forjando politicamente como uma liderança do trabalhismo gaúcho e, com a gradual abertura política, passou a ganhar também notoriedade nas urnas – convertendo o prestígio do sobrenome e o capital social adquirido na militância em capital político.¹⁵⁴

No começo dos anos 1980, foi realizado em Porto Alegre um congresso de mulheres no qual se debateu a fundação de uma federação de classe. Frente à resistência de setores do PDT, um grupo de militantes trabalhistas envolvidas naquele projeto (dentre as quais Dilma) teve a ideia de levar Brizola ao evento e distribuir lenços vermelhos para as participantes. A estratégia foi exitosa e as resistências ao projeto das pedetistas foram superadas.

Fotografia 8- AMT/ PDT-RS (1986)



Fonte: Acervo Pessoal/ *Reprodução:* GHZ (26/11/2010).

Na fotografia acima, Dilma, que está à direita, participa de uma reunião de mulheres da AMT (Ação da Mulher Trabalhista) do PDT na cidade de São Francisco de Paula-RS. Foi uma das fundadoras da AMT em 1981 e dirigente da seção gaúcha – que era formada por uma coalizão de trabalhadoras, lideranças políticas e intelectuais que compartilhavam ideais trabalhistas e nacionalistas.

¹⁵³ Segundo Amaral (2011), Alceu Collares, principal aliado de Brizola, não queria dividir o poder com Carlos e, por isso, valeu-se de instrumentos do estado para de certa forma prejudicar a campanha do companheiro partidário.

¹⁵⁴ Em 1994, ao ser diagnosticado com enfisema pulmonar, Carlos se desligou da carreira política, o que não o impediu de se manter atuante no cenário público (Carvalho, 2009a; 2009b).

Segundo Abritta (2021), Dilma “trabalhou ativamente para que mais mulheres participassem da vida política partidária preenchendo os quadros do partido e como candidatas. Para isso, viajou pelo interior do estado do Rio Grande do Sul organizando e participando de encontros com mulheres de diversas cidades gaúchas” (*Ibid.*, p. 63). Nesse sentido, seu papel também era o de estimular o interesse e o recrutamento de novas militantes (tal como fizera, anteriormente, nas organizações militantes), visando o fortalecimento do partido no estado e na cena política nacional, além da formação de novos quadros políticos e da promoção da redemocratização do país.

Entre os anos de 1983 e 1984, houve intensas campanhas de setores da sociedade civil e diferentes grupos pelo retorno das eleições diretas com as chamadas *Diretas Já*.¹⁵⁵ A campanha foi organizada por partidos políticos, sindicatos e movimentos sociais, pautados pelo objetivo de promover a abertura democrática. O processo, contudo, não ocorreu de uma hora para outra, pois foi permeado por conflitos e negociações refletindo as disputas pelo capital político e simbólico dentro do campo político. O grande marco desse processo foi a eleição para a presidência de Tancredo Neves¹⁵⁶ (PMDB), representante da Aliança Democrática, em janeiro de 1985. Na sequência do fim da ditadura, Dilma assumiu cargos na gestão pública no governo de Alceu Collares (PDT), destacando-se na Secretaria Municipal da Fazenda da Prefeitura Municipal de Porto Alegre (1985-8), sendo responsável por atividades administrativas e financeiras da capital gaúcha (Amaral, 2011).¹⁵⁷

“Ela parecia ter atuação coadjuvante de Araújo, mas era um dos melhores quadros técnicos e intelectuais”, afirma o presidente nacional do PDT, Vieira da Cunha. [...] Ela atuou na coordenação de campanhas, em especial as de Araújo a deputado e à prefeitura. Foi também responsável pela montagem dos planos de governo de Alceu Collares e Emília Fernandes (Folha de S.Paulo, 07/09/2010).

3.1.2 Uma mulher de bastidor?

Edison Castêncio ou Sorriso, que trabalhou como fotógrafo de Alceu Collares e tinha uma relação de muita proximidade com Carlos e Dilma – no início da década de 1980 lhe tiraram da

¹⁵⁵ As demandas das *Diretas Já* eram centradas na defesa de um sistema político mais inclusivo que possibilitasse a participação popular. As mobilizações evidenciaram não apenas a insatisfação com o regime autoritário, mas também a emergência de novas forças políticas e sociais no cenário nacional, reconfigurando as dinâmicas de poder e legitimidade. C.f.: MEMORIAL DA DEMOCRACIA. 1983-1984: *Diretas Já*. Disponível: <https://memorialdademocracia.com.br/card/diretas-ja>, consulta: 19/04/2024.

¹⁵⁶ Entre as reviravoltas da história política, após ser eleito por diversas coalizões, Tancredo foi hospitalizado em março de 1985 no Hospital de Base de Brasília, às vésperas de sua posse. “Passou por oito cirurgias, duas infecções, três equipes médicas e um resfriamento criogênico até morrer, em 21 de abril” (Amaral, 2011, p. 106). Sua atuação política e morte repentina alçaram-no à posição de “mártir da redemocratização” do país.

¹⁵⁷ Dilma se afastou do cargo para se dedicar integralmente à campanha do marido à prefeitura de Porto Alegre.

situação de rua e ofereceram emprego à ele como *office-boy* do gabinete do PDT gaúcho – dispõe de um grande acervo de fotografias de políticos de expressão regional, e por isso, foi procurado pela equipe de marketing da campanha de 2010, que não conseguia encontrar fotografias em que Dilma aparecesse (para que fossem usadas nas peças publicitárias). Afirmou certa vez: “*Ela sempre ficava em segundo plano nas fotos, pois é uma mulher de bastidor*” (Isto É, 21/01/2011).

Durante a militância, na juventude, Dilma se destacou como uma liderança nacional do VAR-Palmars. Após sair da situação de encarceramento, fixou suas bases na política institucional local para a promoção da redemocratização do país. Isso ocorreu por meio de suas redes dentro do PDT e com sua ampla circulação no PT gaúcho (entre figuras como Olívio Dutra e Tarso Genro), que a inseriu como um quadro partidário em que desenvolveu práticas de organização do aparato burocrático do Estado, gerenciamento e análise conjuntural em instituições como a Assembleia Legislativa estadual e nas secretarias dos governos de Collares e Dutra.

Em 1991, retornou à FEE como presidenta após ser nomeada por Collares. Amaral (2011), afirma que, na época, o cargo “não era prêmio, era castigo. A pouca importância do cargo correspondia ao desgaste das relações do grupo de Carlos e Dilma com Collares, mas ele não podia compor seu governo sem uma representação da esquerda do PDT” (*Ibid.*, p. 110). Dilma permaneceu na posição até 1993, quando o governador fez uma reforma na equipe de governo e a indicou para o cargo de Secretária de Minas, Energia e Comunicações (SMEC) do governo do RS. Neste período, encontrou-se com aquele que se tornaria seu braço direito, Giles Carricone Azevedo e levou consigo o seu “primeiro-filho”, Anderson Dornelles¹⁵⁸, que havia conhecido na FEE.¹⁵⁹ Os “fiéis escudeiros” que subiram com Dilma a rampa do planalto, seguindo-a nos ministérios e no governo presidencial.

Tanto que quando na presidência, Giles era o braço direito de Dilma: “*Assim como o Gilberto Carvalho está para o Lula. É uma relação de confiança total*” (Correio Braziliense, 05/12/2010). Com uma carreira acadêmica no campo da geologia e em cargos técnicos da burocracia estatal, Giles mantém vínculos com Dilma e ocupa atualmente o posto de Secretário de Programa do Consórcio do Nordeste, além de ser conselheiro do BNDES.¹⁶⁰ Já Anderson, o assessor pessoal,

¹⁵⁸ “*Quando Dilma assumiu a Secretaria Estadual de Energia, Minas e Comunicações do governo Olívio Dutra (PT), convidou o jovem para trabalhar com ela. Nos anos seguintes, ele a acompanhou no Ministério de Minas e Energia e na Casa Civil do governo Lula (PT), saiu para trabalhar na campanha pela primeira eleição dela em 2010 e seguiu como seu assessor até fevereiro de 2016*”. (Folha de S.Paulo, 12/06/2021).

¹⁵⁹ Foram feitas inúmeras tentativas de contato com ambos para solicitar uma entrevista à tese. Infelizmente não obtive retorno, conforme se pode observar no quadro das tentativas de entrevista.

¹⁶⁰ Segundo a descrição do site do BNDES, Giles “foi Coordenador da Assessoria Técnica da Liderança do PT, Assessor Especial do Gabinete Pessoal do Presidente da República, Chefe de Gabinete da Presidência da República, Secretário Executivo Adjunto da Casa Civil da Presidência da República, Secretário Nacional de Geologia, Mineração e Transformação Mineral e Presidente da Companhia de gás do Estado do Rio Grande do Sul (SULGÁS). Como experiência em Conselhos de Administração, foi membro nas empresas: Itaipu Binacional, Light S.A., Terracap, CPRM, Gaspetro e Sulgás.” C.f.: BNDES, *Conselheiros*. Disponível:

tentou seguir a carreira política, se candidatando pelo AVANTE para deputado federal pelo RS em 2023. No entanto, não obteve votos suficientes para se eleger, e também não mantém mais laços com Dilma desde o *impeachment*. Atualmente, ocupa um cargo executivo no Branco do Brasil como diretor de Relações Governamentais da Catenio e da Cielo.

Para uma melhor visualização das associações políticas de Dilma e como foi se constituindo sua linhagem política através das ocupações, destaco as seguintes passagens:

Quadro 4- Carreira profissional

Período	Instituição	Cargo	Forma de acesso	Local
1975-1977	FEE	Técnica	Processo seletivo	Porto Alegre
1978	Programa de Pós-graduação em Economia (Unicamp)	Mestranda		Campinas
1980-1985	Assembleia legislativa (RS)	Assessora do PDT	Nomeação	Porto Alegre
1986-1988	Secretaria da Fazenda POA	Secretária		
1989-1990	Câmara Municipal POA	Diretora-geral		
1991-1993	FEE	Presidenta		
1993-1994	Secretaria Estadual de Energia, Minas e Comunicação (RS)	Secretária		
1995-1998	Loja Pão & Circo	Sócia-proprietária	<i>Não se aplica</i>	
1998	Revista Indicadores Econômicos (FEE)	Editora	<i>Sem informações</i>	
1999	Programa de Pós-graduação em Economia (Unicamp)	Doutoranda	Processo seletivo	Campinas
1999-2002	Secretaria Estadual de Energia, Minas e Comunicação (RS)	Secretária	Nomeação	Porto Alegre
2002	Equipe de transição FHC-Lula			
2003-2005	Ministério de Minas e Energia	Ministra		
2005-2010	Ministério da Casa Civil			Brasília
2011-2014	Executivo Nacional	Presidenta	Eleições	
2015-2016				
2016	Fundação Perseu Abramo	Presidenta do Conselho Consultivo	Nomeação	São Paulo
2023-	Novo Banco de Desenvolvimento	Presidenta		Shanghai

Fonte: Autoria própria (2024).

No quadro acima, fica evidente que todas as nomeações de Dilma foram feitas por homens, o que demonstra que os postos privilegiados do campo político têm sido ocupados por homens, ao passo que as mulheres estão impossibilitadas por uma série de fatores simbólicos e materiais, como o *glass ceiling* ou teto de vidro, de chegar ao topo. Ao ingressar nos espaços por meio do “efeito de nomeação” ou de consagração, a agente em questão esteve legitimada (autorizada) a participar do jogo político. Para Bourdieu (2020): “O ato de instituição ou de

<https://www.bndes.gov.br/wps/portal/site/home/mercado-de-capitais/conselheiros-curriculo>,
07/05/2021.

consulta:

constituição é um desses atos aparentemente inúteis e insignificantes, mas, entretanto, carregados de uma eficácia simbólica específica e fundamental que consiste em transformar o fato em direito” (*Ibid.*, p. 105).

Após um intervalo de cargos públicos, em que se dedicou ao comércio¹⁶¹ e a vida acadêmica, retornou à gestão política em 1999 após Dutra (PT), com o apoio do PDT, ser eleito governador do RS. Nesse momento, foi indicada pelo novo governador para retornar à SEMC, onde permaneceu entre 1999 e 2002 – quando seu nome ganhou projeção nacional e saiu dos bastidores, pois, a forma como conduziu o setor energético, foi um fator distintivo frente aos demais estados nacionais em que estavam enfrentando agravos da crise elétrica.¹⁶²

Dilma, que inicialmente contava com um quadro de servidores muito restrito na SEMC – segundo A Britta (2021, p. 66), apenas dois engenheiros e alguns técnicos –, investiu fortemente nos estudos sobre o potencial de diversificação da matriz energética do RS. O que rendeu a implementação do Parque Eólico de Osório, localizado no litoral norte do estado, cujo projeto foi desenvolvido pela Ventos do Sul e a empresa Enerfin Enervento Exterior, controlada pelo grupo espanhol Elecnor.¹⁶³

Fotografia 9- Secretária da SEMC do governo Dutra



Fotografia: Antônio Sobral/Correio do Povo / Fonte: Gazeta do Povo (29/12/2010).

¹⁶¹ “Em 1995, quando deixou a presidência da FEE, Dilma teve uma mal-sucedida experiência como empreendedora. Junto com a ex-cunhada [...] abriu uma loja de bugigangas importadas, do tipo R\$ 1,99.” (Gazeta do Povo, 29/12/2010).

¹⁶² Em 1994, quando ocupava a secretaria no governo de Collares, Dilma foi citada pela primeira vez no jornal Folha de S.Paulo em uma matéria sobre a Companhia Riograndense de Telecomunicações. C.f.: FOLHA DE S.PAULO, 19/01/1994. CRT “*encuga*” *concorrência* e *lança* *ações*. Disponível: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1994/1/19/brasil/28.html>, consulta: 06/02/2021.

¹⁶³ Em abril de 2010, Dilma gravou um programa do PT no parque eólico, destacando seu papel na implantação do empreendimento que se tornou o maior complexo da América Latina (GHZ, 20/04/2010; Correio Braziliense, 29/04/2010).

Em 2000, tanto Dilma como Carlos romperam com o PDT – em meio a uma disputa interna sobre quem seria o candidato do partido para a sucessão municipal: Collares ou Vieira da Cunha. A cisão ocorreu quando Brizola, líder do PDT, retirou o apoio do partido ao governo de Dutra (PT), levando Dilma e diversos outros/as filiados/as, na época, a formalizar a saída do partido.

Os dois partidos se desentenderam em 2000, por causa da disputa pela prefeitura. Collares, candidato pedetista, foi um dos que mais criticaram os dissidentes. Hoje chega a dizer que Dilma “fez a coisa certa” ao permanecer no governo petista: “Conosco [PDT] ela fez um curso de alfabetização política”. (Folha de S.Paulo, 07/09/2010).

Carlos também deixou o PDT na época, mas “em agosto de 2012, anunciou que retornaria ao partido para fazer oposição ao presidente nacional da sigla, Carlos Lupi, que herdou o comando partidário desde a morte de Brizola, em 2004.” (GZH, 12/08/2017).

*Dilma também não capitulou aos anseios do caudilho Leonel Brizola, que no final da década de [19]90 passou a pressionar o grupo dela no PDT a deixar o governo Olívio Dutra. “O Brizola dizia para a Dilma: ‘Quero que vocês se afastem do governo’. Mas ela respondia: ‘Brizola, se você não está gostando, me expulse do partido’”, lembra Sorriso. O processo de transferência de Dilma do PDT para o PT foi outro lance marcante testemunhado por Sorriso. [...] “O Rossetto falou o seguinte: **‘Dilma, no PT vocês serão mais valorizados que no PDT’**”, lembra. (Sorriso, IstoÉ, 21/01/2011; grifos meus).*

Miguel Rossetto, que também atuava no governo de Dutra com Dilma, foi um dos responsáveis pela filiação dela ao PT, e depois, integraram juntos a equipe de governo do presidente Lula. Em abril de 2009, Rossetto assumiu a presidência da Petrobrás Biocombustível – criada no ano anterior para gerir as atividades da companhia nos setores de álcool e biodiesel – onde permaneceu até março de 2014, quando assumiu a pasta do Desenvolvimento Agrário, a convite de Dilma.

3.2 Do local ao nacional: Os ministérios

Em 2001, o Brasil enfrentou uma crise energética que ficou conhecida como “apagão”. Desde o governo de Fernando Collor (PRN) na década de 1990, os investimentos em geração e transmissão de energia elétrica vinham sendo reduzidos, o que gerou um desequilíbrio desproporcional entre a oferta e o consumo da população que eclodiu durante a gestão FHC. Para entender essa crise, três pontos centrais precisam ser considerados: *i.* a falta de planejamento e investimento na geração e transmissão do setor elétrico demonstrou, na crise energética, a curva

descendente de investimentos que o setor vivenciava há anos¹⁶⁴ (Grün, 2005); *ii.* privatizações do serviço público com a ausência de investimento por parte das concessionárias (Leme, 2010); *iii.* aumento da demanda por diferentes classes de consumidores entre 1981-2001, o que levou à necessidade de utilizar excessivamente a água armazenada nos grandes reservatórios do sistema elétrico brasileiro. Nesse sentido, a crise se intensificou devido a fatores estruturais, no campo da política, e conjunturais, como condições hidrológicas desfavoráveis nas regiões Sudeste e Nordeste (Bardelin, 2004).

Para contornar a situação, a Câmara de Gestão da Crise de Energia Elétrica (GCE) instituiu por meio da Resolução N. 18 (junho de 2001) o Comitê de Revitalização do Modelo do Setor Elétrico, encarregado de aprimorar o modelo do setor elétrico do Brasil e, assim, reduzir os efeitos negativos da crise em curso. Esse comitê recebeu a colaboração de importantes entidades, tais como o BNDES, o Ministério das Minas e Energia, o Ministério da Fazenda, a Agência Nacional de Energia Elétrica (ANEEL) e a Advocacia Geral da União (AGU).

Além de colocar em questão o modelo (majoritariamente hidrelétrico) de geração e produção de energia (Leme, 2010), a crise também implicou em mudanças drásticas na regulamentação e oferta dos preços de distribuição da energia elétrica e em uma reestruturação do Mercado Atacadista de Energia (MAE). A crise e seus diversos desdobramentos logo ganharam proporções cada vez maiores no debate público, pois, ao contrário de instabilidades no campo econômico ou na segurança pública, quando afetado o setor elétrico, “há uma disseminação generalizada da crise que atinge todas as classes sociais da população, assim como também a grande maioria dos setores industriais e comerciais (mesmo que ainda de forma diferenciada, todos são impactados negativamente [...])” (*Ibid., op. cit.*, p. 5). Portanto, dada a alta concentração de renda em determinados grupos, a crise do apagão jogou água no moinho das disparidades sociais. Afinal, trata-se aqui de um insumo central ao estilo de vida urbano e ao funcionamento industrial e cuja escassez se reflete em um agravamento das condições de vida dos setores mais vulneráveis. Seu impacto nas eleições de 2002 era incontornável.

De acordo com os estudos realizados por Bardelin (2004, p. 104), a crise impactou em uma redução do consumo brasileiro em torno de 24%, além de produzir efeitos no padrão de consumo de energia elétrica que se estenderam para além do período mais crítico (entre junho de 2001 e fevereiro de 2002). Assim, ainda que os estados da região Sul tenham sido poupados das medidas de racionamento, verificou-se um esforço voluntário dessa região na redução do consumo. Nesse contexto, Dilma, que ocupava a SMEC-RS, foi encarregada de conduzir as

¹⁶⁴ De acordo com Leme (*op. cit.*, p. 6): “Os investimentos no setor saíram de US\$ 13,9 bilhões em 1980, passaram para US\$ 11,1 bilhões em 1989, para US\$ 7,1 bilhões em 1993, para US\$ 4,5 bilhões em 1995 e US\$ 6 bilhões em 1998 (ROSA, 2002). Demonstrando com isto que os investimentos no setor desde o começo dos anos 1980 foram abaixo do crescimento da demanda por consumo.”

negociações com Pedro Parente, coordenador da Câmara de Gestão da Crise de Energia Elétrica e Ministro-Chefe da Casa Civil da Presidência da República.

Carlos: *Sabe que quando veio o apagão... A única coisa que eu comecei a dizer... a única coisa que não pode ter no meu governo é apagão. Foi aquele negócio, a Nação inteira, aquela comoção nacional e o Fernando Henrique nomeou o melhor quadro político que ele tinha, que era o Parente, chefe da Casa Civil, para fazer uma comissão para discutir o apagão. E depois, transmitiram a reunião ao vivo e nós todos fomos assistir. Ele convocou uma reunião com todos os secretários estaduais de Minas e Energia [inaudível]. Aí o Parente foi lá e fez um relatório, por escrito. Leu o relatório e colocou a palavra à disposição. Daí uma mulher, que eu não tinha visto falar nada, pede a palavra e fala "olha, o seu relatório.... [interrompido].*

– Era a Dilma enquanto secretária?

Carlos: *É, é... [continua] "... o seu relatório é totalmente fora da realidade e com isso aí nós não vamos sair do apagão nunca. O caminho a ser percorrido é outro, é de grandes investimentos [inaudível]". **Eu vi aquela mulher e fiquei encantado.** [Carlos contando a história como se fosse o Lula] (Conversas e Café, 25/07/2014; grifos meus).*

A gestão de Dilma na SEMC foi motivo de destaque durante a crise de 2001, pois, na ocasião, o RS foi um dos poucos estados a não sofrer racionamento de energia elétrica (Fernandes, 2012). Tamanho destaque local em suas atividades, somado ao capital social que havia construído em sua trajetória no PT e no PDT, a levou a ser convidada por Lula em 2002 para chefiar a equipe de infraestrutura do governo de transição (Avelar, Rangel, 2019). Segundo Carlos, o convite foi quase imediato: *"24 horas depois de eleito, ele [o Lula] chamou a Dilma para Brasília para formar a transição do governo na parte de Minas e Energia"* (Conversas e Café, 25/07/2014).

Na sequência, Dilma foi indicada para ocupar o Ministério de Minas e Energia (2003-5). Anos mais tarde, Luiz Maklouf Carvalho (2010) questionou Dutra sobre o que teria chamado a atenção de Lula em relação à secretária gaúcha: *"Um certo comedimento, o fato de ela ter uma visão articulada da área, uma descrição, uma modéstia sem falsidade. Ela com o laptop dela. Está tudo organizado ali. Tem números, elementos, quadros. Ela é sempre afirmativa. Posso ter pesado pouco na balança naquele momento, mas, da transição para a frente, o mérito é todo de Dilma"* (Ibid., p. 154).

Credenciais de Dilma como capacidade técnica e expertise burocrática (capital cultural), articulação político-partidária e uma consistente rede (capital social) a catapultaram ao cenário nacional. Na interpretação psicanalítica de Tales Ab'Saber (2015), o impulso obsessivo e controlador de Dilma, de tecnocrata e matriarca, seduziu Lula com sua disciplina e rigor no desenvolvimento de programas sociais, a ponto de indicá-la a cargos de confiança, como os ministérios, e, posteriormente, como sua sucessora.

3.2.1 Ministério de Minas e Energia (2003- 2005)

“Depois de governar grandes cidades e alguns estados, o PT era um partido institucional clássico. Sua corrente majoritária (que a partir de 2006 se chamaria Construindo um Novo Brasil - CNB) estava mais próxima da social-democracia do que qualquer outro segmento político do país (Amaral, 2011, p. 130). Tanto Lula quanto Dilma fazem parte da CNB, e isso demonstra a força da ala ao obter quatro vezes seguidas a presidência do país.

Iniciado em janeiro de 2003, o governo de Lula e José Alencar foi composto inicialmente por 34 ministérios, sendo apenas 11,7% (4) ocupado por mulheres: Ministério de Assistência e Promoção Social (Benedita da Silva), Ministério do Meio Ambiente (Marina Silva), Ministério de Minas e Energia (Dilma) e a Secretaria de Direitos da Mulher (Emília Fernandes) (Abritta, 2021, p. 68).¹⁶⁵ Outro dado que chama atenção é que 35,3% (12) da equipe era composta por ex-militantes de organizações de esquerda que se opuseram à ditadura, entre eles: Agnelo Queiroz, Cristovam Buarque, Dilma, Luiz Dulci, Luiz Gushiken, Marina Silva, Nilmário Miranda, Palocci, Roberto Amaral, Rossetto, Tarso Genro e Zé Dirceu (Amaral, *op. cit.*). Ou seja, atributos adquiridos e introjetados na militância estudantil e/ou sindicalista como falar em público, realizar trabalho de base, redigir panfletos/revistas, engajamento político-social, orientação de reuniões, e demais competências técnicas (*savoir-faire*) se reconverteram em propriedades eficientes no campo político no primeiro mandato presidencial do PT. A tônica que marcou os primeiros meses do governo era a de mudança

Compreendo que longe de ser um espaço unificado, o Estado representa um universo em que “operam critérios de avaliação que lhe são próprios e que não teriam validade no microcosmo vizinho [...] diferentes das leis do mundo social ordinário” (Bourdieu, 2011, p. 195), mas que a partir de 2000, determinadas propriedades sociais como o engajamento sindical e militante, as redes estabelecidas no enfrentamento à ditadura militar e a luta pela redemocratização do país tornam chaves de acesso ao alto escalão institucional.

¹⁶⁵ Ao longo do mandato, esse número sofreu algumas alterações devido a ajustes na estrutura administrativa e mudanças políticas.

Fotografia 10- Equipe ministerial do primeiro mandato (2003)



Fotografia: Ailton de Freitas/ Fonte: Reprodução O Globo (02/01/2023).

Dilma aparece na segunda fileira, juntamente com Marina e Benedita, é a quarta da esquerda para a direita. Usa um vestido acinzentado e está com o cabelo armado, modulado para trás. Na fotografia faz-se notar a baixa diversidade e representação de negros/as e de mulheres, já que majoritariamente a equipe é composta por homens brancos, cis e heteronormativos.

No discurso de posse ao MME,

Disse que o *apagão* “foi a comprovação do fracasso do modelo lançado no país pelo governo que estamos substituindo, que criou entraves ao nosso desenvolvimento”. Ao final [...], agradeceu “às companheiras que durante os anos [19]60 e [19]70 foram combatentes na resistência à ditadura militar, especialmente àquelas que não estavam mais entre nós” Aí a ministra durona chorou. (Amaral, 2011, p. 133).

Na fala de Dilma, ela relembra a luta militante e também, qual ponto seria a prioridade de sua gestão: a de não permitir que viesse a ocorrer racionamento de energia em sua gestão.

De acordo com um pronunciamento do presidente em um vídeo de campanha eleitoral de Dilma em 2010, “*em apenas uma reunião a Dilma conseguiu me convencer que eu já tinha a Ministra de Minas e Energia do Brasil*”. Na frase, Lula ressalta a competência profissional durante o apagão, colocando-se à frente de ações que garantiriam o fornecimento de energia elétrica e a estabilização da situação. Essa foi uma forma do representante do Estado atestar para a população, com sua credibilidade, que Dilma teria capacidades evidentes para tornar-se presidenta: “*em apenas uma reunião*” ela já conseguiu o surpreender.

Lula refere-se à expertise técnico-burocrática da ministra, ou seja, aos conhecimentos acadêmicos, competências técnicas e práticas, e domínio de habilidades específicas ao aparato institucional de normas e procedimentos sofisticados. Em geral, agentes dotados de conhecimentos especializados em determinadas áreas, são detentores de vantagens substanciais em termos de poder e prestígio. No caso de Dilma, sua autoridade de especialista aliada à eficácia na administração do setor energético gaúcho funcionou como uma espécie de capital simbólico de reconhecimento, auxiliando-a em sua projeção nacional.

3.2.1.1 Expertise técnico-burocrática como credencial

Nos termos bourdieusianos, a expertise técnico-burocrática pode ser interpretada como uma forma de dominação simbólica¹⁶⁶, na medida em que aqueles/as que detêm esse conhecimento definem e controlam as regras do jogo em certos campos, podendo excluir ou marginalizar grupos desprovidos de acesso a esse tipo de capital cultural. Não se trata apenas de uma questão de aptidão técnica, mas que também está intrínseca às relações de poder e de dominação que permeiam o campo social.

A questão socialmente decisiva não é se uma pessoa “realmente” possui ou não o conhecimento que reivindica, mas sim se a demonstração de sua posse é reconhecida por seus interlocutores; ou seja, se está socialmente credenciada. Ser especialista é, entre outras coisas, uma forma rotineira de agir; uma pessoa pode se definir e ser definida socialmente com base nesse papel, ou pode alternar entre os papéis de acadêmico, especialista e tecnocrata ao longo de sua vida; trata-se de uma categoria dinâmica. (Giorgi, 2020, p. 25).

Segundo Giorgi (*op. cit.*), trata-se de um conhecimento socialmente situado na administração pública estatal, ou seja, essa credencial (títulos e prestígio) é gerada e validada dentro de redes relacionais específicas. A estrutura de sociabilidade que permeia as dinâmicas de servidores/as do alto escalão do governo vai desde laços débeis até redes de confiança e em contextos democráticos, e podem ser reconvertidas em credenciais, circulação e oportunidades políticas e econômicas, como foi o caso de Dilma.¹⁶⁷ Essa relação desenvolvida entre lideranças políticas e equipe técnica é crucial para o desempenho da gestão administrativa, na formulação e implementação de políticas, no desenvolvimento econômico e na prestação de serviços públicos (Whitehead, 2022).

As políticas adotadas pela equipe do MME e pela Eletrobrás se opuseram ao modelo desenvolvido anteriormente, durante o governo FHC e foram denominadas de “estatizantes”

¹⁶⁶ Só vale como uma forma de dominação se for exercida de modo a gerar vantagem a quem a possui, e se socialmente essa expertise for validada pelos pares.

¹⁶⁷ A expertise pode ser um recurso legítimo nas atividades políticas, levando a um processo duplo de tecnicização da política e politização das técnicas (Giorgi, 2020).

pelos meios de comunicação, ainda que tenham sido desenvolvidas Parcerias Público-Privado (PPPs) para mobilizar os recursos necessários para investir na infraestrutura que encontrava-se deficitária nos governos anteriores (Grün, 2005).

3.2.2 Casa Civil (2005-2010) e o mensalão

Em meados de 2005 surgiu o escândalo do mensalão, a partir de denúncias de um suposto esquema de pagamento de propinas a parlamentares, em troca de apoio político ao governo. As investigações indicavam haver um esquema de desvio de recursos públicos para financiar campanhas eleitorais e garantir sustentação política no Congresso Nacional.

A crise abalou profundamente a opinião pública sobre o PT, provocando uma crise de legitimidade que reverberou não apenas dentro do partido, mas também em todo o campo político nacional – expondo um sistema de práticas clientelistas e os mecanismos de reprodução das estruturas de poder. Assim, o mensalão suscitou questionamentos sobre os limites e possibilidades de transformação dentro desse campo marcado por relações de dominação e disputas por capital simbólico e material. Em consequência da deflagração do processo, quadros tradicionais do partido tiveram a imagem pública desprestigiada, associados a diversos tipos de escândalos de corrupção e lavagem de dinheiro, tanto que a equipe ministerial do governo precisou ser substituída em grande parte.

Nomes do alto escalão como Anderson Adauto, Antonio Palocci, Benedita da Silva, Erenice Guerra, Luiz Gushiken, Matilde Ribeiro, Romero Jucá, Silas Rondeau, Zé Dirceu (Ministro da Casa-Civil) e Walfrido Mares Guia (Vaz, 2013) foram retirados do jogo político naquele momento.¹⁶⁸ De modo que Palocci, Zarattini, Vaccarezza e Zé Dirceu passassem também a ser descartados pois não teriam chances de disputar o pleito frente ao escândalo de grandes proporções no campo midiático.

Tanto que os dados do Transparency International – Corruption Perception Index, que mede os níveis percebidos de corrupção no setor público ao redor do mundo, indicam que no período entre os governos FHC e Lula, a percepção mais alta de corrupção no Brasil foi em 2008 – em que o país ocupou a posição 80 de 180.¹⁶⁹ Baptista (2016) alerta que “os escândalos políticos, em especial, os que envolvem o tema da corrupção, podem influenciar a opinião

¹⁶⁸ Outros dois nomes estiveram envolvidos no escândalo: Delúbio Soares, ex-tesoureiro do partido, foi absolvido em 30/03/2023 pela 2ª Vara Criminal Federal de São Paulo das acusações de lavagem de dinheiro (corrupção ativa); Marcos Valério, empresário associado à agências de publicidade, foi condenado a mais de 37 anos de reclusão pelos crimes de peculato, corrupção ativa, lavagem de dinheiro e crime contra o sistema financeiro (Vaz, 2013).

¹⁶⁹ O índice mede a percepção do menos para o mais corrupto. Em 2010 o Brasil ocupava a posição 69 entre 178 países, o que representou uma melhora se comparado com 2009 em que ocupava 75/180. C.f.: <https://www.transparency.org>, consulta: 13/08/2021.

pública, remetendo-nos à premissa de que afetam, assim, a avaliação de governo” (*Ibid.*, p. 8). No caso de Lula, ele conseguiu contornar a crise, se dissociando de certa forma do PT e conquistando o que Singer (2012) denomina de lulismo.

Tarso Genro e Patrus Ananias, políticos experientes, passaram a ter seus nomes ventilados no interior do partido como possíveis sucessores, ainda que não tivessem apoio majoritário do PT e nem de Lula. As eleições municipais de 2008 e o baixo desempenho de ambos em suas bases eleitorais em Porto Alegre e Belo Horizonte, respectivamente, fizeram com que as expectativas em relação ao seus nomes diminuíssem ainda mais (Amaral, 2011). Ao contrário de Dilma, que estava se destacando na cena pública como o braço direito (ou esquerdo, no caso) do presidente no MME e que logo ocupou a cadeira de Zé Dirceu no Ministério da Casa Civil. Sua figura emerge, por essa série de fatores, como a indicação mais palatável ao eleitorado. Certa vez, Carlos narrou uma versão, que segundo ele, seria a que Lula havia lhe falado:

“Eu não tinha pensado na Dilma, mas é ela. Ela é uma pessoa leal, estudiosa, me conhece, trabalha como um animal e ela vai fazer esse governo andar. Eu fui em casa falar esse negócio com a Marisa [primeira-dama] e ela disse assim ‘ah, tem que ser ela, está na cara isso! Fala com ela [Dilma]!’. Aí eu fui falar com a Dilma se ela aceitava e ela aceitava, aí aconteceu isso... A Dilma foi lá, tomou conta do governo, fez andar mais. É uma pessoa de extrema lealdade, de total lealdade.” [Carlos contando a história como se fosse o Lula] (Carlos, Conversas e Café, 25/07/2014; grifos meus).

Na expressão “Dilma foi lá, tomou conta do governo” demonstra a relevância da agente na condução das políticas do segundo mandato de Lula, tanto que ao tomar posse como nova Chefe da Casa Civil, foram diversas as matérias sobre sua pessoa:

Escolhida para o cargo em razão de seu perfil técnico, a nova ministra da Casa Civil, Dilma Rouseff, 57, tomou posse ontem afirmando que o seu trabalho na pasta não será apenas de gestão dos projetos prioritários do governo mas também de exercer política, “no seu sentido mais nobre”.

“Há uma tentativa de tornar a gestão igual a uma atividade técnica sem conteúdo político, o que eu acho que é uma versão absolutamente incorreta de gestão pública. Gestão pública é gerir projetos: quais são os prioritários, quais são os critérios políticos que fazem com que um projeto tenha prioridade em relação a outro. Eu estou falando de política no sentido mais específico da palavra”, disse a ex-ministra de Minas e Energia, logo após receber o cargo de José Dirceu, em cerimônia no final da tarde no Planalto. (Folha de S.Paulo, 22/06/2005b).

É importante notar que nesse discurso, Dilma se reivindica como uma agente legítima para o exercício político e mobiliza repertório comum à administração pública como “gestão”, “execução” e “diretrizes”. Neste período, na chefia da Casa Civil, também “passou a fazer parte da Junta de Execução Orçamentária, com os ministros da Fazenda, Antonio Palocci, e do

Planejamento, Paulo Bernardo. Seu papel era defender as verbas para os investimentos em infraestrutura.” (Amaral, 2011, p. 151).

Responsável por coordenar os principais projetos de infra-estrutura do país, foi alvo de ceticismo (falta de reconhecimento) de seus pares em relação à sua capacidade de coordenar ações políticas, assim como se percebe na fala de Severino Cavalcanti – presidente da Câmara dos deputados: “*Eu não vejo ela [Dilma] com muita facilidade no trânsito para fazer com que a base partidária possa realmente se integrar de novo ao governo. (...) A ministra até hoje não teve nenhuma desenvoltura política que possa realmente dar essas credenciais.*” (Cavalcanti, Folha de S.Paulo, 22/06/2005c). Apesar de minimizá-la enquanto agente política, diz reconhecer suas habilidades intelectuais: “*considera a ministra ‘uma pessoa culta, inteligente’. Chegou a dizer que a experiência dela durante o regime militar, quando foi presa e torturada, pode ajudar o governo.*” (Idem).

Conforme ampliava seu destaque nos veículos de comunicação, passou a sofrer discursos de desqualificação. Tanto que no final de 2010, Olívio Dutra afirmou: “*A chegada da companheira Dilma à Casa Civil não foi um tapa-buraco – [...] Ela tem uma capacidade de articular os ministros que o Zé Dirceu não tinha. Tem mais objetividade, não forma blocos e tem uma relação mais franca com os companheiros.*” (O Globo, 01/11/2010; *grifos meus*).

Era descrita muitas vezes como “poste” e “tapa-buracos”¹⁷⁰ e foi vítima de diversos ataques de discursos atravessados por posições conservadoras.¹⁷¹ As críticas eram majoritariamente destinadas às suas capacidades morais, intelectuais e psicológicas, questionando o seu exercício na vida política. “**Todos diziam que a Dilma era um poste. Diziam: ‘A Dilma não sabe governar, ela é um poste’. ‘O Marcio [Pochmann] é um poste’. Eu quero dizer que é de poste em poste que o Brasil vai ficar iluminado**” (Lula, UOL, 20/10/2012; *grifos meus*). Quando a pré-candidatura presidencial foi anunciada, intensificou-se a narrativa de desqualificação do trabalho nos “bastidores” do campo político, reiterando uma posição de “poste” à Dilma, de alguém sem carisma e ambição política.

¹⁷⁰ **Nota en español:** Dilma era descripta como una farola y/o tapa-baches – expresiones comúnmente usadas en Brasil para referirse al fato de que ella no tenía ni experiencia, ni carisma y que tampoco su presencia sería bienvenida al campo político. Era referida como alguien en posición provisional, sin cualificaciones necesarias para ocupar los roles prestigiosos del poder, aunque tuviera una reconocida carrera en la gestión pública en el sur del país.

¹⁷¹ Um dos exemplos de violência política de gênero, diz respeito às críticas sobre sua oratória, que sempre foi lida como um agravante para o discurso midiático de escárnio ao não desenvolver uma liderança política carismática como Lula e outras figuras da centro-esquerda. Quando presidenta, essa questão tornou-se um dos gatilhos para a propagação de vídeos, montagens e memes nas redes sociais que reproduziam discursos de ódio. Como apontam os resultados da pesquisa realizada por Carniel *et al.* (2018), cerca de 26% do total de memes direcionados à Dilma, recorreriam a sua imbecilização. Posteriormente, durante o processo de impeachment, “as ofensas misóginas se aprofundaram, atingindo um perturbador nível de violência: os xingamentos passaram a ser “puta”, “vaca” e “vadia”; foram feitos adesivos para carros que retratavam a presidenta de pernas abertas; foram publicadas charges que colocam Dilma em posições sexuais” (Avelar; Rangel, 2020, p. 446).

Dilma era tratada quase como piada por boa parte dos políticos e analistas. Diziam que Lula podia ser um fenômeno de popularidade, mas transferir seu prestígio para aquela ministra, desconhecida do público e com zero histórico eleitoral, seria como tentar eleger um poste. (Amaral, 2011, p. 176; grifo meu).

“Compreendo que alguns queiram dizer que eu sou um poste. Agora, acho que isso não me transforma num poste”, afirmou, ao ser questionada sobre se “um poste” poderia ser eleito graças à alta popularidade do presidente Luiz Inácio Lula da Silva.” (Dilma, Folha de S.Paulo, 29/06/2010).

*Eu nunca quis, nunca pensei em ser presidente do Brasil. Nunca tive que fazer arranjos constrangedores para chegar onde cheguei. E o Serra só fez isso a vida inteira (pensar em ser presidente): foi o primeiro aluno da classe, liderou o grêmio estudantil, foi parlamentar, governou, sempre de olho na Presidência. Como é surpreendente o processo político brasileiro! **Ao contrário do Serra, para mim, ser presidente não era uma coisa de vida ou morte. Aconteceu naturalmente.*** (Dilma, O Globo, 01/11/2010).

Nas falas acima, percebe-se a confusão sobre a experiência administrativa e de gestão pública de Dilma, com uma inexperiência nas urnas e defini-la como poste é negar seu domínio sobre a dinâmica e os códigos políticos. Para o jornal O Globo, Dilma assume uma posição de que, para ela, não valeria a pena abrir mão de seus valores para ganhar as eleições. Nesse sentido, se coloca como alguém que disputou o pleito por ter seu trabalho reconhecido (“aconteceu naturalmente”) e também, quis evidenciar que possui convicções acima de qualquer negociação política (“não era uma coisa de vida ou morte”), diferenciando-se de políticos profissionais, que estavam sendo julgados pela opinião pública como passíveis de corrupção (“nunca tive que fazer arranjos constrangedores”).

Segundo Mariana Gené (2011):

A célebre definição do político profissional como aquele que vive para a política: ‘Há duas maneiras de tornar a política uma profissão. **Ou se vive ‘para’ a política ou se vive ‘da’ política.** A oposição não é de todo excludente. Pelo contrário, geralmente as duas coisas são feitas, pelo menos idealmente; e, na maioria dos casos, também materialmente. Aquele que vive ‘para’ a política faz ‘dela sua vida’ de forma íntima; ou simplesmente desfruta do exercício do poder que possui, ou alimenta seu equilíbrio e tranquilidade com a consciência de ter dado um sentido à sua vida, colocando-a a serviço de ‘algo’. (Ibid., p. 4; grifos meus).

Ainda que Dilma afirmasse que a vitória presidencial não fosse determinante em sua vida, ou seja, “que ela não vivesse da política”, ao analisar sua trajetória é possível identificar que a política (sua ideologia, princípios e bandeiras) sempre foram norteadores em suas escolhas: como as relações afetivas matrimoniais e de laços de amizade, o circuito percorrido, a carreira profissional e os postos de trabalho ocupados. Entendo que, ainda que fosse chamada de inexperiente, a ministra já possuía uma consolidação institucional (clandestina na juventude e oficial na vida adulta), burocrática e partidária como articuladora, gestora e experta no campo

político. Em outros termos, Dilma, assim como Carlos, deu sentido à vida por meio da política, o que a torna também, uma *política profissional*.

No segundo mandato de Lula (2007-10), Dilma permaneceu na Casa Civil e o número de ministérios subiu de 34 para 36, sendo 13,8% (5) comandados por mulheres: Ministério da Casa Civil (Dilma), Ministério da Igualdade Racial (Matilde Ribeiro), Ministério do Meio Ambiente (Marina Silva), Ministério do Turismo (Marta Suplicy) e a Secretaria de Direitos da Mulher (Nilcéia Freire). No terceiro governo de Lula (2023-), a equipe ministerial passou para 37, sendo 29,7% (11) comandados por mulheres (O Globo, 02/01/2023). Ou seja, houve um aumento tímido de apenas 2,1% da representação feminina ministerial entre o primeiro e o segundo mandato, no entanto, o cenário mudou entre o segundo e o terceiro com um aumento exponencial de 15,9% do total – mas que ainda está bem longe de representar uma paridade de gênero.

Fotografia 11- Equipe ministerial do segundo mandato (2007)



Fotografia: Gustavo Miranda/ Fonte: Reprodução O Globo (02/01/2023).

Na nova fotografia, Dilma sai de trás e passa para o lado de Lula, o que é muito significativo ao papel que desenvolverá no governo. Veste um conjunto de calça de alfaiataria com um blaser $\frac{3}{4}$ azul escuro. Os cabelos já estão mais iluminados, em uma tonalidade mais clara mas ainda com um corte similar. No aspecto da diversidade, a moldura do quadro permanece a mesma tanto em termos da presença de negros/as, quanto de mulheres. Foi justamente no segundo governo que se intensificou o processo de apadrinhamento político de Lula à Dilma.

Fato que pode ser comprovado, de certa forma, na presença da Ministra em diversas visitas nacionais e internacionais ao lado do presidente¹⁷², que segundo o levantamento de Fernandes (2012), no período de 2008 à 2009, foram realizadas 30 viagens oficiais de Dilma com Lula. Nesse sentido, é possível compreender que um dos objetivos era a consolidação pública de sua imagem, apresentando-a como uma política sólida ao lado do presidente (*Ibid.*, p. 77 et. seq.).

Fotografia 12- Lula e Dilma em Sorocaba



Fotografia 13- Lula e Dilma em refinaria (07/10/2008)



Fotografia: Ricardo Stuckert/ Agência Brasil.

O Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) levou Dilma a percorrer o país em encontros com setores industriais, empresariais e governadores/as, lançamento de projetos sociais, inauguração de diversas obras, permitindo que diversas camadas sociais pudessem se familiarizar com sua presença (Amaral, 2011) e essa foi uma estratégia para a transmissão do capital simbólico de Lula à ministra – que até então detinha uma imagem pública sem tanta repercussão. Essa associação constante entre a figura do presidente e de Dilma, durante os “banhos de povo”¹⁷³ a fez ser conhecida como “a mulher do Lula” – conforme descreve Pimentel:

Pimentel: *Pro povão, gente, essas críticas que a turma faz, isso tudo é entre nós. O povão não quer saber disso não... diziam “ah, vou votar na mulher do Lula”. [risos] Assim que eles falavam. Eu ia pra rua fazer campanha e “ah, você vai votar em quem?” “eu vou votar na mulher do Lula” e era a Dilma. [risos]*

¹⁷² A agenda em conjunto foi denunciada pela oposição como uma agenda pública que antecipava a campanha eleitoral, sobre isso, verificar: FOLHA DE S.PAULO, 15/10/2009. *Oposição cobra explicações sobre viagem de Lula ao Nordeste e crítica ritmo de campanha.* Disponível: <https://m.folha.uol.com.br/poder/2009/10/638543-oposicao-cobra-explicacoes-sobre-viagem-de-lula-ao-nordeste-e-critica-ritmo-de-campanha.shtml>, consulta: 20/04/2024.

¹⁷³ **Nota en español:** ‘Ducharse del pueblo’, se refiere, en Brasil, a los actos populistas de salir de viaje, en eventos de inauguración o paseatas para acercarse del pueblo. Es una estrategia para conquistar la simpatía de los/as electores en situaciones de crisis o vísperas de elecciones.

Era a mulher que o Lula tá indicando, a mulher que o Lula apoiou, é a mulher do Lula!
“Vou votar na mulher do Lula” então pronto. Entendeu? E ela, como ela antes, ao longo do governo ela apareceu muito do lado dele, lançando PAC, inaugurando coisa e não sei o que, ela já tinha uma projeção para campanha... “quem é aquela?” “é a mulher do Lula”, então é isso. (Entrevista 21/02/2024).

Ou seja, o “banho de povo” teve um efeito quase direto para a população ao associá-la ao Lula, o que definiria uma transmissão do capital simbólico em político. Outro recurso adotado foi levá-la a programas de rádio e televisão, para conceder entrevistas sobre o trabalho que estava desenvolvendo no governo. Nesse ensejo, os jornais e revistas também passaram a se referir à Dilma como alguém que tinha “carta branca” no governo, a “Super-Dilma”, “executiva qualificada e séria”, “uma das principais guerrilheiras urbanas”, “capitã do time e gerente da máquina” (Fernandes, 2012, p. 73).

Em um artigo assinado por José Roberto Arruda, que estampou a capa da Revista Época de fevereiro de 2010, Dilma aparece de frente com a seguinte pergunta: “*Você acha que sou um poste?*”. A capa inverte as posições, colocando-a sob a avaliação popular para decidir se ela seria ou não, de fato, um “poste”.

Figura 5- “Você acha que sou um poste?”



Fonte: Capa da Revista Época, edição 624 (22/02/2010).

Essa adjetivação reproduzida pelos meios de comunicação foi produzida pela oposição, e sobretudo, pelo PSDB, para rivalizar a experiência de seus quadros tradicionais como José Serra e o antecessor de Lula, FHC, em contraposição com a novata nas eleições. Contudo, o fato de ainda não ter concorrido às disputas eletivas, não demonstrou falta de expertise sobre a política, uma vez que Dilma ocupou posições de prestígio dentro do aparato institucional como ministérios e secretarias estaduais. Além de ter participado ativamente da política autônoma, na coordenação e militância de organizações de esquerda durante a ditadura militar.

Bourdieu (2011) ao interpretar o campo político descreve que nesse monopólio sob o domínio de certas elites profissionalizadas “com dificuldade para suportar a intrusão dos profanos no círculo sagrado dos políticos, eles os chamam à ordem do mesmo modo que os clérigos lembravam aos leigos sua ilegitimidade.” (*Ibid.*, p. 197). Entendo, portanto, que quando rotularam Dilma como “poste”, colocam sobre ela um lugar de ilegitimidade de pertencimento ao campo, barrando sua presença como inadequada, dizendo ‘ela é um poste e não uma de nós [políticos]’.

Essas indagações feitas sobre a agente em questão, podem ser entendidas pelo viés da experiência eleitoral mas também pelo fato de ser uma mulher que desponta em uma posição privilegiada de sucessora de Lula – em que a presença feminina ainda é restrita para cargos de menor visibilidade. Assim, se por um lado o discurso psdbista descredibilizava a candidatura de Dilma frente aos pares, por outro, a pré-candidata conquistava o apelo popular por parecer uma figura “apolítica” em um contexto de desgastamento do processo de investigação do mensalão e recorrentes denúncias de corrupção na política.

3.2.2.1 Mãe do PAC

Em janeiro de 2007, foi lançado o Programa de Aceleração do Crescimento (PAC), objetivando uma retomada do crescimento econômico e de investimentos em infraestrutura ao país.¹⁷⁴ O programa foi elaborado como uma estratégia política na promoção do crescimento de forma acelerada, por meio de Parcerias Público-Privadas (PPPs) em projetos de grande porte em áreas consideradas estratégicas, como transporte, energia, saneamento básico, habitação e recursos hídricos.¹⁷⁵ Foi, portanto, uma forma de consolidar o Brasil como uma potência

¹⁷⁴ Instituído pelo Decreto nº 6.025/2007 e alterado pelo Decreto nº 7.470/2011, que instituiu o PAC II.

¹⁷⁵ Entre as obras de maior relevância desenvolvidas pelo PAC, destaco as seguintes: 1. Expansão de rodovias, ferrovias, portos e aeroportos, 2. Ampliação da capacidade de geração de energia elétrica, com foco em fontes renováveis, 3. Expansão da rede de distribuição de energia elétrica; 4. Programas de universalização do acesso à energia; 5. Investimentos em sistemas de tratamento de água e esgoto; 6. Programas de construção e financiamento de moradias populares; 7. Investimentos em infraestrutura para o controle de enchentes e inundações; 8. Estímulo ao desenvolvimento econômico local por meio de incentivos fiscais e financiamentos etc. C.f: *BNDES: Programa de Aceleração do Crescimento*. Disponível:

emergente no cenário internacional, enquanto fortalecia a base de apoio perante a população das classes mais baixas – gerando debates sobre a utilização de recursos públicos para fins políticos.

Durante o governo passou a ser reconhecida também pelo Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) desenvolvido durante sua gestão no Ministério (2003-2005), o que lhe rendeu o apelido designado por Lula de “mãe do PAC”.¹⁷⁶

No dia 7 de março de 2008, Lula foi ao Rio anunciar obras de mais de 1 bilhão de reais nas favelas do Alemão, Manguinhos e Rocinha. [...] No meio do discurso, Lula chamou a atenção para aquela mulher de óculos, blusa azul de mangas curtas, sentada na segunda fila atrás da primeira-dama, Marisa Letícia [...]. Pediu que ela viesse para a frente do palco, onde podia ser vista pelos moradores, e falou: “Eu queria agradecer à nossa companheira Dilma Rousseff. **A Dilma é uma espécie de mãe do PAC.** Ela é a companheira que coordena o PAC. **Ela, que cuida, que acompanha, que vai cobrar** [...] se as obras estão andando. (Amaral, 2011, p. 175-6; *grifos meus*).

Outros programas sociais que também tiveram destaque no governo Lula foram o *Luz para Todos* e *Minha Casa, Minha Vida*, também sob sua coordenação. Mas foi mesmo através do PAC que passou a ganhar protagonismo: “*Eu acho que é um título simbólico, que simboliza a coordenação. Para o bem ou para o mal, eu sou a mãe do PAC*” (Dilma, Amaral, *op. cit.*, p. 177).

Fotografia 14- Apresentação do PAC



Fonte: Agência O Globo (25/04/2019) Fotografia: Roberto Stuckert Filho (s/d).

Em entrevista concedida ao Programa do Jô (TV Globo, 26/05/2008), enquanto ministra, Dilma fez comentários sobre a imagem de durona e *workaholic*, contrapondo como uma “mãe”

https://www.bndes.gov.br/SiteBNDES/bndes/bndes_pt/Hotsites/Relatorio_Anual_2011/Capitulos/atuacao_institucional/o_bndes_politicas_publicas/pac.html, consulta: 29/04/2024.

¹⁷⁶ “Uma segunda etapa do programa, o PAC 2, foi anunciada em 2011 pela presidente Dilma Rousseff. Essa segunda fase foi caracterizada pelo aumento dos recursos e por maiores aportes financeiros do Tesouro Nacional, em claro aprofundamento do modelo de crescimento baseado no gasto público.” (Lins; FGV, 26/05/2017).

muito cuidadosa desde a gestação do PAC, até a sua execução no dia a dia. O papel maternal afirmado se dava por ter sido responsável pela concepção, implementação e execução das ações do PAC, o que a fez ser o rosto do programa. Destaco que ao mobilizar esse discurso maternal, a líder política se legitimou no campo a partir de “uma representação de si como uma figura de autoridade moral. É a partir desse posicionamento que sustenta uma construção do feminino que articula um discurso político singular a respeito da violência de gênero” (Valenzuela, 2009, p. 73). Ou seja, há uma função social como uma figura de agência no campo político.

Na percepção de Olga Curado (03/03/2023),

*Olga: Eu acho que o que elegeu a Dilma foi o fato de ela ser a candidata do Lula. E dela estar naquele momento, ser identificada como a mãe do PAC. Mas a mãe do PAC, ali **numa figura menos de mãe amorosa, e mais mãe, de realizadora**. Eu não acho que ninguém, que a o resultado fosse em função de uma amenizada nesse perfil. Não vejo assim.*

– Ubum [concordando].

Olga: Eu acho que é a candidata do Lula que precisava mostrar que ia dar conta do recado. Então a campanha foi na linha de dar conta do recado e é boa gente, vai dar conta do recado. E então a primeira mulher que dá conta do recado e, acho que esse posicionamento ficou se com aquilo que foi a marca e as outras características dela. [...] Mas eu não vejo nenhuma influência dessa imagem de mãe e avó. Até porque ela não parece nada com a avó [risos] não tem nenhuma... E a filha não ficou tão próxima durante a campanha, muito pouco. Então essa relação de mundo familiar afetivo, não é uma coisa que corresponde na minha avaliação à imagem da Dilma.

Dilma de fato, poderia ser uma mãe realizadora, o que estaria calcado na imagem de gerentona, ou a que coloca ordem na casa, mas na fala da jornalista, ela destaca que a relação da candidata com o mundo familiar afetivo não teria sido um ponto central em sua campanha, no entanto, os dados empíricos e materiais coletados (como a fotografia com o neto) indicam que houve diversos investimentos para colocá-la nesta posição. À medida que se intensificaram as disputas eleitorais, mais o tom da oposição subiu, e o de Dilma suavizou – o que, de forma alguma, implicou em dissociá-la de valores como competência, honestidade, capacidade e força.

Outro ponto importante é o de associação ao Lula, o que efetivamente aconteceu para a transmissão do capital político mas que, pode ser entendido também como uma forma de minimização das competências de Dilma, uma vez que se afirma que ganhou por conta de Lula (“o que elegeu a Dilma foi o fato de ela ser a candidata do Lula”) e não por suas capacidades técnicas que foram legitimadas nas urnas, no contexto de disputa eleitoral.

3.2.2.2 A sucessora

Em 24 de dezembro de 2008, o nome da então ministra da Casa Civil ganhou novamente destaque nas reportagens da mídia nacional. Em entrevista ao jornal Folha de S.Paulo, Ricardo Berzoini, na ocasião presidente do Partido dos Trabalhadores, afirmou publicamente que Dilma estava bem cotada pelo PT para ser o nome escolhido

para suceder o presidente Luiz Inácio Lula da Silva em 2010. A declaração só confirmou o que a imprensa divulgava amplamente de maneira conspiratória: que Dilma era a escolhida de Lula para concorrer à eleição presidencial de 2010. (Fernandes, 2012, p. 74).

Quando questionei Pimentel sobre os debates internos ao PT na escolha da sucessora de Lula, ele descreveu – na percepção de alguém de dentro do partido –, algo que vai de acordo com os resultados encontrados na investigação de Carolina Butterby (2021), de que não houve debates e a escolha de Dilma esteve em uma esfera mais personalista. A única ressalva foi feita pela tendência O Trabalho, que reivindicava a realização de prévias, mas que possuía apenas 2% de representação no diretório nacional – o que não fez diferença para a unanimidade de Dilma como candidata (Amaral, 2011, p. 220).

Apesar do apoio do PT, a apresentação da nova candidatura foi abordada pelos meios de comunicação “como uma criação/invenção do ex-presidente Lula, e atualizou uma memória discursiva sobre a escolha dela para concorrer ao pleito, a forma como a mesma foi pensada e escolhida para ser a candidata, mediante decisão pessoal e solitária do presidente Lula” (Conceição, 2018, p. 109).

Pimentel: Não teve não, ali foi escolha do Lula – pessoal mesmo, entender? Foi uma escolha dele. Não tinha muita alternativa, a verdade é essa. Ela estava na Casa Civil e estava demonstrando uma capacidade de gerenciar, uma competência fora de sério, de fato estava! [inaudível] Sempre critica muito o estilo dela, que ela é muito dura e isso e aquilo, aí é outra história, outra discussão. Mas ela é muito competente, ela tocou os projetos do governo Lula, foi a grande responsável, uma das grandes responsáveis pelo sucesso do governo Lula foi ela – o PAC, depois o Minha Casa, Minha Vida.

Então assim, quando chegou a hora do... não ia ter outra [reeleição] porque ele [Lula] já tinha sido reeleito e as grandes lideranças do partido estavam afastadas, o José Dirceu, e Palocci, ele tinha... O que ele podia ter tentando, talvez, era o Jacques Wagner – mas o Jacques era governador, né? O Jacques depois foi Ministro com ela. Era governador, tirá-lo de lá pra isso... Não sei, eu acho que o Lula não sentiu firmeza. E ela estava muito próxima do Lula, muito próxima, então ele resolveu correr o risco “vamos correr o risco, vamos fazer uma mulher Presidente” e o ineditismo da candidatura também, naquele momento, era importante. [...] Então não teve uma discussão no partido sobre isso não. Não teve não, foi o Lula. [...] Lula falou “é ela” e acabou, entender?

Segundo Amaral (2011), Lula tampouco consultou Dilma sobre seu interesse em se candidatar. Temia que a mesma declinasse do convite, e por essa razão teria tratado do processo com uma naturalidade: “testava a ideia com ministros, políticos aliados e até governadores da oposição. [...] No começo, ninguém acreditava que ela fosse a candidata. O Serginho Cabral não acreditava, o Aécio não acreditava, o Serra não acreditava” (*Ibid.*, p. 177). A suposta incredulidade de políticos experientes com a candidatura presencial de uma novata, também foi endossada pela

população, expressa nas pesquisas de intenção de voto em que Dilma aparecia com míseros 3% das intenções de voto em 2008 (*Ibid.*, p. 176).

Nesse mesmo cenário, uma parte do PT indicava o desejo de uma reforma constitucional que possibilitasse Lula se reeleger novamente, para um terceiro mandato. Isso se deu em razão da popularidade do governo mesmo com a crise do mensalão, levantando inúmeras especulações (C.f.: G1, 30/10/2007; O Globo, 08/07/2009) sobre uma possível articulação da base governista para aprovação da Proposta de Emenda Constitucional (PEC) no Senado e na Câmara Legislativa, o que tirou temporariamente os holofotes de Dilma.

Assim, *“enquanto a oposição atacou Lula por algo que ele não pretendia fazer, Dilma ficou um pouco mais preservada, fazendo o trabalho no governo que iria consolidar sua candidatura”* (Franklin Martins, Amaral, 2011, p. 184). Dilma, que anteriormente não chegava a 10% das intenções de voto no ano anterior, subiu no primeiro semestre de 2009 para 19%, contra 36% de Serra (*Ibid.*, p. 194).

Em abril de 2009, a ministra descobriu um câncer linfático, que foi tratado com cautela pelo PT na divulgação de uma possível pré-candidatura, ainda que Lula já começasse a testar seu nome publicamente: *“Fazer minha sucessão é uma tarefa gigantesca. Todo mundo sabe que tenho intenção de fazer com que Dilma seja candidata do PT e dos partidos, mas se ela vai ganhar vai depender de cada brasileiro”* (Lula, G1, 15/04/2009). Logo após descobrir a doença, Dilma realizou uma coletiva de imprensa afirmando que não haveria nenhum tipo de prejuízo a suas atividades ministeriais. Ao passo que o presidente nacional do PT e deputado pelo estado de São Paulo, afirmou que isso também não afetaria uma possível candidatura.

Vou manter minha atividade como ministra no mesmo ritmo. Esse tratamento não implica que eu tenha que me retrair ao deixar de comparecer à minha atividade. Acredito que até vai ser um fator para me impulsionar. Na vida, a gente enfrenta desafios. Esse é mais um desafio. (Dilma, G1, 25/04/2009a).

Não vejo nenhum problema em ela ser candidata (à Presidência). Continuamos contando com ela. [...] O linfoma identificado precocemente é tratável, não tem prejuízo para ela, que é uma lutadora. É mais um motivo para ela superar (Ricardo Berzoini, G1, 25/04/2009b).

Um ponto que chama atenção é a narrativa heroica que foi usada por ambos, tratando-a como mulher guerreira, que superou distintas adversidades e que essa seria apenas mais uma batalha a ser vencida. Os opositores evitaram quaisquer abordagens a respeito, como uma vulnerabilidade da saúde de Dilma para a condução política de uma presidência, para não reiterar a narrativa de mobilização de afetos (empatia, solidariedade, determinação) que vinha sendo construída pelo marketing eleitoral.

Isto posto, o processo de deliberação da candidatura de Dilma pode ser entendido a partir de alguns pontos-chaves como: *i.* o ineditismo de sua presença nas urnas, logo, uma imagem

maculada que à ela poderia ser associada como mulher guerreira e corajosa; *ii.* o fato de não ser um quadro tradicional do PT e possuir experiência comprovada em outros partidos como o PDT, o que atestaria capacidade de dialogar com outros partidos; domínio técnico na carreira burocrática e ser portadora de títulos com reconhecimento institucional; *iii.* ser mulher, o que estaria associado ao imaginário de honestidade, cuidado e zelo, vindo a responder aos anseios da população que se encontrava mobilizada por afetos como o desamparo, que ganharam a tônica da crise de corrupção que predominava no campo político brasileiro – ainda que a imagem de Lula não estivesse afetada por isso.

É certo que Dilma não esteve envolvida no mensalão mas a crise que pairou sobre o PT a obrigou que, por meio de sua equipe de marketing, justificasse para a população que seu nome não estava vinculado a nenhum tipo de ato ilícito, antes mesmo que tentassem vincular sua imagem com supostos casos de corrupção. Ainda assim, houve um episódio que marcou essa disputa simbólica de honestidade *versus* corrupção na campanha de Dilma, e isso se deu a partir de uma matéria divulgada pela revista Veja insinuando que Erenice Guerra – ministra da Casa Civil, sucessora de Dilma – teria cometido tráfico de influência. Publicada em 15 de setembro de 2010, a edição nº 2182 continha a chamada “O Polvo no Poder”, cujo título, em letras garrafais, estampava: “EXCLUSIVO. O Polvo no Poder: Empresário conta como obteve contratos de 84 milhões de reais no governo graças à intermediação do filho de Erenice Guerra, ministra-chefe da Casa Civil, que foi o braço direito de Dilma Rousseff”. Na edição seguinte, nº 2183 de 22 de setembro, a capa estampava “A alegria do Polvo” seguindo de “Vinícius Castro, ex-funcionário da Casa Civil, ao abrir uma gaveta cheia de pacotes de dinheiro, na reação mais extraordinária do escândalo que derrubou Erenice Guerra”.¹⁷⁷

Erenice, que havia sido secretária executiva da Casa Civil enquanto Dilma era Chefe do Ministério, também foi Chefe da consultoria jurídica do MME no período de 2003-5, o que se tornou um prato cheio na mão da oposição para fazer críticas à candidata petista. Expressões como Erenice, “o braço direito de Dilma Rousseff”, figuraram em capas e nos conteúdos de diversos jornais e revistas que buscavam minar a candidatura presidencial da petista, como a passagem: “Lula inventou Dilma, que inventou Erenice, que é mãe de Israel, personagem que nos leva ao segundo capítulo da narrativa. Ela começa em abril do ano passado, quando Erenice era secretária executiva da candidata Dilma Rousseff. Lula sabia tudo o que a ministra Dilma fazia – que sabia tudo que Erenice fazia?” (Veja, 15/09/2010, p. 78).

O objetivo das matérias era explicitar uma intimidade entre Dilma e Erenice, deixando claro que havia uma certa cumplicidade entre as duas, e sendo uma investigada, a outra, também

¹⁷⁷ As acusações forjadas não tiveram impactos jurídicos, uma vez que não houve comprovação da realização de crimes ou atos ilícitos cometidos pela ex-ministra. Portanto, as consequências estiveram à nível moral, sobre sua reputação, após as supostas denúncias.

despertaria desconfiança dos/as leitores-eleitores/as (Folha de S.Paulo, 14/09/2010; GGN, 26/01/2022). De qualquer forma, essa rusga não foi o suficiente para afetar a popularidade da ministra que vinha adquirindo cada vez mais protagonismo na cena política internacional.

*A Dilma é a pessoa que mais conhece o Brasil e aquela reunião que eu fiz nos Estados Unidos com dois mil empresários, quem falou foi ela. Ela falava inglês perfeitamente e tudo e ela sabia, dominava a questão. Ela foi show de bola e os caras ficaram de queixo aberto, queixo caído. **Então foi uma coisa natural, se transformou em algo natural.** Não foi questão de forçar a barra e nem nada, **foi natural! Não tinha outra pessoa, não tinha nem como pensar em outra pessoa...** Não tinha nem como pensar. Então isso ocorreu em um processo natural. [repetindo]” [falando como se fosse o Lula] (Carlos, Conversas e Café, 25/07/2014).*

A ida aos Estados Unidos aparece na fala de Carlos, atribuindo a Lula um ponto de inflexão em relação à candidatura: é apresentado como um evento determinante na escolha da sucessão. O que me parece interessante também pelo fato do país norte-americano, tal como fez durante a ditadura, acompanhar atentamente e dar o seu aval (ainda que simbólico) para o/a novo/a chefe do executivo¹⁷⁸: “Dilma é mostrada pela diplomacia norte-americana como uma negociadora dura, competente e detalhista. O câncer linfático descoberto por Dilma em 2009 também foi acompanhado pela diplomacia dos Estados Unidos.” (G1, 10/12/2010).

Pimentel: Eu na época, me queimei um pouco porque eu dei uma entrevista que eu não devia ter dado para as páginas amarelas da [Revista] Veja – maldita entrevista que eu fui dar [risos]... E o título da entrevista era o seguinte – mas eu soltei meio que por encomenda do Lula. [...]

Eu tinha acabado de sair da prefeitura e ele chamou algumas pessoas aqui [Brasília] para falar “ó, a minha candidata é a Dilma e vocês vão me ajudar”. Então chamou a mim, a Marta Suplicy e o João Paulo que era prefeito de Recife, falou “vocês estão saindo das prefeituras agora, vocês vão cair matando dentro do partido para me ajudar com o negócio da Dilma”. Eu, inspirado naquilo e o cara [jornalista] da Veja enchendo a minha paciência pra eu dar uma entrevista, não sei o que... “não, você saiu muito bem avaliado, dá uma entrevista pra nós, vai ser bom pra você”. Eu não queria não, mas acabei dando esse raio de entrevista e o título foi assim: “É Dilma, não tem plano B”. [...]

A imprensa estava assediando personagens do partido para dizer “como é que é?”. E um deles era o Tarso Genro, que deu uma entrevista falando “não, esse negócio da Dilma é uma hipótese mas eu também tô colocado, então pode ser eu”. O Patrus tinha dado uma entrevista também, então tava aquele zunzunzum e eu acho que foi por isso que o Lula chamou a gente lá e falou “ó vocês tem que cair dentro do partido falando que é a Dilma”. Aí eu peguei e dei o raio de entrevista, gente! [risos coletivos].

Na entrevista citada por Pimentel, a revista afirma, com base nas declarações, de que: “Para o presidente Lula, são favas contadas. Não há plano B. [...] Diz que Dilma é a pessoa mais competente que passou pelo seu governo e também a que mais tem noção da complexidade do país.” (Veja, 06/02/2009). Tanto

¹⁷⁸ “Ao G1, o embaixador Thomas Shannon informou que “a presidente eleita vem desempenhando um papel fundamental no desenvolvimento das relações Brasil-Estados Unidos, ajudou a criar o Fórum de CEOs Brasil-EUA, já viajou aos EUA diversas vezes e participou de reuniões com presidentes na Casa Branca. Recentemente, o presidente Barack Obama expressou claramente seu interesse em reunir-se com a presidente eleita o mais cedo possível”. (G1, 10/12/2010).

que no 4º Congresso Nacional do PT, realizado entre 18 e 20 de fevereiro de 2010, no Centro de Convenções Ulysses Guimarães em Brasília, o partido anunciou a pré-candidatura de Dilma, conforme se pode observar na resolução do encontro¹⁷⁹:

O 4º Congresso Nacional do PT, delibera que o objetivo principal do nosso partido em 2010 é a eleição da Companheira Dilma Rouseff para Presidenta do Brasil. Da mesma forma que, há 8 anos, junto com nossos aliados, conseguimos a proeza de eleger um operário presidente do Brasil, dessa vez, temos o desafio de conquistar outro fato inédito na história do Brasil – a eleição da primeira mulher para a Presidência da República. Para isso, é necessário que o partido busque alianças com todos os partidos da base de sustentação do governo. A tarefa principal delegada pelo 4º Congresso Nacional do PT ao Diretório Nacional é ELEGER A COMPANHEIRA DILMA PRESIDENTE DA REPÚBLICA. (PT, 19/02/2010, p. 2).

Em seguida, obedecendo à lei eleitoral, afastou-se do cargo de chefe da Casa Civil, que foi assumido por Erenice Guerra. Em ambos momentos, na fala de Dilma e no documento emitido pelo partido é destacado o fato da nova candidata ser mulher – questão que analisarei no próximo tópico. Antes, destaco que a candidatura em 2010 foi isenta de debates no interior do PT mas a situação foi muito diferente em 2014, quando diversas tendências defendiam um retorno de Lula, enquanto outras, reiteravam que Dilma deveria disputar a reeleição.¹⁸⁰ Naquele contexto, diferentemente do efeito pós-Lula, as peças do quebra-cabeça político se movimentavam de outra forma pois a popularidade do governo, ainda que estivesse elevada, apresentava sinais de abalos após a investida do PSDB e outras forças de direita surgidas em 2013 nas manifestações contra o aumento de tarifa do transporte público, tais como o MBL, passou a construir repertórios mais radicais de antipetismo e antilulismo (Alonso, 2017).

3.3 Eleições de 2010: “primeiro é o cara e depois vem a coroa”

As pessoas mudam quando elas começam a perceber as diferentes realidades, agora o que eu não fiz foi mudar de lado. E isso é importante, porque eu tenho consciência, consciência da importância da democracia em cada célula do meu corpo. (Dilma, Memorial da Resistência SP, 28/05/2018, p. 10).

¹⁷⁹ Em pronunciamento após o anúncio, Dilma afirmou: “*Em nome de todas as mulheres do Brasil, e em especial, da minha mãe e da minha filha, que eu recebo essa homenagem e essa indicação para concorrer à presidência da República*” (Dilma, 20/02/2010).

¹⁸⁰ No final de abril de 2014, o Partido da República (PR) e o PSD, que faziam parte da base aliada da presidente Dilma, questionaram a sua capacidade de manter a coalizão de partidos que havia sido montada para apoiar a sua campanha de reeleição. Dilma possuía o apoio de 11 partidos para sua campanha, o que lhe garantiu cerca de 10 minutos de propaganda eleitoral (tanto no rádio quanto na televisão). Essa ação dos partidos colocou em evidência a fragilidade da presidenta e incentivou os defensores da volta de Lula à disputa eleitoral, apoiados por uma grande parte do PT.

As eleições estavam marcadas por alguns partidos tradicionais do campo político, mas as coligações com mais envergadura para concorrer ao pleito eram a encabeçada por Dilma e José Serra, seguido de Marina Silva com partido isolado (PV).

Quadro 5 - Candidaturas presidenciais de 2010

Nome	Nome na urna	Agremiação	Partido
Dilma Vana Rousseff	Dilma	Coligação	PT
Ivan Martins Pinheiro	Ivan Pinheiro	Partido isolado	PCB
José Levy Fidelix	Levy Fidelix	Partido isolado	PRTB
José Maria de Almeida	Zé Maria	Partido isolado	PSTU
José Maria Eymael	Eymael	Partido isolado	PSDC
José Serra	José Serra	Coligação	PSDB
Maria Osmarina Marina da Silva	Marina Silva	Partido isolado	PV
Plínio Soares de Arruda	Plínio	Partido isolado	PSOL
Rui Costa Pimenta	Rui Costa Pimenta	Partido isolado	PCO

Fonte: TSE. Autoria própria (2024).

Entre os elegíveis, apenas duas mulheres, antigas ministras do primeiro escalão do governo Lula (Dilma e Marina), sendo Dilma a única candidata entre todos que figurava pela primeira vez nas urnas. Seu desafio de se apresentar para a população, estava sendo contornado à tempos, durante as inúmeras viagens com Lula, e agora, o que se apresentava como ponto chave era o enfrentamento a adversários experientes em campanhas durante debates políticos, na suavização de sua imagem pública.

Essa maternalidade colada pelo partido à Dilma vislumbrou demonstrar certa autoridade e moralismo da candidata dentro de uma perspectiva aceitável pela população (a partir da autoridade materna), em complementaridade à Lula (figura paternalista). Tanto que, a campanha eleitoral foi sustentada na ideia essencialista de que é intrínseco às mulheres valores como o cuidado, a ética e a honestidade – que são historicamente atrelados à concepção de maternidade. Isto posto, “sob a figura de uma mãe sacrificial tradicional, ela [Dilma] legitimou sua posição de autoridade, que estava ligada à continuidade e ao fortalecimento das políticas de proteção social de seu antecessor” (Valenzuela, 2019, p. 72). Me parece, portanto, que a identidade matronal ou de ‘mãezona’ de Dilma foi um recurso importante de seu marketing político para lhe salvaguardar de críticas sobre um suposto autoritarismo inflexível e fechado para o diálogo – seja verdade ou não, pois o que interessa nessa análise é sua imagem pública e não a personalidade individual. Para construção da maternidade política, a chegada do neto primogênito foi fundamental para corroborar com a imagem que se pretendia passar.

Fotografia 15- Dilma com o neto recém-nascido



Foto: Roberto Stuckert Filho / Reprodução: G1 (09/09/2010).

Na fotografia acima, é possível ver Dilma, de vermelho, segurando o neto Gabriel, ainda na maternidade. Ela está sorridente, olhando em direção ao recém-nascido em seus braços. Atrás dela há algumas flores e um bichinho de pelúcia. A imagem de mãe que acaba de se tornar avó foi um trunfo poderoso para rebater as críticas que vinha sofrendo: “A gente estava no meio da campanha, as pessoas dizendo que ela comia criancinha, que era sapatão, que era um bicho, que era o diabo, que ela não gostava de igreja, que ela era o diabo a quatro” (Roberto, entrevista 17/08/2022). Com esse retrato, foi possível contrapor a imagem fomentada pela oposição, demonstrando publicamente, por meios oficiais, que a candidata era carinhosa, cuidadosa e sensível.

Assim que nasceu o neto dela, eu entrei no avião com ela e só foi eu e ela pra (sic) Porto Alegre. Fiquei... virei a noite. Tomei café às 06hs com ela e ela falou assim “tu vai se virar pra conseguir fazer a foto, para conseguir tirar o neto do braço da minha filha e conseguir fazer a foto da campanha”, falei “essa é minha função! Deixa comigo. Só fala pra (sic) Paula que eu vou entrar no quarto, com todo respeito, que eu sou casado, tenho filho, respeito ela. Eu como é que está de resguardo mas é mais que importante a gente ter essa imagem, uma boa imagem com o seu neto e a senhora não vai fingir nada, não vai fazer nada. Vai fazer como a senhora iria fazer de verdade. Vai entrar no quarto, vai pegar seu neto, vai olhar para ele, vai tirar uma foto linda e maravilhosa e a gente vai embora, acabou. Não vamos inventar nada. [...] Você vai fazer o que você tem que fazer, como você iria fazer. [...]

Eu entrei, dei boa tarde pra Paula, virei de costas pra ela “bom dia” [se corrigindo], virei de costas pra ela e falei assim “Paula, eu não vou ficar aqui mais que cinco minutos aqui dentro. Sua mãe vai pegar essa coisa fofo que nasceu aqui, a gente vai fazer uma foto sem flash, sem luz, sem nada, natural. E ela vai fazer o que ela quiser fazer. Eu não vou nem mandar ela posar pra mim”. A Paula falou tudo bem. Entramos, fizemos a foto e aí, foi assim que eu consegui mostrar o lado materno dela, de vó, de mãe, de família, entendeu? (Roberto, entrevista 17/08/2022).

A fala do profissional demonstra que houve uma estratégia deliberada em seguir pelo caminho da reprodução dos estereótipos de gênero, o que se diferenciou frente à adotada por outras presidentas da região como Bachelet e Fernández de Kirchner. No caso brasileiro, ao recuperar a imagem materna de Dilma, primeiro como Mãe do PAC, depois como “Dilmãe” e a avó de primeira viagem, produziu-se uma recorrente apresentação das “mulheres como detentoras de características expressivas: como emocionais, sensíveis, compreensivas, gentis e compassivas.” (Panke; Iasulaitis, 2016, p. 410).

Isso se deu em resposta a narrativa dos partidos de oposição buscavam sinalizar Dilma como uma pessoa sem experiência ou um “poste”, ou seja, alguém sem voz ativa e que não saberia governar e como alguém violenta, radical, dura, sem diálogo. A estratégia da oposição de defini-la como “poste” não surtiu efeito imediato nas pesquisas de intenção de voto e no resultado das urnas, contudo, o rótulo nunca mais a abandonaria e seria, inclusive, um dos argumentos usados durante seu processo de impeachment, como se pode observar a seguir.

Dilma caiu de paraquedas no cargo, sem nunca ter passado por mandatos eletivos. Foi o poste de Lula. [...] Temos certeza de que uma mulher vai acabar presidente e se dar bem mostrando a capacidade do sexo feminino que Dilma não representou. Dilma teria que ter exercido outros cargos para aprender a dialogar, como fazem os grandes políticos do mundo, incluindo as mulheres. Dilma sai do cargo com fama de prepotente e despreparada. As mulheres brasileiras não mereciam isso. Esse foi mais um erro do PT. (Terezinha Nunes, PSDB, 06/05/2016).

O trecho acima é um recorte do discurso de Terezinha, na época, presidente do PSDB Mulher-PE – que reproduziu o discurso hegemônico do PSDB usado para deslegitimar a candidatura de Dilma em 2010 e depois reiterado para sua deposição em 2016. Terezinha afirma que Dilma seria despreparada (“caiu de paraquedas” e “foi o poste de Lula”), o que retira todo o crédito e capacidade da agente em ocupar a presidência. A psdbista culpa a inexperiência eleitoral para afirmar que ela “não representou” as mulheres e não soube conduzir politicamente o país. Em suas palavras, isso teria não somente afetado a população, como também respingado em uma má reputação feminina na política (“as mulheres brasileiras não mereciam isso”).

Outra manobra mobilizada pelo PSDB e demais partidos de oposição foi de atrelar à Dilma uma imagem de radicalidade¹⁸¹, retomando o pânico moral ao comunismo (“que ela comia criancinha, que era sapatão, que era um bicho, que era o diabo, que ela não gostava de igreja, que

¹⁸¹ A suposta radicalidade era reiterada pela fama que a Ministra havia ganhado nos bastidores, de mulher durona. Sua postura é amplamente descrita como alguém que possui autoridade e que teria dificuldade de dialogar com os pares: “Lula contava que ministros iam a seu gabinete queixar-se da forma como eram cobrados por Dilma. O presidente recomendava a ela que fosse mais suave, ao menos com os colegas, mas nunca a desautorizou. A fama de durona e irascível se espalhou na Esplanada e chegou à imprensa.” (Amaral, 2011, p. 170).

ela era o diabo a quatro” como o fotógrafo descreve) – recurso muito recorrente na época da ditadura –, dizendo que se tratava de uma mulher perigosa, que teria cometido diversos crimes cometidos durante a militância em organizações de esquerda.

Como resposta, nesse momento ocorreu uma intensificação da imagem pública de Dilma, para o de uma mulher movida pelo coração, a avó, associada a valores como a valentia e coragem, mobilizando uma narrativa heroica daquela que se sacrificou em nome da democracia, como historicamente é naturalizado de que uma mãe faria pelos seus – partindo da ideia de um amor incondicional. Isso ocorreu vislumbrando uma manutenção do poder de delegação da população aos/as políticos, que é um fundamento central do campo político.

Tanto que em uma análise de 62 vídeos de campanha transmitidos no primeiro e no segundo turnos nas eleições de 2010, Panke e Iasulaitis (2016) observaram que 30 deles se referiam à campanha negativa contra o PSDB ou à defesa de ataques recebidos por Dilma, 23 estavam relacionados a questões de gênero e os restantes tratavam de resultados de pesquisas e continuidade do governo Lula.

3.3.1 Resignificando imagens do passado

No período ditatorial foram registradas duas icônicas fotografias (8 e 9) de Dilma. A primeira é a sua foto de registro de prisão (*mugshot*) em 1970 para arquivamento policial, em que veste uma camisa xadrez de botão frontal e porta óculos de grau com lente e armação grossa, cabelo curto e volumoso, Dilma está com um olhar sério e direcionado para frente. Já a segunda, é um registro (ref. UH _ 18.11.70. 1* Página) encontrado por Vladimir Sacchetta nos arquivos do jornal Última Hora do Arquivo do Estado de São Paulo, de seu julgamento pelo STM. Dilma segue com a mesma *béxis* corporal, apesar de estar claramente mais magra, cabelo mais curto e sem óculos, o olhar sério e compenetrado permanece. Nesta fotografia algo nos chama a atenção no segundo plano, que é o fato dos militares ali presentes estarem com o rosto encoberto pelas mãos, para que não pudesse ser identificados.

Esse ato de encobrir a própria face pode ser entendido pelo fato de que as práticas de tortura são condenáveis no Estado moderno e isso ocorre porque a servicia tinha/tem caráter secreto sob o risco de ser condenada quando viesse à público – mas que em determinadas circunstâncias, era/pode ser tolerada (Sarti, 2019, p. 511). Não é que no momento de captura da fotografia os militares tivessem vergonha de seus atos (de reprodução de um discurso de dominação por meio da violência física), mas sim, por terem consciência de ter exercido uma prática que pode vir a ser condenável. Por essa razão, tentam se preservar da identificação e julgamento que o futuro reservaria.

Fotografia 16- Mugshot de Dilma



Fotografia 17- Julgamento



Fonte: Arquivo Público de São Paulo (AFP)/ Fotografia II: Moisés Mendes.

As duas imagens foram, décadas depois, amplamente mobilizadas pelo *marketing* eleitoral para ressignificar o lugar da guerrilheira e “terrorista” (nas palavras dos militares) em uma série de versões, como afirmado anteriormente, como uma mulher portadora de bravura, coragem e resistência. Armou-se por meio das fotos, uma narrativa heroica, chamada por Reinaldo Azevedo (crítico ao petismo) de “hagiografia dilmista” da combatente à ditadura e defensora da democracia.

A cena dos dois homens escondendo o rosto com a mão assemelha-se muito à imagem de criminosos escondendo a face diante das lentes de uma máquina fotográfica ou de uma câmera de televisão. Considerando o período histórico e o contexto da cena, parece muito mais plausível que a tentativa de esconder o rosto tenha pouco a ver com um “sentimento de desonra” e tudo a ver com um gesto com um objetivo bem definido: não ser identificado. (Pragmatismo Político, 13/12/2011).

*A imagem reúne um coquetel de clichês que serve à **hagiografia dilmista**. Vemos ali uma mocinha magriça, bonita, cabelo meio à la garçonne, socialista por dentro (mas isso não se vê, só se sabe) e existencialista por fora. Embora, consta, ela desse aula de marxismo para a sua turma e cuidasse de parte das finanças da VAR-Palmares, há a sugestão de uma intensa vida interior, mais para “A Náusea”, de Sartre, do que para a literatura leninista. Olha para o vazio, com uma firmeza triste. Atrás dela, fora do foco, militares devidamente fardados consultam papéis (sic). As mãos escondem o rosto. O contraste resta óbvio: na narrativa fantasiosa, a vítima, **de cara limpa, estaria enfrentando seus algozes, que tentam se esconder da história. A justiça, firme e frágil, contra os brutamontes***

acovardados. Davi contra Golias. O Bem contra o Mal. (Reinaldo de Azevedo, Veja, 04/12/2011; *grifos meus*).

A campanha difamatória da oposição envolvendo a militância de Dilma contou com narrativas sobre a participação em sequestros e na luta armada – incluindo uma ficha falsa do DOPS que a descrevia como terrorista e assaltante (C.f.: Folha de S.Paulo, 25/04/2009; 26/06/2005b) –, como forma de ressaltar uma imagem de mulher violenta, descontrolada, fria, calculista, e principalmente: perigosa (C.f.: UOL, 23/04/2019). Foram levantadas *fake news* de que Dilma teria participado de: *i.* assaltos aos bancos Banespa¹⁸² e Mercantil em 1968 (C.f.: O Globo, 19/11/2010); *ii.* planos de assassinato do capitão norte-americano Charles Chandler (C.f.: Estadão, 10/07/2020); *iii.* roubo ao quartel da Força Pública do Barro Branco; *iv.* assassinato do soldado Mário Kozel Filho, em 26 de junho de 1968.

Para contrapor essas imagens, Dilma tornou-se a *mulher guerreira* ou o *coração valente*.¹⁸³ Tanto que a ilustração de Saturnino Rodrigues da Silva (Satt) e suas variações logo ganharam popularidade, estampando diversos *lugares de memória* (Nora, 1993), como canecas, folders, cartazes, fundo de palanques e camisetas com as frases “não foge à luta”, “coração valente”, “mulheres no poder”. Os valores revolucionários da militância juvenil foram amplamente mobilizados pela campanha de 2010 e de 2014 para uma ressignificação da história de Dilma. Com isso, depoimentos de antigos/as conhecidos/as nos vídeos eleitorais reiteraram a narrativa heroica que sobre ela era construída, como o de Theotônio dos Santos¹⁸⁴, que na época afirmou para o jornal O Globo (01/11/2010): “Dilma não rejeitou as lutas que realizou na ditadura. Numa situação ditatorial, elas se justificavam. Isso revela uma postura combativa, muito democrática. Sobreviver à tortura e viver na clandestinidade, isso é uma vitória pessoal muito grande”.

Segundo um artigo da Financial Times intitulado *Dilma's campaign and the making of an icon* (29/10/2014), a equipe de marketing de Dilma teria bebido da fonte da esquerda latino-americana e se inspirado em figuras carismáticas como Che Guevara e Hugo Chávez para construir a identidade visual de grande apelo popular, mobilizando afetos como a empatia e

¹⁸² “Segundo relatos da imprensa da época, cinco assaltantes da “Quadrilha da Metralhadora” participaram da ação, que terminou com o roubo de 180 mil cruzeiros novos. Em nenhum momento, houve a citação do nome da ex-presidente nem há indícios de que uma mulher tenha sido uma das autoras do assalto. O grupo responsável pelo crime teve integrantes presos já em 1968 mas, novamente, não há registro do nome da ex-presidente.” (Aos Fatos, 29/07/2020).

¹⁸³ Na campanha de 2014 o *jingle* de Dilma era “coração valente”, uma canção de 2min 10”, em um cadenciado de música popular (xote) com instrumentos tradicionais da cultura brasileira como o triângulo e a sanfona. A letra fazia menção à luta, à honestidade (“mulher de mãos limpas”), ao coração (fonte de sensibilização) e ao padrinho político, Lula: “Dilma, coração valente, força brasileira, garra desta gente. Dilma, coração valente, nada nos segura pra seguir em frente. [...] Por isso eu tô juntinho, do seu lado. Com você e Lula pra seguir em frente” (TV Fórum, 20/06/2014).

¹⁸⁴ Professor emérito de economia da Universidade Federal Fluminense (UFF), foi um expoente da teoria da dependência na Polop. C.f.: BOITEMPO, 22/03/2018. *Theotônio dos Santos (1936-2018)*. Disponível: <https://blogdaboitempo.com.br/2018/03/22/theotonio-dos-santos-1936-2018/>, consulta: 26/04/2024.

solidariedade¹⁸⁵: “Dilma não é conhecida por seu charme pessoal, mas na foto ela parece quase carismática. Talvez seja a plenitude da juventude, ou os óculos pesados da moda, ou a camisa masculina de gola aberta usada em desafio às convenções” (Idem).

De modo a recuperar a influência de Dilma militante para a Dilma candidata política, entendo que as credenciais aportadas pela ditadura, de capital cultural (educacional, e intelectual) e político (organizacional, estratégico) converteram-se em capital social, com a constituição de uma rede sólida de companheiros/as de militância e que, décadas depois, se encontram com poder institucional, tanto nos governo de Dilma como no de Lula – cuja equipe ministerial do primeiro mandato, foi composta por 35,3% de ex-militantes de organizações clandestinas (Amaral, 2011; Abritta, 2021).

Figura 6- Coração Valente



Fotografia 18- Dilma em encontro do PT



Fonte: Divulgação/PT; Reprodução: Facebook de Dilma.

A rede, aqui explicitada (*ver Anexo*) é conformada por sindicalistas, intelectuais e trabalhistas que atuaram diretamente na construção do PDT e do PT na década de 1980. Que apresentam um elevado nível de escolarização em universidades prestigiosas do Sudeste (UFMG, UFRJ, Unicamp, USP) e Sul (UFPR, UFRGS, Unisinos) do país e que lutaram contra a ditadura, seja via ME ou sindicalismo e de forma armada ou não. Portanto, há uma composição de agentes políticos, intelectualizados, de famílias de frações de classes populares e altas, detentores de propriedades

¹⁸⁵ Paulo Renato da Silva (2014) em seu artigo, faz uma análise aprofundada nesse sentido, entendendo como determinados lugares de memória são reivindicados por movimentos como estratégia política. Nesse aspecto, cita o exemplo dos percursos pelo qual a memória de Eva Perón (primeira-dama argentina com grande destaque no campo político) circulou pelos movimentos do peronismo, antiperonismo e kirchnerismo, estando presente hoje em dia, ao lado de bandeiras de Che Guevara e outros líderes carismáticos da esquerda latino-americana.

sociais como elevado capital cultural refinado (muitas vezes, no exílio) e com reconhecida expertise nas áreas econômica e jurídica.

Trajetórias que são consoantes com o perfil levantado são a de Eleonora Menicucci (1944) e Aloizio Mercadante (1954): nascidos no interior, foram inseridos na militância a partir do ingresso em movimentos estudantis, possuem uma sólida carreira acadêmica em Universidades de reconhecimento, atuam como professores universitários (Menicucci na Unifesp e Mercadante na Unicamp) e foram ativos na construção do PT.

[Quando a Dilma me levou pra ministra eu disse pra ela: “Eu não quero, eu não vou. Eu quero ser reitora, eu sou candidata única da Unifesp”, ela falou: “Eu sou sua chefe minha querida, cê é funcionária pública federal. Vamos, é agora”. Claro que eu iria, mas eu precisei pensar um pouquinho, uns 10 minuto, assim bem pouquinho. Porque pra uma companheira e amiga eu não negaria, né? Assim é... E eu sabia que o convite que ela me fez era pra dizer, dizia o convite: “Faça aquilo que eu como presidente não vou poder fazer”. (Menicucci, Memorial da Resistência, 16/05/2018).

A fala de Menicucci, demonstra que foi construída uma relação baseada na confiança e lealdade, entre ambas militantes, outrora encarceradas na Torre das Donzelas. Portanto, Dilma ao nomeá-la enquanto ministra, demonstra um reconhecimento das capacidades técnicas de Menicucci e também, da consolidação da rede formada naquele contexto ditatorial. No caso de Mercadante, outro ministro dos governos Dilma, trata-se também de um político profissional ao ter ocupado diversos ministérios, bem como cadeiras no legislativo brasileiro.

Fernando Pimentel (1951), que possui uma trajetória similar aos dois com distinção de ter nascido na capital mineira, ministra aulas na UFMG e tem em Minas o seu berço político. Menicucci e Pimentel foram presos, Mercadante foi obrigado a deixar o país e se exilar no México. À diferença dos três casos, Dilma e Carlos não seguiram a carreira acadêmica¹⁸⁶, mas dedicaram-se a participar da vida pública por meio do aparato técnico-burocrático do Estado.

Se as mulheres continuam tendo tão pouca representação no topo da hierarquia, não é devido à falta de confiança em si mesmas – um sentimento que aliás é variável e pode evoluir de acordo com o sucesso profissional –, mas sim devido ao seu papel social, marcado pelo selo do privado, e a um modo de socialização pouco orientado para a autoafirmação em situações competitivas. (Lipovetsky, 2007, p. 280).

No discurso pronunciado durante a convenção nacional do PT, em 13 de junho de 2010, para anunciar sua candidatura, Dilma reiterou esse estigma, ao dizer “*nós, mulheres, nascemos com esse sentimento de cuidar, amparar e proteger. Somos imbatíveis na defesa de nossos filhos e de nossa família*” (Amaral, 2011, p. 242). É interessante perceber que historicamente as mulheres foram relegadas a

¹⁸⁶ Apesar de Dilma ter iniciado o mestrado e o doutorado no mesmo grupo de pesquisa que Mercadante, não concluiu as pesquisas, cumprindo apenas os créditos obrigatórios da Unicamp.

papeis subalternos socialmente em função de sua identidade de gênero, mas que, neste caso, foi justamente a identidade de gênero e o fato de ser uma mulher, que garantiu um certo trunfo em sua eleição, algo reconhecido como novidade.

A ideia era destacar “essa novidade de ser mulher”, como Lula havia intuído quatro anos antes. Um salão próximo ao Lago Sul, em Brasília, foi decorado com fotos e biografias de mulheres que fizeram história e histórias de mulheres anônimas. Dilma foi saudada na plateia com bandeiras na cor lilás e, no palco, por um grupo de meninas e adolescentes vestindo camisetas com a inscrição “Mulher Pode” (*Ibid.*, p. 241).

Isso acontece logo após dois mandatos de um operário ocupando o Executivo Nacional, e só é possível por Dilma ser reconhecida publicamente como uma continuidade deste governo e mais, uma continuidade de Lula. Nesse sentido, me parece que o gênero por si só não serviria como, por exemplo, a candidatura de outras mulheres que já disputaram esse posto e que não tiveram chances reais de serem vitoriosas. Pelo fato de Dilma portar credenciais que se agregasse ao fator de gênero, como expertise técnico-burocrática no campo político, habilidades de gestão pública, o amplo capital social adquirido, o capital de crédito a ela lhe atribuído por meio de Lula, o amplo capital cultural que a assemelhava mais a FHC do que propriamente a Lula.

Para a oposição, apesar das habilidades sociais de Lula, ele era visto como “presidente monoglota – que cometia erros em seu próprio idioma – em contraste com FHC, um diplomata nato e até então o mais cosmopolita dos presidentes do Brasil” (Amaral, 2011, p. 132). Nesses termos, Dilma seria bem aceita por grupos que anteriormente criticaram Lula pela falta de títulos universitários e conhecimentos técnicos. Outro ponto que merece destaque ao se pensar na inflexão de gênero como um atributo legítimo naquele contexto, é o fato de Dilma ter investido fortemente no aprimoramento de seu CE ou capital cultural, como desenvolvo mais no próximo capítulo.

Uma pesquisa realizada por Céli Pinto (2012) ao analisar determinados grupos focais antes do primeiro turno das eleições presidenciais, e entre o primeiro e o segundo turno, observou que os/as eleitores apontavam para duas direções distintas ao justificar seu voto em uma candidata mulher: *i.* discurso maternal, enfatizando o zelo, associando-as a uma ética do cuidado, às emoções etc.; *ii.* discurso de competência, destacando qualidades adquiridas via socialização escolar ou experiência profissional, “aparecendo quase como um dom – ‘ela é mais organizada, mais detalhista, mais corajosa, observa mais’” (*Ibid.*, p. 217-8).

Considerando esses indícios de quais atributos eram bem avaliados pelo eleitorado para que se considerasse o voto em uma candidata mulher, é possível interpretar com clareza qual o tipo de argumentação usado pelo PT para alavancar o gênero como novidade e um exemplo disso é a fala de Conceição Tavares no *spot* eleitoral de 10/08/2010:

*Ela [Dilma] é uma mulher de classe média, universitária e que lutou sempre pelo país, mas o que o pessoal não sabe é da generosidade e do coração aberto – e eu, que conheço ela bem, confesso a você que esse pra mim, é um dos encantos dela. Ela aprendeu muito com o Lula no que diz respeito a conhecer o país, conhecer do coração, conhecer emocionalmente. O que ela é é uma pessoa fantástica, trabalhadora incansável, mulher estupidamente inteligente e de grande sensibilidade popular. **Ela é uma espécie de mãezona do país – é uma pessoa que de vez em quando, parece severa, porque não é brincadeira estar no governo e na Casa Civil né? Mas que efetivamente é uma pessoa muito bondosa, muito generosa então eu boto muita fé dela ser presidente e nós, já estávamos na hora de ter uma mulher presidente.** O Chile já teve, a Argentina já teve e uma porção de países da América Latina já teve... nós estávamos atrasados né? Então agora está na hora das mulheres. (Ibid., Youtube, op. cit.).*

Centra-se não somente no fato de ser indicada pelo Lula mas sobretudo, por ser “a mulher do Lula”, a “mãezona do país” “da generosidade e do coração aberto” que em certos momentos pode ser rígida, severa, mas que é porque leva com seriedade o trabalho pelo bem de todos/as. Além de tudo, utiliza-se da estratégia de legitimação de afirmar que em outros países vizinhos as mulheres já lograram acessar a presidência e que era preciso acompanhar a tendência do campo político para que não fossemos atrasados em termos de direitos políticos e civis.

3.3.1.1 Apadrinhamento político

Em *O Segundo Sexo*, Beauvoir (2014) afirma que a mulher é sempre colocada às sombras, ou ser interpretada como o Outro no mundo social, uma vez que está sempre em uma situação ambígua se projetando através ou por meio de uma figura masculina. No caso de Dilma, se passa algo parecido, pois, “sem Lula, e com um pequeno número de mulheres na hierarquia dos partidos, dificilmente teria sido candidata” (Avelar; Rangel, 2020, p. 430) apesar de possuir qualificações que a credenciasse aos mais altos postos da hierarquia política. Nesse sentido, é por essa razão que a vitória eleitoral é atribuída a Lula, que teria planejado lançar uma candidata cuja imagem pública fosse de alguém forte, eficiente e de gestora impecável (ainda que se tratasse de uma novata nas urnas).

Nesse ângulo, a herança política de Lula à Dilma foi primordial para que houvesse uma transmissão do capital político do metalúrgico experiente à economista novata.

A hagiografia lulística exalta o nordestino tangido pela seca, o menino pobre, depois operário e sindicalista, que venceu todas as vicissitudes do destino – sua mãe nasceu analfabeta; fosse rica, já viria à luz citando Schopenhauer – até se tornar presidente da República e inventar o Brasil. Antes dele, eram trevas. Em palanque, o homem já chegou a se comparar a Cristo. O analfabetismo de nascimento de Dona Lindu é, então, uma espécie de metáfora da virgindade de Maria. Dilma, cuja família era rica, tem de ser santificada por outro caminho. Em tempos de instalação de uma “Comissão da Verdade” – que será a verdade dos que

perderam a luta, mas ganharam a guerra de versões –, é preciso ressuscitar a têmpera da heroína. (Reinaldo de Azevedo, VEJA, 04/12/2011).

Em pesquisa realizada pelo Ibope, divulgada em 16/12/2010, mostrou que Lula chegou ao último mês do mandato com aprovação recorde de 87% da população (G1, 16/12/2010). Os resultados de outubro detectaram que 77% dos/as entrevistados/as consideravam o governo “ótimo” ou “bom”, contra 4% de “ruim” ou “péssimo”. Ou seja, o índice de aprovação subiu nos últimos dois meses do segundo mandato. Nos rastros da popularidade de Lula, Dilma lançou a campanha *Seguir mudando o país*, o que demonstraria seu interesse em continuar com os programas de políticas públicas desenvolvidos por seu antecessor e padrinho político, e ao mesmo tempo, seguir realizando mudanças significativas estruturalmente (Avelar; Rangel, 2019).

“Se alguém prendeu a Dilma, se alguém torturou a Dilma, achando que ali tinha acabado a luta dela, eu digo que ela é hoje uma possível candidata à Presidência da república deste país”, disse Lula, sendo interrompido por aplausos das centenas de pessoas presentes à cerimônia. (G1, 21/12/2009).

Foi assim, apresentada como a herdeira política, sempre ao lado do seu principal cabo eleitoral: o presidente Lula, ao invés de seu vice-presidente, Temer (PMDB).

Na prática, a imagem de Temer só foi levada ao ar pela campanha de Dilma dois meses e dois dias após o início do horário eleitoral no rádio e na TV, em 17 de agosto. [...] A ausência de Temer no horário eleitoral de Dilma Rouseff era um dos motivos de contrariedade da cúpula peemedebista, que cedeu o cobiçado apoio da legenda ao PT. Essa aliança assegurou a Dilma o maior tempo de propaganda no rádio e na televisão: 10 minutos e 38 segundos. Desse total, quase cinco minutos vieram do PMDB, que controla a maior bancada na Câmara dos Deputados. (Gazeta do Povo, 20/10/2010).

Segundo Vaz (2013), a presença de Lula nos programas eleitorais e nas peças publicitárias ocorreram “para ressaltar seu papel nas realizações do Governo, ou para avaliar a candidatura, como meio de dar continuidade aos projetos iniciados em 2003.” (*Ibid.*, p. 39). É interessante perceber também que as pesquisas de intenção de voto indicavam que Dilma, assim como Lula, possuía mais apoio entre o eleitorado masculino do que o feminino – seguindo o perfil de apoiadores/as do PT, que era majoritariamente masculino, ainda que as mulheres fossem predominantes no país. A expressão “nem mulher vota em mulher”, demonstra, de acordo com Danusa Marques, “um preconceito das pessoas contra mulheres na política porque elas seriam vistas como mais fracas, menos competentes, menos efetivas.” (*Ibid.*, 13/09/2018). No entanto, não haveria evidências empíricas de tal fato, uma vez que o efeito da baixa eleição feminina pode ser, justamente em razão da baixa competitividade de candidaturas femininas (*Idem*).

Em uma entrevista transmitida ao vivo em rede nacional na TV Bandeirantes, realizada em 20/04/2010, de forma bastante amigável por Datena, o apresentador questionou Dilma sobre a candidatura.

Dilma: Ele me escolheu 3 vezes – o Presidente Lula. Primeiro, ele me escolheu para dirigir a transição do governo FHC para o governo Lula na área de infraestrutura, depois ele me escolheu como Ministra de Minas e Energia, depois ele me escolheu para coordenar o governo como Ministra Chefe da Casa Civil – porque meu trabalho era esse: eu era o braço direito e braço esquerdo do Presidente. Eu, na prática, fazia os projetos e aí ele me escolheu junto com o Partido [dos trabalhadores] e vários outros partidos da base aliada, mas ele que me escolheu como sucessora dele, né? Ou seja, me escolheu como sucessora do projeto dele, que é dele, que é meu, que é do PT e dos partidos da base aliada.

Datena: Mas não é só isso que você aposta... Governar com o que o Lula fez?

Dilma: Eu aposto governar com o que eu fiz junto. Que é o seguinte, eu sei fazer, eu sei o que fazer e sei também como fazer. [...] Eu sou uma boa aluna, viu Datena? Eu andei esse país com o Presidente, de norte a sul, de leste a oeste.

Na fala de Dilma, ela reitera o ato de ter sido “escolhida” não somente uma, mas três vezes pelo presidente Lula, ou seja, reivindica certo capital simbólico, de prestígio e notabilidade, de ser a sucessora. Para Bourdieu (2020) isso demonstraria que “aquilo que era apenas uma diferença torna-se uma distinção, alguma coisa legítima e sagrada, uma fronteira sacralizada” (*Ibid.*, p. 105). Também destaca suas capacidades de gestão (“governar com o que eu fiz junto”; “sei também como fazer”), em que se porta como não como uma figura passiva do apadrinhamento, mas como agente fundamental no governo Lula, logo, do sucesso das políticas públicas implementadas (“me escolheu como sucessora do projeto dele, que é dele, que é meu”).

Quatro meses depois, em outra entrevista televisiva, concedida a William Bonner e Fátima Bernardes, no Jornal Nacional da Rede Globo de TV (09/08/2010), houve questionamento sobre as experiências profissionais, as nomeações e seu temperamento que era considerado difícil – por seus pares e meios tradicionais de comunicação. Na ocasião, Dilma alertou sobre certa incoerência produzida em relação à sua imagem: “*As pessoas precisam se decidir pois alguns dizem que sou uma mulher forte, outras, dizem que eu tenho tutor. [...] Eu sou uma pessoa firme [...] me considero extremamente preparada e favorável ao diálogo*”. Ainda no mesmo dia, afirmou que seu papel no governo seria “*quase como se fosse mãe*”, no cuidado à população e aos projetos sociais, que em seu caso, seriam de “*dar continuidade ao governo Lula, não apenas continuando mas aprofundando e desenvolvendo ainda mais*”.

Nesse sentido, entendo que havia uma dualidade entre a imagem pública de associação entre Lula e Dilma para capitalização direta dos votos – tal como a expressa pelos *slogans* “Lula é Dilma” e “Dilma é Lula outra vez” –, ao passo que a performance política da candidata relembra constantemente a população de suas habilidades e experiências técnicas e

administrativas no campo político. Ainda que, essa performance precisasse ser constantemente relacionada à valores maternos (bem vistos pelo eleitorado naquele contexto) para contrapor a imagem de uma pessoa autoritária, radical e dura.

Figura 7- Foto oficial de Lula e Dilma (2010)



Fonte: Estadão (08/07/2010).

Na imagem acima, usada como uma das fotos oficiais da campanha de Dilma, ela aparece logo à frente de Lula e apesar de ficar atrás, é ele quem a projeta para frente. Ambos demonstram nesta agrupação imagética, uma coesão de tamanho – é o padrinho político que encarna a figura de “marido” como descrito por Beauvoir (2015). Lula era apreendido, por alguns meios de comunicação na época, como uma espécie de âncora da campanha. Veste um casaco despojado, tendendo ao informal, em cima de uma camisa azul. Sorri, reiterando sua figura de liderança carismática e popular. Dilma, por outro lado, também aparece sorridente e com traços de feminilidade com maquiagem (sem exageros), cabelo iluminado, colar e brinco de pérolas, pulseira de ouro discreta, blazer $\frac{3}{4}$ com corte arredondado – transmitindo a ideia de orgânico, em oposição à linhas retas que representam rigidez e impessoalidade. O branco dos detalhes diminui a saturação do vermelho, fazendo com que ele não se expanda e se torne uma cor emocional, já as pérolas – sempre presentes na indumentária da candidata – podem ser traduzidas também como um traço de elegância atemporal.

Também é preciso sublinhar que a narrativa criada sobre Dilma ter sido “escolhida” foi uma estratégia para ofuscar suas habilidades do jogo político, subordinando-a não somente ao Lula, mas à cultura brasileira que é assentada em uma estrutura patriarcal. Isso ocorre para que

pudesse angariar maior quantidade de votos, pois aquilo que caracteriza o campo político é a delegação, a possibilidade de representar os votos dos eleitores, mas para isso, é preciso ser percebido como um agente legítimo, digno de receber a delegação. Então o apadrinhamento de Lula foi uma forma de fazer uma transferência de capital simbólico para a política, mas também, de apresentá-la como uma mulher presidenciável, que contaria com o suporte de um político experiente que havia demonstrado durante 8 anos de gestão, competência para governar. Nesse sentido, Dilma não estaria sozinha no comando – ao menos, era o que o marketing e a publicidade reafirmaram para a população – Lula estaria ao seu lado, impulsionando-a.¹⁸⁷

A dualidade de diferenciação do papel sexual no casamento pode ser usada para pensar no caso da construção semiótica da campanha presidencial – em que Dilma aparece como a oposição e complementaridade de Lula. Os dois representam uma espécie de casamento no âmbito político em que ele dá sentido à existência pública de Dilma na disputa política: “[ela] não tem nenhum controle direto sobre o seu futuro e nem sobre o universo, só se supera em direção à sociedade, através de seu esposo.” (Beauvoir, 2015, p. 546). Tanto que em um curto vídeo (30”) do material de campanha (30/8/2010) intitulado *“Ele veio primeiro, ela vem depois”*, constroi-se a ideia de processo natural de consecutividade entre os governos de Lula e Dilma. Brincando com o jogo de primeiro um e depois outro, mostra que primeiro veio a carteira de trabalho, e posteriormente, a possibilidade de compra de utensílios.

“Vou passar o bastão. Vai haver um vazio naquela cédula e para que esse vazio seja preenchido, eu mudei de nome e vou colocar Dilma lá na cédula. Que Deus te abençoe, dê força, cabeça fria. E saiba que você tem um companheiro”, disse Lula. (G1, 13/06/2010; grifos meus).

3.4 Marketing político e estratégia eleitoral

Em julho de 2009, o PT encomendou duas pesquisas ao Instituto Síntese de Belo Horizonte para orientar a estratégia da sucessão. Na pesquisa quantitativa, as informações mais importantes eram três: 68% dos eleitores queriam votar num candidato que garantisse a continuidade do governo Lula; 79% desses eleitores diziam que nada os faria trocar a continuidade por um candidato de oposição; 40% dos que admitiam fazer a troca diziam, assim mesmo, que esta seria uma decisão “muito difícil”. (Amaral, 2011, p. 213).

Em um estudo no Centro de Neurociência Aplicada, do Instituto de Pesquisas Sociais, Políticas e Econômicas (Ipespe) em 2010, dirigido por Lavareda e Laurentino no primeiro

¹⁸⁷ Tanto que quando Dilma é eleita e passa a se autonomizar publicamente, distanciando-se da figura de Lula, as críticas à ela, tanto internas como externas, são intensificadas. Esse debate foge do escopo do trabalho, mas é um eixo a se ter em vista para pensar na construção da dualidade do poder (Dilma-Lula).

(20-25/09) e segundo turno (18-23/10), os pesquisadores avaliaram por meio do *eye tracker*, o uso das emoções nas campanhas.¹⁸⁸

No primeiro turno daquela eleição presidencial, a pergunta obrigatória era: qual o grau de “transferência” afetiva do presidente Lula para sua candidata Dilma Rousseff, até então desconhecida e pouco carismática? No segundo turno, a questão que emergiria era: a qual dos dois candidatos restantes (Dilma e Serra) poderiam ser transferidos com maior facilidade os 19,33% da votação que Marina Silva, candidata do PV, obtivera no primeiro turno? (Lavareda, 2011, p. 140).

Observou-se que no segundo turno, a coligação do PT estava formada pelos seguintes partidos: PRB, PDT, PMDB, PTN, PSC, PR, PTC, PSB e PCdoB, tendo como vice-presidente, Temer (PMDB). Já o candidato José Serra do PSDB, com o vice o deputado federal Indio da Costa (DEM), contou com a coligação *O Brasil pode mais*, obtendo apoio do DEM, PTB, PPS, PMN e PTdoB.

Nesse momento, o PT, incentivado pela coligação, sentiu a “necessidade de fortalecimento da imagem “autônoma” da candidata, “recomendando”, assim, minimizar a presença do ex-presidente Lula na comunicação do partido, para “vender” a independência e liderança da candidata petista” (*Ibid.*, p. 142). No entanto, de acordo com o experimento, foi possível concluir que a estratégia foi um equívoco porque acabou prejudicando inicialmente, a imagem da futura presidenta, mas logo a estratégia foi revertida e Lula voltou a ter espaço significativo na campanha.

Sua **imagem maternal** (da mulher mãe, avó, que defende a vida) foi fortemente explorada como parte de uma estratégia que buscou neutralizar críticas em relação a suas declarações sobre o aborto, impostas na agenda política por um setor conservador. Dilma Rousseff focalizou na responsabilidade feminina ao competir em um mundo masculino e se apresentou como herdeira legítima e continuadora do projeto político de uma liderança masculina, o ex-presidente Lula, estratégia compreensível pelo cenário de bom desempenho da economia e boa avaliação geral do governo de seu antecessor. (Panke; Iasulaitis, 2016, p. 411).

Na avaliação do Ipespe, também foi identificado que mesmo sem o apoio formal de Marina Silva, houve uma maior adequação entre ela e Dilma, logo, uma transferência de votos entre uma presidenciável à outra (Lavareda, 2010, p. 144). Ou seja, a identidade de gênero de fato funcionou como uma estratégia de legitimação das mulheres para o acesso do executivo nacional, em um cenário de descontentamento com figuras tradicionais à política (à exceção de Lula).

Isso se deu, em função de uma percepção baseada na diferenciação entre sexos no espaço público, em que se espera um comportamento “mais humano” das mulheres, que as distinguiria dos homens (Lipovetsky, 2007 [1997]). O que é reiterado também por outra pesquisa levada à

¹⁸⁸ Buscou avaliar as respostas psiconeurofisiológicas de um grupo de eleitores/as misto, composto por 9 homens e 9 mulheres da classe C, diante de imagens dos candidatos presidenciais na eleição de 2010.

cabo no Brasil durante as eleições de 2010, denominada *As eleições presidenciais de 2010: candidatas mulheres ou mulheres candidatas?*. Os resultados obtidos a partir de grupos focais, indicam que os/as eleitores/as apontavam para duas direções distintas ao justificar seu voto em uma candidata mulher: *i.* discurso maternal, enfatizando o zelo, associando-as a uma ética do cuidado, às emoções etc.; *ii.* discurso de competência, destacando qualidades adquiridas via socialização escolar ou experiência profissional, “aparecendo quase como um dom – ‘ela é mais organizada, mais detalhista, mais corajosa, observa mais’” (Pinto, 2012, p. 217-8).

Nesse sentido, a campanha de Dilma levada a cabo pelo PT e pela equipe de João Santana, além da própria política, fizeram diversos investimentos para a produção de peças publicitárias, spots, discursos e uma imagem pública que fosse coerente com as virtudes e competências destacadas pela população como coercitivas. Ou seja, dada a predileção à Dilma, pode-se afirmar que o marketing político conseguiu responder os anseios (da maior parcela do eleitorado) que haviam sido destacados pelas pesquisas de intenção de voto e de grupos focais.

3.4.1 Sedução do eleitorado

Na análise das campanhas presidenciais brasileiras dos anos de 1998, 2002 e 2006, realizada por Lavareda (2009), o autor observou que algumas das estratégias bem sucedidas destacaram-se por mobilizar emoções positivas como divertimento (através do humor e *jingles*), a compaixão, orgulho e entusiasmo – o que denominou de “fórmulas emocionais vitoriosas”.

O primeiro programa eleitoral que foi ao ar em 17/08/2010 (10 min 39”), destacou a capacidade técnica de Dilma como uma espécie de secretária, no sentido de ser pragmática e buscar (*construir*) soluções. Reiterou também que a agente sempre foi inovadora e que ocupou espaços que nenhuma outra houvera chegado, como o cargo de Ministra Chefe da Casa Civil, Ministra de Minas e Energia, Secretaria de Minas e Energia do Rio Grande do Sul e a Secretaria da Fazenda da cidade de POA. Lula aparece e afirma que Dilma é uma companheira, mulher, e capacitada: “*grande parte do sucesso do governo está na capacidade da companheira Dilma Rousseff. Não há ninguém mais preparado no momento do que a Dilma*”. Se apresenta, fala sobre a infância, que estava sempre cercada de livros, sobre a família e um episódio (que foi mencionado em entrevista pelo sobrinho-neto) de quando se deu conta das injustiças sociais: dividiu uma nota de dinheiro, rasgou e deu a outra metade para uma criança que estava faminta.

Espero que ela não me mate de estar contando isso porque eu acho que não tem problema... Mas teve um caso até que ela chegou a pegar uma nota, como dizem... cruzados, ela divide a nota porque ela viu um

menino passando fome na rua. Então essa consciência política já vem sendo construída desde a infância dela.
(Pedro Farah Rousseff, entrevista 20/09/2023).

Essa história é muito palatável para ser contada pois sensibiliza os eleitores/as ao falar sobre a infância e como desde pequena, Dilma já queria, de alguma forma, combater as desigualdades. Se o episódio é mais floreado ou não, não se sabe. O que se sabe é que cai muito bem ao eleitorado contar fatos pessoais, demonstrar proximidade e amabilidade. Analisando a campanha eleitoral é evidente o apelo para o nome do Lula já que se “*Lula tá com ela, eu também tô*” (Youtube, 26/03/2019). Nesse primeiro vídeo foi utilizado o termo “presidente” no masculino (*Ibid.*, 17/08/2010), e as palavras-chaves que abrem o programa são contundentes ao afirmar que é preciso *paixão, capacidade técnica e compromisso*. Em que o compromisso de Dilma com os/as brasileiros/as seria o de dar continuidade ao projeto de Lula (e dela mesma).

3.4.2 Ecos da campanha na internet

Entre os anos de 2005 à 2012 houve uma intensa evolução no número de usuários de internet no Brasil, passando de 32 milhões para 80 milhões. No breve período de 2007 a 2010, o percentual no país aumentou de 27% para 48% de brasileiros/as conectados/as ao virtual (Cremonese, 2012), chegando à soma de 73 milhões em 2010.

Segundo pesquisa do IBOPE Nielsen Online, 73,7 milhões de pessoas com 16 anos ou mais tinham acesso à internet no Brasil em qualquer ambiente (casa, trabalho, escola, etc.) no segundo trimestre de 2010, número que representa aproximadamente 54% dos eleitores registrados no país. Dados da pesquisa TIC Domicílios 2010, do Centro de Estudos sobre as Tecnologias da Informação e da Comunicação mostram que 84% dos indivíduos da classe A, 73% da B, 42% da C e 13% das classes D e E **são usuários da internet**. (Fonseca; Vasconcellos, 2013, p. 344; *grifos dos autores*).

A reforma eleitoral de 2009 (Lei nº. 12034/09), garantiu que a internet pudesse adquirir mais espaço na propaganda eleitoral, como com a utilização das redes sociais por candidatos/as (Cremonese, 2012). O caminho da reverberação das campanhas na internet era inevitável e a reforma autorizada pelo Congresso Nacional, apenas oportunizou que o processo se desse de maneira mais rápida para se adaptar à utilização dos avanços tecnológicos por parte da população – das mais diferentes classes econômicas, conforme demonstram os dados do IBOPE. Em abril de 2010, Janovik (2010) fez uma análise das redes sociais dos candidatos presidenciais, e descreveu o *Facebook* de Dilma da seguinte forma:

Dilma no Facebook traz somente algumas informações para quem não a tem adicionada como amigo no site. Para ver todas as informações do perfil, é necessário adicioná-la como amiga (e ela aceitar). Dilma conta na data com 715 amigos e está na página (equivalente de comunidade no Orkut) ‘Núcleo do Partido dos Trabalhadores em Londres’. O convite para amigo foi aceito no dia seguinte (22 de abril), e o único conteúdo a mais que podia ser visualizado por amigos era uma única foto. (*Ibid.*, p. 51).

As redes sociais¹⁸⁹ ainda não possuíam a força de mobilização alcançada nos últimos anos, tanto que seu perfil no *Orkut* também era praticamente inativo, contando com 958 amigos e sem nenhuma fotografia ou recado (mensagem em seu perfil) no momento da coleta (em 21 de abril de 2010 por Janovik).¹⁹⁰ Já seu perfil no X (antigo *Twitter*) foi criado no dia 11 de abril do mesmo ano, com 34 mil seguidores, ganhando o selo de verificação de autenticidade para o usuário: *dilmabr* – mantido ainda hoje. Enquanto a página do *Youtube*, criada em 30 de março, possuía em seu acervo apenas 10 vídeos e 114 inscritos – apesar dos baixos números para os parâmetros atuais de milhões e bilhões de visualizações em um único dia, Janovik (2010) afirma que, no dia 21 de abril, o canal de Dilma foi o 82º mais visto do Brasil.¹⁹¹ Contava também com um blog, *Dilma na Web*, que foi lançado em 19 de abril, e serviu como uma espécie de site oficial com o compartilhamento de informações, eventos e propostas de campanha (Youtube, 19/04/2010). Posteriormente esse site foi reformulado e se mantém até hoje como <https://dilma.com.br> que contém artigos escritos pela equipe de assessoria de Dilma e notícias com teor político ou condolências pelo falecimento de alguma pessoa ilustre.

O *Instagram* que hoje também é usado como ferramenta de divulgação imagética, apesar de ter sido lançado em 2010, ganhou adesão apenas anos mais tarde. A conta de Dilma *@dilmaraousseff*, por exemplo, foi criada apenas em julho de 2014. No entanto, tem muito engajamento e possui atualmente 1,4 milhões de seguidores, 1.167 publicações (entre fotos e vídeos) e conforme divulgado pela plataforma, 71% de seus seguidores seguem também a conta oficial de Lula.¹⁹²

Serra, principal opositor político a disputar o pleito de 2010, contava em 29/04/2010, com 216.570 seguidores no X (antigo *Twitter*) ao usuário *@joseserra_*, já no *Orkut* e *Facebook*, Janovik (2010) encontrou apenas páginas não-oficiais. Em comparação entre os candidatos/as, conclui que Dilma não fazia o uso intensivo do *Twitter* e suas postagens não eram em um tom de diálogo

¹⁸⁹ Partindo da leitura de Cremonese (2012), entendo que as redes sociais “são relações estabelecidas entre indivíduos com interesses comuns em um mesmo ambiente. Na internet, as redes sociais são as comunidades *on-line* como *Orkut*, *Facebook*, *MySpace* e *Twitter*, em que internautas se comunicam, criam comunidades e compartilham informações e interesses semelhantes.” (*Ibid.*, p. 137).

¹⁹⁰ O site de relacionamentos *Orkut* ganhou notoriedade no Brasil, já não se encontra mais ativo desde setembro de 2014. Por isso, foi necessário utilizar fontes secundárias para a observação dos dados apresentados.

¹⁹¹ Em 09 de janeiro de 2024 (data de verificação), Dilma conta com um total de 6.644.345 seguidores/as no X (*Twitter*) – em contrapartida, segue apenas 287 perfis. Já no *Youtube*, possui 4,29 mil inscritos/as no canal, 1.179 de vídeos na plataforma e totaliza 5.872.100 de visualizações. C.f.: <https://www.youtube.com/@dilmaweb>; <https://twitter.com/dilmabr>, consulta: 09/01/2024.

¹⁹² Verificação realizada em 09 de janeiro de 2024.

com os/as internautas-eleitores/as, apenas divulgando eventos, propostas de campanha e fazendo agradecimentos generalizados, o que a diferenciava do tucano que investia diariamente no uso do site e que contava com mais de 5 vezes o número de seguidores da petista (216 mil *versus* 34 mil).¹⁹³ Ao passo que em termos de frequência de interação, entre junho e outubro, Dilma publicou 232 mensagens, enquanto Serra, 1274 (Fonseca; Vasconcellos, 2013) – dessas mensagens de Dilma, quase metade (114/232) foram de comunicação unidirecional, sem se dirigir a ninguém em específico.¹⁹⁴

Segundo a pesquisa realizada pela comScore, que considera os usuários acima de 15 anos e que acessam a internet a partir de computadores (domésticos ou no trabalho), em 2010, a média de internautas que utilizavam o *Twitter* era de 7,4%.¹⁹⁵ Neste contexto, o Brasil e a Indonésia possuíam a maior porcentagem de internautas (mais de 20%), seguido da Venezuela (19%) e Estados Unidos (11,9%) (G1, 11/08/2010). A adesão era tanta que, “teve o ápice de popularidade no ano de 2010, quando chegou a ameaçar a liderança do *Orkut* como maior rede social do país.” (UOL, 31/07/2012).

Estudos da empresa E.Life, especializada em gestão do relacionamento em mídias sociais, revela que, em uma semana (de 25 a 31 de maio de 2010), as mensagens emitidas pelo microblog *Twitter* sobre os candidatos à presidência atingiram potencialmente até 5 milhões de usuários. Segundo o levantamento, os posts sobre Dilma Rousseff (PT) atingiram quase 1.747.000 tuiteiros no período avaliado. Mensagens em que o assunto era José Serra (PSDB) impactaram 1.580.000 usuários, enquanto aqueles sobre Marina Silva (PV) chegaram a 1.630.000. (Cremonese, 2012, p. 140).

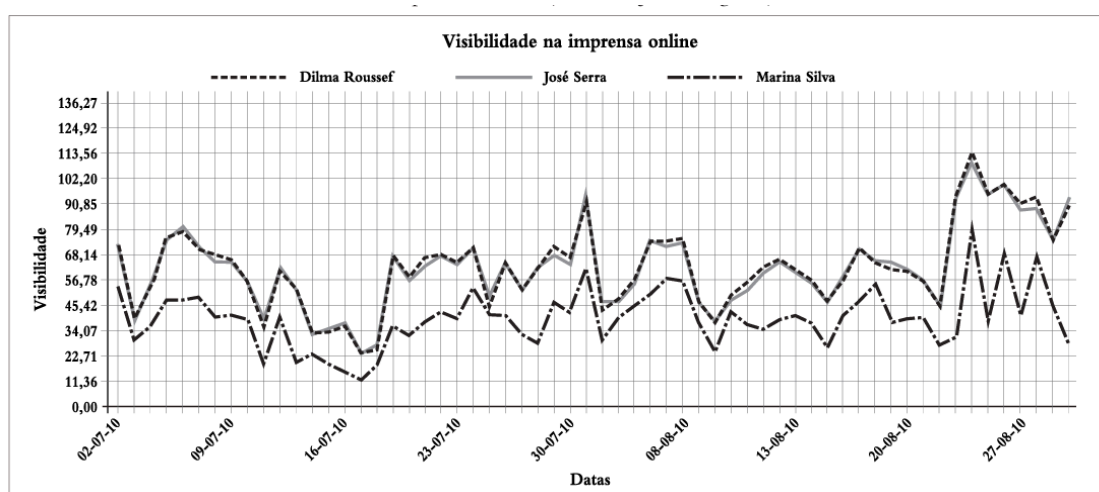
Entre as mensagens emitidas por Dilma através do *twitter*, as palavras que mais foram citadas durante o período eleitoral foram: Brasil (25 vezes), pessoal (25), obrigada (23), presidente Lula (19) e Mulheres (19) (*Ibid.*, p. 144). E seu nome figurou por mais tempo no *ranking* das tendências dentro do próprio site, sendo mobilizado (tanto por apoiadores/as como por opositores/as) com mais frequência que os demais candidatos – ainda que fizesse um uso menos intensivo das redes sociais e do *twitter*. Por outro lado, era a presidenciável que possuía maior tempo de horário eleitoral: 10 min 38” nos meios de comunicação, contra os 7min 18” de Serra (BBC News, 18/08/2010). Então sua campanha se dedicou mais ao uso de mídias tradicionais, como o rádio e a televisão, para a divulgação propositiva de seu futuro governo.

¹⁹³ O uso do *twitter* pela assessoria de Serra, tinha a intenção de se aproximar de uma parcela do eleitorado mais jovem e descontraída, transmitindo uma imagem pública do candidato “bem menos formal do que parece no dia a dia, falando de amigos, cultura, escola, filmes, música.” (Cremonese, *op. cit.*, p. 143).

¹⁹⁴ Os autores observaram que Marina e Serra possuíam uma similaridade no uso da rede social, apresentando crescimento na frequência de mensagens conforme se aproximavam as eleições, além de uma média diária (8,33 e 10 *tweets*, respectivamente) (*Ibid.*, p. 347). A média diária de Dilma era bem abaixo que a dos concorrentes (1,52 ao dia).

¹⁹⁵ Neste momento ainda era incipiente o uso de internet e redes sociais através dos celulares. O crescimento desmesurado do uso das mídias sociais se deu com os avanços de aparelhos tecnológicos e de uma maior acessibilidade a planos de redes telefônicas com internet 3G.

Gráfico 4- Visibilidade dos candidatos na imprensa on-line (entre jul.-ago. 2010)



Reprodução de: Cremonese (2012, p. 141)/ Fonte: Observatório das Eleições 2010.

Os dados do gráfico acima demonstram que Dilma ao longo de todo o período de julho à final de agosto, manteve-se acima dos demais concorrentes. Apesar do caso bem-sucedido de Dilma, é preciso destacar que a internet e as redes sociais viabilizam o contato direto com os apoiadores/as, permitindo uma comunicação horizontal, sem precisar passar, necessariamente, por uma mediação como a dos meios de comunicação tradicionais como TV, rádio e jornal. “Estar na mídia é um fator central no processo eleitoral de sociedades na contemporaneidade e o político que não se adaptar será prejudicado: o bom desempenho midiático do candidato pode ser determinante no resultado do pleito.” (Fonseca; Vasconcellos, 2013, p. 343). Em eleições nacionais posteriores como a de 2014, 2018 e 2022 um cenário de cautela do candidato/a com a internet, certamente garantiria sua derrota nas urnas eletrônicas.

3.4.2.1 Lugar de mulher... ou uma mulher fora de lugar

É verdade, como assinala diversos periódicos, que Dilma teve muitas faces ao longo de sua trajetória¹⁹⁶ e isso se aplicou, inclusive, em sua estética. Mas também é verdade, que conforme comprovado por meio dos materiais analisados, que a agente política sempre ousou ingressar em espaços antes nunca ocupados por mulheres, o que por si só, nos demonstra uma personalidade destemida. Foi julgada, não somente durante a ditadura, mas pela opinião pública e pelos meios de comunicação ao acessar a elite política brasileira e mais, pelo tribunal instaurado entre STF, Senado e Câmara dos Deputados/as durante o processo de interrupção de seu mandato. Em

¹⁹⁶ Ver capítulos 4 e 5.

todas ocasiões também reiterou essa característica de enfrentamento, adquirida certamente com a rígida educação que recebeu mas, sobretudo, com sua formação política e militante na década de 1960.

Entre as mudanças investidas por Dilma, a que causou maior impacto foi entre 2009 e 2010, quando se alçou como a sucessora de Lula. Neste momento, os investimentos foram diversos para que adquirisse uma imagem pública presidenciável e que respondesse aos anseios dos eleitores/as. Passou então de Dilma gerentona à “Dilmãe”, com associações constantes ao seu padrinho político formando o casal *Mãe do PAC* e o *Pai dos pobres*. O que sugere, por um lado, que Dilma manteria a base de apoio lulista à sua candidatura, e por outro, que possui as mesmas características apreciadas pelo eleitorado em relação às candidatas mulheres, que são comumente associadas à maternidade, como: honestidade, cuidado, coragem, organização, mediação de conflitos, agir com o coração, sensibilidade (Pinto, 2012).

Dilma corta os cabelos, ilumina-os, faz aulas de oratória, aprende a se portar diante de uma câmera, passa a se maquiar um pouco mais, começa a prestar mais atenção à sua vestimenta (porque prestam mais atenção em sua vestimenta). É aluna dedicada, sabe que precisa se esforçar política e esteticamente para merecer o aval das urnas. Tira nota 10 e se torna a primeira presidenta do país¹⁹⁷, eleita em 31 de outubro de 2010 com 55,7 milhões de votos (56,05%) (Fernandes, 2012), derrotando Serra, que obteve 43,95% dos votos válidos (CPDOC-FGV, 2021).

O processo de constante feminilização, de investimentos no CE, na incorporação de traços maternalistas, ou de uma *supermãe* (Chaney, 1992), indica que Dilma – com o suporte de políticos profissionais e de assessoria de marketing – passa a apreender as regras dadas do período eleitoral e joga com os recursos que lhe são disponíveis. Tanto que no discurso de posse, em 1 de janeiro de 2011, afirmou: *“venho para abrir portas para que muitas outras mulheres, também possam, no futuro, ser presidenta”*, destacando, nesse trecho específico, a identidade de gênero como novidade, assim como havia sido trabalhado durante a campanha eleitoral.

¹⁹⁷ Segundo o Ibope, em dezembro de 2010, já eleito, o governo de Dilma era visto com alta expectativa. Tanto que 62% da população entrevistada acreditava que seu governo seria “ótimo ou bom”, e comparativamente ao governo Lula, 18% acreditavam que a gestão Dilma seria melhor – 58% que seria igual e 14% achavam que seria pior (G1, 16/12/2010).

Fotografia 19- Diplomação da presidenta e do vice-presidente eleitos (2010)



Fonte: Biblioteca Digital TSE (17/12/2010)/ Foto: Nelson Junior.

Na fotografia se vê um retrato da sessão solene do TSE na diplomação dos candidatos eleitos para os cargos de Presidente e Vice-Presidente da República, na eleição de 2010. Da esquerda para a direita, estão as seguintes autoridades: Procurador-Geral Eleitoral, (Roberto Gurgel); presidente do Senado (José Sarney), presidente do STF (Ministro Cezar Peluso), presidente do TSE (Ministro Ricardo Lewandowski); presidenta e vice-presidente diplomados. Considerando a vitória eleitoral obtida, uma reflexão que se faz é pensar se sua figura promoveu uma feminilização do campo político com uma reestruturação de códigos no interior da dinâmica institucional, ou então, se esteve a todo momento em uma posição de imanência ou de subjetividade passiva, no sentido apresentado por Beauvoir (2015). Em que, ao usar o instrumental masculino, sem promover uma transformação efetiva, a transcendência estaria a cargo apenas dos homens.

É o produtor que transcende os interesses da família para os da sociedade e abre um futuro para ela ao cooperar na construção do futuro coletivo; **é ele que incorpora a transcendência. A mulher se dedica à manutenção da espécie e ao cuidado do lar, ou seja, à imanência.** Na realidade, toda existência humana é transcendência e imanência ao mesmo tempo; para se superar, ela deve se manter, para se lançar no futuro deve integrar o passado e, enquanto se comunica com o outro, deve se confirmar em si mesma (Beauvoir, 2015, p. 545-6; *grifos meus*).

Aplicar o *maternalismo* sem discussões profundas na gestão política não implica necessariamente em uma revolução sobre as assimetrias de gênero em que o feminino é frequentemente subjugado como inferior ou menos valioso. Por isso, faz-se necessário uma mudança institucional, com reforma política, que entenda que para aumentar a qualidade democrática é preciso, antes de tudo, pensar em políticas de paridade e nos condicionamentos

econômicos, sociais e históricos, em reformulações que afetem diretamente a percepção social sobre as mulheres, fazendo com que elas possam ser entendidas em suas agências, sem estar em posição de subalternidade, ou de segundo ou de dominadas.



Capítulo 4: CAPITAL ERÓTICO: Héxis corporal e assimetrias de gênero

Em um mundo em que as mulheres já podem ascender aos poderes Executivos, mas também, em que milhares de mulheres adolescentes e adultas padecem de transtornos alimentares como doenças de época, há muito para se pensar em relação ao corpo feminino no exercício de poder.
–Sandra Russo (2011, p. 93-4, *grifos meus*).

Um das intenções da pesquisa é testar a hipótese da efetividade ou não do capital erótico (CE) em capital político para as mulheres na política, em especial, nas campanhas presidenciais de Dilma. Para isso, este capítulo é dedicado a um mapeamento do debate teórico, demonstrando as contribuições e limitações da noção de CE para subsidiar a análise sobre quais recursos, habilidades e características foram mobilizadas para a conquista e amplificação da atratividade social. De forma secundária, busco também explorar os efeitos do CE, sobretudo nos corpos de mulheres, que são sistematicamente pressionadas a se submeterem a modificações corpóreas em nome de uma maior ampliação e a simpatia da clientela – no caso das políticas, o objetivo é aumentar o eleitorado utilizando formas de atração que têm como alvo os/as eleitores/as.

As formas de apresentação social e estética respondem a demandas perpetuadas pela mídia hegemônica, alinhada aos interesses políticos e financeiros das elites dominantes, reproduzem e perpetuam os estereótipos de gênero, sustentados em uma ortodoxia corporal de elevado padrão estético. Nesse sentido, o corpo é apreendido aqui como “o lugar da experiência, do desejo, da reflexão, da resistência, da contestação e da mudança social, em diferentes encruzilhadas econômicas, políticas, sexuais, estéticas e intelectuais” (Esteban, 2013, p. 58).

As percepções de beleza atribuídas aos corpos são estruturadas pela narrativa da ideologia de um padrão dominante encorajado por estéticas inacessíveis e constantemente alteráveis, o que alimenta um eterno descontentamento nas pessoas que delas são alvos (Wolf, 2020). Ao mesmo tempo, quem apresenta resistência à remodelação corporal (para um enquadramento aos padrões), se vê diretamente afetado/a por percepções públicas que – sustentadas em preceitos morais e meritocráticos –, o/a rotulam como alguém que não se esforça, acomodado/a, até mesmo associando-o/a a patologias como a predisposição a diabetes e hipertensão.

Isso ocorre porque a imposição de certa visão de mundo (como a visão legítima) compreende lutas simbólicas, e é nessa encruzilhada de ideias-forças que os corpos e seus signos tornam-se um campo de batalha que constitui o *jogo político* (Champagne, 1998, p. 26). Na disputa política, homens e mulheres assumem pontos de partida distintos, e são elas que saem perdendo porque foram historicamente subjugadas pela estrutura de dominação masculina.

A elas foram reservados, nas sociedades ocidentais, domínios que não possuem o mesmo status social que o masculino, em função da divisão sexual do trabalho¹⁹⁸ (Menéndez, 2013; Federici, 2019), e o jogo desigual se acentua ainda mais com a manutenção de estereótipos que são socialmente naturalizados, que determinam comportamentos e expectativas de acordo com o gênero em que se reconhecem.¹⁹⁹ Essa ordem simbólica dos papéis de gênero baseia-se, portanto, na naturalização da estrutura androcêntrica, em que o masculino é o universal. Como afirma Bourdieu:

[A ordem simbólica do mundo] Supõe um acordo quase perfeito entre as estruturas objetivas do mundo, daquilo que é percebido, e as estruturas cognitivas pelas quais o percebemos. E é desse acordo imediato, sem discordância, sem dissonância, sem desacordo, que nasce a experiência do “é assim”, do “isso é óbvio”, do “não pode ser diferente”. (Bourdieu, 2014, p. 123).

A manutenção dessa ordem de naturalização dos papéis sociais é o que perpetua os estereótipos de gênero,²⁰⁰ que nada mais são do que um conjunto de características culturais que orientam comportamentos de masculinidade e feminilidade. Essa elaboração reflete preconceitos compartilhados entre os membros de um grupo ou de uma mesma identidade, como se vê nas representações disponíveis nas mídias hegemônicas, veiculadas em jornais, revistas ou em programas televisivos, em que as mulheres são constantemente associadas a padrões imagéticos e de trato social engessados.

Características como a passividade, a obediência, a atitude maternal, a amabilidade, a discrição, a ausência de iniciativa ou o medo. Os principais papéis que adotam as [representações de] mulheres, por consequência, são o de **dona de casa eficiente, mãe amável e perfeita companheira** do homem provedor. O terceiro grupo de qualidades tem a ver com o corpo: mulheres **eternamente jovens e muito atrativas**. Por sua vez, o estereótipo masculino se constrói como a antítese do feminino. (Menéndez, 2013, p. 257; *grifos meus*).

Assim, ao incorporar a categoria “mulher” ao debate, entendo que existe um acordo tácito, ou seja, uma representação legitimada sobre o que é *ser mulher* (Cyfer, 2015; hooks, 2019) e sobre o que representa *ser mulher*. As expectativas que nos vem ao imaginário sobre o que se entende

¹⁹⁸ A distribuição desigual dos trabalhos no âmbito doméstico, com a responsabilização das mulheres, afeta negativamente suas trajetórias nos mais diversos níveis, como o educacional, o profissional e o da participação política. Assim, elas padecem de uma situação de maior vulnerabilidade econômica pela não-remuneração do trabalho doméstico e do cuidado que recai em seus ombros. Além do mais, no mercado de trabalho, estão mais expostas à subocupação, desemprego e atividades mais precárias e com maiores percentuais de informalidade (Federici; Gago; Cavallero, 2021).

¹⁹⁹ Existem diferenças significativas nas representações sociais e imagéticas de mulheres ocidentais e não-ocidentais em função do sistema cultural no qual estão inseridas. Dado o escopo desta pesquisa, trataremos exclusivamente do caso de mulheres ocidentais.

²⁰⁰ “As culturas não têm um modelo único de gênero ou um sistema único de gênero, mas uma multiplicidade de discursos sobre o gênero que podem variar tanto contextualmente como biograficamente” (Moore, 2000, p. 12).

como mulher variam segundo o contexto histórico, racial, religioso e geográfico no qual se está inserido/a. Falar sobre “mulher” desde uma perspectiva crítica supõe entendê-la como uma categoria heterogênea, interseccionada por diversos marcadores sociais e abarcando uma diversidade de reivindicações, experiências e formas de opressões vividas.²⁰¹

Atribui-se a esse indivíduo uma variedade específica de comportamentos e atuações na esfera da ação social: “Em momentos diferentes a maioria dos indivíduos serão levados a representar uma variedade dessas posições e terão que construir a si mesmos e suas práticas sociais em termos de um conjunto concorrente de discursos sobre o que é ser uma mulher ou um homem” (Moore, 2000, p. 25). Portanto, as representações de sexo/gênero conferem não apenas possibilidades, mas também limites ao indivíduo que está sendo nomeado, pois as categorias estão diretamente associadas a formas de representação, auto-representação e a práticas cotidianas tanto individuais como coletivas.

Conforme destacou Lipovetsky (2007), essa diferenciação social está inscrita em uma codificação social em que os homens são associados a valores competitivos, ao técnico-científico e a um ideal viril de luta pelo domínio, ao passo que as mulheres estariam mais orientadas ao psicológico, ao íntimo, ao estético e a preocupações do âmbito doméstico. Essas representações de feminilidade não são realizadas unicamente pelos homens, também podendo ser mobilizadas e reproduzidas pelas próprias mulheres – mesmo quando contribuem para reforçar uma eventual posição de subordinação, ao transmitirem uma identidade específica de sexo/gênero²⁰² que reitera narrativas familistas.

Não podemos ser plenamente sabedoras nem dos determinantes inconscientes nem dos determinantes sociais da identidade de gênero, mas podemos estar certas de que ela não é simplesmente uma identidade passiva adquirida pela socialização. **Identities de todo tipo são claramente forjadas pelo envolvimento prático em vidas vividas, e como tais têm dimensões individuais e coletivas.** (Moore, *op. cit.*, p. 8; *grifos meus*).

Quando reforçadas por discursos essencialistas – de visões de mundo características de determinados grupos –, as identidades de gênero produzem uma forte estabilização política ao preço de subestimarem as especificidades do grupo social representado (Brah; Phoenix, 2004). Operação que é especialmente questionada por movimentos feministas negros, decoloniais e interseccionais sob a justificativa de invisibilizar, particularmente no processo de formulação de políticas públicas, pautas como a questão racial, de classe e outras demandas específicas. Assim, a

²⁰¹ Também parto de que ser ‘mulher’ não se limita apenas àquelas que se inserem na chave da cisheteronormatividade, compreendendo também as mulheres trans e demais dissidências.

²⁰² Segundo Henrietta Moore (2020), as identidades de gênero eram apreendidas pela teoria antropológica como resultado da exposição e aceitação de categorias culturais e, antes mesmo, como resultado de categorias biológicas. No entanto, com o pós-estruturalismo, deu-se uma alteração nessas percepções, quando as práticas discursivas e os sujeitos (e suas subjetividades) passaram a ocupar o centro do debate.

essencialização apresenta a identidade, sustentada em representações normativas, como uma totalidade cujas demandas são homogeneizantes, reduzindo as possibilidades de contestação, além de impossibilitar diálogos potencialmente transformadores na medida em que restringe as diferenças entre os indivíduos. Isso ocorre porque se minimizam as oportunidades de debater e questionar as desigualdades que regem as posições sociais.

Para a teoria sociológica bourdieusiana, esses questionamentos valem não apenas para o conceito de ser mulher, mas também a outras categorias, posto que a organização do mundo social se dá por meio de determinados esquemas de diferenciação, com a atribuição de sentido às experiências vividas, orientadas pelas dinâmicas das interações sociais. Logo, o mundo social “interessa a todos na medida em que cada um tem interesse que venha a impor-se uma visão de mundo conforme seus interesses” (Daccache, 2017, p. 274). Este “ser-no-mundo” deriva de esquemas classificatórios de percepção e ação, cujas experiências precisam passar, necessariamente, por um processo de significação. Assim, ao acessar espaços restritos simbolicamente, tal como o campo político, o corpo feminino se sujeita a investimentos em sua (re)modelação visando a sua adaptação aos jogos sociais. Em suma, as transformações morfológicas, estéticas e gestuais podem ter como finalidade a criação de condições de produção de credenciais e trunfos para o ingresso e permanência em posições privilegiadas em campos sociais que lhe eram anteriormente restritos.

O corpo como campo de batalha, moldável de acordo com as necessidades culturais, sociais e políticas, reflete a sua concepção como “um produto social desde as dimensões de sua conformação visível, derivada de condições sociais, até as formas de se portar e se comportar, expressando toda a relação com o mundo social” (Medeiros, 2017, p. 132). Como cristalização e expressão da conformação do *habitus*, ou seja, das disposições introjetadas desde a infância nos indivíduos, com a homologação das estruturas gerais do espaço social e do grupo no qual se reconhece e se é reconhecido/a.

O *habitus* funciona como um sistema generativo, uma noção que auxilia a apreender certa homogeneidade nas disposições, nos gostos e preferências de grupos e/ou indivíduos – produtos de uma mesma trajetória social. Implica diretamente na definição dos hábitos, estilos de vida, *êthos* de classe, postura corporal e na inclinação de se comportar de determinada maneira, podendo ser definido como “sistemas de disposições duráveis, estruturas estruturadas predispostas a funcionar como estruturas estruturantes, isto é, como princípio gerador e estruturador das práticas e das representações que podem ser objetivamente ‘reguladas’ e ‘regulares’” (Bourdieu, 2003, p. 53-4). Refere-se, assim, a uma espécie de disposição memorizada corporalmente por meio da *hexis*

*corporal*²⁰³ e da incorporação de regras sociais, de gênero, econômicas e políticas (Connell; Mears, 2018).

Medeiros (2017) assinala o fato de que, para Bourdieu, “a somatização progressiva das relações fundamentais que são constitutivas da ordem social inscreve-se na *hexis corporal*, ou seja nas posturas, disposições e relações do corpo interiorizadas pelo indivíduo, induzindo sua maneira de agir, sentir e pensar” (*Ibid.*, p. 134). O corpo conformado pelo *habitus* está sujeito tanto à natureza quanto à cultura, e pode ser mobilizado como um *locus* privilegiado de análise por estar submetido a regras e dinâmicas do espaço social.

Moreno Pestaña (2016) alerta para o fato de que a capitalização do corpo não ocorre por si só, pois para isso é preciso que o corpo encarne “valores sociais que o transcendam: podem ser sociais (origem de classe, por exemplo) ou morais (testemunho de responsabilidade) ou ambos ao mesmo tempo” (*Ibid.*, p. 15). Partindo desses pressupostos teóricos, examinarei a seguir em que medida o corpo, a *hexis corporal* – expressão constitutiva do *habitus* –, pode ser forjado como atributo de acesso ao campo político. Com isso em vista, recorro ao dispositivo corporal para compreender o conceito de CE desenhado por Catherine Hakim em 2012 [2010] no livro *Capital erótico: pessoas atraentes são mais bem sucedidas*, no qual a autora propõe a valorização dos atributos estéticos como um trunfo a ser mobilizado tanto na vida privada quanto no mercado de trabalho.

4.1 Conceitualização do capital erótico

Quando apropriado por indivíduos ou grupos, o capital assume um papel vital na manutenção dos meios de subsistência. Trata-se de algo que está situado em um campo social específico, onde a apropriação dos lucros e o poder de impor as leis de funcionamento são mais favoráveis à sua reprodução (Kukkonen, 2022). Tanto Bourdieu quanto Marx destacam o papel central que o capital desempenha na reprodução e perpetuação das desigualdades sociais, ainda que cada um parta de uma interpretação particular do conceito de capital.

Para Marx, o capital deve ser apreendido como um fenômeno econômico, relacionado ao modo de produção capitalista e ao processo de acumulação de riqueza. A abordagem de Bourdieu, por outro lado, vai além do econômico, vislumbrando uma noção capaz de incorporar elementos culturais, educacionais e simbólicos. Assim, o sociólogo francês destaca a importância de uma modalidade de reprodução social que se dá por meio da transmissão de diferentes formas

²⁰³ *Hexis* é uma espécie de performatividade das agentes, perceptível, por exemplo, na forma como jogam o cabelo, como se sentam, como se portam etc.

de capital e que contribui para a manutenção das hierarquias e das desigualdades sociais, com uma ênfase especial na dimensão temporal das práticas culturais e simbólicas.

Em uma crítica contundente a Bourdieu, Hakim (2012) propõe o uso de um novo tipo de capital, o erótico, pelo qual as mulheres seriam incentivadas a investir, acumular e explorar o “*honey money*”²⁰⁴ com o fim de remediar a desigualdade de gênero” (Kukkonen, 2022, p. 28). O CE é, segundo a definição da autora, uma noção que pressupõe um conjunto de fatores relacionados à estética corporal e ao trato social e que, quando usado corretamente, pode servir de recurso para acessar as melhores posições no campo social.

[Capital erótico] É o quarto atributo pessoal, juntamente com o capital econômico (a voz do dinheiro), capital humano (o que conhecemos) e o capital social (quem conhecemos). Ao contrário dos outros, ele começa no berço, de forma que tem um profundo, ainda que menos visível, impacto em todos os estágios da vida. Também é o atributo pessoal mais complexo, com diversas facetas. (Hakim, *op. cit.*, p. 224).

Esse é um tipo de capital composto, portanto, pela anatomia corpórea – rosto bonito, boa forma física, corpo sensual; por charme e boa apresentação; pela habilidade de se vestir apropriadamente (roupas, sapatos, bolsas, adereços, penteado) nas mais diversas ocasiões, como cerimônias religiosas, congressos acadêmicos, encontros informais e formais, eventos corporativos, celebrações culturais, solenidades etc.; boas relações sociais, “habilidades” sexuais em contextos privados e, em alguns casos, também a fertilidade. A tese da autora é que pessoas mais atrativas, no sentido amplo do termo, têm uma maior facilidade para conseguir suporte, colaboração, votos e clientela e, por consequência, maior sucesso na carreira profissional.

Quadro 6- Composição do capital erótico²⁰⁵

Componente	Descrição
Apresentação social	Relacionada ao <i>êthos</i> de classe e à forma de se portar publicamente de determinada pessoa – dominar ou não os contextos e as distintas formas de se apresentar.
Atratividade sexual	Refere-se, via de regra, ao corpo e à sedução que “nasce da aurea que desprende do corpo em movimento” (Moreno Pestaña, 2016, p. 66). A desejabilidade e os comportamentos sedutores podem ser, eventualmente, adquiridos por meio de técnicas e experiências.
Atratividade social	Inclui charme, simpatia, habilidades sociais de interação (e um consequente domínio de regras sociais) e a capacidade de deixar as pessoas à vontade e/ou despertar o desejo sexual.
Beleza física	Possui dimensão objetiva e observável em indivíduos pela fisionomia do rosto e a fotogenia. Exemplo: olhos grandes, rostos simétricos e/ou harmonizados, podendo variar socialmente como a valorização de mais ou menos massa corporal – o que não exclui uma forma de consenso sobre os padrões de beleza tanto de homens, quanto de mulheres, em determinado espaço social. Em geral, esse componente pode ser

²⁰⁴ *Honey Money* é o título de um livro de Hakim (2011) que faz referência à expressão “*no money, no honey*”, usada por prostitutas na cidade de Jacarta, na Indonésia (C.f.: Stivens, 1992).

²⁰⁵ Quadro de elaboração própria com base em Hakim (2012) e Moreno Pestaña (2016).

Quadro 6- Composição do capital erótico²⁰⁵

	(re)produzido por meio de investimentos econômicos e de tempo em seu cuidado.
Vitalidade	Junção de bom condicionamento físico e dinamismo. Pode ser adquirido ou mantido com a prática esportiva e de atividades físicas, consumo de dieta balanceada e investimento financeiro para o acompanhamento de profissionais sanitários (nutrólogos e nutricionistas) e <i>personal trainer</i> .
Sexualidade	Expressa em relacionamentos íntimos, individuais, enquanto os fatores anteriores são expressos em todos os contextos sociais.
Fertilidade	Aplica-se apenas a alguns contextos específicos e costuma ser uma preocupação direcionada mais às mulheres.

Fonte: Autoria própria (2023).

Em uma sociedade em que o culto da beleza e do corpo condiciona e determina não apenas o “sucesso” ou a progressão na carreira, mas também as relações sociais e afetivas, a “boa presença”, simpatia e atratividade social podem de fato facilitar a vida de uns/umas, abrindo portas e melhorando a aceitação em diversos ambientes (Castillo, 2002). Mas, ao mesmo tempo, pode excluir ainda mais quem já se encontra em posição de subalternização, como a população racializada, LGBTQIA+, pobre etc. Isso porque, ao contrário do que supõe Hakim (2012), o acesso ao capital econômico impacta diretamente na capacidade de investir no aprimoramento de técnicas corporais para adaptação às exigências sociais (isto é, na obtenção de CE). Além disso, a estratégia de capitalizar o corpo²⁰⁶ só é eficaz se não se limitar unicamente a critérios de gosto estético ou de diferenciação de classe. Ela também tem de encarnar valores sociais e/ou morais que o transcendam (Moreno Pestaña, 2016), pois os corpos não possuem os mesmos valores sociais.

No nível acadêmico, o debate se concentra nas possibilidades e limitações da criação de um novo conceito. Por considerar um recurso em potencial para o contorno das desigualdades de poder enfrentadas pelas mulheres, Hakim é dura em suas críticas e não hesita em repreender economistas e sociólogos por “ignorarem” o potencial dessa outra interface da atratividade. Segundo ela, a posição adotada por esses campos teóricos reforçaria a posição de dominação masculina ao depreciar a importância social do referido capital. Portanto, o CE atravessaria as fronteiras da sexualidade, podendo ser “tão valioso quanto dinheiro, educação e bons contatos, apesar de ser negligenciado por Bourdieu e por outros cientistas sociais” (*Ibid.*, p. 26).

Também é preciso ter em vista as críticas que são realizadas por Hakim, pois a proposição de uma nova categoria de capital não é, nem de longe, uma novidade nas ciências humanas. Há uma variedade de noções, exploradas por diferentes autores/as, que procuram dar conta do

²⁰⁶ Ao trabalhar com a *béxís corporal*, Bourdieu (2006) inicialmente concentrou suas pesquisas na análise dos corpos dos camponeses do Béarn na década de 1960. Posteriormente, avançou para uma compreensão do valor social, cultural e econômico inscrito nos corpos, referenciando, por meio de conceitos como *habitus*, *béxís*, *doxa* e *práxis*, as circunstâncias sociais, econômicas e culturais neles codificadas.

estético e do corporal como recursos que conferem vantagens em determinado campo: capital corporal (Connell; Mears, 2018; Mauger, 2006; Wacquant, 1995²⁰⁷; Wolf, 2018), capital emocional²⁰⁸ (Illouz, 2007; Reay, 2004; Gendron, 2017), capital estético (Anderson *et al.*, 2010; Balogun, 2020), capital feminino (Mears, 2015a, 2015b), capital físico (Shilling, 1991, 2004), capital de gênero (Bridges, 2009; Huppertz 2009), capital sexual²⁰⁹ (Kaplan; Illouz, 2022; Illouz; Kaplan, 2020; Green, 2008, 2013). Eva Illouz (2012), por exemplo, emprega terminologias como capital “erótico” e “emocional”.²¹⁰

Além da questão do corpo, **o que as ciências sociais ganham e perdem ao multiplicar os epítetos ligados à noção de capital?** Devemos incentivar a variante acadêmica do concurso Lépine,²¹¹ que consiste em introduzir novas espécies de capital em livros e revistas científicas a cada semestre? [...] Muitos inventores do capital dificilmente se preocupam em propor instrumentos precisos – como indicadores estatísticos – para medi-lo. Quando o zelo de inaugurar é mais forte do que a preocupação de argumentar, é a preocupação com a objetivação rigorosa que os desampara. (Neveu, 2013, p. 352; *grifos meus*).

Ademais, embora o conceito de Hakim pareça ter se originado da teoria de Bourdieu, é preciso destacar que a noção da autora foi significativamente influenciada pela teoria econômica, como se nota no vocabulário empregado. O capital é percebido em suas produções como algo “inato”, baseado no mérito pessoal, e não como uma propriedade social, como se a troca/conversão de capitais ocorresse em mercados irrestritos e por princípios universalmente aplicáveis de oferta e demanda (Bourdieu, 2017, p. 95). Segundo Moreno Pestaña (2016), um dos problemas de Hakim é que ela “esquece as lições sociológicas do *habitus*, o que pesa para quem pretende aprimorar o modelo de Bourdieu” (*Ibid.*, p. 84).

Na medida em que reconhece sua tese como um aporte totalmente inovador, a autora não traça diálogos críticos e abre mão de debates com seus pares, pois pretende reforçar seu argumento de que as ciências humanas teriam deliberadamente negligenciado o conceito de *capital erótico* com o intuito de enfraquecer o poder feminino. Assim, sua posição revela um notável nível

²⁰⁷ Em sua análise dos boxeadores, Wacquant (1995) argumenta que o *capital corporal* poderia ser apropriado, possuído e controlado.

²⁰⁸ Apesar de abordar a noção de *capital emocional*, Eva Illouz (2007) nos convida a pensar nele como uma forma recomposta de capital cultural. Segundo Neveu (2013), ela enfatiza que a gestão emocional está associada à estruturação e aos efeitos de um *habitus* moderno – presente de forma desigual segundo a trajetória social. Reay (2004) também mobiliza o conceito para abordar as maneiras pelas quais as mães da classe trabalhadora investem em seus/suas filhos/as.

²⁰⁹ Illouz e Kaplan (2020) concebem o *capital sexual* como a soma dos estados afetivos relacionados ao sexo e individualmente acumulados, especialmente aqueles relacionados a audácia, autorrealização, autoestima e criatividade. Nesse sentido, para as autoras o capital sexual se converte em uma estratégia das classes baixas para fazer frente às inseguranças do capitalismo neoliberal.

²¹⁰ Moreno Pestaña (2016, p. 31) é categórico em sua crítica a Eva Illouz no livro *Por qué duele el amor* (2012), mostrando como ela acompanha Hakim ao desvincular o capital erótico dos demais tipos de capital.

²¹¹ Tradicional concurso de invenções criado em 1901 por Louis Lépine em Paris. C.f.: *Concours Lépine*. Disponível: <https://www.concours-lepine.com/>, consulta: 12/12/2023.

de desdém em relação à produção acadêmica interessada nas conexão entre corpo, atratividade, economia e ciências sociais, todo um universo que se desdobrou em diversos debates e escolas teóricas, incluindo os estudos *queer* (C.f. Butler, 2011; 2006), a teoria crítica feminista (C.f. Young, 2005), a antropologia do corpo (C.f. Le Breton, 2006), entre outras (Neveu, 2013).

Essa especificidade da posição de Hakim também se revela na receptividade e circulação do livro *Capital Erótico* (2012) em nichos corporativos e empresariais, caso da edição brasileira de 2012, publicada pelo Grupo Editorial Record com o selo *Best Business*,²¹² voltado a gestores/as e com uma clara ênfase em títulos de auto-ajuda. Os textos de Hakim costumam ser publicados em editoras voltadas ao grande público, como o meio corporativo, o que interpreto como uma espécie de álibi para evitar a revisão por pares e as exigências de rigor teórico-metodológico, característicos do campo acadêmico. Por esse motivo, são escassos os trabalhos que a utilizam como referência teórica, sendo seu principal crítico e interlocutor José Luis Moreno Pestaña (2010; 2015; 2016; 2020).

Nesse ponto, é de suma relevância destacar que “a teoria de Hakim se baseia no modelo econômico normativo da família nuclear fordista e do casal capitalista clássico que reforça a divisão sexual do trabalho entre trabalho reprodutivo e produtivo” (Valdés, 2019, p. 102). Não à toa, costuma receber boa recepção em revistas e jornais em sessões direcionadas a alvos preferencialmente femininos: “Os elogios da comunidade acadêmica são mais raros, e aqueles que são suficientemente positivos para serem destacados vêm, em sua maioria, de acadêmicos de fora dos campos da sociologia e dos estudos de gênero, geralmente especialistas em administração” (Neveu, 2013, p. 346). Apesar das críticas a ela direcionadas, as discussões que partem de Hakim são frutíferas para a instrumentalização teórica e empírica de habilidades/recursos na objetivação (e superação) da posição das agentes no campo social.

4.1.1 Atratividade: um recurso possível?

Um dos ativos do CE relaciona-se ao seu papel como recurso capaz de ser mobilizado no processo de ascensão social. Assim, como um recurso que tem relação com o sistema de classes sem ser completamente estabelecido por ele, uma vez que a identidade social seria definida e reafirmada nas diferenças.

Embora não seja exclusivo das mulheres, o capital erótico é um recurso que é estatisticamente mais benéfico para elas. Portanto, elas devem tirar proveito dele sem vergonha ou hipocrisia. Reconhecer esse capital erótico e desestigmatizá-lo seria um gesto performativo em direção a relações mais equilibradas entre homens e mulheres. (Neveu, *op. cit.*, p. 342).

²¹² C.f. Selo *Best Business*: <https://www.record.com.br/editoras/best-business>, consulta: 31/05/2021.

Como descrito anteriormente, na leitura de Hakim, o CE se refere a um bem pessoal que pode ser usado para progredir socialmente juntamente com o capital econômico, cultural e social. Seu poder reside na mobilização tanto do apelo sexual como da atratividade para obter vantagens em vários domínios da vida: “É uma combinação de atratividade física e social. Os dois, normalmente, caminham juntos, apoiam-se mutuamente” (Hakim, 2012, p. 223). Conforme o *Quadro I*, o CE inclui uma série de componentes e habilidades que podem ser apreendidas e desenvolvidas já na infância e na adolescência – cada componente podendo adquirir peso distintivo a depender das estruturas sociais.

Vale destacar também que não se trata de um constructo permanente e imutável, uma vez que os modelos de beleza e sensualidade (tidos como legítimos) variam conforme as mudanças socioculturais da história ocidental. Portanto, ao analisar os/as agentes, deve-se ter em vista os contextos particulares para compreender se há ou não uma compatibilidade dos padrões de beleza em exercício no momento em questão.

Hakim (2012) argumenta que, atualmente, o parâmetro estético tem um maior peso do que outrora: se, antes do advento da internet, a imagem pública era muito mais escassa, hoje, há uma superexposição imagética nas redes sociais e nos meios de comunicação. Quanto a isso, Tiggemann (2012) aponta para uma relação intrínseca entre globalização e a padronização da beleza, pois existe “um consenso crescente de que a idealização da magreza e a insatisfação corporal se tornaram fenômenos transnacionais, geralmente atribuído à globalização da mídia ocidental” (*Ibid.*, p. 761). Assim, as formas anteriores de representação em fotografia, quadros, descrições em textos, eram selecionadas com maior zelo e não circulavam com tanta rapidez como nos tempos globalizados – por isso, dada a ausência de uma superexposição pública, não se impunha antes um estado permanente de alerta. Não que anteriormente não houvesse preocupações com a apresentação de si ou cuidado com a autoimagem; trata-se simplesmente do fato de que, antes das facilidades trazidas pela internet, era mais fácil possuir certo controle sobre as representações.²¹³

Ao contrário do que poderia ficar sugerido, o CE não é sinônimo de beleza física (aparência, biótipos físicos e morfológicos) e nem deve ser reduzido a ela – ainda que essa seja um dos seus elementos integrantes, uma vez que o CE une-se a diferentes características da personalidade que conformam a atratividade social, como a extroversão e simpatia –, uma vez

²¹³ Na década de 1950 surgiu a profissão dos/as *paparazzi*, dedicados/as a fotografar celebridades (atores/atrizes, cantores/as, políticos/as etc.) de forma inesperada, em situações vexatórias, comprometedoras e indiscretas, registros (imagens não autorizadas) a serem posteriormente vendidas a jornais e revistas. Nesse caso, ainda que não houvesse a *internet*, havia uma grande circulação imagética sem nenhum ou com um baixo controle do/a fotografado/a (representado/a) e, em razão da dificuldade de obtenção dessas imagens exclusivas, elas adquiriam um alto valor ou um valor de raridade (Bourdieu, 1979), o que levou a uma popularização da profissão.

que essa atratividade pode variar segundo os estereótipos culturais. Já a atratividade sexual é percebida como algo cinematográfico que requer o corpo em movimento (Moreno Pestaña; Callejo, 2016). “O incentivo para que as mulheres façam uso de seu capital erótico não pode, portanto, ser trivialmente reduzido à promiscuidade sexual” (Neveu, 2013, p. 342), pois insere-se em interações cotidianas, sociais, que não envolvem necessariamente trocas sexuais. Outros elementos agregados a esse capital seriam as maneiras de se apresentar, índice de divisões de status social, classe, raça e sexo dos agentes, como: marcas de roupa (de luxo, alta costura, de grife de estilistas consagrados/as ou as *fast fashion*); formas de se portar e gesticular; dominação ou não de situações (saber conversar e dominar diferentes públicos) e dinamismo social.

Segundo Hakim (2012), se não fosse tabu, o CE poderia ser desenvolvido logo cedo, durante a infância, como uma espécie de exercício e investimento familiar. Para ela, valeria a pena incentivar o aprimoramento do CE, pois seriam perceptíveis os benefícios conquistados em razão da atratividade física e social. Ou seja, possuir um elevado CE é visto como um trunfo de acesso e permanência nos mais variados campos sociais, e é por meio desse capital que o corpo se converte no centro das interações profissionais (Moreno Pestaña; Callejo, *op. cit.*).

O capital erótico normalmente fornece uma pequena vantagem para os trabalhadores que buscam empregos, promoções ou aumentos de salário. [...] Os retornos de longo prazo para a atratividade são muito mais altos do que os ganhos de curto prazo, nos quais a recompensa pode ser a obtenção de um emprego específico e as oportunidades que isso representa. (*Ibid.*, p. 222).

A depender em certa medida do aspecto biológico, o CE também pode ser adquirido com outros tipos de capitais como, por exemplo, o capital econômico. A posse de recursos financeiros torna possível o investimento em práticas de consumo de bens estéticos e luxos de beleza (Lipovetsky; Serroy, 2015), na realização de cirurgias plásticas, harmonizações, *botox*, consultas e acompanhamento com *personal trainer*, dietas acompanhadas por profissionais da nutrição, alimentação equilibrada e saudável (Bourdieu, 2017, p. 185), entre outros. Porém, como Hakim (2012) alerta, o CE também desafia as hierarquias sociais na medida em que pode ser identificado, em certos casos, em pessoas de classes mais desfavorecidas economicamente.

A conversão, portanto, consome muito tempo, mesmo que grande parte do trabalho de aparência dos consumidores possa ser terceirizado, como quando um consumidor vai ao dentista, ao cosmetologista ou ao cabeleireiro. **A conversão do capital cultural em capital estético ocorre por meio do gosto. Como fazer as práticas de consumo ‘corretamente’ requer capital cultural (Bourdieu, 1984), o acúmulo e a exibição bem-sucedidos do capital estético dependem fortemente do capital cultural [...].** (Kukkonen, 2022, p. 32; *grifos meus*).

Como a passagem acima deixa ver, a aquisição de CE é intermediada pelo capital cultural,

pois é ele (capital cultural) que determina ou não a percepção dos/as agentes sobre a adequação ao ambiente social e ao traquejo requerido. Para Hakim (2012), a utilização estratégica de CE como uma ferramenta para alçar posições mais altas de prestígio social ou econômico poderia funcionar como um projeto emancipatório das mulheres, ao mobilizar determinadas especificidades e atributos físicos (que valeriam como dinheiro) na promoção profissional e no alcance de melhores salários no mercado de trabalho.

Nessa mesma direção, Audre Lorde (2020) destaca que “reconhecer o poder do erótico [...] pode nos dar a energia necessária para lutarmos por mudanças genuínas em nosso mundo, em vez de apenas nos conformamos com trocas de personagens no mesmo drama batido” (*Ibid.*, p. 74). Tal proposição não pondera, contudo, que nem todos/as interessados/as em desenvolver ou aprimorar esse tipo de capital possuem oportunidades iguais para acumular e explorar o CE (Kukkonen, 2022).

Isso posto, apesar dos benefícios aparentes e de não se limitar às aparências corporais, esse recurso pode afetar os indivíduos tanto de forma material como psicologicamente, como se pode ver no caso do desenvolvimento de transtornos alimentares, seja como um reflexo de problemas sócio-estruturais (como a pobreza) ou como uma forma de lidar com traumas psíquicos causados por abuso sexual, racismo, classismo etc. (Tiggemann, 2012; Thompson, 1992; Moreno Pestaña, 2016). É importante destacar também que as desigualdades presentes nas condições de produção e manutenção da estética e da atratividade física e social beneficiam grupos específicos de mulheres, sem contar as formas pelas quais classe, raça e localização geográfica se cruzam na conformação do CE (Laurin, 2019). Me parece, em outras palavras, que esse suposto projeto emancipatório é uma via de mão dupla, pois, ao mesmo tempo em que pode servir a pessoas desfavorecidas economicamente, inclusive como recurso para a ascensão a melhores postos de trabalho, também reproduz discriminações ao não considerar os marcadores sociais como obstáculos para o condicionamento e aprimoramento do CE em determinados grupos subalternizados.

Outro ponto que merece atenção é que, além da variação das condições de produção do CE, há também variantes na conversão do capital em outros capitais (como econômico, simbólico), uma vez que as ‘leis’ de conversão dependem das normas e consensos sobre a beleza física, hierarquias sociais e culturais que diferem entre um campo e outro (Kukkonen, 2022; Moreno Pestaña, 2015, p. 177). Há, assim, maior ou menor receptividade à cultura incorporada pelos indivíduos e uma impossibilidade de encontrar leis universais de conversão. Apesar disso, no ocidente, costumam ser apreciadas como qualidades das mulheres os atributos e práticas de

feminilidade, cisheteronormatividade, magreza, branquitude e juventude²¹⁴ (Moreno Pestaña, 2016; Bourdieu, 2017).

4.1.2 Exploração, mutilação e sofrimento

Na contramão das benesses apontadas por Hakim (2012), Moreno Pestaña (2016) é enfático ao mostrar como o investimento no CE pode ser caro demais à saúde daqueles/as que buscam sua instrumentalização para obter um retorno de longo prazo no mercado de trabalho – com a reconversão desses atributos em capital econômico/social:²¹⁵ “As estratégias de reconversão são apenas um aspecto das ações e reações permanentes pelas quais cada grupo se esforça por manter ou modificar sua posição na estrutura social” (Bourdieu, 2017, p. 151). Em certos casos, o CE não é nem mesmo um trampolim, ele se impõe como obrigatório para a manutenção de determinadas profissões (e posições no campo social), vide a existência de pré-requisitos corpóreos em áreas como o comércio, relações públicas, no campo artístico e político, que poucas ou raras vezes são verbalizados, mas que estão lá.²¹⁶

Quando o próprio corpo não está de acordo com os modelos vigentes na sociedade, os avanços da ciência são colocados a seu serviço, a serviço do corpo perfeito, feito sob medida. Trata-se de corrigir a obra da natureza, de superar os estragos causados pela passagem do tempo, de **substituir o corpo recebido por um corpo construído** (Castillo, 2002, p. 189; *grifos meus*).

As imposições mercadológicas do CE produzem discriminação corporal, podendo implicar em práticas de remodelação morfológica²¹⁷ – como no caso de vendedoras de lojas de roupas, jornalistas, atrizes, garçonetes, promotoras de eventos etc., como se pode observar no quadro abaixo.

²¹⁴ Bourdieu (2017) mostra como, nas frações femininas da burguesia, existe uma imposição de que não se pode envelhecer e, por isso, essas mulheres estariam “dispostas a sacrificar muito tempo e esforços para terem acesso ao sentimento de serem conformes às normas sociais da apresentação de si que é a condição do esquecimento de si e de seu corpo para o outro” (*Ibid.*, p. 201).

²¹⁵ Com o objetivo de adquirir melhores salários, promoções, oportunidades, mais seguidores/as nas redes sociais etc.

²¹⁶ A motivação que orientou o autor a desenvolver a pesquisa que é o cerne do livro *La cara Oscura del Capital Erótico* (2016) foi o convite da Consejería de Salud da Junta de Andalucía para integrar uma comissão com profissionais da comunicação, da saúde e da moda, sobre transtornos alimentares. O autor lançou mão dessa abordagem com o objetivo de analisar os vínculos entre mercado de trabalho e transtornos alimentares. Para isso, realizou quase 50 entrevistas com trabalhadoras das mais diversas áreas profissionais, inseridas na estrutura neoliberal de precariedade das condições de trabalho, com o intuito de demonstrar as limitações e os perigos inscritos no investimento no capital erótico (C.f.: *Ibid.*, p. 359-70).

²¹⁷ A maioria dos/as trabalhadores/as se adaptam às exigências do mercado. A exceção está naqueles/as que resistem a qualquer tipo de mudança corpórea, já que são altos os custos impostos àqueles/as que se negam a aderir ao imperativo de padronização estilística e corporal.

Quadro 7- Capital erótico²¹⁸ e o mercado de trabalho

CE/ profissões	Carne	Correção estética	Identidade (poder de deferência e objetivos)
Garçonetes	Beleza como forma de acesso	Alto consumo estético	A deferência é confrontada com baixos salários e esgotamento físico.
Vendedoras	Pressão importante para exibição da numeração das roupas (<i>tallas</i>)	Alto consumo estético	Idem. Possibilidade de redefinir tecnicamente o trabalho: boa vendedora sem físico excepcional.
Professoras	Ambiguidade na valorização com críticas ao serem excessivamente atrativas	Correção estética de acordo com o status econômico	A beleza pode degradar a consideração profissional por suspeita de uso ilegítimo.
Jornalistas	Pressão com as inovações técnicas	Alto consumo estético	Contribui com os objetivos de certos postos de trabalho, já que incluem a beleza.
Relações públicas	Alta pressão estética generalizada	Correção e tendência à uniformização da roupa em função da clientela	Correção e morfologia são uma chave central do trabalho.
Artistas	Crescente pressão estética (bailarinas, cantoras, <i>Body Art</i>)	Incorreção estética	O trabalho com ou sobre o próprio corpo é uma chave de acesso profissional.
Design de moda	Irrelevante, ainda que permita conectar com os clientes	Correção estética	Mantém confiança profissional como continuidade do <i>habitus</i> .

Fonte: Reprodução de Moreno Pestaña (2016, p. 287).

Os principais casos analisados por Moreno Pestaña (2016) são de trabalhadoras do conglomerado de empresas têxteis espanholas da Indústria de Desenho Textil, S.A. Inditex²¹⁹, entre as quais algumas das redes mais valiosas de *fast fashion* do mundo.²²⁰ Dentro do guarda chuva da Inditex, as empresas mais conhecidas são Zara, Massimo Dutti, Pull & Bear, analisadas por Moreno Pestaña (2016) juntamente com a Lefties e H & M. Sua intenção está em ver como se aplica o uso do CE em determinadas práticas trabalhistas específicas como, por exemplo, o estímulo à distinção estética de vendedoras das marcas Chilli Beans, Zara, Mango e lojas de maquiagem em que as trabalhadoras precisam se adequar às exigências do trabalho.

Como afirmado anteriormente, os pré-requisitos para a ocupação de determinados cargos

²¹⁸ Capital erótico não é um termo que agrada ao autor e é por essa razão ele transita entre os termos capital estético e capital corporal como equivalente ao capital erótico.

²¹⁹ O maior acionista da Inditex é o empresário Amancio Ortega, 13º colocado na lista dos mais ricos do mundo, cuja fortuna, segundo a Forbes (2023), é estimada em 81,6 bilhões de dólares. C.f.: *FORBES: Amancio Ortega*. Disponível: <https://www.forbes.com/profile/amancio-ortega/?sh=260cc7e1116c>, consulta: 31/05/2023.

²²⁰ A precarização das condições de trabalho, incluindo o excessivo esforço físico, salários reduzidos, longas jornadas em pé, falta de espaço adequado para armazenamento de refeições e horários inconstantes, é um elemento central desse tipo de análise, e seus efeitos são observados corporalmente: “O trabalho físico em uma loja é imenso. Se a magreza é um componente do capital erótico, não é só produzido pelos cuidados estéticos, mas também pelo desgaste [no ambiente de trabalho]” (Moreno Pestaña, 2016, p. 209).

nem sempre são explicitados, mas obrigam, necessariamente, os/as funcionários/as a usar tipos específicos de vestimentas e adornos e a empregar formas específicas de se portar, formas de abordar os clientes, de se maquiar ou se expressar. Para Abubakar, Anasori e Lasisi (2019, p. 4), “a previsibilidade do incremento da atratividade física dos funcionários afeta os resultados dos serviços mais do que as qualidades de habilidade e exigência do cargo dos funcionários”, o que impacta, em um segundo momento, na forma como os/as trabalhadores/as empreenderão a gestão racional do próprio corpo.

Moreno Pestaña (2016) destaca a importância da identidade estética ou corporativa no recrutamento de funcionários/as visualmente agradáveis, além de influenciar na identificação dos/as consumidores/as ou do público-alvo. Logo, o corpo dos/as trabalhadores/as e seus perfis estéticos auxiliam na construção ou manutenção da reputação de estabelecimentos, como lojas, hotéis, marcas e produtos, determinando a compatibilidade dos/as clientes/as: “O poder de seleção das vendedoras depende de uma tentativa de filtrar um tipo de clientela com corpos marcados por características de classe social, de classe etária e de posição no ciclo de vida” (*Ibid.*, p. 170).

Nesse sentido, estabelecimentos e instituições que empregam pessoas que apresentam uma estética alinhada à imagem corporativa têm maior probabilidade de atrair clientes que se percebam como a personificação da identidade visual da organização. Portanto, a atratividade dos/as funcionários/as, com elevados índices de estética e fisicamente atraentes, pode ser uma forma de diferenciação frente à competitividade no mercado. A estratégia usada na hora de recrutar a mão-de-obra implica diretamente nos resultados da instituição, como aumentos de vendas, taxas de ocupação e maior reconhecimento frente ao mercado – como se pode ver, por exemplo, no efeito positivo do CE sobre a dinâmica hoteleira (Abubakar; Anasori; Lasisi, *op. cit.*).

Cotta e Farage (2021) examinam como o processo de se arrumar para o trabalho tem um peso diferente entre homens e mulheres. Para as trabalhadoras, esse processo é ainda mais desafiador já que elas “enfrentam todos os dias questões que parecem não ter solução: [...] o comprimento da saia deve ter a medida exata para evitar assédio, mas sem que pareçamos matronas conservadoras; o terninho precisa ser feminino, desde que não seja ‘feminino demais’” (*Ibid.*, p. 9). Portanto, há obstáculos incontornáveis para as mulheres se adequarem às normas do mercado de trabalho, particularmente, mas não exclusivamente, relacionados com o *dress code* e a ortodoxia corporal. Mas o que acontece quando algumas pessoas resistem às demandas específicas de remodelação corporal para adequação ao posto de trabalho? Quais são as qualidades requeridas pelos empregadores para os/as empregados/as nos mais diferentes ofícios?

Essas demandas não costumam ser abordadas de forma direta no processo de recrutamento empregatício, pois o conhecimento e domínio das dinâmicas da profissão costumam ser avaliados como parte da aptidão do/a profissional, como atributo condicionado por práticas não ditas dos jogos estéticos e que está localizado no nível simbólico. Assim, não existe uma norma ou regra que impeça a livre concorrência no mercado de mão-de-obra (Moreno Pestaña, 2016). Para Bourdieu, essas dinâmicas, intrinsecamente inscritas em relações de poder, evidenciam o conhecimento ou ausência dele sobre as regras do jogo – forjadas para a manutenção das desigualdades, não apenas em termos de classe, mas também no âmbito de outras categorizações sociais que afetam a acumulação de capital, incluindo, por exemplo, etnia e gênero.

Moreno Pestaña (2016) apresenta outros exemplos da relação corporal com o mercado de trabalho, como uma modista de alta costura, corpulenta, detentora de um amplo recurso cultural e que a todo momento faz contestações fortíssimas sobre a magreza. No campo da moda, é possível encontrar pessoas que podem portar uma cultura vestimentária de elite e que, ao mesmo tempo, não precisam realizar tantas modificações morfológicas (Bourdieu, 2017). Já em outros casos, como de uma professora universitária ou prestadora de serviços relacionados ao âmbito estético e cultural, haveria no espaço de trabalho uma excessiva qualificação estética, pois trata-se de pessoas que se veem obrigadas a serem “belas” e, ao mesmo tempo, têm de demonstrar competência intelectual. Ou seja, haveria também um estigma da beleza em determinados campos, como possível fonte de suspeitas sobre como se acessou o cargo, ou seja, com o reforço de discursos de que a posição ocupada não é legítima porque teria sido conquistada inadequadamente com os usos do CE (Moreno Pestaña, *op. cit.*, p. 357).

É possível concluir, assim, que determinadas profissões exigem qualificações específicas em relação à aparência física (dispositivo ou *hélix* corporal), certa desenvoltura no trato pessoal e na apresentação de si mesmo. Entre os eixos centrais do discurso cultural dominante, a magreza e a juventude são vistas como estruturantes (Moreno Pestaña; Callejo, 2016, p. 8), tanto que as pessoas acima do peso têm muitas vezes de se adaptar, em nome do ofício, a uma modulação corpórea legítima, aumentando o consumo estético para atender o mandato da ortodoxia corporal.

Destaco que, dentro da parcela daqueles/as que cumprem com os códigos de boas condutas do CE, há também uma hierarquização das posições ocupadas, pois existem traços mais ou menos apreciados dentro do próprio padrão legítimo. Ou seja, existem hierarquias de poder dentro tanto das classes dominantes como das dominadas, como é o caso, por exemplo, de mulheres consideradas bonitas que são mais apreciadas em determinados contextos sociais do

que outras e que são igualmente bonitas mas que são percebidas como menos simpáticas.

A solução estóica, encontrada por Moreno Pestaña (2020) para aqueles/as que resistem ou que enfrentam dificuldade de se adaptar corporalmente às imposições estéticas do CE, seria

[Preferir uma situação em que fugimos da ortodoxia corporal, em que renunciamos a seus benefícios, enquanto outros não o fazem. Não estamos sozinhos, simplesmente nos encontramos vivendo, como os estóicos, em duas cidades: uma que consideramos racional e justa, e a outra empiricamente hegemônica, com suas recompensas e seus estragos (*Ibid.*, p. 596).

Isso posto, ainda que muitos indivíduos tenham consciência de todos esses problemas inerentes à busca incessante pela excelência corporal, eles também temem serem julgados por seus aspectos físicos e serem excluídos de determinadas comunidades. Portanto, trata-se de uma encruzilhada difícil de se contornar por limitar as oportunidades – afetivas, no mercado matrimonial e profissionais –, em caso de relutância à participação nessas dinâmicas de poder.

4.1.2.1 Consequências no nível moral

“Ter um físico agradável tornou-se uma ‘obrigação’, pois implica prestígio, segurança e superioridade, embora às vezes isso seja conseguido à custa do sacrifício de outros valores mais humanizadores” (Castillo, 2002, p. 189). Apesar dos aparentes benefícios deste mandato estético/profissional, os custos de adaptação às exigências são, como vimos, enormes.

Entre as consequências do CE, vemos: *i.* excessivo controle do corpo, disforia corporal, desenvolvimento de transtornos alimentares e psíquicos como anorexia, bulimia e compulsão alimentar, realização de dietas alimentares pobres em vitaminas ou práticas de jejum em vigília constante ao corpo; *ii.* custos lesivos de reduzir, eliminar e/ou moldar parte do corpo (nariz, seios, boca, silhueta, arcada dentária, unhas, cílios, sobrancelhas, glúteos etc.) em nome de determinados trabalhos, como por exemplo, profissões com destaque midiático como cantoras, atrizes, jornalistas, *influencers* digitais; *iii.* exploração maquiavélica de recursos eróticos para a obtenção de determinados capitais; *iv.* extrapolação dos limites corpóreos com a submissão a diversas práticas estéticas e às novas tecnologias procedimentais (como bichectomia, nanopigmentação labial ou de sobrancelha e chip da beleza)); *v.* vislumbrar a magreza como sinônimo de belo (Moreno Pestaña; Callejo, 2016).

Os transtornos alimentares não ocorrem porque as pessoas têm problemas devido ao seu equipamento neurofisiológico (o que também podem ter): eles ocorrem porque as **estruturas sociais colocam as pessoas em apuros**. Porque as famílias – que em muitas ocasiões constituem entornos conflitantes, transmitem uma herança corporal biológica, mas também social (*Ibid.*, *op. cit.*, p. 360; *grifos meus*).

Lauren (2019) afirma também que “tentar jogar o jogo da sedução e do erotismo na sociedade ocidental significa ter que lidar com a dificuldade, se não a impossibilidade, de se conformar a ele” (*Ibid.*, p. 24). Todos os pontos elencados conduzem à discussão sobre como o mercado de trabalho explora o corpo e a saúde dos/as trabalhadores/as e reproduz relações desiguais, na medida em que leva-os/as a se submeterem a inúmeros procedimentos na busca por uma melhor apresentação de si mesmas, de um maior valor de troca (Castillo, 2002) ou de um “adicional por beleza” (Hakim, 2012).

Vale destacar outro ponto-chave: a existência de uma aliança entre o discurso sanitário e a legitimidade de determinados modelos corporais (Moreno Pestaña, 2016). Fundamental para a compreensão do CE, essa associação tem como um de seus efeitos simbólicos a legitimação da magreza como padrão de beleza, ao mesmo tempo em que reprova outras formas corporais. Ou seja, o corpo cristaliza as desigualdades, convertendo-se, essencialmente, em um marcador de classe.

Dada a possibilidade de adequação ao padrão por meio de diversos procedimentos estéticos sujeitos a grande investimento econômico, o discurso inscreve-se facilmente em uma lógica meritocrática segundo a qual só não se enquadra nela quem não quer. Um exemplo disso é a ética da magreza, profundamente enraizada na concepção moral de esforço e de bem-estar e reforçada, ainda que indiretamente, pela introdução da nutrição às ciências médicas – com isso, “a obesidade foi considerada como corrigível e não hereditária, aumentou o desdém em relação aos pacientes de peso elevado” (*Ibid.*, *op. cit.*, p. 25). Nesse sentido, as sociedades inscritas em um sistema neoliberal submetem seus/suas cidadãos/ãs aos efeitos de dominação e submissão de seus corpos à uma disciplina mercadológica. Tanto que podemos pensar no caso de um/a trabalhador/a com algum grau de obesidade que, ainda que disfrute de bem-estar e de saúde, pode sofrer discriminação corporal no trabalho por ser sempre associado/a ao estereótipo de preguiçoso/a no campo profissional (em especial, em áreas de atendimento ao público), por não se adaptar ao mandato da magreza. Ou, então, de indivíduos que não conseguem ser recrutados em concursos públicos porque são avaliados por uma equipe médica como enfermos ao apresentarem um índice de massa corporal superior ao limite tido como “normal”.

Castillo (2002) afirma que “hoje, para muitos, a busca da perfeição moral foi substituída pela perfeição corporal” (*Ibid.*, p. 190). No entanto, Moreno Pestaña (2016) chama atenção para o fato de que, em muitos casos, a perfeição moral só se traduz em perfeição corporal pois há uma crença, desde a Grécia Antiga, de que o corpo é resultado do tempo. Por isso que, dadas as condições objetivas para se produzir/adquirir um corpo belo, aqueles indivíduos que não se sacrificam para obter esse corpo são comumente vistos como pessoas acomodadas e destituídas

de amor próprio. Assim, é fundamental pensar a percepção estética a partir da moralidade, pois esses dois eixos estão histórica e irremediavelmente associados um ao outro.

4.2 Capital erótico como capital cultural

O ideal de mulher branca, sedutora mas não puta, bem casada mas não nula, que trabalha mas sem tanto sucesso para não esmagar seu homem, magra mas não neurótica com a comida, que continua indefinidamente jovem sem se deixar desfigurar por cirurgias plásticas, uma mamãe realizada que não se deixa monopolizar pelas fraldas e pelos deveres de casa, boa dona de casa sem virar empregada doméstica, culta mas não tão culta quanto um homem; essa mulher branca e feliz, cuja imagem nos é esfregada o tempo todo na cara, **essa mulher com a qual deveríamos nos esforçar para parecer** – tirando o fato de que elas devem ficar de saco cheio com qualquer coisa –, **devo dizer que jamais a conheci, em lugar algum**. Acredito até que ela nem mesmo exista (Despentes, 2016, p. 11; *grifos meus*).

Lida Kukkonen (2022) chama atenção para o fato de a sociologia ser afetada pela “síndrome da lista de compras” do capital: “A metáfora do capital bourdieusiano é frequentemente entendida de uma maneira que promove uma perspectiva neoliberal do eu [*self*] como um sujeito que adquire capital livre de restrições estruturais, em vez de uma metáfora para a (re)produção de classe” (*Ibid.*, p. 23). Em vista disso, Moreno Pestaña (2016) é bastante crítico ao argumento de Hakim, propondo uma releitura da noção de CE capaz de integrar “suas contribuições em um marco de comparação mais complexo e organizado” (*Ibid.*, p. 102).

Como afirmado anteriormente, a multiplicação desenfreada de capitais pode mostrar especificidades de determinado campo, mas também corre o risco de mascarar um empobrecimento conceitual ao criar um novo conceito sem rigor teórico e metodológico (Neveu, 2013). Para contornar esse problema, Moreno Pestaña e Callejo (2016) nos oferecem uma alternativa, que é a de compreensão do CE como capital cultural. Partindo dos repertórios de habilidades que compõem o capital cultural, os autores estão interessados em compreender quais seriam as formas de aquisição, manutenção e recompensa do CE, evitando a tendência do modelo dicotômico de Hakim (2012). Portanto, partem da concepção de uma estrutura social formatada de acordo com as mais variadas dinâmicas do campo cultural e propõem uma leitura do conceito desde um prisma do capital cultural, ou seja, de um conjunto de bens simbólicos.

O incremento do capital cultural nas mulheres, portanto, incide claramente sobre sua morfologia. [...] Porque, tradicionalmente, são competências que lhes foram atribuídas na **divisão sexual da dominação**: são as mulheres quem, historicamente, entre as classes dominantes, mediarão entre o polo do dinheiro e o polo da cultura. [...] Em razão, também, da divisão sexual do trabalho: as mulheres, tendencialmente, se localizam em profissões vinculadas aos trabalhos de cuidado e interação, nas quais as qualificações estéticas têm uma maior recorrência (Moreno Pestaña, *op. cit.*, p. 96-7).

Essa leitura do CE permite apreender as complexidades por trás de cada mercado em que o capital está inserido, tais como as formas de promoção e/ou desvalorização, onde e como ele é adquirido (Moreno Pestaña, Callejo, *op. cit.*, p. 15). Nesse mesmo sentido, Neveu (2013) também afirma que a noção de CE pode ser integrada, sem prejuízo, a uma variedade do capital cultural bourdieusiano e, mais, que o CE só é operante graças ao capital cultural. Como exemplo da integração do CE ao capital cultural, pode-se observar que “a posição de classe é gravada no corpo e expressa por meio de estilos classificados de andar, falar, gesticular, comer, beber e assim por diante” (Connell; Mears, 2018, p. 561).

Ao refletir sobre os repertórios de habilidades que compõem o capital cultural que é entendido na tese como marco mais amplo do CE, é importante compreender as diferentes formas de aquisição, estabelecimento e recompensa, evitando adotar uma abordagem dicotômica como a de Hakim (2012), para quem as pessoas possuem ou não esse tipo de atributo (erótico). Assim, segundo Moreno Pestaña e Callejo (2016), cada configuração social apresenta regras e valores específicos para a obtenção do CE, e entender essa dinâmica a partir de uma chave de interpretação cultural ressalta a complexidade do capital em diferentes contextos. Dito isso, para analisar o CE via capital cultural, é preciso destacar que este conceito pode ser entendido através de três dimensões: *i.* capital cultural incorporado/encarnado; *ii.* capital cultural objetivado; *iii.* capital cultural institucionalizado (Bourdieu, 2015).

Capital cultural incorporado

O capital cultural sob o estado incorporado “pressupõe um trabalho de inculcação e de assimilação, custa tempo que deve ser investido pessoalmente pelo investidor” (Bourdieu, 1999, p. 3). Pode ser entendido como um recurso e responsabilidade em potencial, que, segundo Connell e Mears (2018), “demonstra os recursos que temos ou que nos faltam enquanto lutamos por status social, mobilidade, honra e sobrevivência” (*Ibid.*, p. 563). Refere-se, portanto, à introjeção de códigos na dimensão corporal, expressa por meio da postura, gesticulação, modo de fala (vocabulário erudito ou popular), vestuário, competências intelectuais e outros atributos. Pode ser interpretado, portanto, como expressão do *habitus*, em que a função pedagógica familiar desempenharia um papel fundamental para orientar ou não valores e estruturas mentais na socialização do indivíduo.

Os traços de classe se evidenciam nesta primeira dimensão, na produção da distinção decorrente da incorporação de valores dominantes, como, por exemplo, postura ereta, gostos eruditos etc. Segundo Bourdieu (2017, p. 190 et seq.), há duas visões antagônicas de mundo (o ser contra o parecer) que revelam como se dá a hierarquização dos gostos com base nas classes.

Assim, a relação das classes populares com a alimentação e o vestuário situa-se na dimensão do *ser* – com a função se sobrepondo à forma –, ao passo que as classes médias exibem um zelo especial pelo *aparecer* – preocupando-se com a boa aparência tanto na vida cotidiana como na extracotidiana.

Assim, o *habitus* expressa os princípios geradores de práticas distintas e distintivas das classes, como a alimentação, a forma de se alimentar, os consumos, as práticas esportivas e atividades de lazer etc.: “Uma das funções da noção de *habitus* é a de dar conta da unidade de estilo que vincula as práticas e os bens de um agente singular ou de uma classe de agentes” (Bourdieu, 2010, p. 21).

Connell e Mears (2018) valem-se da noção de *capital corporal* para designar o capital cultural incorporado e para mostrar como o corpo pode ser um recurso cultivado e convertido em lucro em diversos nichos de mercado (moda, trabalho sexual etc.) e, portanto, como algo passível de ser trocado por certos benefícios. É possível encontrar um exemplo de CE como capital cultural incorporado no trabalho de esteticistas e *personal trainers*, que utilizam a regulação morfológica corporal como um meio de produzir distinção. Esse estado “ajuda a discriminar entre os variados tipos de roupa, as tendências, o apropriado ou inapropriado de um aspecto, assim como as formas de regulação morfológica do corpo (dietas, musculação, definição de partes do corpo) ofertadas por especialistas” (Moreno Pestaña, 2016, p. 87).

Capital cultural objetivado

A segunda dimensão, objetivada, remete aos processos de aquisição de bens materiais e simbólicos da cultura dominante, índices de prestígio cultural: “O crescimento da quantidade de capital cultural acumulado no estado objetivado aumenta a ação educativa automaticamente exercida pelo meio ambiente” (Bourdieu, 1999, p. 73). Por exemplo, quadros, álbuns e vinis de música erudita, livros clássicos e publicações no idioma original e demais materiais que atestem o *habitus* intelectual de gostos distintos. Portanto, assim como o capital econômico pode ser convertido nesse tipo de patrimônio cultural (ainda que sob o risco de se cair em um comportamento refinado pouco autêntico) também é possível que ocorra o inverso: que o capital cultural objetivado seja convertido em capital econômico.

No caso do CE, sobretudo entre profissionais como vendedoras/es que não possuem capital cultural institucionalizado, se faz necessária uma familiarização com o capital cultural objetivado. De modo que objetive os saberes (codificação técnica) na regulação do corpo, tal como esteticistas e treinadores (Moreno Pestaña, 2016). Assim, as técnicas se expressariam objetivamente nas disposições corporais, aumentando o grau de confiabilidade do trabalho –

logo, convertendo-se em capital econômico e social.

Entre cabeleireiros e esteticistas, um tipo de capital cultural institucionalizado (por exemplo, diplomas intermediários) desempenha um papel semelhante ao obtido pelas várias profissões da área de saúde. Esse capital cultural institucionalizado permite a interpretação do capital cultural objetivado (seja um modelo de penteado, um tipo de dieta ou conselhos de emagrecimento). Em outros grupos profissionais, o capital cultural institucionalizado pode não existir (por exemplo, vendedores), o que torna necessário familiarizar-se, por meio de pedagogias informais, com as espécies objetivadas de capital cultural (Moreno Pestaña; Callejo, 2016, p. 15).

Capital cultural institucionalizado

Já a terceira e última forma institucionalizada seria a de reconhecimento e credenciamento de competências culturais por meio de títulos, certificados e diplomas escolares, muito embora os/as detentores/as dessa “nobreza cultural” (Bourdieu, 2017, p. 27) dificilmente sejam intimados/as a apresentar seus títulos – uma vez que suas práticas já valeriam como uma *essência* anterior às manifestações. Essa forma delega reconhecimento ao seu portador em função da crença coletiva: **“Competência estatutariamente reconhecida e garantida e o simples capital cultural, constantemente intimado a demonstrar seu valor”** (*Ibid.*, 1999, p. 79; *grifo do autor*). É nesse estado que se encontra tudo aquilo de domínio do conhecimento e as habilidades dele desdobradas (como o *know-how*) atestadas institucionalmente por diplomas, teses/dissertações, certificados de participação e de cursos de aprimoramento etc. (Neveu, 2013). É através das condições de aquisição, inculcação e obtenção dos diplomas/certificados que se atesta a possibilidade dos indivíduos/grupos adotarem disposições estéticas da cultura legítima.

Assim como o capital cultural dos herdeiros, **o capital erótico é fracamente institucionalizado**. Não parece difícil encontrar correspondência entre livros de biblioteca e produtos de beleza – um exemplo de capital cultural objetivado. É fácil vincular o estilo despojado da cultura dos herdeiros com a atratividade física, aparentemente nascida do brio natural dos sujeitos (Moreno Pestaña, 2015, p. 165; *grifos meus*).

Se um dos pilares do CE é o traquejo social e as habilidades de adequação às circunstâncias, o capital cultural no estado institucionalizado certamente evidencia quem possui ou não, de forma pública, as estruturas objetivas incorporadas à percepção de mundo (Bourdieu, 2014) própria aos campos e grupos em que se está inserido. No entanto, como Moreno Pestaña (2015) assinala, a institucionalização do capital cultural como CE já é um pouco mais difícil de captar, ainda que haja formas de comprovação institucional da beleza, como, por exemplo, uma faixa de concurso de *miss* ou *mister* – os quais possuem diferentes graus de concorrência e, portanto, do quanto de notoriedade e prestígio é reservado aos/às ganhadores/as.

Em síntese, esse estado outorga ou retira o reconhecimento de determinado mérito por meio da crença coletiva, ou seja, por meio de uma “magia performática do poder de instituir [...] de fazer reconhecer” (Bourdieu, 1999, p. 75). E é nessa identificação que se garante aos indivíduos – por meio da comparação entre os certificados (quais títulos têm maior valor) – a realização de permutas e a conversibilidade do capital cultural a outros tipos de capital, como o econômico, o social e o simbólico.

4.3 Magreza como ética e ideal de beleza

“Como se não bastasse os desmandos desse Governo aí, ela ainda me aparece magra! Magra!!!”, desabafou uma senhora, alguns anos mais jovem que a presidenta, que abertamente já não simpatizava com a nossa governante – agora, muito menos. “Porque aumento de impostos e denúncias de corrupção a gente até tolera. Mas aparecer magra... Aaaah, isso aí já é pessoal!” (El País, 30/06/2015).

Dilma aparecer magra é visto por seus opositores como uma afronta. Isso ocorre porque a magreza está convencionalmente associada à moralidade, à beleza e ao autocontrole ou autogoverno de si (Foucault, 2009). Aquele/a que sabe se governar aumenta seu status público pois afirma que é capaz de exercer o controle sobre sua vida íntima e pública – diferenciando-se da *akrasia*²²¹ (Moreno Pestaña, 2020).

Existe um reconhecimento e valorização social de certas morfologias corporais sobre outras em que a magreza, por exemplo, funciona como um traço distintivo das elites (Bourdieu, 2017). Até mesmo dentro de grupos dominados (como as mulheres), existe uma estratificação de determinados modelos corpóreos sobre outros como o de mulheres que portam corpos magros, brancos, malhados, com olhos e bocas grandes, pernas esbeltas, seios moderados, pele bronzeada (mas não tanto). Estas são mais bem vistas do que aquelas que possuem corpos gordos e/ou racializados e/ou com algum tipo de incapacidade.

As relações de diferença de gênero são muitas vezes hierarquicamente ordenadas tanto dentro do discurso dominante quanto entre os discursos. Isso faz surgir uma situação em que formas de diferença passam a se substituir, e as distinções codificadas entre elas se tornam o lugar principal de produção de efeitos mais gerais de poder (Moore, 2000, p. 17).

Ao longo da história, a beleza feminina foi se modificando nas representações artísticas e literárias, tanto que no século XVI os corpos curvilíneos eram mais apreciados e considerados atraentes (Tiggemann, 2012). No entanto, o cenário foi mudando de forma: com políticas de

²²¹ *Akrasia* é uma noção filosófica que abarca a falta de autocontrole e a dificuldade de agir segundo os próprios interesses e julgamentos (Moreno Pestaña, 2020).

emagrecimento no final do século XVII e com o incremento no uso de cosméticos no século XVIII. Parafraseando Moreno Pestaña (2015, p. 169), após a Revolução Francesa, consolidou-se um forte desejo entre a nobreza de reconstruir as hierarquias sociais de forma tangível, e a materialização das distinções sociais se transformou em um objetivo social e político. Nesse sentido, as mulheres parisienses foram tomadas como tipo ideal de beleza, caracterizadas por um apelo estético, vitalidade e dinamismo, em contraste com o comportamento pouco sofisticado frequentemente associado às mulheres das áreas rurais.

O século XIX, por sua vez, foi marcado pelo advento de formas aprimoradas de unificação da beleza pelo arbitrário cultural: “A beleza interior e a beleza exterior se comunicavam intimamente: na nova composição orgânica do capital, o vínculo com o corpo tem uma legitimidade desconhecida no mundo clássico” (*Ibid.*, p. 170). Nesse contexto, a magreza passa a ser vista como índice de estilo de vida saudável sustentado em um condicionante moral, o que se consolidou com o estabelecimento do Índice de Massa Corporal (IMC)²²² – enraizando uma concepção moral de esforço, de bem-estar e saúde associada à magreza ou ao que está dentro do padrão de normalidade do IMC. Chamo atenção para o fato de que, a partir da introdução da nutrição às ciências médicas, a obesidade passou a ser considerada corrigível e não mais hereditária, como se acreditava, o que acarretou em um maior rechaço àqueles/as que possuem uma estrutura física considerada de sobrepeso ou obesidade (Moreno Pestaña, 2016).

Se o corpo é historicamente reconhecido como expressão de distinção, a magreza ganha o estatuto, na contemporaneidade, de uma das marcas de uma classe econômica elevada. Assim, a estética hegemônica é forjada a partir de recursos financeiros e do condicionante temporal para um maior investimento dos indivíduos em sua manutenção, como, por exemplo, a apreciação e prática de esportes (Bourdieu, 2017, p. 204) e o exercício de uma alimentação balanceada. Nesse sentido, é por meio da estrutura física que o indivíduo assimila a substância da sua vida e a traduz para os outros por meio de sistemas simbólicos que compartilha com os demais membros de sua comunidade.

São inúmeros os padrões socioculturais que permeiam a formação de hierarquias de beleza, sobretudo para as mulheres, mas a magreza está atualmente no topo da pirâmide da deseabilidade. Isso ocorre não somente por insistência do discurso sanitário, mas também pela associação e influência familiar (direta ou indiretamente na conformação do *habitus*), dos meios de comunicação e dos/as colegas de convivência – como as *fat talks* (FT) –, com a depreciação

²²² Adotado como parâmetro pela Organização Mundial da Saúde (OMS), o IMC é o resultado do cálculo peso dividido pela altura ao quadrado. Indivíduos inscritos na taxa “ideal” de peso – que seria entre 18,5 e 24,9 –, são classificados como normais, e todos aqueles que não se enquadram nesses limites – como os casos de obesidade, sobrepeso e magreza excessiva ou grave – são classificados como patológicos ou fora da norma. Segundo Moreno Pestaña (2016), esse índice pode “ser considerado uma espécie de barreira que separa as classes e que permite certas elites reservarem espaços de sociabilidade, incluindo nichos no mercado de trabalho” (*Ibid.*, p. 23).

naturalizada do corpo gordo que tem lugar na socialização de jovens e adultas nas quais é incutida a crença na valorização social de determinado modelo corporal (Tiggemann, 2012). Isso porque, como mostrou Kate Manne (2024) e Maria Luisa Jimenez (2020), a gordofobia é um fenômeno social característico de um sistema opressivo (classista, racista, misógino, capacitista etc.) que reprova os corpos gordos em diversos níveis, como o moral e o sexual, em favor de uma supervalorização dos corpos magros como mais saudáveis e atrativos.

O final do século XIX foi palco de um processo de proliferação da representação e da exposição da nudez, o que, segundo Moreno Pestaña (2016), reforçou o escrutínio público sobre a beleza feminina, separando então de modo irreconciliável as noções de beleza e gordura.²²³ Tanto que, no século XX, a gordura e os corpos gordos foram amplamente estigmatizados por um discurso sustentado no arbitrário estético médico de rechaço a determinados tipos de morfologia, apoiado na possibilidade de reversão a um corpo legítimo (logo, de maior valor no mercado de bens simbólicos). Ou seja, processou-se uma perigosa objetivação da beleza por meio de noções médicas, enquanto culto higienista da saúde (Bourdieu, 2017, p. 201) – capital cultural institucionalizado –, o que recrudescer ainda mais a crítica às morfologias que não se adaptam ao mandato ortodoxo da magreza e do rigor dietético.

Em comparação com os tempos antigos, a introdução do capital corporal na esfera cultural tem maiores possibilidades: os avanços técnicos tornam possível planejar a modificação do corpo. No entanto, as dietas mal sucedidas mostram que o corpo resiste ao gerenciamento. Os efeitos desastrosos da perda de peso produzida pelas dietas confirmam a relevância da categoria de “arbitrariedade cultural”, forjada em *La reproduction*, para descrever a legitimação da beleza pela saúde. A encarnação sonhada pela classe média tem horror à gordura (*Ibid.*, 2015, p. 170).

A operação desse tipo de arbitrariedade se evidenciou no período entre 1950 e 1990, momento em que houve uma expressiva diminuição do peso dos corpos femininos representados em revistas, filmes e anúncios da época. Tiggemann (2012) ilustra isso com o dado de que “personagens femininas significativamente abaixo do peso estão agora sobre-representadas (mais de 30%) no horário nobre da televisão e também recebem comentários mais positivos dos personagens masculinos” (*Ibid.*, p. 761).²²⁴

Portanto, a desejanabilidade coletiva de que é objeto o corpo “ideal” revela em que medida

²²³ Não apenas passa-se a valorizar mais a magreza, como também se estimula a transmissão de um discurso odioso à gordura e aos corpos não-padronizados (Manne, 2024).

²²⁴ Houve um retorno, a partir de 2023, da magreza extrema como tendência, valorizando o Y2K, ou seja, retomando-se o modelo estético do início dos anos 2000, em que as roupas eram pensadas apenas para determinados tipos de corpos (muito magros), como ilustram o uso de calças com cós baixo, roupas curtas e barriga de fora. Entre as expoentes dessa moda estão as irmãs Kim e Khloé Kardashian – com alto nível de influência nas redes sociais –, que em pouco tempo remodelaram seus corpos antes curvilíneos (com próteses e preenchimentos), para um formato muito mais magro e pequeno, alinhado à expectativas do campo da moda (C.f.: Jornal USP, 19/06/2023).

esse objetivo/marca está ao alcance de um seletos grupo de pessoas.²²⁵ Tanto que aqueles/as que não o possuem e que desejam se integrar à norma e investir na conquista desse corpo se veem obrigados a obedecer a um regime de alto nível de regulação dietética e disciplinar.

Pois se atrela a uma das dimensões físicas do *habitus*: não apenas o desejo de comer, mas também a correção de gostos. Uma alimentação codificada não segundo o desejo espontâneo ou a fome, mas a partir de um ideal morfológico, testemunha um forte autocontrole e, por consequência, um capital cultural incorporado (Moreno Pestaña, 2016, p. 87).

Nesse sentido, as dietas e treinos essenciais à objetivação do corpo legítimo e socialmente apreciado só resultam factíveis às/aos agentes quando o gosto é convertido em disposição. Quando a empreitada termina em fracasso, o que resta a esses indivíduos é a sensação de insatisfação corporal, frustração e, muitas vezes, o desenvolvimento de distúrbios alimentares.²²⁶

Para Hakim (2012), é possível que algumas pessoas ganhem na loteria da genética e não precisem de muitos investimentos para se enquadrarem ao padrão de beleza. Isso é o que Neveu (2013) chama de certa “rebeldia” associada ao CE, que “pode dar a uma mulher muito pobre ou a um jovem imigrante do sul um físico fantasticamente atraente, enquanto uma criança das origens mais privilegiadas pode ser afetada por grandes desgraças físicas” (*Ibid.*, p. 341). Na perspectiva de Hakim, isso seria uma forma de subverter a lógica econômica, desafiando hierarquias sociais, pois quem não é privilegiado/a economicamente também teria a possibilidade de ingressar em seletos nichos distintivos ao capitalizar sua estética e erotismo (Moreno Pestaña, 2016).

Enveredando por uma crítica sociológica, Françoise Vergès (2020) escapa ao referencial biologizante de Hakim, focando, isso sim, dois tipos corpóreos que, segundo ela, explicitam as desigualdades próprias às condições sociais. De um lado, os corpos eficientes – “aderindo ao mandato do capitalismo tardio, que exige manter corpos saudáveis e limpos, essas mulheres e homens, na sequência de seus treinos, tomam um banho, comem uma torrada com abacate e bebem um suco detox antes de prosseguirem com suas atividades” (*Ibid.*, p. 19). Do outro, os corpos fora da norma, como o de trabalhadoras precarizadas, corpos submetidos e moldados por jornadas de trabalho exaustivas.

Segundo essa perspectiva, há uma relação direta entre a exigência corporal vigente no âmbito das relações de trabalho e o desenvolvimento de transtornos alimentares, pois, a não ser

²²⁵ Assim, conforme Tiggemann (2012), no caso dos homens, o ideal de beleza é composto por um corpo mesomórfico e supermusculoso em forma de V, com ombros largos, parte superior do corpo bem desenvolvida, barriga lisa. No entanto, esse corpo, apesar de ser idealizado, é quase impossível de ser alcançado por meios saudáveis e, por isso, sua celebração conduz a práticas (como o uso de suplementos e esteroides) prejudiciais à saúde.

²²⁶ Em consonância com as conclusões de Moreno Pestaña (2016), Tiggemann (2012) identifica taxas mais elevadas de insatisfação corporal entre os membros de certas subculturas ou grupos específicos, como bailarinas, modelos, atletas, ginastas e homens homossexuais.

que a trabalhadora possua previamente uma *hexis* de elite com elevada regulação corporal (Moreno Pestaña; Callejo, 2016), ela não é capaz, em termos físicos, de manter o ritmo demandado. Aí estão os corpos exauridos, sobretudo os corpos negros e racializados²²⁷, não só submetidos a condições de superexploração nas relações de trabalho, mas também limitados a uma dieta mais calórica – muitas vezes enquadrada no registro da abundância –, rica em gorduras saturadas e em alimentos ultraprocessados, atrativos por sua praticidade (Bourdieu, 2017) e por um custo mais baixo em comparação a alimentos orgânicos. Essas mulheres “tentam encontrar um lugar no transporte público para seus corpos exauridos. Elas cochilam assim que se sentam, seu cansaço é visível para aquelas que querem vê-lo” (Vergès, 2020, p. 19).

Esse ciclo de exploração do trabalho compreende, entre suas exigências, o desempenho de longas jornadas, o investimento financeiro em procedimentos estéticos, a falta de espaço para o armazenamento das refeições e de tempo para o descanso e alimentação, dada a exaustão provocada pelo trabalho (Moreno Pestaña, 2016). Como destacou Federici (2019), além da exploração da mão-de-obra, observa-se uma exploração da morfologia corporal exigida socialmente, em que o corpo das mulheres nas sociedades capitalistas equivale à fábrica dos trabalhadores assalariados homens, isto é, como o terreno privilegiado de exploração e resistência.

Ao comparar as classes trabalhadoras da sociedade francesa e estadunidense, Moreno Pestaña (*op. cit.*) mostra como os primeiros cultivam uma ética da magreza que implica no condicionamento, desde a infância, de um *habitus* fundado em uma certa disciplina dietética. Ao passo que, para os/as americanos/as, o efeito simbólico da magreza já seria menos determinante.²²⁸ Essa associação entre dispositivos culturais e práticas alimentares constituiria não somente um traço de classe, como também explicitaria traços distintivos de prestígio intelectual, como os casos de Auguste Comte e Émile Zola. Para Bourdieu (2017, p. 165):

O gosto, propensão e aptidão para a apropriação – material e/ou simbólica – de determinada classe de objetos ou de práticas classificadas e classificantes é a fórmula geradora que se encontra na origem do estilo de vida, conjunto unitário de preferências distintas que exprimem, na lógica específica de cada um dos subespaços simbólicos – mobiliário, vestuário, linguagem ou *hexis* corporal – a mesma intenção expressiva. (*Idem*).

Haveria, portanto, uma relação dialética, construída historicamente e cristalizada em uma

²²⁷ Ao abordar as perturbações da imagem corporal e problemas alimentares entre mulheres afro-americanas e brancas, Lovejoy (2001) sugere a existência de grandes diferenças étnicas nessas áreas. Para a autora, as mulheres negras e racializadas são menos propensas a práticas saudáveis de controle de peso e tendem a ter taxas elevadas de obesidade, o que seria um reflexo cultural da percepção de feminilidade nas comunidades negras.

²²⁸ “Depois da Revolução Francesa, a nobreza ansiou reconstruir corporalmente as hierarquias sociais e a encarnação da diferença social se converteu em objetivo social e político. A mulher parisiense é edificada como modelo: bela, leve, ativa e que se opõe à provinciana grosseira” (Moreno Pestaña, 2016, p. 19).

estrutura de desigualdades sociais que formata os corpos eficientes (condicionados pela moral da magreza e inscritos no registro do estilo de vida saudável) e os exaustos. Essa dualidade ilustra o esquema de hierarquização característico da estrutura de dominação dos corpos femininos em oposição aos masculinos, explicitando os vínculos associativos entre o neoliberalismo, a raça, o gênero e o heteropatriarcado, nos encaminhando, assim, a questões como a necessidade de se discutir políticas de saúde relacionadas às práticas nutritivas.

A primeira tarefa, segundo Moreno Pestaña (2016), seria a promoção de políticas sanitárias baseadas na (des)construção imagética da pluralidade de corpos, complementada pela necessidade de jogar luz sobre os pré-requisitos dos processos seletivos de vagas de trabalho, como as competências corporais que, apesar de nunca serem explicitadas, são um crivo fundamental para determinados ofícios. A não adequação da classe trabalhadora aos padrões corporais implica em episódios de discriminação corporal e no recurso a métodos nada ortodoxos para o emagrecimento, como dietas restritivas, procedimentos cirúrgicos, desenvolvimento de bulimia e/ou anorexia, o que afeta não somente a saúde física, mas também a saúde mental.

Entre as profissões que ilustram o problema estão as cantoras de ópera, *barwomen*, faxineiras, vendedoras, bailarinas, e uma das alternativas propostas pelo autor para atenuar as patologias seria uma postura mais incisiva dos sindicatos e o desenvolvimento de políticas públicas visando condições mais dignas de trabalho, além de práticas contra a discriminação corporal e de gênero (Moreno Pestaña, 2020).

4.3.1 Mito da beleza e o capitalismo

Naomi Wolf (2020) enfoca a insatisfação – incidente, sobretudo, aos corpos feminizados – que alimenta uma busca incessante pela aquisição, ampliação ou preservação da aparência ideal (ou do padrão legítimo). Para a autora, esse descontentamento é, em termos mais amplos, impulsionado pelos interesses econômicos da indústria de cosméticos, do ramo alimentício *light* e *fitness* e do mercado de cirurgias estéticas, poderosos agentes de uma ‘ditadura da beleza’.²²⁹ Dessa forma, as percepções de beleza constituem um elemento da narrativa da ideologia dominante, traduzindo-se em padrões inacessíveis e constantemente alteráveis, fontes de uma perene frustração entre as pessoas que procuram atingi-los. Isso ocorre por meio daquilo que Wolf (*op. cit.*) denomina como mito ou fábula irreal de beleza, mecanismo que, por meio da insatisfação

²²⁹ O mito da beleza está muito mais associado às instituições masculinas e ao poder institucional exercido pelos homens do que às mulheres em si. Segundo Moreno Pestaña e Callejo (2016), “nas classes mais altas, a regulação do corpo é uma base central de identidade e fornece uma espécie de mínimo denominador comum de dignidade social. [...] O *fitness* recruta seus participantes entre os mais jovens, os setores mais educados e as mulheres com ocupações de classe média” (*Ibid.*, p. 7).

estética afligindo sobretudo as mulheres, contribui para a circulação do capital financeiro.

Castillo (2002) chama atenção para o fato de a linguagem imagética dos meios de comunicação perpetuar o mito de uma beleza irreal. Isso se dá por meio da utilização de programas de computador e *softwares* para alterações de vídeos e fotografias (com a retirada dos poros das imagens, linhas de expressão, diminuição da cintura e aumento do quadril das mulheres, retoques na pele etc.), além do estímulo ao consumo de maquiagens e diversos recursos estéticos que demandam grande investimento financeiro, pressionando, limitando e subjugando parte da população a investir e se manter dentro de certos padrões do que é tido como belo.

Atualmente, além da ampla divulgação, nos meios de comunicação, das intervenções cirúrgicas, sobretudo como caminho mais prático e rápido para se chegar à estética padrão, verifica-se um acesso mais fácil, em termos econômicos, às tecnologias estéticas, por meio do financiamento das operações, pela implantação de próteses e aplicação de *lasers*. Nova realidade viabilizada pela alta rentabilidade do mercado financeiro e pelo maior acesso a métodos facilitados de pagamento.

Vale destacar também que, muitas vezes, essas padronizações estéticas não levam em conta a diversidade de traços culturais e de morfologias raciais e étnicas, adaptando a fórceps corpos cujas estruturas são ignoradas (Moreno Pestaña, 2016). Como Castillo (2002, p. 89) destaca, isso se dá porque o corpo tem sido visto como algo passível de alteração, em uma perspectiva segundo a qual a “a ciência consegue o corpo que queremos, ao gosto do consumidor”. Dito isso, é possível entender o culto ao corpo e a celebração das modificações morfológicas como sinais de um desprezo pelo corpo de origem em razão de uma estrutura de dominação (Le Breton, 2006; Estadão, 07/02/2008).

A ampliação da demanda e da oferta de serviços estéticos cresce proporcionalmente, o que nos conduz a duas questões. A primeira refere-se ao endividamento feminino, o que, nesse caso, diferentemente do que apontam Cavallero e Gago (2022), não ocorre em razão da subsistência material, mas, isso sim, da subsistência simbólica de seus corpos no espaço social. A segunda diz respeito aos riscos à integridade física inerentes à submissão a intervenções médicas desnecessárias ou realizadas em condições precárias e/ou insalubres (decorrentes, muitas vezes, da necessidade de redução de gastos).²³⁰

A exploração do corpo feminino na publicidade, na moda ou na pornografia, a construção de ideais femininos onde prevalecem a magreza, as pernas longas, os seios e as nádegas empinadas, com a sua materialização paradigmática na Barbie®, são fonte de

²³⁰ Não são desprezíveis os casos de morte entre pessoas saudáveis submetidas à cirurgia eletiva. A investigação realizada por Di Santis *et al.* (2020) sobre as mortes por cirurgias de lipoaspiração no Brasil, indica que, no período de 17/01/1987 a 15/07/2015, foram identificados 102 casos de morte, sendo 98% do sexo feminino (102 pacientes), entre pacientes com idades entre 18 e 62 anos.

crítica permanente ao feminismo [...]. Estes trabalhos demonstram como **a beleza permite determinar um valor às mulheres em um sistema organizado hierarquicamente a partir de um padrão físico imposto culturalmente.** (Blazquez, 2011, p. 129-30).

O corpo se torna, ao mesmo tempo, uma tendência/moda cultural e um negócio empresarial altamente rentável. Logo, o mito da beleza descrito por Wolf (2020), que rege o imaginário estético do ocidente e move a indústria estética, atua no controle social das mulheres. A beleza se torna efêmera e seu caráter inalcançável se impõe como algo inescapável – uma vez que não corresponde à realidade concreta –, devido às alterações de imagens, fotografias e vídeos por *softwares*, ao uso de maquiagens e à procura de diversos recursos estéticos, realidade que consiste em um poderoso estímulo a investimentos cada vez maiores em razão de um também crescente descontentamento com a auto-imagem.²³¹

Kukkonen (2022) afirma que “aqueles com menos capital tendem a preferir práticas de acumulação que produzem resultados mais rápidos e visíveis” (*Ibid.*, p. 32). Contudo, deve-se destacar que as formas mais sutis de acumulação e aquisição de CE, como, por exemplo, a realização de práticas esportivas e de musculação para a obtenção de um corpo estandardizado – em lugar da procura por cirurgias invasivas como as *lipo led* –, demandam mais tempo de investimento, mas têm uma maior probabilidade de serem apreciadas futuramente como capital simbólico valioso.

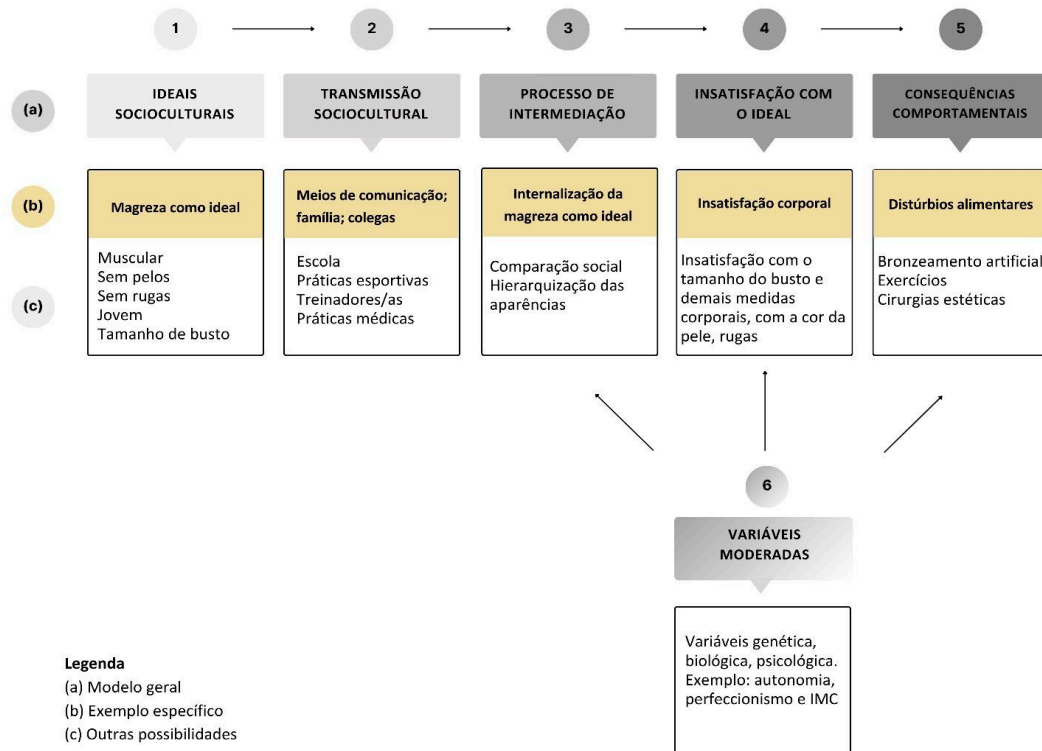
Não existe nenhuma justificativa legítima de natureza biológica ou histórica para o mito da beleza. O que ele está fazendo às mulheres hoje em dia é consequência de algo não mais elevado do que a necessidade da cultura, da economia e da estrutura do poder contemporâneo de criar uma contra ofensiva contra as mulheres. (Wolf, 2020, p. 30).

Em uma representação esquemática delineada por Marika Tiggemann (2012), a autora apresenta 5 etapas fundamentais da objetivação da imagem corporal contemporânea, sendo a sexta uma variável dependente do contexto no qual se está inserido. Esse modelo compreende três dimensões essenciais: a primeira é a forma generalizada, a segunda, um exemplo específico para melhor visualização dos efeitos socioculturais na imagem corporal e, a terceira, outras possibilidades que podem ser observadas nos casos a serem analisados. A autora demonstra em que medida a formatação corpórea não depende apenas de fatores individuais e biológicos, tendo de ser apreendida como parte tanto de um contexto sociocultural dotado de certas categorias de

²³¹ A profissão de esteticista é hoje regulamentada no Brasil pela Lei nº 13.643/2018 – que considera como profissionais estéticos e cosmetólogos aqueles/as que possuem diploma reconhecido no curso superior em Estética e Cosmética. Segundo o artigo 5º da lei, parágrafos I, II e III, é de competência do profissional a execução de procedimentos estéticos faciais, corporais e capilares, consultoria de imagem, estética pré e pós-cirúrgica, além da solicitação do parecer de outro profissional quando necessário (seja via avaliação médica ou estética) (Senado Federal, 2018).

apreciação (hierarquização da beleza), como de uma estrutura econômica que pautará, com base na insatisfação, certos métodos e formas de suprir a necessidade de remodelação corporal (como técnicas de bronzamento e cirurgias).

Quadro 8- Esquema de formação da imagem corporal na perspectiva sociocultural



Fonte: Reprodução de Tiggemann (2012, p. 760).

Em vista do quadro apresentado, considero que qualquer abordagem que reitere o capital corporal feminino (aqui interpretado como CE) está a serviço de um projeto econômico e mercadológico que visa o lucro passível de ser auferido no processo de padronização física. Além de, claro, auxiliar na manutenção do domínio político masculino, já que o mito da beleza enfraquece a participação e representação das mulheres na política, controlando suas relações e carreiras profissionais. Logo, a perpetuação de certos padrões pressiona, limita e submete parcelas importantes da população, sobretudo, a feminina, mais expostas, pela pressão por se enquadrar em modelos corpóreos legítimos, a esse perigoso jogo estético.

Ademais, as modulações e, em muitos casos, mutilações (Despentes, 2016) resultam de mudanças importantes nos espaços de trabalho. Com a transformação das relações entre clientes e fornecedores, a exposição física e a preocupação estética tornam-se elementos fundamentais

para a “sedução” de parte dos/as consumidores, do que decorre uma espécie de “sexonomia”, ou seja, uma negociação sexual consentida nas relações sociais com o objetivo de alavancar as vendas, a circulação de bens materiais, o comércio e a carreira profissional. Entendo, porém, que o CE não subverte a economia masculina, mas a reforça, na medida em que apreende a subjetividade das mulheres não enquanto agentes produtivos, mas como consumidoras (Valdés, 2019; Moreno Pestaña, 2016).

4.3.2 Sexonomia ou economia sexual

A palavra erótico, originária do grego *eros* (Ἔρως), personifica a ideia de amor em seus mais diferentes aspectos. Na mitologia grega, Eros é um dos deuses do Olimpo, filho de Afrodite (deusa do amor), símbolo do erotismo e da paixão; já na mitologia romana, esse deus é representado na figura do cupido, aquele responsável por unir as pessoas por meio de suas flechas (C.f.: Hesíodo, 1995). Segundo Moreno Pestaña (2016), “Eros é o que nos torna conscientes de nossas deficiências e imperfeições; [...] Eros é, de certa forma, a libido que trabalha para o acesso a tudo o que é bom, desde a amizade política até a saúde do corpo” (*Ibid.*, p. 591).

A noção de erótico deriva, assim, do Eros de Platão, ou daquilo que representa o poder exercido pela atratividade – não apenas no campo estético, mas também nos domínios intelectual, das normas morais e das leis que expressam uma “beleza política” (*Ibid.*, *op. cit.*, p. 592).²³² Lorde (2020) apreende o erótico como uma força vital, intrínseca e inata às mulheres, mediadora dos níveis espirituais e políticos (espiritual/erótico/político): “Tentamos separar o espiritual do erótico, o que resulta na redução do espiritual a um mundo de afetos rasos” (*Ibid.*, p. 70). O erótico pode ser percebido através de três aspectos essenciais: *i.* o gozo/experiência íntima compartilhada; *ii.* satisfação e a capacidade de autoconexão; *iii.* experiência, consentimento, responsabilidade (e reconhecimento) afetivo. Portanto, a instrumentalização do erotismo seria fonte de poder para as mulheres, o que vai ao encontro de Hakim (2012).

Hakim (2011) afirma que as mulheres possuem maior CE do que os homens em razão de uma “maior intensidade do desejo sexual dos homens, que os deixa frustrados desde cedo” (*Ibid.*, p. 43). Ou seja, as mulheres poderiam converter sua capacidade de sedução em capital financeiro, social etc., ao passo que os homens não têm de fazer muito esforço para serem “recompensados” por parecerem agradáveis e terem boa aparência. No capítulo *O poder do capital erótico*, a autora

²³² Moreno Pestaña (2020) explora as noções de *razão erótica e estética da existência*, fazendo um diálogo entre Antoni Domènech e Michel Foucault para elaborar um programa de filosofia política do corpo em chave interpretativa crítica à cultura moral moderna.

advoga pela existência de uma sexonomia ou economia sexual baseada no poder da atratividade e passível de ser mobilizada como um recurso eficaz. Atributo que, no entanto, é frequentemente associado às mulheres em razão de um suposto *déficit sexual masculino*.²³³

Esse déficit seria produto de um mercado sexual caracterizado por discrepâncias entre a lei da oferta e da procura. Assim, conquistas feministas como o maior acesso a métodos contraceptivos e o avanço de pautas de liberalização sexual teriam reforçado ainda mais o descompasso entre o desejo masculino e a baixa oferta feminina. “Segundo a tradição, os valores viris são os valores da experimentação, do risco, da ruptura com o lar” (Despentes, 2016, p. 21) – embora concorde com isso, Hakim (2012) procura mostrar como os homens são, também, vítimas de frustrações psíquicas e corporais por não terem à sua disposição os meios para uma satisfação sexual completa. Isso resulta, segundo a autora, de relações sexuais permeadas pelas mais distintas formas de troca (de dinheiro, poder, capital simbólico etc.), o que demanda também investimentos específicos de ambas as partes, tal como se dá nos demais mercados.

A causa fundamental para o ódio masculino contra as mulheres é seu semi-permanente estado de desejo e frustração sexual. Os homens gostam, mas também se ressentem do *sex appeal* e da atratividade das mulheres por estimularem seu desejo, embora elas não respondam da mesma forma. [...] A sexualidade masculina tem um valor mais baixo do que o capital erótico feminino, porque a maioria das mulheres não é movida a desejo sexual, mesmo hoje em dia. (*Ibid.*, p. 225; *grifos meus*).

Nesse ponto, Hakim afirma que a ideia de que as mulheres possuem o mesmo nível de desejo sexual que os homens é uma ilusão produzida pelos movimentos feministas, prejudicados, segundo a autora, por perspectivas que não levam em conta aspectos biológicos: “É crucial estabelecer isso [diferença do desejo entre os sexos] como um novo fato social que os cientistas sociais têm evitado, e explorar seu impacto nas relações entre homens e mulheres, tanto na vida privada quanto na pública” (Hakim, 2011, p. 11). A autora critica aqueles que negam tal evidência biológica, argumentando que, em vista da dominação masculina e da consequente reprodução dessa estrutura social, é do interesse dos homens que se mantenha a crença de que as mulheres e os homens possuem os mesmos níveis de desejo, pois isso minimizaria o poder do CE que as mulheres exercem sobre eles.²³⁴

Investe, assim, em uma ofensiva essencialista às bandeiras feministas, criticadas por, em sua interpretação, incentivarem e depreciarem um suposto encanto feminino, reprimindo a sexualidade das mulheres e desencorajando-as a se aproveitarem dos homens.²³⁵ Sua crítica

²³³ Ver o tópico *Masculinidade na política: a virilidade em jogo*.

²³⁴ Nesse ponto, Hakim reitera sua crítica às bandeiras feministas que pregam que as mulheres possuem tanto ou igual desejo sexual quanto os homens.

²³⁵ Hakim (2012) critica de forma contundente os feminismos anglo-saxões, fazendo coro à tradicional e ultrapassada dicotomia de feminismo *versus* feminilidade, sobretudo ao supor que os movimentos feministas aderem de forma uníssona a uma crítica à performatividade da feminilidade. De forma a exemplificar o embate, cito uma passagem:

dirigi-se, portanto, àquilo que ela identifica como um moralismo feminista – que seria o não reconhecimento das relações baseadas em interesses tão diversos como, por exemplo, a prostituição (*Ibid.*, p. 226) e o “mercado de casamentos” (*Ibid.*, p. 232). A negação do CE e das potencialidades a ele inerentes estaria diretamente ligada à atitude de feministas e homens patriarcais que, interessados em barrar os avanços das mulheres na sociedade, desencorajariam a mobilização desse recurso.

Isso posto, Hakim afirma de modo incisivo que os movimentos feministas aderem a uma espécie de abolição da feminilidade, quando, na verdade, deveriam, segundo ela, encorajar a utilização desse recurso como um instrumento de libertação feminina. Lorde (2020), por outro lado, não faz uma crítica direta aos movimentos feministas, mas afirma, em sua reivindicação do erotismo, que houve historicamente uma repressão dos desejos femininos em que as mulheres são socializadas desde a infância para serem dóceis, leais e obedientes. Por isso, uma consciência sobre o poder do erótico as empoderaria, afastando-as de sentimentos como resignação, desespero e autonegação. Logo, a concepção lordeana de erótico remete a um poder no nível do autoconhecimento, além de lançar luz sobre um problema bastante recorrente, que é “a falsa crença de que apenas com a supressão do erótico em nossa vida e nossa consciência é que as mulheres podem ser verdadeiramente fortes. No entanto, essa força é ilusória, pois é criada de acordo com os modelos masculinos de poder” (*Ibid.*, p. 67-8).

Ao conceber uma sensualidade intrínseca às mulheres, tida como propriedade natural e passível de aprimoramento a partir de investimento de tempo e recursos, Hakim recai em um discurso biologizante e pouco convincente, que ignora os perigos contidos na busca incansável pelas benesses do CE. Daí o alerta de Moreno Pestaña (2016) para a necessidade de se empreender uma leitura cuidadosa das potencialidades desse recurso, uma vez que “nascidos com a unificação – nunca absoluta – dos mercados de beleza, com a legitimação sanitária da magreza e com sua moralização, **os transtornos alimentares constituem a cara sombria do cultivo do capital erótico**” (*Ibid.*, p. 357; *grifos meus*).

As limitações da teoria e da práxis do CE não se limitam às dimensões corpórea e psicológica; ao contrário, as críticas dirigidas a Hakim (2012) são múltiplas e se dão em diversos níveis – desde o empírico até o teórico. Aqui, merecem destaque os seguintes pontos: *i.* trata-se de uma teoria reducionista (Neveu, 2012; 2013); *ii.* nem todos os indivíduos possuem as mesmas oportunidades de produção e manutenção do CE (Kukkonen, 2022); *iii.* essa teoria pressupõe uma concepção de família nuclear que reforça a divisão sexual do trabalho e estereótipos de gênero (Valdés, 2019); *iv.* reforça a economia masculina ao invés de subvertê-la (Kukkonen, *op.*

“[...] As feministas sofreram uma lavagem cerebral tão intensa da ideologia patriarcal que são incapazes de entender que a sexualidade e o capital erótico podem ser fontes de poder” (*Ibid.*, p. 92).

cit.); *v.* é prejudicial para a saúde física e mental (Moreno Pestaña, *op. cit.*); *vi.* desconsidera os corpos trans na formulação teórica.

Os críticos do CE afirmam que o modelo proposto por Hakim é inconsistente, carece de uma perspectiva sociológica, além de não reconhecer as intersecções de raça, classe e idade que afetam o acesso das mulheres a esse recurso (Neveu, 2012). Além disso, dada a proliferação de várias formas de “capitais” em contextos e interações sociais específicos, se faz necessário estabelecer distinções teóricas mais claras entre os diferentes tipos de capital (Green, 2012; 2013). Outras autoras propõem uma abordagem atenta à dimensão histórica e às estruturas de poder e desigualdade que moldam os encontros das mulheres com o CE – que defendem, em outras palavras, uma compreensão mais matizada e sociologicamente informada do CE e de suas implicações (Bassetti, 2022; Kaplan; Illouz, 2022).

Por se tratar de um tipo específico de modelo de poder no qual estamos inseridas, seria insuficiente mobilizar ferramentas da dominação masculina (CE) para uma tentativa de subversão do sistema de desigualdade entre os gêneros. Isso porque esses mesmos recursos não produziram nenhuma transformação substancial e efetiva para a libertação feminina (por meio do erotismo feminino ou em razão do *déficit sexual* masculino). Assim, é preciso pensar um novo aparato instrumental que dê conta da reestruturação dos modelos sociais.

Nesse sentido, Despentes (2016) argumenta que o uso da eroticidade por parte das mulheres, ou a encarnação de um estereótipo de mulher pouco autônoma, serviria a um projeto de dominação masculina, tranquilizando os homens em relação aos avanços feministas:

Existe um orgulho doméstico em **avançar com o freio de mão puxado**, como se isso fosse útil, agradável ou sexy. Um gozo servil em relação à ideia de servir como trampolim. Nosso poder nos envergonha. [...] Na verdade, essa é uma maneira de se desculpar, de tranquilizar os homens ‘olha só como sou boazuda; apesar da minha autonomia, da minha cultura e da minha inteligência, na realidade eu só quero ser desejada por você’, parecem pedir as meninas de fio dental. Posso viver de outro jeito, mas decidi viver alienada usando as estratégias de sedução mais eficazes. (*Ibid.*, p. 16; *grifos meus*).

Isso vai ao encontro do que nos diz Virginia Woolf (2009) no conto *Uma Sociedade*, onde a escritora inglesa afirma que a alienação das mulheres traria um estado de felicidade maior do que a consciência crítica de sua própria dominação.²³⁶ Não obstante, é preciso ser justa e reconhecer que o que Hakim (2012) propõem é uma espécie de máscara da qual as mulheres, sobretudo elas, deveriam se valer com o intuito de simular determinada alienação, ou seja, jogando com as regras masculinas para obter uma vantagem consciente nesse estado social de subjugamento feminino.

Avançar com o freio de mão puxado seria acreditar na ilusão de que a “violência simbólica pode

²³⁶ Mais à frente abordarei a ideia de Simone de Beauvoir, desenvolvida em *O Segundo Sexo* (2015), sobre a *má-fé* – cujo sentido é muito similar ao que Woolf (2009) diz sobre alienação e crítica da dominação.

ser vencida apenas com as armas da consciência e da vontade, é porque os efeitos e às condições de sua eficácia estão duradouramente inscritas no mais íntimo dos corpos, sob a forma de predisposições (aptidões, inclinações)” (Bourdieu, 2014, p. 23). Assim, é fundamental apreender as dimensões simbólicas que estão em disputa tanto no campo político, quanto no social (como mercado de casamentos) e que influenciam tanto o valor de troca do CE como a crença coletiva acerca das potencialidades/aptidões e inclinações com base nos gêneros dos indivíduos.

4.3.2.1 O valor social do erotismo

Segundo Hakim (2012), “todas as formas de capital podem se converter umas nas outras em vários graus. Dinheiro pode ser investido para desenvolver e comprar capital cultural e social. Artefatos culturais e conhecimento podem ser comprados para atuar no processo de ganhar dinheiro [...]. Gastar dinheiro em odontologia cosmética, cirurgia plástica, academia ou *personal trainer* pode ajudar a desenvolver o poder erótico” (*Ibid.*, p. 29). Na linha, portanto, do que Moreno Pestaña (2016) afirma com base em Bourdieu: de que os capitais podem ser convertidos uns nos outros – com maior ou menor dificuldade, segundo a situação.

Embora o conceito de capital tenha sido usado para sugerir perspectivas que poderiam ou deveriam ser utilizadas como moeda de troca social em mercados livres, a maioria das pesquisas sobre o assunto sugere que, na medida em que podemos conceber o olhar de uma pessoa como capital, esse capital deve estar situado em campos ou mercados desiguais e governados por normas sociais. Essas normas sociais não são iguais para todos e diferem de acordo com o campo ou mercado. (Kukkonen, 2022, p. 33).

Tendo em vista as ponderações acima apresentadas, é preciso se perguntar se o capital pode ser uma forma de poder, já que possui valor de troca. Nesse sentido, como seria possível quantificar o CE em indicadores objetivos? Como ocorre sua acumulação? Quais as formas de negação e de investimento de seus processos de aquisição? Seria possível renunciar a esse capital? E qual o impacto disso na vida social de quem o faz?

Segundo Neveu (2013), qualquer tentativa de responder a essas questões consistirá em uma tarefa bastante difícil, pois o que está em questão aqui não são categorias fixas e únicas. Os padrões de beleza feminina, por exemplo, condensados seja nas representações artísticas ou nos meios de comunicação de massa, podem variar em diferentes períodos e culturas. Isso ocorre porque “os campos sociais podem ser altamente situacionais e temporários, como em uma determinada boate ou sala de bate-papo *on-line* em uma determinada noite ou em uma determinada empresa em um determinado momento” (Kukkonen, 2022, p. 31). Logo, a beleza e o CE devem ser apreendidos enquanto experiência corporificada e situada (“*située*”) dentro de um

contexto ou ambiente específico em que as normas não definem apenas o valor do capital em um mercado, mas também impactam suas condições de troca. Por isso, é preciso levar em conta o contexto social e cultural em que o espectador e os corpos representados existem:

Os critérios que compõem a beleza variam de acordo com o tempo e as culturas. Pensar na beleza como uma experiência incorporada e situada torna possível reconsiderar a experiência estética para que ela reflita a experiência socialmente incorporada do espectador e dos corpos representados que ele ou ela contempla por meio das obras. (Laurin, 2019, p. 24).

Se a maioria dos componentes que constituem o CE são claramente sociais, então é evidente que o capital econômico influenciará no aprimoramento da “apresentação social”, por exemplo, com o consumo de produtos estéticos e itens de vestuário. Mas não só isso. Também se revela aqui a importância da instrumentalização do capital cultural no trabalho de combinação e seleção dos itens a serem usados – enquanto índice da dominação dos códigos. Portanto, tanto o CE como o poder erótico são variáveis, não se restringindo unicamente à disciplina do campo sexual e suas competências – afinal, dizem respeito a habilidades que podem até mesmo preceder o erotismo. Reforçando essa posição, Green (2008) pontua que os fluxos de desejo, logo, o reconhecimento do erotismo do outro, cristalizam os esquemas de classificação, percepção e gosto derivados da socialização.

Dada a variabilidade própria às condições de produção do CE, também são inúmeras e heterogêneas as formas de quantificar (medir ou avaliar) esse capital e, por isso, devemos considerar alguns aspectos: *i.* evidências fotográficas analisadas por juízes competentes; *ii.* avaliações feitas por um informante; *iii.* autoavaliação através de pesquisa; *iv.* concursos de beleza (de misses e mister, rainhas de festas e celebrações); *v.* testes de habilidades de interação e traquejo social.²³⁷

Um exemplo de avaliação do CE é considerar quais os atributos afetam de maneira mais direta o posicionamento dos indivíduos no campo social. “É sabido que ser alto traz vantagens sociais e econômicas, principalmente para os homens. A maioria dos presidentes americanos foram homens altos, ou pelo menos mais altos que seus oponentes” (Hakim, 2011, p. 8). Esse trecho aponta para uma aparente importância da altura enquanto traço valorativo de masculinidade/virilidade, o que nos remete ao caso de relações heteronormativas em que homens – com algum tipo de status no campo do poder – mais baixos do que suas companheiras se valem de artimanhas como tirar fotos com a mulher sentada, ou com o homem sempre à frente, sugerindo, assim, a impressão de uma diferença de altura a seu favor. Nesse caso, a questão da altura está diretamente relacionada a uma relação de poder e dominação, como se pode ver nas

²³⁷ Segundo a autora, o valor do CE “aumenta em situações em que a vida pública e a pessoal se entrelaçam [...] ou em circunstâncias nas quais a pessoa está sempre exposta – como nos esportes ou nas artes” (Hakim, 2012, p. 30).

emblemáticas representações e fotos do Príncipe e da Princesa de Gales: embora Charles e Diana tivessem a mesma altura, ele, primeiro na linha de sucessão ao trono, era sempre retratado como mais alto (C.f.: Estadão, 21/03/2017).

4.4 Corpo-território e a vaidade na padronização da beleza

Elas dizem: você é domesticada, alimentada à força, como gansos no quintal do fazendeiro que os engorda. [...] Elas dizem: não há espetáculo mais angustiante do que o das escravas que se comprazem com seu estado servil
—Monique Witting (2020, p. 125).

O conceito de corpo-território lança luz sobre a forma como a exploração de territórios compartilhados e comunitários, sejam eles urbanos, suburbanos, rurais ou indígenas, leva à violação de corpos individuais e coletivos por meio de atos de espoliação. A própria expressão *corpo-território* transmite a ideia de que é impossível separar e isolar o corpo individual do corpo coletivo, o corpo humano do território e da paisagem. Como mostra Verónica Gago, ao combinar as noções de corpo e território em um termo coeso, esse conceito desafia a ideia do corpo como propriedade individual, colocando ênfase na sua interconexão política, produtiva e epistêmica com o território. O corpo se revela como uma composição de emoções, recursos e potencialidades que não são estritamente individuais, mas sim individualizadas, na medida em que atravessam os corpos de cada indivíduo, de modo que cada corpo nunca é verdadeiramente singular, existindo em função de sua posição relacional com outras forças (que não são necessariamente humanas). Corpo-território pode ser tomado como uma chave para compreender como o CE tem explorado a materialidade do corpo, como forma de produzir padrões estéticos validados por grupos dominantes.

Mas, afinal, como são construídos e reiterados esses padrões de beleza? Para Blazquez (2011), “a produção da beleza e a materialização de corpos belos envolveriam a (re)produção conflituosa de gênero, idade, relações raciais e de classe, entre outras” (*Ibid.*, p. 129). A beleza pode ser interpretada como um constructo social que varia de acordo com as normas culturais, valores, expectativas e os contextos históricos, mas que é definida, em geral, de acordo com os padrões estabelecidos pelas elites dominantes sobre o que é esteticamente legítimo. Desse modo, o culto ao corpo parte de esquemas de percepção sobre o belo consoantes com as narrativas construídas pelas forças sociais e econômicas dominantes em um determinado espaço social (Bourdieu, 2017).

Segundo Bourdieu, para compreender o gosto e aquilo que se entende como belo é preciso, antes de tudo, entender como funciona o sistema de classificação em que “os sujeitos sociais distinguem-se pelas distinções que operam entre o belo e o feio, o distinto e o vulgar; por seu intermédio, exprime-se ou traduz a posição desses sujeitos nas classificações objetivas” (*Ibid.*, p. 13). O que interessa, portanto, não é compreender somente o significado dos padrões estéticos, mas direcionar os olhares à estrutura classificatória que sustenta esses padrões.

É certo que a beleza não deve ser interpretada como universal e imutável, embora nas sociedades ocidentais tenda-se à percepção ilusória da Mulher Ideal Platônica (Wolf, 2020). É importante notar que a percepção de beleza está condicionada pelas relações de poder que compõem a estrutura da sociedade, sendo uma dessas relações a dominação masculina, na qual as mulheres se veem obrigadas a corresponder às pressões estéticas sobre sua aparência física, dependendo não somente da reflexão individual, mas, sobretudo, “das coerções inscritas na economia dos serviços” (Moreno Pestaña; Callejo, 2016, p. 8).

4.4.1 A tecnologia e a vigilância de si

Com o advento das tecnologias e os recursos disponibilizados pela internet, os padrões estéticos são construídos, influenciados e perpetuados de maneira globalizada através da mídia, implicando em uma padronização cada vez mais homogênea do que é considerado belo. A publicidade e o marketing difundidos em meios de comunicação em geral são os principais motores dos interesses das grandes indústrias de estética. Estas lançam a todo momento discursos que reforçam o mito da beleza e, por tabela, a insatisfação com si mesmo/a, pois se cria “um desejo de renovação permanente, desvinculado do tradicional, poetisa-se o produto e idealiza a marca, sacraliza o novo e mostra o look social” (Castillo, 2002, p. 192).

Essas campanhas geralmente são divulgadas por corpos considerados eróticos, sorridentes, dinâmicos e ainda que abracem alguma diversidade, exibindo corpos de pessoas com incapacidades, racializados e de diferentes tamanhos, isso se dá em resposta às reivindicações constantes de movimentos sociais e feministas por representatividade. No entanto, é perceptível que essa diversidade se limita às imagens estampadas nas campanhas, desvinculadas que estão de uma alteração substancial e efetiva (inclusiva) do mercado de trabalho e do acesso a postos de relevância dentro desses conglomerados empresariais. Equivale, portanto, a um esvaziamento de bandeiras políticas visando a otimização das vendas e a ampliação do mercado, e não a um esforço por uma causa social apropriada (Cornwall, 2018).

No árduo processo de adequação aos padrões hegemônicos de beleza reproduzidos midiaticamente, muitas pessoas recorrem à preocupação com a vaidade como justificativa para o investimento de elevada quantidade de tempo e recursos financeiros nessa perseguição do esteticamente aceitável. Nesse contexto, faz-se necessário refletir sobre o que é vaidade, quais são os limites sociais da aceitação do que é considerado como vaidade e autocuidado e onde reside a fronteira entre vaidade e narcisismo.²³⁸ Parto da interpretação da vaidade como um aspecto cultural que conduz a predisposição individual em se adornar de maneira quase ritualística e em desempenhar determinados papéis sociais, com o objetivo de obtenção de reconhecimento do Outro, ou seja, de uma validação por aqueles que o veem. Sendo que “este ‘olho’ [que vê/enxerga] é um produto da história reproduzido pela educação [via sistema de ensino, via socialização familiar etc.]” (Bourdieu, 2017, p. 10).²³⁹

Já no texto bíblico, a vaidade figura como um dos sete pecados capitais por direcionar os homens a preocupações materiais em prejuízo dos valores espirituais, e são chamados de vaidosos/as aqueles/as que exibem um comportamento considerado imoral porque se colocam acima de Deus e dos outros.

Ela [vaidade] pressupõe a tentativa (consciente ou inconsciente) de afirmar para a sociedade uma auto-imagem, previamente construída interna e socialmente. Dessa forma, a vaidade se associa diretamente com a ostentação estética ou moral, sendo operacionalizada através de demonstrações de beleza ou de grandiosidade. (Abdala, 2018, p. 22).

Essa exibição da auto-imagem é socialmente intensificada, em suas diversas modalidades, com base no uso das tecnologias e em uma maior acessibilidade a aparelhos eletrônicos como os aparelhos celulares, *tablets* e computadores portáteis. Proporcionalmente ao aumento da produção e distribuição desses dispositivos, se consome cada vez mais conteúdos de plataformas digitais e redes sociais visando conexões e visibilidade – seja em nível pessoal, profissional ou coletivo, ainda que, atualmente, tudo esteja conectado (Lipovetsky; Serroy, 2015). A representação de si ou do que se gostaria de ser (*modus operandi* platônico) nas redes não se aplica apenas ao caso de pessoas notáveis como escritores/as, políticos/as e artistas, mas a todos/as com acesso a um aparelho celular conectado à internet.

²³⁸ O mito grego de um jovem muitíssimo belo faz alusão a como a vaidade exacerbada pode ser prejudicial aos indivíduos. Narciso ao não encontrar pessoas que correspondam às suas expectativas de par ideal, torna-se indiferente aos demais e opta pelo isolamento social em sua própria companhia. Um dia, ao encontrar seu reflexo em uma fonte reluzente, apaixona-se por si mesmo e por sua beleza. Passa dias admirando o próprio reflexo, sem sair de perto da fonte, em uma obsessão que leva ao definhamento de seu corpo e, finalmente, à morte. Com base nesse mito, chama-se de narcisista aquele/a que se supervaloriza sem se constranger.

²³⁹ “Quando uso a palavra ‘olho’, é no sentido de órgão **socialmente construído**, como no belíssimo livro *L’Oeil du Quattrocento*, em que Baxandall tenta analisar a gênese social de um olhar histórico, **de um sistema de categorias de percepção incorporadas**” (Bourdieu, 2014, p. 122; *grifos meus*).

Bourdieu (1997) afirma que “a tela de televisão se tornou hoje uma espécie de espelho de Narciso, um lugar de exibição narcísica” (*Ibid.*, p. 17). Como dito acima, o cenário atual é ainda mais hiperbólico, pois, com o uso das redes sociais, há hoje uma exibição exacerbada de si mesmo nos muitos perfis espalhados pela rede – para a produção de determinadas formas de apresentação ou da imagem que se quer transmitir aos outros. Espera-se a validação da imagem pública por meio de reações como curtidas (*like* ou *me gusta*), número de seguidores e comentários que engajem e façam com que as imagens difundidas cheguem a um número maior de pessoas – parâmetros que ditam o reconhecimento de sua imagem. Os compartilhamentos nas redes não se resumem apenas a autorretratos (*selfies*), revelando também uma determinada percepção do mundo ou estilo de vida, como, por exemplo, o que se escuta, o que e como se veste, o que e onde se come, o que se lê, onde se vai e com quem se anda.

Pessoas dotadas dos meios para se integrar a essas redes e que não o fazem são comumente julgadas pela sociedade e pelo mercado de trabalho como indivíduos que renunciaram a essa forma de socialização. A decisão de não jogar o jogo pode implicar, inclusive, na sujeição a um deslocamento social em virtude da generalização da comunicação por aplicativos como Facebook, Instagram, Twitter (X) e Whatsapp. Conforme descrito por Durkheim (2003, p. 4), “a maior parte de nossas ideias e de nossas tendências não é elaborada por nós, mas nos vem de fora, elas só podem penetrar em nós impondo-se”, o que não exclui necessariamente os interesses e vontades individuais. Contudo, o próprio Durkheim mostra como os indivíduos são socialmente coagidos a participar de manifestações coletivas e como qualquer resistência implica no sentimento de exclusão e não pertencimento a determinado grupo/identidade.

Tem-se aqui uma via de mão dupla. Se, por um lado, a recusa da dinâmica das redes sociais no dia-a-dia implica em uma exclusão social, por outro, o engajamento no mundo virtual é acompanhado por uma exposição constante à avaliação que os outros fazem sobre como você se apresenta e como representa a própria vida – o que também pode ser entendido como uma forma de vaidade extrapolada ou de excesso de preocupação com a imagem pública. Afinal, esse espaço é regido por certas regras que, embora não ditas, devem ser observadas, sob o risco de exclusão e não identificação com as manifestações coletivas.

Hakim (2012) afirma que as “mulheres ainda são mais vaidosas [em comparação aos homens], apesar da emancipação feminina. Esse enigma ainda não foi explicado” (*Ibid.*, p. 37). Partindo desse trecho, poderíamos questionar o que leva as mulheres a se preocuparem com sua aparência física e a serem consideradas vaidosas. Esse investimento de tempo e dinheiro na produção de um padrão estético aceito socialmente decorreria de puro gosto ou necessidade? Na definição usual, entende-se vaidade como a valorização atribuída à própria aparência, e quaisquer

outras qualidades de caráter físico ou intelectual que sejam reconhecidas pelos outros. Sendo então a vaidade a busca pela legitimação de seus pares, é possível concordar parcialmente com o argumento de Hakim, posto que as mulheres foram sempre relegadas às margens da história, o que as obrigou a insistir historicamente na defesa do reconhecimento de suas agências no campo social.

No entanto, enquanto pretensão estética, a vaidade pode ser interpretada como uma subordinação a uma estrutura de dominação em que determinados tipos de corpos e aparências físicas são legítimos e outros não. Como apontam estudos consolidados na área, os corpos das mulheres, negras (pretas e pardas), racializadas, não binárias, trans e LGBTQIA+ são vistos como objetos de batalha por estarem mais expostos e vulneráveis em um sistema racista, classista, sexista e cisheteronormativo (Federici, 2019; Young, 1990, 1991; Lorde, 2020; Vergès, 2020; Wolf, 2020). Em síntese, corpos que “têm sido historicamente o território físico e simbólico suscetível de ser penetrado, violentado, a terra onde enterrar ‘a semente’ para engendrar homens semidivinos, tanto no cristianismo como outras religiões do Mediterrâneo” (Llurba, 2019, p. 55).

4.4.2 Autocuidado como estilo de vida e autopreservação

Os anos 1980 marcam o advento de abordagens sobre o estilo de vida centradas no autocuidado e vinculadas a um discurso sanitário de bem-estar disseminado principalmente no bojo de políticas públicas neoliberais pelas quais se pretendia transferir a responsabilidade pela saúde para o nível individual, visando minimizar os encargos do poder estatal (Cariello Moraes, 2014). A imagem generificada de autocuidado foi, então, apresentada como expressão de um estilo de vida saudável e necessário para aquelas que buscam romper com alguns padrões, embora estes delimitem certos comportamentos e escolhas possíveis.²⁴⁰

Durante a pandemia de COVID-19,²⁴¹ especialmente entre os anos de 2020 e 2021, as agências de marketing e comunicação destacaram o autocuidado como parte de um discurso sanitário e de bem-estar no qual o estilo de vida surge como barreira de proteção à crise econômica em curso. Nesse contexto, o lucro de indústrias dos setores de cosméticos, produtos de higiene pessoal e de beleza em geral tiveram um aumento significativo em suas vendas online.

De acordo com o Google Trends, o interesse pelo termo de pesquisa “skincare” no YouTube alcançou o pico no final de junho de 2020 (100 pontos), quase o dobro em

²⁴⁰ Pierre Bourdieu abordou exaustivamente a temática de estilos de vida em obras como *A distinção: crítica social do julgamento* (2017) e *Anatomie du goût* (1976), escrito em parceria com Monique de Saint Martin. Para ele, estilo de vida é uma manifestação do *habitus* e da posição social, expressa por conjuntos de práticas, consumos e preferências.

²⁴¹ Reconhecida como pandemia pela Organização Mundial da Saúde (OMS) em 11 de março de 2020. C.f.: *World Health Organization*. Disponível: <https://www.who.int>, consulta: 01/06/2023.

relação ao mesmo período em 2019. No Instagram, a hashtag #skincare conta, no momento, com 75 milhões de publicações relacionadas ao assunto, e, ao pesquisar o termo no Google, são cerca de 324 milhões de resultados de pesquisa. (A Tarde, 2021).

Segundo dados divulgados pelo Ministério da Economia do Brasil, o setor de higiene pessoal, perfumaria e cosméticos registrou superávit de US\$23,4 milhões em 2020 (Forbes, 2021). Ou seja, em um contexto de depressão da atividade econômica em função da pandemia e na contramão das perspectivas, o mercado da indústria de beleza descreveu um crescimento elevado. Contribuiu muito para esse resultado o discurso empregado nas campanhas publicitárias sobre o autocuidado, focadas em práticas como dietas, exercícios físicos, yoga, meditação, *skin care*, atendendo especificamente aos interesses financeiros do mercado e criando certa necessidade de cuidado com a saúde física e, em consequência, com a mental – o que, portanto, contradiz o conceito de autocuidado como autopreservação proposto por Audre Lorde (2020).

Segundo Lorde, cuidar de si é, no contexto de grupos subalternizados, uma ação política, uma luta contra as assimetrias de poder que causam sofrimento em pessoas em situação de marginalização, como mulheres negras, lésbicas e demais identidades. Nessa mesma linha, Federici (2019) afirma que as feministas “colocaram em evidência e denunciaram as estratégias e a violência por meio das quais os sistemas de exploração, centrados nos homens, tentaram disciplinar e apropriar-se do corpo feminino [...] para a implementação das técnicas de poder e das relações de poder” (*Ibid.*, p. 32).

O conceito de autocuidado assume, nessa perspectiva, papel fundamental na luta por justiça e igualdade, configurando-se como um eixo do projeto emancipatório das mulheres para a superação das assimetrias de poder (Lorde, 2020). No entanto, a visão comercializada do autocuidado enquanto estilo de vida, perpetuada pelas elites econômicas, distingue-se de uma leitura de autopreservação dos grupos oprimidos. Assim, vale pontuar que estão em questão duas interpretações sobre o autocuidado: de um lado, a autopreservação dos grupos oprimidos e, de outro, o estilo de vida comercializado.

A autopreservação como prática revolucionária baseia-se na construção de redes de apoio e zelo pela saúde mental, visando a manutenção de uma dignidade a ser vivida por grupos oprimidos. Esse seria, nas palavras de Lorde (1988, p. 90), o único caminho que permite o “eu” [yo] “ser” [ser] para criar e ser ativo. Já a concepção comercializada do autocuidado é fomentada por um discurso sanitário aliado aos interesses econômicos das elites e vendido como núcleo de um determinado estilo de vida (Vergès, 2020). Nessa acepção mercadológica, o ritual do autocuidado seria um meio de libertação. Um exemplo disso pode ser visto na declaração da CEO da Sephora Brasil, em entrevista para Vogue (2020), de que “[o autocuidado] é independente por natureza, ele nos liberta”.

Para descrever o autocuidado comercializado por esse discurso publicitário, supostamente feminista, como uma forma de empoderamento das mulheres sobre os seus próprios corpos, podemos recorrer à expressão *empoderamento light* (Cornwall, 2018). Trata-se de uma narrativa adotada por instituições, corporações financeiras e internacionais, associadas a campanhas em prol do desenvolvimento do potencial das mulheres, e que oferecem “uma versão de empoderamento destituída de qualquer confrontação com as relações sociais e de poder subjacentes que produzem iniquidades sociais e materiais” (*Ibid.*, p. 3). Outro modelo de estilo de vida que vai a reboque desse discurso de autocuidado é o *fitspiration* (inspiração *fitness*), no qual a beleza é associada a traços de juventude, saúde e um modo de vida *fitness*.²⁴²

De acordo Prichard *et al.* (2020), as tendências de *fitspiration* presentes nas redes sociais estão associadas à promoção de corpos atraentes, saudáveis e irreais. As fotos compartilhadas nessas mídias geralmente vêm acompanhadas de legendas motivacionais, no que reproduzem um discurso meritocrático, segundo o qual determinado aspecto físico está ao alcance de qualquer um/a que se esforce o suficiente. Esse movimento, que se apresenta como saudável, é contraditório na medida em que promove insatisfação e mal-estar ao perpetuar um ideal morfológico uniforme. Nas palavras de Prichard *et al.* (*Ibid.*, p. 3), “as fotos mais compartilhadas [pelo *fitspiration*] são caracterizadas por representações ‘antes e depois’ do corpo de uma pessoa”.

Esses padrões exprimem formas de controle das práticas corporais e das funções reprodutivas que implicam na imposição não só de um certo modelo de beleza, mas também de um discurso dominante profundamente violento, que condicionam a existência de si como o Outro (Beauvoir, 2015). Federici faz coro a essa interpretação na forma como define o corpo na sociedade capitalista “é para as mulheres o que a fábrica é para os homens trabalhadores assalariados: o principal terreno de sua exploração e resistência” (*Ibid.*, 2019, p. 17). Até mesmo as possibilidades de autopreservação coletiva vislumbradas por Lorde (2020) são limitadas em função da exploração e apropriação exercida violentamente – tanto material, como simbolicamente – pelos dominantes, vide as práticas de *purplewashing*²⁴³ (Vasallo, 2019) exercidas via o *empoderamento light* (Cornwall, 2018).

No entanto, na medida em que estão inseridas em uma sociedade de dominação masculina, as mulheres vivem um paradoxo em sua própria situação, tornando-se cúmplices de sua própria

²⁴² No Brasil, as influencers expoentes desse movimento são Mayra Cardi e Gabriela Pugliesi, blogueiras sem formação associada à educação física, nutrição ou medicina, mas que lançam mão de um discurso de expertise ao discorrerem sobre emagrecimento e estilo de vida saudável. Entre as principais *hashtags* usadas para identificar os adeptos da *fitspiration*, constam: #fitspo #motivation #fitness #inspiration #comerbem #comidasaudavel #magras #saude #bodygoals #saudemental (Brito Bezerra, 2019).

²⁴³ *Purplewashing* consiste no uso de estratégias de marketing “roxo” ou feminista, pelas quais uma empresa ou organização pretende criar uma imagem de apoio ao movimento pela igualdade de gênero (C.f.: Vasallo, 2019, p. 11-12), sem, no entanto, adotar políticas concretas de promoção da igualdade de gênero.

desgraça (Beauvoir, 2015). Isso acontece pois também elas reproduzem estereótipos e padrões que reiteram o masculino como o universal, permanecendo em uma situação de imanência de seu próprio ser (má-fé), de passividade, conformando-se com o que lhes é dado.

A mesma mulher reconhece que **o universo como um todo é masculino; os homens o conformaram, governaram e ainda o dominam**; enquanto à ela, não se considera responsável; é suposto que é inferior, dependente; não aprendeu as lições da violência, nunca emergiu como sujeito diante de outros membros da sociedade; encarcerada em sua carne, em sua casa, ela se considera passiva diante desses deuses com rosto humano que definem fins e valores. (*Ibid.*, p. 758; *grifos meus*).

Em consonância com a filósofa, Bourdieu (2014, p. 166) alerta que “falar de dominação, ou de violência simbólica é dizer que, salvo uma revolta subversiva que conduza à inversão das categorias de percepção e de avaliação, o dominado tende a assumir o respeito de si mesmo o ponto de vista dominante”. O argumento central de Fanon (2020) e Lorde (1988) vai justamente nessa direção, ambos procurando entender a situação de complacência entre oprimido e opressor e afirmando que não é possível usar as mesmas armas dos opressores para promover um projeto de emancipação. Nesse sentido, paira a questão de como pensar em formas de desestabilização em um campo cuja dinâmica condiciona a reprodução da submissão ou, como coloca Lipovetsky (2017): “Como imaginar uma competição em que homens e mulheres possuam as mesmas armas?” (*Ibid.*, p. 268).

Definitivamente, não há respostas categóricas a essa indagação. Apesar disso, algumas teóricas nos dão pistas sobre para onde pode caminhar essa discussão, como, por exemplo, as proposições de Cornwall (2018) e Vergès (2020) acerca da necessidade de um feminismo crítico renovado capaz de romper os vínculos entre os (supostos) projetos de emancipação feminina e o capitalismo neoliberal – responsável pela produção das assimetrias sociais e materiais. Ou, então, como indica Gloria Anzaldúa (1988), a construção de um mundo *zurdo* (canhoto) para desestabilizar a lógica masculina, capitalista, heterossexual que estrutura as sociedades, contribuindo assim para o fortalecimento comum das mulheres do terceiro mundo, dos homens inclinados às pautas feministas e de pessoas de todas as cores. Um mundo canhoto onde seja possível conviver e se respeitar mutuamente, vislumbrando uma mudança transformadora nas relações sociais que preze pela diversidade.



Capítulo 5: COMO UMA POLÍTICA SE PARECE? Representação e reprodução de estereótipos de gênero

As heroínas lidam com indivíduos que ultrapassam seu poder, mas aquilo que perfaz a estrutura, aquilo que repousa sobre os mecanismos de dominação e de exploração há muito tempo elaborados, que tem à sua disposição a polícia, o Exército, o tribunal e o Estado, pouco é evocado. O que é preciso de coragem, de esforço cotidiano e de organização coletiva para dobrar as estruturas não é evidenciado.

—Françoise Vergès (2020, p. 77).

Na perspectiva bourdieusiana, o campo midiático é percebido como uma arena social em que as relações de poder são disputadas e estabelecidas ao redor da produção, distribuição e consumo de bens culturais, como jornais, televisão, rádio, cinema etc. Passível de influência de forças econômicas e políticas dominantes, as elites midiáticas operam certa centralidade na determinação daquilo que é ou não considerado culturalmente valioso – ou seja, na reprodução de ideologias dominantes (Bourdieu; Boltanski, 2009).

Nesse sentido, é possível identificar que há uma dominação masculina notável no campo midiático (e não somente), conforme Bourdieu (2021) descreve, a “violência simbólica, [...] [é] insensível e invisível para suas próprias vítimas, que se exerce essencialmente através dos caminhos puramente simbólicos da comunicação e do conhecimento ou, mais precisamente, do desconhecimento, do reconhecimento ou, em último caso, do sentimento” (*Ibid.*, p. 12). E que não é recente, se não uma submissão histórica das mulheres a esquemas de dominação e exploração, dado que suas percepções e interpretações de mundo foram desvalorizadas e identificadas, secularmente, como práticas de bruxaria, em oposição a uma racionalidade científica.

Submissão paradoxal, resultante daquilo que eu chamo de violência simbólica, violência suave, insensível, invisível a suas próprias vítimas, que se exerce essencialmente pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento, ou, mais precisamente, do desconhecimento, do reconhecimento ou, em última instância, do sentimento (Bourdieu, 2014, p. 12).

Para Adorno e Horkheimer (1985), a expressão cultural de massa se torna uniforme, perdendo sua diversidade e singularidade, e esse fenômeno é resultado da imposição de uma estrutura conceitual fabricada pelo próprio monopólio dos meios de comunicação, que busca delinear e controlar o panorama cultural. Nesse contexto, os detentores do poder não se preocupam em esconder sua influência, pelo contrário, quanto mais abertamente se manifestam, mais fortalecem seu domínio. Assim, a opinião pública acaba funcionando como um eco, reforçando e nutrindo a voz dos donos do poder. No campo da indústria do cinema e do rádio,

essa uniformidade se torna evidente. Essas formas de expressão, que antes eram apresentadas como arte, são agora definidas principalmente como indústrias – que impõem métodos de produção e reprodução que, por sua vez, visam atender necessidades e bens padronizados para a satisfação do público. Dessa forma, com a supressão da diversidade e da individualidade, a disseminação de bens culturais massificados é inevitável e em prol da satisfação de necessidades uniformes.

Essa padronização na cultura de massa também se manifesta na representação dos papéis sociais de gênero, em que os meios de comunicação desempenham papel crucial na reprodução de imagens dominantes sobre a estética feminina ou no que é esperado do que se concebe como ser mulher. Candidatas e representantes políticas não escapam dessa dinâmica e são submetidas a um escrutínio (esquadrão *fashion*) mais intenso que seus colegas. No entanto, será que é apenas o fato de serem mulheres que irá designar as críticas midiáticas? Essa pergunta pode ser respondida com outra: será que o problema não seria pelo fato de serem mulheres rompendo com as barreiras materiais e submergindo em um campo para tentar se fazerem legítimas – em um espaço cujo estereótipo dominante é o masculino?

5.1 Dominação masculina

Como descreve Bourdieu, são inúmeras as formas de violência simbólica. Um exemplo é a disparidade valorativa entre os saberes masculinos e femininos nos meios de comunicação (Ghazal, 2018; Aday; Devitt, 2001), em que, no caso de entrevistas com agentes políticos, as abordagens jornalísticas mudam em função do gênero daquele/a que está sendo questionado/a. Outro ponto a considerar é sobre o/a produtor/a da matéria, porque, quando o profissional da informação é um homem, os textos “fazem menos eco sobre as medidas de governo impulsionadas por candidatas para presidir um país, ao passo que com os presidencialistas de outro sexo lhes é destinado menos parágrafos sobre a vida pessoal” (Redondo; Gonzalo, 2018, p. 33). Existe, portanto, certa parcialidade e falta de lisura na abordagem jornalística em função do sexo/gênero do candidato ou candidata. Destacável ao,

Analisar a quantidade de cobertura dedicada a elas [mulheres políticas] e ao volume de declarações reproduzidas pelos meios de comunicação; as menções sobre sua vida pessoal e sua experiência prévia; o papel do gênero na cobertura; a associação das mulheres com um mentor ou uma figura masculina; a fórmula usada para nomeá-las; a associação com traços positivos e negativos; o tom recebido pela cobertura (Fernández, 2014, p. 19).

Como a opinião pública é formada, majoritariamente, por influência dos meios de comunicação de grande circulação e em função da enorme velocidade na disseminação e no fluxo de informações, a transmissão por meio dessa rede e a concentração de poder permanecem de forma acentuada (Ghazal, 2018). Maria Braden (1996) demonstra – em sua investigação com as candidatas à vice-presidência dos Estados Unidos – que a maioria das políticas têm a percepção de serem hostilizadas e sofrerem escrutínios sobre seus comportamentos, além de serem indagadas com maior frequência sobre aspectos íntimos da vida privada, se comparadas com candidatos homens. É como se as roupas que as políticas vestissem ou o corte de cabelo que possuem importassem mais do que o que elas têm a dizer sobre política, economia, questões sociais etc.

Esses estereótipos de gênero que engendram comportamentos femininos são usados comumente por “oradores masculinos como manobra das lutas simbólicas que operam segundo as lógicas da dominação masculina” (Barros; Busanello, 2019, p. 11). As estratégias de estigmatização de determinados grupos sociais (por raça, gênero, orientação sexual) são uma forma de controle e de marginalização, em que a linguagem é instrumentalizada para a reprodução de práticas associadas a determinado grupo, e servem a projetos políticos que proveem a exclusão ou a manutenção da exclusão pública de determinadas identidades.

Isso se faz visível ao observar as candidatas e políticas ao serem apresentadas em meios de comunicação, em que costumam ter um papel secundário ou de menor relevância, em termos políticos, em comparação aos seus colegas. Segundo Menéndez (2013, p. 258), ocorre também “certa insistência em enfatizar aspectos relacionados com a forma de vestir, o estado civil ou a família”, mais adiante, destaca que “este tipo de recorte é reforçado com outros elementos, especialmente as fotografias [...] quase sempre valorativos e carregados de **conotações que evidenciam um trato diferenciado pela questão de gênero**” (*Idem; grifos meus*). Portanto, são inúmeros e sofisticados os mecanismos de silenciamento aos quais as mulheres são submetidas durante entrevistas, como, por exemplo, ao serem questionadas sobre temas superficiais ao invés de questões substanciais de suas proposições políticas (Beard, 2018). Esse silenciamento por temas de segunda ordem – é um dos efeitos da ordem social exercido sobre as mulheres e homens – está intrinsecamente ligado às práticas sociais culturais e ocorre pelo fato de, historicamente, não levarem as mulheres a sério, inibindo-as de desenvolver disposições e aptidões necessárias aos espaços e centros de decisão (Bourdieu, 2014).

Beard sinaliza que quase três mil anos atrás já ocorria o desprestígio feminino pelo método do emudecimento e silenciamento. Na literatura ocidental, por exemplo, é observável na *Odisséia*, quando Telêmaco (filho de Penélope com Odisseu) ordena que sua mãe se cale: “*your own work, the*

loom and the distaff... speech will be the business of men [...]” (Beard, 2018, p. 4). Neste trecho, é visível como opera o silenciamento histórico das mulheres para robustecer o controle masculino sobre o público.

O que me interessa é a relação entre esse clássico momento homérico de silenciar uma mulher e algumas das maneiras pelas quais as vozes das mulheres não são ouvidas publicamente em nossa própria cultura contemporânea e em nossa própria política, desde o banco da frente até o chão de fábrica. É uma surdez bem conhecida [...] (*Idem, Ibid.*).

Para entender melhor esse silenciamento histórico das mulheres, é preciso continuar puxando os fios da história e revirar algumas páginas sobre esse tipo de opressão. Nos séculos XII ao XVIII, na Europa e nas Américas, alguns mecanismos de controle sobre as mulheres – acusadas de práticas de bruxaria, de crimes sexuais, como gerar filhos ilegítimos e trabalho sexual²⁴⁴ (perversão), e de serem contestadoras – foram o freio de *Scold* e o freio de *Brank* [focinho ou máscara infame], ou mais conhecido como freio de fofoca [*gossip bridle*], as chicotadas ou os enforcamentos em praças públicas. Esses aparelhos “corretivos” usados pela Igreja Católica a partir do Tribunal da Santa Inquisição, com o aval institucional do Estado, garantiam o silêncio das mulheres ao torturá-las, impedindo-as de falar, por meio dos instrumentos repressivos.²⁴⁵

Sobre isso, Federici (2021) sinaliza que há relatos de punições extremamente cruéis com esses métodos, e uma delas foi descrita pela primeira vez em 1587 na Escócia. A máscara [*brank*] era inserida na cabeça das mulheres e uma espécie de freio ficava na parte de cima da língua, pressionando-a para baixo. Era “uma espécie de gaiola de ferro pesada, que cobria a cabeça; uma língua plana de ferro, às vezes pontiaguda, era enfiada na boca, sobre a língua [...]. Áreas menos sofisticadas se contentavam com uma ‘máquina mais simples – uma fenda presa na língua’” (Cox, 2003, p. 22). O objeto podia também ser cravejado de pontas que tinham como objetivo ferir a língua quando movido. Além da violência sofrida no uso forçoso do instrumento, as práticas medievais de violência também previam exposições (das acusadas) em vias públicas para humilhação e constrangimento, além de servirem de parâmetro de punição por má-conduta a não ser seguida pelas demais.

²⁴⁴ Na segunda metade de 1600, nos Estados Unidos da América (New England ou América Inglesa), as punições para crimes sexuais eram severas por serem consideradas atentados contra a moralidade, então foram proibidos não somente o adultério e a prostituição, mas também a masturbação, a fornicação, a sodomia e as práticas sexuais que não fossem heterossexuais (Cox, 2003). Ver mais: BEN-YEHUDA, Nachman. The European Witch Craze: Still a Sociologist’s Perspective. *American journal of sociology*, v. 88, n. 6, 1983. pp. 1275-9. Disponível: <https://doi.org/10.1086/227807>, consulta: 05/01/2022.

²⁴⁵ Bellini (2014) descreve que, no Brasil, a visita inquisitorial se deu com a colonização portuguesa e ocorreu entre os séculos XVI e XVII.

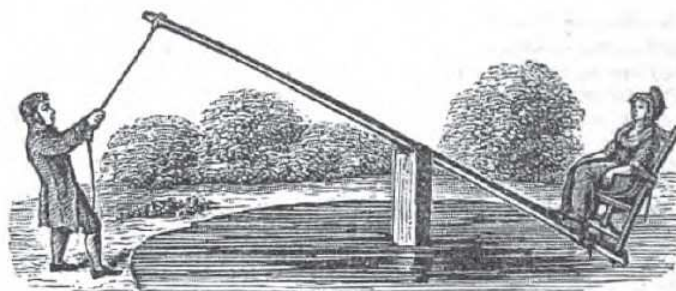
Figuras 8 e 9- Freio de *Scolde* e freio de *Brank*



Fonte: Modern Books and Manuscripts, Houghton Library, Harvard University (09/03/2007).

A tortura não parava por aí. No século XVII havia também, na Europa e nas colônias inglesas na América do Norte, existiam os chamados bancos de arrependimento [*cucking-stool* e *ducking-stool*]²⁴⁶, que consistia em amarrar as mulheres ou, em alguns casos, homens acusadas/os de serem caluniadoras/es, hereges, profissionais sem qualificação, indigentes etc. em uma cadeira na extremidade de uma ou duas vigas, de aproximadamente 3 ou 4 metros, e submergi-las/os em um lago ou rio, levando-as/os, em muitos casos, à morte (Cox, 2003).²⁴⁷

Figura 10- *Ducking-stool*



Punishment by the Ducking-Stool.

Fonte: Reprodução *The hill is home* (11/10/2015).

²⁴⁶ O termo *cucking-stool* é datado do século XIII e *ducking-stool* no século XIV. Ambos se tornaram mais comuns a partir da segunda metade do século XVI (Cox, 2003).

²⁴⁷ Ao buscar imagens de *cucking-stool* e *ducking-stool*, encontrei a que figura nesta tese. No entanto, gostaria de destacar que a reprodução da imagem pode ser adquirida em diversos sites *online* como um produto de *fine art*. Trata-se de uma ilustração de um método de tortura às mulheres e está sendo reproduzida de maneira descontextualizada e comercializada como uma gravura qualquer.

5.1.1 O menosprezo histórico pelos saberes femininos

As regularidades da ordem física e da ordem social impõem e inculcam as medidas que excluem as mulheres das tarefas mais nobres (conduzir a charrua, por exemplo), assinalando-lhes lugares inferiores (a parte baixa da estrada ou do talude), ensinando-lhes a postura correta do corpo (por exemplo, curvadas, com os braços fechados sobre o peito, diante de homens respeitáveis), atribuindo-lhes tarefas penosas, baixas e mesquinhas [...]. (Bourdieu, 2014, p. 41-2).

A inferiorização sistemática do conhecimento feminino, e por consequência do corpo feminino, atingiu seu ponto mais crítico durante a Inquisição – com a condenação à fogueira de mulheres que se opunham aos preceitos iluministas (Bellini, 2014). No entanto, isso não é exclusividade do passado, visto que ainda existem representações negativas de mulheres, como bruxas e outros estereótipos depreciativos, que são reproduzidas em nossas práticas culturais.²⁴⁸

Se atualmente o controle não ocorre por meio da violência física e material, como nos séculos XVI e XVII, ele é realizado de forma simbólica, com a desvalorização do trabalho e de signos relacionados ao feminino, dado que “a força simbólica é uma forma de poder que se exerce sobre os corpos, diretamente, e como que por magia, sem qualquer coação física” (Bourdieu, 2014, p. 60). Parto do entendimento de que a violência simbólica é uma forma de opressão social que ocorre através de uma ampla gama de ações, normas e valores que diferencia e exclui grupos sociais específicos e deve ser entendida como uma ferramenta poderosa da estrutura de dominação com a manutenção da desigualdade social. Esse tipo de violência pode incluir a negação de direitos, a exclusão de grupos sociais a certas posições e/ou oportunidades e/ou a deslegitimação de suas identidades e culturas.

Essa perspectiva oferece uma visão que extrapola o “simples” diagnóstico de misoginia sobre os tipos de violência sofridos pelas mulheres na esfera pública de discursos, debates e comentários, pois, ainda que as mulheres não sejam silenciadas, as que se fazem ouvidas – pela surdez seletiva masculina – pagam um preço bastante alto por isso, como sofrerem discriminações e serem rotuladas de histéricas e descontroladas.²⁴⁹ Já no caso de duas ou mais mulheres, quando reunidas em um ambiente de socialização, são consideradas fofoqueiras, ou

²⁴⁸ Nos Estados Unidos, celebra-se o *Halloween* [Dia das Bruxas], em 31 de outubro. Essa tradição tem suas raízes no festival celta Samhain (que marcava o final do verão na região Norte), que, ao longo do tempo, passou por modificações significativas, incluindo a cristianização da Europa e o intenso movimento migratório de britânicos para os Estados Unidos, onde foi adotada como um dia de celebração às bruxas na cultura estadunidense. Contudo, é importante notar que esse costume, que ultrapassou as fronteiras estadunidenses, é frequentemente associado a preconceitos contra as mulheres consideradas “bruxas”, que são retratadas como seres malignos, diabólicos e feios. No caso do Brasil, apesar de não ser próprio da nossa cultura, o *Halloween* também aterrissou no país e foi incorporado em práticas escolares em diversas regiões do território (*EducaçãoSP*, 28/10/2020).

²⁴⁹ Pontuo, entretanto, que os estereótipos de mulheres raivosas e/ou histórias são recorrentemente associados às mulheres negras e racializadas (C.f.: Walley-Jean, 2009).

seja, há um menosprezo simbólico direcionado à produção de conhecimento, de saber e troca de experiências dentro das relações tecidas por mulheres.

Federici (2021) nos fornece um panorama histórico sobre a gênese da satirização do domínio das palavras expressas por mulheres. *Gossip* [fofoca em inglês], “derivada do inglês antigo, dos termos *God* [Deus] e *sibb* [parente], [...] significa originalmente ‘padrinho’ ou ‘madrinha’” (*Ibid.*, s/p), com forte conotação emocional. Assim sendo, o que habitualmente se referia a uma relação de amizade íntima entre mulheres foi transformada, ao longo dos anos, em síntese de uma conversa vazia e difamatória, opondo-se completamente à ideia de solidariedade feminina. Essa ressignificação do *gossip* (em seu sentido original) para fofoca não deixa de ser uma instrumentalização de violência simbólica no descredenciamento da voz feminina no espaço público.

Citando Bourdieu (2002), “a linguagem está a serviço da dominação masculina e da cultura patriarcal” (apud Barros; Busanello, 2019, p. 11). Em síntese, essa forma de violência é uma manifestação da luta pelo monopólio da legitimidade, uma vez que se utiliza de recursos simbólicos para exercer a dominação sobre grupos sociais específicos. Tal dominação se expressa através de representações sociais, práticas linguísticas e culturais – como a difamação e a estigmatização, que funcionam como instrumentos de diferenciação e exclusão, validando a hierarquia social estabelecida. Como Champagne (1998) destaca que,

A política é, antes de tudo, uma luta simbólica na qual cada ator político procura monopolizar a palavra pública ou, pelo menos, fazer triunfar sua visão do mundo e impô-la como visão correta ou verdadeira ao maior número possível daqueles que são, econômica e, sobretudo, culturalmente, desfavorecidos (*Ibid.*, p. 22-3).

Considerada um “assunto masculino”, até pouco tempo a política esteve interdita para a participação feminina (Rabay; Bezerra, 2022), e a partir do momento em que as mulheres passam a conquistar direitos políticos, encontraram inúmeras resistências por parte dos pares (homens): “ameaçados em sua mitologia profissional do trabalho altamente qualificado, não são reconhecidas como tendo a mesma profissão que seus companheiros masculinos” (Bourdieu, 2014, p. 89). As práticas que reforçam a posição dominante de certos grupos em detrimento de outros funcionam como no caso da dominação masculina, cuja naturalização é perpetuada pela violência simbólica.

Durante comissões, sessões do Plenário e encontros partidários, pautas das políticas são consideradas menos importantes, além de serem vítimas de práticas como o *maninterrupting* (interrupção sistemática que afeta a conclusão de um argumento ou uma ideia), *bropropriating* (apropriação de uma ideia expressa para a reafirmação do poder masculino), *gaslighting* (reiteração

de frases de que a mulher está delirando e com dificuldade de julgar o que é realidade ou não) e *mansplaining* (explicação de algo de forma quase infantilizada, ainda que a mulher tenha domínio sobre o tema), que são comuns no cotidiano político-partidário. Barros e Busanello (2019) descrevem que “esse tipo de machismo [discursivo] constitui um conjunto de manobras retóricas que afirmam e reafirmam políticas autoritárias no que se refere ao debate público, em detrimento de formas discursivas democráticas” (*Ibid.*, p. 3).

A pesquisa dos autores com deputadas brasileiras e suas equipes de assessoria rendeu 45 entrevistas que os encaminharam para as seguintes conclusões sobre as expressões do machismo direcionado ao exercício político das eleitas: *i.* boicote aos pronunciamentos; *ii.* desrespeito ostensivo; *iii.* depreciação durante os pronunciamentos (incluindo vaias, intimidação, assédio e desatenção); *iv.* tratamento discriminatório no controle do tempo de fala das mulheres; *v.* adjetivação depreciativa e expressões de falsa gentileza; *vi.* reiteraões discursivas pelos deputados para terem a “última palavra”; *vii.* machismo discursivo não verbal, como deboche, gestos e expressões faciais de reprovação (Barros; Busanello, 2019, p. 5).

As estratégias misóginas, típicas de sociedades regidas por matrizes de dominação masculina, têm o intuito de afastar as mulheres da política e interferir na atuação cotidiana, reproduzindo condições desiguais de participação no campo político. Conforme afirmam Panke e Iasulaitis (2016), pelo fato de a política ser historicamente predominada pelo masculino, quando inseridas nesse espaço hostil, as políticas são afetadas por estereótipos culturais, assédio moral e sexual, a elas são reservadas apenas pautas com critério de gênero, além de tantos outros empecilhos para sua ascensão profissional. Além de tudo, esses “estereótipos de gênero impactam as estratégias discursivas e comunicacionais de mulheres candidatas” (*Ibid.*, p. 410).

*A mulher é sempre histérica ou descontrolada. Se você não é nenhuma dessas coisas, é um trator, não uma mulher. Isso é machismo. A mensagem por trás disso tudo é a de que a mulher é frágil. Se fosse um homem, diriam: “Ele é firme”. Tenho de mostrar que coragem não nos falta. Acho que minha missão [de vida], além de lutar pela democracia, é deixar claro que **a mulher, nas piores condições, não se curva nem se entrega.** Não tenho dúvidas de que queria deixar um legado mais positivo. Mas deixo o legado da resistência feminina. Vou resistir até o último momento.* (Dilma, Marie Claire, 30/06/2016; grifos meus).

Retomando o papel da mídia na formação da opinião pública, houve mudança ao longo dos anos na forma de produção de notícias e nos programas televisivos, uma vez que “alterou-se o modo de dominação; assim é que a submissão aos poderosos do momento foi substituída pela submissão às leis impessoais e anônimas do mercado econômico que se exprime sob a forma objetiva dos índices de audiência” (Champagne, 1998, p. 260). Pensando na política brasileira, parece que, assim como em diversos outros países, a relação de imparcialidade entre o jornalismo

e a política, além de mediada pelas trocas econômicas, é também orientada pelos interesses da elite financeira (masculina) que gere as emissoras televisivas e radiofônicas.²⁵⁰

5.2 Dualidade na representação feminina: virgens *versus* putas

A cena da “Anunciação”, relatada no Evangelho de Lucas (Lucas 1:26-38), apresenta-nos alguns elementos interessantes para pensar a questão da sexualidade desde o ponto de vista do cristianismo. Neste relato bíblico, o Arcanjo Gabriel desce até a Terra e anuncia à Maria – mulher cristã, casada com José, seguidora do Evangelho e virgem – que ela havia sido escolhida por Deus (“bendita és tu entre as mulheres”) para ser a mãe de seu filho (“Maria, não temas, porque achaste graça diante de Deus. E eis que em teu ventre conceberás e darás à luz um filho”). Esse episódio aborda “uma inseminação, uma concepção não consentida” de Maria (Llurba, 2019, p. 50). Sua gestação, assim como de outros personagens femininos que ilustram o livro sagrado, tal como a de Isabel, prima de Maria, ocorreu após uma “visita” de um mensageiro divino, mas seus partos ocorreram de forma biológica.²⁵¹ Ana Llurba (2019, p. 53) destaca que este “mito do parto virginal foi muito útil para o cristianismo primitivo [...] como prova irrefutável da divindade de Cristo, além de ter sido uma artimanha da verossimilhança para evitar que Maria fosse condenada como adúltera”. Percebo, assim, um relato de concepção não consentida, uma vez que a “virgem” havia apenas sido avisada sobre a sua gravidez.

Quando observado mais a fundo, é possível dizer que a violação sexual, partindo de um não consentimento, é uma narrativa naturalizada nos relatos religiosos, em que essas cenas “[...] de mulheres engravidadas por seres divinos assumindo a forma de animais e fenômenos meteorológicos indescritíveis, estão presentes na histórica cultural universal. A isso também podemos somar os espíritos, entidades supra terrenas, paranormais, fantasmagóricas ou espectrais” (*Ibid.*, p. 54).

Uta Ranke-Heinemann²⁵² (1992) descreve que essas relações mitológicas entre uma mulher terrena e um deus onipresente podem ser encontradas na mitologia egípcia, babilônica, grega e romana, não sendo uma exclusividade cristã, e trata-se de um eixo que conecta as narrativas de múltiplos legados culturais: a representação de relações sexuais, sobretudo as não consentidas, com o aparecimento de uma mulher grávida – humana, escolhida entre muitas, advinda como

²⁵⁰ Na Argentina, Cristina Kirchner tentou emplacar a democratização dos meios de comunicação, mas sofreu muita resistência por parte das mídias hegemônicas. No Brasil, o debate não conseguiu avançar.

²⁵¹ Em Lucas 1:35, o Arcanjo Miguel afirma para Maria: “Descerá sobre ti o Espírito Santo, e a virtude do Altíssimo te cobrirá com a sua sombra; por isso também o Santo, que de ti há de nascer, será chamado Filho de Deus”.

²⁵² Ranke-Heinemann é uma teóloga de tradição feminista que foi excomungada da Igreja Católica em razão de suas reflexões que desmistificam o Novo Testamento e que, principalmente, questionam o parto virginal de Maria.

uma representação da natureza – de um suposto ente divino, mas não necessariamente representado em certa figura masculina (Tarico, 2014). Para Llurba (2019), essa conexão exprime a demonstração de poder e dominação da violência cultural sobre a natureza feminina.

Esse arquétipo da mulher mãe e virgem (mito fundante do cristianismo) em oposição à Eva – pecadora, subversiva, que causa estragos na vida de todos – ressuscita a dicotomia entre a virgem e a puta, e está intrinsecamente relacionada a uma questão moral: quem é ou não digna de afeto e apreço. A submissão feminina é vista, diante de uma estrutura de dominação masculina, como uma forma de tornar-se merecedora de um reconhecimento de seus esforços.

Na análise a seguir, demonstro, através de evidências empíricas, que a sexualidade das mulheres na elite política de centro e esquerda costuma ser centro de debates públicos por parte de seus opositores, que têm discursos morais como chave de atuação política conservadora (Pinheiro-Machado; Freixo, 2019). De tal modo que são associadas à promiscuidade, ao passo que as mulheres notadamente antifeministas ou esposas de políticos tradicionais de direita e extrema-direita (*mulheres de...*), são vistas como imaculadas. De um lado, têm-se as putas, do outro, as virgens.

Em um site intitulado Ela Ele, uma pergunta é feita aos/às internautas ao apontar imagens de Michelle Bolsonaro, Marcela Temer e Dilma: *Qual delas é mais bonita?*²⁵³ Duas ex-primeiras-damas brasileiras, conhecidas por serem mais jovens que seus maridos – homens da política tradicional que ocuparam diversos cargos no campo político e que se alinham a partidos de extrema-direita e centro-direita, respectivamente –, são colocadas como referências para serem comparadas com Dilma.

5.2.1 Primeiro-damismo e mulheres de direita

Sabe-se que são múltiplos os clichês enfrentados diariamente pelas mulheres em sua rotina de trabalho e isso também ocorre no interior dos partidos políticos, desde o recrutamento, até as disputas em espaços de formação de lideranças políticas e no investimento eleitoral de candidaturas (Barros; Nascimento, 2021; Barreira; Gonçalves, 2012). E a guinada à direita na política brasileira recente, sobretudo após o processo de *impeachment*, contribuiu para o enfraquecimento da presença feminina no âmbito público, estando ausentes ou sub-representadas em cargos de liderança.²⁵⁴

²⁵³ A foto de Dilma já não se encontra mais disponível no site (Ela Ele, s/d). C.f.: <https://elaele.com.br/q/145689-qual-delas-e-mais-bonita>, consulta: 17/01/2024.

²⁵⁴ No governo Jair Bolsonaro (PSL), muitas mulheres ingressaram no campo político, o que implicou em uma política de presença feminina no Congresso Nacional (representação descritiva), mas que não era de fato uma representação substantiva (com o desenvolvimento de plataformas sólidas sobre os direitos políticos das mulheres),

Um exemplo desse fato é a baixa representatividade feminina no governo de Temer (MDB), pois, das 81 cadeiras do Senado, apenas 11 foram ocupadas por mulheres; e na última renovação, houve ainda uma menor representatividade feminina nos cargos formais da vida pública: “O perfil da composição ministerial no governo de Michel Temer, [era] simbolizado pela presença estética masculina, branca, de maior faixa etária e associada à política vigente antes dos governos petistas” (Rangel; Dultra, 2019, p. 197). Ainda assim, duas mulheres tiveram grande destaque tanto no governo Bolsonaro (2019-22) quanto no Temer (2016-9): as primeiras-damas, Michelle e Marcela, respectivamente.

Nascida em 1982, Michelle é casada, desde 2007, com Bolsonaro (nascido em 1955), com quem tem uma filha (Laura Bolsonaro). Já Marcela, nascida em 1983, é casada com Temer (nascido em 1940) desde 2003, com quem tem um filho (Michel Temer Filho). As semelhanças não param por aí na trajetória das duas. Michelle é a terceira esposa de Bolsonaro, que já tinha quatro filhos de relacionamentos anteriores, e Marcela é a segunda esposa de Temer, que já tinha três filhos antes de se casarem.

Michelle é protestante, da Igreja Batista Atitude, já foi promotora de eventos e trabalhou eventualmente como modelo – largou esse ofício em nome de uma atuação mais assídua na Igreja Batista como missionária. Apesar de ter se matriculado no curso de Farmácia na Universidade Estácio de Sá – universidade privada e que não conta com prestígio no campo acadêmico –, ela não chegou a concluir a graduação. É alta, magra, olhos e sorrisos marcantes, apresenta traços finos. No início do mandato de Bolsonaro, seu cabelo era loiro, com mechas claras e usava-o constantemente para trás, tal qual Marcela. As roupas também eram claras, assinadas por estilistas e em tecidos mais finos. Durante a campanha de reeleição em 2022, cortou os cabelos, tingiu-o de castanho escuro e passou a usar roupas mais simples, como camisetas de malhas, calças, pouca ou quase nada de maquiagem e uma estética que a aproximava de uma pessoa popular e humilde.

Reiterando a defesa pelos princípios morais de “Deus, Pátria, Família e Liberdade”, seu período de primeiro-damismo foi marcado por uma intensa participação tanto em redes sociais quanto na vida política, pois esteve à frente de diversas plataformas sociais no governo de Bolsonaro, como Arrecadação Solidária, Brasil Acolhedor, LibrasGov, Projeto Sinais e Pátria Voluntária²⁵⁵ – este que, segundo a apuração da Folha de S.Paulo (29/09/2020), foi considerado irregular pelo Tribunal de Contas da União (TCU), pois “*repassou, sem edital de concorrência, dinheiro*

visto que as pautas sensíveis à agenda feminista foram rechaçadas e combatidas por esse nicho de políticas conservadoras antifeministas.

²⁵⁵ O Programa foi encerrado oficialmente pelo governo Lula em 05/01/2023.

de doações privadas a instituições missionárias evangélicas aliadas da ministra Damarens Alves (Mulher, Família e Direitos Humanos)’.

Fotografia 20- Michelle nas eleições de 2022 Fotografia 21- Jair e Michelle Bolsonaro em 2019



Fonte: Instagram @michellebolsonaro (30/10/2022)/ Foto: Reprodução/Instagram, Vogue (01/01/2019).

Com a decisão do TSE de 31/10/2023, que declarou a inelegibilidade de Bolsonaro e Walter Braga Netto (PL) por oito anos (C.f.: TSE, 31/10/2023), Michelle tem despontado como uma possível candidata presidencial para representar o projeto político antifeminista, conservador e de extrema-direita levado a cabo por seu marido entre 2019 e 2022. Ela, que atualmente é presidenta do PL Mulheres, pode ser interpretada como uma *política novata* (Guerrero; Arana, 2019) que exerceu grande influência sobre seu marido/presidente como conselheira política, e mais, teve um interesse despertado para se inserir institucionalmente na política, como foi o caso de 11 primeiras-damas latino-americanas de 88 mapeadas. Segundo os autores, as *políticas novatas* “se lançaram como candidatas ao Congresso, à vice-presidência ou à presidência depois de sair do governo. Isso sugere que várias mulheres nesta categoria usam o posto como um trampolim para entrar na política ativa, e, em alguns casos, continuar o legado de seu marido” (*Ibid.*, p. 44).

Marcela, que antes de ser primeira-dama foi vice-Miss Paulínia e vice-Miss São Paulo, formou-se em direito na Faculdade Autônoma de Direito (FADISP), em 2009 – faculdade particular e também sem prestígio –, pouco antes de se tornar segunda primeira-dama. Loira, alta, cabelos lisos, rosto redondo, olhos e sorrisos marcantes, interpreta o estereótipo de *miss*, sem fugir à regra do padrão ortodóxico de beleza. Marcela não declara seu credo religioso, apesar de Temer ser conhecidamente um católico maronita. Seu estilo é discreto e pende entre o clássico e o romântico: costuma usar muitos vestidos floridos ou em tons claros, comprimento midi e

manga longa ou 3/4, tecidos leves e esvoaçantes, e, em ocasiões mais formais, costuma fazer penteados que colocam seu cabelo para trás. Segundo os dados da pesquisa de Ruggiero (2017), “as representações feitas a partir da primeira-dama, nos portais Folha de S.Paulo e O Globo, reproduzem padrões de beleza, de mulher, de esposa e de mãe previamente construídos culturalmente” (*Ibid.*, p. 122-123).

Marcela é um exemplo de primeira-dama *despolitizada* e que, apesar de primeiras tentativas via projeto Criança Feliz (BBC, 04/09/2017), exerceu uma baixa influência em políticas públicas durante o governo de seu marido. Seria, então, o que Guerrero e Arana (2019) tipificam de primeira-dama *despolitizada*, aquela que não usa o governo como plataforma política para lançar-se como candidata à eleição popular e é sempre associada ao seu marido/presidente – praticamente fugindo à regra da grande maioria (44/88) dos casos analisados pelos autores no contexto político latino-americano.

Fotografia 22- Lançamento do Programa Criança Feliz



Fotografia 23- Michel e Marcela Temer



Foto: Carolina Antunes/PR, Reprodução: G1 (05/10/2006). Reprodução: Instagram @marcelatemer (14/12/2018).

Segundo Galetti (2021), essa narrativa política, expressa também pela construção da imagem pública de suas primeiras-damas, coloca a família como eixo central e funciona como uma espécie de reservatório de disciplina e estrutura de autoridade, ou seja, “um possível entrave aos ‘excessos’ da democracia e das minorias” (*Ibid.*, p. 11). Portanto, as primeiras-damas ressoam a defesa de valores morais e da família, retomando a ideia de certa restauração da ordem após um governo que, além de ser chefiado pelo PT, era governado por uma mulher, antiga militante, divorciada, cuja idade se aproxima mais da dos homens presidentes do que da de suas cônjuges – e evidentemente, sua estética é oposta ao de ex-modelos e ex-misses.

As mulheres públicas, historicamente relacionadas à figura de prostituição, não são dignas de respeito, não são “mulheres honestas”, e por extensão, Dilma, a presidenta, chefe de Estado e mulher pública também não seria digna de respeito e consideração, pois não se enquadra no modelo idealizado de cuidadora do lar, da família e do espaço privado. Assim como Dilma, a grande maioria das mulheres não cabe nessa moldura estreita e idealizada de gênero, que limita os espaços que elas podem ocupar, inclusive as esferas de poder e a política. (Priori; Polato, 2016, p. 51).

À direita, encontro o tipo ideal de mulheres que seriam sempre relacionadas a atributos como bondade, beleza, traços angelicais, docilidade, caridosas, como o caso das primeiras-damas Michelle e Marcela. À esquerda, na visão da direita, seria o oposto: mulheres representadas como agressivas, autoritárias, masculinizadas, combativas, feias, ou então, com traços femininos, mas representadas de forma vulgar, como, por exemplo, Dilma e Manuela D’Ávila (PCdoB). O ponto de intersecção que une e, ao mesmo tempo, distingue essas quatro agentes é a percepção de família. O discurso de mulheres de direita e extrema-direita é associado a uma perspectiva familista, que coloca o núcleo familiar formado por um casal heteronormativo no centro da questão e o faz desde uma interpretação tradicional, conservadora e frequentemente associada à setores religiosos, defendendo a vida e recriminando o direito ao aborto. Por outro lado, estigmatizam as mulheres de esquerda como “abortistas”, sem religião, contra a família tradicional, a favor de grupos LGBTQIA+ e da “ideologia de gênero”, ou seja, contra o que a direita denomina de princípios cristãos.

Michelle e Marcela, apesar de serem membros da elite política brasileira, são apresentadas como primeiras-damas e estão sempre à sombra, ou ao lado, de seus maridos-presidentes. Já Manuela e Dilma estão em posição de agência no campo político por terem obtido, por meio de eleições populares e democráticas, seus cargos eletivos. Esses casos evidenciam como opera a estrutura do campo político brasileiro e quais as significações atribuídas ao gênero, a depender do prisma político-ideológico de cada uma.

5.2.2 Loucas e putas: As mulheres de esquerda

A beleza física e a atratividade social, quando associadas à sensualidade física, podem reduzir as mulheres (principalmente, mas não apenas) a um enfoque erotizado, o que é severamente criticado por Cristina Kirchner em seu livro autobiográfico *Sinceramente* (2019). Em seu texto, Cristina diz que as representações de María Eugenia Vidal – liderança de oposição ao seu governo e braço direito de Mauricio Macri –, nos meios de comunicação tradicional, costumam ser de uma “mulher quase virginal, angelical, uma fada” (*Ibid.*, p. 45), e afirma que essas

mulheres (como Vidal) são vistas quase como castas, sem sexo e sem companheiros/as. Ao passo que, em oposição, ela, uma mulher (na época, de 66 anos) viúva e avó, é representada como alguém que tem diversas relações, amantes e namorados. Para Cristina, o desequilíbrio da balança tem um porquê: “*A resposta é muito simples: é construído um estereótipo enquanto sentido comum de que nós, as peronistas ou populistas somos todas ‘loucas e putas’ e as liberais são todas ‘boas e puras’*” (Ibid., p. 46).

Cristina faz generalizações sobre essa dualidade, e me parece que essa é uma estratégia para demonstrar certos tipos de violência que sofre por meio da reprodução de estigmas de que seria feminilizada demais, ou excessivamente vaidosa. Para contornar as críticas sofridas, ela faz uso de diversos recursos como o *matrimônio político*, ainda que rechace a tradicional posição de primeira-dama (Rivetti; Hey, 2023).

A alusão ao corpo, o adorno e o aspecto físico, em geral, é um dos aspectos mais recorrentes sobre a imagem midiática das mulheres em postos com capacidade de decisão, além da **insistência de questionar dados sobre a vida privada** que, por outro lado, exige uma imagem pública intocável; um voto de castidade (Menéndez, 2013, p. 258; *grifos meus*).

Esse voto de castidade descrito por Menéndez é percebido de forma muito evidente com o luto vivenciado por Cristina após a morte de seu marido, o ex-presidente argentino Néstor, para se salvaguardar justamente dos questionamentos acerca de sua sexualidade e vida afetiva: “A ascensão à presidência não a eximiu dos estereótipos de gênero que circundam o campo político, sobretudo os relativos à sua imagem estética e à sua vida privada (envolvendo sua sexualidade, seu casamento e sua viuvez)” (Rivetti; Hey, *op. cit.*, p. 59).

No caso do Brasil, recentemente encontramos também inúmeros questionamentos sobre a vida privada de políticas com protagonismo na cena pública, como Manuela D’Ávila e Dilma – se seriam homossexual e se teriam ou não uma relação extraconjugal, por exemplo. Durante as eleições de 2018, em que as principais chapas eleitorais presidenciais eram Haddad-Manuela D’Ávila, da coligação “O Povo Feliz de Novo” formado pelo PT, PCdoB e Pros, e Bolsonaro-Mourão, da coligação “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos” formado pelo PSL e PRTB, foram inúmeros os ataques orquestrados pelos apoiadores do bolsonarismo à candidata à vice-presidência, vinculando-a a condutas que ofendiam diretamente o eleitorado católico e cristão (Veja, 09/10/2018).

Fotografia 24- Manuela finalizando a campanha de 2018



Fonte: Metrópolis (27/05/2022).

Manuela, que chegou a anunciar sua candidatura à presidência pelo PCdoB mas declinou para formar uma frente ampla com o PT, disputando como vice de Haddad. Alta, de sorriso marcante, olhos pequenos e castanhos, cabelos curtos, lisos e castanhos escuros, Manuela não costuma usar muitos vestidos e tampouco maquiagem. Seu armário, ao menos durante o exercício político, é composto por calças, seguidas de camisas ou camisetas e blazers por cima – é uma estética sóbria, que demonstra profissionalismo, discrição e sem luxo aparente. Nascida em 1981, na cidade de Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, é católica, casada desde 2012 com o músico Duca Leindecker (nascido em 1970), com quem tem uma filha (Laura Leindecker).

Sua trajetória até essas eleições, que a colocaram como alvo privilegiado da extrema-direita, foi iniciada no movimento estudantil universitário, quando cursava, ao mesmo tempo, Jornalismo, na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS), e Ciências Sociais, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) – tendo concluído apenas a primeira.²⁵⁶ Ocupou diversos cargos a nível regional e nacional: foi eleita vereadora de sua cidade natal em 2004, duas vezes deputada federal pelo Rio Grande do Sul (2007-2015) – com a maior quantidade de votos obtidos na primeira eleição – e deputada estadual (2015-2019). Em 2008 e 2020 concorreu à prefeitura de Porto Alegre pelo PCdoB, mas não obteve a maioria de votos em relação aos seus concorrentes.

Manuela, em distinção à Dilma quando se candidatou, é declaradamente feminista, usando frequentemente camisetas com frases: “lute como uma garota”, “(re)exista como uma mãe”, “é

²⁵⁶ Em 1999, Manuela filiou-se à União da Juventude Socialista (UJS) e, em 2001, filiou-se ao PCdoB. Entre 2001 e 2005 participou da direção nacional da UJS, da vice-presidência da União Nacional dos Estudantes (UNE) e da presidência estadual da União Nacional dos Estudantes (UNE) (Folha de S.Paulo, 30/04/2008).

assim que uma feminista se parece”, “lute como uma mulher”, “rebele-se”; e coloca entre suas pautas prioritárias o combate às desigualdades de gênero e ao poder entre homens e mulheres. Por outro lado, tal como Dilma, foi vítima de diversos tipos de violência política, incluindo ameaças de morte à sua família, ameaças de violência física e sexual, propagação de montagens, *fake news* – que incluíam um suposto projeto da candidata que previa a distribuição de materiais pornográficos em escolas –, discursos de ódio e ridicularização, que foram amplamente disseminados nas redes sociais, mídias, que foram, inclusive, condenados pelo TSE para serem retirados das plataformas digitais por conter inverdades e agredir a honra da candidata (Veja, 09/10/2018; Terra, 02/08/2022).²⁵⁷

Figura 11- *Fake news* Jesus é travesti



Fonte: Twitter @ManuelaDavila (02/10/2018).

Em uma montagem que circulou o país em 2018, Manuela está com olheiras enormes (seus olhos estão escuros), ela está com a faixa presidencial, com tatuagem do Che Guevara no peito e Lenin no braço esquerdo (G1, 21/10/2020). A manipulação da imagem faz com que pareça estar

²⁵⁷ Em casos como o de mulheres da esquerda que são interseccionadas por recortes de classe, raça, e que não correspondem ao modelo cis-heteronormativo, existe uma vulnerabilidade ainda maior em relação a esses discursos de ódio da extrema-direita. Um exemplo disso foi o feminicídio político sofrido por Marielle Franco, vereadora do Rio de Janeiro pelo PSOL, assassinada em 14 de março de 2018.

sob efeito de drogas, colocando-a em uma posição radical, revolucionária (vide as supostas tatuagens) e de alguém que não é confiável e não merece o voto do eleitorado. Apesar de ser casada com um homem e declaradamente heterossexual, também não foi eximida de questionamentos sobre sua sexualidade (UOL, 26/06/2021).

Nesse mesmo sentido, Dilma também teve, por diversas vezes, sua sexualidade estampada em notícias de jornais: ora era vista como lésbica, ora como amante ou namorada de alguém. Um dos casos mais famosos foi o de 2014, quando foi noticiado que Dilma estaria tendo um *affair* com o professor estadunidense James Green. Essa história surgiu durante a turnê realizada por Dilma, após o *impeachment*, em nove universidades norte-americanas, entre elas a Brown, Harvard e City University of New York (Folha de S.Paulo, 07/05/2017; Veja, 12/05/2017; O Tempo, 06/05/2017; GZH Política, 18/08/2017; Piauí, 05/05/2017). Nas matérias, Green desmente, afirmando que está casado há 24 anos com Moshe Sluhovsky, e que a insinuação de um relacionamento entre ele e Dilma é feito apenas com base em imagens (*fotografia 25*) dos dois em jantares, museus e palestras.

– *Afinal, como surgiu essa história?*

James Green: Dilma era amiga de Herbert Daniel (guerrilheiro mineiro, como a ex-presidente, que lutou contra o regime militar e dividiu apartamento com ela em 1969) – explica Green. – Ambos participavam de uma organização chamada Colina. Como estava escrevendo um livro sobre Daniel [Brazilian Gay Revolutionary: The Life and Times of Herbert Daniel], que será lançado em 2018 pela Duke University Press, eu quis entrevistá-la. Fui ao Palácio do Alvorada com um grupo de historiadores que a apoiava no ano passado. E tivemos uma empatia muito grande. Depois disso, eu a convidei para fazer um tour nos Estados Unidos, quando ela já estava afastada da presidência. Foi quando nos fotografaram juntos e surgiu o boato de que estávamos namorando. (GZH Política, 18/08/2017).

Nas imagens abaixo, vê-se, de um lado, Dilma e James Green abraçados afetuosamente durante a passagem da política pelos Estados Unidos – tal foto despertou os boatos de um suposto romance entre os amigos; de outro, uma fotomontagem de Dilma vestindo uma farda, com boné e óculos, fumando um charuto (o que remete a uma imagem comum de guerrilheira com base na estética da Revolução Cubana e de Che Guevara) em uma pose séria, ao lado, Verônica Maldonado – que insinua ter tido um relacionamento com Dilma –, uma mulher negra que está sentada, olhando diretamente para a câmera.

Fotografia 25- Dilma e James Green abraçados



Fonte: Reprodução/Facebook, Veja (12/05/2017).

Figura 12- Montagem de Dilma e Verônica Maldonado



Fonte: Reprodução Sudoeste Hoje (11/10/2010).

Essa não foi a primeira e nem a única vez que a sexualidade de Dilma (declaradamente heterossexual) despertou curiosidade, pois também já houve insinuações de relacionamento dela com Gim Argello (“*Gim Argello também não confirma que ele e a ex-petista-chefe que (sic) foram namorados*”, *Jornal Opção*, 13/08/2016) e de que seria amante de Lula. Como descreve Green em entrevista, “*o episódio reflete a misoginia que ronda Dilma. Uma mulher não pode ser livre e independente; tem que ter sempre um homem para apoiá-la*” (*GZH Política*, 18/08/2017).

Logo após ser reeleita presidenta, surgiu uma manchete: “*Dilma precisa arrumar um namorado, diz Lula. Lula tem dito que Dilma precisa namorar para acabar com seu mau humor*” (*Diário do Poder*, 16/02/2014). Discreta em suas relações afetivas, Dilma não costuma expor sua vida privada, e, como carrega o estigma de ser muito exigente (ou autoritária), é vista como “mal-amada”, ou seja, aquela que precisa de algum relacionamento ou de um parceiro para obter a completude enquanto mulher. Não preenchendo essa vaga de marido ou namorado, passa a ser vista como “masculinizada”, logo, interpretada como lésbica.

Esse foi o caso de um episódio em que uma suposta “amante”, Veronica Maldonado, afirmou ter se relacionado por 15 anos com Dilma: “*Dilma Rouseff é lésbica, mas nunca quis assumir nosso romance publicamente*”. *A declaração é de Verônica Maldonado, uma doméstica que afirma ter tido um longo romance com a atual candidata à presidência (sic) da república, Dilma Rouseff*” (*PB Agora*, 30/09/2010). A notícia circulou diversos portais sem nenhuma credibilidade no meio durante a campanha de 2010 (*Sudoeste Hoje*, 11/10/2010), e a assessoria de Dilma declarou que não passava de um golpe de *marketing* de seu opositor, José Serra, para desestabilizar sua imagem, que despontava como a favorita ao pleito.

Em 2022 surgiu outra *fake news* a respeito de uma suposta homossexualidade de Dilma que estaria prestes a ser assumida: “*Maria do Rosário e Dilma Rousseff assumem relacionamento. Elas falaram que vão se casar logo após a posse de Lula em janeiro de 2023. Relacionamento já dura mais de 3 anos, parte da cúpula do PT foi pega surpresa com a notícia porém vê com bons olhos a união entre as duas partes*”. Esse trecho compunha a montagem de uma matéria que teria sido (supostamente) publicada pelo G1 – e que foi copiosamente disseminada em grupos de WhatsApp de bolsonaristas –, apesar de logo ter tido seu conteúdo desmentido por agências de checagem como a Boatos.org (04/06/2022) e Money Report (25/02/2022). As agências descreveram ser falsa a informação de que as políticas assumiram um relacionamento amoroso e que se tratava, portanto, de uma fotomontagem que espalha *fake news*.

Ainda no lastro das violências sofridas, no dia 10 de outubro de 2011 foi ao ar uma entrevista concedida por Dilma ao programa Fantástico, da Rede Globo de televisão, em que ela responde a pergunta de que estaria de fato usando mais saias e vestidos do que anteriormente, agora na posição de presidenta. De acordo com ela, “*poderia continuar usando só calça comprida, mas eu acho que pelo fato de eu ser mulher tem hora que eu tenho que afirmar essa característica feminina*” (Fantástico, 10/10/2011).

Patrícia Poeta (Fantástico): *Você tem tempo pra cuidar do visual?*

Dilma: *Olha, isso faz parte da minha condição de Presidenta. Eu não posso sair sem ter um cuidado com a minha aparência.*

– *Quem faz sua maquiagem e cabelo todos os dias?*

Dilma: *Eu mesma.*

– *A senhora aprendeu a se maquiar?*

Dilma: *Eu sabia desde muitos anos. Eu não me maquiava porque não queria.*

– *E a saúde, como vai?*

Dilma: *Está tudo bem, mas como sempre, estou tentando emagrecer.*

– *A senhora pretende emagrecer quantos quilos? Qual um sonbo de consumo?*

Dilma: *Ab... Não é muito não, uns 4 ou 5... Mulher sempre quer perder um pouquinho, né? Eu gostaria só de voltar como eu era antes da eleição...*

A tentativa de superar as cobranças por uma aparência afável ou feminina é uma forma de Dilma contornar as críticas a sua sexualidade e ao seu posicionamento como radical (ou feminista): é esperado que use mais saias, mais vestidos, que se maquie, que emagreça e largue as calças e os blazers, adaptando-se a uma estética que ressalte trejeitos de feminilidade, de doçura, para contrapor com a imagem de ex-guerrilheira.

Fica claro que sua vestimenta, seu corte de cabelo, suas joias e seu índice de massa corporal estamparam as manchetes de distintos jornais, entretanto, durante o processo de *impeachment*, houve uma intensificação na agressividade do tom e na acentuação das conotações sexuais das

representações de Dilma (Carniel; Ruggi; Ruggi, 2018). Um exemplo disso foram os adesivos,²⁵⁸ distribuídos em grande escala pelo país a partir de julho de 2015, que a expunham a uma posição de vulnerabilidade, “produzido para ser fixado na entrada do tanque de gasolina dos carros. Quando abastecidos, a ideia era de que a bomba estaria penetrando sexualmente a presidenta Dilma” (Priori; Polato, 2016, p. 47).²⁵⁹

O adesivo que transmitia a ideia de estupro ou de violentação coletiva pode ser lido como uma forma de punição em razão do aumento dos preços dos combustíveis na época. Para contestar as políticas vigentes, os opositores e o eleitorado que estava insatisfeito expressou o descontentamento através da violência política sexista (VPS), e “fica nítido que o enunciado do adesivo é regido com valores sociais imersos em códigos masculinos de dominação presentes nas interfaces da política brasileira” (*Ibid.*, p. 49). Jinkings, Doria e Cleto (2016) indicam que a destituição de Dilma em 2016 foi um processo incentivado por setores conservadores e a mídia hegemônica e caracterizado por propiciar uma desestabilização no Estado Democrático, que teve como plano de fundo a reprodução sexista de que lugar de mulher não é na política (Rubim; Argolo, 2018).²⁶⁰

Esse cenário, que sinaliza os desafios contínuos para o acesso e permanência das mulheres, evidencia que: **“as mulheres já são muito menos propensas a considerar uma carreira política do que os homens**, essas experiências [de violência política] podem, por sua vez, reduzir as ambições políticas das mulheres de forma mais geral” (Krook; Sanín, 2016, p. 152; *grifos meus*).

Se Dilma precisava reforçar atributos de feminilidade, que não lhe eram comuns, para se proteger de eventuais críticas, pergunto: que tipo de perfil de mulheres políticas é aceitável para o campo político tradicional? Quais mulheres podem ou devem ser recrutadas por partidos políticos? Não é de se estranhar, dado o histórico apresentado, que a distinção equivocada entre feminilidade e feminismo ainda marca o tom do debate sobre a presença (ou ausência) de mulheres na elite política latino-americana.

²⁵⁸ Optei por não reproduzi-lo na tese, mas, quem quiser visualizá-lo, poderá facilmente encontrar em sites de busca.

²⁵⁹ O objetivo deste capítulo não é o de colocar Dilma em uma posição de vítima, no entanto, ao trabalhar com a temática de campo político, não se pode ignorar como operam os mecanismos de reprodução e perpetuação das disputas internas, como, por exemplo, o uso de formas depreciativas de representação da agente em questão para intensificar a propaganda negativa à sua pessoa. Também não se pode ignorar que existe um viés de gênero explícito nessas formas de representação (Krook; Sanín, 2016).

²⁶⁰ C.f.: *O Processo*, Documentário, 141 min, Alemanha. Direção de Maria Augusta Ramos. Idioma: Português, lançamento: 17/05/2018. Disponível: <https://www.vitrinefilmes.com.br/filme/o-processo>, consulta: 10/06/2019.

A respeito desse debate, no livro *La Razón de Mi Vida* (1995), de autoria atribuída à primeira-dama argentina Eva Perón, que se destacou internacionalmente como um tipo ideal de primeiro-damismo carismático, há um capítulo intitulado “A passagem do sublime ao ridículo”. Nestas poucas páginas escritas nos últimos anos da década de 40, é possível ver o estigma que pesa, ainda nos dias de hoje, às mulheres que se reconhecem como feministas (solteiras, feias e ressentidas): “*Dominadas pelo despeito de não ter nascido homens, mais do que pelo orgulho de serem mulheres. [...] A imensa maioria das feministas do mundo que me é conhecido constituíam uma estranha espécie de mulher... que não me pareceu nunca, totalmente, mulher*” (Ibid., p. 212). Finaliza o capítulo dizendo que o movimento de mulheres, feminino, lhe parecia sublime, enquanto a deturpação das pautas “femininas” pelo feminismo não seria nada mais do que ridículo: aspirando ser homem, deixava de ser mulher e não era nada.

Essa suposta dualidade presente no discurso peronista da década de 1940 e 1950, como vimos, ainda perpetua no campo social, pois existe um estigma de que se abre mão da própria feminilidade e do “ser mulher”, nos padrões legitimados historicamente (ser magra, vaidosa, delicada, falar baixo, ser discreta), ao se reconhecer como feminista. Portanto, não se trata apenas de “uma questão de gênero” ou da estética por si só, mas, sim, de projetos políticos que essas mulheres representam e da repercussão midiática em torno de suas figuras.

Como analisado, vimos, de um lado, Marcela e Michelle, que encarnam pressupostos de feminilidade, performam como donas de casa, cuidadoras, mães, interessadas em temas assistenciais, são conhecidas por serem *mulheres de...* (presidentes) e defendem a família nuclear acima de tudo; de outro, mulheres-políticas como Manuela e Dilma, que são mães, ocupam posição de destaque no campo político como porta-vozes de si mesmas e não de seus maridos, são consideradas agressivas, brutas, autoritárias, têm sua orientação sexual, escolhas de roupa e de vida sistematicamente questionadas. O que rege, portanto, as avaliações a respeito da estética – santificada ou profana – é o prisma político-ideológico: quais as expectativas sociais sobre o que é ser mulher de direita e mulher de esquerda.

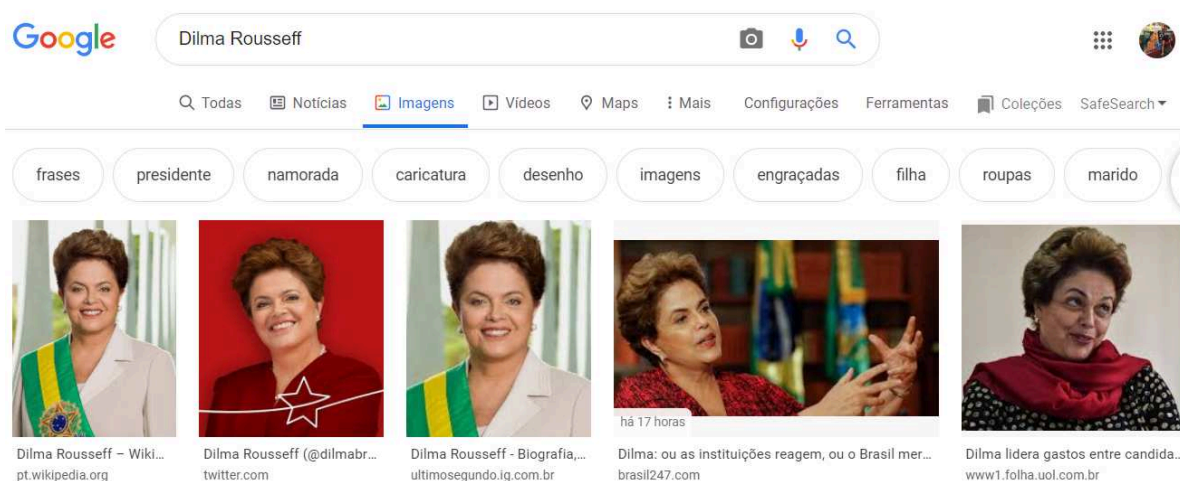
5.3 De candidata à referência estética

Em função da superexposição pública de mulheres na política, ao sinal do mínimo destaque, elas já passam a ser questionadas sobre seus aspectos físicos em detrimento de suas propostas políticas, e apesar das transformações sociais e dos avanços no que tange à participação política feminina, ainda seria esperado uma atuação “fora da política, ou então, nos bastidores dela – sempre como coadjuvantes, auxiliares. Nunca no poder, nunca na presidência” (Avelar;

Rangel, 2019, p. 446). Portanto, como afirmado anteriormente, as violências sofridas por mulheres em posição de poder são reforçadas pelas críticas direcionadas à aparência física.

As representações de Dilma, por exemplo, pelos meios de comunicação são muito duras, e isso se dá por ela não pertencer a um padrão de atuação política feminina “aceitável”, como o estereótipo de *Bela, Recatada e do Lar* (Veja, 18/04/2016) protagonizado por Marcela, de mulher afável, com trejeitos de feminilidade exacerbada. Em fevereiro de 2020, ao buscar o nome de Dilma em uma pesquisa rápida no Google – site de buscas mais utilizado atualmente –, os termos que o algoritmo indica, e que pode ser observado no *printscreen* abaixo, relacionados à sua figura são os seguintes: frases; presidente; namorada; caricatura; piadas; ditadura militar; desenho; engraçadas; filha; roupas; marido; looks; família; cabelo; jovem; assinatura; guerrilheira; mãe; posse; bom dia; antes; corpo; zueira; idade; rosto; dentes; plástica; vestido.

Figura 13- Busca no Google pelo nome de Dilma



Fonte: Google, autoria própria (2020).

Estão presentes indagações sobre sua vida privada e relacionamentos afetivos (marido), e indicação de uma suposta relação homoafetiva (“namorada”), características físicas e estéticas (dentes, cabelo, rosto, corpo, looks, roupa, vestido) e insumos de uma ridicularização (caricatura, piadas, engraçadas, “zueira”). Essas terminologias nos dão alguns indicativos sobre o tipo de tratamento que uma ex-presidenta, mulher, do PT, teria, em distinção aos demais políticos homens. Os discursos de ridicularização de sua imagem intensificam-se por representações caricaturizadas como uma pessoa autoritária, corpulenta e com dentes avantajados (El País, 30/06/2015, 19/01/2015; Amaral, 2011; Jinkings *et al.*, 2016; Carniel *et al.*, 2018). Seja por sua estética, pela questão geracional ou pelo histórico de militância na época da ditadura, essas

imagens reiteram discursos de midiaticização do ódio e por isso foram instrumentalizadas durante o processo de *impeachment* (Amaral; Neto, 2017).

Para driblar as críticas sofridas por seu estilo de “gerentona” ou “autoritária”, foram feitos grandes investimentos em sua imagem pública durante a pré-campanha e a campanha presidencial de 2010. Isso ocorre, primeiro, com o auxílio profissional de comunicadores políticos, como a equipe de João Santana, para entender quais os anseios dos eleitores e as expectativas sobre a sucessora de Lula. Posteriormente, com a objetivação das demandas para o aprimoramento do CE de Dilma, através de aulas de oratória, cirurgias estéticas, maior vigilância em relação ao peso etc. A candidata passa por uma modelação para o estereótipo de matrona, tal como outras lideranças políticas bem-sucedidas, como Angela Merkel e Michelle Bachelet.

Na realidade, como são poucas ou raras as referências de mulheres nos seletos nichos da elite política, econômica e corporativa mundial, existe uma dificuldade para se pensar em modelos de estética aceitáveis àquelas que ocupam esses espaços. Esse é um dos problemas de nível de representação, pois não há uma identificação com aqueles que ocupam as posições de liderança por ser majoritariamente compostas por homens.

Não temos um modelo para a aparência de uma mulher poderosa, exceto que ela se parece bastante com um homem. Os terninhos regulamentares, ou pelo menos as calças, usados por tantas líderes políticas femininas ocidentais, de Angela Merkel a Hillary Clinton, podem ser convenientes e práticos; podem ser um sinal da recusa em se tornar um cavalo de roupas, que é o destino de tantas esposas políticas; mas também são uma tática simples – como diminuir o timbre da voz – para fazer a mulher parecer mais masculina, para caber na parte do poder (Beard, 2018, p. 54).

Neste ponto, Mary Beard (*op. cit.*) fornece relevantes contribuições ao abordar a estética das políticas, indicando um caso de uso de um *tailleur* muito similar por duas políticas (*fotografias 26 e 27*) em um mesmo evento: Hillary Clinton – política americana (Partido Republicano), na época, secretária do Estado dos EUA – e Angela Merkel – na época, chanceler alemã (União Democrata-Cristã).

O uso de roupas similares pode ser entendido como certo domínio, por ambas as partes, das regras do espaço e da forma mais adequada de se vestir para a ocasião. No entanto, pode também ser interpretado como algo embaraçoso em um tom de falta de etiqueta por um constrangimento mútuo. Isso se dá por uma percepção de falta de identidade, que vai diretamente ao encontro do argumento de Beard (2018) sobre a sub-representação de mulheres em postos de liderança política, e, logo, a dificuldade de entender quais os parâmetros aceitos culturalmente para elas. É por isso que encontramos uma repetição de cortes de cabelo entre as poucas que ocupam cargos de prestígio político: cabelos curtos, penteados para trás das orelhas, com tons

iluminados, terninhos de manga longa com três ou quatro botões na parte frontal, sapatos fechados com salto mediano para baixo, brincos e colares discretos e maquiagem natural.

Fotografia 26- Merkel e Clinton vestem tailleur azul

Fotografia 27- Merkel e Clinton vestem tailleur creme



Fonte: Sean Gallup, Getty Images reprodução Bustle (07/07/2014)/ Foto: Miguel Villagran, Getty Images News.

Cotta e Farage (2021), ao analisar a intersecção entre o mercado e as formas de se vestir nos postos de trabalho, afirmam que para as mulheres “vestir-se para ir trabalhar passa a ser, então, um esforço recorrente para que o foco esteja no trabalho, na nossa competência, nas atividades desempenhadas, e não no que vestimos” (*Ibid.*, p. 10). Como as autoras definem, essa situação é uma espécie de campo minado de escolhas para as mulheres. O que se assemelha também à reflexão levantada por Mary Beard (2018) sobre a dificuldade das mulheres em selecionarem o *dress code* adequado para exercer atividades de prestígio nas elites do campo político e econômico, uma vez que são raras aquelas que ocupam essas posições e, por essa razão, não há muito em quem se inspirar ou ter um parâmetro na hora de se arrumar. É por isso que costumam ter consultorias com profissionais da área da beleza e de estilo para uma melhor conformação da imagem pública com o discurso que o partido e a candidata pretendem passar para o eleitorado.

No gabinete de um órgão público, na empresa, no set de filmagem, na residência de alguém, no estúdio, na escola, na oficina, no campo, no laboratório, na sala, na baia, no consultório ou no *hot desk*, não importa: estaremos **sempre “um pouco demais” ou “um pouco de menos”**, com muito disto ou faltando daquilo (Cotta; Farage, *op. cit.*, p. 10; *grifos meus*).

Esse trecho se revela importante para entendermos a dificuldade de Dilma em estar alinhada às expectativas sociais sobre como se espera que uma presidenta se pareça. A respeito disso, percebo que suas escolhas em relação aos trajes em cerimônias oficiais eram

constantemente motivo de interrogação por parte dos meios de comunicação. Um exemplo disso foi a repercussão de sua estética nas posses de janeiro de 2011 e de 2014:²⁶¹ “*A posse de Dilma Rousseff (sic) trouxe um novo debate à política brasileira: qual roupa a presidente eleita vai usar no dia primeiro? Muito se especula sobre o design, a cor e o estilo*” (Correio Braziliense, 24/12/2010). Através da roupa, mas não somente por meio desse dispositivo, é sinalizado às mulheres um não pertencimento ao campo do poder, já que os códigos nesse espaço são essencialmente masculinos.

5.3.1 Outras lideranças políticas femininas

Nas entrevistas realizadas com Celso Kamura e Roberto Stuckert Filho, os profissionais afirmaram que não houve nenhum tipo específico de consultoria de moda para a candidata, mas que, dentro do possível e dos pedidos da equipe de *marketing* que conduziram a campanha eleitoral, eles tentavam auxiliá-la com roupas e tons que lhe “caíam melhores”, como tons claros, e a alternância dos terninhos, ao invés de usar sempre as roupas que lhe pareciam mais seguras.

– *Sobre as roupas dela, você dava alguma dica, assim, alguma opinião, Kamura?*

Kamura: *Ai, eu dava. Ela tem aquele terninho vermelho dela. Adorava o terninho vermelho. Ai o povo: “Kamura, pelo amor de Deus, não deixa ela botar o terninho vermelho”.*

– *Quem te falava isso?*

Juliana: *O pessoal, os assessores...*

Kamura: *Do João Santana. “Não deixa ela pôr, fica pior de vermelho...”. “Ó, mulher, essa roupa de novo?!”...*

Kamura: *Muitas vezes o João Santana: “Ai, Kamura, pede pra ela usar uma roupa (inaudível). Sabe assim?”. Uma roupa clarinha, não sei quê. Ai subia: “Mulher, usou essa roupa semana passada”. [...] “Kamura, não deixa pôr o terninho vermelho, hoje”. Ai você via o terninho vermelho: “Mulher, você... de novo?” (risos coletivos).*

Mesmo assim, Dilma ficou marcada pelo uso constante dos terninhos vermelhos durante a campanha. A cor é tradicional à ideologia de esquerda e ao PT, sendo considerada emocionalmente intensa, que excita emoções e de alta visibilidade, predominou em seu guarda-roupa no período, “a cada presença do vermelho, a presidente usa sua ligação aos ideais políticos que a sustenta neste ambiente e na guerra eleitoral” (Oliveira, 2015, p. 57).²⁶²

²⁶¹ C.f.: *Biblioteca da Presidência da República*. Disponível:

<http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/fotos-dilma/posse-1o-e-2o-mandatos>, consulta: 05/01/2024.

²⁶² O uso da cor também foi criticado pelo partido de oposição PSDB durante um pronunciamento oficial de Dilma (já presidenta) na televisão sobre a redução da tarifa de energia elétrica (Estadão, 31/01/2013).

Figura 14- Os tons de vermelho de Dilma



Fonte: Unidade Básica de Saúde (04/08/2014); Belo Monte (05/08/2010); CNA (06/08/2014); Palácio do Planalto (07/08/2014) (Estadão Conteúdo/Folhapress. Reprodução: Veja, 08/08/2014).

Considerado uma alegoria-chave ou “uniforme do poder”, o terno é visto por especialistas da moda como uma peça que não tem erros, mas que, quando se olha o guarda-roupa feminino, não existe uma peça que expresse tanta força e poder como esta (Cotta; Farage, 2021). Nesse ponto, percebe-se essa dificuldade das mulheres em se vestirem em espaços formais e de poder. Pode-se pensar também no simbolismo expresso no terno como *status* e distinção de classe, afinal, quem são aqueles que podem usar ternos? Ou melhor, quem são aqueles que podem usar um bom terno, com corte de alfaiataria? Os terninhos utilizados por mulheres são chamados no diminutivo (em português, “*inbo*”) para se referirem ao corte direcionado aos corpos femininos e surgem como uma adaptação dos ternos masculinos às formas femininas, visando consolidar a presença feminina no mercado de trabalho na década de 1980.

Segundo Cotta e Farage (2021), os terninhos são uma espécie de armadura para estabelecer seus próprios códigos no ambiente profissional e torna-se uma espécie de “uniforme” que rompe com algumas barreiras de gênero – é um ponto de segurança, sem muito erro para as mulheres que precisam se apresentar de modo mais formal. O argumento defendido pelas autoras de que a reprodução de uma peça de vestuário masculina seria uma invenção de uma “própria armadura” ou de “próprios códigos” parece equivocado. Na realidade, o uso dos terninhos pelas mulheres é uma adequação aos códigos masculinos, ao invés de uma reivindicação de legitimidade de outros tipos de códigos.

Uma conhecida entusiasta dos terninhos é Angela Merkel, que apresenta um estilo discreto, mas famoso pelo uso de conjuntos de calça com corte reto e blazers, sempre em tons variados –

que lhe renderam a expressão “Pantone Merkel” e “Merkel *Rainbow*” –, com três ou quatro botões e bolsos na parte frontal e gola ou lapela em recorte V, geralmente assinados pela estilista Bettina Schoenbach desde que se candidatou ao posto de primeira-ministra em 2005 (Folha S.Paulo, 23/09/2021). Segundo a reportagem da BBC (21/10/2014): “*Seu uniforme preferido é um terninho sensato, quadrado, de três botões, em um espectro de aparências maternas [mumsy] que vai do bege ao roxo. Clássico, avesso a riscos e sem ostentação, a mensagem é de autoconfiança e confiança – ela tem coisas muito mais importantes para resolver do que seu guarda-roupa*”.

Figura 15- “Pantone Merkel”



Foto: Noortje van Eekelen “*The Spectacle of Tragedy*” Reprodução: O Globo (09/10/2011).

Se roupas com formas retas transmitem a ideia de controle e de ordem, que, segundo Oliveira (2015), devem ser características inerentes ao chefe de poder, Merkel e seu estilo político e estético acertam nos pressupostos do que se espera de uma liderança: “*Concreto, constante, sem enfeites, mas nunca monótono*” (The Guardian, 24/09/2021). Os conjuntos funcionam como uma espécie de jaleco branco para os profissionais da área da saúde – evitando desconfortos, como uma ocasião narrada de que a política usou um vestido de tafetá em 2008, na abertura do Oslo Opera House, com um decote que foi considerado inadequado e lhe causou diversas críticas pelos meios de comunicação (Forbes, 17/11/2020). Desde então, passou a ser fiel ao seu “uniforme” político a fim de evitar mais comentários sobre a sua vestimenta.

Apesar de não colocar a pauta estética como prioridade, Merkel não está isenta de críticas e, por isso, tem sido descrita como alguém que precisa se preocupar mais com sua aparência: cuidar mais das unhas e ir em manicures, modernizar seu corte de cabelo e alternar a forma de se vestir para sobressair ao estereótipo de antiquada (*old-fashioned*) que lhe ronda (C.f.: BBC, 21/10/2014; The Wall Street Journal, 31/05/2012; Le Journal International, 03/10/2013).

Certa vez, Karl Lagerfeld falou sobre o estilo de uma das mulheres mais poderosas do mundo [Merkel]: “Calças muito longas, casacos muito apertados, cores horríveis. Tudo está errado!”. Já Dilma, que no início de seu primeiro mandato elegeu looks de Alexandre Herchcovitch – relação que não vingou –, confia seu closet há mais de 20 anos nas mãos da gaúcha Luisa Stadlander, quem fez a manga 3/4 virar praticamente uma marca registrada da presidente (Glamurama, 20/08/2015).

A dificuldade em acertar o tom do que é esperado das mulheres-políticas existe porque, quando elas se dedicam demais à beleza (*feminilizadas*), podem transmitir a ideia de superficial e fútil; e quando colocam a estética como plano de fundo à ação política em si, são vistas como descuidadas ou despreocupadas demais. Por isso é fundamental pensar qual é o meio termo ou o padrão aceitável e se ele existe, pois, se não há um manual de como se vestir ou se portar, é preciso dominar as regras que fundamentam a dinâmica do campo político, mas se essas regras são feitas via códigos masculinos, é de se questionar se seria possível feminilizar a política – com uma nova imaginação política que seja orientada por ritos e signos associados às mulheres e legitimados pelas elites que detêm o poder.

Com base na literatura sobre participação política feminina (Schwindt-Bayer, 2006; Kanter, 1977; Norris, 1997), identifiquei quatro tipos mais comuns de representação de mulheres na elite política, conforme se pode observar no quadro abaixo.

Quadro 9- Tipologia e representação de políticas no campo midiático

Tipo	Descrição	Adjetivos relacionados	Liderança política
Matronal [<i>supermadres</i>]	Supervalorizam a ética do cuidado, pode ser vista como uma figura casta. Costumam usar roupas com cortes mais retos, sem mostrar tantas curvas.	Cuidadosa, honesta, confiável.	Michelle Bachelet
Mulher de... [<i>pet/mascote</i>]	Agradável e complacente com os demais agentes e grupos majoritariamente masculinos.	São sempre relacionadas com um padrinho político ou algum vínculo com homem: “ <i>Mulher de...</i> ”.	Marcela Temer Michelle Bolsonaro
Mulher de ferro	Apresentam assertividade e raramente demonstram emoções publicamente. Se distanciam das concepções clássicas de feminilidade.	Autoritária, brava, centralizadora, masculina, segura.	Margaret Thatcher Angela Merkel
Feminilizada ou sedutora	Preocupadas com a apresentação pública, atributos físicos e indumentária.	Vaidosa, bonita, superficial, simpática.	Cristina Kirchner Laura Chinchilla

Fonte: Elaboração própria (2023).

Segundo Menéndez (2013), as *supermadres* ou matronas (como opto por traduzir), são representadas como cuidadoras, castas e assexuadas. Elas atendem às necessidades de sua grande família (que seria a população) como se fosse uma espécie de extensão do privado ao público, em que o Estado seria um Grande Lar.²⁶³ Leslie Schwindt-Bayer (2006), ao entrevistar candidatas e políticas do Chile e Peru, identificou que a maioria das mulheres tinham exatamente essa percepção sobre as responsabilidades de seus cargos: compartilham o sentimento de serem responsáveis pela proteção das crianças, da família e, por isso, defendem pautas como educação e saúde. Esse comportamento inclinado ao cuidado no campo político ocorre também porque a hostilidade do ambiente as empurra para os papéis tradicionais da divisão sexual do trabalho, onde encontram uma maior aceitabilidade de participação.

Nessa perspectiva, as mulheres passam a ser significativamente mais propensas a priorizar questões femininas e preocupações com filhos/família, tanto nas atitudes quanto no comportamento de apresentação de projetos de lei, dando maior prioridade, se comparado aos seus colegas do sexo masculino, às pautas baseadas em uma *ética do cuidado* (Gilligan, 1982). Portanto, além da influência no estereótipo no debate público, a imagem pública (e estética) do estereótipo matronal como um recurso político faz com que essas mulheres se resguardem de questionamentos sobre a vida privada, uma vez que são vistas como uma figura maternal.

Dilma, ao se tornar “Dilmãe” e “mãe do PAC”, é isentada, ao menos entre apoiadores/as, de intromissões sobre sua vida afetiva e sexual – o que lhe era muito comum, como visto anteriormente. Por outro lado, Teresinha Pires (2011) afirma que ao torná-la “mãe”, seria uma forma de “apresentá-la como portadora de uma força própria, de carisma, e, assim, equilibrar a presença de Lula na campanha” (*Ibid.*, p. 156). Diferentemente da autora, entendo que sua imagem de mãe viria complementar, de modo a tentar capitalizar o discurso paternalista de Lula (pai dos pobres), ainda que Dilma nunca estivesse dentro desse padrão comum de docilidade e de se conter apenas às *soft politics* de políticas internas e com menor prestígio. Muito pelo contrário, ela desenvolveu sua carreira justamente em áreas mais técnicas (sobretudo, na parte energética), logo, mais masculinizadas, como o Ministério de Minas e Energia, e consolidou uma imagem de “gerentona”, brava e autoritária, que lhe renderia a classificação de uma *mulher de ferro*.

Portanto, não foram poucos os investimentos do *marketing* político na construção de Dilma como figura matronal para a reformulação de imagem construída previamente à candidatura, cujo objetivo era: *i.* romper a fama masculinizada que adquiriu durante sua ocupação ministerial como uma “primeira mulher” a ocupar determinadas posições (Norris, 1997), em que precisou

²⁶³ Os discursos usados por Eva Perón ressaltava essa ideia de que o Estado era um grande lar e que as mulheres precisariam ingressar nele, por via política, para moralizá-lo com sua ética feminina (Melo, 2015).

incorporar códigos masculinos (dominantes no campo político) para uma aprovação pelos pares;

ii. desestabilizar com o discurso de que seria uma *outsider* – em que era tratada como uma recém-chegada e inexperiente no jogo político –, usando uma perspectiva paternalista/maternalista e demonstrando que daria continuidade com o governo de Lula, aprimorando-o e incorporando seu repertório técnico às políticas assistenciais desenvolvidas.

A *béxis* corporal do estilo *matronal* e de *mulher de ferro*, tanto em Bachelet quanto em Dilma e Merkel, é composta pelo uso constante de *tailleurs*, terninhos e, em alguns casos de eventos notáveis, um vestido tubinho²⁶⁴ seguido de um blazer. As roupas costumam estar entre variações das cores azul, creme, vermelho e preto. Já os cabelos, costumam ser curtos, para facilitar no dia a dia, além de serem tingidos ou com luzes mais claras em tonalidade de loiro e dourado.

Fotografia 28- Encontro entre Merkel e Bachelet

Fotografia 29- Posse de Bachelet



Fonte: Telesur English (27/10/2014)/ Foto: Reuters.

Fonte: O Globo (12/03/2014)/ Foto: Reuters.

Aquelas que resistem a esse tipo de estética e reproduzem comportamentos de “feminilidade”, como a argentina Cristina Kirchner e a costa-riquenha Laura Chinchilla, destoam de padrões como de Bachelet, Dilma, Hillary e Merkel que, mesmo dentro de uma ortodoxia corporal e de padrões de beleza legitimados, também são questionadas por sua estética como inadequada (Rivetti; Hey, 2023). O visual comum a elas é marcado pelo uso de saltos altos, cabelos longos, escuros e escovados, uso de vestidos e roupas mais justas ao formato corporal – são consideradas *sedutoras* –, sinalizando, de forma discreta, as curvas em oposição às linhas retas do estilo matronal.

²⁶⁴ É chamado de tubinho (*shift dress*) os clássicos vestidos surgidos com Coco Chanel e popularizados na década de 60 com Audrey Hepburn, Jackie Kennedy e Twiggy. Os tubinhos apresentam corte reto (sem ênfase à silhueta), são clássicos, minimalistas, versáteis, usados sem manga e com decote barco. C.f.: *An Ode to the '60s Shift Dress* by Camille Freestone. Disponível: <https://coveteur.com/2020/09/03/shop-shift-dress/>, consulta: 31/01/2024.

Fotografia 30- Laura Chinchilla e Cristina Kirchner



Reprodução: RFI (04/12/2010)/ Foto: ©Reuters.

No quesito maquiagem, ainda que seja modesto o uso dos cosméticos, como batons em tons *nude*, os olhos são um pouco mais marcados com o uso de sombras e delineadores (os quais Cristina demonstra ser mais adepta do que a vizinha latino-americana), além do uso de joias um pouco mais exuberantes, como anéis e colares. No caso das feminilizadas, quando se agrega o indicador político-ideológico, é mais comum que sejam alvos de discursos misóginos acerca da sexualidade, uma vez que a eroticidade é mobilizada para conversão do capital político – e isso pode ser usado contra elas, por narrativas de agentes conservadores e tradicionais ao espectro da direita. Isso posto, é mais fácil compreender o porquê de algumas políticas recalcularem suas rotas e objetivarem um *êthos* materno como caminho de aumentarem as chances de romper com as expressões de violência simbólica a elas direcionadas.

5.3.2 Investimentos estéticos e transformações da possível sucessora

Em 2009, antes de encontrar Kamura e ser assessorada por João Santana, Dilma já estava em uma fase de mudanças estéticas em razão do tratamento contra um linfoma, em que precisou raspar o cabelo e recorreu ao uso constante de perucas (dos mais variados cortes, conforme se pode notar na imagem abaixo, no ano de 2009).²⁶⁵ Com a melhora no quadro de saúde e a recuperação do crescimento dos cabelos, passou a usar os fios ainda curtos, mas à mostra, fez também bioplastia de rejuvenescimento facial, além da troca dos tradicionais óculos – que eram

²⁶⁵ “Meu cabelo caiu todinho [por conta da quimioterapia]. Eu usava peruca e já não aguentava mais. [...] Tanto é que quando eu tirei o meu [cabelo] era mínimo” (Dilma em entrevista para Hebe Camargo, 15/03/2011).

uma marca de sua imagem – para lentes de contato. Essas mudanças no visual passaram a ser descritas por jornais, como uma preparação de Dilma para a candidatura presidencial.

Segundo o Estadão, em matéria assinada por Maria Rita Alonso e publicada logo após a posse de 2014, foi a partir de 2009 que se passou a investir na construção de uma imagem pública de presidenta: *“Ainda ministra da Casa Civil do governo Lula, Dilma fez uma plástica e abandonou os óculos de grau que a acompanhavam desde que era militante. Foi a primeira rodada de recauchutagem. De lá para cá, a maquiagem e o visual adotados por ela seguraram bem a sua imagem de ‘presidenta”*” (Estadão, 05/01/2015).

Figura 16- As faces de Dilma



Fonte: IstoÉ Dinheiro (10/11/2010).

Na fotomontagem, é possível verificar as transformações estéticas pelas quais Dilma passou desde 2005 até 2010. Seu estilo passa a ser mais minimalista, discreto e elegante, em contraposição com roupas que antes se destacavam mais (com cores mais fortes, estampas e cortes não tão ajustados ao seu formato corporal), o mesmo se aplica ao seu rosto. Antes carregado em razão do corte de cabelo mais volumoso e escuro e do uso de óculos de grau, vai ganhando traços mais delicados, e os acessórios, como brincos e colares, passam a ser ainda menores e mais discretos. Essa mudança, considerada radical, pôde ser identificada na repercussão do evento de abertura da 36ª Couromoda, realizada no dia 12/01/2009, no parque Anhembi, em São Paulo, que também contou com a participação de Lula. Avalio que, a partir desse momento, Dilma passa a ser notada pela mídia por seus investimentos no aprimoramento do CE (C.f.: Folha de S.Paulo, 12/01/2009).

A nova aparência da ministra foi exibida ontem, pela manhã, durante a abertura da Couromoda, em São Paulo. Dilma mudou o corte do cabelo, optando por um estilo mais arrojado e franja repicada. Também passou a usar mais maquiagem: um pó facial disfarçou os sinais da bioplastia, assim como sombra e lápis destacaram seus olhos. (Folha de S.Paulo, 13/01/2009).

Cabelos mais claros, leves e repicados, lentes de contato no lugar dos óculos, maquiagem e colar de pérolas, Dilma estava mais magra num conjunto de casaquinho e calça pretos com detalhes branco. [...] Além das intervenções cirúrgicas, a ministra também estava durante o evento de ontem bastante maquiada; fato incomum desde sua entrada no governo Lula, em janeiro de 2003. (O Tempo, 12/01/2009).

Durante a semana, surgiram várias hipóteses sobre qual procedimento Dilma teria se submetido – cirurgia ou bioplastia. Segundo Jorge Menezes, presidente regional da Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica, a ministra passou por uma cirurgia de face “completa”. Segundo ele, somente um bisturi justifica a melhora nos terços médio e inferior do rosto e no pescoço. (O Tempo, 17/01/2009).

Também não foram poupadas referências aos elogios feitos à Dilma por companheiros partidários, desde Lula até o vice-presidente José Alencar e demais ministros. Neste caso, a opinião dos políticos homens pode ser interpretada como uma espécie de legitimação pelos pares.

O ministro Tarso Genro (Justiça) engrossou nesta quarta-feira o coro dos que gostaram das mudanças que a ministra Dilma Rousseff (Casa Civil) adotou em seu visual. [...] Na terça-feira (13), o novo visual de Dilma já havia arrancado elogios do ministro José Múcio Monteiro (Relações Institucionais), que participou, com ela, de reunião de coordenação política no Palácio do Planalto. (Folha de S.Paulo, 14/01/2009).

Ministra diz que tirou peruca porque achou que o cabelo “já estava bom”. Alencar elogiou Dilma e defende candidatura dela para Presidência. (G1, 21/12/2009).

A aprovação de seu visual significa a legitimação de sua imagem como candidata à sucessão presidencial (“mergulhada de corpo e alma”). É como se tivesse se atentado às opiniões públicas e passado a ser mais mulherzinha, tirando a armadura de *mulher de ferro* que lhe era criticada por homens meigos.

As mudanças no visual e na postura de Dilma aceleraram-se neste ano, quando o presidente Luiz Inácio Lula da Silva passou a tratá-la como candidata preferencial à sua sucessão. A ministra trocou os óculos por lentes de contato e apareceu de terno vermelho e batom no mesmo tom num recente encontro de prefeitos eleitos pelo PT, no qual fez um discurso mais político e menos técnico do que os de costume, afirmando que seu partido é uma força do bem. (Divinews, 24/12/2008; grifos meus).

*A nova fisionomia da ministra da Casa Civil, apresentada na semana passada, confirmou o que há muito era uma suspeita: **Dilma Rousseff já está mergulhada, de alma e de corpo, na campanha presidencial de 2010.** Quase dez quilos mais magra, cabelo ruivo e repicado, lentes em vez de óculos e cirurgia plástica rejuvenescedora, Dilma reapareceu em grande estilo na abertura de uma feira de moda, ao lado do presidente Lula. (Veja, 16/01/2009; grifos meus).*

A mudança no visual é percebida como o primeiro grande investimento na candidatura, o que demonstra também que Dilma passa a ter dimensão de que era necessário adaptar-se fisicamente às exigências da posição requerida, ainda que isso não significasse, efetivamente, uma

mudança em sua postura política. Tanto que, em entrevista, ela afirma que seu temperamento é assumido por seus pares como se fosse a única e mais rigorosa no espaço de trabalho.

Hebe: *E aquela Dilma brava que a gente sabe que existe? [...]*

Dilma: *Posso te falar uma coisa? Você já ouviu falar de algum homem, algum político é bravo? Homem. Eu nunca ouvi. Aí eu **cheguei a conclusão de que só existem homens meigos porque a única pessoa brava era eu.** [risos coletivos]*

Dilma: *O que eu acho que acontece é que a mulher não é vista como sendo capaz de dirigir, de liderar. Então a liderança e a direção é vista como uma certa dureza e uma nota falsa na questão da mulher, porque a mulher tem que ser só meiga, bem quietinha. [...] Eu sou uma pessoa que exijo e eu tenho que prestar conta ao povo brasileiro. Como eu tenho que prestar conta ao povo brasileiro, eu me cobro e eu cobro as pessoas da mesma forma como eu me cobro. [...]. (Rede TV!, 11/03/2011).*

Ao chamar os políticos que conformam sua rede de “meigos”, ela se contrapõe à imagem que lhe é atribuída de “brava”. Essa é uma forma de inverter a crítica, afirmando que não é que ela seja brava demais, é que talvez não estejam acostumados em lidar com mulheres assertivas e em posições de poder.²⁶⁶ Os meios de comunicação, sem exceção, foram incisivos em abordar sua personalidade como a de alguém autoritário, talvez em função disso, ao longo das entrevistas realizadas, e de demais materiais coletados, encontrei de forma recorrente diversos adjetivos sobre seu temperamento – sintetizados abaixo.

Quadro 10- Adjetivos usados pela rede de Dilma (para se referirem a ela)

Agente	Vínculo	Estética	Temperamento negativo	Temperamento positivo
Carlos Araújo	Ex-marido	<i>Sem informações</i>	É horrível o temperamento dela.	Romântica
Celso Kamura	Cabeleireiro	Não tem muita vaidade; não é fotogênica; muito gorda; gorda; engordando; ela comia muito.	Muito brava; sempre brava; pilhada; controladora; muito nervosa; tensa; tem essa coisa da autoridade; não gosta de gente; pessoa muito difícil.	Pessoa incrível; muito honesta; muito correta; está mais calma, mais leve; ficou vaidosa; empoderada; super agradável.
Dilma Jane	Mãe	<i>Sem informações</i>	<i>Sem informações</i>	Não é de falar, mas de agir; atenciosa; sempre querendo acertar, querendo ajudar; coragem.
Fernando Pimentel	Amigo e ex-ministro	Óculos, lente muito grossa e tal.	Muito dura; ela não tem carisma; “Ela é dura, ela não é uma pessoa assim... ela é difícil... ela se emociona muito raramente”.	Muito séria; muito respeitada pela capacidade intelectual; era uma militante mais qualificada; muito dedicada, muito disciplinada; é muito inteligente; uma pessoa intelectualmente superior; técnica, muito competente; capacidade de gerenciar, uma competência fora de sério; “ela é bem humorada também”; é dura na queda; pessoa sensível.
Juliana Vieira	Assessora do cabeleireiro	<i>Sem informações</i>	Insegura; estressada; deixava louco; medo.	Pessoa muito incrível; maravilhosa; tranquila; muito correta; mais segura; “agora se permite aproveitar um pouco mais”.

²⁶⁶ Isso pode ser comprovado em duas ocasiões distintas: *i.* em entrevista ao Datena no Programa Brasil Urgente, Rede Band (20/02/2010); *ii.* em entrevista para Hebe Camargo na Rede TV! (11/03/2011).

Agente	Vínculo	Estética	Temperamento negativo	Temperamento positivo
João Santana	Marqueteiro	Não tem muita vaidade	Pessoa muito difícil	<i>Sem informações</i>
Luísa Stadlander	Estilista	Muito discreta; mulher alta, com braços e pernas finas.	Personalidade forte	Bem técnica; força de comando muito forte, mas nem por isso menos afetuosa; objetiva; nada deslumbrada; simples.
Lula	Padrinho político	<i>Sem informações</i>	<i>Sem informações</i>	Pessoa leal; estudiosa; trabalha como um animal; de extrema lealdade; mulher extraordinária, de muito caráter; ética; competência e capacidade de articulação.
Pedro Farah Rousseff	Sobrinho neto	“Gerentona”; não é uma mulher de conversinha.	Rigidez; brava; muito brava; muito rígida.	Ama muito; cuida muito; competência técnica; disciplina; honestidade; mulher técnica; figura autoconstruída pela competência técnica.
Roberto Stuckert Filho	Fotógrafo	Não era uma pessoa bonita; Se maquiar era uma guerra pessoal; ela sabia que ela tinha que estar preocupada com aquele lado da estética; uma senhora de idade.	Ela sofreu e se fechou muito; não era uma pessoa política.	Técnica; não era uma dondoca; tranquila; pessoa doce; preocupada com as pessoas e com a família; simpática; nunca reclamou de uma foto.
Olga Curado	Professora de oratória	Necessidade de comer um pouco mais; figura menos de mãe amorosa, e mais mãe, de realizadora.	Personalidade mais contida; tendência a ser mais rígida; não se dispõe muito a relaxar; <i>workaholic</i> ; olhar de comando; nunca foi uma pessoa de comemorar; muita exigência; nervosa; tensa; expectativa de não errar; não ficava satisfeita com as informações.	Bastante disciplinada; facilidade de escutar; tendência de ensinar; sensibilidade grande para a pintura; processo mental muito analítico; muito treinada; carinhosa; gentil; educada; focada em obrigações; controlada; em lampejos sabia fazer uma fala engraçada.

Fonte: Autoria própria (2024).

Quando questionei Fernando Pimentel sobre a frase usada corriqueiramente por Dilma para descrever essa suposta autoridade frente aos homens meigos, o amigo respondeu:

Pimentel: *Mas ela é dura mesmo! Ela é dura, ela não é uma pessoa assim... ela é difícil... ela se emociona muito raramente, entendeu? Se emociona, ela tem assim... Não sei se você já viu episódios públicos dela chorar, o episódio da Comissão da Verdade, quando ela lembrou dos nossos companheiros que morreram, é... ela ficou muito, mas muito tocada, uma vez que, quando teve um episódio de um massacre de umas crianças em Realengo no Rio de Janeiro, não sei se você se lembra disso. [...] Então assim, ela obviamente é uma pessoa sensível também, mas vou te falar que isso aí é uma exceção viu? Porque como regra, ela é muito dura, ela é bem... [bate a mão na mesa] [risos]*

*Mas assim, por um lado e por outro, aí é mais na intimidade, ela é bem humorada também, sabe? Ela brinca... [...] Mas ela é dura na queda. Cobra mesmo [inaudível]. Então assim, quando ela fala “Ai, eu sou a única mulher dura no meio de um monte de homens meigos”... Eu uma vez falei assim pra ela “Não Dilma, isso não é verdade. Você é uma mulher dura no meio de homens duros, mas você é mais dura do que eles”. [risos coletivos] [...] Então a vida não é fácil, sabe assim? **Te falar que a Dilma é dura, é mesmo, e se não fosse, não teria sobrevivido e não teria chegado onde chegou.** (Entrevista, 21/02/2024).*

O suposto autoritarismo em público ou em ambientes majoritariamente masculinizados é contraposto por uma figura associada a certa docilidade e bom-humor nos bastidores. Assim, quando Dilma saiu do cargo de Ministra da Casa Civil para concorrer à Presidência, Lula disse: “Muita gente diz que a Dilma é dura, mas também nem todo mundo precisa ficar se reganhando (sic) o tempo todo. Tem gente que espera que políticos fiquem sorrindo o tempo inteiro [...] Ser dura é uma das estacas que você utiliza para exercer sua função no poder” (G1, 31/03/2010). Nos trechos de Pimentel e de Lula, os dois apontam a dureza de Dilma como um atributo positivo para quem quiser assumir uma posição privilegiada na elite política, independente de seu sexo/gênero, e mais: como instrumento que lhe garantiu a sobrevivência durante o período militar.

Entre as palavras que mais aparecem nos discursos dos agentes, vê-se predominância de referências à sua formação técnica e ao seu processo mental mais analítico, relacionadas às competências profissionais (técnica, rígida, dura, dedicada, controladora, exigente, competente, rigorosa, disciplinada, objetiva). Ao mesmo tempo, ao que parece, é também no nível profissional que aparecem mais adjetivos negativos antecedidos por advérbios de intensidade como “muito” (insegura, brava, pilhada, nervosa, pessoa difícil/personalidade forte; *workaholic*, estressada). Em relação a sua personalidade, percebe-se um juízo moral de uma mulher que preza pela discrição (fechada/contida), ao mesmo tempo, se dedica à família e aos amigos (afetuosa/carinhosa/gentil) e é entendida como alguém distante de pressupostos de corrupção (correta/honesta/leal).²⁶⁷ Já sua aparência, é descrita como alguém que não teria vaidade, com necessidade “de comer um pouco mais”, mas entende a exigência de se preocupar com sua aparência.

Essas características apontadas pelos/as interlocutores/as devem ser entendidas com base em seu *habitus*, em suas disposições culturais, pois, conforme vimos, seu sucesso escolar, que fora inscrito na tradição secular francesa, se deu com a incorporação do *esprit de Sion*, com traços de serenidade e contenção de emoções para forjar-se como uma *enfant de Sion*. O que, posteriormente, foi ainda mais aprimorado no período de militância, em que a bravura e a disciplina eram atributos fundamentais para a sobrevivência individual e das organizações combativas. Inclusive, é de chamar a atenção que, em uma entrevista, Dilma (mãe) afirmou que chorar não adianta de nada (Estadão, 08/03/2006), então há também uma inscrição familiar, ao menos no que a frase materna sugere, de que a emotividade não era vista como um recurso costumeiro na dinâmica familiar.

²⁶⁷ Questão que estava em voga durante sua candidatura de 2010 com o contexto do Mensalão.

5.3.3 Mudanças no visual e a popularização do cabeleireiro

Contratado pela equipe de *marketing* de João Santana – responsável pelas campanhas eleitorais de 2010 e 2014, e que já havia trabalhado com Lula em 2006 –, Celso Kamura foi o responsável por cuidar do visual de Dilma. O profissional da beleza, que já trabalhava com Marta Suplicy (na época, do PT) quando era prefeita de São Paulo (Folha de S. Paulo, 30/12/2000), foi indicado para cuidar também da Ministra da Casa Civil de Lula, que sairia como candidata à presidência em 2010.

Aí, eu tive uma reunião com ele [João Santana], né? Até ele... Na reunião, em vez de me tranquilizar, eu acho que ele me apavorou mais. Falou: ai, você vai encontrar uma pessoa muito difícil, que não tem muita vaidade. Entendeu? Mas a gente precisa que ela tenha um visual que transmita uma segurança, né?... Uma confiança, uma modernidade. (Kamura, 25/08/2022).

Kamura diz ter se inspirado na venezuelana Carolina Herrera²⁶⁸ – referência de elegância no mundo da moda – para o corte de cabelo e a “repaginação” estética de Dilma, que fosse sinônimo de sofisticação e de praticidade no dia a dia. Na *imagem 31*, percebemos alguns traços marcantes na figura de Herrera: cabelo curto, em tom mais claro e penteado para trás, uso de pérolas como colar e brincos – que se destacam como ponto de luz – e de camisa fina, com um corte correto ao corpo e usada como três quartos,²⁶⁹ tecido branco e estruturado. Sua estética é clara e segue um padrão de regularidade, destoando muito pouco entre os visuais. Essa repetição faz parte da construção de uma narrativa de identidade visual de uma marca, sendo um dos pontos fundamentais defendidos pelo *marketing* e pela publicidade. Por outro lado, a escolha das roupas trata-se de ritualização de feminilidade e representação da vida cotidiana.

O tipo de beleza esperada de uma política, segundo Kamura, é o da discrição e elegância: “*A política quer tá (sic) bem e transmitindo uma coisa de confiança. Ela quer tá (sic) bonita, mas com aquela coisa... Transmitir confiança mesmo pras pessoas. Transmitir confiança não é deixar ela ‘uau’. É uma beleza mais contida*” (Kamura, 22/08/2022).

²⁶⁸ Herrera, ícone da moda mundialmente, tinha como pessoas próximas uma rede exclusiva da elite artística, composta por Andy Warhol, Robert Mapplethorpe e Diana Vreeland. Obteve projeção internacional ao criar sua própria grife com uma identidade baseada em padrões de sofisticação, luxo e de exclusividade. Ver mais: *Carolina Herrera*. Disponível: <https://www.vogue.es/moda/modapedia/disenadores/carolina-herrera/8>, consulta: 29/11/2022.

²⁶⁹ Três quartos é uma camisa que tem o comprimento das mangas logo abaixo do cotovelo. Geralmente Herrera utiliza uma camisa longa e faz algumas dobras deixando-a no estilo três quartos. Dilma, que também é uma *habituê* desse estilo de camisa, prefere o modelo que já é originalmente em três quartos.

Fotografia 31- Carolina Herrera

Fotografia 32- Dilma sorridente

Fotografia 33- Christine Lagarde



Fonte: Carolina Herrera/ *Reprodução:* Vogue Portugal (09/02/2018); Hildegard Angel (09/10/2010); Dusan Reljin, Elle Active (23/03/2019).

Após a consultoria, Dilma aderiu aos cabelos com tons mais claros e iluminados, além de um corte bem torneado, evidentemente inspirado na venezuelana. Em uma de suas aparições durante a campanha (*imagem 32*) – sem data exata –, é possível detectar a inspiração de modo bastante visível. Os elementos estão todos presentes neste figurino: camisa branca, com gola em formato V, brincos de pérolas, penteado finalizado com o cabelo para trás e maquiagem suave em tons terrosos. Outra referência que Kamura apresentou para a candidata foi a francesa Christine Lagarde (*imagem 20*), Diretora Geral do Fundo Internacional Monetário (FMI) entre os anos de 2011 e 2019, que apresenta os cabelos totalmente brancos – a ideia de platinar os cabelos foi prontamente descartada por Dilma com receio de uma mudança muito radical.

Na fotomontagem (com as duas fotografias), é possível observar como ocorreu a transformação no mesmo dia. De um lado, pela manhã, durante a abertura da 48ª Assembleia Geral da CNBB, vê-se uma figura mais sisuda – bem apresentada, mas com uma aparência mais fechada –, ao passo que, ao lado direito, na parte da tarde, no Encontro Nacional de Negros e Negras do PT, Dilma aparece mais iluminada, com uma cor de batom mais clara, luzes e uma camisa branca, transmitindo a impressão de alguém mais receptiva e afetuosa.

E aí eu clareei o cabelo dela, eu tirei a sobrancelha, eu maquiei ela. E aí, eu fui vendo, assim, as dificuldades dela. Tipo, ela se maquiava? Ela se maquiava, eu vi a maquiagem dela. Era uma base que não cobria, sabe? A boca que não pintava inteira. Tinha um probleminha de pigmentação que ela tinha que esconder. Então, assim, tinha uma consultoria: olha, a senhora tem que usar essa base, não sei o quê e papapá e aí, o mais incrível, é que ela tinha ido num evento, de manhã, campanha. Eu atendi ela meio-dia. Terminei, sei lá, duas

e meia, três horas e ela foi pra outro evento e a imprensa era a mesma. Você imaginou o choque? (Kamura, 25/08/2022).

Imagem 17- Dilma antes e depois de Kamura



Reprodução: G1 (14/05/2010)/ Foto: Alan Marques/Folha Imagem.

O “choque” produzido neste dia, nas palavras de Kamura, ocorreu porque Dilma não era considerada uma pessoa vaidosa. No relato do cabeleireiro, quando ele começou a produzir Marta Suplicy,²⁷⁰ por exemplo, não houve tanta repercussão como com Dilma, e isso se explica por Marta já ter o costume de frequentar salões de beleza com certa frequência e ser muito vigilante à sua estética. O profissional também descreveu as técnicas utilizadas para a atualização do visual da então pré-candidata:

Kamura: A coloração, a gente clareou. Ela mantém um cabelo claro até hoje que eu acho que deu uma leveza, né? Cabelo escuro para certas pessoas é muito pesado.

Dá uma seriedade. Então, o cabelo mais claro, eu acho que deu uma suavizada na... E ela mantém até hoje.

– E as maquiagens, assim, que estilo de maquiagem você...?

Kamura: É consertar, é uniformizar a pele. Nos olhos é sempre uma sombrinha meio neutra, assim, e ela passa o canto com delineador pra disfarçar uma micropigmentação que é meia falhada. Aí a sobrancelha também tem que maquiar, consertar. Blush, normal... Era tudo muito simples, mas que pra ela dá um efeito bom. (Entrevista, 25/08/2022).

A responsável pela assessoria de imprensa de Kamura, Juliana Vieira, descreve que, em pouco tempo após a transformação de Dilma, o cabeleireiro tornou-se uma figura de grande

²⁷⁰ Marta foi Ministra da Cultura no governo de Dilma entre 2012 e novembro de 2014, quando renunciou ao cargo por ser contrária à candidatura de reeleição da presidenta. Em reviravolta à sua trajetória política, em 2015 rompeu com o PT e se filiou ao PMDB, tornando-se senadora e votando favorável ao *impeachment* de Dilma.

visibilidade nacional, com diversas solicitações de entrevistas para a imprensa, aumento do número de clientes e, em especial, de políticas/os: “*Acho que eu fiquei um ano respondendo à pauta de que cor tinha colocado na cabeça da Dilma e o quê que tinha feito na sobrancelha, os produtos que tinha usado, foi muito legal*” (Juliana, 25/08/2022).

Eu lembro que pra imprensa foi muito bacana pra gente. Assim, é, ter o Celso envolvido com uma presidente, porque a gente sempre tinha presidentes homens e a gente nunca ouvia falar do cabeleireiro que corta o cabelo, né? Fora o Lula que era o Wanderley [Nunes],²⁷¹ a gente não conhecia muito. (Juliana Vieira, 25/08/2022).

Um exemplo dessa repercussão foram as matérias publicadas alguns dias depois, tanto na Rolling Stone (19/05/2010): *Dilma, por Celso Kamura: Menos “bruta”, “gorda” e “arrogante”, Dilma Rousseff ganha novo visual pelas mãos do hair stylist*, por Rodrigo Barros; como na Veja (19/05/2010): *Cabeleireiro milagreiro*, por Augusto Nunes. Dois fatos devem ser destacados ao ver essas manchetes, o primeiro é o tom depreciativo em relação à Dilma (no caso da Veja, principalmente, ao conteúdo) e por terem sido escritas por jornalistas homens – que, apesar de ter o visual de Dilma como pauta, assumem um tom enunciativo de desprezo pelas mudanças da pré-candidata, como se pode notar no trecho abaixo.

Na epopéia dos últimos dois anos, a mineira passou por diversas transformações. Dilma já apareceu nas TVs e nos jornais de tudo o que foi jeito: cabelo curto, encrespado, alisado, de peruca, quando do tratamento contra um câncer no sistema linfático; tudo tão rápido que parece ao mesmo tempo. Trocentas mudanças. (Rolling Stone, 19/05/2010).

Em uma notícia ao site Extra (13/06/2010), Kamura afirma: “*Imaginei uma mulher baixa e gorda. Ela realmente não tem corpo de miss, mas é alta e não é tão gorda. [...] É muito melhor pessoalmente*”. Anos depois, o cabeleireiro segue sendo questionado sobre o visual de Dilma, como a matéria do Extra (15/05/2014) intitulada *Celso Kamura entrega detalhes do cabelo da presidente Dilma e de Angélica e dá dicas para cuidar dos fios*, ou da Glamurama (20/08/2015), em que diz:

Kamura é o responsável por toda a mudança de visual de Dilma que, em 2010, passou por um facelift que incluiu procedimentos estéticos, troca dos óculos por lentes de contato e corte de cabelo curto e moderno com luzes que clarearam os fios e a deixaram com uma aparência mais suave. A maquiagem de Dilma tem base e blush bem leves, batom e sombra em tons de marrom, lápis e máscara de cílios (Idem).

“Ah, ela consegue colocar uns bobinhos pro cabelo ir pra trás. Então, assim, pra vida dela eu acho que também foi bem importante encontrar um look certo, simples e que valorize ela e a vida dela, né?” (Kamura,

²⁷¹ Wanderley Nunes, que foi cabeleireiro oficial do Lula entre 2002 e 2009, também atendeu Aécio Neves durante a disputa eleitoral com Dilma em 2014 (CQ, 22/10/2014).

25/08/2022). O cabeleireiro se refere ao “estilo de vida”, um conceito muito caro para a teoria bourdieusiana e que pode servir de reflexão para pensar em qual seria o estilo de vida de uma presidenta: haveria distinções entre os gêneros daqueles que ocupam esse papel? Quais as cobranças em relação à aparência física e imagem pessoal das mulheres presidentas: são maiores que a dos homens? Nas discussões compartilhadas por Moreno Pestaña (2016), é possível pensar em quais seriam os pré-requisitos morfológicos e estéticos desta profissão e se transpassa ou não pela questão de gênero.

Roberto Stuckert Filho: *Logo quando ela virou candidata, ela começou a se preocupar muito com isso [...]. Se maquiagem era uma guerra pessoal dela, né? Ter que estar perdendo tempo ali. Mas quando eram grandes eventos, ela tinha que ter o maquiador ali, contratado, fazendo coisa. Mas no 80% das vezes na campanha e na presidência, ela mesmo que se maquiava, cara. E aí ela me chamava “vem aqui” [imitando a voz]. Aí eu tava (sic) lá na cabine, abria e “como é que tá? (sic) e aí o pessoal passava, ficava olhando e pensando “que papo maluco desses dois”.*

“Como é que tá? (sic)” aí eu falava “ah, passa mais aqui...” [apontando com o dedo] aí a galera começou a sacar. Ela fazia [mostra os dentes] e o batom sujo, aí eu pegava papel. Quando eu pegava o papel, ela falava “já sei”, aí eu limpava aqui e (inaudível). Ela não era uma dondoca, mas ela sabia que ela tinha que estar preocupada ali, com aquele lado da estética, desse lado estético dela. (Entrevista, 17/08/2022)

Roberto descreve, durante a entrevista, que se “*maquiagem era uma guerra pessoal*” para Dilma, ou seja, que não era algo com o qual ela tinha familiaridade no dia a dia, mas que precisou aprender o mínimo e se esforçar para ter autonomia e estar bem apresentada mesmo sem profissionais da beleza por perto. O fotógrafo reitera com expressões como “*ela não era uma dondoca*”, o que demonstra que, na opinião dele, a candidata não era fútil ou ociosa a ponto de se preocupar unicamente, ou preferencialmente, com sua aparência física, pois teria coisas mais importantes para fazer, como as atividades políticas a que se dedicar. Ao mesmo tempo, ele diz que “*ela sabia que tinha que estar preocupada ali*”, em razão da constante cobrança e atenção dos meios de comunicação sobre como ela se apresentava.

No dia a dia, o uso do cabelo curto, nas palavras de Kamura, facilitaria a vida de Dilma para que estivesse sempre bem apresentável e fotogênica – já que era fotografada todos os dias pelo fotógrafo. Durante a entrevista (25/08/2022), Juliana e Kamura se lembraram de inúmeros episódios em que foi preciso arrumá-la às pressas, muitas vezes em apenas 15 minutos e durante a viagem de avião, para que Dilma chegasse nos eventos já maquiada e de penteado feito.

Kamura: *Eu arrumava em quinze minutos, eu botava ela debaixo da torneira da pia, lavava a cabeça...*

Juliana: *Quantas vezes você não pintou o cabelo dela na salinha do aeroporto? Porque ela não tinha tempo de pintar o cabelo naquela janela que tinha de um voo pro outro. [...]*

Kamura: *Botava na pia do banheiro pra lavar a cabeça.*

Roberto também descreve que essa questão de estar apresentável a todo momento era difícil em razão das demandas diárias de campanha, que incluíam diversas viagens, caminhadas nas ruas, comícios embaixo de sol e de chuva, reuniões com agentes políticos/as nacionais e internacionais, mas também com movimentos sociais, de moradia, periféricos, rurais etc.: “*Se você pegar uma pessoa, botar no estúdio, maquiá-la cinco horas e gravar usando um teleprompter, é fácil pra caramba. Agora pra você (inaudível) com um sol e falando com o povo, é outro*” (Roberto, entrevista 17/08/2022).

A jornada de dedicação durante o período eleitoral é intensa e desgastante, tanto física quanto psicologicamente, exigindo muito do candidato/a independente do sexo/gênero. Todavia, no caso de mulheres, a demanda de bem arrumada seria ainda maior do que para homens.

É muito mais difícil. Muito mais estressante, muito mais complicado, muito mais preocupante, cara. Você não tem noção da preocupação que cê (sic) tem com relação à mulher... Várias vezes eu mandava ela botar a alça do sutiã pra dentro. Duzentas vezes eu me preocupava com a... [interrompe] Eu andava com um broche. Broche não [se corrigindo]... alfinete. (Roberto, entrevista 17/08/2022).

A estratégia encontrada, portanto, seria uma vigilância constante para não dar brechas a imagens com duplo sentido²⁷² ou que a expusesse a ridicularizações (como aparecer com os dentes sujos de batom), para evitar dar munição aos adversários políticos. Além de tentar deixar Dilma mais confortável e segura para que pudesse esquecer as câmaras e ser retratada de uma forma mais natural.

Quando eu cheguei lá, eu tinha que tentar mostrar pra ela para ela tentar, não é se soltar – ficar fazendo dancinha, subir em cima lá – primeiro porque é uma senhora, de idade, entendeu? Não era uma pessoa bonita, mas era uma pessoa simpática, então você tinha que tentar mostrar esse lado. Mas fala pra mim se ela não ficou bonita na foto oficial? (Roberto, entrevista 17/08/2022).

A imagem pública de Dilma teve tanta aprovação nacional que se tornou referência estética entre políticas (e não apenas). Kamura, inclusive, afirmou que “*mulheres passaram a frequentar o salão para copiar o look da Dilma. Pedem o mesmo corte ou a mesma cor de cabelo*” (IstoÉ, 23/06/2011). Por outro lado, as tesouras “encantadas”²⁷³ de Kamura adquiriram um valor simbólico de prestígio entre os agentes do campo político – de modo que passou a ser procurado por esse nicho de clientes:

²⁷² Um exemplo usado pelo fotógrafo foram as fotografias divulgadas pela equipe de Bolsonaro em que sugeriam que ele era “anta” (Metrópolis, 21/12/2018).

²⁷³ Expressão usada pelo Correio Braziliense para definir o trabalho do cabeleireiro: “*Depois que o mago Celso Kamura tocou suas tesouras encantadas em Dilma e ajudou o PT a construir a imagem política da presidenciável que o partido queria apresentar, candidatos e candidatas têm realizado uma corrida aos estúdios de estética.*” (Correio Braziliense, 01/08/2010).

Prefeitos do interior e vereadores são atendidos pela equipe do cabeleireiro de Dilma. Ele mesmo só cuida dos figurões. Kamura se diz impressionado com o movimento de políticos antenados no visual depois da transformação da presidenciável do PT. Quem não se ligava começou a se ligar. Fiquei meio impressionado. Os políticos estão querendo ganhar a eleição e dar um tapa no visual, resume. (Correio Braziliense, 01/08/2010).

Não à toa, foi também responsável pelo corte de Haddad durante a campanha à prefeitura de São Paulo em 2012 – da qual acabou vitorioso. Na época, a equipe de João Santana, responsável pelo *marketing* político da campanha do petista, avaliou ser necessário que Haddad fosse ao salão de Kamura para dar uma atualizada em seu visual, cortar seu cabelo e deixá-lo um pouco mais moderno (R7, 29/12/2012): “*A proposta era simples, e consistia em reduzir o comprimento para que o prefeito perdesse um pouco daquele ar ‘tão certinho’ de candidato. Imaginei um corte super curto pra que ele usasse uma pomada, e tivesse um ar mais rebelde*” (G1, 25/01/2013).

Juliana e Kamura afirmam que não apenas as técnicas do cabeleireiro são bem vistas no meio político, mas também existe certa superstição de que as tesouras dele dariam sorte (“o Celso é pé quente”) para aqueles/as que estão disputando algum cargo, por isso, durante as eleições, “chove gente” disputando um horário em sua agenda.

Kamura: *Chove gente pra fazer... Cortar o cabelo... (inaudível)*

Juliana: *Fala que o Celso é pé quente.*

– *E políticas mulheres, Celso? [...]*

Juliana: *[...] Todo mundo vem aqui pra... Fazer a foto oficial, sabe assim?*

Kamura: *E todo mundo acha que eu dou sorte, né?*

Neste caso, a produção da crença funciona também como um reconhecimento de autoridade dos/as políticos/as ao Kamura, sobre uma expertise do que é ou não visto com bons olhos pelo eleitorado, uma vez que o cabeleireiro auxiliaria na construção de uma imagem pública que seja bem avaliada e que transpasse confiabilidade. Tal autoridade seria comprovada por meio do sucesso eleitoral de sua clientela nas urnas.

5.3.3.1 Conversão em tendência: “Se fosse concurso de moda, ganhava meu voto”

É possível avaliar a amplitude da repercussão do visual adotado por Dilma em dois momentos específicos. O primeiro é o caso de Margarida Salomão (PT), que se candidatou à prefeitura da cidade mineira de Juiz de Fora em 2012 e fez uma mudança radical que a tornou conhecida como “sósia da Dilma” – justamente por copiar alguns elementos caros à presidenta, como as pérolas, o cabelo curto e com luzes mais claras, o *tailleur* vermelho e, inclusive, a pose da

imagem de campanha eleitoral. Em entrevista, a “sósia” afirmou: “Hoje, as pesquisas mostram que a principal influência política nas eleições de Juiz de Fora é a Dilma, mais até do que o [ex-presidente] Lula. Ela é muito bem avaliada, afinal é a presidente” (UOL, 12/07/2012). Desse modo, tamanha similaridade não é por coincidência, mas, sim, uma estratégia de marketing para vislumbrar transmitir a ideia de segurança, respeitabilidade e tentativa de conversão do capital estético em político.

Na época, a estratégia foi criticada, mas, mesmo assim, não a impediu de avançar ao segundo turno, e perdeu, naquele momento, para Bruno Siqueira (MDB), que obteve 57% dos votos válidos.²⁷⁴ O segundo caso, diz respeito à comercialização de um item que foi chave na campanha de reeleição em 2014: os brincos *Mise en Dior* usados por Dilma, que, inclusive, passaram a ser popularmente conhecidos como “brincos da Dilma”.

Imagem 18- Margarida Salomão e Dilma



Imagem 19- Os brincos de Dilma



Fonte: Divulgação/ Reprodução de UOL (12/07/2012) Reprodução: Blog da Martha (s/d).

Composto por pérolas de resina branca ou douradas, metal com acabamento dourado e fecho integrado na pérola traseira, segundo a Dior, os brincos originais são fabricados na Alemanha. No site oficial da marca, os brincos são descritos como produtos com um design moderno e icônico, com estilo atemporal (Dior, s/d). Segundo a reportagem do Estadão (30/10/2014) na época, as joias custavam em média R\$1,5 mil, mas, com sua popularização, poderiam ser encontrados modelos falsos “por um preço bem mais camarada: entre R\$ 4 e R\$ 38. [...] Durante o segundo turno, as vendas cresceram 30% e os brincos da Dilma são repostos todos os dias com novos lotes” (Idem). A repercussão foi tanta que gerou diversas matérias jornalísticas sobre os famosos brincos:

²⁷⁴ Em 2020, Margarida foi a primeira prefeita eleita de Juiz de Fora com 55% dos votos, vencendo Wilson Rezato (PSB) que obteve apenas 45% (TSE, 29/11/2020).

Os acessórios em pérola como o brincão com dourado e o colar (que já estavam em alta na moda) caíram ainda mais no gosto das “modernetes de plantão” e bombam nas lojas de acessórios e joalherias. (Correio do Estado, 05/01/2011).

O assunto eram os desvios milionários na Petrobras, mas na coletiva que a presidente Dilma Rousseff deu neste sábado no Alvorada, jornalistas não desgrudaram os olhos do novo acessório fashion que Dilma exibiu. Era o brinco modelo tribal Dior, que imita um piercing e é febre no mundo da moda, peça desejo de 10 entre 10 blogueiras do ramo. (G1, 19/10/2014).

*Quem passa pela Rua 25 de Março, no centro de São Paulo, pode até pensar que as eleições não acabaram. **O nome da presidente Dilma Rousseff é gritado por várias vendedoras na rua mais popular da capital paulista.** Mas não é a popularidade da petista que está fazendo sucesso nas vendas, e sim os brincos utilizados pela presidente durante a campanha eleitoral. (Estadão, 30/10/2014; grifos meus).*

Os vendedores gritam na 25 de março “mulherada sejam ainda mais vencedoras com os brincos da Dilma”, também é muito ouvido “olha o brinco da Dilma, ela arrasou na campanha e você vai arrasar aqui na 25”. (Cabeça Livre, 01/11/2014).

Os brincos foram tão elogiados que até tiraram o foco da política, segundo o G1. Isso quer dizer também que a estética de alguma maneira, quando se torna um recurso, pode ser bem avaliada até por opositores políticos? Na matéria do Estadão foram entrevistadas duas mulheres que estavam comprando os adornos. Uma eleitora do PT e outra, do PSDB. Sheila Dortas, vendedora, mineira e eleitora de Dilma, diz o seguinte: “Na primeira vez que vim, há dois meses, comprei dois pares pra mim. Dessa vez, deixei de votar pra vir a São Paulo e comprar 300 pares”, contou. “Vendo tudo isso em menos de uma semana em Minas. **Virou febre entre as meninas.** [...] **Fico até com um ar de famosa quando estou com eles**”, disse. (Estadão, 30/10/2014).

“Virar febre” significa que o objeto se tornou motivo de desejo de uma grande parcela da população (“entre as meninas”) que também querem ter o mesmo brinco – que serviria como um símbolo de distinção – que a política. Já a eleitora de Aécio, Sônia Cunha, de São Paulo, afirma que, apesar das divergências políticas, ficou de olho no look de Dilma: “Não apertei 13 nas urnas. Tenho horror ao PT, mas, **se fosse concurso de moda, a Dilma ganhava meu voto**”, afirmou. (Idem, grifos meus).

5.4 Estilo matronal que divide opiniões

*Bombardeada de críticas sobre seus tropeços no quesito fashion, a ex-ministra Dilma Rousseff, pré-candidata do PT à Presidência, resolveu pedir a ajuda de profissionais de estilo para renovar seu guarda-roupa de campanha. **A preocupação teria partido do presidente Lula, que comentou com aliados a necessidade de modernizar as roupas da candidata.** (Folha de S.Paulo, 05/05/2010; grifos meus).*

Existe uma espécie de esquadrão *fashion* que está sempre pronto para julgar o visual portado por agentes no campo das artes e da política. Em geral, os esquadrões se colocam a postos com maior vigor para a análise de mulheres – os homens raramente ousam um pouco mais na tradicional vestimenta e seus códigos são vistos como universais, logo, mais difíceis de serem contestados. No caso de políticas mulheres, são inúmeros os destaques sobre suas vestimentas, ao passo que, para políticos homens, não vemos a mesma abordagem. Ao longo dos anos, profissionais especializados na área de consultoria de moda têm sido consultados por meios de comunicação (que, alinhados, formam o tal esquadrão) para opinar sobre a performance estética de Dilma.

Para uma análise desse tipo de abordagem, selecionei três matérias em jornais distintos que tinham justamente esse objetivo de avaliação de Dilma (Folha de S.Paulo, 05/05/2010; GZH, 11/11/2010; O Globo, 22/09/2011). Entre opiniões elogiosas, vê-se, na perspectiva da consultora brasileira Gloria Kalil (renomada na área da moda), que Dilma estaria seguindo um padrão e não fugindo à regra das vestimentas de outras lideranças políticas internacionais, usando o que ela chama de “uniforme do poder” – que remete à ideia de segurança e constância da agente.

*A presidente Dilma se veste de uma forma padrão, e como as demais chefes de Estado opta por uma espécie de uniforme do poder. Todas elas se vestem de forma extremamente sóbria, talvez até por medo de parecerem fúteis. Daí, carregam na sobriedade e nesse figurino do poder. De certa forma, ela atualiza a roupa com o detalhe de um brinco ou de um colar, mas dentro desse padrão estabelecido como o correto para essas ocasiões. **Afinal, ela não está num desfile de moda, mas num desfile muito mais perigoso.** E a sobriedade é uma forma de tirar os holofotes de cima desse item (a roupa). Ela está sempre mais ou menos, com aquele jeitão dela. Mas **o recado é claro: se preocupem com o que eu digo, e não com o que eu visto.** (Gloria Kalil, O Globo, 22/09/2011; *grifos meus*).*

Bianca Zaramella, editora de moda da revista IstoÉ Gente, também vai por esse caminho de Kalil, afirmando que Dilma é uma pessoa mais tradicional e isso reflete em suas escolhas de roupas: “Dilma não usa nada com que não se identifique, ela é autêntica, ainda que prefira as peças feitas por sua estilista de Porto Alegre ou de qualquer outro que siga formas limpas e tradicionais” (O Globo, 22/09/2011). Já as críticas, são direcionadas a uma falta de autenticidade/personalidade a ser estampada nos cortes, acabamentos e escolha dos tecidos. O estilista Cao Albuquerque reconhece que os terninhos são mesmo a melhor escolha para Dilma, no entanto, destaca que existem variações entre eles e que ela precisaria se aventurar entre os modelos, texturas e cores.

A solução para ela é o terninho, mas existem terninhos e terninhos. O que ela usou no último debate com José Serra, no “Jornal Nacional”, estava mais para recepcionista do Palácio da Alvorada do que para futura

presidente – crítica Cao. – A roupa de Dilma continua muito pesada, me incomoda que ela não tenha ternos riscas de giz ou com recortes. (GZH, 11/11/2010).

Nesse sentido, Lilian Pacce, jornalista de moda e apresentadora do GNT Fashion, destaca uma inadequação das roupas em relação ao corpo de Dilma: *“Falta qualidade no corte e caimento das roupas da nossa presidente. Durante a visita à ONU, suas roupas pareciam sempre estar um pouco largas”* (O Globo, 22/09/2011). A consultora Hiluz Del Priore sustenta que, para solucionar esses “problemas”, Dilma deveria aumentar a altura de seus saltos, assim alongaria mais a sua estrutura corporal, logo, pareceria mais esbelta e magra. Mas também frisa que, em sua opinião, o importante não é tanto o visual que a política porta, mas, sim, como conduz o governo: *“Eles são muito baixos, não favorecem. Ela deve usar saltos como os da rainha Elizabeth. É um pouco mais alto, grosso, confortável, ajuda a alongar a silhueta”* (GZH, 11/11/2010).

Carla Jiménez, em matéria sobre a Dilma para o El País (26/10/2014), também falou sobre os saltos, ou a ausência deles, nos pés da presidenta: *“A primeira coisa que fiz [...] foi reparar nos seus sapatos. Baixinhos, um tipo de sapatilha de couro, arredondada na ponta, me deixaram claro que ela precisa de calçados muito confortáveis para lidar com a rotina maçante de uma presidência da República”*. A crítica de Del Priore não considera a necessidade de praticidade no dia a dia do exercício político, portanto vislumbra apenas a preocupação do que se enquadra em um parâmetro que lhe é conhecido de sapatos adequados para figuras femininas em posição de poder: a monarca inglesa, e que certamente não leva em conta o tilintar dos saltos de reunião em reunião no Palácio do Planalto. Logo, a eleição de Dilma por sapatos confortáveis e não apenas elegantes.

Outra pauta trazida por esses profissionais foi se Dilma deveria ou não usar marcas de luxo. O estilista Samuel Cirnansck afirmou para a Folha de S.Paulo (05/05/2010) que, em seu ponto de vista, *“uma candidata deveria ter a liberdade de usar Chanel e Dior sem ser criticada por isso”*. Usar marcas luxuosas ou de grife que ostentam certas marcas pela imposição do valor simbólico poderia ser visto com maus olhos por seus apoiadores/as, uma vez que é representante do PT, então é provável que Dilma tenha declinado em portar objetos ou roupas que pudessem demarcar evidentemente certa distinção em relação às bandeiras do partido. Mario Queiroz, diretor do Instituto Europeu de Design e importante nome da São Paulo Fashion Week, afirma que é possível encontrar um meio termo: *“Para o estilista, uma linha segura seria seguir o exemplo da primeira-dama americana Michelle Obama. Michelle usa roupas simples, misturando grifes famosas com lojas populares e apostando na praticidade”* (Folha de S.Paulo, 05/05/2010).

Se para Lula, no começo de 2010, era necessário que Dilma se modernizasse mais em seu aspecto visual, certamente estava vislumbrando uma aproximação com determinados públicos mais jovens. Como forma de atender às críticas sobre ser uma pessoa “brava”, “bruta”, “dura”,

com pouco carisma e ousadia, João Santana, por indicação de Kamura, fez um convite ao Alexandre Herchcovitch para atualizar o guarda-roupa da candidata.

5.4.1 O (des)encontro com Herchcovitch

O estilista paulistano Alexandre Herchcovitch é um dos profissionais brasileiros da moda que projetam a identidade brasileira de forma internacional. Criado no “baixo clero” da comunidade judaica de São Paulo, em regiões centrais da metrópole, como o bairro do Bom Retiro, “se distingue dos costureiros clássicos por não ser oriundo de uma fração dominante da burguesia, caracterizando assim uma primeira ruptura com a estrutura simbólica vigente do campo da moda” (Faria, 2017, p. 42). Segundo a pesquisadora, além de se distinguir de costureiros tradicionais, sua trajetória foi sendo legitimada à medida que ocorreram, no início da década de 1990, as semanas de moda no Brasil, sobretudo as de São Paulo – em que passou a forjar também um espaço de consagração simbólica, uma ideia de identidade de moda brasileira associada à Herchcovitch.

Muito embora tenha sido negada por Herchcovitch, não deixou de apresentar seu papel no processo de legitimação do mesmo. Apesar do estilista não apresentar em suas coleções, enquanto objetos materiais, elementos que simbolizem a cultura do país – como foi o caso [...] de Zuzu Angel –, sua forte presença no cenário internacional foi suficiente para que a crítica o tratasse como principal representante da moda do Brasil. (Faria, 2017, p. 47).

Íntimo de Kamura, Herchcovitch também é um dos clientes que frequentam o prestigioso salão, e foi por intermédio do *beauty stylist* que o estilista teve a oportunidade de poder vestir a candidata que estava sendo cobrada por uma modernização em seu armário. Em entrevista, Kamura descreve o que haveria ocorrido neste encontro e o porquê de não ter sido efetivada a parceria entre estilista e candidata.

Kamura: Na primeira campanha, apresentei o João Santana, ele foi, conversou com ela e ela adorou ele. ‘Ai, vou fazer’. Na primeira aparição ele não pôde ir e mandou a assistente para pôr a roupa. Ela não pôs.

– Não quis?

Kamura: Não... E nunca mais. [...] Tinha dado tudo certo, só que da primeira vez que ela ia pôr uma roupa (inaudível). Aff! Ai, fiquei com tanto dó porque eu achava que ele iria fazer ela mudar completamente, sabe assim?

– O estilo...

Kamura: E na reunião com ela, ele disse que foi tudo maravilhoso, deu tudo certo. Ele gostou dela, não sei o quê. Mas a primeira aparição ele não pôde ir, aí bongou. Mas eu achava que ia ser uma mudança bem boa.

Os planos do estilista, segundo uma entrevista concedida ao UOL, não eram para mudar completamente o estilo que Dilma já apresentava, mas *“mantê-lo e aperfeiçoá-lo. Mesclarei peças já existentes em seu acervo pessoal com peças desenhadas por mim e outras marcas brasileiras. O figurino é coadjuvante e passará despercebido”* (FFW UOL, 24/08/2010). Assim como Kamura, Herchcovitch também era um profissional consagrado em seu meio antes de conhecer Dilma. No entanto, a possibilidade de assinar o estilo da possível primeira presidenta lhe garantiria ainda mais o sucesso de sua grife tanto nacional quanto internacionalmente, pois, como afirma Bourdieu (2015), após o processo de criação, os/as estilistas dependem de agentes e/ou instituições que os/as promovam.

5.4.2 O conhecido sob a assinatura de Luisa Stadlander

O encontro com Herchcovitch e o mundo da alta costura deixou Dilma insegura, por não ser um espaço em que tinha domínio sobre as regras. Por isso, sem querer se prolongar em temas concernentes a questões que não lhe eram familiares, como as tendências de moda e estilo, já que vivia em um ritmo intenso de campanha eleitoral que lhe tomava todo o tempo, sem que pudesse investir em questões de natureza estética, ela resolveu retornar ao que lhe era próximo (*“preciso de coisas novas”*). Para isso, contactou a estilista gaúcha Luisa Stadlander²⁷⁵ para encomendar algumas roupas que pudessem atender a demanda de atualização de seu visual (que estava em construção juntamente com o partido, a equipe de *marketing* político e Kamura), com fins de ampliar seu eleitorado, e ser coerentes com as distintas ocasiões que iria vivenciar, como nas ruas, comícios, debates etc. Ao mesmo tempo, sendo Luisa a estilista, Dilma continuou a valorizar a indústria têxtil brasileira e seus profissionais.

A estilista conta que durante a campanha havia interferência na escolha das cores que deveriam ser utilizadas: *“Ela precisou usar por conta das sugestões do (marqueteiro) João Santana. Mas não me agradava. A Dilma é uma mulher alta, com braços e pernas finas. Essas são características que merecem ser exploradas”* (Donna, 23/02/2011); e descreve que Dilma é uma pessoa objetiva, discreta e prática, tendendo, de modo geral, a apostar em conjuntos e mangas ³/₄ (Caras, 19/12/2012). Segundo relato, Dilma e Luisa se conhecem há décadas e, por isso, aquela teria decidido prestigiar o que lhe era tradicional.

²⁷⁵ “Assim como os trajes de Dilma, todas as criações de Luisa são sob medida e destinadas a um público seletivo de mulheres entre 40 e 60 anos. Além da linha que leva seu nome, a estilista assina a marca Office Collection, que desenvolve uniformes pra empresas como hotéis, hospitais e companhias aéreas” (Lilian Pacce, 31/12/2010). O ateliê da estilista é localizado no nobre e tradicional bairro de Porto Alegre, Moinhos de Vento – área conhecida também por concentrar o Parcão, ou o Parque Moinhos de Vento, e abarcar tanto prédios históricos quanto empreendimentos de alto padrão.

Luisa: *A Dilma é uma pessoa da casa, nós temos intimidade e entrosamento. Desde o casamento da Paula [filha], em 2008, ela vem fazendo sucessivas roupas comigo. Quando chegou a época da campanha, me avisou: “Luisa, preciso de coisas novas”. E então pensamos juntas em modelos para várias ocasiões, desde trajés mais formais a outros mais descontraídos para a campanha na rua.* (Donna, 23/02/2011).

A gaúcha descreve que, com o tempo, Dilma foi se adaptando ao uso constante de saias e vestidos, o que coincide também com o depoimento da presidenta ao Fantástico de 2011 (citado anteriormente neste capítulo), em que afirma que, em sua função, é preciso ressaltar características femininas através do uso dessas peças de roupa (Folha de S.Paulo, 27/12/2011). Afirma também que ela “*tem ousado mais nas estampas. Se antes seus looks eram majoritariamente lisos, hoje já arrisca-se em peças de desenhos florais e geométricos. Nota-se também uma maior adesão aos detalhes, como golas de renda e botões forrados. A Dilma de hoje não é tão básica como já foi*” (GZH Geral, 20/11/2011). Isso demonstra que, com o passar do tempo, e em função da pressão social e midiática em relação à sua vestimenta, Dilma começou a dominar os códigos, demonstrando mais traquejo e segurança na hora de escolher sua roupa de trabalho.

Luisa, que desde a campanha assinava as roupas de Dilma, foi também a responsável pela posse de 2011. Em tom de satisfação, afirmou que a política “*poderia ter escolhido qualquer estilista de qualquer lugar do Brasil ou do mundo, e o mais legal é que ela foi coerente com toda a sua vida e seu estilo. Vestiu-se comigo durante 20 anos. Natural, portanto, que confiasse em mim para vesti-la na posse. Isso demonstra muito o caráter da pessoa [...]*” (Donna, 23/02/2011). Afinal, para ela não seria apenas o caráter de Dilma que estaria em jogo, mas a sua reputação e o valor simbólico que o uso, em um momento célebre pela pessoa de maior visibilidade no momento, agregaria às suas peças e ao seu ateliê, considerando que a posse presidencial é um dos eventos mais simbólicos de um estado democrático, em que todos os holofotes são dirigidos aos ritos e protocolos da cerimônia, mas, sobretudo, ao novo/a chefe de Estado eleito/a e, logo, para sua roupa também.

Em 2011 e 2014, a presidenta não foi apenas indagada sobre a composição ministerial ou de quais políticas públicas dariam o tom de seu mandato, mas, sim, houve uma comoção sobre qual seria a roupa que a primeira mulher presidenta usaria. A repercussão do look, composto por um vestido midi em oxford branco, com um casaco de renda por cima, combinando com *scarpin* da mesma tonalidade, brincos e colares de pérolas, não foi unânime entre os profissionais da moda e jornalistas.

Fotografia 34- Presidenta Dilma após cerimônia no Congresso Nacional



Fonte: Biblioteca da Presidência da República/ Foto: Roberto Stuckert Filho (01/01/2011).

As críticas foram de diversos níveis, desde o penteado até a falta de ousadia, como o fato de a segunda-primeira dama Marcela Temer ter chamado mais atenção de “homens Brasil afora” do que a presidenta (O Globo, 01/01/2011b).

- *“O penteado que cairia melhor se fosse menos armado, mais natural”* (O Globo, 01/01/2011a).
- *“A correntinha no pescoço estava muito apertada. Se fosse mais solta, daria leveza ao colo de Dilma”* (O Globo, 01/01/2011a).
- *“O vestido acompanhado pelo casaquinho não favoreceu sua silhueta”* (O Globo, 01/01/2011a).
- *“A estreia fashion de Dilma, em sua cerimônia de posse, foi, para muitos, um ‘tropeço no salto’”* (Cidade Verde, 28/01/2011).
- *“Ela poderia ter nos procurado, fariamos algo inovador e adequado”, afirmou o profissional [Waldemar Iodice], dias depois da solenidade* (Correio Braziliense, 11/09/2011).
- *“Apesar de o cargo exigir sobriedade, Dilma demonstra segurança e visão progressista, o que não foi traduzido para a roupa”* (Terra, 01/01/2011).

Já os elogios à Dilma foram centrados, sobretudo, no acerto de uma cor neutra, fugindo do vermelho usado durante a campanha:

- *“A cor neutra se impôs como símbolo de sua intenção de governar para todos”* (O Globo, 01/01/2011a).
- *“O branco deu uma altivez e suavidade muito bonita. Iluminou e deu resultado”* (O Globo, 01/01/2011a).
- *“Com olhos marcados e boca suave, a escolha de Dilma agradou os brasileiros e os especialistas”* (Fashion Network, 05/01/2011).
- *“Embora não tenha sido unanimidade, era alinhadíssimo e de muito bom gosto, do tom off-white, da textura ao corte”* (Correio Braziliense, 11/09/2011).

Na perspectiva de correlação entre cores e seus significados, o branco ou *off-white* usado pode ser interpretado como luz, ressurreição, perfeição, honestidade, tranquilidade, pureza e imaculado (Oliveira, 2015), o que transmite a ideia de que iria governar para todos/as, e não apenas para os seus/suas apoiadores/as – associados pela cor vermelha, usada ao longo de toda a campanha (Campos; Souza, 2020). Parafraseando Umberto Eco (1989), a linguagem do vestuário transmite significados e também demarca as posições ideológicas dos agentes, segundo os significados e as formas significativas que foram escolhidas para serem transmitidas.

Os experts no campo da moda também destacam que é notável como Dilma – respaldada por profissionais – passou a ressaltar e valorizar aspectos positivos sobre seu formato corporal, adaptando-se às exigências do ofício de estar sempre apresentável e, ao mesmo tempo, mantendo uma discrição típica de sua personalidade.

- “Começou em pé de guerra e terminou em consagração o ‘ano fashion’ da presidente Dilma Rousseff” (Folha de S.Paulo, 28/12/2011).
- “Com olhos marcados e boca suave, a escolha de Dilma agradou os brasileiros e os especialistas” (Terra, 04/01/2011).
- “As revistas mais importantes do mundo e, durante a última temporada de desfiles em Nova York, o estilista brasileiro Francisco Costa, diretor de criação da Calvin Klein e um dos papas da elegância mundial, elogiaram o porte e os looks da presidente. Muitos outros fizeram coro” (Folha de S.Paulo, 28/12/2011).
- “Não precisou vestir marcas de luxo nacionais ou estrangeiras para demonstrar seu apoio ao mercado de moda e ganhar a confiança do setor” (Folha de S.Paulo, 28/12/2011).

Para a posse de 2014, Dilma utilizou um modelo feito por outra gaúcha, Juliana Pereira – conhecida através da filha Paula – cujo ateliê é localizado na Rua Salomão Dubin em um bairro nobre de Porto Alegre. Especializada em vestidos de noiva e em rendas, Juliana usou na roupa de Dilma *shantung* de seda e renda chantilly francesa, em um modelo característico da presidenta, que é a manga 3/4 e corte em A (Estadão, 07/01/2015). Em uma reportagem elogiosa, o Estadão conferiu um reconhecimento de adequação de Dilma: “É a segunda vez que Dilma é empossada e, em termos de estilo, ela aparenta mais segurança do que no primeiro mandato. Tudo o que deu certo antes, ela manteve agora” (Ibid., 05/01/2015).

5.5 Masculinidade na política: a virilidade em jogo

Se na cultura ocidental as mulheres são representadas historicamente associadas à santidade e ao sagrado ou então à promiscuidade e ao profano, esta dualidade não é e nunca foi um problema para os homens. Ao contrário, quando observamos os agentes posicionados no campo

político, vemos que os homens associados a atributos de uma masculinidade viril e hegemônica têm mais chances de serem eleitos, formar alianças, gerir e administrar.

Um conjunto de características que apontam para o que é “ser homem”, que, geralmente, está relacionado com comportamentos violentos. O resultado disso é a tensão entre ser macho e ser masculino, ocorrendo a manutenção da insegurança constante nos homens, além de impulsionar tanto a autodesvalorização como reações violentas contra outras pessoas e situações. (Lima e Silva, 2023, p. 43).

Algumas demonstrações da masculinidade hegemônica que refletem um arquetípico de Don Juan²⁷⁶ – personagem da literatura espanhola sedutor e libertino – são interpretadas como formas de certificação de poder. Don Juan é aquele que tudo pode conquistar por meio de seu charme e que possui uma espécie de ânsia e insatisfação sexual, encarnada por uma rebeldia contra as normas morais e sociais, é aquele que conquista tudo e a todos, independentemente do *status* civil do indivíduo/a desejado/a.

A respeito dessa incompletude no âmbito sexual, Catherine Hakim (2012) conceberá como *déficit sexual* masculino: “os homens geralmente querem muito mais sexo do que consegue, em todas as idades. As mulheres têm um nível muito mais baixo de desejo sexual, assim como menor atividade, de forma que **os homens passam a maior parte da vida sexualmente frustrados em vários graus**” (*Ibid.*, p. 43; *grifos meus*). Mais à frente, a autora continua, expondo que haveria um mito criado pelas feministas de que há uma igualdade nos impulsos sexuais masculinos e femininos “porque essa se tornou a ideologia politicamente correta” (*Ibid.*, p. 96).

Hakim alerta que a maior evidência da razoabilidade de seu argumento seria a elevada frequência de relações sexuais entre casais homossexuais compostos por dois parceiros homens, em oposição aos casais heterossexuais e lésbicos. Ora, não há evidências empíricas ou demonstrações de dados que estruturam esse discurso conservador sobre uma suposta promiscuidade relacionada ao comportamento da população gay. Na contramão dessa fala, bell hooks (2018) descreve que os homens, sobretudo os negros, são vítimas das expressões de masculinidade pautadas em um *ethos* de virilidade, pois há uma construção social e cultural a eles relacionada com um mito de insasiabilidade da libido e do desejo.

Indispondo de embasamentos teóricos ou empíricos, Hakim (2012) afirma de maneira sexista que haveria uma diminuição, ainda mais, do desejo sexual das mulheres a partir dos 30 anos em virtude da maternidade. Ao passo que, para os homens, ainda que diminuísse o *déficit* sexual, dentro de um casamento eles continuariam exercendo o papel de provedores, enquanto as mulheres seriam relutantes em “ser igualmente generosa com a intimidade sexual e o afeto pode

²⁷⁶ A primeira vez que este personagem apareceu foi na obra *El burlador de Sevilla y convidado de piedra* (1625), atribuída a Tirso Molina ou Andrés de Claramonte (C.f.: Hispanoteca, s/d).

ser uma fonte de raiva contra um egoísmo irracional e uma rejeição injusta” (*Ibid.*, p. 225). Em último caso, é possível afirmar que a autora justifica atos de violência sexual.

A causa fundamental para o ódio masculino contra as mulheres é seu semi-permanente estado de desejo e frustração sexual. Os homens gostam, mas também se ressentem do sex appeal e da atratividade das mulheres por estimularem seu desejo, embora elas não respondam da mesma forma. **Homens detestam ser relegados ao papel de suplicantes.** Quanto mais repleto de testosterona é o homem, maior seu ressentimento, que pode explodir em violência, incluindo estupro (*Idem, grifos meus*).

Essa luxúria atribuída à concepção de uma masculinidade hegemônica pode ser entendida também como algo que aliena os homens, quase que de maneira involuntária (Brittan, 1989). Entendo, portanto, que o discurso reproduzido por Hakim é baseado em uma narrativa biologizante e que justifica as práticas culturais de violência sexista (C.f.: Lurba, 2019).

Tiago Rocha (2017) afirma que o sintagma de masculinidade hegemônica foi formulado em oposição à feminilidade hegemônica ou enfatizada de modo a visibilizar as assimetrias entre as posições masculinas e femininas em um sistema patriarcal de divisão de gênero. “As masculinidades hegemônicas estão relacionadas às práticas masculinas que envolvem múltiplas hierarquias, que se sobrepõem, sendo que as masculinidades subalternas aparecem em uma situação de desprestígio em relação às formas valorizadas de masculinidades” (Lima e Silva, 2023, p. 132).

Neste prisma, há também certas performatividades de masculinidade mais valorizadas do que outras, o que abriria precedentes para que tal concorrência possa resultar em determinado valor de mercado (*Idem*). Portanto, como ocorre com as mulheres, existem expectativas sociais sobre o que significa ser homem (sendo este uma categoria multifacetada) e que implica haver formas periféricas de masculinidade marginalizadas e excluídas, composta por corpos gordos, negros, rurais e periféricos, com incapacidade etc.

Ao tentar romper com certos modelos normativos e hegemônicos de masculinidade, independentemente de sua orientação sexual, indivíduos do sexo masculino são frequentemente rotulados pejorativamente como “mulherzinhas”.²⁷⁷ Em outras palavras, quando comportamentos socialmente associados à feminilidade são adotados por homens, são depreciados de maneira discriminatória.²⁷⁸ Essa associação, além de carregar conotações sexistas nas entrelinhas, ao ser utilizada como uma ferramenta de oposição, é principalmente uma forma de confrontar esses indivíduos que constantemente afirmam sua posição de masculinidade

²⁷⁷ Vale recordar que “quando se trabalha com a ideia de masculinidade ou feminilidade, o foco está nas configurações de gênero, não em classificações homogêneas e sólidas” (Gonçalves *et al.*, 2017, p. 61).

²⁷⁸ Recentemente, no contexto político brasileiro, isso se evidenciou na associação de Nikolas Ferreira (PL) e Eduardo Bolsonaro (PL) – ambos os deputados de extrema-direita, declaradamente homofóbicos e transfóbicos – a práticas homossexuais por parte de movimentos sociais e partidos políticos de oposição (C.f.: Veja, 12/10/2022).

heteronormativa, associada à virilidade, por meio de pronunciamentos homofóbicos e transfóbicos justificados por uma moralidade conservadora.

Na postulação de Hakim (2011; 2012), o CE pode ser utilizado a favor dos homens, pois basta poucos recursos para terem uma recompensa elevada em curto período de tempo. A autora cita o caso estadunidense da chegada de Barack Obama à presidência: “O presidente [...] tem muitos talentos, é inteligente e altamente educado, mas é provável que ser bonito, magro, em forma e bem vestido tenha contribuído para seu sucesso em ser o primeiro homem negro a ser eleito presidente dos EUA, especialmente como sua esposa, Michelle, também preenche todos os requisitos” (*Ibid.*, 2011, p. 14). Nessa concepção, o fato de Obama ser inteligente, educado, sociável e bonito teria contribuído para que ele fosse o primeiro presidente negro dos Estados Unidos.

5.5.1 Homem de verdade é homem eleito

– *Até gostaria de te perguntar em relação a isso, porque sendo o senhor, também, uma figura política, em algum momento, teve algum tipo de cobrança em relação à sua estética?*

Pimentel: *A minha? [espanto] Não, nunca. Eu não sei, se teve, não chegou a mim... [...] Imagina! Se o cara está bem vestido ou mal vestido, ninguém tá nem ligando para isso. [risos coletivos]*
(Entrevista, 21/02/2024).

Ser reconhecido como “homem de verdade” é “estar à altura da possibilidade que lhe é oferecida de fazer crescer sua honra buscando a glória e a distinção na esfera pública” (Bourdieu, 2014, p. 76). Apesar disso, na política brasileira recente temos exemplos sobre o uso da retórica libidinal masculina, principalmente em agentes de direita (C.f.: Lima e Silva, 2023). Em mobilizações recentes organizadas em 2022 em plena corrida eleitoral, o presidente Bolsonaro, durante um ato no dia 7 de setembro – dia que marca a Independência do Brasil –, levantou um coro “*imbrotável*” entre seus apoiadores (BBC News Brasil, 07/09/2022). Chamo atenção para essa ação porque nos coloca frente à problemática da erotização e da reivindicação de determinada virilidade dos homens na política, vislumbrando a reconversão desses atributos em capital político e demonstração pública de força (política). Como destacado por Bourdieu (2014), é preciso entender o conceito de virilidade desde uma ótica relacional, pois precisa, necessariamente, da validação de outros homens: “Construída diante dos outros homens, para os outros homens e contra a feminilidade, por uma espécie de medo do feminino, e construída; primeiramente, dentro de si mesmo” (*Ibid.*, p. 79).

O problema de disfunção sexual, por mais comum que seja entre os homens acima de 40 anos, ainda é um tabu em nossa sociedade e, mesmo que corresponda à realidade, representaria

uma fraqueza daquele que está reivindicando uma posição de comando. Nesta seara de uma “imbrochabilidade”, destacamos também o caso de Temer em 2016, com sua formalização ao cargo de presidência da República em substituição à Dilma, cuja masculinidade também foi instrumentalizada como um recurso de poder. Para contornar a baixa popularidade enquanto estava no governo, Temer mobilizou a figura de sua esposa (Marcela) para demonstrar uma virilidade pública, além de forçar o tradicional discurso de família nuclear, que, no caso, era formada com alguém muito mais jovem.

Christine Delphy e seus associados descrevem a família e o lar como um terreno no qual os homens agem como uma classe. Mas a dominação masculina não diz respeito apenas à apropriação da força de trabalho da mulher, mas também à apropriação de sua sexualidade, de seu corpo. [...] Estamos, portanto, nos referindo não apenas à posição econômica e política dos homens, mas também como eles definem e teorizam a sexualidade e o gênero. (Brittan, 1989, p. 17-8).

Bolsonaro, ao se reivindicar “imbrochável” e reproduzir signos visíveis de masculinidade, tentou contrapor ao “*tesão*” de seu principal oponente – ou seja, assim como Lula teve validação de seu eleitorado, o líder da extrema-direita realizou uma exibição de virilidade com os seus apoiadores, demonstrando ser “verdadeiramente homem”. A foto divulgada pelo Jornal O Globo (07/09/22) foi capturada no momento em que Bolsonaro estava fazendo uma comparação entre as primeiras-damas antagônicas em campanha: Michelle e Janja.

Fotografia 35- Bolsonaro, Michelle e Luciano Hang



Fotografia 36- Janja e Lula



Fonte: O Globo (07/09/2022)/ Foto: Cadu Gomes.

Fonte: Twitter @janjalula (22/08/2021)/ Foto: Ricardo Stuckert.

Podemos fazer várias comparações, até entre as primeiras-damas. Não há o que discutir. Uma mulher de Deus, da família e ativa na minha vida. Não é ao meu lado, não, às vezes ela está na minha frente. Eu falo aos homens solteiros: procure uma mulher, uma princesa, se case com ela para serem mais felizes ainda – disse o presidente, que depois puxou para si o coro de “imbrochável”. (Bolsonaro, O Globo, 07/09/2022).

Bolsonaro retoma a ideia de mulher casta para designar Michelle como uma “mulher de Deus”, reforçando a percepção de seus apoiadores de que Janja não estaria nem próxima de ser comparada à sua esposa, e isso de daria porque ela representa as mulheres de esquerda (loucas, histéricas e profanas) e valores que não seriam morais ao cristianismo, como se aliar às causas LGBTQIA+ e se declarar feminista.

Lula, com 76 anos, reiterou diversas vezes durante a campanha para o terceiro mandato presidencial que possuía um tesão para “consertar o país” e estar com tesão de alguém de 20 anos e energia de 30 (UOL, 09/11/2019). O candidato, assim como Bolsonaro, instrumentalizou a virilidade para demonstrar energia e predisposição à ação política, e esse recurso teve êxito, ainda que tenha gerado desconfortos entre seus/suas apoiadores/as.²⁷⁹

Na imagem (*fotografia 36*), compartilhada por Janja – na época, namorada recém-assumida de Lula –, o casal está na orla da praia no Ceará com uma lua cheia no plano de fundo. O candidato aparece sorridente, com uma sunga apertada, que marca o seu órgão genital e evidencia as pernas torneadas, está abraçado a sua namorada – que é mais jovem e veste uma camiseta estampada com seu rosto. A fotografia, da época de sindicalista no ABC Paulista, foi replicada em diversos sites de fofoca, revistas, jornais, por usuários (simpatizantes ao petismo ou não), tornou-se viral e rendeu elogios à forma física de Lula (C.f.: Poder 360, 23/08/2021; Veja, 26/08/2021). A repercussão foi tanta que “os termos ‘Foto Lula sem sunga’, ‘Lula coxa’ e ‘Coxas de Lula’ ocuparam o top 10 de pesquisas no Google” (Terra, 24/08/2021).

Na época, o jornalista Merval Pereira escreveu em sua coluna no jornal O Globo que nesta disputa de representação de virilidade, que mesmo com dez anos a mais, Lula estaria fisicamente à frente de Bolsonaro.

Lembro de Putin andando de cavalo com o torso nu, expondo sua virilidade, de Collor fazendo esportes radicais, mostrando sua juventude. A comparação do mito petista com o mito da direita Jair Bolsonaro também ocupou as redes, dando larga vantagem àquele que disse que, graças ao seu “histórico de atleta”, não pegaria Covid. Aos 66 anos, quase dez anos mais novo do que Lula, o “Mito”, mesmo antes da facada, não teria condições de se comparar ao “Mito” da esquerda. (O Globo, 29/08/2021).

²⁷⁹ Em 30 de outubro de 2022, Lula venceu a disputa presidencial e obteve 50,83% dos votos válidos (TSE, 30/10/2022).

Se de um lado as mulheres políticas, candidatas ou cônjuges de políticos são objetificadas por seus corpos – tal como aconteceu intensamente durante a campanha de 2022 com Janja e Michelle – e têm sua sexualidade como eixo de vulnerabilidade, do outro, a masculinidade instrumentaliza a virilidade como fonte de poder.

Explorados pelo marketing, estes emblemas fálicos – tais como carros, charutos, bebidas alcoólicas – invariavelmente vinham acompanhados por mulheres, fazendo alusão à virilidade, status e poder, encontrando no establishment pós Segunda-Guerra norte-americano sua legitimidade. O consumo destes símbolos fálicos garantia um lugar de maior proximidade ao ideal mais viril de masculinidade (Rocha, 2017, p. 25).

Inclusive, usando suas conjugalidades (Lula-Janja/Bolsonaro-Michelle) para reforçar a instrumentalidade em si sobre qual dos dois teria conquistado a melhor e mais bonita primeira-dama: *“Janja e Michelle são tratadas como mulheres que participam de um concurso de miss. Muitos comentários nas redes comparam suas belezas, suas roupas, seus nomes. A disputa presidencial, basicamente, no momento virou um duelo de fandom de mulheres”* (UOL, 16/05/2022).

Bolsonaro e Lula disputaram para ver quem é “mais” homem e que venceria a disputa pela presidência do país, o que reforça a ideia de que “para os quadros masculinos da elite política, os atributos que remetem a uma sexualização, como a virilidade, o vigor e a masculinidade, são usados como uma espécie de atestado de sua capacidade de liderança e como qualidades a serem ressaltadas” (Rivetti; Hey, 2023, p. 49). Em outros termos, isso nos diz que o lugar de perdedor é sempre associado a uma desestabilização da masculinidade, podendo ser vinculado ao feminino e ao passivo, em contraposição ao vitorioso e que ocupa o *status* social de dominante. Portanto, ser um homem público e de notabilidade no campo político requer determinado tipo de construção estética e, principalmente, de certos atributos distintivos que reiteram a posição de poder e de virilidade, lembrando que política é um negócio de homens.



Considerações finais: DE JOANA D'ARC DA SUBVERSÃO À PRESIDÊNCIA

Sei que meu mandato deve incluir a tradução mais generosa dessa ousadia do voto popular que após levar à Presidência um homem do povo, um trabalhador, decide convocar uma mulher para dirigir os destinos do País.

—Dilma, discurso de posse (01/01/2011).

Dilma, chamada de “Joana D’Arc da subversão” durante a ditadura militar, vivencia um período histórico e político muito distinto ao de Joana D’Arc. Contudo, existem alguns paralelos nas trajetórias, especialmente no que diz respeito à ascensão ao poder, às formas como foram percebidas pela sociedade de sua época e às controvérsias que as cercaram. Ambas as figuras, uma no século XXI, outra no século XV, alcançaram posições de destaque em contextos em que os códigos masculinos eram interpretados como legítimos, tornando-se alvo de grande atenção pública, tanto positiva quanto negativa. Joana D’Arc, camponesa francesa, liderou o exército francês na Guerra dos Cem Anos e desempenhou uma liderança que marcou as páginas da história da França. Sua autoridade militar e sua fé apaixonada a tornaram uma figura emblemática, tanto em vida quanto após sua morte. Suas visões religiosas divergentes da ortodoxia da Igreja Católica levaram à sua condenação por heresia durante a Inquisição, com uma subsequente execução na fogueira.

Por outro lado, Dilma, uma economista e política brasileira, foi a primeira Presidenta da República do Brasil cuja ascensão ao poder foi marcada por suas atividades como ministra de Estado e sua participação na luta pela democracia e contra o autoritarismo da ditadura militar. Assim como Joana D’Arc, Dilma enfrentou grande resistência por parte de setores conservadores da sociedade e foi alvo de intensas críticas e controvérsias ao longo de suas campanhas eleitorais e mandato presidencial. Ambas foram frequentemente retratadas de maneiras estereotipadas pela opinião pública de suas respectivas épocas: Joana era vista como uma santa por alguns e herege por outros/as, enquanto Dilma foi representada tanto como uma líder corajosa (Coração valente), maternal (Dilmãe e Mãe do PAC) e progressista quanto como uma figura autoritária e incompetente – a depender das perspectivas políticas de quem a avaliava.

Joana D’Arc, ao desafiar as estruturas de poder estabelecidas e assumir um papel de liderança em um contexto eminentemente masculino, acumulou capital simbólico, tornando-se uma figura ímpar que a elevou aos status de mártir, padroeira e símbolo de patriotismo francês. Sua condenação é ilustrativa do exercício de violência simbólica por parte das instituições dominantes da época, empregada com o intuito de deslegitimar sua autoridade e reafirmar os limites do poder estabelecido. Paralelamente, Dilma, ao eleger-se como a primeira presidenta do

Brasil, acumulou capital político, desafiando as estruturas de poder patriarcais, representando uma ruptura do *status quo* político do país. A forma como Dilma foi representada pelos meios de comunicação também pode ser compreendida como um exemplo de violência simbólica e violência política de gênero, na medida em que sua imagem foi frequentemente distorcida, ridicularizada e estereotipada para fins políticos e ideológicos. Essas duas figuras, Dilma e Joana D'Arc, desafiaram as normas sociais e políticas de seus tempos; ambas abriram caminhos para um frutífero debate sobre a posição socialmente marginalizada e de menor valia que é designada historicamente às mulheres.

São inúmeras as formas de deslegitimação do poder feminino, e entre elas, estão os títulos atrelados às mulheres como subversiva, herege, anticristo, assassina de criancinhas, masculinizada, feia etc. Fugir à regra e desafiar as convenções sociais da dominação masculina tem um custo caro para aquelas que ousam mudar o destino que lhes é imposto. Dilma foi por diversas vezes a primeira mulher a ocupar posições de destaque na política: primeira Ministra-Chefe da Casa Civil (2005-2010), primeira Ministra de Minas e Energia (2003-2005), primeira Secretária de Energia, Minas e Comunicações do Rio Grande do Sul (1993-1994) e primeira Secretária da Fazenda de Porto Alegre (1986-1988). Em 2010 tornou-se a primeira a receber a faixa presidencial.

Apesar disso, constatei a ausência de qualquer acervo tanto no PT como na Fundação Perseu Abramo das imagens oficiais da campanha de eleição e reeleição de Dilma (2010 e 2014). Tal lacuna revela um tipo de violência simbólica, pela qual não se perpetuam *lugares de memória*, ou seja, objetos pelos quais a memória é reavivada e a história pode ser contada às demais gerações, como as peças publicitárias, vídeos eleitorais, fotografias, discursos etc. Destaco que não se trata apenas da memória da política do país ou do partido político, mas, principalmente, da história das mulheres e da conquista do cargo de maior prestígio no campo político.

Outra questão identificada refere-se ao fato de que as pesquisas de Pós-graduação no Brasil (mestrado e doutorado) sobre Dilma que pude mapear (defendidas até 2022) estão concentradas em dois tópicos específicos. Primeiro, pesquisas que, enquadradas em uma perspectiva de feminismo institucional, buscam investigar se a gestão da primeira mulher eleita ao Executivo Nacional representaria avanços, em termos de políticas públicas, na promoção da equidade de gênero. Segundo, pesquisas que, respondendo pela grande maioria das publicações, concentram-se na análise do processo de interrupção de seu mandato, bem como nas disputas de poder do campo político naquele contexto e nas implicações do impeachment para o sistema democrático brasileiro. Portanto, a tese aqui apresentada não somente reivindica Dilma como uma política, dando voz à sua trajetória, mas, também, procura criar formas de perpetuar

memórias esfaceladas por disputas políticas e que diluem sua agência como a indisposição de acervos sobre esse patrimônio do Estado.

Nesse sentido, não é casual que, apesar da longa trajetória política, muitos/as pesquisadores, como Limongi (2023), afirmem que a candidatura de Dilma só foi possível em razão dos demais potenciais sucessores de Lula terem sucumbido um a um, após o escândalo do mensalão. Os resultados desta tese comprovam outro caminho: a política foi se construindo ao longo dos anos, em sua militância desde a juventude na Escola Estadual Central em Belo Horizonte, em seus primeiros contatos com a Polop, depois na Colina e VAR-Palmares, bem como durante a luta pela redemocratização do país, nas décadas de ocupação de postos de liderança partidária no PDT, em instituições técnicas como a FEE e em órgãos burocráticos – tanto em nível regional, no Rio Grande do Sul, como nacional.

Embora seja inegável que o contexto do mensalão no campo político contribuiu para abrir-lhe certas portas, Dilma já portava credenciais como habilidades técnicas (*hêxis* corporal de elite, *habitus* distintivo como domínio de idiomas, apreço pelas artes), expertise intelectual com títulos e passagens por instituições prestigiosas (Sion, Estadual Central, UFMG, UFRGS e Unicamp) que lhe aferiam notabilidade simbólica no campo econômico e legitimidade para socializar em círculos restritos. Ademais, sua experiência no exercício da gestão pública, sobretudo diante de uma crise energética com contornos nacionais, foi essencial para que seus repertórios e, claro, seu nome fossem objeto de um maior destaque midiático sobre.

A análise de seus casamentos também foi importante para a compreensão de sua trajetória, pois tanto Cláudio Galeno como Carlos Araújo foram agentes relevantes na militância estudantil contra a ditadura, dirigentes de organizações marxistas e articuladores de redes clandestinas contra a ditadura. No caso de Carlos, com quem Dilma permaneceu junto por décadas, a união afetiva do casal representou um encontro de *habitus* compatível entre um advogado e uma estudante de economia, dois jovens com o sonho de fazer revolução, que foram encarcerados, lutaram pela redemocratização do país e ajudaram a reorganização do trabalhismo no Sul. Carlos optou por seguir a via eleitoral; Dilma, supostamente nos bastidores, fazia articulações políticas e passou a se destacar pelo seu tecnicismo e reconhecida capacidade intelectual, manifesta nos debates públicos. Do casamento resultou a filha que, em oposição aos pais, preferiu manter-se discreta nos meios de comunicação e na política, seguindo a linhagem familiar do trabalhismo institucional, no exercício da jurisprudência no Ministério Público do Trabalho do Rio Grande do Sul e no escritório de advocacia fundado pelo avô, Afrânio Araújo.

Dilma, que antes de 2010 não havia se submetido aos pleitos públicos, já possuía uma bagagem familiar densa em atividades políticas. Sua família paterna, de origem búlgara, ocupou

diversos cargos no país de origem e, de seu pai, herdou as histórias de família, o apreço pelos livros e a experiência de militância no Partido Comunista. Assim como os seus, Dilma também foi perseguida neste lado do oceano por suas posições políticas. Vivenciou um período na clandestinidade, na luta contra o autoritarismo civil-militar na década de 1970 e passou a dominar as regras não ditas da política, além de ampliar o seu capital social ao transitar em diversos organismos marxistas e de esquerda. Foi torturada física e psicologicamente, violentada sistematicamente, teve seus direitos políticos cassados e ficou presa durante quase três anos.

Na década de 1980, com o retorno da democracia no Brasil, quadros da militância universitária e sindicalista se converteram em lideranças partidárias, da política institucional. Não à toa, tantos/as da mesma geração, formação universitária e movimentos militantes foram indicados para ocupar, ao mesmo tempo, postos nos mais diversos escalões do campo político, conforme se vê com a equipe da alta cúpula ministerial dos governos Lula. Esses condicionantes foram todos essenciais para propiciar a ventilação do nome de Dilma como presidenciável em sucessão ao presidente operário.

Ressalto que, a partir dos materiais coletados e analisados, é possível afirmar que a presidenta é uma agente política e sua vitória presidencial não deve ser definida apenas como um resultado do acaso e de uma construção de seu padrinho político. Frases como “Lula elegeria qualquer um que ele indicasse” dão conta do inegável apoio popular e de bases sindicais reunido pelo líder petista, mas anulam por completo as ações desempenhadas por Dilma. Como observado, os discursos fomentados pelo PSDB e demais partidos de centro e direita reproduziam esse tipo de justificativa de inexperiência nas urnas ou de “criação do Lula” para ofuscar a expertise política da agente. Primeiro, denominando-a de “poste” e “tapa-buracos”, depois, como uma pessoa “radical” e “autoritária” que não era detentora dos códigos políticos e que não dialogava com seus pares.

É certo que as credenciais portadas por Dilma foram sancionadas por Lula (inicialmente, de forma personalista) para que a nomeasse como sua sucessora, depois pelo PT, ao outorgar sua candidatura, e por fim, nas urnas. Ou seja, ela apresentava e representava capitais legítimos em um contexto em que ser uma mulher – historicamente interpretado como uma posição de subalternidade – jogou a seu favor para sua vitória eleitoral e foi um dos recursos mais eficazes para a atração do eleitorado. A experiência profissional acumulada na sequência de cargos de alto escalão (que confirmam um elevado grau de confiança à sua pessoa por parte dos políticos homens do PT e PDT que a nomearam) em diferentes níveis institucionais (municipal, estadual e nacional) também sinalizam a aptidão e competência para o exercício da função pública. Como era uma figura “nova” nas urnas e, muitas vezes, até desconhecida, Dilma conseguiu se descolar

facilmente do escândalo político-partidário do mensalão – ainda que tenha ocorrido um esforço dos meios de comunicação hegemônicos em associá-la a um suposto crime de corrupção praticado por sua sucessora na Casa Civil, Erenice Guerra. Por também não ser identificada como um quadro tradicional do PT, em razão de sua participação ativa no trabalhismo gaúcho (MDB e PDT), foi eximida de críticas direcionadas aos “velhos” políticos profissionais, carreiristas, que estavam sendo delatados e que, como consequência, se tornaram alvo da rejeição da população.

Concluo que, naquele momento, a Ministra da Casa Civil era, sem dúvida, a melhor opção para a construção da estratégia de marketing eleitoral pois se tratava de uma outsider em campanhas políticas mas que possuía vasta experiência na vida pública. Reconhecida como intelectual e detentora de grande acúmulo de capital cultural, ela era capaz de rebater as críticas direcionadas ao presidente Lula. Dilma, a “mulher de Lula”, também não competia com o presidente, figura ímpar em sua liderança carismática. De um lado, tínhamos o operário popular, com pouca escolaridade, vasta experiência de liderança sindical e em disputas eleitorais. De outro, uma mulher mais reservada, com reconhecidas habilidades intelectuais, amplo capital cultural, experiência em organizações marxistas durante a ditadura, domínios técnicos na gestão pública e que investiu severamente em uma remodelação estética, visual e corpórea para feminização e suavização de sua imagem, para consolidar-se, ainda que de forma maquiada, como uma mulher matronal, a “Dilmãe”, presidenciável. Em resumo, pode-se afirmar que não se nasce presidenta; torna-se uma.

Espero que aqueles/as que tenham se debruçado sobre a tese compreendam que se trata de um texto que reflete as condições de sua própria gênese, um contexto marcado pelo menosprezo pelos saberes, expressos nos cortes em investimentos nas Universidades públicas e nas agências de fomento à pesquisa, aliado à crise sanitária global da COVID-19 que muitas vezes impediu avanços (tanto teóricos como empíricos). Nesse sentido, destaco que uma tese nunca termina, mas o tempo para produzi-la, sim. E, dentro de suas limitações, espero que os debates aqui levados a cabo possam contribuir de alguma forma com as reflexões sociológicas sobre a participação das mulheres na elite política. Reconhecê-las como políticas implica em subverter o sistema androcêntrico que as retrata (e reproduz) o estereótipo de “Outras”, à sombra das ações masculinas. Por fim, reitero que a subalterna pode e deve falar e é nosso papel – de pessoas comprometidas com a construção de uma reflexão crítica – jogar luz sobre sua agência, ecoando as vozes, histórias e escritas daquelas que foram historicamente silenciadas e relegadas às margens

de tudo aquilo que possui caráter legítimo. Como Audre Lorde tão eloquentemente expressou: “Eu não serei livre enquanto outra mulher for prisioneira, mesmo quando as correntes dela forem muito diferentes das minhas”.

Referências

Imagem e Audiovisual

AGÊNCIA PT, 05/10/2016. *Marcela e Michel Temer em Cerimônia de Lançamento do Programa Criança Feliz*. Fotografia: Lula Marques Disponível: <https://www.flickr.com/photos/partidodostrabalhadores/29507428033/in/photostream>, consulta: 05/01/2024.

AGÊNCIA SENADO, 30/12/2014. *Dilma estará acompanhada da filha na chegada ao Congresso*. Disponível: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2014/12/30/dilma-estara-acompanhada-da-filha-na-chegada-ao-congresso>, consulta: 04/12/2020.

BIBLIOTECA DIGITAL TSE, 17/12/2010. *Sessão solene do TSE para a diplomação dos candidatos eleitos para os cargos de Presidente e Vice-Presidente da República, na eleição de 2010*. Disponível: <http://bibliotecadigital.tse.jus.br/xmlui/handle/bdtse/681>, consulta: 25/04/2024.

CANAL BRASIL. *Dilma Rousseff lembra da resistência de mulheres presas durante a Ditadura Militar* | Cinejornal. In: Youtube (17min 12"). Disponível: https://youtu.be/nb4Fc1k5i58?si=dJD_WWgWEh0Xmbr_, consulta: 22/03/2024.

CANAL GOV.. *Relatório da Comissão Nacional da Verdade apresenta história de 434 presos e desaparecidos políticos* (10/12/2014). In: Youtube, 38min 59". Disponível: <https://youtu.be/a5dEzgyby8w?si=EPmA223TpH2RJK5>, consulta: 22/03/2024.

CONEXÃO REPÓRTER. *Entrevista com Dilma Rousseff* (21/08/16). In: Youtube, 2min 49". Disponível: <https://youtu.be/wl7SCn4jWp4?si=siGVyF7wJYVK8UyM>, consulta: 22/03/2024.

Ducking-stool. Fonte: The Hill is home by Robert Pohl (11/10/2015). Disponível: <https://thehillishome.com/2015/10/lost-capitol-hill-a-common-scold/punishment-by-ducking-stool>, consulta: 07/11/2022.

ÉPOCA, 03/11/2014. *Dilma Rousseff, a presidente que poucos ousam contrariar*. Disponível: <https://epoca.oglobo.globo.com/tempo/eleicoes/noticia/2014/11/bdilma-rousseffb-presidente-que-poucos-ousam-contrariar.html>, consulta: 04/12/2020.

FACEBOOK, 04/04/2022. *Fotografia postada no perfil pessoal de Carlos Araújo*. Disponível: <https://www.facebook.com/photo?fbid=346449974168491&set=pb.100064104720733.-2207520000>, consulta: 01/04/2024.

FLICKR, 01/01/2015. *Cerimônia de posse do segundo mandato de Dilma Rousseff e Michel Temer*. Fotografia: Romério Cunha. Disponível: <https://www.flickr.com/photos/micheltemer/page278>, consulta: 05/06/2023.

METRÓPOLIS, 21/12/2018. *“Anta” e “transão”: as fotos de duplo sentido da equipe de Bolsonaro*, por Ian Ferraz. Disponível: <https://www.metropoles.com/brasil/politica-brasil/anta-e-transao-as-fotos-de-duplo-sentido-da-equipe-de-bolsonaro>, consulta: 01/02/2024.

_____, 27/05/2022. *Alvo de ataques, Manuela D’Ávila desiste de candidatura ao Senado*. Disponível: <https://www.metropoles.com/brasil/eleicoes-2022/alvo-de-ataques-manuela-davila-desiste-de-candidatura-a-ao-senado>, consulta: 23/01/2024.

O GLOBO, 01/11/2010. *Sobre como Lula fabricou sua candidata, Dilma Rousseff* por Chico de Gois e Luiza Damé. Disponível:

<https://oglobo.globo.com/politica/eleicoes-2010/sobre-como-lula-fabricou-sua-candidata-dilma-rousseff-4982577>, consulta: 05/02/2023.

_____, 09/10/2012. *A escala Pantone nos blazers de Angela Merkel*. <https://oglobo.globo.com/ela/moda/a-escala-pantone-nos-blazers-de-angela-merkel-16953844>, consulta: 02/01/2024.

_____, 12/03/2014. *Dilma, Michelle e Cristina: as mulheres que mandam no Cone Sul*. Disponível: <https://oglobo.globo.com/mundo/dilma-michelle-cristina-as-mulheres-que-mandam-no-cone-sul-11852572>, consulta: 15/03/2020.

O Processo, Documentário, 141 min, Alemanha. Direção: Maria Augusta Ramos. Idioma: Português, lançamento: 17/05/2018. <https://www.vitrinefilmes.com.br/filme/o-processo>, consulta: 10/06/2019.

Scold's bridle' or 'brank' by Jean Finot. Paris: Eugène Figuière & Cie, [1920?]. Fonte: Houghton Library, Harvard University and Ludlow-Santo Domingo Library (09/03/2017) Disponível: <https://blogs.harvard.edu/houghtonmodern/2017/03/09/scolds-bridle-branks-bridle-branks>, consulta: 04/12/2020.

TELESUR, 27/10/2014. *Bachelet and Merkel Meet to Expand Free Trade Agreement*. Disponível: <https://www.telesurenglish.net/news/Bachelet-and-Merkel-Meet-to-Expand-Free-Trade-Agreement--2014-1027-0042.html>, consulta: 15/03/2020.

TORRE DAS DONZELAS, Documentário, 97 min, 2018. Direção: Susanna Lira. Idioma: Português.

TV FÓRUM, 20/06/2014. In: Youtube. *Dilma Coração Valente* (2 min 10"). Disponível: <https://www.youtube.com/watch?v=3k8YQCSs8es>, consulta: 26/04/2024.

VEJA, 08/08/2014. *Dilma em tons de vermelho*. Disponível: <https://veja.abril.com.br/politica/dilma-em-tons-de-vermelho>, consulta: 02/01/2023.

YOUTUBE, 19/04/2010. *Lançamento do site Dilma na web* (1 min 44"). Disponível: <https://youtu.be/b7jiOBGbpZg?si=wLqBNUlzOeBVp4ZO>, consulta: 10/01/2024.

_____, 10/08/2010. *Dilmaveb: Maria da Conceição Tavares - Veja quem já está com Dilma* (3 min 55"). Disponível: <https://www.youtube.com/watch?v=okITKfsha3g>, consulta: 06/04/2023.

_____, 17/08/2010. *Primeiro Programa de Dilma Rousseff - Eleições 2010* (10 min 39"). Disponível: <https://www.youtube.com/watch?v=AY-u54xka24>, consulta: 29/04/2024.

_____, 26/03/2019. *Jingle "Uma grande brasileira"- Dilma Rousseff 13 (Eleições 2010 - Brasil)* (1 min 23"). Disponível: <https://www.youtube.com/watch?v=A-jxKS1mNXE>, consulta: 29/04/2024.

Legislação

BRASIL. *Constituição*. Constituição da República Federativa do Brasil, 1937.

_____. *Decreto 4.244 de 09 de abril de 1942*. Lei Orgânica do Ensino secundário.

_____. *Decreto-Lei nº 314, de 13 de março de 1967*. Define os crimes contra a segurança nacional, a ordem política e social e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, 1967. Disponível: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/19601969/decreto-lei-314-13-marco-1967-366980-publicacaooriginal-1-pe.html>, consulta: 19/06/2021.

_____. *Ato Institucional nº 5, de 13 de dezembro de 1968*. São mantidas a Constituição de 24 de janeiro de 1967 e as Constituições Estaduais; o Presidente da República poderá decretar a intervenção nos estados e municípios, sem as limitações previstas na Constituição, suspender os direitos políticos de quaisquer cidadãos pelo prazo de 10 anos e cassar mandatos eletivos federais, estaduais e municipais, e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, 1969. Disponível: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/AIT/ait-05-68.htm, consulta: 19/06/2021.

_____. *Processo 1056557-38.2022.4.01.3400* de 04/02/2023.

_____. *Ato Institucional nº 6, de 1º de fevereiro de 1969*. Altera a composição e competência do Supremo Tribunal Federal, amplia a disposição do Ato Institucional nº 5, de 13 de dezembro de 1968 e ratifica as emendas constitucionais feitas por Atos Complementares. Brasília, DF: Presidência da República, 1969. Disponível: http://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/AIT/ait-06-69.htm, consulta: 19/06/2021.

_____. Decreto-Lei nº 477 - 26/02/1969. Projeto República e Comissão da Verdade - UFMG Disponível: <http://www.comissaodaverdade.mg.gov.br/bitstream/handle/123456789/1165/Decreto%20Lei%20477.pdf?sequence=1&isAllowed=y>, consulta: 15/03/2024.

_____. *Decreto-Lei nº 477, de 26 de fevereiro de 1969*. Define infrações disciplinares praticadas por professores, alunos, funcionários ou empregados de estabelecimentos de ensino público ou particulares, e dá outras providências. Disponível: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/1965-1988/del0477.htm, consulta: 19/06/2021.

_____. *Decreto-Lei nº 510, de 20 de março de 1969*. Altera dispositivos do decreto-lei nº 314 de 13 de março de 1967, e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, 1969. Disponível: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1960-1969/decreto-lei510-20-marco-1969-376778-publicacaooriginal-1-pe.html>, consulta: 19/06/2021.

_____. *Decreto-Lei nº 898, de 29 de setembro de 1969*. Define os crimes contra a segurança nacional, a ordem política e social, estabelece seu processo e julgamento e dá outras providências. Brasília, DF: Ministério da Marinha de Guerra, do Exército e da Aeronáutica Militar, 1969. Disponível: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/19601969/decreto-lei-898-29-setembro-1969-377568-publicacaooriginal-1-pe.html>, consulta: 19/06/2021.

_____. *Decreto-Lei nº 1.001, de 21 de outubro de 1969*. Código Penal Militar. Brasília, DF: Ministério da Marinha de Guerra, do Exército e da Aeronáutica Militar, 1969. Disponível: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/del1001.htm, consulta: 19/06/2021.

Lei das Eleições – *Lei nº 9.504, de 30 de setembro de 1997*. Disponível: <https://www.tse.jus.br/legislacao/codigo-eleitoral/lei-das-eleicoes/lei-das-eleicoes-lei-nb0-9.504-de-30-de-setembro-de-1997>, consulta: 03/02/2021.

Sites

Arquivo Público Mineiro. Disponível: <http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br>

Biblioteca Presidência da República: <http://www.biblioteca.presidencia.gov.br>

Comissão da Verdade em Minas Gerais: <http://www.comissaodaverdade.mg.gov.br>

Centro Sérgio Buarque de Holanda (CSBH): <https://acervo.fpabramo.org.br>

Dilma Rousseff. Site oficial: <http://dilma.com.br>

Elas por elas: <https://pt.org.br/elas-por-elas>

Fundação Perseu Abramo: <https://fpabramo.org.br>

Memorial da Democracia: <http://memorialdademocracia.com.br/card/a-polop-contesta-o-dogmatismo>

Partido dos Trabalhadores: <https://pt.org.br>

Plataforma Lattes: <http://lattes.cnpq.br>

Fontes

A PÚBLICA, 21/03/2024. *Pesquisa inédita do colaborador da UnB e ex-presos político Gilney Viana contabilizou vítimas da ditadura de 1964 a 1988 por Rubens Valente*. Disponível: <https://apublica.org/2024/03/60-anos-do-golpe-militar-estudo-aponta-1654-camponeses-mortos-e-desaparecidos-na-ditadura>, consulta: 01/04/2024.

AGÊNCIA PT, 05/10/2016. *Marcela e Michel Temer em Cerimônia de Lançamento do Programa Criança Feliz*. Fotografia: Lula Marques Disponível: <https://www.flickr.com/photos/partidodostrabalhadores/29507428033/in/photostream>, consulta: 05/01/2024.

AGÊNCIA SENADO, 07/05/2008. *Mentir sob tortura não é fácil, diz Dilma Rousseff*. Disponível: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2008/05/07/mentir-sob-tortura-nao-e-facil-diz-dilma-rousseff>, consulta: 03/11/2023.

_____, 10/12/2014. *Aplaudido de pé, Pedro Simon despede-se do Senado*. Disponível: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2014/12/10/aplaudido-de-pe-pedro-simon-despede-se-d-o-senado>, consulta: 19/04/2023.

_____, 30/12/2014. *Dilma estará acompanhada da filha na chegada ao Congresso*. Disponível: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2014/12/30/dilma-estara-acompanhada-da-filha-na-chegada-ao-congresso>, consulta: 15/03/2020.

AOS FATOS: Agência de checagem, 29/07/2020. *Dilma Rousseff não participou de assalto ao banco Banespa em 1968 por Luiz Fernando Menezes*. Disponível: <https://www.aosfatos.org/noticias/dilma-rousseff-nao-participou-de-assalto-ao-banco-banespa-em-1968>, consulta: 03/11/2023.

ARQUIVO CNV, 00092.001027/2012-80: *Testemunho de Dilma Vana Rousseff à Comissão Estadual de Indenização às Vítimas de Tortura (CEIVT) de Minas Gerais*. Disponível: http://cnv.memoriasreveladas.gov.br/images/documentos/Capitulo9/Nota%20212%20241%20243%20-%2000092_001027_2012_80.pdf, consulta: 04/12/2020.

AVENTURAS NA HISTÓRIA, 19/02/2022. *Os relatos de Dilma Rousseff sobre a tortura na ditadura: “dor que não deixa rastro” por Fabio Previdelli*. Disponível: <https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/reportagem/os-relatos-de-dilma-rousseff-sobre-tortura-na-ditadura-dor-que-nao-deixa-rastro.phtml>, consulta: 03/11/2023.

BBC, 21/10/2014. *Angela Merkel: Chancellor chic?* by Katya Foreman. Disponível: <https://www.bbc.com/culture/article/20130918-angela-merkel-chancellor-chic>, consulta: 24/03/2020.

_____, 08/08/2017. *A brasileira que sequestrou um avião acompanhada de dois filhos pequenos durante a ditadura* por Roberta Jansen. Disponível: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-40866852>, consulta: 26/03/2024.

_____, 04/09/2017. *Onze meses após ser lançado por Marcela Temer, Criança Feliz começa em só 6% das cidades brasileiras* por Amanda Rossi. Disponível: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-41131754>, consulta: 22/01/2023.

BBC NEWS BRASIL, 07/09/2022. *Imbrochável? 'Discurso hipersexualizado de Bolsonaro é típico da masculinidade frágil', diz psicanalista* por Ricardo Senra. Disponível: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-62795997>, consulta: 04/10/2022.

BIBLIOTECA IBGE. *Catálogo*. Disponível: <https://biblioteca.ibge.gov.br/biblioteca-catalogo.html?id=442803&view=detalhes>, consulta: 27/02/2023.

_____. *Divisão regional do Brasil em mesorregiões e microrregiões geográficas*. Rio de Janeiro: IBGE, 1990. Disponível: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv2269_1.pdf, consulta: 09/11/2023.

BOATOS.ORG, 04/06/2022. *Maria do Rosário e Dilma Rousseff assumem relacionamento amoroso #boato* por Edgard Matsuki. Disponível: <https://www.boatos.org/politica/maria-do-rosario-dilma-rousseff-assumem-relacionamento-amoroso.html>, consulta: 23/01/2024.

BORGES, Márcio. *Depoimento ao Museu Clube da Esquina*. Disponível: <http://www.museudapessoa.net/clube>, consulta: 26/06/2023.

BRANT, Fernando. *Depoimento ao Museu Clube da Esquina*. Disponível: <http://www.museudapessoa.net/clube>, consulta: 26/06/2023.

BRASIL. *Comissão Nacional da Verdade. Relatório / Comissão Nacional da Verdade*. – Recurso eletrônico. Brasília: CNV, 2014. 976 f. – (Relatório da Comissão Nacional da Verdade; v. 1).

BRASIL DE FATO, 06/01/2020. *“Louca, burra, prostituta”: pesquisa escancara machismo contra Dilma* por Lu Sudré. Disponível:

<https://www.brasildefato.com.br/2020/01/06/louca-burra-prostituta-pesquisa-escancara-machismo-contr-a-dilma>, consulta: 04/12/2020.

_____, 15/01/2020. *Dilma Rousseff: "Tortura é dor e morte. Eles querem que você perca a dignidade"* por Mariana Lemos e Camila Maciel. Disponível: <https://www.brasildefato.com.br/2020/01/15/dilma-rousseff-tortura-e-dor-e-morte-eles-querem-que-voc-e-perca-a-dignidade>, consulta: 06/04/2024.

BRASILEIROS, 31/07/2012. *O cara da Dilma.* Disponível: <https://web.archive.org/web/20150401173615/http://brasileiros.com.br/2012/07/o-cara-da-dilma>, consulta: 01/04/2024.

BNM. Ação Penal nº 32/70, apelação STM nº 38.903. *Brasil Nunca Mais.* Disponível: <https://bnmdigital.mpf.mp.br/sumarios/300/217.html>, consulta: 01/12/2023.

BNM. Ação Penal nº 62/70 Apelação STM nº 42.426. Disponível: <https://bnmdigital.mpf.mp.br/sumarios/700/707.html>, consulta: 25/03/2024.

CABEÇA LIVRE, 01/11/2014. *Presidenta na moda: brincos da Dilma fazem sucesso na 25 de março.* Disponível: https://www.cabecalivre.com.br/politica/presidenta-fazendo-moda-brincos-da-dilma-fazem-sucesso-na-25-de-marco#google_vignette, consulta: 26/01/2024.

CÂMARA DOS DEPUTADOS. *Manuela D'Ávila.* Disponível: <https://www.camara.leg.br/deputados/141492/biografia>, consulta: 23/01/2024.

CATRACA LIVRE, 23/08/2021. *Lula aparece em foto com pernas malhadas e web comenta.* Disponível: <https://catracalivre.com.br/entretenimento/lula-aparece-em-foto-com-pernas-malhadas-e-web-comenta>, consulta: 04/12/2020.

CIDADE VERDE, 28/01/2011. *Estilistas da SPFW discutem relação de Dilma com a moda.* Disponível: <https://cidadeverde.com/noticias/72162/estilistas-da-spfw-discutem-relacao-de-dilma-com-a-moda>, consulta: 29/01/2024.

CMV-JF; MEMÓRIAS DA REPRESSÃO, 2015. *Relatório da Comissão Municipal da Verdade de Juiz de Fora.* Juiz de Fora: MAMM. 272 f. Disponível: https://www.pjf.mg.gov.br/comissaodaverdade/documentos/relatorio_final_cmv_jf.pdf, consulta: 15/03/2024.

CNV, *Comissão Nacional da Verdade*, 23/10/2012. <http://cnv.memoriasreveladas.gov.br/outros-destaques/115-depoimentos-emocionam-publico-jovem-na-primeira-audiencia-publica-tematica-da-comissao-nacional-da-verdade.html>, consulta: 03/12/2023.

CORREIO BRAZILIENSE, 29/04/2010. *Dilma faz nova gravação em parque eólico gaúcho.* Disponível: https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/politica/2010/04/29/interna_politica,189533/dilma-faz-nova-gravacao-em-parque-eolico-gaucho.shtml, consulta: 20/03/2024.

_____, 01/08/2010. *A esquerda repaginada, pelo menos no visual.* Disponível: https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/politica/2010/08/01/interna_politica,205449/a-esquerda-repaginada-pelo-menos-no-visual.shtml, consulta: 27/01/2024.

_____, 24/12/2010. *Sem recorrer a consultor de estilo, Dilma usará tailleur branco na posse.* Disponível: https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/politica/2010/12/24/interna_politica,229190/sem-recorrer-a-consultor-de-estilo-dilma-usara-tailleur-branco-na-posse.shtml, consulta: 05/02/2023.

_____, 05/01/2011. *Dilma faz estilo discreta e clássica nas roupas e maquiagem!* por Rosana Siqueira. Disponível: <https://correiodoestado.com.br/correio-b/dilma-faz-estilo-discreta-e-classica-nas-roupas-e-maquiagem/93830/>, consulta: 29/01/2024.

_____, 11/09/2011. *Estilo de roupa de Dilma se reflete nos ministérios comandados por mulheres* por Vera Schmitz/Estado de Minas. Disponível:

https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/politica/2011/09/11/interna_politica,269331/estilo-de-roupa-de-dilma-se-reflete-nos-ministerios-comandados-por-mulheres.shtml, consulta: 29/01/2024.

_____, 18/06/2012a. *Com a prisão, a tortura e a perseguição de militantes, Colina foi dizimada* por Sandra Kiefer. Disponível:

https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/politica/2012/06/18/interna_politica,307714/com-a-prisao-a-tortura-e-a-perseguido-de-militantes-colina-foi-dizimada.shtml, consulta: 15/03/2024

_____, 18/06/2012b, Política, p. 2. *Bilhetes foram a causa do horror por Sandra Kiefer*. Disponível: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/55184/noticia.htm?sequence=1>, consulta: 13/11/2023.

COMISSÃO DA VERDADE, s/d. *Alunos expulsos por Regimento Interno da UFMG*. Disponível: <http://www.comissaodaverdade.mg.gov.br/handle/123456789/717>, consulta: 02/06/2023.

_____, s/d. *Alunos perseguidos através do Decreto de Lei 477*. Disponível: <http://www.comissaodaverdade.mg.gov.br/handle/123456789/1109>, consulta: 02/06/2023.

_____, s/d. *Compilado de documentos referentes a alunos da UFMG indiciados na Lei de Segurança Nacional*. Disponível: <http://www.comissaodaverdade.mg.gov.br/handle/123456789/727>, consulta: 03/02/2024.

COVEMG. *Relatório Final da Comissão da Verdade em Minas Gerais – Governo do Estado*. Belo Horizonte: _____, 2017. 1781f. Disponível: <http://www.comissaodaverdade.mg.gov.br/handle/123456789/199>, consulta: 04/02/2021.

CUT, 2015. *Relatório da Comissão Nacional da Memória, Verdade e Justiça da CUT / Central Única dos Trabalhadores - Comissão Nacional da Memória, Verdade e Justiça – São Paulo: Central Única dos Trabalhadores*. 128f. Disponível: <https://cedoc.cut.org.br/cedoc/livros-e-folhetos/4950>, consulta: 04/02/2021.

CQ, 22/10/2014. *“Ele admira muito o Lula”, conta cabeleireiro em comum sobre Aécio Neves*, por Erick Paulussi. Disponível:

<https://gq.globo.com/Prazeres/Poder/noticia/2014/10/ele-admira-muito-o-lula-conta-cabeleireiro-em-comum-sobre-aecio-neves.html>, consulta: 26/01/2024.

_____, 01/09/2015. *Carlos Araújo, ex-marido da presidente Dilma, fala sobre traição* por Lira Neto. Disponível: <https://gq.globo.com/Prazeres/Poder/noticia/2015/09/carlos-araujo-ex-marido-da-presidente-dilma-fala-sobre-traicao.html>, consulta: 01/04/2024.

Depoimento de Edson Antonio Edinho Silva em 21/11/2016, em Audiência à Corregedoria-Geral Eleitoral do Tribunal Superior Eleitoral (TSE) – Fis. 4938, Secretaria Judiciária (SJD) e Coordenadoria de Acórdãos e Resoluções (COARE). AIJE N° 1943-58.2014.6.00.0000/DF. Disponível: <http://download.uol.com.br/fernandorodrigues/depoimento-EdinhoSilva-ChapaDilmaTemer-TSE-21nov2016.pdf>. Acesso: 15/11/2022.

Depoimento de Giles Carriconde Azevedo em 09/11/2016, em Audiência à Corregedoria-Geral Eleitoral do Tribunal Superior Eleitoral (TSE) – Fis. 4938, Secretaria Judiciária (SJD) e Coordenadoria de Acórdãos e Resoluções (COARE). 36f. AIJE N° 1943-58.2014.6.00.0000/DF. Disponível: <http://download.uol.com.br/fernandorodrigues/depoimento-GilesAzevedo-ChapaDilmaTemer-TSE-21nov2016.pdf>. Acesso: 21/11/2022.

DIÁRIO DO PODER, 16/02/2014. *Dilma precisa arrumar um namorado, diz Lula: Lula tem dito que Dilma precisa namorar para acabar seu mau humor*. Disponível: <https://diariodopoder.com.br/uncategorized/dilma-precisa-arrumar-um-namorado-diz-lula-2>, consulta: 23/07/2021.

DILMA ROUSSEFF, 25/10/2001. *Depoimento prestado na sede da Comissão de Indenização de Presos Políticos do Rio Grande do Sul*. Disponibilizado pela Comissão Nacional da Verdade, consulta: 15/11/2022.

_____, 10/2011. *Depoimento prestado ao Conselho Estadual de Direitos Humanos*. Conedh-MG.

_____, Discurso da Presidenta da República, 12/04/2012. *Cerimônia de anúncio do resultado da seleção de propostas do Minha Casa, Minha Vida 2 para municípios de até 50 mil habitantes*. Disponível:

<http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/discursos/discursos-da-presidenta/discurso-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-na-cerimonia-de-anuncio-do-resultado-da-selecao-de-propostas-do-minha-casa-minha-vida-2-para-municipios-de-ate-50-mil-habitantes-brasilia-df>, consulta: 26/06/2023.

_____, 10/12/2014. *Discurso pronunciado no ato de entrega do Relatório da Comissão Nacional da Verdade*. Disponível:

<http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/discursos/discursos-da-presidenta/discurso-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-durante-entrega-do-relatorio-final-da-comissao-nacional-da-verdade-brasilia-df>, consulta: 22/03/2024.

_____, 28/05/2018. *Entrevista sobre militância, resistência e repressão durante a Ditadura Civil-Militar*. Memorial da Resistência de São Paulo, entrevista concedida a Luiza Giandalia e Julia Gumieri.

DIOR, (s/d). *Dior Tribales Earrings*. Disponível: https://www.dior.com/pt_br/fashion/products/E0078MIDRS_D301-dior-tribales-earrings-gold-finish-metal-and-white-resin-pearls?objectID=E0078MIDRS_D301&query=tribales&queryID=14d767f2ba4f7906399648850f5cd2, consulta: 26/01/2024.

DIVINEWS, 24/12/2008. *Dilma faz plástico e renova o visual para 2009*. Disponível: <https://divinews.com/2008/12/24/dilma-faz-plastica-e-renova-o-visual-para-2009>, consulta: 26/01/2024.

DONNA, 13/02/2011. *Entrevista: Luisa Stadlander, a estilista preferida da presidente*. Disponível: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/donna/noticia/2011/02/entrevista-luisa-stadlander-a-estilista-preferida-da-presidente-cjpmuy0jt0353vtcn2jvcmdvf.html>, consulta: 26/01/2024.

EDUCAÇÃO SP, 28/10/2020. *#HALLOWEEN: confira as atividades e programações para o Dia das Bruxas na rede estadual*. Disponível: <https://www.educacao.sp.gov.br/halloween-confira-atividades-e-programacoes-para-o-dia-das-bruxas-na-rede-estadual>, consulta: 01/06/2023.

EL PAÍS, 08/09/2014. *Mais de 80 empresas colaboraram com a ditadura militar no Brasil* por Beatriz Borges. Disponível: https://brasil.elpais.com/brasil/2014/09/08/politica/1410204895_124898.html?rel=listaapojo, consulta: 24/03/2024.

_____, 26/10/2014. *A Dilma Rousseff que eu conheci pessoalmente: A fama de durona desaparece em dez minutos de prosa* por Carla Jimenez. Disponível: https://brasil.elpais.com/brasil/2014/10/26/politica/1414351702_963528.html, consulta: 30/01/2024.

_____, 10/12/2014. *As marcas da tortura sou eu. Fazem parte de mim*. Disponível: https://brasil.elpais.com/brasil/2014/12/10/politica/1418211333_054839.html, consulta: 10/02/2024.

ESTADÃO, 08/03/2006. *Minha filha, Dilma Rousseff*. Disponível: <https://www.estadao.com.br/economia/a-economia-no-novo-governo/minha-filha-dilma-rousseff>, consulta: 10/11/2023.

_____, 07/02/2008. *O corpo tornou-se um simples acessório*, por Flávia Tavares. Disponível: <https://alias.estadao.com.br/noticias/geral,o-corpo-tornou-se-um-simples-acessorio,121024>, consulta: 01/06/2023.

_____, 09/08/2008. *A escolhida* por Humberto Werneck. Disponível: <https://www.estadao.com.br/alias/a-escolhida>, consulta: 21/02/2022

_____, 31/01/2013. *Roupa 'vermelha' de Dilma vira alvo do PSDB*. Disponível: <https://www.estadao.com.br/politica/eleicoes/roupa-vermelha-de-dilma-vira-alvo-do-psdb-imp-/>, consultado: 26/01/2024.

_____, 30/10/2014. *Brincos que Dilma usou na campanha fazem sucesso na 25 de Março* por Edgar Maciel. Disponível: <https://www.estadao.com.br/politica/brincos-que-dilma-usou-na-campanha-fazem-sucesso-na-25-de-marco/>, consulta: 26/01/2024.

_____, 05/01/2015. *O estilo Dilma na posse: Em termos de estilo, na cerimônia de posse para o segundo mandato, a presidente Dilma mostrou estar mais segura* por Maria Rita Alonso. Disponível: <https://www.estadao.com.br/emails/moda-e-beleza/o-estilo-dilma-na-posse/>, consulta: 26/01/2024.

_____, 21/03/2017. *Por que Diana parecia ser bem mais baixa do que Charles, se eles tinham quase a mesma altura?* Disponível:

<https://emails.estadao.com.br/noticias/gente,por-que-diana-parecia-ser-bem-mais-baixa-do-que-charles-se-eles-tinham-quase-a-mesma-altura,70001708264>, consulta: 07/03/2020.

_____, 08/08/2019. *Bolsonaro exalta Ustra na votação do impeachment em 2016*. Disponível: <https://www.youtube.com/watch?v=xiAZn7bUC8A>, consulta: 01/12/2023

_____, 10/07/2020. *É falso que Dilma tenha participado de atentado que matou soldado Mario Kozel Filho* por Samuel Lima. Disponível:

<https://www.estadao.com.br/estadao-verifica/e-falso-que-dilma-tenha-participado-de-atentado-que-mato-u-soldado-mario-kozel-filho>, consulta: 28/03/2024.

ESTADO DE MINAS, 09/07/2011. *Uma fábrica de grandes mineiros: Berço de personalidades, Estadual Central é também marco arquitetônico, histórico e cultural* por Glória Tupinambás. Disponível: https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2011/07/09/interna_gerais,238723/berco-de-personalidade-s-estadual-central-e-tambem-marco-arquitetonico-historico-e-cultural.shtml, consulta: 10/05/2022.

_____, 15/02/2012. *Amiga de colégio de Dilma comanda escritório da presidente em BH* por Patrícia Aranha. Disponível:

https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2012/02/15/interna_politica,278080/amiga-de-colegio-de-dilma-comanda-escritorio-da-presidente-em-bh.shtml, consulta: 10/05/2022.

_____, 18/06/2012. *Nem sob forte violência Dilma entregou os colegas*. Disponível: https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2012/06/18/interna_politica,300706/nem-sob-forte-violencia-dilma-entregou-os-colegas.shtml, consulta: 01/10/2020.

_____, 27/06/2012. *SNI encontra RG falso de Dilma* por Josie Jeronimo. Disponível: https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2012/06/27/interna_politica,302654/sni-encontra-rg-falso-de-dilma.shtml#google_vignette, consulta: 10/11/2023.

ESTEVIÃO, Ana Maria R. *Torre das Guerreiras e outras memórias*. São Paulo: Fundação Rosa Luxemburgo, 2021.

EXTRA, 13/06/2010. *Celso Kamura, que reinventou o visual de Dilma Rouseff, dá suas dicas* por Clarissa Monteagudo. Disponível: <https://extra.globo.com/famosos/moda-cabelo-e-maquagem/celso-kamura-que-reinventou-visual-de-dilma-rousseff-da-suas-dicas-371259.html>, consulta: 27/01/2024.

_____, 15/05/2014. *Celso Kamura entrega detalhes do cabelo da presidente Dilma e de Angélica e dá dicas para cuidar dos fios*. Disponível: <https://extra.globo.com/mulher/beleza/cabelos/celso-kamura-entrega-detalhes-do-cabelo-da-presidente-dilma-de-angelica-da-dicas-para-cuidar-dos-fios-12489503.html>, consulta: 08/03/2021.

FASHION NETWORK, 05/01/2011. *Após expectativa, Dilma acerta no look de cerimônia da posse*. Disponível: <https://br.fashionnetwork.com/news/Apos-expectativa-dilma-acerta-no-look-de-cerimonia-da-posse,142815.html>, consulta: 27/01/2024.

FFW UOL, 24/08/2010. *Herchcovitch vai simplificar e tornar + prático o visual de Dilma* por Camila Yahn. Disponível: <https://ffw.uol.com.br/noticias/moda/herchcovitch-vai-simplificar-e-tornar-pratico-o-visual-de-dilma-rousseff/>, consulta: 26/01/2024.

FINANCIAL TIMES, 29/10/2014. *Dilma's campaign and the making of an icon* by Jonathan Wheatley. Disponível: <https://www.ft.com/content/68d250a3-c96a-3510-8f75-94b080aa3f7d>, consulta: 01/04/2014.

FOLHA DE S.PAULO,, 19/01/1994. *CRT "enxuga" concorrência e lança ações*. Disponível: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1994/1/19/brasil/28.html>, consulta: 06/02/2021.

_____, 18/04/1999. *O Grupo Gente Nova* por Luis Nassif. Disponível: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/dinheiro/fi18049905.htm>, consulta: 23/03/2024.

_____, 30/12/2000. *Bye, bye, boca vermelha.* Disponível: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq3012200010.htm>, consulta: 01/01/2024.

_____, 22/06/2005a. *Ao sair, Dirceu saúda "camarada de armas"* por Julia Duailibi e Eduardo Scolese. Disponível: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc2206200510.htm>, consulta: 25/04/2024.

_____, 22/06/2005b. *Escândalo do "Mensalão"/Troca de Guarda* por Julia Duailibi e Eduardo Scolese. Disponível: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc2206200508.htm>, consulta: 25/04/2024.

_____, 22/06/2005c. *Problema técnico: Presidente da Câmara critica perfil "excessivamente" técnico da nova ministra* por Fábio Zanini. Disponível: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc2206200512.htm>, consulta: 22/04/2024.

_____, 26/06/2005a. *Militância política teve início aos 19 anos.* Disponível: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc2606200519.htm>, consulta: 28/03/2024

_____, 26/06/2005b. *Dilma treinou com armas fora do Brasil* por Luiz Maklouf Carvalho. Disponível: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc2606200518.htm>, consulta: 02/06/2022.

_____, 30/04/2008. *Ex-dirigente da UNE, Manuela D'Ávila quer ser prefeita* por Wanderley Preite Sobrinho. Disponível: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2008/04/383143-ex-dirigente-da-une-manuela-davila-quer-ser-pre-feita-leia-entrevista.shtml?mobile>, consulta: 23/01/2024.

_____, 12/01/2009. *Dilma aparece em público pela 1ª vez após cirurgia plástica* por Thiago Faria. Disponível: <https://m.folha.uol.com.br/poder/2009/01/489082-dilma-aparece-em-publico-pela-1-vez-apos-cirurgia-plastica.shtml>, consulta: 26/01/2024.

_____, 13/01/2009. *Com novo visual, Dilma recebe elogios em reunião no Planalto* por Renata Giraldi. Disponível: <https://m.folha.uol.com.br/poder/2009/01/489562-com-novo-visual-dilma-recebe-elogios-em-reuniao-no-planalto.shtml>, consulta: 23/01/2024.

_____, 14/01/2009. *Tarso elogia novo visual de Dilma e diz que sempre achou ministra bonita* por Thiago Faria. Disponível: <https://m.folha.uol.com.br/poder/2009/01/490044-tarso-elogia-novo-visual-de-dilma-e-diz-que-sempre-achou-ministra-bonita.shtml>, consulta: 26/01/2024.

_____, 05/04/2009a. *Dilma diz não ter a mesma cabeça da época em que era guerrilheira* por Fernanda Odilla. Disponível: <https://m.folha.uol.com.br/poder/2009/04/545690-dilma-diz-nao-ter-a-mesma-cabeca-da-epoca-em-que-era-guerrilheira-veja-a-integra-da-entrevista.shtml>, consulta: 11/11/2023.

_____, 05/04/2009b. *Ex-guerrilheira é elogiada por militares e vista como "cérebro" do grupo.* Disponível: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc0504200907.htm>, consulta: 05/02/2022

_____, 25/04/2009. *Autenticidade de ficha de Dilma não é provada.* Disponível: <https://www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u556855.shtml>, consulta: 28/03/2024.

_____, 05/05/2010. *Orientada por Lula, Dilma troca blusas de babado por terninhos mais sóbrios* por Vivian Whiteman e Valdo Cruz. Disponível: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc0505201013.htm>, consulta: 06/04/2021.

_____, 29/06/2010. *Dilma rechaça ser comparada a "poste"* por Ana Flor. Disponível: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/poder/po2906201009.htm>, consulta: 12/04/2024.

_____, 14/09/2010. *Entenda as denúncias envolvendo Erenice Guerra.* Disponível: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/798556-entenda-as-denuncias-envolvendo-erenice-guerra.shtml>, consulta: 06/04/2021.

_____, 27/12/2011. *Confira os visuais usados pela presidente Dilma Rousseff.* Disponível: <https://fotografia.folha.uol.com.br/galerias/5923-confira-os-visuais-usados-pela-presidente-dilma-rousseff>, consulta: 21/01/2022.

_____, 28/12/2011. *Sem apelar para uniforme, Dilma tem visual consagrado por estilistas* por Vivian Whiteman. Disponível: <https://m.folha.uol.com.br/poder/2011/12/1026987-sem-apelar-para-uniforme-dilma-tem-visual-consagrado-por-estilistas.shtml>, consulta: 29/01/2024.

_____, 03/06/2012. *"Dilma é romântica e gosta de sonbar", revela ex-marido.* Entrevista cedida por Carlos Araújo à Mônica Bergamo. 4min 49". Disponível: <https://www.youtube.com/watch?v=xsXxoB4hTnM>, consulta: 09/04/2024.

_____, 30/05/2015. *Moda reflete ascensão de mulheres a cargos de poder* por Vanessa Friedman. Disponível: <https://m.folha.uol.com.br/mundo/2015/05/1634519-moda-reflete-ascensao-de-mulheres-a-cargos-de-poder.shtml?cmpid=menupe>, consulta: 02/01/2024.

_____, 07/05/2017. *Professor americano atribui boato de 'affair' com Dilma a misoginia*. Disponível: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2017/05/1881814-professor-americano-atribui-boato-de-affair-co-m-dilma-a-misoginia.shtml>, consulta: 23/01/2024.

_____, 12/08/2017. *Dilma lamenta morte de ex-marido, Carlos Araújo: 'Viveu visceralmente'*. Disponível: <https://encurtador.com.br/uLQX4>, consulta: 01/04/2024.

_____, 29/09/2020. *Programa liderado por Michelle Bolsonaro repassa doações a ONGs aliadas de Damares* por Constança Rezende. Disponível: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/09/programa-liderado-por-michelle-bolsonaro-repassa-doacoes-a-ongs-aliadas-de-damares.shtml>, consulta: 17/01/2024.

_____, 12/06/2021. *Ex-braço direito de Dilma Rousseff vira cacique de partido que flerta com bolsonarismo* por Fernanda Canofre. Disponível: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2021/06/ex-braco-direito-de-dilma-rousseff-vira-cacique-de-partido-que-flerta-com-bolsonarismo.shtml>, consulta: 20/05/2022.

_____, 23/09/2021. *De 'Kasi' a 'garota de Kohl', 'Merkiavelli' e 'mamãe', acompanhe a vida de Merkel* por Ana Estela de Sousa Pinto. Disponível: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2021/09/de-kasi-a-garota-de-kohl-merkiavelli-e-mamae-acompanhe-a-vida-de-merkel.shtml>, consulta: 23/01/2024.

FORBES, 17/11/2020. *How Chancellor Angela Merkel Changed Fashion Politics* by Stephan Rabimov. Disponível: <https://www.forbes.com/sites/stephanrabimov/2020/11/17/how-chancellor-angela-merkel-changed-fashion-politics/?sh=2d3f99f345d7>, consulta: 30/01/2024.

G1, 30/10/2007. *Lula rejeita terceiro mandato e defende cinco anos sem reeleição*. Disponível: <https://g1.globo.com/Noticias/Politica/0,,MUL163091-5601,00-LULA+REJEITA+TERCEIRO+MANDATO+E+DEFENDE+CINCO+ANOS+SEM+REELEICAO.html>, consulta: 23/04/2024.

_____, 15/04/2009. *'Todo mundo sabe que quero Dilma como candidata', diz Lula sobre 2010*. Disponível: <https://g1.globo.com/Noticias/Politica/0,,MUL1085749-5601,00-TODO+MUNDO+SABE+QUE+QUERO+DILMA+COMO+CANDIDATA+DIZ+LULA+SOBRE.html>, consulta: 23/04/2024.

_____, 25/04/2009a. *Ministra Dilma faz tratamento contra câncer linfático* por Fernanda Calgaro. Disponível: <https://g1.globo.com/Noticias/Politica/0,,MUL1098215-5601,00-MINISTRA+DILMA+FAZ+TRATAMENTO+CONTRA+CANCER+LINFATICO.html>, consulta: 23/04/2024.

_____, 25/04/2009b. *PT continua a contar com Dilma para 2010, diz presidente do partido*. Disponível: <https://g1.globo.com/Noticias/Politica/0,,MUL1098421-5601,00.html>, consulta: 23/04/2024.

_____, 09/09/2010. *Primeiro neto de Dilma, Gabriel nasce com quase 4 quilos*. Disponível: <https://g1.globo.com/especiais/eleicoes-2010/noticia/2010/09/primeiro-neto-de-dilma-gabriel-nasce-com-quase-4-quilos.html>, consulta: 06/02/2023.

_____, 21/12/2009. *Novo visual de Dilma é moderno, diz José Alencar* por Eduardo Bresciani. Disponível: <https://g1.globo.com/Noticias/Politica/0,,MUL1422584-5601,00-NOVO+VISUAL+DE+DILMA+E+MODERNO+DIZ+JOSE+ALENCAR.html>, consulta: 26/01/2024.

_____, 31/03/2010. *Lula elogia Dilma e comenta 'dureza' da ex-ministra* por Nathalia Passarinho. Disponível: <https://g1.globo.com/Noticias/Politica/0,,MUL1552447-5601,00-LULA+ELOGIA+DILMA+E+COMENTA+DUREZA+DA+EX+MINISTRA.html>, consulta: 31/01/2024.

_____, 14/05/2010. *Dilma Rousseff renova visual com novo corte de cabelo*. Disponível: <https://g1.globo.com/especiais/eleicoes-2010/noticia/2010/05/dilma-rousseff-renova-visual-com-novo-corte-de-cabelo.html>, consulta: 02/01/2024.

_____, 16/12/2010. *Popularidade de Lula bate recorde e chega a 87%, diz Ibope* por Robson Bomfim. Disponível: [318](https://g1.globo.com/politica/noticia/2010/12/popularidade-de-lula-bate-recorde-e-chega-87-diz-ibope.html#:~:text=Levantamento%20anterior.na%20sequ%C3%Aancia%20hist%C3%B3rica%20do%20levantamento, consulta: 18/06/2021.</p></div><div data-bbox=)

_____, 18/06/2012. *Jornais mostram detalhes de tortura sofrida por Dilma em Minas*. Disponível: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2012/06/jornais-mostram-detalhes-de-tortura-sofrida-por-dilma-e-m-minas.html>, consulta: 11/11/2023.

_____, 05/10/2012. *Dilma lamenta ausência de seu Caravaggio preferido em exposição*. Disponível: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2012/10/dilma-lamenta-ausencia-de-quadro-em-exposicao-de-cara-vaggio.html>, consulta: 30/01/2024.

_____, 25/01/2013. *Celso Kamura diz que deixou prefeito Haddad com visual mais 'rebelde'* por Lívia Machado. Disponível:

<https://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2013/01/celso-kamura-diz-que-deixou-prefeito-haddad-com-visual-mais-rebelde.html>, consulta: 26/01/2024

_____, 27/08/2013. *'A ditadura me tirou de Minas Gerais', diz presidente Dilma Rousseff em BH* por Pedro ngelo. Disponível:

<https://g1.globo.com/minas-gerais/noticia/2013/08/ditadura-me-tirou-de-minas-gerais-diz-presidente-dilma-rousseff-em-bh.html>, consulta: 14/02/2024.

_____, 19/10/2014. *Dilma, by Dior* por Gerson Camarotti. Disponível: <https://g1.globo.com/politica/blog/blog-do-camarotti/post/dilma-dior.html>, consulta: 04/02/2023.

_____, 21/10/2020. *É #FAKE foto que mostra Manuela D'Ávila com tatuagens de Che Guevara e Lênin*. Disponível:

<https://g1.globo.com/fato-ou-fake/noticia/2020/10/21/e-fake-foto-que-mostra-manuela-davila-com-tatuagens-de-che-guevara-e-lenin.ghtml>, consulta: 23/01/2024.

_____, 02/02/2017. *Marqueteiro João Santana, mulher e mais 4 são condenados na Lava Jato* por Adriana Justi e Bibiana Dionísio. Disponível:

<https://g1.globo.com/pr/parana/noticia/2017/02/marqueteiro-joao-santana-mulher-e-mais-3-sao-condenados-na-lava-jato.html>, consulta: 18/10/2023.

GAZETA DO POVO, 20/10/2010. *Na reta final, Michael Temer estreia na propaganda de Dilma*. Disponível: <https://www.gazetadopovo.com.br/vida-publica/eleicoes/2010/na-reta-final-michael-temer-estrela-na-propaganda-de-dilma-00tz40s1xr5kzvg87uxlh35fy/>, consulta: 22/04/2024.

_____, 29/12/2010. *Amanhã há de ser outro dia*. Disponível: <https://www.gazetadopovo.com.br/vida-publica/especiais/os-passos-de-dilma/amanha-ha-de-ser-outro-dia-1oxmge327evt5dq7bkld1t1se/>, consulta: 26/04/2024.

GGN, 26/01/2022. *As mentiras da grande mídia contra Erenice Guerra, ex-ministra da Casa Civil* por Cíntia Alves. Disponível:

<https://jornalggm.com.br/politica/as-mentiras-da-grande-midia-contra-erenice-guerra-ex-ministra-da-casa-civil>, consulta: 04/02/2023.

GHZ, 20/04/2010. *No RS, Dilma grava cenas para programa eleitoral*. Disponível: <https://www.gazetadopovo.com.br/vida-publica/no-rs-dilma-grava-cenas-para-programa-eleitoral-1cmogzwtysfkmhyflai2fsy8e/>, consulta: 20/03/2024.

_____, 11/11/2010. *Figuristas, consultores de moda e estilistas dão sugestões para aprimorar o estilo de Dilma Rousseff*. Disponível:

<https://gauchazh.clicrbs.com.br/donna/noticia/2010/11/figuristas-consultores-de-moda-e-estilistas-da-o-sugestoes-para-aprimorar-o-estilo-de-dilma-rousseff-cjpmu09g302devtcn0a188a5a.html>, consulta: 26/04/2021.

_____, 26/11/2010. *Visitas de Dilma Rousseff a São Francisco de Paula mobilizam as mulheres na política*. Disponível:

<https://gauchazh.clicrbs.com.br/pioneiro/politica/noticia/2010/11/visitas-de-dilma-rousseff-a-sao-francisco-de-paula-mobilizam-as-mulheres-na-politica-3122959.html>, consulta: 24/04/2024.

_____, 20/11/2011. *Os tons de Dilma: conheça o guarda-roupa de uma presidente que só usa o que gosta*. Disponível: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/geral/noticia/2012/11/os-tons-de-dilma-conheca-o-guarda-roupa-de-uma-presidente-que-so-usa-o-que-gosta-3957003.html>, consulta: 26/04/2021.

_____, 17/11/2012. *O lado sensível da presidente Dilma Rousseff* por Guilherme Mazui. Disponível: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/geral/noticia/2012/11/o-lado-sensivel-da-presidente-dilma-rousseff-3953768.html>, consulta: 26/06/2023.

_____, 08/12/2012. *Como vivem hoje os “comunistas” da lista do general Sylvio Frota* por Juliano Rodrigues. Disponível:

<https://gauchazh.clicrbs.com.br/geral/noticia/2012/12/como-vivem-hoje-os-comunistas-da-lista-do-general-sylvio-frota-3976137.html>, consulta: 19/04/2024.

_____, 01/06/2013. *Os fichados do Dops: primeiro marido da presidente Dilma participou de sequestro de avião*. Disponível: <https://abrir.link/MeZPd>, consulta: 25/03/2024.

_____, 12/08/2017. *Militante, guerrilheiro e deputado: o legado de Carlos Araújo para a democracia*. Disponível: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/geral/noticia/2017/08/militante-guerrilheiro-e-deputado-o-legado-de-carlos-araujo-para-a-democracia-9868522.html>, consulta: 01/04/2024.

_____, 18/08/2017. *Três meses depois, o que diz o ativista LGBT apontado como affair de Dilma Rousseff* por Léo Gerchmann. Disponível:

<https://gauchazh.clicrbs.com.br/politica/noticia/2017/08/tres-meses-depois-o-que-diz-o-ativista-lgbt-apontado-como-affair-de-dilma-rousseff-9873501.html>, consulta: 23/07/2021.

GLAMURAMA, 20/08/2015. *Quem vence a batalha de estilo entre Angela Merkel e Dilma Rousseff?* Disponível: <https://glamurama.uol.com.br/notas/quem-vence-a-batalha-de-estilo-entre-angela-merkel-e-dilma-rousseff/>, consulta: 27/01/2024.

GOVERNO DO ESTADO DE SP, UNICAMP, 1978. Instituto de Economia. In: *Catálogo dos Cursos de Pós-graduação*, ref. BCCL.p. 274-278.

_____, 1998. Instituto de Economia. In: *Catálogo dos Cursos de Pós-graduação*, ref. 378.155 C28 BCCL. pp. 325-345.

GRUPO TORTURA NUNCA MAIS/RJ, s/d. *Mortes no exílio*. Disponível: <https://www.torturanuncamais-rj.org.br/dossie-mortos-desaparecidos/mortes-no-exilio>, consulta: 01/12/2023.

GRUPO TORTURA NUNCA MAIS/RS, s/d. *Ángelo Pezzuti: Dossiê Mortes no Exílio*. Disponível: <https://www.torturanuncamais-rj.org.br/dossie-mortos-desaparecidos/mortes-no-exilio>, consulta: 15/03/2024.

HISPANOTECA, s/d. *Evolución del tema de Don Juan*. Disponível: <http://www.hispanoteca.eu/Literatura%20ES/Evoluci%C3%B3n%20del%20tema%20de%20Don%20Juan.htm>, consulta: 28/09/2022.

HISTÓRIA DA DITADURA, 04/05/2012. *Contra o arbítrio e a violência: o portal do Presídio Tiradentes*. Disponível:

<https://www.historiadaditadura.com.br/post/contraoarbtrioeaviolenciaoportaldopresidiotiradentes>, consulta: 05/02/2023.

ISTOÉ, 18/06/2010. *Os tempos de Dilma no Sion* por Solange Azevedo. Disponível: https://istoe.com.br/81836_OS+TEMPOS+DE+DILMA+NO+SION/, consulta: 27/07/2023.

_____, 25/06/2010. *A Torre das Donzelas* por Luiza Villaméa e Claudio Dantas Sequeira. Disponível: https://istoe.com.br/83253_A+TORRE+DAS+DONZELAS, consulta: 11/03/2022.

_____, 10/11/2010. *As metamorfoses de uma candidata*. Disponível: <https://istoedinheiro.com.br/as-metamorfoses-de-uma-candidata>, consulta: 02/01/2023.

_____, 23/06/2011. *“Dilma está mais feminina, mas continua em transformação”* por Paula Rocha. Disponível: https://istoe.com.br/143276_DILMA+ESTA+MAIS+FEMININA+MAS+CONTINUA+EM+TRANSFORMACAO+/, consulta: 27/01/2024.

JORNAL OPÇÃO, 13/08/2016. *Gim Argello teria dito que não fará delação premiada e que não foi namorado de Dilma Rousseff* por Euler de França Belém. Disponível: <https://www.jornalopcao.com.br/bastidores/gim-argello-teria-dito-que-nao-fara-delacao-premiada-e-que-nao-foi-namorado-de-dilma-rousseff-72690/>, consulta: 15/06/2023.

JORNAL USP, 19/06/2023. *Retorno à estética dos anos 2000 supervaloriza a magreza*. Disponível: <https://jornal.usp.br/campus-ribeirao-preto/retorno-a-estetica-dos-anos-2000-supervaloriza-a-magreza>, consulta: 11/02/2024.

LE JOURNAL INTERNATIONAL, 03/10/2013. *Karl Lagerfeld criticises Angela Merkel for her dress sense* by Kasia Opydo. Disponível: https://www.lejournalinternational.fr/Karl-Lagerfeld-criticises-Angela-Merkel-for-her-dress-sense_a1199.html, consulta: 24/01/2024.

MARTINS, Alexandre et al. Uma trajetória nos estudos de gênero e trabalho. Entrevista com Helena S. Hirata. *Plural: Revista de Ciências Sociais*, v. 26, n. 1, 2019. pp. 11-32. <https://doi.org/10.11606/issn.2176-8099.pcs.2019.159741>, consulta: 02/06/2023.

MEMORIAL DA DEMOCRACIA, s/d. *1967-1979. Movimento estudantil: O decreto 477 e a UNE na clandestinidade*. Disponível: <https://memorialdademocracia.com.br/card/movimento-estudantil>, consulta: 15/03/2024.

MEMÓRIAS DA DITADURA, s/d. Dilma Rouseff. Disponível: <https://memoriasdaditadura.org.br/biografias-da-resistencia/dilma-rousseff>, consulta: 11/11/2023.

MEMORIAL DA RESISTÊNCIA. *Ângelo Pezzuti da Silva*. Disponível: <https://memorialdaresistencia.org.br/pessoas/angelo-pezzuti-da-silva/>, consulta: 15/03/2024.

MONEY REPORT, 25/02/2022. *O falso namoro de Maria do Rosário e Dilma* por Redação. Disponível: <https://www.moneyreport.com.br/politica/o-falso-namoro-de-maria-do-rosario-e-dilma>, consulta: 23/01/2024.

O GLOBO, 08/07/2009. *Proposta de terceiro mandato para Lula é sepultada na Câmara*. Disponível: <https://oglobo.globo.com/economia/proposta-de-terceiro-mandato-para-lula-sepultada-na-camara-3207389>, consulta: 23/04/2024.

_____, 01/11/2010a. *Afinal, o que pensa Dilma Rouseff?* por José Casado. Disponível: <https://oglobo.globo.com/politica/eleicoes-2010/afinal-que-pensa-dilma-rousseff-4982580>, consulta: 10/11/2023.

_____, 01/11/2010b. *Dilma Rouseff curte nas horas vagas filmes, família e feijão* por Maria Lima. Disponível: <https://oglobo.globo.com/politica/eleicoes-2010/dilma-rousseff-curte-nas-horas-vagas-filmes-familia-feijao-4982581>, consulta: 10/11/2023.

_____, 01/11/2010c. *O legado da Dilma militante* por Chico Otavio. Disponível: <https://oglobo.globo.com/politica/eleicoes-2010/o-legado-da-dilma-militante-4982574>, consulta: 28/03/2024.

_____, 01/11/2010d. *A escola que despertou o espírito de rebeldia de Dilma Rouseff* por Chico Otavio. Disponível: <https://oglobo.globo.com/politica/eleicoes-2010/a-escola-que-despertou-espírito-de-rebeldia-de-dilma-rousseff-4982572>, consulta: 05/10/2023.

_____, 06/11/2010. *'A verdadeira Dilma Rouseff sou eu, a Dilminha é Dilma Vana', diz mãe da presidente eleita*. Disponível: <https://oglobo.globo.com/politica/a-verdadeira-dilma-rousseff-sou-eu-dilminha-dilma-vana-diz-mae-da-presidente-eleita-2929793>, consulta: 10/11/2023.

_____, 19/11/2010. *Documentos da ditadura dizem que Dilma 'assessorou' assaltos a bancos* por Evandro Éboli e Jailton de Carvalho. Disponível: <https://oglobo.globo.com/politica/documentos-da-ditadura-dizem-que-dilma-assessorou-assaltos-bancos-2922841>, consulta: 28/03/2024.

_____, 01/01/2011a. *Dilma acerta na escolha da cor da roupa, mas peca ao usar vestido e casaco na posse*. Disponível: <https://oglobo.globo.com/politica/dilma-acerta-na-escolha-da-cor-da-roupa-mas-peca-ao-usar-vestido-casaco-na-posse-2844173>, consulta: 02/06/2023.

_____, 01/01/2011b. *Beleza da vice-primeira-dama rouba a cena na posse da Dilma*. Disponível: <https://oglobo.globo.com/politica/beleza-da-vice-primeira-dama-rouba-cena-na-posse-da-dilma-2844111>

_____, 22/09/2011. *Consultoras de moda analisam estilo das roupas de Dilma usadas em Nova York na Assembleia Geral da ONU* por Flávio Freire e Adriana Mendes. Disponível: <https://oglobo.globo.com/politica/consultoras-de-moda-analisam-estilo-das-roupas-de-dilma-usadas-em-nova-york-na-assembleia-geral-da-onu-2695338>, consulta: 26/01/2024.

_____, 18/03/2013. *Comissão da Verdade: ex-marido de Dilma denuncia 'núcleo de tortura na Fiesp'* por Flávio Ilha. Disponível: <https://oglobo.globo.com/politica/comissao-da-verdade-ex-marido-de-dilma-denuncia-nucleo-de-tortura-na-fiesp-7872438>, consulta: 02/06/2023.

_____, 29/08/2021. *As coxas de Lula* por Merval Pereira. Disponível: <https://blogs.oglobo.globo.com/merval-pereira/post/coxas-de-lula.html>, consulta: 02/06/2023.

_____, 07/09/2022. *Bolsonaro puxa coro de 'imbrochável' e pede comparação entre Michelle e Janja* por Fernanda Trisotto. Disponível: <https://oglobo.globo.com/politica/eleicoes-2022/noticia/2022/09/bolsonaro-pede-comparacao-entre-michelle-e-janja-e-puxa-coro-de-imbrotavel.ghtml>, consulta: 04/12/2020.

_____, 02/01/2023. *Ministérios de Lula em 2003, 2007 e 2023; compare os gabinetes dos três governos do petista*. Disponível: <https://oglobo.globo.com/politica/noticia/2023/01/ministerios-de-lula-em-2003-2007-e-2023-compare-os-gabinetes-dos-tres-governos-do-petista.ghtml>, consulta: 24/04/2024.

O TEMPO, 12/01/2009. *Dilma versão 2009: mais jovem e menos séria*. Disponível: <https://www.otempo.com.br/politica/dilma-versao-2009-mais-jovem-e-menos-seria-1.248766>, consulta: 23/01/2024.

_____, 17/01/2009. *Dilma Rousseff versão 2010: Ministra fez plástica no rosto, tirou os óculos e mudou o corte de cabelo*. Disponível: <https://www.otempo.com.br/brasil/dilma-rousseff-versao-2010-1.244035>, consulta: 23/01/2024.

_____, 06/05/2017. *Alvo de boato, historiador americano nega namoro com Dilma* por Redação. Disponível: <https://www.otempo.com.br/politica/alvo-de-boato-historiador-americano-nega-namoro-com-dilma-1.1470220>, consulta: 29/07/2021.

OLIVEIRA, Eleonora Menicucci de, 16/05/2018. *Entrevista sobre militância, resistência e repressão durante a Ditadura Civil-Militar*. Memorial da Resistência de São Paulo, entrevista concedida a Luiza Giandalia e Julia Gumieri.

PB AGORA, 30/09/2010. *Mulher se diz ex-amante de Dilma e cobra pensão* por Redação. Disponível: <https://www.pbagora.com.br/noticia/politica/mulher-se-diz-ex-amante-de-dilma-e-cobra-pensao>, consulta: 23/01/2024.

PESQUISA DATAFOLHA realizada entre os dias 24-5/02/2010 e divulgada 28/02/2010.

_____. Realizada entre os dias 25-6/03/2010 e divulgada 27/03/2010.

PESQUISA IBOPE/CNI realizada entre os dias 6-10/03/2002 e divulgada 17/03/2010.

PESQUISA SENSUS/CNT realizada entre os dias 25-9/01/2010 e divulgada 01/02/2010.

PESQUISA VOX POPULI/BAND realizada entre os dias 30-1/03/2010 e divulgada 03/04/2010.

_____. Realizada entre os dias 14-7/01/2010 e divulgada 29/01/2010.

PIAUI, 05/05/2017. *"OUVIU A BOA NOTÍCIA? EU E DILMA VAMOS NOS CASAR!"* por Flora Thomson-DeVeaux. Disponível: <https://piaui.folha.uol.com.br/ouviu-a-boa-noticia-eu-e-dilma-vamos-nos-casar/>, consulta: 23/01/2024.

PROCESSO: 1056557-38.2022.4.01.3400; Classe: Procedimento Comum Cível (7); Polo Ativo: DILMA VANA ROUSSEFF. *Poder Judiciário, Seção Judiciária do Distrito Federal, 14ª Vara Federal Cível da SJDF, Brasília - 04/02/2023. 21 f.* Disponível: <https://static.poder360.com.br/2023/02/decisa-dilma-anistia-tjsp.pdf>, consulta: 05/08/2023.

PROJETO BRASIL NUNCA MAIS (BNM), s/d. *Dilma Vana Rousseff*. Disponível: https://bnmdigital.mpf.mp.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=BIB_01&pesq=Dilma+Vana+Rousseff, consulta: 15/03/2024.

PSDB, 06/05/2016. *“Dilma sai do cargo com fama de prepotente e despreparada. As brasileiras não mereciam isso”, diz Terezinha Nunes*. Disponível: <https://www.psdb.org.br/acompanhe/dilma-sai-do-cargo-com-fama-de-prepotente-e-despreparada-as-brasileiras-nao-mereciam-isso-diz-terezinha-nunes>, consulta: 26/03/2022.

PT, 19/02/2010. *Resoluções e documentos produzidos e compilados durante o IV Congresso Nacional do PT*, realizado entre 18 e 20 de fevereiro de 2010, em Brasília - DF. Local do evento: Centro de Convenções Ulysses Guimarães. Brasília/DF. Disponível: <https://siac.fpabramo.org.br/searchAcervo/44>, consulta: 18/04/2024.

R7, 29/12/2012. *Fernando Haddad corta o cabelo com cabeleireiro famoso antes do dia da posse*. Disponível: <https://noticias.r7.com/sao-paulo/fernando-haddad-corta-o-cabelo-com-cabeleireiro-famoso-antes-do-dia-da-posse-29122012?PageSpeed=noscript>, consulta: 26/01/2024.

_____, 05/10/2016. *Embaixadora do programa Criança Feliz, Marcela Temer ganha os holofotes em 1º discurso no Planalto*. Disponível: <https://noticias.r7.com/brasil/fotos/embaixadora-do-programa-crianca-feliz-marcela-temer-ganha-os-holofotes-em-1-discurso-no-planalto-05102016#/foto/6>, consulta: 07/03/2021.

_____, 05/11/2016. *Embaixadora do programa Criança Feliz, Marcela Temer ganha os holofotes em 1º discurso no Planalto*. Disponível: <https://noticias.r7.com/brasil/fotos/embaixadora-do-programa-crianca-feliz-marcela-temer-ganha-os-holofotes-em-1-discurso-no-planalto-05102016#/foto/6>, consulta: 04/12/2020

_____, 13/12/2017. *Veja fotos das fichas de Dilma e Pimentel na ditadura militar: As imagens estão no relatório da Comissão da Verdade em MG por Daniel Camargos*. Disponível: <https://noticias.r7.com/minas-gerais/veja-fotos-das-fichas-de-dilma-e-pimentel-na-ditadura-militar-13122017>, consulta: 11/11/2023.

RIO GRANDE DO SUL, 1997. *Lei nº 11.042, de 18 de novembro de 1997*. Reconhece a responsabilidade do estado do Rio Grande do Sul por danos físicos e psicológicos causados a pessoas detidas por motivos políticos e estabelece normas para que sejam indenizadas. Porto Alegre, RS: Governo do estado, 1997. Disponível: <http://leisestaduais.com.br/rs/leiordinaria-n-11042-1997-rio-grande-do-sul-reconhece-a-responsabilidade-do-estado-do-riogrande-do-sul-por-danos-fisicos-e-psicologicos-causados-a-pessoas-detidas-por-motivos-politicos-e-estabelece-normas-para-que-sejam-indenizadas>, consulta: 19/06/2021.

_____, 2014. *Catálogo Resistência em arquivo: memórias e histórias da ditadura no Brasil*. Nôva Marques Brando... [et al.] (Coord.) - Porto Alegre: CORAG/ Fundo Comissão Especial de Indenização/ APERS, 2014. 614f. ISBN: 978-85-64859-02-9. Disponível: <https://drive.google.com/file/d/1VI8o45zm9zFdQXzrDkBu9ux7RhLmTYT/view>, consulta: 02/03/2023.

RF1, 04/12/2010. *Laura Chinchilla a RFI: Nicaragua promove un 'ecocidio'*. Disponível: <https://www.rfi.fr/es/americas/20101204-laura-chinchilla-rfi-nicaragua-promueve-un-ecocidio>, consulta: 30/01/2024.

ROLLING STONE, 19/05/2010. *Dilma, por Celso Kamura: Menos “bruta”, “gorda” e “arrogante”, Dilma Rousseff ganha novo visual pelas mãos do hair stylist* por Rodrigo Barros. Disponível: <https://rollingstone.uol.com.br/noticia/dilma-por-celso-kamura/>, consulta: 27/01/2024.

SENADO FEDERAL, 03/04/2018. *Lei nº 13.643 de 03/04/2018. Publicação Original* [Diário Oficial da União de 04/04/2018] (p. 1, col. 2). Disponível: <https://legis.senado.leg.br/norma/26520843/publicacao/26520984>, consulta: 08/12/2023.

SUDOESTE HOJE, 11/10/2010. *Boatos sobre lesbianismo (sic) determinam tom agressivo de Dilma no debate da Band* por Davi Ferraz. Disponível: <https://www.sudoestehoje.com.br/novoportal/2010/10/11/boatos-sobre-lesbianismo-determinam-tom-agressivo-de-dilma-no-debate-da-band/>, consulta: 07/03/2021.

TERRA, 01/01/2011. *Estilista: Dilma deveria ter ousado na roupa, ela pode*. Disponível: https://www.terra.com.br/noticias/brasil/politica/estilista-dilma-deveria-ter-ousado-na-roupa-ela-pode,d897730cbda310VgnCLD200000bbcc0aRCRD.html?utm_source=clipboard, consulta: 29/01/2024

_____, 04/01/2011. *Após expectativa, Dilma acerta no look de cerimônia da posse* por Fernanda Frozza. Disponível:

<https://www.terra.com.br/vida-e-estilo/autocuidado/moda/apos-expectativa-dilma-acerta-no-look-de-cerimonia-da-posse,b44e4ae7bae27310VgnCLD100000bbcc0aRCRD.html>, consulta: 29/01/2023.

_____, 24/08/2021. *Perna malhada do ex-presidente Lula faz sucesso na web; confira* por Caroline Ferreira. Disponível:

https://www.terra.com.br/diversao/gente/perna-malhada-do-ex-presidente-lula-faz-sucesso-na-web-confira,423e25077b617c9a95dd25a315ce222aq2qx1xws.html?utm_source=clipboard, consulta: 02/06/2023.

_____, 02/08/2022. *Manuela D'Ávila denuncia ameaça de estupro à filha e morte da mãe*. Disponível: https://www.terra.com.br/nos/manuela-davila-denuncia-ameaca-de-estupro-a-filha-e-morte-da-mae,3adb3d499723f8c44cd7864f4dc9e97850vw8vp4.html?utm_source=clipboard, consulta: 23/01/2024.

THE GUARDIAN, 24/09/2021. *'Someone who knows who she is': the staunch, subtle style of Angela Merkel* by Kate Connolly. Disponível:

<https://www.theguardian.com/fashion/2021/sep/24/someone-who-knows-who-she-is-the-staunch-subtle-style-of-angela-merkel>, consulta: 24/01/2024.

THE WALL STREET JOURNAL, 31/05/2012. *The Adviser Behind Angela Merkel's Blazer* by Renuka Rayasam. Disponível: <https://www.wsj.com/articles/SB10001424052702303448404577412090096632910>, consulta: 24/01/2024.

TPM, 01/04/2014. *Senhoras guerrilheiras* por Nina Lemos. Disponível: <https://revistatpm.uol.com.br/tpm/senhoras-guerrilheiras>, consulta: 03/04/2024.

TSE, 29/11/2020. *Margarida Salomão (PT) é eleita para a Prefeitura de Juiz de Fora (MG)*. Disponível: <https://www.tse.jus.br/comunicacao/noticias/2020/Novembro/margarida-salomao-pt-e-eleita-para-a-prefeitura-de-juiz-de-fora-mg>, consulta: 26/01/2024.

_____, 30/10/2022. *Lula é eleito novamente presidente da República do Brasil*. Disponível: <https://www.tse.jus.br/comunicacao/noticias/2022/Outubro/lula-e-eleito-novamente-presidente-da-republica-do-brasil>, consulta: 06/12/2022.

_____, 31/10/2023. *TSE declara inelegíveis Bolsonaro e Braga Netto por abuso de poder no Bicentário da Independência*. Disponível:

<https://www.tse.jus.br/comunicacao/noticias/2023/Outubro/tse-declara-inelegiveis-bolsonaro-e-braga-netto-por-abuso-de-poder-no-bicentenario-da-independencia>, consulta: 22/01/2024.

UFRGS, 1974. *Currículo do curso de Ciências Econômicas*. pp.1-5. Disponibilizado pelo Setor Acadêmico da Faculdade de Ciências Econômicas - FCE/UFRGS.

UOL, 12/07/2012. *Candidata petista em Juiz de Fora (MG) muda visual para ficar parecida com Dilma* por Ricardo Miranda. Disponível:

<https://www.uol.com.br/eleicoes/2012/noticias/2012/07/12/candidata-petista-de-juiz-de-fora-mg-muda-visual-para-ficar-parecida-com-dilma.htm?cmpid=>, consulta: 26/01/2024.

_____, 20/10/2012. *Lula ironiza rivais e diz que "é de poste em poste que o Brasil vai ficar iluminado"*. Disponível: <https://www.uol.com.br/eleicoes/2012/noticias/2012/10/20/e-de-poste-em-poste-que-o-brasil-vai-ficar-iluminado-diz-lula.htm?cmpid=copiaecola>, consulta: 12/04/2024.

_____, 31/03/2014. *Como era a Dilma que lutou durante a ditadura? Companheiros da época respondem* por Rayder Bragon. Disponível:

<https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2014/03/31/como-era-a-dilma-que-lutou-durante-a-ditadura-companheiros-da-epoca-respondem.htm?cmpid=copiaecola>, consulta: 02/08/2022.

_____, 23/04/2019. *Montagem falsifica imagem e coloca fuzil ao lado da ex-presidente Dilma* Disponível: <https://noticias.uol.com.br/confere/ultimas-noticias/2019/04/23/montagem-falsifica-imagem-e-coloca-fuzil-ao-lado-da-ex-presidente-dilma.htm?cmpid=>, consulta: 28/03/2024.

_____, 09/11/2019. *Após sair da prisão, Lula diz que tem 30 anos de energia e 20 anos de tesão.* por Ana Carla Bermúdez. Disponível: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2019/11/09/apos-sair-da-prisao-lula-diz-que-tem-30-anos-de-energia-e-20-anos-de-tesao.htm>, consulta: 02/06/2023.

_____, 26/06/2021. *'Pensei que fosse lésbica', diz seguidora para Manuela d'Ávila, que rebate.* Disponível: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2021/06/26/pensei-que-fose-lesbica-diz-seguidora-para-manuela-davila-que-rebate.htm>, consulta: 23/01/2024.

_____, 16/05/2022. *Janja e Michelle: parem de tratar primeira-dama como candidata a miss* por Nina Lemos. Disponível: <https://www.uol.com.br/universa/colunas/nina-lemos/2022/05/16/janja-e-michelle-parem-de-tratar-primeira-dama-como-candidata-a-miss.htm>, consulta: 01/02/2024.

VALOR ECONÔMICO, 16/12/2010, Política, p. A8. *Pimentel deve reafirmar prioridade ao mercado interno* por Paulo de Tarso Lyra. Disponível: https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/463430/complemento_1.htm?sequence=2, consulta: 07/02/2024.

VEJA, 16/01/2009. *De visual novo, Dilma mergulha na campanha.* Disponível: <https://veja.abril.com.br/brasil/de-visual-novo-dilma-mergulha-na-campanha>, consulta: 23/01/2024.

_____, 19/05/2010. *Cabeleireiro milagreiro* por Augusto Nunes. Disponível: <https://veja.abril.com.br/coluna/augusto-nunes/cabeleireiro-milagreiro>, consulta: 27/01/2024.

_____, 18/06/2012. *Relato inédito mostra horror sofrido por Dilma durante ditadura* por Pedro Ladeira. Disponível: <https://veja.abril.com.br/mundo/relato-inedito-mostra-horror-sofrido-por-dilma-durante-ditadura>, consulta: 07/08/2022.

_____, 12/05/2017. *'Dilma é só uma boa amiga', diz americano apontado como namorado* por Eduardo F. Filho. Disponível: <https://veja.abril.com.br/coluna/veja-gente/dilma-e-so-uma-boa-amiga-diz-americano-apontado-como-namorado>, consulta: 23/01/2024.

_____, 09/10/2018. *TSE manda Facebook derrubar 33 fake news sobre Manuela D'Ávila* por Redação. Disponível: <https://veja.abril.com.br/politica/tse-manda-facebook-derrubar-33-fake-news-sobre-manuela-davila>, consulta: 23/01/2024.

_____, 27/10/2018. *Torturada, conheci a besta humana.* Disponível: <https://complemento.veja.abril.com.br/primeira-pessoa/ignez-maria.html>, consulta: 18/03/2024

_____, 31/07/2020a. *O assalto que Dilma ajudou a planejar* por Augusto Nunes. Disponível: <https://veja.abril.com.br/coluna/augusto-nunes/o-assalto-que-dilma-ajudou-a-planejar>, consulta: 07/08/2022.

_____, 31/07/2020b. *A "Tupamara" de Dilma e o sumiço de R\$ 5 milhões* por Reinaldo Azevedo. Disponível: <https://veja.abril.com.br/coluna/reinaldo/a-tupamara-de-dilma-e-o-sumico-de-r-5-milhoes>, consulta: 07/08/2022.

_____, 26/08/2021. *O recado escondido na foto de Lula que bombou nas redes: Imagem não foi publicada por acaso e mostra força física do petista para a política* por Matheus Leitão. Disponível: https://veja.abril.com.br/coluna/matheus-leitao/o-recado-escondido-na-foto-de-lula-que-bombou-nas-redes#google_vignette, consulta: 02/06/2023.

_____, 12/10/2022. *A polêmica sexual que envolve o expoente bolsonarista Nikolas Ferreira*, por Valmir Moratelli. Disponível: <https://veja.abril.com.br/coluna/veja-gente/a-polemica-sexual-que-envolve-o-expoente-bolsonarista-nikolas-ferreira>, consulta: 27/02/2023.

VOGUE, 01/08/2020. *O futuro do mercado de beleza: novos hábitos trazidos pela pandemia devem continuar em alta mesmo depois da crise* por Olga Penteadó. Disponível: <https://voguelglobo.com/beleza/noticia/2020/08/o-futuro-do-mercado-de-beleza-novos-habitos-trazidos-pela-pandemia-devem-continuar-em-alta-mesmo-depois-da-crise.html>, consulta: 15/10/2023.

Livros, artigos e dissertações

AB'SÁBER, Tales. *Dilma Rousseff e o ódio político*. São Paulo: Hedra, 2015.

ABDALA, Paulo Ricardo Z. *Vaidade e Consumo: Como a vaidade física influencia o comportamento do consumidor*. Mestrado em Administração – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008. 139f. Disponível: <http://hdl.handle.net/10183/14147>, consulta: 11/01/2024.

ABRITTA, Tatiana Scali. *Dilma Rousseff, a trajetória de uma mulher política: a primeira presidenta nas capas de O Globo (2011-2016)*. Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Instituto de Artes e Design. Programa de Pós-Graduação em Artes, Cultura e Linguagens, 2021. 412f. Disponível: <https://repositorio.ufjf.br/jspui/handle/ufjf/13091>, consulta: 11/01/2024.

ABUBAKAR, A. Mohammed; ANASORI, Elham; LASISI, Temitope Taiwo. Physical attractiveness and managerial favoritism in the hotel industry: The light and dark side of erotic capital. *Journal of Hospitality and Tourism Management*, v. 38, 2019. pp. 16-26. Disponível: <https://doi.org/10.1016/j.jhtm.2018.11.005>, consulta: 11/01/2024.

ADAY, Sean; DEVITT, James. *Style Over Substance. Newspaper Coverage of Female Candidates: Spotlight on Elizabeth Dole*. Washington DC: The Women's Leadership Fund, 2001.

ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. *Dialética do Esclarecimento*, 1 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

ALVES, José Eustáquio Diniz. Diferenças sociais e de gênero nas intenções de voto para presidentes em 2010. In: ALVES, José Eustáquio Diniz Alves; PINTO, Céli Regina Jordão; JORDÃO, Fátima (Orgs.). *Mulheres nas Eleições 2010*. São Paulo: ABCP/Secretaria de Políticas para as Mulheres, 2012. pp. 21-46.

ALVES, José Eustáquio Diniz; PINTO, Céli Regina Jordão; JORDÃO, Fátima (Orgs.). *Mulheres nas Eleições 2010*. São Paulo: ABCP/Secretaria de Políticas para as Mulheres, 2012.

AMARAL, Ricardo Batista. *A vida quer é coragem: A trajetória de Dilma Rousseff, a primeira presidenta do Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Sextante, 2011.

AMARAL, Muriel Emídio Pessoa; NETO, José Miguel Arias. Impeachment, perversão e misoginia. *Domínios da Imagem*, v. 11, n. 20, 2017. pp. 11-38. Disponível: <https://doi.org/10.5433/2237-9126.2017v11n20p11>, consulta: 30/04/2023.

ANDERSON, Tammy L. et. al. Aesthetic capital: A research review on beauty perks and penalties. *Sociology Compass*, v. 4, n. 8, 2010. pp. 564-575. Disponível: <https://doi.org/10.1111/j.1751-9020.2010.00312.x>, consulta: 11/01/2024.

ANGELI, Douglas Souza. Luzes e sombras: a fase inicial da trajetória política de Ivete Vargas (1940-1950). *Antíteses*, [S. l.], v. 12, n. 24, 2019. pp. 573-601. Disponível: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/antiteses/article/view/34568>, consulta: 10/11/2023.

ANTUNES, Ricardo; RIDENTI, Marcelo. 1968 no Brasil. In: *Blog Boitempo*, 24/05/2018. Disponível: <https://blogdaboitempo.com.br/2018/05/24/1968-no-brasil/>, consulta: 26/03/2024.

ANZALDÚA, Gloria. La Prieta. In: MORAGA, Cherríe; CASTILLO, Ana (Orgs.). *Esta Puente, Mi Espalda*. San Francisco: Ism Press, 1988. pp. 156-168.

ARAÚJO, Clara. Partidos políticos e gênero: mediações nas rotas de ingresso das mulheres na representação política. *Revista de Sociologia e Política*, [S. l.], 2005. pp. 193-215. Disponível: <https://www.scielo.br/j/rsocp/a/tGtdSWCqjLRJX4cSsLDHfdB/abstract/?lang=pt>, consulta: 15/07/2022.

ARAÚJO, Clara. Incongruências e dubiedades, deslegitimação e legitimação: o golpe contra Dilma Rousseff. In RUBIM, Linda, ARGOLO, Fernanda (Org.). *O Golpe na perspectiva de Gênero*. Salvador: Edufba, 2018.

ARRUZZA, Cinzia; BHATTACHARYA, Tithi; FRASER, Nancy. *Feminismo para os 99%: um manifesto*. Tradução: Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo Editorial, 2019.

ARQUER, Monize. O voto em Dilma Rousseff nas eleições presidenciais de 2010. *Paraná Eleitoral: Revista Brasileira de Direito Eleitoral e Ciência Política*, v. 2, n. 3, 2013. pp. 415-440. Disponível: https://www.cesop.unicamp.br/vw/1IMH3Ta8wNQ_MDA_70ad4_/1E.pdf, consulta: 15/02/2024.

AVELAR, Lúcia. *Mulheres na elite política brasileira*. São Paulo: UNESP, 2001.

AVELAR, Lúcia, RANGEL, Patrícia D. Poder e Política - As Presidentas de Argentina, Brasil e Chile. In: BLAY, Eva Alterman, AVELAR, Lúcia, RANGEL, Patrícia (Coord.). *Gênero e Feminismos: Argentina, Brasil e Chile em transformação*. São Paulo: EDUSP, FAPESP, 2019. p. 429-482.

BACAL, Maria Elisa Almeida; MAGALHÃES, Andrea Seixas; FÉRES-CARNEIRO, Terezinha. Transmissão Geracional da Profissão na Família: *Repetição e Diferenciação*. *Psico*, [S. l.], v. 45, n. 4, 2014. pp. 454-462. Disponível: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/revistapsico/article/view/1534>, consulta: 07/01/2021.

BALOGUN, Oluwakemi M. *Beauty diplomacy: Embodying an emerging nation*. Stanford University Press, 2020.

BANDEIRA, Luis Alberto Moniz. Notas sobre a POLOP e Eric Sachs. *Revista Espaço Acadêmico*, v. 16, n. 188, ano XVI, pp. 1-37, jan. 2017. Disponível: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/34505>, consulta: 25/07/2022.

BARDELIN, César E. A. *Os efeitos do Racionamento de Energia Elétrica ocorrido no Brasil em 2001 e 2002 com ênfase no Consumo de energia elétrica*. 2004. Dissertação (Mestrado) - Escola Politécnica, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004. 113f.

BARREIRA, Irllys Alencar Firmo. *Chuva de papéis: ritos e símbolos de campanhas eleitorais no Brasil*. São Paulo: Relume-Dumara, 1998.

BARREIRA, Irllys Alencar Firmo. *Imagens Ritualizadas: Apresentação de Mulheres em Cenários Eleitorais*. Campinas: Ed. Pontes, 2008.

BARREIRA, Irllys; GONÇALVES, Danyelle Nilin. “Presença” e “ausência” de candidatas: mapeando representações de dirigentes partidários. In: ALVES, José Eustáquio Diniz Alves; PINTO, Céli Regina Jordão; JORDÃO, Fátima (Orgs.). *Mulheres nas Eleições 2010*. São Paulo: ABCP/Secretaria de Políticas para as Mulheres, 2012. pp. 315-336.

BARROS, Antonio Teixeira de; BUSANELLO, Elisabete. Machismo discursivo: modos de interdição da voz das mulheres no parlamento brasileiro. *Revista Estudos Feministas*, v. 27, e53771, 2019. pp. 1-15. Disponível: <https://doi.org/10.1590/1806-9584-2019v27n253771>, consulta: 11/01/2024.

- BARROS, Antonio Teixeira De; NASCIMENTO, Willber da Silva. Mulheres partidárias: atuação militante e participação nas atividades dos partidos. *Agenda Política*, [S. l.], v. 9, n. 1, 2021. pp. 186-225. Disponível: <https://www.agendapolitica.ufscar.br/index.php/agendapolitica/article/view/590>, consulta: 15/11/2023.
- BASTOS, Carlos P. M.; D'AVILA, Julia. O Debate do Desenvolvimento na Tradição Heterodoxa Brasileira: da Cepal à Escola da Unicamp. In: *Congresso Brasileiro de Historia Econômica*. 2007. pp. 1-20.
- BEARD, Mary. *Women & Power: A manifesto*. London: Profile Books, London Review of Books, 2018.
- BEAUVOIR, Simone. *El Segundo Sexo*, volumen I y II. Traducción: Alicia Martorell, 6 ed. Madrid: Ediciones Cátedra, 2015.
- BEAUVOIR, Simone. *O Segundo Sexo: A experiência vivida*. Tradução: Sérgio Millet. 3 ed. Rio de Janeiro: Editora Fronteira Nova, 2016.
- BELL, John D. *The Bulgarian Communist Party from Blagoev to Zhivkov: Histories of Ruling Communist Parties*. California: Hoover Press, 2020.
- BELLINI, Ligia. *A Coisa Obscura: Mulher, Sodomia e Inquisição no Brasil colonial*. Salvador: SciELO-EDUFBA, 2014.
- BEOZZO, José Oscar: A Mater et Magistra deu vigoroso impulso à linha do compromisso social. *Revista do Instituto Humanitas (IHU-Online) - Unisinos*. 360, ano X. São Leopoldo, 09/05/2011. pp. 5-12.
- BERTOLINO, Farley da Conceição. O golpe civil militar e a Universidade de Minas Gerais: repressão e resistência estudantil. *Temporalidades*, v. 5, n. 3, 2013. pp. 56-80. Disponível: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/temporalidades/article/view/5528>, consulta: 04/06/2022.
- BIROLI, Flávia, VAGGIONE, Juan Marco; MACHADO, Maria das Dores Campos. *Gênero, neoconservadorismo e democracia: disputas e retrocessos na América Latina*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2020.
- BLAZQUEZ, Gustavo. Hacer belleza: género, raza y clase en la noche de la ciudad de Córdoba. *Astrolabio*, n. 6, 2011. pp. 127-157. Disponível: <https://ri.conicet.gov.ar/handle/11336/14854>, consulta: 05/12/2023.
- BOITEMPO, 22/03/2018. *Theotônio dos Santos (1936-2018)*. Disponível: <https://blogdaboitempo.com.br/2018/03/22/theotonio-dos-santos-1936-2018/>, consulta: 26/04/2024.
- BORGES, Márcio. *Os sonhos não envelhecem: histórias do Clube da Esquina*. São Paulo: Geração Editorial, 1996.
- BOURDIEU, Pierre. Les trois états du capital culturel. *Actes de la recherche en sciences sociales*, Paris, n. 30, novembro de 1979, pp. 3-6. Disponível: https://www.persee.fr/doc/arss_0335-5322_1979_num_30_1_2654, consulta: 09/03/2021.
- BOURDIEU, Pierre. Le capital social. *Actes de la recherche en sciences sociales*, Lyon, v. 31, n. 1, 1980. pp. 2-3. Disponível: https://www.persee.fr/doc/arss_0335-5322_1980_num_31_1_2069, consulta: 28/05/2020.
- BOURDIEU, Pierre. La représentation politique. *Actes de la recherche en sciences sociales*, v. 36, n. 1, 1981. pp. 3-24. Disponível: <https://doi.org/10.3406/arss.1981.2105>, consulta: 11/01/2024.
- BOURDIEU, Pierre. *Razões práticas*. Sobre a teoria da ação. Campinas: Papyrus, 1997.
- BOURDIEU, Pierre. *Sobre a Televisão. Seguido de: A influência do jornalismo e Os Jogos Olímpicos*. Tradução: Maria Lúcia Machado. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

BOURDIEU, Pierre. Os três estados do capital cultural. Tradução: Magali de Castro, Revisão Técnica: Maria Alice Nogueira. In: BOURDIEU, Pierre. *Escritos de Educação*. Maria Alice e Afrânio Catani (Orgs.). 2 ed. Editora Vozes: Petrópolis, 1999. pp. 71-79.

BOURDIEU, Pierre. *Meditações Pascalianas*. Tradução: Sergio Miceli. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. 2 ed. Tradução: Maria Helena Kuhner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014.

BOURDIEU, Pierre. Esboço de uma Teoria da Prática. In: ORTIZ, Renato (Org.). *A Sociologia de Pierre Bourdieu*. Tradução: Paula Montero. São Paulo: Olho d'Água, 2003. pp. 39-72.

BOURDIEU, Pierre. *Coisas ditas*. São Paulo: Brasiliense, 2004.

BOURDIEU, Pierre. O camponês e seu corpo. *Revista Sociologia Política*. Tradução: Luciano Codato. n. 26, pp. 83-92, jun. 2006. Disponível: <http://www.scielo.br/pdf/rsocp/n26/a07n26.pdf>, consulta: 09/03/2021.

BOURDIEU, Pierre. *Escritos de Educação*. Editora Vozes: Petrópolis, 2012a.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. 16 ed. Rio de Janeiro: Bertrand, 2012b.

BOURDIEU, Pierre. *A distinção: crítica social do julgamento*. 2 ed. Tradução: Daniela Kern. Porto Alegre: Editora Zouk, 2017.

BOURDIEU, Pierre. *Sociologia Geral, vol. 1: Lutas de Classificação - Cursos no Collège de France (1981-1982)*. Tradução: Fábio Ribeiro. Petrópolis: Editora Vozes, 2020.

BOURDIEU, Pierre; BOLTANSKI, Luc. *A produção da ideologia dominante*. Tradução: Heber Cardoso. Buenos Aires: Nueva Visión, 2009.

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. *A reprodução. Elementos para uma teoria do sistema de ensino*. 7 ed. Tradução: Reynaldo Bairão. Editora Vozes: Petrópolis, 2012.

BOURDIEU, Pierre; SAINT MARTIN, Monique de. Anatomie du goût. *Actes de la recherche en sciences sociales*, v. 2, n. 5, 1976, pp. 2-81. Disponível: https://www.persee.fr/doc/arss_0335-5322_1976_num_2_5_3471, consulta: 11/01/2024.

BRADEN, Maria. *Women Politicians and the Media*. Lexington: University Press of Kentucky, 1996.

BRAH, Avtar; PHOENIX, Ann. Ain't I A woman? Revisiting intersectionality. *Journal of international women's studies*, v. 5, n. 3, 2004. pp. 75-86. Disponível: <https://vc.bridgew.edu/jiws/vol5/iss3/8>, consulta: 08/08/2022.

BRIDGES, Tristan S. Gender capital and male bodybuilders. *Body & Society*, v. 15, n. 1, 2009. pp. 83-107. Disponível: <https://doi.org/10.1177/1357034X0810014>, consulta: 11/01/2024.

BRITO, Ângela Xavier de. Um saldo positivo: as elites femininas brasileiras e o modelo de cultura escolar católica de tradição francesa. *Revista Eletrônica de Educação*, São Carlos, v. 3, n. 1, mai. 2009. pp. 39-57. Disponível: <https://doi.org/10.14244/1982719929>, consulta: 29/01/2023.

BRITO, Ângela Xavier de. Exame de consciência, sentimento de culpa e formação de um habitus feminino. *REVER: Revista de Estudos da Religião*, v. 11, n. 1, 2011. pp. 13-33. Disponível: <https://revistas.pucsp.br/index.php/rever/article/view/6028>, consulta: 09/03/2021.

BRITO, Ângela Xavier de. Congregações de Notre-Dame de Sion: superioridade masculina e subordinação feminina na Igreja católica. *Pro-Posições*, v. 25, 2014. pp. 75-98. Disponível: <https://www.scielo.br/j/pp/a/FdQzrR75f5PXt65YNzfjFpFx/?format=pdf&lang=pt>, consulta: 09/03/2021.

BRITO BEZERRA, Fernanda Cristina Neves. *#Instafit: Análise do culto à boa forma na modernidade e o fenômeno fitness no Instagram*. Monografia em Ciências Sociais — Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019. 85f. Disponível: <http://repositorio.ufc.br/handle/riufc/32182>, consulta: 31/07/2023.

BRITTAN, Arthur. *Masculinity and Power*. New York: Basil Blackwell, 1989.

CAMPOS, Jéssica; SOUZA, Luciana. O vermelho na construção da imagem de Dilma Rousseff. *Revista de Estudos Universitários – REU*, [S. l.], v. 46, n. 1, 2020. pp. 127–142. DOI: 10.22484/2177-5788.2020v46n1p127-142, consulta: 10/11/2023.

CANÊDO, Letícia Bicalho. Rites, symboles et allégories dans l'exercice professionnel de la politique. *Social Science Information*, [S. l.], v. 38, n. 2, 1999. pp. 249-271. Disponível: <https://doi.org/10.1177/053901899038002003>, consulta: 10/11/2023.

CANÊDO, Letícia Bicalho. Herança na política ou como adquirir disposições e competências necessárias às funções de representação política. *Pro-Posições*, Campinas, v. 13, n. 39, 2002. pp. 169-198. Disponível: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/proposic/article/view/8643945>, consulta: 10/11/2023.

CANÊDO, Letícia Bicalho (Orgs.). *O Sufrágio universal e a Invenção democrática*. São Paulo: Estação Liberdade, 2005.

CANÊDO, Letícia Bicalho. Um capital político multiplicado no trabalho genealógico. *Revista Pós Ciências Sociais*, v. 8, n. 15, jan./jun. 2011. pp. 55-76. Disponível: <https://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/rpcsoc/article/view/578>, consulta: 14/05/2023.

CARAZZA, Bruno. *Dinheiro, Eleições e Poder: As Engrenagens do Sistema Político brasileiro*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

CARNIEL, Fagner; RUGGI, Lennita; RUGGI, Júlia de Oliveira. Gênero e humor nas redes sociais: a campanha contra Dilma Rousseff no Brasil. *Opinião Pública*, v. 24, 2018. pp. 523-546.

CARNOVALE, Vera. 'We'll be like Che' Foquismo and sacrificial ethics within the Latin American revolutionary activism. *Globalizations*, v. 20, n. 8, 2023. pp. 1540-1554. DOI: 10.1080/14747731.2022.2131082, consulta: 07/02/2021.

CARVALHAIS JÚNIOR, Adair. *Belo Horizonte e a miragem do moderno: Espaço urbano e educação pública*. Tese de Doutorado – Programa de Pós-graduação em História. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. 442f. 2013. Disponível: <http://hdl.handle.net/1843/BUBD-9D6HBA>, consulta: 11/01/2024.

CARVALHO, Ilaine Antunes De. *Escândalo do mensalão do PT: qual o limite da corrupção?* Monografia em Ciência Política – Universidade de Brasília, Brasília, 2013. 46f. Disponível: Disponível: <https://bdm.unb.br/handle/10483/7164>, consulta: 12/09/2023.

CARVALHO, Luiz Maklouf. As armas e os varões: A educação política e sentimental de Dilma Rousseff. In: *Piauí*, Edição 31, Abril 2009. Disponível: <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/as-armas-e-os-varoes/>, consulta: 03/03/2021.

_____. As armas e os varões: a formação de Dilma Rousseff. In: WERNECK, Humberto (Org.). *Vultos da República: Os melhores perfis políticos da Revista Piauí*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. pp. 119-166.

CASTILLO, Enrique G.. La tiranía de la Belleza, un problema educativo hoy. La estética del cuerpo como valor y como problema. *Teoría de la Educación. Revista Interuniversitaria*, v. 14, 2002. pp. 185-206. Disponível: <https://doi.org/10.14201/2990>, consulta: 11/01/2024.

CASTRO, Celso. *O Espírito Militar. Um Antropólogo na Caserna*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

CATALDO, Ilaria, et al. Fitspiration on social media: Body-image and other psychopathological risks among young adults. *A narrative review. Emerging Trends in Drugs, Addictions, and Health*, v. 1 (2021): 100010. Disponível: <https://doi.org/10.1016/j.etedah.2021.100010>, consulta: 11/01/2024.

CAVALLERO, Lucí; GAGO, Verónica. *La Casa como Laboratorio: Finanzas, vivienda y trabajo esencial*. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Fundación Rosa Luxemburgo, 2022.

CAVENAGHI, Suzana; ALVES, José Eustáquio Diniz. Quem vota em quem: um retrato das intenções de voto nas eleições para presidente em setembro de 2010. In: ALVES, José Eustáquio Diniz Alves; PINTO, Céli Regina Jordão; JORDÃO, Fátima (Orgs.). *Mulheres nas Eleições 2010*. São Paulo: ABCP/Secretaria de Políticas para as Mulheres, 2012. pp. 91-134.

CHADE, Jamil; INDJOV, Momchil. *Rousseff: A história de uma família búlgara marcada por um abandono, o comunismo e a presidência do Brasil*. São Paulo: Virgilae, 2011.

CHAMPAGNE, Patrick. *Formar a Opinião: O Novo Jogo Político*. Tradução: Guilherme João de Freitas Teixeira. Petrópolis: Vozes, 1998.

COCICOV, Jorge. *Imigração no Brasil: Búlgaros e Gagauizes Bessarabianos*. Ribeirão Preto: Editora Legis Summa, 2005.

CODATO, Adriano Nervo. O golpe de 1964 e o regime de 1968: aspectos conjunturais e variáveis históricas. *História: Questões & Debates*, v. 40, n. 1, p. 11-36, 2004. Disponível: Disponível: <https://pdfs.semanticscholar.org/5995/558f1dcee3b27a01f1722fa05f068729fba2.pdf>, consulta: 11/01/2024.

CODATO, Adriano; FRANZ, Paulo. Ministros-técnicos e ministros-políticos nos governos do PSDB e do PT. *Revista de Adm. Pública*, v. 52, n. 5, out., 2018. pp. 776-796. Disponível: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-76122018000500776&lng=en&nrm=iso, consulta: 04/02/2020.

CONNELL, Raewyn. Masculinidade corporativa e o contexto global: um estudo de caso de dinâmica conservadora de gênero. *Cadernos Pagu*, [S. l.], 2013. pp. 322-344. Disponível: <https://www.scielo.br/j/cpa/a/vqxmDytcLnvgnjDj6q8Vwr/?lang=pt>, consulta: 08/04/2024.

CONNELL, Catherine; MEARS, Ashley. Bourdieu and the Body. In: MEDVETZ, Thomas; SALLAZ, Jeffrey J. (Org.), *The Oxford Handbook of Pierre Bourdieu*. Oxford: Oxford Academic, 2018. pp. 561-576. Disponível: <https://doi.org/10.1093/oxfordhb/9780199357192.013.26>, consulta: 11/01/2024.

CORDEIRO, Janaína Martins. A Marcha da Família com Deus pela liberdade em São Paulo: Direitas, participação política e golpe no Brasil, 1964. *Revista de História (São Paulo)*, 2021. p. a01720. Disponível: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9141.rh.2021.167214>, consulta: 11/01/2024.

CORNWALL, Andrea. Além do “Empoderamento Light”: empoderamento feminino, desenvolvimento neoliberal e justiça global. *Cadernos Pagu*, (52), 2018. pp. 1-33. ISSN 1809-44492018. Disponível: <https://doi.org/10.1590/18094449201800520002>, consulta: 11/01/2024.

COTTA, Mayra; FARAGE, Thais. *Roupa, Mulher, Trabalho: Como se veste a desigualdade de gênero*. 1 ed. São Paulo: Editora Paralela, 2021.

COX, James A. Bilboes, Brands, and Branks: Colonial Crimes and Punishments. *Colonial Williamsburg Journal*, v. 25, n. 01, spring, 2003. pp. 19-24. Disponível: <https://research.colonialwilliamsburg.org/Foundation/Journal/spring03/branks.cfm>, consulta: 07/12/2023.

CUNHA, Maria de Fatima da. *A face feminina da militância clandestina de esquerda: Brasil anos 1960/70*. 2002. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. 213p. Disponível: <https://doi.org/10.47749/T/UNICAMP.2002.224184>, consulta: 11/01/2024.

DACCACHE, Michel. Mundo Social. In: CATANI, Afrânio, et. al. (Orgs.). *Vocabulário Bourdieu*. 1 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2017. pp. 274.

DALLARI, Dalmo A.. Constituição e Evolução do Estado Brasileiro. *Revista da Faculdade de Direito, Universidade de São Paulo*, v. 72, n. 1, 1977. pp. 325-334. Disponível: <https://www.revistas.usp.br/rfdusp/article/download/66800/69410>, consulta: 12/01/2024.

DANTAS, Fernanda Argolo. *Dilma Rousseff: uma mulher fora do lugar. As narrativas da mídia sobre a primeira Presidenta do Brasil*. 2019. Tese (Doutorado em Cultura e Sociedade) - Instituto de Humanidades, Artes e Ciências, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2019. 271f.

DASKALOV, Roumen. The Social History of Bulgaria: Topics and Approach. *East Central Europe*, n. 34-35, v. 1-2, 2008. pp. 81-100. Disponível: <https://doi.org/10.1163/18763308-0340350102005>, consulta: 12/02/2024.

DASKALOV, Roumen. The Rule of Bulgarian Agrarian National Union and the 'Worker-Peasant Alliance. In: DASKALOV, Roumen. *Debating the Past: Modern Bulgarian Historiography - From Stambolov to Zhivkov*. Central European University Press, 2011. pp. 87-144.

DE ALMEIDA, Miguel Vale. Gênero, masculinidade e poder: Revendo um caso do sul de Portugal. *Anuário antropológico*, v. 20, n. 1, 1996. pp. 161-189. Disponível: <https://periodicos.unb.br/index.php/anuarioantropologico/article/download/6602/7539/15433>, consulta: 07/04/2019.

DELGADO, Daniela. Fast fashion: estratégia para conquista do mercado globalizado. *Modapalavra e-periódico*, n. 2, 2008; pp. 3-10. Disponível: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/modapalavra/article/view/7598/5101>, consulta: 04/03/2021.

DESPENTES, Virginia. *Teoria King Kong*. Tradução: Márcia Bechara. São Paulo: N-1 edições, 2016.

DI SANTIS, Érico Pampado et al. Mortes relacionadas à lipoaspiração no Brasil. *Surgical & Cosmetic Dermatology*, v. 12, n. 4, 2020. pp. 320-325. Disponível: <https://doi.org/10.5935/scd1984-8773.20201240001>, consulta: 11/01/2024.

DOS SANTOS, Simone Cabral Marinho. O modelo predominante de masculinidade em questão. *Revista de Políticas Públicas*, v. 14, n. 1, 2010. pp. 59-65. Disponível: <https://www.redalyc.org/pdf/3211/321127307006.pdf>, consulta: 11/01/2024.

DUARTE, Ana Rita Fonteles. O Movimento Feminino pela Anistia na luta contra a ditadura no Brasil: entrevista com Therezinha Zerbini. *Revista Estudos Feministas*, v. 27, n. 1, p. e53564, 2019. Disponível: <https://doi.org/10.1590/1806-9584-2019v27n153564>, consulta: 01/01/2023.

DURKHEIM, Émile. *As Regras do Método Sociológico*. Tradução: Paulo Neves. Revisão da tradução: Eduardo Brandão. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

ECO, Umberto. *Psicologia do vestir*. 3 ed. Lisboa: Assírio e Alvim, 1989.

ESTEBAN, Mari Luz. *Antropología del Cuerpo: Género, itinerarios corporales, identidad y cambio*. 2 ed. Madrid: Edicions Bellaterra, 2013.

FARIA, Thamires Rita de. *A construção da legitimidade através dos desfiles e da crítica de moda: a primeira década da trajetória do estilista Alexandre Herchcovitch, 1993-2002*. Trabalho de conclusão de curso, Bacharelado em Ciências Sociais – Universidade Federal de São Paulo, Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Guarulhos, 2017. 52f.

FEDERICI, Silvia. *Calibã e a Bruxa: mulheres, corpos e acumulação primitiva*. 1 ed. Tradução: Coletivo Sycorax. São Paulo: Editora Elefante, 2019.

_____. ¿De dónde viene la idea de que las mujeres chismosean?. *Tinta Limón*, 06/12/2021. Disponível: <https://tintalimon.com.ar/post/de-d%C3%B3nde-viene-la-idea-de-que-las-mujeres-chismosean>, consulta: 20/12/2022.

_____. *O patriarcado do salário: notas sobre Marx, gênero e feminismo*. Tradução: Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo Editorial, 2021.

FEDERICI, Silvia; GAGO, Verónica; CAVALLERO, Luci. *¿Quién le debe a quién? Ensayos transnacionales de desobediencia financiera*. Buenos Aires: Fundación Rosa Luxemburgo & Tinta Limón, 2021.

FERNANDES, Carla Montuori. As representações midiáticas de Dilma Rousseff no cenário político brasileiro. *Aurora. Revista de Arte, Mídia e Política*, [S. l.], v. 5, n. 14, 2012. pp. 69-85. Disponível: <https://revistas.pucsp.br/index.php/aurora/article/view/9266>, consulta: 03/11/2023.

FONSECA, Pedro Cezar D. As instituições caminham com a história. In: CORAZZA, Gentil (Org.). *História centenária da Faculdade de Ciências Econômicas: 1909-2009*. 1 ed. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2009. pp. 35-49.

FONSECA, André Azevedo da. *A consagração do mito Mário Palmério no cenário político do triângulo mineiro (1940-1950)*. Tese de doutorado - Faculdade de História, Direito e Serviço Social, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”. 335 f. Franca, 2010.

FONSECA, Pedro Cezar Dutra; CARRION, Otilia Beatriz Kroeff. O Ensino de Economia na UFRGS. *Análise – Revista de Administração da PUCRS*, [S. l.], v. 17, n. 2, 2006. pp. 284-296 Disponível: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/face/article/view/310>, consulta: 14/02/2024.

FONTOURA TRAD, Márcia. *O sucesso escolar de alunos dos meios populares, na década de 60, no Colégio Estadual de Minas Gerais: Reconstruindo às suas trajetórias*. Dissertação de Mestrado - Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais. 2009. 134f. Disponível: <http://hdl.handle.net/1843/HJPB-7UPPRM>, consulta: 11/01/2024.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade, v. 2: O uso dos prazeres*. 13 ed. Tradução: Maria Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2009.

FRANTZ, Fanon. *Pele Negra, Máscaras Brancas*. Tradução: Sebastião Nascimento. São Paulo: UBU, 2020.

FURTADO, Elaine Silva. *Arquitetura Art Déco em Uberaba: uma contribuição à preservação do patrimônio cultural*. 2000. 170 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2000.

GAGO, Verónica. *A Potência Feminista ou o desejo de transformar tudo*. Tradução: Igor Peres. São Paulo: Editora Elefante, 2020.

GALETTI, Camila H.. Antifeminismo e feminismo liberal na política brasileira: uma análise da atuação pública de parlamentares do PSL na 56ª Legislatura Federal. In: *20º Congresso Brasileiro de Sociologia*, 12 a 17 de julho de 2021. UFPA – Belém, PA. 16f.

GANDIN, Lucas; PANKE, Luciana. A transferência de ethos de Lula para Dilma na campanha eleitoral de 2010. *Revista eletrônica de ciência política*, v. 6, n. 1, 2015. pp. 169-186. Disponível: <http://dx.doi.org/10.5380/recp.v6i1.39791>, consulta: 11/01/2024.

GARCIA, Luiz Henrique A.. Na esquina do mundo: trocas culturais e música popular na cidade contemporânea. *XXIV Simpósio Nacional de História, Associação Nacional de História – ANPUH*, São Leopoldo, 2007. 8f. Disponível: <http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/anpuhnacional/S.24/ANPUH.S24.1038.pdf>, consulta: 10/11/2023.

GASPARI, Elio. *A Ditadura Escancarada: as ilusões armadas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

GENÉ, Mariana. En torno a los profesionales de la política. Trayectorias, prácticas y destrezas en el ejercicio del poder político desde el estado. *Revista Perspectivas de Políticas Públicas*, [S. l.], v. 1, n. 1, 2011. pp. 85–107. Disponível: <https://revistas.unla.edu.ar/perspectivas/article/view/645>, consulta: 04/12/2023.

GENDRON, Bénédicte. Emotional Capital: the Set of Emotional Competencies as Professional and Vocational Skills in Emotional Works and Jobs. *Revista Española de Educación Comparada*, v. 29, 2017. pp. 44-61. DOI: 10.5944/REEC.29.2017.17433

GENTILLI, Victor. O Jornalismo Brasileiro do AI-5 à Distensão: o “milagre econômico”, a repressão e a censura. *Estudos em Jornalismo e Mídia*, v. 1, n. 2, 2004. pp. 87-99. Disponível: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/2075/1817>, consulta: 05/04/2024.

GHAZAL, Ayesha. How Men and Women Treated Differently in Media. *International Journal of Scientific & Engineering Research*, vol. 9, issue 4, april-2018. pp. 1225-1227.

GILLIGAN, Carol. *Uma voz diferente. Psicologia da diferença entre Homens e Mulheres da infância à idade adulta*. Tradução: Nathanael C. Caixeiro. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1982.

GIORGI, Guido Ignacio. El expertise como recurso político. Credenciales, redes y alta gestión estatal en Desarrollo Social de la Nación en las décadas de 1990 y 2000. *Trabajo y sociedad*, v. 21, n. 34, 2020. pp. 21-30. Disponível: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=7287678>, consulta: 04/02/2024.

GIRGINOV, Vassil, BANKOV, Peter. Fascist political athletes and the body politic: Bulgaria reborn. *The International Journal of the History of Sport*, v. 16, n. 4, 1999, pp. 82-103. <https://doi.org/10.1080/09523369908714100>, consulta: 05/09/2023.

GONÇALVES, Hebe Signorini; VINUTO, Juliana; DE OLIVEIRA ABREO, Leandro. No fio da navalha: efeitos da masculinidade e virilidade no trabalho de agentes socioeducativos. *Plural: Revista de Ciências Sociais*, v. 24, n. 1, 2017. pp. 54-77. Disponível: <https://doi.org/10.11606/issn.2176-8099.pcs.2017.126635>, consulta: 11/01/2024.

GREEN, Adam Isaiah. The social organization of desire: The sexual fields approach. *Sociological Theory*, v. 26, n. 1, 2008. pp. 25-50. Disponível: <https://doi.org/10.1111/j.1467-9558.2008.00317.x>, consulta: 11/01/2024.

GREEN, Adam Isaiah. Erotic capital’ and the power of desirability: Why ‘honey money ’is a bad collective strategy for remedying gender inequality. *Sexualities*, v. 16, n. 1-2, 2013. pp. 137-158. Disponível: <https://doi.org/10.1177/13634607124711>, consulta: 11/01/2024.

GREEN, James N.; QUINALHA, Renan. *Ditadura e homossexualidades: repressão, resistência e a busca da verdade*. São Carlos: EdUFSCar, 2023.

- GRILL, Igor Gastal. As Bases das Heranças Políticas no Rio Grande do Sul: parentesco, partidos e redes. *Sociedade em Debate*, v. 10, n. 2, 2004. pp. 159-197. Disponível: <https://revistas.ucpel.edu.br/rsd/article/view/540>, consulta: 25/04/2024.
- GRÜN, Roberto. Apagão cognitivo: a crise energética e sua sociologia. *Dados*, [S. l.], v. 48, 2005. pp. 891-928. Disponível: <https://www.scielo.br/j/dados/a/tdHfy54pdG9LmVbvzFqCfNs>, consulta: 09/04/2024.
- GUERRERO, Carolina V.; ARANA, Ignacio A.. Las primeras damas como miembros de la élite política. *América Latina Hoy: Revista de Ciencias Sociales*, n. 81, 2019. pp. 31-49. Disponível: <https://doi.org/10.14201/alh2019813149>, consulta: 11/01/2024.
- HAKIM, Catherine. *Honey Money, The Power of Erotic Capital*. London: Penguin UK, 2011.
- HAKIM, Catherine. *Capital Erótico*. São Paulo: Best Business, 2012.
- HESÍODO. *Teogonia a origem dos deuses*. Tradução: Jaa Torrano. São Paulo: Iluminuras, 1995.
- HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. *Fenomenologia do espírito*. São Paulo: Vozes, 1992.
- HEY, Ana Paula. *Esboço de uma Sociologia do Campo Acadêmico*. São Carlos: Edufscar, 2008.
- HEY, Ana Paula. *Mulheres na política, para quê?* (Work in progress). 2024.
- HERNANDO GONZALO, Almudena (Coord.). *¿Desean las mujeres el poder? Cinco reflexiones en torno a un deseo conflictivo*. Madrid: Minerva ediciones, 2003.
- HILSDORF, Maria Lucia Spedo. *História da Educação Brasileira: Leituras*. São Paulo: Thomson Learning, 2007.
- HOBBSAWM, Eric John. *A era dos impérios*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- HOLLANDA, Heloisa Buarque de (Org.). *Pensamento feminista brasileiro: formação e contexto*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.
- HONNETH, Axel. *El Derecho de la Libertad: Esbozo de una Eticidad Democrática*. Madrid: Katz Editores, 2014.
- hooks, bell. *E Eu Não Sou Uma Mulher? Mulheres Negras e Feminismo*. Tradução: Bhuvi Libanio. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019.
- HUPPATZ, Kate. Reworking bourdieu's Capital: Feminine and female capitals in the field of paid caring work. *Sociology*, v. 43, n. 1, 2009. pp. 45-66. Disponível: <https://doi.org/10.1177/00380385080990>, consulta: 11/01/2024.
- ILLOUZ, Eva. *Intimidades Congeladas: Las Emociones en El Capitalismo*. Buenos Aires: Katz Editores, 2007.
- ILLOUZ, Eva; KAPLAN, Dana Kaplan. *El capital sexual en la Modernidad tardía*, Madrid: Herder Editorial, 2020.
- JELIN, Elizabeth. ¿De qué hablamos cuando hablamos de memorias?. In: *Los trabajos de la memoria*. Madrid/Buenos Aires: Siglo XXI, 2002.
- JIMENEZ, Maria Luisa Jimenez. Lute como uma gorda: gordofobia, resistências e ativismo. 237 f. Tese (Doutorado em Estudos de Cultura Contemporânea– Comunicação e Mediações culturais) – Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2020.

- JINKINS, Ivana; DORIA, Kim; CLETO, Murilo (Orgs.). *Por que gritamos golpe? Para entender o impeachment e a crise política no Brasil*. São Paulo: Boitempo, 2016.
- KANTER, Rosabeth Moss. *Men and Women of the Corporation*. New York: Basic Books, 1977.
- KAPLAN, Dana; ILLOUZ, Eva. *What is Sexual Capital?* Cambridge: Polity, 2022.
- KARAWAJCZYK, Mônica. Suffragettes nos trópicos?! A primeira fase do movimento sufragista no Brasil. *Locus: Revista de História*, v. 20, n. 1, 2014. Disponível: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/locus/article/view/20768/22224>, consulta: 15/06/2021.
- KENNEDY, James L. *Cincoenta annos de Methodismo no Brasil*. Petrópolis: 1927.
- KROM, Marilene. *Família e mitos, prevenção e terapia: resgatando histórias*. São Paulo: Summus, 2000.
- KROOK, Mona Lena; SANÍN, Juliana Restrepo. Género y violencia política en América Latina. Conceptos, debates y soluciones. *Política y gobierno*, v. 23, n. 1, 2016. pp. 127-162. Disponível: https://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1665-20372016000100127, consulta: 30/01/2023.
- LAGRAVE, Rose-Marie. Recherches féministes ou recherches sur les femmes?. *Actes de la recherche en sciences sociales*, v. 83, n. 1, 1990. pp. 27-39. Disponível: <https://doi.org/10.3406/ars.1990.2934>, consulta: 11/01/2024
- LAMOUNIER, Bolívar. Bases do autoritarismo revisitado: diálogo com Simon Schwartzman sobre o futuro da democracia brasileira. In: SCHWARTZMAN, Luisa F. et. al. (Orgs.). *O Sociólogo e as Políticas Públicas: Ensaios em Homenagem a Simon Schwartzman*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009. pp, 53-66.
- LAREAU Annette. *Unequal Childhoods. Class, Race and Family Life*. Berkeley, Los Angeles, London: University of California Press, 2003.
- LAURIN, Audrey. Le capital érotique et les plaisirs de la chair: le cas des nus monumentaux de Jenny Saville. *Recherches féministes*, v. 32, n. 1, 2019. pp. 19-34. Disponível: <https://doi.org/10.7202/1062222ar>, consulta: 11/01/2024.
- LAVAREDA, Antônio. Neuropolítica: O papel das Emoções e do Inconsciente. *Revista USP*, (90), 2011. pp. 120-147. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9036.v0i90p120-147>, consulta: 04/01/2014.
- LEAL, Victor Nunes. *Coronelismo, enxada e voto: o município e o regime representativo no Brasil*. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2012.
- LEMONS, Vilma, PERAZZO, Priscila F, CÂNFORA, Pedro. Memórias de mulheres imigrantes: saberes e sabores de três gerações Búlgaras Bessarabianas nas cidades do ABC Paulista. *Emblemas*, n. 17, v. 2, 2020, pp. 9-24. Disponível: <https://periodicos.ufcat.edu.br/emblemas/article/view/66624/35722>, consulta: 26/06/2023.
- LEONARDI Paula. Puríssimo Coração: uma escola de elite e sua imagem. *Pró-Posições*. v. 15, n. 2 (44), maio-agosto 2005, pp. 77-95. Disponível: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/proposic/article/view/8643813/11302>, consulta: 26/06/2023.
- LEVY, CLAYTON. A escola que pensa a economia como uma ciência humana. In: *Jornal da Unicamp*, Edição 324, 22-28 de maio de 2006. Disponível: https://www.unicamp.br/unicamp/unicamp_hoje/ju/maio2006/ju324pag03.html, consulta: 03/05/2023.

LIMA E SILVA, Bruna Camilo de Souza. *Masculinismo: misoginia e redes de ódio no contexto da radicalização política no Brasil*. Tese de Doutorado – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Belo Horizonte, 2023. 240f.

LINS, Paulo. O PAC valeu a pena?. In: *Macroeconomia: FGV*, 26/05/2017. Disponível: <https://blogdoibre.fgv.br/posts/o-pac-valeu-pena>, consulta: 29/04/2024.

LIPOVETSKY, Gilles. *La tercera mujer: Permanencia y revolución de lo femenino*. Traducción: Rosa Alapont. Barcelona: Editorial Anagrama, 2007.

LIPOVETSKY, Gilles, SERROY, Jean. *A Estetização do Mundo: Viver na era do Capitalismo Artista*. Tradução: Eduardo Brandão. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

LISBOA, Aleluia Heringer. A produção social da excelência no ensino secundário: Colégio Estadual de Minas Gerais (1956 – 1964). *37ª Reunião Nacional da ANPEd – 04 a 08 de outubro de 2015*, UFSC – Florianópolis, 18f. Disponível: <https://www.anped.org.br/sites/default/files/trabalho-gt02-4505.pdf>, consulta: 26/06/2023.

LISBOA, Aleluia Heringer; GOUVEA, Maria Cristina Soares de. Colégio Estadual Central: autogoverno e produção social da excelência no ensino secundário (Belo Horizonte, 1956-1964). *Educação em Revista*, v. 32, 2016. pp. 261-286. Disponível: <https://doi.org/10.1590/0102-4698142393>, consulta: 11/01/2024.

LORDE, Audre. Las herramientas del amo nunca desarmarán la casa del amo. In: MORAGA, Cherríe; CASTILLO, Ana (Org.). *Esta Puente, Mi Espalda*. San Francisco: Editorial Ismo, 1988. pp. 89-93.

LORDE, Audre. *Irmã Outsider: Ensaio e Conferências*. Tradução: Stephanie Borges. São Paulo: Autêntica Editora, 2019.

LORDE, Audre. *Sou sua irmã: Escritos reunidos e inéditos de Audre Lorde*. Tradução: Stephanie Borges. São Paulo: Editora UBU, 2020.

LOUREIRO, Maria Rita. A participação dos economistas no governo. *Análise–Revista de Administração da PUCRS*, v. 17, n. 2, 2006. pp. 345-359.

LOVEJOY, Meg. Disturbances in the social body: Differences in the body image and eating problems among African American and white Women. *Gender & Society*, v. 15, n. 2, 2001. pp. 239-261 Disponível: <https://doi.org/10.1177/08912430101500200>, consulta: 11/01/2024.

LLURBA, Ana. La virgen o la puta: la cultura de la violación en el cristianismo. In: SANTA CRUZ, Úrsula et. al. *Cultura de la violación: Apuntes desde los feminismos decoloniales y contrabegemónicos*. 4 ed. Madrid: Antipersona, 2019. pp. 49-60.

MANNE, Kate. *Unshrinking: How to Face Fatphobia*. 1 ed. New York: Crown, 2024.

MARQUES, Danusa. O que são as cotas para mulheres na política e qual é sua importância? In: *Gênero e Número*, 13/09/2018. Disponível: <https://www.generonumero.media/reportagens/o-que-sao-as-cotas-para-mulheres-na-politica-e-qual-e-sua-importancia/>, consulta: 17/03/2021.

MATTOS, Marcelo Badaró. Em busca da revolução socialista: a trajetória da POLOP (1961-1967). In RIDENTI, Marcelo; REIS FILHO, Daniel Aarão. *História do Marxismo no Brasil*, v. V. Campinas: Editora Unicamp, 2002. pp. 185-212.

MAUGER, Gérard. *Les bandes, le milieu et la bohème populaire*, Étude de sociologie de la déviance des jeunes des classes populaires (1975-2005). Paris: Belin, 2006.

MEARS, Ashley. Working for Free in the VIP: Relational Work and the Production of Consent. *American Sociological Review*, v. 80, n. 6, 2015a. pp. 1099-1122. Disponível: <https://doi.org/10.1177/0003122415609730>, consulta: 11/01/2024.

MEARS, Ashley. Girls as elite distinction: The appropriation of bodily capital. *Poetics*, v. 53, 2015b. pp. 22-37. Disponível: <https://doi.org/10.1016/j.poetic.2015.08.004>, consulta: 11/01/2024.

MELO, Hildete Pereira de (Orgs.). *Maria da Conceição Tavares: vida, ideias, teorias e política*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2019.

MELO, Hildete Pereira de; COSTA, Gloria Maria Moraes da. Itinerários – Maria da Conceição de Almeida Tavares. In: MELO, Hildete Pereira de (Orgs.). *Maria da Conceição Tavares: vida, ideias, teorias e política*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2019. pp. 43-57.

MELO, Jéssica Mayara de. O Grande Lar Argentino: a cidadania feminina segundo Eva Perón. In: *Seminário Internacional e Ciência Política, Estado e Democracia em Mudança no Século XXI*, 2015, Porto Alegre. Anais Eletrônicos. Porto Alegre: UFRGS, 2015. Disponível: <https://www.ufrgs.br/sicp/anais/genero>, consulta: 30/01/2024.

MENDONÇA, Ricardo Fabrino, OGANDO, Ana Carolina. Discursos sobre o feminino: um mapeamento dos programas eleitorais de Dilma Rousseff. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 28, n. 83, 2013. pp. 195-216. Disponível: <https://doi.org/10.1590/S0102-69092013000300013>, consulta: 11/01/2024.

MENÉNDEZ, María Isabel Menéndez. Medios de comunicación, género e identidad. In: DÍAZ MARTÍNEZ, Capitolina; MORENO, Sandra Dema (Orgs.). *Sociología y Género*. Madrid: Editorial Tecnos, 2013. pp. 253-269.

MESSEMBERG, Débora. A elite parlamentar brasileira: um recorte sociocultural. *Revista de Sociologia e Política*, v. 16, n. 30, 2008. pp. 17-28. Disponível: <https://doi.org/10.1590/S0104-44782008000100003>, consulta: 11/01/2024.

MEYER, Victor. *Ernesto Martins, Érico Czarzkes Sachs*. Polop: Uma trajetória de luta pela organização independente da classe operária no Brasil, 2009. pp. 15-20.

MOORE, Henrietta L. Fantasias de Poder e Fantasias de Identidade: Gênero, Raça e Violência. *Cadernos Pagu*, Tradução: Plínio Dentzien, Revisão: Adriana Piscitelli, n. 14, 2000. pp. 13-44. Disponível: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8635341>, consulta: 05/02/2024.

MORAES, Fernando. *Lula, volume 1: Biografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

MORAES, Renato. *Colégio Estadual*. Belo Horizonte: Conceito Editorial, 2014.

MORAES, Maria Regina Cariello. *Autocuidado e gestão de si: Hábitos saudáveis na mídia impressa semanal*. Tese de Doutorado em Sociologia - Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014. 325f. Disponível: <https://doi.org/10.11606/T.8.2014.tde-23012015-182017>, consulta: 11/01/2024.

MORENO PESTAÑA, José Luis. Qué nos enseña el capital cultural para pensar el capital erótico. *Educación e Sociedade*, v. 36, 2015. pp. 161-179. Disponível: <https://doi.org/10.1590/ES0101-73302015139911>, consulta: 11/01/2024.

MORENO PESTAÑA, José Luis. *La Cara Oscura Del Capital Erótico: Capitalización del Cuerpo y Trastornos Alimentarios*. Madrid: Editorial AKAL, 2016.

MORENO PESTAÑA, José Luis. Para una filosofía política del cuerpo: estética de la existencia y razón erótica. *Pensamiento. Revista de Investigación e Información Filosófica*, v. 76, n. 290 Extra, 2020. pp. 581-596. Disponível: <https://revistas.comillas.edu/index.php/pensamiento/article/view/15489/13824>, consulta: 20/05/2021.

MORENO PESTAÑA, José Luis; BRUQUETAS CALLEJO, Carlos. Sobre el capital erótico como capital cultural. *Revista Internacional de Sociología*, 2016. pp. 1-16. Disponível: <https://doi.org/10.3989/ris.2016.74.1.024>, consulta: 11/01/2024.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. Sobre as origens e motivações do Ato Institucional 5. *Revista Brasileira de História*, v. 38, 2018. pp. 195-216. Disponível: <https://doi.org/10.1590/1806-93472018v38n79-10>, consulta: 11/01/2024.

NASCIMENTO, Juliana M. do. *Guerrilheiras: Memórias da Ditadura e Militância feminina*. São Paulo: Alameda, 2022.

NEVEU, Erik. Les sciences sociales doivent-elles accumuler les capitaux ? : À propos de Catherine Hakim, Erotic Capital, et de quelques marcottages intempestifs de la notion de capital. *Revue Française de Science Politique*, v. 63, n. 2, 2012. pp. 337-358. DOI 10.3917/rfsp.632.0337, consulta: 30/04/2024

NEVEU, Erik. Bourdieu's capital(s). In: MEDVETZ, Thomas; SALLAZ, Jeffrey J. (Eds.). *The Oxford Handbook of Pierre Bourdieu*. New York: Oxford University Press, 2018. pp. 347-374.

NORRIS, Pippa. New York: Oxford University Press, 1997.

NORRIS, Pippa; LOVENDUSKI, Joni. *Political Recruitment: Gender, Race and Class in the British Parliament*. Cambridge (UK): Cambridge University, 1995.

OFFERLÉ, Michel. Los oficios, la profesión y la vocación política. *PolHis*, Mar del Plata, ano 4, n. 7, 2011. pp. 84-99.

OLIVEIRA, Lúcia Leiga. *Instituto Metodista Izabela Hendrix na Educação Superior: Implantação e Avaliação*. Dissertação de Mestrado em Administração – Faculdades Integradas de Pedro Leopoldo. Pedro Leopoldo, 2010. 159f. Disponível: https://www.fpl.edu.br/2018/media/pdfs/mestrado/dissertacoes_2010/dissertacao_lucia_leiga_oliveira_2010.pdf, consulta: 24/05/2021.

OLIVEIRA, Karla Beatriz Barbosa de. *A nova roupa da presidente: uma análise de comunicação pelas vestes*. Trabalho de Conclusão de Curso em Comunicação Social – Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília, 2015. 81f.

PAYNE, Stanley et al. Was there a fascist regime in Bulgaria? Statement of Bulgarian historians. Papers of BAS. *Humanities and Social Sciences*. n. 2, 9/2022. pp. 111-117. Disponível: <https://www.ceeol.com/search/article-detail?id=1162160>, consulta: 24/05/2021

PANKE, Luciana. Análise Comparativa entre as Campanhas Eleitorais dos Brasileiros Dilma Rousseff e Luiz Inácio Lula da Silva. *ComHumanitas*, v. 3, n. 1, 2012. pp. 39-47. Disponível: <https://www.comhumanitas.org/index.php/comhumanitas/article/view/4>, consulta: 24/05/2021.

PANKE, Luciana; IASULAITIS, Sylvia. Mulheres no poder: aspectos sobre o discurso feminino nas campanhas eleitorais. *Opinião Pública*, v. 22, n. 2, 2016. pp. 385-417.

PEIXOTO, Ana Maria Casasanta; SOARES, Magda. *Izabela Hendrix Cem Anos 1904 – 2004*. Belo Horizonte: Izabela Hendrix, 2004.

PEDRO, Joana Maria. A experiência com contraceptivos no Brasil: uma questão de geração. *Revista Brasileira de História*, v. 23, 2003. pp. 239-260. Disponível: <https://doi.org/10.1590/S0102-01882003000100010>, consulta: 11/01/2024.

PERÓN, Eva. *La Razón de Mi Vida*. Buenos Aires: CS Ediciones, 1995.

PINHEIRO-MACHADO, Rosana; FREIXO, Adriano (Orgs.). *Brasil em Transe: Bolsonarismo, Nova direita e Desdemocratização*. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2019.

PHILLIPS, Anne. De uma Política de Ideias a uma Política de Presença? *Revista Estudos Feministas*, [S. l.], v. 9, n. 1, 2001. pp. 268-268. Disponível: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2001000100016>, consulta: 11/01/2024.

PINTO, Céli Regina Jardim. *Uma história do feminismo no Brasil*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2003.

PINTO, Céli Regina Jardim. Feminismo, história e poder. *Revista de Sociologia e Política*, v. 18, 2010. pp. 15-23.

PINTO, Céli Regina Jardim. In: ALVES, José Eustáquio Diniz Alves; PINTO, Céli Regina Jordão; JORDÃO, Fátima (Orgs.). *Mulheres nas Eleições 2010*. São Paulo: ABCP/Secretaria de Políticas para as Mulheres, 2012. pp. 207-228.

PIRES, Teresinha Maria de Carvalho Cruz. A construção da imagem política de Dilma Rousseff como mãe do povo brasileiro. *Revista Debates*, v. 5, n. 1, 2011. pp. 139-139.

PISCOPO, Jennifer. Female Leadership and Sexual Health Policy in Argentina. *Latin American Research Review*, v. 49, n. 1, 2014. pp. 104-127. Disponível: <https://www.jstor.org/stable/43670155>, consulta: 05/03/2021.

PISCOPO, Jennifer M.; KENNY, Meryl. Rethinking the ambition gap: gender and candidate emergence in comparative perspective. *European Journal of Politics and Gender*, v. 3, n. 1, 2020. pp. 3-10. Disponível: <https://doi.org/10.1332/251510819X15755447629661>, consulta: 05/03/2021

PRAÇA, Neide de Souza. *Imigrantes da Bessarábia: jornada em terras tropicais*. São Paulo: All Print Editora, 2016.

PRAXEDES, Vanda Lúcia; MANSO, Haydenée G. S. TORRE DAS DONZELAS: memórias das experiências de liberdade e resistência no cárcere. *Revista Temas em Educação*, João Pessoa, Brasil, v. 29, n.2, jun./jul., 2020. pp. 325-350.

PRIORI, Claudia; POLATO, Adriana Delmira Mendes. Signos ideológicos e conceitos axiológicos: uma proposta interdisciplinar para leitura de um adesivo obsceno. *Cadernos de Linguagem e Sociedade*, v. 17, n. 2, 2016. pp. 40-54. Disponível: <https://doi.org/10.26512/les.v17i2.3997>, consulta: 24/05/2021.

QUIROGA, Gloria Claudio. La difícil transición de Bulgaria. *Anuario jurídico y económico escurialense*, n. 37, 2004. pp. 527-549. Disponível: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=892143>, consulta: 24/05/2021.

RABAY, Glória; BEZERRA, Camila de L. “Os homens falam alto e eles te atropelam”: O machismo (não só) discursivo no jornalismo político. *Caderno Espaço Feminino*, n. 35, v. 1, 2022. pp. 82-98. Disponível: <https://doi.org/10.14393/CEF-v35n1-2022-6>, consulta: 03/07/2022

RANKE-HEINEMANN, Uta. *Nein Und Amen*. Hamburg: Anleitung zum Glaubenszweifel, 1992.

RANGEL, Patrícia Duarte. *Movimentos feministas e direitos políticos das mulheres: Argentina e Brasil*. Tese de Doutorado. Tese (Doutorado) - Universidade de Brasília, Brasília, 2012.

RANGEL, Patrícia; DULTRA, Eneida V. B. Engolidas pela onda azul. *Plural*, n. 26, v. 1, 2019. pp. 133-154. Disponível: <https://doi.org/10.11606/issn.2176-8099.pcs.2019.159747>, consulta: 30/01/2022.

REAY, Diana. Gendering Bourdieu's Concepts of Capital ? Emotional Capital, Women and Social Class. In: ADKINS, Lisa; SKEGGS, Beverley (Orgs.). *Feminism After Bourdieu*. Oxford, Blackwell: The Sociological Review, 2004. pp. 57-74.

REDONDO, Raquel Quevedo; GONZALO, Salomé Berrocal. Frames, estereótipos y mujeres políticas. *Más poder local*, n. 36, 2018. pp. 32-36. Disponível: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6784242>, consulta: 30/01/2022.

RIVETTI, Jéssica Mayara de Melo; HEY, Ana Paula. Mulheres políticas: Estratégias de legitimidade e recursos mobilizados por Cristina Kirchner. *Tempo Social*, v. 35, 2024. pp. 33-57. Disponível: <https://doi.org/10.11606/0103-2070.ts.2023.216541>, consulta: 30/01/2022.

ROCHA, Tiago Humberto Rodrigues. *A masculinidade na cultura neoliberal: as intervenções no corpo e seus discursos segundo a Psicanálise*. Tese de Doutorado – Instituto de Psicologia. Universidade de São Paulo, 2017. 207f. Disponível: <https://doi.org/10.11606/T.47.2017.tde-27072017-143302>, consulta: 24/05/2021.

ROMBALDI, Maurício. O capital militante: uma tentativa de definição, de Frédérique Matonti e Franck Poupeau. *Plural*, [S. l.], v. 13, 2006. pp. 127-134. Disponível: <https://www.revistas.usp.br/plural/article/view/75164>, consulta: 24/05/2021.

ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. *História da Educação no Brasil: 1930/1973*. Petrópolis: Vozes, 1978.

ROTHSCHILD, Joseph. *The Communist Party of Bulgaria: origins and development 1883-1936*. Nova York: Columbia University Press, 1959.

RUBIM, Linda, ARGOLO, Fernanda (Org.). *O Golpe na perspectiva de Gênero*. Salvador: Edufba, 2018.

RUBIN, Gayle. *O Tráfico de Mulheres: Notas sobre a “Economia Política” do Sexo*. Tradução: Christine Rufino Dabat. Recife: SOS Corpo, 1993. Disponível: <http://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/1919>, consulta: 30/05/2021.

RUGGIERO, Mayna Blotta. *Marcela Temer, a primeira-dama e suas representações nos portais Folha de S. Paulo e O Globo*. 2017. 150 f., il. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Comunicação Social) – Universidade de Brasília, Brasília, 2017.

RUSSO, Sandra. *La presidenta: Historia de una vida*. Buenos Aires: Sudamericana, 2011.

SAFFIOTI, Heleieth. Gênero e patriarcado: a necessidade da violência. In: MARTÍN-CASTILLO, Márcia; OLIVEIRA, Suely (Org.). *Marcadas a ferro: violência contra mulher: uma visão multidisciplinar*. Brasília: SPM, 2005. pp. 35-76.

SALES, Jean Rodrigues. A revolução cubana e as esquerdas brasileiras nas décadas de 1960 e 1970. *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História—ANPUH*, São Paulo, 2011. pp. 1-9. Disponível: https://anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/2019-01/1548856591_b271c86f34eef1f52c68982c1b2e9aef.pdf, consulta: 28/05/2020.

SAMPAIO, Antonio Borges. *Uberaba: história, fatos e homens*. Uberaba: Academia de Letras do Triângulo Mineiro, 1971.

SANTA CRUZ, Úrsula *et. al.* *Cultura de la Violación: Apuntes desde los Feminismos Decoloniales y Contrabegemónicos*. 4 ed. Madrid: Antipersona, 2019.

SANTOS, Ana Carolina L. As imagens de Dilma Rousseff da ditadura civil-militar ao impedimento. *Contemporanea (UFBA. Online)*, v. 18, n. 1, jan./abr. 2020. pp. 135-155. Disponível: <https://periodicos.ufba.br/index.php/contemporaneaposcom/article/view/23123>, consulta: 24/05/2021.

SANTOS, João Marcelo Pereira Dos. Identidade e diferença: a trajetória das mulheres no Partido dos Trabalhadores. *Perseu: História, Memória e Política*, [S. l.], n. 04, 2009. pp. 66-85. Disponível: revistaperseu.fpabramo.org.br/index.php/revista-perseu/article/view/180, consulta: 15/11/2023.

SANTOS, Lucíola Licínio de Castro Paixão. *Uma escola pública de referência: o Colégio Estadual de Minas Gerais*. Belo Horizonte: UFMG, 2006. Relatório Final de Pesquisa CNPq (mimeo.)

SANTOS, Sibeli Martins; PLÁCIDO, Reginaldo Leandro. História da fundação do colégio metodista Izabela Hendrix. *Formação@ Docente*, v. 4, n. 2, 2012. pp. 16-37. Disponível: <http://dx.doi.org/10.15601/2237-0587/fd.v4n2p16-37>, consulta: 30/01/2022.

SARTI, Cynthia. O início do feminismo sob a ditadura no Brasil: o que ficou escondido. Texto apresentado no XXI Congresso Internacional da LASA (*Latin American Studies Association*), The Palmer House Hilton Hotel, Chicago, Illinois, 24-26 de setembro de 1998. 12f. Disponível: <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/lasa98/Sarti.pdf>, consulta: 21/03/2024.

SARTI, Cynthia. Enunciações da tortura. *Revista de Antropologia*, v. 62, n. 3, 2019. pp. 505-529. Disponível: <http://dx.doi.org/10.11606/2179-0892.ra.2019.165230>, consulta: 05/03/2021.

SBARDELOTTO, Moisés. Mater et Magistra: uma síntese entre comunismo, socialismo e capitalismo. Entrevista com Patrus Ananias. *Revista do Instituto Humanitas (IHU-Online) - Unisinos*. 360, ano X. São Leopoldo, 09/05/2011. pp. 5-12.

SCHWARTZMAN, Simon. *Bases do Autoritarismo Brasileiro*. Rio de Janeiro: Publit Soluções Editoriais, 2007.

SCHWINDT-BAYER, Leslie A. Still supermadres? Gender and the policy priorities of Latin American legislators. *American Journal of Political Science*, v. 50, n. 3, 2006. pp. 570-585. Disponível: <https://www.jstor.org/stable/3694235>, consulta: 30/01/2022.

SECCO, Lincoln. *História do PT, 1978-2010*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2011.

SHILLING, Chris. Educating the body: Physical capital and the production of social inequalities. *Sociology*, v. 25, n. 4, 1991. pp. 653-672. Disponível: <https://doi.org/10.1177/0038038591025004006>, consulta: 30/01/2022.

SHILLING, Chris. *The Body in Culture, Technology and Society*. London: Sage, 2004.

SILVA, Paulo Renato da. Memória e história de Eva Perón. *Revista de História*, São Paulo, n. 170, jan.-jun. 2014. pp. 143-173. Disponível: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9141.v0i170p143-173>, consulta: 30/01/2022.

SILVA, Sérgio Gomes da. Masculinidade na história: a construção cultural da diferença entre os sexos. *Psicologia: Ciência e Profissão*, v. 20, 2000. pp. 8-15. Disponível: <https://doi.org/10.1590/S1414-98932000000300003>, consulta: 30/01/2022.

SIMMEL, George. *Cultura feminina y otros ensayos*. Madrid: Revista de Occidente, 1934.

SINGER, André. *Os sentidos do lulismo: reforma gradual e pacto conservador*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

- SLIPKOV, Ivan. The statue of the bulgarian communist party. In: SIMONS, William B.; WHITE, Stephen (Ed.). *The Party statutes of the Communist world*. The Netherlands: Brill, 1984. pp. 55-82.
- SOUSA, Roberta Menezes. *A direção sociopolítica do movimento feminista brasileiro no governo Dilma Rouseff (2011-2014): articulação entre as lutas por direitos democráticos e a resistência anticapitalista*. Teses de Doutorado – Serviço Social, Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), 2018. 171f. Disponível: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/32762>, consulta: 04/01/2024 .
- STAAB, Silke; WAYLEN, Georgina. Gender, Institutions and Change in Bachelet's Chile. *EECPR Joint Sessions*, Salamanca, 10-15 abr. 2014.
- STIVENS, Maila. Indonesia-No Money, No Honey: A Study of Street Traders and Prostitutes in Jakarta. *Journal of Southeast Asian Studies*, v. 23, n. 2, 1992. pp. 457-458.
- TARICO, Valerie. Why rape is so intrinsic to religion?. *Salon* [online]. Disponível: https://www.salon.com/2014/12/21/why_rape_is_so_intrinsic_to_religion_partner, consulta: 04/10/2022.
- TEIXEIRA, Napoleão. Instigação farmacodinâmica do subconsciente. Contribuição ao estudo da narcose, do narco diagnóstico e da narcoanálise, do ponto de vista médico-legal. *Arquivos de Neuro-Psiquiatria*, v. 8, p. 145-154, 1950. Disponível: <https://doi.org/10.1590/S0004-282X1950000200003>, consulta: 30/01/2022.
- TEGA, Danielle. *Tramas da memória: um estudo de testemunhos femininos sobre as ditaduras militares no Brasil e na Argentina*. 2015. Tese de doutorado - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. 237f. Disponível: <https://doi.org/10.47749/T/UNICAMP.2015.953433>, consulta: 30/01/2022.
- THOMPSON, Becky Wangsgaard. “A way outa no way”: Eating problems among African-American, Latina, and White women. *Gender & Society*, v. 6, n. 4, 1992. pp. 546-561. Disponível: <https://doi.org/10.1177/089124392006004002>, consulta: 30/01/2022
- TIGGEMANN, Marika. Sociocultural Perspectives on Body Image. In: CASH, Thomas F. (Eds.). *Encyclopedia of Body Image and Human Appearance*, v. 2. Cambridge: Academic Press, Elsevier, 2012. pp. 758-765.
- TORRES, Aline Camargo. *Ditadura, arquivo e memória: notas para um estudo sobre o caso Organização Política Operária (POLOP)*. Dissertação de Mestrado – Programa de Pós-graduação em História, política e bens culturais, Faculdade Getúlio Vargas: Rio de Janeiro, 2013. 132f. Disponível: <http://hdl.handle.net/10438/11206>, consulta: 30/01/2022.
- TRAD, Marcia Fontoura. *O sucesso escolar de alunos dos meios populares na década de 60, no Colégio Estadual de Minas Gerais: reconstruindo as suas trajetórias*. 2009. Dissertação de Mestrado em Educação – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.
- VALDÉS, Alicia L.. ¿Puede el capital erótico subvertir la economía masculina? Aesthetic work y el enfoque postfeminista hacia la economía. *Recerca: Revista de Pensament i Anàlisi*, v. 24, 2019. pp. 87-108. Disponível: <https://doi.org/10.6035/recerca.2019.24.2.5>, consulta: 30/01/2022.
- VERGÈS, Françoise. *Um feminismo Decolonial*. Tradução: Jamille Pinheiro e Raquel Camargo. São Paulo: Editora Ubu, 2020.
- WACQUANT, Loïc J. D. Why men desire muscles. *Body & Society*, v. 1, n. 1, 1995. pp. 163-179. Disponível: <https://doi.org/10.1177/1357034X9500100101>, consulta: 30/01/2022.
- WALLEY-JEAN, J. Celeste. Debunking the myth of the “angry Black woman”: An exploration of anger in young African American women. *Black Women, Gender & Families*, v. 3, n. 2, 2009. pp. 68-86. Disponível:

<https://www.jstor.org/stable/10.5406/blacwomegendfami.3.2.0068>, consulta: 30/01/2022.

WITTIG, Monique. *As Guerrilheiras*. Tradução: Jamille Pinheiro Dias e Raquel Camargo. São Paulo: Editora UBU, 2020.

WOLF, Naomi. *O mito da beleza*. Tradução: Waldéa Barcellos. 9ª ed. Rio de Janeiro: Editora Rosa dos Tempos, 2020.

WOOLF, Virginia. Uma Sociedade. In: WOOLF, Virginia. *Contos Completos*. Tradução: Leonardo Fróes. 4 ed. São Paulo: Cosac Naify, 2009, pp. 166-182.

XAVIER, Maria do Carmo. *A tradição (re)visitada a experiência do Centro Regional de Pesquisas Educacionais de Minas Gerais - CRPEMG (1956/1966)*. Tese de Doutorado em Educação – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007. 213f. Disponível: <http://hdl.handle.net/1843/FAEC-84NMXM>, consulta: 30/01/2022.

Anexos

Roteiro - Entrevista com Roberto Stuckert Filho

Data: 17/08/2022

Horário: 14-15hs

Local: *Online*

Profissional

1. Qual a sua formação?
2. Família com 33 fotógrafos (Ricardo Stuckert – irmão há 20 anos trabalhando com o Lula; Pai, Roberto Stuckert – fotógrafo do João Figueiredo). Como isso influenciou nas suas escolhas profissionais? Já que seu pai (trabalhou em mais de 30 jornais) e foi um profissional muito renomado. Responsabilidade muito alta em relação ao nome?
3. Como foi o trabalho na O Globo?
4. Qual a responsabilidade de um fotógrafo da presidência?
5. Qual a quantidade de equipamentos que eram usados na época?
6. Fotografar política tem alguma influência da ideologia para você? (fotografia política)

Relação com Dilma

1. Linhagem de fotógrafos oficiais: *“Primeiro, foi meu pai, Roberto Stuckert, fotógrafo oficial do último presidente do regime militar: João Figueiredo. Depois, meu irmão Ricardo Stuckert, com o primeiro presidente operário: Lula. E, em seguida, foi a minha vez, com a primeira mulher presidenta: Dilma Rouseff.”* (Youtube, 21/05/2020).
2. Como ocorreu a indicação para fotógrafo oficial da Presidência da República? Você já conhecia a Dilma anteriormente?
3. Quais as demandas da equipe de marketing sobre como ela “deveria aparecer”?

Imagem

1. Como era a relação da ex-presidenta com as câmeras? Ela ficava confortável?
2. Você a descreve como uma pessoa vaidosa?
3. Em relação às edições das fotografias: como era o processo? Há divergências entre o processo de produção e edição de fotografias em ocasiões especiais (celebrações) e fotografias oficiais políticas?
4. Como reagia às críticas em relação a sua imagem?
5. Fotografias descontextualizadas
6. Fotografia como reprodução dos sentimentos de amor e ódio durante o *impeachment*

Referências

YOUTUBE, 21/05/2020. *Fotografia por Ricardo Stuckert, Canal Instituto de Cinema (INC)*. Disponível: <https://www.youtube.com/watch?v=pzFZFkxHXWk>, consulta: 02/07/2021.

Roteiro- Entrevista com Celso Kamura e Juliana Vieira

Data: 25/08/2022

Horário: 16:30-17:30hs

Local: C. Kamura, São Paulo

Trajetória

1. Celso, conta um pouco sobre sua trajetória profissional e sobre os salões C.Kamura.
2. Quantos funcionários você tem? Qual é o público que frequenta seus salões?
3. Como você delimita quem atenderá pessoalmente?

Referências

1. Celso, você tem uma carreira de sucesso no mundo da beleza e carrega em seu currículo diversos cortes, penteados, maquiagem e coloração de personalidades do campo artístico. Além de Dilma Rousseff e Marta Suplicy, quais outras políticas você costuma atender? Existe alguma demanda específica em relação à elas? Se sim, quais seriam?²⁸⁰
2. Quais foram as principais referências utilizadas para delimitar o melhor corte/coloração dos cabelos da ex-presidenta? Outras políticas mulheres foram usadas como referências? (Carolina Herrera, estilista venezuelana)
3. Quem fez o seu contato com Dilma Rousseff? (alguns locais dizem que foi Marta Suplicy)
4. O que a Dilma gostava e o que ele tinha que fazer?
5. Alguns jornais afirmam que você “ensinou” Dilma a se maquiar. É verdade?²⁸¹

Preparei um kit com base HD (alta definição) de longa duração, batom vermelho ou coral, blush coral e sombra marrom, para abrir o olhar, rímel e lápis preto, já que a presidente Dilma não dispensa a aplicação do lápis dentro dos olhos”, conta Kamura, que também faz o design da sobrancelha de Dilma. “Pela sobrancelha, tentei deixar o visual dela mais carismático. (Celso Kamura, Caras, 1/04/2012).

“O hair stylist também ensinou a presidente a cuidar sozinha do próprio cabelo. “Ela é superprática e acaba fazendo sua própria escova, como ensinei”, revela Kamura. (Caras, 11/04/2012).

6. Quais marcas de maquiagem ela não dispensa?
7. Dilma costuma frequentar salões de beleza? Com qual frequência? Quais os procedimentos estéticos que a ex-presidenta era mais adepta em seu salão?

Imagem

1. Como você [Celso] descreveria o estilo da presidenta quando começou a ter contato com ela? Houve mudanças muito bruscas e como você avalia esses procedimentos?

²⁸⁰ “Nesse dois ambientes, moda e política, são exigidas habilidades muito diferentes? Você é o mesmo Kamura nessas duas situações? Sou igual em qualquer lugar. Na Fashion Week, as pessoas são diferentes, as coisas são mais alegres. No mundo político, acho que eles gostam de mim porque sou leve, descontraído, eu carrego isso da moda. Consigo brincar com as pessoas, com a presidente, eu quebro o gelo. Cada trabalho me complementa. O salão me deu experiência para conhecer a personalidade de cada cliente, o mundo da moda me faz pesquisar, criar e as pessoas de cada lugar têm energias diferentes.” (Estadão, 26/01/2015).

²⁸¹ “Você é quem define o que será feito no cabelo e na maquiagem de Dilma? Sou eu e ela. Mas ela já consegue se arrumar sozinha, ela tem a Isaura lá em Brasília que trabalha com ela, que a penteia desde o tempo de ministra, que continua indo lá escovar o cabelo dela quando é necessário, mas quando ela não vai a Dilma põe o “bobinho” e a maquiagem é ela mesma quem faz.” (Estadão, 26/01/2015).

2. Quais os cuidados com o cabelo que ela passou a ter? Como foi a escolha da tonalidade²⁸² e do corte²⁸³? (Caras, 14/12/2012)
3. Dilma é vista como uma pessoa não muito vaidosa. Você concorda com esse imaginário público? Pq não?
4. Você acredita que o estilo dela se tornou uma inspiração para outras mulheres?²⁸⁴ Ex. brinco de pérolas “Mise en Dior” em 2014 (Estadão, 30/10/2014).
5. Quais os procedimentos estéticos que ela passou desde que foi anunciada como pré-candidata à presidência?
6. Falha na sobancelha
7. Dentes protuberantes fruto de torturas na época da ditadura. Isso a incomoda?
8. Como ela lida/lidava com as críticas à sua aparência?
9. Roupas – Kamura você dava alguma consultoria também?

Mídia

1. Celso Kamura, como foi sua relação com a mídia no período em que assinava e beleza da ex-presidenta em seu mandato?
2. De alguma maneira os discursos opositores afetaram o seu trabalho?
3. Quais as repercussões da mídia sobre a beleza da ex-presidenta desde que você começou a atendê-la?
4. Ela ainda frequenta o seu salão e como é a dinâmica quando ela vem se atender aqui?
5. Recentemente você postou uma foto ao lado dela em suas redes sociais (instagram), como foi a reação dos seus seguidores? Você acha que atendê-la prejudica o seu trabalho já que existe uma grande parcela da população que se identifica como anti-petista?

Política

1. Quem cuidava de seus pagamentos era a Pólis Propaganda e Marketing, correto? (Mônica e João Santana)
2. Quais os desdobramentos profissionais que você teve ao assinar a beleza da Dilma? E em relação ao Partido político dela?
3. Celso, com a delação premiada de João Santana e Mônica Moura, você esteve associado a uma série de reportagens que questionava o valor de suas diárias, dos gastos da presidenta Dilma com a beleza e o associava a um suposto esquema de corrupção. Como foi para você na época? (G1, 12/05/2017)²⁸⁵
4. Críticas ao valor que era cobrado. Era mais alto pelo fato da importância que essa “beleza” tinha ou era o seu valor padrão?
5. Qual o período que você trabalhou diretamente com a presidenta? Ainda hoje ela é “cuidada” por você?
6. *Adendo:* Vocês teriam o contato da Isaura ou de alguma outra pessoa próxima a Dilma que poderia contribuir com a pesquisa?

²⁸² “Para quem adorou o novo look de Dilma Rousseff, Kamura revela o segredinho da cor: “O fundo foi feito com color perfect 7.0 e as luzes bem finas com 8.1, ambos da Wella. Além disso, a franja está mais longa o que permite um movimento maior” (Caras, 24/01/2013).

²⁸³ Em 2012: “Ela sempre foi fã de fios curtos, mas durante longo período ostentou corte com volume nas laterais. O cabeleireiro Celso Kamura, responsável por cuidar das madeixas da mulher mais poderosa do país, se inspirou na estilista venezuelana Carolina Herrera, com corte nas laterais, deixando o volume para o alto. “Isso deixa o rosto mais longo, mais magro, e a pessoa cresce”, explica.” (Caras, 14/12/2012).

²⁸⁴ “Não falar do novo corte de cabelo da nossa Presidenta Dilma Rousseff no blog seria um verdadeiro pecado, até mesmo porque o corte tem agradado bastante as mulheres e tem sido o corte mais pedido do momento para deixar as mulheres maduras mais elegantes.” (Adriane Boneck, 05/10/2010).

²⁸⁵ Dilma soltou uma nota de repúdio em maio de 2017.

Referências

ADRIANE BONECK, 05/10/2010. *Cabelo Dilma Rousseff – Corte e Cor* por Jolivere. Disponível: <https://adrianeboneck.com.br/2010/11/cabelo-dilma-rousseff-corte-e-cor/>, consulta: 02/12/2020.

CARAS, 11/04/2012. *Celso Kamura ensinou a presidente Dilma a fazer maquiagem e arrumar o próprio cabelo* por Redação. Disponível:

<https://caras.uol.com.br/makeup/celso-kamura-ensinou-presidente-dilma-rousseff-arrumar-cabelo-fazer-maquiagem-sozinha.phtml>, consulta: 03/12/2020.

_____, 14/12/2012. *Três estilos de cabelos da aniversariante Dilma Rousseff*. Disponível: https://caras.uol.com.br/cabelos/transformacoes-nos-cabelos-da-aniversariante-dilma-rousseff-presidente.phtml?utm_source=site&utm_medium=txt&utm_campaign=copypaste, consulta: 02/12/2020.

_____, 24/01/2013. *Kamura diz que Dilma hesitou em ficar loira; Saiba como copiar o look da presidente*. Disponível:

https://caras.uol.com.br/cabelos/cabereiro-celso-kamura-ensina-cabelos-loiros-presidente-dilma-rousseff.phtml?utm_source=site&utm_medium=txt&utm_campaign=copypaste, consulta: 07/12/2020.

ESTADÃO, 30/10/2014. *Brincos que Dilma usou na campanha fazem sucesso na 25 de Março* por Edgar Maciel. Disponível:

<https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,brincos-que-dilma-usou-na-campanha-fazem-sucesso-na-25-de-marco,1585591>, consulta: 02/12/2020.

_____, 26/01/2015. *Celso Kamura: Entre a moda e a política* por Gabriel Marçal. Disponível: <https://emails.estadao.com.br/noticias/moda-e-beleza,celso-kamura-entre-a-moda-e-a-politica,1624937>, consulta 01/06/2022.

G1, 12/05/2017. *Mônica diz que pagou cabeleireiro de Dilma mesmo após campanha*. Disponível: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2017/05/monica-diz-que-pagou-cabelereiro-de-dilma-mesmo-apos-campanha.html>, consulta: 02/12/2020.

GLOW NEWS, 14/08/2021. *Entrevista: Celso Kamura revela segredos da sua trajetória e fala da relação com Dilma Rousseff e Angélica* por Barbara Blanco. Disponível:

<https://www.glownews.com.br/noticias/beleza/entrevista-beauty-artist-das-celebridades-celso-kamura-fala-sobre-experiencia-com-dilma-rousseff-e-trajetoria-de-sucesso.html>, consulta: 02/12/2020.

INFO MONEY, 03/06/2016. *Celso Kamura diz que Dilma pagou a ele pessoalmente e que valor cobrado é bem inferior a R\$ 5 mil por Lara Rizério*. Disponível:

<https://www.infomoney.com.br/politica/celso-kamura-diz-que-dilma-pagou-a-ele-pessoalmente-e-que-valor-cobrado-e-bem-inferior-a-r-5-mil>, consulta: 02/12/2020.

R7, 27/06/2013. *Cabeleireiro das estrelas, Celso Kamura revela que dá desconto para Dilma* por Julia Chequer. Disponível:

<https://lifestyle.r7.com/moda/cabeleireiro-das-estrelas-celso-kamura-revela-que-da-desconto-para-dilma-24082019>, consulta: 02/12/2020.

Roteiro- Entrevista com Olga Curado

Data: 23/03/2023

Horário: 15hs (Brasil) e 19hs (Espanha)

Local: *Online*

Trajetória

1. Você poderia, por gentileza, contar um pouco sobre sua trajetória profissional?
2. Qual a sua formação? Como passou do jornalismo (atuando na TV Globo) para a área de consultoria de imagem?
3. No que consiste, especificamente, seu trabalho de consultoria de imagem?

Preparação para debates e entrevistas, *“ajudar os candidatos a pensar nas narrativas do dia”*. (Olga Curado, Youtube, 27/03/2021). *“[...] Meu trabalho é fazer lideranças políticas e empresariais perceberem o alcance daquilo que elas falam”* (Idem).

Meu trabalho sempre foi de encher a paciência do candidato e fazer um pouco o trabalho de advogado do diabo, tentando sempre buscar uma narrativa que seja consistente e coerente. [...] A minha função não é agradar, é fazer aquele exercício de reflexão sobre aquilo que está sendo falado e a maneira como está sendo falado... (Olga Curado, Youtube, 27/03/2021)

4. Quantos funcionários você tem? Qual é o público que busca o seu trabalho?
5. Como é a dinâmica do seu trabalho em períodos eleitorais? Você geralmente é procurada pelas agências após o lançamento da candidatura e costuma fechar uma consultoria ao longo das eleições ou é muito variável o período do contrato?
6. Olga, você é faixa preta em aikido e utiliza essa arte marcial como uma ferramenta didática. Qual é o lugar do corpo na prática desse exercício? Alguns candidatos/políticos se sentem mais à vontade com seus corpos? Você percebe no dia a dia durante suas aulas, diferenças de gênero em relação ao corpo?²⁸⁶
7. Qual a relação dos homens com seus corpos? E o julgamento de outrem? As mulheres sentem-se mais inseguras de alguma maneira que sobreponham aos homens?
8. O Aikido mostra a importância do movimento corporal ao contar uma história. Qual era a relação da Dilma em 2010 com o seu corpo? Pois ela engordou bastante no período eleitoral e é sabido que isso teve uma repercussão na mídia.

Relação do corpo com a comunicação: inclusive, *“precisei ser rude com algumas pessoas pois a ideia fica muito clara na cabeça mas o comportamento não é coerente com o que a pessoa fala. Não adianta você querer impor, mas sim, desenvolver adequadamente o argumento [...] Quando faltam palavras, o jeito é fundamental”* (Olga Curado, Youtube, 27/03/2021).

9. Como você delimita quem você atenderá? Já trabalhou com Lula, Haddad, Dilma e Bolsonaro.²⁸⁷

Mídia

1. Como foi sua relação com a mídia no período em que você prestou consultoria para Dilma em 2010? De alguma maneira os discursos opositores afetaram o seu trabalho?

²⁸⁶ “Olga trata o corpo como um veículo de comunicação.” (IstoÉ, 30/04/2010).

²⁸⁷ Olga Curado: “Na época do PSC, trabalhou apenas um dia - durante o impeachment. Falta de empatia e a forma como fala sobre a tortura, a deixou perplexa. ele tem dificuldade de compreensão e de raciocínio mais abstratos” (Youtube, 27/03/21).

2. Você esteve associada a uma série de reportagens que questionavam o valor de seu trabalho e o valor que era cobrado. Salvo engano, não apenas com Dilma mas também com o Haddad. Isso afetou de alguma maneira o seu trabalho ou trouxe mais reconhecimento? Como foi para você na época?
3. É certo que houve e ainda há muita repercussão da mídia e dos discursos de opositores sobre a oratória da Dilma. Você, como profissional, como avalia isso? Quando a atendeu, avaliou qual era sua necessidade ou as demandas já chegaram via equipe do João Santana? Quais seriam essas demandas?
4. Você tem primeiro uma reunião com a equipe de marketing e depois com o/a candidata/o?
5. Como ocorreu sua relação com a equipe de marketing do Lula e da Dilma?
6. Há alguma outra candidata que você tenha trabalhado?

Política

1. Você já prestou serviços para campanhas presidenciais de Lula, Fernando Haddad, Aécio Neves e Dilma Rousseff. Como você preparava esses candidatos? Como consiste o seu método? Havia alguma distinção entre eles e candidatas mulheres? O que especificamente?
2. Foca-se apenas o/a político ou também na forma de oralidade do adversário?
3. Primeiro contato com a Dilma foi através de um trabalho com o Lula: Em que ano? Em qual campanha?

“Entender o porquê você se transformou em um candidato” (Olga Curado, Youtube, 27/03/21). Mesmo no caso de alguém que seja novato político e concorrendo pela primeira vez a um cargo com tanta projeção pública?

4. Integrou a equipe do João Santana? Mantém algum contato deles?
5. Quem cuidava de seus pagamentos era a Pólis Propaganda e Marketing? (Mônica e João Santana)
6. Quais os desdobramentos profissionais que você teve a prestar os serviços para Dilma e ao Partido político dela? O primeiro candidato do PT foi a Dilma?
7. Quanto tempo durou a consultoria para Dilma?
8. Qual é o problema dela com a oratória?
9. Qual o período que você trabalhou diretamente com a presidenta?
10. Dilma era muito insegura?
11. Você a acompanhava nos debates televisivos? Qual era a maior dificuldade dela?
12. Você passou alguns exercícios para serem feitos antes de algum debate/palanque/entrevista? Se lembra de algum episódio que ela tenha tido bastante dificuldade ou tenha se saído muito bem? Ela sendo uma novata em campanha política, era esforçada em aprimorar sua performance? Você achou um grande desafio prepará-la?

Linguagem e sotaque

Fama de durona, ideológica por formação e técnica por profissão, a ex-ministra Dilma Rousseff tem pacientemente escutado frases deste tipo: “O que interessa é a maneira como as coisas são ditas, não o conteúdo do que é dito.” Com atenção de aluna aplicada, houve recomendações sobre como se vestir, como se portar e até sobre o que precisa fazer para perder um certo ar de sofredora que estaria passando aos eleitores, conforme algumas pesquisas. (IstoÉ, 30/04/2010).

1. Segundo turno de 2010 contra José Serra (PSDB): “O staff do PT, reunido na última semana no QG da comunicação em Brasília, decidiu reduzir o ritmo de viagens de Dilma. O tempo livre será utilizado para ampliar as sessões de media training, com o intuito de aperfeiçoar a maneira de a candidata se expressar em público.” (IstoÉ, 30/04/2010).
2. Lições para Dilma: “Acostumada a utilizar uma linguagem técnica, a ex-ministra de Minas e Energia tem sido orientada a lançar mão de um discurso mais simples e acessível ao interlocutor, com frases curtas e diretas. Já de saída, a consultora Olga recomendou à candidata petista uma fonoaudióloga, cobrou obediência a seus conselhos (leia quadro) e começou um intenso treinamento, principalmente para as aparições na televisão. O objetivo é um só: Dilma precisa ser pragmática e medir gestos e palavras, se quiser ganhar as eleições.” (IstoÉ, 30/04/2010).
3. O sotaque mineiro, usando “cê” em vez de você foi uma estratégia?
4. Estratégias: “Dilma procura passar segurança. Assim mostra que está preparada para ocupar o lugar de Lula. Agora ela faz questão de chamar os entrevistadores pelo nome, sobretudo na televisão e no rádio. Confrontada com uma pergunta eventualmente mais dura, tem procurado manter a tranquilidade, ponto considerado fundamental nos treinamentos de Olga.” (IstoÉ, 30/04/2010).

Referências

FOLHA DE S.PAULO, 22/06/2018. *Meirelles procurou jornalista que treinou Lula para ajudá-lo na campanha* por Mônica Bergamo. Disponível: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/monicabergamo/2018/06/meirelles-procurou-jornalista-que-treinou-lula-para-ajuda-lo-na-campanha.shtml>, consulta: 05/03/2022.

ISTOÉ, 30/04/2010. *Os segredos da arrumação na campanha* por Alan Rodrigues, Sérgio Pardellas e Octávio Costa. Disponível: https://istoe.com.br/69661_OS+SEGREDOS+DA+ARRUMACAO+NA+CAMPANHA, consulta: 05/03/2022.

PRAGMATISMO POLÍTICO, 19/08/2010. *O padrão Olga Curado* por Luis Soares. Disponível: <https://www.pragmatismopolitico.com.br/2010/08/o-padrao-olga-curado.html>, consulta: 05/03/2022.

UOL, 29/09/2018. *Por R\$ 40 mil, consultora que treinou Dilma e Aécio trabalha com Haddad* por Ana Carla Bermúdez, Bernardo Barbosa e Nathan Lopes (29/09/2018). Disponível: <https://noticias.uol.com.br/politica/eleicoes/2018/noticias/2018/09/29/por-r-40-mil-consultora-que-treinou-dilma-e-aecio-trabalha-com-haddad.htm>, consulta: 05/03/2022.

YOUTUBE, 27/03/2021. *Canal Marco Antonio Villa, Entrevista com Olga Curado: “Bolsonaro tem problemas cognitivos”*. Disponível: <https://www.youtube.com/watch?v=0WxpV7VF6Hs>, consulta: 05/03/2022.

Roteiro- Entrevista com Pedro Rousseff

Data: 20/09/2023

Horário: 16hs

Local: *Online*

Biografia

1. Cuidado com o corpo: “*A beleza do rapaz roubou a cena e ele foi bombardeado com elogios. ‘Podem odiar a vontade, mas que genética a Dilma tem’, disse um internauta. ‘Inteligente e bonito’, comentou outra.*” (Contigo!, 22/12/2022). Como você reage ao assédio nas redes sociais? Acredita que isso possa gerar engajamento e auxiliar na divulgação de pautas importantes?
2. Como lida com a comparação com os filhos do Bolsonaro e com o filho de Lula?
3. Seus avós paternos, Igor (e Valquíria) e seu pai moram em Passatempo. Você morou lá por quanto tempo?
4. Por que se mudou para BH?

O filho Pedro [pai], que também atua como médico na cidade, tem uma casa na mesma rua. Os finais de semana de pai e filho geralmente são em Passa Tempo. (Folha S.Paulo, 18/10/2014).

5. A família da sua mãe é de qual cidade?
6. Você é filho único?

Política

1. Como surgiu seu interesse pela política?
2. Algo fomentado pela família? Qual a relação da sua família com a política?
3. Não havia trauma após tudo que aconteceu com a Dilma (presa política, depois as fake news envolvendo a família, o impeachment)?
4. Você se filiou ao PT em março de 2022 e logo passou a integrar a CNB?

A princípio, Pedro seria candidato a deputado estadual como herdeiro de Dilma, cujo domicílio eleitoral é em Belo Horizonte. Inclusive, o jovem se filiou ao PT ainda em março para ficar apto legalmente a uma candidatura neste ano. (O Tempo, 15/11/2022).

5. Você faz parte de organizações e movimentos estudantis?²⁸⁸
6. Qual a sua atuação no COMJUVE (Conselho Municipal de Juventude)?
7. Segundo reportagens (O Tempo e da Caras), você estaria almejando concorrer às eleições municipais para disputar como vereador. “*Despontando dentro do cenário político local, Pedro tem sido apontado como um forte nome para disputar o cargo de vereador de BH, em 2024.*” (Caras, 04/09/2023). Isso confere?
8. Você tem interesse em se alçar a cargos eletivos? Pensa em fazer uma carreira política? Segundo o jornal O Tempo, você teria planos de ser prefeito da capital mineira: “*Uma vaga na Câmara é o primeiro passo no projeto político de Pedro Rousseff. O petista teria como meta para o futuro ser eleito prefeito da capital mineira.*” (O Tempo, 15/11/2022).
9. Quem são seus padrinhos/madrinhas na política?

²⁸⁸ Pedro é ligado a movimentos estudantis e a organizações juvenis, como, por exemplo, o Levante Popular da Juventude, ligado ao PT, e à União da Juventude Socialista, vinculada ao PCB.

Pedro, então, apoiou a candidatura de Ricardo Campos (PT) à Assembleia Legislativa de Minas Gerais (ALMG), que, no final das contas, foi eleito com 43.690 votos. Agora, o deputado estadual eleito, cujo padrinho é o deputado estadual Virgílio Guimarães (PT), deve retribuir o apoio caso Pedro viabilize a candidatura para a Câmara Municipal de Belo Horizonte. (O Tempo, 15/11/2022).

10. Tem mais parentes por parte de mãe que também atuam na política?
11. Em 2014 seu avô Igor sofreu inúmeros ataques após a fala de Aécio Neves (no debate do SBT/UOL/Jovem Pan) de que ele seria um funcionário fantasma: “Igor foi assessor especial do prefeito de setembro de 2003 a dezembro de 2004. Entre março de 2005 e dezembro de 2008 foi assessor na Secretaria de Planejamento.” (Folha S.Paulo, 18/10/2014).
12. Em entrevista para a Folha de S.Paulo, seu pai afirmou que você sofreu *bullying* na escola por conta dessa *fake news*. Como foi o período para você passar o auge da adolescência rodeado por discursos de ódio?

“Pedro Rousseff conta que essa é a parte mais ‘chata’ da política. Como exemplo, ele relata as brincadeiras que o filho adolescente sofreu na escola em Belo Horizonte, nesta sexta (17).” (Folha S.Paulo, 18/10/2014).

13. Como seus pais reagiram à situação? Não temiam que você entrasse para a política?

Cultura

1. Você cursou administração em qual universidade? Se formou em qual ano?
2. Não quis seguir os passos do seu pai na medicina? Por que escolheu esse curso?
3. Onde você cursou o ensino médio?
4. Seu pai é médico, seu avô paterno é advogado e qual a profissão da sua mãe?
5. Sabe informar onde seu avô cursou direito? “Advogado, ele já estudou história, jornalismo e hotelaria, e aprendeu a pilotar aviões -quase tirou a habilitação para aeronaves, segundo o filho.” (Folha S.Paulo, 18/10/2014).

Genealogia familiar

1. Ao fazer a genealogia familiar, estou com muita dificuldade de encontrar informações sobre sua bisavó materna (Dilma Jane). Você saberia informar o nome da trisavó? O avô se chamava Odílio Silva e era da Bahia mas e a esposa?
2. Você tinha uma relação próxima com a sua bisavó, Dilma Jane?
3. Guilherme Rousseff Canaan, procurador do ES, em entrevista ao Jornal A Tribuna do Espírito Santo, afirmou em 21/10/2010, que era filho da irmã de Dilma (ou seja, da Zana Lúcia). Isso confere?
4. Você e sua família estiveram presentes nas posses de Dilma?
5. Vocês frequentavam Brasília?

Referências

A TRIBUNA, 21/10/2010. *Sobrinho de Dilma é Procurador do Estado*. Disponível: <http://www.camaraserra.es.gov.br/clippping/ler/1192/sobrinho-de-dilma-e-procurador-do-estado>, consulta: 02/02/2022.

AREA VIP, 02/01/2023. *Gil do Vigor leva “fora” de sobrinho de Dilma Rousseff*. Disponível: <https://www.areavip.com.br/famosos/gil-do-vigor-leva-fora-de-sobrinho-de-dilma-rousseff/>, consulta: 11/12/2024.

CARAS UOL, 04/09/2023. *Quem é o sobrinho de Dilma? Conheça Pedro Rousseff, o crush de Gil do Vigor.* Disponível:

<https://caras.uol.com.br/atualidades/quem-e-o-sobrinho-de-dilma-conheca-pedro-rousseff-o-crush-de-gil-do-vigor.phtml>, consulta: 11/12/2024.

CENTRO DE CARDIOLOGIA, s/d. *Dr. Pedro Rousseff.* Disponível: <https://cardiologiahmt.com.br/equipe/pedro-rousseff>, consulta: 11/12/2024.

CONTIGO, 22/12/2022. *Sobrinho-neto de Dilma Rousseff faz sucesso com corpão sarado na web: “Que gato”.* Disponível:

<https://contigo.uol.com.br/noticias/famosos/sobrinho-neto-de-dilma-rousseff-faz-sucesso-com-corpao-sarado-na-web-que-gato.phtml>, consulta: 11/12/2024.

ESTADÃO, 08/03/2006. *Minha filha, Dilma Rousseff.* Disponível: <https://www.estadao.com.br/economia/a-economia-no-novo-governo/minha-filha-dilma-rousseff/>

FOLHA DE S.PAULO, 18/10/2014. *Não damos trabalho a Dilma, diz sobrinho da presidente.* Disponível: <https://m.folha.uol.com.br/poder/2014/10/1534471-nao-damos-trabalho-a-dilma-diz-sobrinho-da-presidente.shtml?cmpid=menupe>, consulta: 11/12/2024.

ISTOÉ, 01/11/2010. *A história do pai.* Disponível: https://istoe.com.br/103655_A+HISTORIA+DO+PAI, consulta: 11/12/2024.

JORNAL DE BRASÍLIA, 18/02/2023. *Filho de Lula e sobrinho-neto de Dilma viram sensação nas redes sociais.* Disponível:

<https://jornaldebrasil.com.br/blogs-e-colunas/marcelo-chaves/filho-de-lula-e-sobrinho-neto-de-dilma-viram-sensacao-nas-redes-sociais>, consulta: 11/12/2024.

LUPA, 16/12/2022. *É falso que sobrinho de Dilma Rousseff ‘armou’ atos de vandalismo em Brasília.* Disponível: <https://lupa.uol.com.br/jornalismo/2022/12/16/sobrinho-dilma-rousseff-vandalismo-brasil>, consulta: 11/12/2024.

O TEMPO, 15/11/2022. *Sobrinho-neto de Dilma Rousseff articula candidatura a vereador em BH.* Disponível: <https://www.otempo.com.br/politica/aparte/sobrinho-neto-de-dilma-rousseff-articula-candidatura-a-vereador-em-bh-1.2766447>, consulta: 11/12/2024.

SPLASH UOL, 01/01/2023. *Marido de Gil do Vigor? Saiba quem é o sobrinho-neto de Dilma Rousseff.* Disponível:

<https://www.uol.com.br/splash/noticias/2023/01/02/marido-de-gil-do-vigor-saiba-quem-e-o-sobrinho-neto-de-dilma.htm?cmpid=copiaecola>, consulta: 11/12/2024.

VEJA, 03/02/2023. *A enquete do sobrinho-neto de Dilma que ouriçou o eleitorado feminino.* Disponível: <https://veja.abril.com.br/coluna/veja-gente/a-enquete-do-sobrinho-neto-de-dilma-que-ouricou-o-eleitorado-feminino>, consulta: 11/12/2024.

Roteiro- Entrevista com Fernando Pimentel

Data: 21/02/2024

Horário: 11hs

Local: EMGEA, Brasília

Trajetória

- Nasceu em 31/03/1951 em BH - 4 anos de diferença de Dilma.
- Pai de três filhos, é formado em economia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-MG), e mestre em Ciência Política pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).
- Interrogatório em Juiz de Fora em 1972: Em 1970, no Rio Grande do Sul, foi preso pela ditadura, permanecendo detido até 1973.
- Em 1980 ajudou a fundar o Partido dos Trabalhadores (PT) em Minas Gerais.

Pimentel é egresso de uma família sem tradição em BH, mas que prosperou rapidamente. O pai de Dilma foi um imigrante búlgaro que tornou-se advogado da multinacional Mannesmann. O pai de Pimentel, um pastor da Igreja Metodista, que tornou-se dono de uma bem sucedida loja de estofados e cortinas, a BH Couros. A empresa ainda existe e em sua carteira de clientes, disponível na internet, são relacionadas empreiteiras como Andrade Gutierrez, Cowan e Odebrecht, e grandes empresas como Fiat, Vale, AngloGold Ashanti, Magnesita e Cemig. (Valor Econômico, 16/12/2010, Política, p. A8).

Educacional

- Pimentel, você e a Dilma possuem uma trajetória muito similar: tanto na militância, como na economia/ pela vida acadêmica e depois como quadros políticos.
- O senhor poderia me falar um pouco sobre sua família? Havia outras pessoas inseridas na política?
- Seus filhos/familiares têm interesse na política institucional? [sofrimento em função de perseguição política]
- Quantos irmãos você tem? (Estudaram também na Central Estadual?)
- Onde você cursou a escola de infância?
- Como era o processo seletivo do Estadual Central? Era necessário ter um grande repertório de capital cultural para desenvolver uma melhor socialização naquele espaço?
- Como foi o processo seletivo para a PUC-MG? Você havia tentado ingressar em outras universidades também?
- O que lhe inclinou ao curso de economia?
- Na sua formação na graduação, você sente que havia certos tipos de boicotes ou repressão a determinadas matérias?
- Tornou-se mestre em ciência política pela UFMG na década de 1980.
- Foi Coordenador do Centro de Extensão da Faculdade de Ciências Econômicas da UFMG e, desde agosto de 1978, como professor assistente do Departamento de Economia.
- Deu aula na Universidade de Salamanca após 2018.

Militância

“Fernando Pimentel, é descrito na ficha policial como: “um profissional da subversão”.” (R7, 13/12/2017).

- Como você descreveria o clima político e cultural de Belo Horizonte na década de 60/70? Era um caminho natural participar da militância política?
- Como era o clima no Estadual Central?

- Vinculado ao grupo de guerrilha VAR-Palmares, foi perseguido pelos órgãos de repressão e viveu na clandestinidade.
- Em uma reportagem, li que seu pai havia lhe indicado para que você se entregasse ao exército mas não fez isso, e acabou ficando na clandestinidade. Essa história confere?
- Como se organizavam a Colina (grupo armado) e Polop? Havia certas hierarquias designadas em função do sexo/gênero na hora da atribuição de atividades? Pimentel, como era vista a participação das mulheres na militância no período ditatorial? Na Colina, por exemplo...
- Qual a posição que o senhor e a Dilma ocupavam dentro da POLOP? Vocês tinham muito contato?
- Qual o contexto da fotografia do Tribunal Militar em Juiz de Fora?

No livro de 1972, há a condenação da presidente Dilma Rousseff, por crimes contra a segurança nacional, e a absolvição do governador de Minas, Fernando Pimentel, sob a alegação de menoridade no período relatado no processo. (G1, 26/07/2015).

No mesmo processo em que Dilma e Pimentel são réus, também estão o ex-marido da presidente Cláudio Galeno de Magalhães Linhares e outros 25 militantes políticos. Onze deixaram de ser julgados por, segundo a ata, terem "sido banidos do Brasil". Dez foram julgados à revelia. (G1, 26/07/2015).

Política

- Como foi seu ingresso na política institucional?

O primeiro cargo público de Fernando Pimentel foi o de secretário de Fazenda da Prefeitura de Belo Horizonte, em 1993, durante o governo de Patrus Ananias. Em 1997, já com Célio de Castro na Prefeitura, Pimentel passou ao cargo de secretário de Governo, Planejamento e Coordenação Geral (O Tempo, 21/07/2014).

- A vitória de Patrus Ananias à Prefeitura de BH levou Pimentel para a Secretaria de Finanças em 1993, cargo em que ficou por sete anos.
- Em 2000, ganhou o cargo de vice-prefeito no segundo mandato de Célio de Castro. No ano seguinte, assumiu a prefeitura.
- Foi Prefeito de BH de 2003-2008.²⁸⁹
- Em 2010 foi derrotado na disputa pelo Senado Mineiro: *"Agradeço aos 4,5 milhões eleitores que confiaram na minha candidatura e me deram os seus votos (...) A travessia prossegue. Sem ressentimentos, com espírito elevado e fé no futuro. Vamos à luta e à vitória", afirmou.* (Folha de S.Paulo, 03/10/2010).

2010: Aliado de Rui Falcão e adversário de Patrus Ananias

*Pimentel dividiu-se entre duas disputas internas: a pública, contra a ala de Patrus Ananias, pelo controle do partido em Minas e a subterrânea, para garantir espaço no comando da campanha de Dilma, com o deputado estadual paulista Rui Falcão. Pimentel afastou-se de Brasília para ser candidato ao Senado. O resquício das **brigas internas** acabou fazendo chegar à imprensa um dos episódios mais polêmicos da campanha, a suposta articulação para se ter acesso a dados sigilosos de tucanos e parentes do candidato presidencial derrotado José Serra, que haviam sido vazados da Receita Federal. (Valor Econômico, 16/12/2010, Política, p. A8).*

²⁸⁹ A presença na Prefeitura se estendeu até 2008 já que, em 2004, Fernando Pimentel foi reeleito por mais quatro anos à frente do Executivo municipal. Foi prefeito de Belo Horizonte de 2003 a 2008.

- Foi ministro do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior do Brasil do Governo Dilma Rousseff entre 1º de janeiro de 2011 e 12 de fevereiro de 2014.
- Alvo da Operação Acrônimo 2011: investigações sobre consultorias prestadas (Folha de S.Paulo, 03/10/2010).
- O ex-prefeito de Belo Horizonte Fernando Pimentel venceu ontem as prévias em 2014 que escolheram o pré-candidato do PT ao governo de Minas Gerais. Ele bateu o ex-ministro do Desenvolvimento Social Patrus Ananias por 52% (16.346 votos) a 48% (15.093), uma diferença de apenas 1.253 votos.
- Absorvido de processos que o acusavam de caixa dois durante a campanha eleitoral de 2014 e tráfico de influência durante a ocupação dos ministérios. Perseguição judicial que afetou sua família, causando sofrimento e prejudicando o capital político (reputação).
- Eleito governador de MG em 2014, vencendo Pimenta da Veiga (ex-ministro das Comunicações no governo FHC) -- derrotando a hegemonia do PSDB que governou o estado por 12 anos seguidos, com Aécio Neves e Antônio Anastasia.

“Acordo informal feito por Pimentel com o inimigo, o PSDB, para eleger Marcio Lacerda à prefeitura de BH em 2008. À época Pimentel e Aécio alinhavaram e conduziram Lacerda à prefeitura de BH.” (Terra, 05/10/2014).

- Tentativas de *impeachment* enquanto era governador: *“Tudo o que vocês [jornalistas] queriam, não é? Por que eu afastaria o Pimentel? Você já condenou?”* (Folha de S.Paulo, 08/10/2014).
- Defesa de Dilma à Pimentel
“Os tucanos de Minas estão tentando fazer com o governo de Fernando Pimentel o mesmo que fizeram contra o meu governo, com o auxílio de Eduardo Cunha, depois que perderam a eleição presidencial de 2014. Aqui e agora, sabotam e bloqueiam as iniciativas do Governo Pimentel no enfrentamento da crise financeira herdada dos governos Aécio e Anastasia.” (Dilma, 17/06/2018).²⁹⁰
- Disputa com Patrus Ananias
“Pimentel passou sete anos na prefeitura em conflito permanente com a ala comandada por Patrus, que não aceitou a sua decisão de aliar-se ao então governador mineiro, Aécio Neves, na eleição para sua sucessão em 2008, da qual resultou eleito Márcio Lacerda (PSB). Na ocasião chegou a ser convidado para deixar o PT e ingressar no PSB. Pimentel comentou a interlocutores que jamais considerou a hipótese, mesmo sabendo do risco de não conseguir ser candidato ao governo de Minas, como de fato não foi, dois anos depois.” (Valor Econômico, 16/12/2010, Política, p. A8).

Relação de confiança com Dilma

- Como é a relação entre você e a Dilma? Você se lembra de como se conheceram?
- Frequentavam os mesmos espaços? Quais eram?
- Aécio Neves, por exemplo, foi descrito em uma reportagem da Folha de S.Paulo como alguém que estava sempre próximo geograficamente de Dilma -- seja nos colégios que frequentava, ou no clube, região onde morava. Você, como uma das principais vozes políticas mineiras, vê que existem alguns pontos em comum entre eles? Onde as trajetórias se interseccionam? BH é um espaço de formação de quadros políticos?
- Na época da militância, você tinha contato apenas com Dilma e o Claudio Galeno ou também com o irmão dela, Igor?

²⁹⁰ C.f.: <https://dilma.com.br/resistencia-de-pimentel/>, consulta: 20/02/2024

- Dilma é sempre descrita como alguém muito autoritária e dura. Como você avalia isso? Existe alguma diferença entre a personalidade dela nos bastidores e no âmbito profissional?
- Você vê que essa “dureza” pode ter sido fruto de todos os percalços passados por vocês... perseguidos políticos?

“Indagada se confia no governador eleito de Minas, respondeu: “Eu confio, sim, no Pimentel. Acho que o Pimentel é uma pessoa interessantíssima, [para] que se pergunte se eu quero afastar ele da minha campanha. Por que? Porque ele foi o governador que derrotou o candidato do Aécio Neves?” (Folha de S.Paulo, 08/10/2014).

“A ligação entre Pimentel e Dilma é amplamente conhecida: os dois foram colegas do à época curso clássico no Colégio Estadual Central em BH, no começo dos anos 60. Ambos foram juntos para a luta armada e militaram na VAR-Palmares entre 1969 e 1970. Dilma foi presa em janeiro daquele ano. Pimentel, que saiu da VAR-Palmares para retornar à VPR, foi preso em abril, em Porto Alegre. Ficou dois anos e nove meses em regime de isolamento, seis meses em regime prisional normal e foi solto, sob condicional, em 1973.” (Valor Econômico, 16/12/2010, Política, p. A8).

- Pimentel na coordenação de sua campanha à reeleição em 2014.
- Um dos coordenadores da pré-campanha presidencial da ministra Dilma em 2010 (Casa Civil)
- Segundo uma matéria da Folha de S.Paulo (22/02/2010), Lula teria definido o senhor como o representante mais autêntico da “turma da Dilma”. Quem conformaria essa turma? O senhor está de acordo com o título?
- Ministro do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior: escolha pessoal de Dilma?

*“Pimentel é o primeiro **ministro da cota pessoal de Dilma** a cair em desgraça. Todos os outros ou foram herdados do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva ou indicados por partidos aliados. Na prática, nem mesmo a ala majoritária do PT queria que ele fosse ministro.” (Estadão, 10/12/2011a).*

Candidatura de Dilma

- Pimentel, você pode me descrever um pouco como eram as disputas no PT sobre a candidatura de Dilma? Quais eram os debates sobre a escolha de Dilma como sucessora? Ou não houve muitos debates sobre isso?
- Quais fatores você avalia que foram essenciais para que Dilma saísse como sucessora de Lula em 2010? O mensalão foi um fator importante?
- Quais eram as disputas internas no PT a respeito do nome de Dilma? Como ela era vista? Pq inicialmente as sondagens demonstraram que Dilma estaria em desvantagem em relação à Marina e ao Serra...
- A pergunta de um milhão: Por que Dilma foi a escolha de Lula? O senhor avalia que o campo político latino-americano estava mais favorável à eleição de uma mulher?
- Ela tinha pretensão de estar na cena pública como uma política eleita?
- É verdade que o senhor e a Luizianne Lins fizeram uma ponte entre Dilma e Duda Mendonça em 2010 para que ele fosse o responsável pela campanha presidencial?
- Como foi construída a campanha de Dilma?
- Como você avalia a relação de Dilma com as câmeras?

Atualmente: Foi nomeado para presidir a EMGEA pelo ministro da Fazenda, Fernando Haddad, em 4 de abril de 2023 (subordinada ao Ministério da Fazenda e é responsável pela gestão de ativos provenientes da União e de outras entidades da administração pública federal).

- Disputas internas: Pimentel, segundo uma reportagem do Estadão, durante a campanha de 2010 de Dilma houve disputas entre você e um núcleo do PT em São Paulo (Rui Falcão) para obter espaço na equipe de comunicação. Em que consistia esses confrontos? Quais eram as ideias que estavam em embate?
- Como foi a adaptação dela à função de pré-candidata e candidata à presidência? Olga Curado auxiliou nesse sentido? O senhor que já tinha mais experiência nas disputas eleitorais avalia que qual teve que ser sua maior transformação? Viu como necessária uma mudança estética também?

“Pimentel considera que um pré-candidato precisa se desvencilhar de uma linguagem mais técnica e analítica dos tempos de governo. - Na sua nova função, uma linguagem objetiva facilita para não perdermos tempo nas entrevistas, por exemplo - argumenta.” (GHZ, 28/04/2010).

- Quem integrava sua equipe de coordenação da campanha?

Pimentel coordena a campanha de Dilma ao lado do ex-ministro Antônio Palocci e do presidente do PT, José Eduardo Dutra. (GHZ, 28/04/2010).

*Ex-prefeito, o ministro coleciona brigas com seu partido. Em 2008, entrou em rota de colisão com a cúpula do PT por organizar o casamento petista com o PSDB do então governador Aécio Neves para apoiar Lacerda. O confronto se repetiu no ano passado, quando ele disputou uma prévia com Patrus Ananias ao governo de Minas, venceu, mas abriu mão da candidatura para Hélio Costa, do PMDB, em troca da adesão do partido à campanha de Dilma. Em 2012, Pimentel quer apoiar a reeleição de Lacerda contra fatia do PT, comandada por Carvalho, que luta por candidatura própria. Dossiê. **No ano passado, quando integrava a coordenação da campanha de Dilma, ele também se indispôs com o grupo petista de São Paulo que brigava por mais espaço na equipe de comunicação e teve o nome envolvido numa guerra de dossiês.**²⁹¹ (Estadão, 10/12/2011b).*

- Na época das eleições, foi alvo de acusações de José Serra por encomendar dossiês.

Ele nega qualquer relação da campanha de Dilma com o suposto dossiê contra o presidencialista tucano, José Serra, que envolveu o jornalista Luiz Lanzetta, dono da Lanza Comunicações, até então contratado pelo PT para as eleições. (O Globo, 11/06/2010).

- Na campanha de 2014, em razão da rotina extenuante, Dilma engordou demais. Celso Kamura me disse que o João Santana comentava que ela estava parecendo “um homem” com o cabelo curtinho. Então eu queria a sua perspectiva, como alguém próximo e que ao mesmo tempo, é um homem inserido no campo da política, sobre a cobrança imagética/estética de se enquadrar em determinados padrões de beleza.
- O senhor já sofreu alguma crítica a respeito de sua vestimenta, sua forma de se portar? Acha que essas cobranças são mais fortes para as mulheres na política?

²⁹¹ Acusação de Serra à Pimentel que teria, supostamente, encomendado dossiês sobre os tucanos (C.f.: Folha de S.Paulo, 23/07/2010).

- A fama de que Dilma seria um “poste” ou que foi simplesmente escolhida retira o protagonismo e a competência técnica de Dilma. O senhor sempre se colocou na defesa dela: o senhor acredita que isso tenha a ver com o gênero e/ou com o fato de não ter disputado anteriormente as eleições?

João Santana e o marketing

- Como era sua relação com a equipe do João Santana? Havia atritos entre a equipe?
- Na biografia do João Santana, ele fala que você e Luizianne Lins queriam que Duda Mendonça fizesse a campanha de 2010. Isso confere? O que pesou para que João Santana fosse escolhido por Dilma e pelo PT?
- A Presidenta tinha muita divergência com a equipe do João Santana?
- Como foi coordenar a campanha de reeleição em 2014?
- Durante as reuniões da equipe de *marketing* e do núcleo do PT, como era o debate para tentar decidir como ela deveria se apresentar, como devia ser construída essa imagem dela ao longo das primeiras campanhas presidenciais?
- As imagens e toda publicidade usada durante as campanhas de postos de destaque costumam ser armazenadas em algum acervo?

Referências

ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DE MINAS GERAIS, 01/01/2015. *Conheça a trajetória do governador Fernando Pimentel*. Disponível: <https://www.almg.gov.br/comunicacao/tv-assembleia/videos/video?id=876185&tagLocalizacao=90>, consulta: 27/01/2024.

BRASIL DE FATO MG, 08/05/2018. *Editorial: Porque querem o impeachment de Pimentel?*. Disponível: <https://www.brasilefatomg.com.br/2018/05/08/editorial-or-porque-querem-o-impeachment-de-pimentel/>, consulta: 20/02/2024.

CMV-JF: https://www.pjf.mg.gov.br/comissaodaverdade/documentos/relatorio_final_cmv_jf.pdf, consulta: 27/01/2024.

G1, 15/12/2010. *Pimentel cultivava amizade com Dilma desde época da militância estudantil*. Disponível: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2010/12/pimentel-cultiva-amizade-com-dilma-desde-epoca-da-militancia-estudantil.html>, consulta: 27/01/2023.

ESTADÃO, 10/12/2011a. *Dilma pede a Pimentel que faça como ela e resista*. Disponível: <https://www.estadao.com.br/politica/dilma-pede-a-pimentel-que-faca-como-ela-e-resista/>, consulta: 27/01/2023

_____, 10/12/2011b. *Dilma lembra ataques que sofreu como ministra e dá ordem a Pimentel: 'Resista'*. Disponível: <https://www.estadao.com.br/politica/eleicoes/dilma-lembra-ataques-que-sofreu-como-ministra-e-da-orde-m-a-pimentel-resista-imp->, consulta: 26/01/2024.

ESTADO DE MINAS, 27/08/2018. *Pimentel nega atrito com Dilma durante campanha para as eleições em Minas*. Disponível: https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2018/08/27/interna_politica,983845/pimentel-nega-atrito-com-dilma-durante-campanha-para-as-eleicoes-em-mi.shtml, consulta: 21/01/2024.

EXAME, 05/08/2018. *PT formaliza candidaturas de Pimentel e Dilma em Minas*. Disponível: <https://exame.com/brasil/pt-formaliza-candidaturas-de-pimentel-e-dilma-em-minas>, consulta: 26/03/2023.

FOLHA DE S.PAULO, s/d. *Candidatos ao Senado: Fernando Pimentel*. Disponível: https://www1.folha.uol.com.br/especial/2010/eleicoes/fichadecandidatos/senador/fernando_pimentel.shtml, consulta: 07/02/2024

_____, 22/02/2010. *“Se eleita, Dilma não ficará refém do PT”*. Disponível: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc2202201013.htm>, consulta: 20/02/2024.

_____, 23/07/2010. *Acusado de coordenar dossiê, Fernando Pimentel diz que vai processar Serra*. Disponível: <https://m.folha.uol.com.br/poder/2010/07/771664-acusado-de-coordenar-dossie-fernando-pimentel-diz-que-vai-processar-serra.shtml>, consulta: 05/02/2022.

_____, 03/10/2010. *Fernando Pimentel diz não ter ressentimento por derrota e pede apoio para Dilma* por Rodrigo Vizeu. Disponível:

<https://m.folha.uol.com.br/poder/2010/10/809213-fernando-pimentel-diz-nao-ter-ressentimento-por-derrota-e-pede-apoio-para-dilma.shtml>, consulta: 07/02/2024.

_____, 08/10/2014. *Dilma diz que não aceitará 'condenação' de Pimentel em caso do avião* por Daniel Carvalho. Disponível:

<https://m.folha.uol.com.br/poder/2014/10/1529526-dilma-diz-que-nao-aceitara-condenacao-de-pimentel-em-caso-do-aviao.shtml?cmpid=comptw>, consulta: 27/01/2023.

_____, 05/08/2018. *Dilma lança candidatura em MG ao lado de Pimentel*. Disponível: <https://fotografia.folha.uol.com.br/galerias/1607972494227383-dilma-lanca-candidatura-em-mg-ao-lado-de-pimentel>, consulta: 26/03/2023.

G1, 26/07/2015. *Digitalizada, ata com sentença de Dilma poderá ser acessada em site* por Marcelo Remigio. Disponível:

<https://oglobo.globo.com/politica/digitalizada-ata-com-sentenca-de-dilma-podera-ser-acessada-em-site-16967964>, consulta: 20/02/2024.

GHZ, 28/04/2010. *Coordenador da campanha diz que Dilma é treinada para se expressar com mais objetividade*. Disponível:

<https://gauchazh.clicrbs.com.br/pioneiro/politica/noticia/2010/04/coordenador-da-campanha-diz-que-dilma-e-treinada-para-se-expressar-com-mais-objetividade-2886988.html>, consulta: 20/02/2024.

O TEMPO, 21/07/2014. *Fernando Pimentel lutou na ditadura e foi ministro do governo Dilma*. Disponível: <https://www.otempo.com.br/hotsites/elei%C3%A7%C3%B5es-2014/candidatos/governadores/fernando-pimentel-lutou-na-ditadura-e-foi-ministro-do-governo-dilma-1.885736>, consulta: 26/03/2023.

R7, 13/12/2017. *Vêja fotos das fichas de Dilma e Pimentel na ditadura militar* por Daniel Camargos. Disponível: https://noticias.r7.com/minas-gerais/veja-fotos-das-fichas-de-dilma-e-pimentel-na-ditadura-militar-13122017?utm_source=link_direto&utm_medium=share-bar&utm_campaign=r7-topo, consulta: 26/03/2023.

VALOR ECONÔMICO, 16/12/2010, Política, p. A8. *Pimentel deve reafirmar prioridade ao mercado interno* por Paulo de Tarso Lyra. Disponível: https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/463430/complemento_1.htm?sequence=2, consulta: 07/02/2024.

VEJA, 01/05/2018. *Por causa de Dilma, todos contra Pimentel em Minas Gerais* por Ricardo Noblat. Disponível: <https://veja.abril.com.br/coluna/noblat/por-causa-de-dilma-todos-contra-pimentel-em-minas-gerais>, consulta: 27/01/2023.

_____, 13/07/2018. *Dilma, o escudo de Fernando Pimentel: Candidata até ser impugnada* por Ricardo Noblat. Disponível: <https://veja.abril.com.br/coluna/noblat/dilma-o-escudo-de-fernando-pimentel>, consulta: 26/03/2023.

Levantamento de referências sobre Dilma no Estadão e Folha de S.Paulo

Período	Contexto	Estadão	Folha de S.Paulo
01/01/1995 - 31/12/2001	Data mais antiga disponível no sistema de buscas do site do Estado de S. Paulo e o ano de filiação de Dilma no PT	<i>Sem resultado</i>	18
01/01/2002- 22/06/2005	Ano de filiação de Dilma ao PT até um dia após deixar o cargo de Ministra de Minas e Energia do governo Lula	354	504
23/06/2005 - 03/04/2010	Um dia após a busca anterior, já empossada como Ministra da Casa Civil do segundo governo Lula até a data em que declina de seu cargo para concorrer às eleições presidenciais	8.768	9.565
04/04/2010 - 14/06/2010	Período entre a saída da Casa Civil e um dia após a oficialização de sua candidatura presidencial pelo PT ²⁹²	2.134	1.806
15/06/2010 - 03/10/2010	Período de campanha eleitoral desde a saída do cargo de Ministra até o primeiro turno	4.358	3.880
04/10/2010 - 31/10/2010	Período entre o primeiro e segundo turno eleitoral, sendo o dia 31, a divulgação da vitória de Dilma Rousseff	2.107	1.754
01/11/2010 - 02/01/2011	Período entre a vitória eleitoral e um dia após a posse presidencial	3.846	2.299
2011 - 2014	<i>Primeiro governo de Dilma</i>	<i>Não se aplica</i>	
05/10/2014 - 26/10/2014	Período entre o primeiro e segundo turno eleitoral, sendo o dia 31 a data da vitória de Rousseff	1.772	1.548
27/10/2014 - 02/01/2015	Período entre a vitória eleitoral e um dia após a posse presidencial	2.240	2.556
Total de recorrências ao nome de Dilma		25.579	24.433

Fonte: Autoria própria (2022).

Pesquisa no Repositório da CAPES

A coleta de dados foi realizada entre os dias 03, 04, 05 e 06 de abril de 2023.

Doutorado

Impeachment (8)

1. SANTOS, LOURIMAR RABELO DOS. **O IMPEACHMENT (?) DE DILMA VANNA ROUSSEFF'** 21/12/2018 141 f. Doutorado em CIÊNCIA POLÍTICA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO, Rio de Janeiro Biblioteca Depositária: IESP-UERJ.
2. SANTANA, MARCELA SILVA DE. **UM GOLPE QUADRO A QUADRO:** A cobertura do impeachment de Dilma Rousseff no Jornal Nacional' 30/11/2022 204 f. Doutorado em SOCIOLOGIA Instituição de

²⁹² Optei por selecionar sempre um dia após a data específica ou ao evento pois há maiores reverberações nos meios de comunicação no dia seguinte. É de interesse da pesquisa, o mapeamento quantitativo das repercussões do campo midiático sobre a agente em questão.

Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO, Recife Biblioteca Depositária: Biblioteca do CFCH.

3. GUILHERME, CASSIO AUGUSTO SAMOGIN ALMEIDA. **O JORNAL O ESTADO DE S. PAULO NO IMPEACHMENT DE 2016: FORJANDO O CONSENSO CONTRA O LULISMO (2011-2016)**' 23/07/2021 347 f. Doutorado em HISTÓRIA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ, Maringá Biblioteca Depositária: BCE.
4. PINHEIRO, CYNTHIA GOMES. **É GOLPE? METÁFORAS CONCEPTUAIS DO IMPEACHMENT DA PRESIDENTE DILMA**' 27/03/2019 184 f. Doutorado em LINGÜÍSTICA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA (JOÃO PESSOA), João Pessoa Biblioteca Depositária: BC - UFPB.
5. SANTOS, EBIDA ROSA DOS. **Qualidade no jornalismo político brasileiro: a cobertura do processo de impeachment de Dilma Rousseff.**' 05/07/2019 197 f. Doutorado em COMUNICAÇÃO Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, Brasília Biblioteca Depositária: BCE.
6. PAULA, JOSINALDO PEREIRA DE. **PLANO DE TEXTO REFERENCIAL E REPRESENTAÇÕES DISCURSIVAS DOS TEMAS EDUARDO CUNHA E DILMA ROUSSEFF NA DEFESA DA PRESIDENTA NO PROCESSO DE IMPEACHMENT**' 25/03/2021 198 f. Doutorado em LETRAS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE, Pau dos Ferros Biblioteca Depositária: CAPF/UERN.
7. BRAGA, FELIPE DE QUEIROZ. **A FIESP na crise política do impeachment de Dilma Rousseff** 16/12/2022 395 f. Doutorado em CIÊNCIA POLÍTICA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS, Campinas Biblioteca Depositária: biblioteca digital Unicamp.
8. COSTA, GUILHERME BORGES FERREIRA. **DO PÚLPITO AO PALANQUE DISCURSOS RELIGIOSOS NA ASCENSÃO E QUEDA DA PRESIDENTE DILMA ROUSSEFF**' 25/06/2021 210 f. Doutorado em SOCIOLOGIA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, São Paulo Biblioteca Depositária: BIBLIOTECA FLORESTAN FERNANDES - FFLCH/USP.

Teses na Sociologia (4)

1. SANTANA, MARCELA SILVA DE. **UM GOLPE QUADRO A QUADRO: A cobertura do impeachment de Dilma Rousseff no Jornal Nacional**' 30/11/2022 204 f. Doutorado em SOCIOLOGIA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO, Recife Biblioteca Depositária: Biblioteca do CFCH.
2. LOPES, MONALISA SOARES. **NARRATIVAS SIMBÓLICAS DO LULISMO: UMA ANÁLISE DAS CAMPANHAS ELEITORAIS DE DILMA ROUSSEFF (2010 E 2014)** ' 29/07/2016 undefined f. Doutorado em SOCIOLOGIA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ, Fortaleza.
3. SILVA, FLAVIO SANTOS DA. **Mulher no poder: o discurso político das presidentas Dilma Rousseff, Michelle Bachelet e Cristina Kirchner endereçado às mulheres: uma análise de discurso**' 15/12/2017 undefined f. Doutorado em SOCIOLOGIA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS, Goiânia.
4. COSTA, GUILHERME BORGES FERREIRA. **DO PÚLPITO AO PALANQUE DISCURSOS RELIGIOSOS NA ASCENSÃO E QUEDA DA PRESIDENTE DILMA ROUSSEFF**' 25/06/2021 210 f. Doutorado em SOCIOLOGIA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, São Paulo Biblioteca Depositária: BIBLIOTECA FLORESTAN FERNANDES - FFLCH/USP.

Mestrado

Impeachment (106)

1. FERREIRA, BARBARA MIRANDA SECCO. **"Tchau,querida!" - O enquadramento noticioso na cobertura do impeachment da primeira mulher na presidência do Brasil**' 14/10/2017 170 f. Mestrado

- em COMUNICAÇÃO Instituição de Ensino: PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO, Rio de Janeiro Biblioteca Depositária: DBD PUC RIO.
2. SILVA, TIAGO MATHIAS DA. **REPRESENTAÇÕES NA REVISTA VEJA: A EX-PRESIDENTE DILMA ROUSSEFF NOS PERÍODOS DE ELEIÇÃO, REELEIÇÃO E IMPEACHMENT** ' 24/06/2019 127 f. Mestrado em COMUNICAÇÃO Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE PAULISTA, São Paulo Biblioteca Depositária: UNIVERSIDADE PAULISTA - UNIP.
 3. BEDRITCHUK, RODRIGO RIBEIRO. **DA POPULARIDADE AO IMPEACHMENT: Medidas provisórias, mudanças institucionais e a crise política no governo Dilma**' 09/12/2016 166 f. Mestrado em CIÊNCIA POLÍTICA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, Brasília.
 4. OLIVEIRA, NATALIA PIRES. **MOVIMENTO ESTUDANTIL LIBERAL: DE JUNHO DE 2013 AO IMPEACHMENT DE DILMA ROUSSEFF**' 05/06/2020 undefined f. Mestrado em Sociologia Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA, Londrina.
 5. LIMA, VANESSA MONTEIRO. **O DIREITO FORA DO SEU "MUNDO": O IMPEACHMENT DE DILMA ROUSSEFF NO JORNAL NACIONAL**' 30/03/2022 71 f. Mestrado em DIREITO Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO SEMI-ÁRIDO, Mossoró Biblioteca Depositária: Biblioteca da Ufersa.
 6. BARROS, LUANA MAGALHAES DE. **SE UM DIA FUI PRESIDENTA, JÁ NÃO RECORDO: UM OLHAR SOBRE A COBERTURA JORNANÍSTICA DO PROCESSO DE IMPEACHMENT DE DILMA ROUSSEFF PELAS REVISTAS VEJA, ÉPOCA E ISTOÉ** ' 23/08/2018 110 f. Mestrado em COMUNICAÇÃO Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ, Fortaleza Biblioteca Depositária: Biblioteca de Humanidades.
 7. SILVA, ELBA SILVEIRA CHAGAS. **IMPEACHMENT DA PRESIDENTE DILMA ROUSSEFF: ESPETACULARIZAÇÃO E LEGITIMAÇÃO NA MÍDIA DA VEJA**' 08/02/2018 undefined f. Mestrado em LETRAS Instituição de Ensino: FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE, São Cristóvão.
 8. GHIORZI, ALESSANDRA CAROLINE. **"Dilma, guerreira, da Pátria Brasileira": discursos midiáticos sobre a primeira mulher presidenta do Brasil durante seu processo de Impeachment em 2016**' 09/03/2018 158 f. Mestrado em ANTROPOLOGIA SOCIAL Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA, Florianópolis Biblioteca Depositária: Biblioteca Universitária UFSC.
 9. SANTANA, CASSIO SANTOS. **DA SOCIEDADE EM PROCESSOS DE MEDIATIZAÇÃO: VARIAÇÕES ENUNCIATIVAS NA CONSTRUÇÃO DO IMPEACHMENT DE DILMA ROUSSEFF NOS JORNAIS FOLHA DE S. PAULO E O ESTADO DE S. PAULO**' 15/02/2019 152 f. Mestrado em COMUNICAÇÃO E CULTURA CONTEMPORÂNEAS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA, Salvador Biblioteca Depositária: Biblioteca Central Reitor Macedo Costa.
 10. SILVA, PATRICIA RILLIANE GOMES DA. **A INSOLÊNCIA DE UM PENSAMENTO COMPLEXO: OS MEMES DO IMPEACHMENT DE DILMA ROUSSEFF**' 27/02/2019 105 f. Mestrado em CIÊNCIAS SOCIAIS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE, Natal Biblioteca Depositária: BDTD-UFRN.
 11. MAIDANA, ANDREIA SENA. **POLÍTICA DO IMPEACHMENT PRESIDENCIAL: UMA ANÁLISE COMPARATIVA DOS FATORES QUE IMPULSIONARAM O IMPEDIMENTO DE COLLOR E ROUSSEFF**' 28/02/2019 110 f. Mestrado em CIÊNCIAS SOCIAIS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA, Santa Maria Biblioteca Depositária: Biblioteca Central.
 12. CAPPELLARI, THUANNY PRADO. **Dilma Rousseff na revista Veja: antes e depois do impeachment** ' 28/03/2019 103 f. Mestrado em COMUNICAÇÃO SOCIAL Instituição de Ensino: PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL, Porto Alegre Biblioteca Depositária: Irmão José Otão.
 13. ELISEU, THALLYSSON ALVES FERREIRA. **O impeachment e Dilma Rousseff: uma análise das representações sociais projetadas em editoriais do Jornal Folha de São Paulo**' 17/08/2017 undefined f. Mestrado em TEORIA LITERARIA E CRÍTICA DA CULTURA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO JOÃO DEL-REI, São João del Rei.
 14. LIMA, DANIEL MAXIMO GOES DE. **LOBBY E GRUPOS DE PRESSÃO NO CASO DO IMPEACHMENT DE DILMA ROUSSEFF EM 2016**' 06/01/2021 144 f. Mestrado em CIÊNCIA

- POLÍTICA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO, Rio de Janeiro Biblioteca Depositária: UNIRIO.
15. ARTICO, TAMIRIS. **O IMPEACHMENT DE DILMA ROUSSEFF (PT) NO TELEJORNALISMO'** 24/06/2019 107 f. Mestrado em COMUNICAÇÃO Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE PAULISTA, São Paulo Biblioteca Depositária: UNIVERSIDADE PAULISTA - UNIP.
 16. CASTRO, LUCIANA GOUVEA HAGE DE. **GÊNERO E O IMPEACHMENT DE DILMA ROUSSEFF: Uma análise de páginas de Facebook Feministas e de Mulheres Ativistas na Amazônia'** 14/03/2018 129 f. Mestrado em Comunicação, Cultura e Amazônia Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ, Belém Biblioteca Depositária: Biblioteca Central da UFPA.
 17. ROCHA, DANIEL FRANCA DA. **GOLPE VERSUS IMPEACHMENT: UMA ANÁLISE CRÍTICA DAS CONSTRUÇÕES DISCURSIVAS POLARIZADAS EM TORNO DA DESTITUIÇÃO DA PRESIDENTA DILMA ROUSSEFF'** 22/08/2019 192 f. Mestrado em CIÊNCIAS DA LINGUAGEM Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO, Recife Biblioteca Depositária: Biblioteca Central da UNICAP.
 18. TERSO, TAMARA CAROLINE ALMEIDA. **DO JORNALISMO MEDIATIZADO: A CONSTRUÇÃO DO IMPEACHMENT DA PRESIDENTA DILMA ROUSSEFF NAS REDES JORNALISTAS LIVRES E MÍDIA NINJA'** 14/02/2019 152 f. Mestrado em COMUNICAÇÃO E CULTURA CONTEMPORÂNEAS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA, Salvador Biblioteca Depositária: Biblioteca Central Reitor Macedo Costa.
 19. ROCHA, CRISLAINE FRANCO DA. **O ENQUADRAMENTO DA CORRUPÇÃO DURANTE A COBERTURA NOTICIOSA DO PROCESSO DE IMPEACHMENT DE DILMA ROUSSEFF NOS JORNAIS FOLHA DE SÃO PAULO, O ESTADO DE SÃO PAULO E O GLOBO'** 28/08/2019 106 f. Mestrado em CIÊNCIA POLÍTICA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ, Curitiba Biblioteca Depositária: UFPR.
 20. GUARE, FELIPE CORREA. **Humor e conservadorismo: análise de memes durante o Impeachment de Dilma Rousseff'** 29/10/2019 219 f. Mestrado em Mudança Social e Participação Política Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, São Paulo Biblioteca Depositária: Biblioteca da Escola de Artes, Ciências e Humanidades.
 21. GALINARI, FABIANA FLORES DE CARVALHO. **Ativismo na internet e o impeachment de Dilma Rousseff : (as estratégias de convocação dos movimentos pró e contra a presidenta do Brasil, 2014-2016)'** 15/05/2017 173 f. Mestrado em Comunicação Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, Porto Alegre Biblioteca Depositária: Biblioteca Setorial da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação.
 22. KRITSKI, RAFAEL POLARI DE ALVERGA. **A natureza de classe do golpe jurídico-parlamentar de 2016: uma análise a partir do conflito de classes no Brasil contemporâneo (2003-2016)'** 27/02/2019 90 f. Mestrado em CIÊNCIA POLÍTICA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE, Niterói.
 23. ANDRADE, BRUNA SANTOS DE ALMEIDA. **Redes de atores e argumentos no debate público sobre o processo de impeachment de Dilma Rousseff : o dia do afastamento provisório em 12 de maio de 2016'** 28/03/2019 222 f. Mestrado em Comunicação Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, Porto Alegre Biblioteca Depositária: <https://www.lume.ufrgs.br>.
 24. GUARATO, LIVIA MARIA MOREIRA PAGLIARO. **Dilma Rousseff e o processo de impeachment em capas de revistas: uma análise crítica e psicossocial dos discursos de Veja e Carta Capital'** 29/11/2021 135 f. Mestrado em PSICOLOGIA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA, Uberlândia Biblioteca Depositária: SISBI - Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal de Uberlândia.
 25. COIMBRA, MAYRA REGINA. **A disputa de sentidos sobre a imagem de Dilma Rousseff: as estratégias de construção da imagem da ex-presidente versus o enquadramento noticioso da Folha de S. Paulo no período do impeachment'** 23/02/2018 240 f. Mestrado em COMUNICAÇÃO Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA, Juiz de Fora.
 26. COSTA, THAIANE DUTRA LUZ. **A POSIÇÃO-SUJEITO RÉU NO ACONTECIMENTO DISCURSIVO DO IMPEACHMENT DE DILMA ROUSSEFF'** 28/03/2018 92 f. Mestrado em Linguística Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA, Vitória da Conquista Biblioteca Depositária: Biblioteca Central Professor Antônio de Moura Pereira (UESB).

27. SOUZA, DANILO SOBRAL DE. **SENTIDOS DE IMPEACHMENT NO CASO DILMA ROUSSEFF: UM ESTUDO SEMÂNTICO'** 20/02/2019 81 f. Mestrado em Linguística Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA, Vitória da Conquista.
28. COSTA, CAMILA CARVALHO DA. **Impeachment e poder judiciário : democracia sob a perspectiva do presidencialismo de coalizão'** 26/08/2019 159 f. Mestrado em DIREITO CONSTITUCIONAL Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DE FORTALEZA, Fortaleza Biblioteca Depositária: Biblioteca Central da Universidade de Fortaleza.
29. DAVID, CAROLINA SIQUEIRA DE. **IMPEACHMENT DE DILMA ROUSSEFF: ANÁLISE DAS ESTRATÉGIAS ARGUMENTATIVAS EM VEJA E CARTACAPITAL'** 22/01/2018 163 f. Mestrado em COMUNICAÇÃO Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA, Santa Maria Biblioteca Depositária: BIBLIOTECA CENTRAL MANUEL MARQUES DE SOUZA CONDE DE PORTO ALEGRE.
30. TEOTONIO, ANTONIO RAFAEL ALVES. **LUTAS PELO MONOPÓLIO DA APARÊNCIA: as representações do impeachment de Dilma Rousseff nas revistas Carta Capital e Veja'** 14/12/2018 116 f. Mestrado em CIÊNCIAS SOCIAIS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE, Campina Grande Biblioteca.
31. JESUS, GILVAN SANTANA DE. **IMPEACHMENT DA PRESIDENTE DILMA ROUSSEFF: A LEGITIMAÇÃO DO PROCESSO PELO DISPOSITIVO MUDIÁTICO'** 21/02/2017 undefined f. Mestrado em LETRAS Instituição de Ensino: FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE, São Cristóvão Biblioteca.
32. SILVA, KIANE FOLLMANN DA. **A REORGANIZAÇÃO DA DIREITA BRASILEIRA E O PAPEL DO MOVIMENTO BRASIL LIVRE (MBL): DA FUNDAÇÃO AO IMPEACHMENT DE DILMA ROUSSEFF (2013-2016)'** 27/02/2020 138 f. Mestrado em INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL, Erechim Biblioteca Depositária: UFFS - CAMPUS ERECHIM.
33. SANTOS, LEANDRO RODRIGUES DOS. **O PMDB NO IMPEACHMENT DE DILMA ROUSSEFF (2015-2016): DA PATRONAGEM À REPRESENTAÇÃO ORGÂNICA?'** 12/04/2022 240 f. Mestrado em CIÊNCIA POLÍTICA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS, Campinas Biblioteca Depositária: Biblioteca Virtual da Unicamp.
34. JUNIOR, RIBAMAR CEZAR RAMBOURG. **A crise na coalizão e o impeachment de Dilma Rousseff'** 16/09/2019 135 f. Mestrado em CIÊNCIA POLÍTICA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, São Paulo Biblioteca.
35. FERNANDES, ERIC BORTOLATO. **Referenciação e opinião: o impeachment de Dilma Rousseff'** 19/09/2017 undefined f. Mestrado em LÍNGUA PORTUGUESA Instituição de Ensino: PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO, São Paulo Biblioteca Depositária: PUC/SP MONTE ALEGRE.
36. NETO, ALMIR MEGALI. **Controle Jurisdicional do Processo de Impeachment: O Impeachment da Presidenta Dilma Rousseff Perante o Supremo Tribunal Federal'** 18/02/2020 389 f. Mestrado em DIREITO Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS, Belo Horizonte Biblioteca Depositária: Biblioteca Universitária - Repositório Institucional UFMG.
37. JUNIOR, MAURICIO DA SILVA OLIVEIRA. **EMBATES DIALÓGICOS EM UM PAÍS DIVIDIDO: CHARGE E RESPONSABILIDADE NO PROCESSO DE IMPEACHMENT DE DILMA ROUSSEFF'** 06/09/2017 undefined f. Mestrado em ESTUDOS DA LINGUAGEM Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE, Natal Biblioteca Depositária: <https://repositorio.ufrn.br/jspui>.
38. LIMA, LAURA ANTONIO. **A construção das imagens públicas de Dilma Rousseff e Michel Temer durante o impeachment de 2016'** 09/03/2018 117 f. Mestrado em COMUNICAÇÃO SOCIAL Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS, Belo Horizonte Biblioteca Depositária: Biblioteca da FAFICH.
39. LUZ, MILCA BORGES. **EFEITOS-SENTIDO NAS JUSTIFICATIVAS FAVORÁVEIS À ADMISSIBILIDADE DO PROCESSO DE IMPEACHMENT DE DILMA ROUSSEFF'** 28/03/2018 102 f. Mestrado em Linguística Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA, Vitória da Conquista Biblioteca Depositária: Biblioteca Central Professor Antônio de Moura Pereira (UESB).

40. VIEIRA, LILIANE CIRINO. **MULHERES NO PODER: A DIMENSÃO MACHISTA NA TRAMA DO GOLPE CONTRA DILMA ROUSSEFF'** 28/04/2022 147 f. Mestrado em HISTÓRIA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA, Patos de Minas Biblioteca Depositária: <https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/35470>.
41. JERONYMO, RAQUEL DE SOUZA. **Enquadramento jornalístico do impeachment de Dilma Rousseff em revistas semanais brasileiras: gênero como quadro de referência primário'** 16/08/2019 224 f. Mestrado em Comunicação Instituição de Ensino: FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL, Campo Grande Biblioteca Depositária: Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.
42. MAGRI, MARIANO. **Retórica e política: o impeachment de Dilma Rousseff'** 06/02/2019 108 f. Mestrado em LÍNGUA PORTUGUESA Instituição de Ensino: PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO, São Paulo Biblioteca Depositária: PUC/SP MONTE ALEGRE.
43. FRIGO, DIOSANA. **CIRCULAÇÃO DE SENTIDOS E A MEMÓRIA DA DITADURA CIVIL-MILITAR NO ACONTECIMENTO O "VOTO DE JAIR BOLSONARO" NO IMPEACHMENT DE DILMA ROUSSEFF'** 17/12/2018 143 f. Mestrado em COMUNICAÇÃO Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA, Santa Maria Biblioteca Depositária: BIBLIOTECA CENTRAL MANOEL MARQUES DE SOUZA CONDE DE PORTO ALEGRE.
44. PICOLO, CLEIDE RODRIGUES. **AS MANIFESTAÇÕES PÚBLICAS PELOS GRUPOS PRÓ E CONTRA O IMPEACHMENT DE DILMA ROUSSEFF NAS REDES SOCIAIS ON-LINE'** 13/09/2018 171 f. Mestrado em COMUNICAÇÃO SOCIAL Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE METODISTA DE SÃO PAULO, São Bernardo do Campo Biblioteca Depositária: Universidade Metodista de São Paulo.
45. CAMARGO, FABRICIO. **A PARTICIPAÇÃO DA GRANDE IMPRENSA NO PROCESSO DE IMPEACHMENT DE DILMA ROUSSEFF (2015 -2016) – UMA ANÁLISE DOS EDITORIAIS DE O ESTADO DE SÃO PAULO'** 24/02/2022 103 f. Mestrado em INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL, Erechim Biblioteca Depositária: UFFS - CAMPUS ERECHIM.
46. NETA, ALBANIZA BRIGIDA DE OLIVEIRA. **REPRESENTAÇÕES DISCURSIVAS DE DILMA ROUSSEFF NO DISCURSO DE DEFESA DO IMPEACHMENT'** 26/04/2018 93 f. Mestrado em LETRAS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE, Pau dos Ferros Biblioteca Depositária: CAMEAM/UERN.
47. MENDES, MARIANA REIS. **O JORNALISMO COMO TRADUÇÃO: O IMPEACHMENT DE DILMA ROUSSEFF NA IMPRENSA NACIONAL E INTERNACIONAL'** 05/12/2017 124 f. Mestrado em Estudos de Tradução Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, Brasília Biblioteca Depositária: BCE.
48. BARRAQUI, EDIGAR. **Deus Deu o Golpe? uma Análise do Discurso Religioso Neopentecostal No cenário Político Brasileiro do Impeachment de Dilma Rousseff.'** 26/08/2020 128 f. Mestrado em LINGÜÍSTICA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO, Vitória.
49. TONETTO, MAURICIO BOZZI. **Ciberativismo nas redes sociais : um estudo do Movimento Brasil Livre no pós-impeachment de Dilma Rousseff'** 28/03/2018 259 f. Mestrado em COMUNICAÇÃO SOCIAL Instituição de Ensino: PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL, Porto Alegre Biblioteca Depositária: Biblioteca Central Irmão José Otão.
50. REGO, MARILIA GABRIELA SILVA. **JORNALISMO INDEPENDENTE NA COBERTURA POLÍTICA: THE INTERCEPT BRASIL E O PROCESSO DO IMPEACHMENT DE DILMA ROUSSEFF'** 15/02/2019 140 f. Mestrado em COMUNICAÇÃO Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO, Recife Biblioteca Depositária: Biblioteca Central da UFPE.
51. OLIVEIRA, FABIO PAULINO DE. **IDEOLOGIA DO ÓDIO SOCIAL E AGENDA ECONÔMICA: ANÁLISE DO DISCURSO CRÍTICA DA SESSÃO PARLAMENTAR DO IMPEACHMENT DE DILMA ROUSSEFF'** 30/01/2020 177 f. Mestrado em Interdisciplinar em Humanidades Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA, Redenção Biblioteca Depositária: <http://repositorio.unilab.edu.br:8080/jspui/handle/123456789/585>.
52. MELO, VANDERLEIA VALERIA DE. **ABORDAGENS DAS REVISTAS VEJA E CARTACAPITAL SOBRE O PROCESSO DE IMPEACHMENT DA PRESIDENTA DILMA ROUSSEFF'** 07/03/2019

- 218 f. Mestrado em COMUNICAÇÃO Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA JÚLIO DE MESQUITA FILHO (BAURU), Bauru Biblioteca Depositária: Unesp Bauru.
53. FIGUEIREDO, PATRICIA DE CAMARGO. **MANUTENÇÃO DA ESTRUTURA CONSTITUCIONAL: ANÁLISE DO PRESIDENCIALISMO BRASILEIRO DIANTE DO IMPEACHMENT DA PRESIDENTE DILMA ROUSSEFF** ' 08/07/2019 175 f. Mestrado em DIREITOS HUMANOS, CIDADANIA E VIOLÊNCIA Instituição de Ensino: CENTRO UNIVERSITÁRIO EURO-AMERICANO, Brasília Biblioteca Depositária: Biblioteca da Unidade da Asa Sul.
54. FERNANDES, PEDRO DE ARAUJO. **A Judicialização da "Megapolítica" no Brasil: O Protagonismo do STF no Impeachment da Presidente Dilma Rousseff** 03/04/2017 98 f. Mestrado em DIREITO Instituição de Ensino: PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO, Rio de Janeiro Biblioteca Depositária: Central da PUC-Rio.
55. NETO, ADWALDO LINS PEIXOTO. **DEMOCRACIA E JULGAMENTO POLÍTICO: ANÁLISE DA GOVERNABILIDADE NO PRESIDENCIALISMO BRASILEIRO A PARTIR DOS IMPEACHMENTS DOS PRESIDENTES FERNANDO COLLOR DE MELO E DILMA ROUSSEFF** ' 05/07/2018 209 f. Mestrado em DIREITO Instituição de Ensino: CENTRO UNIVERSITÁRIO FG, Guanambi Biblioteca Depositária: Biblioteca Nice Amaral.
56. VALLE, ANDRE FLORES PENHA. **DIVISÃO E REUNIFICAÇÃO DO CAPITAL FINANCEIRO: DO IMPEACHMENT AO GOVERNO TEMER** ' 18/12/2019 302 f. Mestrado em CIÊNCIA POLÍTICA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS, Campinas Biblioteca Depositária: Biblioteca Digital da Unicamp.
57. PIMENTEL, PABLO SILVA. **“NÃO VAI MESMO TER GOLPE”: UM ESTUDO SOBRE OS EDITORIAIS DE O GLOBO NOS IMPEACHMENTS DE FERNANDO COLLOR (1992) E DILMA ROUSSEFF (2016)** ' 12/12/2019 227 f. Mestrado em CIÊNCIA POLÍTICA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ, Curitiba Biblioteca Depositária: UFPR.
58. VANTI, PRISCILA NESPOLO. **A MULHER E O IMPEACHMENT: a construção discursiva da identidade feminina no discurso de Dilma Rousseff** ' 18/12/2019 157 f. Mestrado em ESTUDOS DE LINGUAGENS Instituição de Ensino: CENTRO FEDERAL DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA DE MINAS GERAIS, Belo Horizonte Biblioteca Depositária: Biblioteca do Campus I CEFET-MG.
59. ESTEVAO, ELIANE GRAZIELLE. **ELEIÇÕES MUNICIPAIS 2016 EM TEMPOS DE CRISE POLÍTICA E IMPEACHMENT: um estudo de textos opinativos e informativos do portal Folha de S. Paulo** ' 23/02/2018 187 f. Mestrado em Comunicação Social Instituição de Ensino: PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS, Belo Horizonte Biblioteca Depositária: Pe. Alberto Antoniazzi.
60. CORREA, SUSANA SILVEIRA. **A construção midiática da legitimação do processo de impeachment da presidenta Dilma Rousseff à luz dos estudos bakhtinianos** ' 21/12/2018 undefined f. Mestrado em Letras Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS, Pelotas.
61. ESTEVAO, ELIANE GRAZIELLE. **ELEIÇÕES MUNICIPAIS 2016 EM TEMPOS DE CRISE POLÍTICA E IMPEACHMENT: um estudo de textos opinativos e informativos do portal Folha de S. Paulo** ' 23/02/2018 187 f. Mestrado em Comunicação Social Instituição de Ensino: PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS, Belo Horizonte Biblioteca Depositária: Pe. Alberto Antoniazzi.
62. CORREA, SUSANA SILVEIRA. **A construção midiática da legitimação do processo de impeachment da presidenta Dilma Rousseff à luz dos estudos bakhtinianos** ' 21/12/2018 undefined f. Mestrado em Letras Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS, Pelotas.
63. CARVALHO, ALAIDE ANGELICA DE MENEZES CABRAL. **Análise de Discurso Crítica Multimodal em Charges Sobre o Processo de Impeachment da Presidenta Dilma Rousseff** ' 27/11/2018 241 f. Mestrado em CIÊNCIAS DA LINGUAGEM Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE, Mossoró.
64. MOTA, KELI ROCHA SILVA. **Do afastamento ao impeachment: o jornalismo na construção de narrativas sobre Dilma Rousseff e os efeitos de sentido ao público leitor** ' 28/04/2021 113 f. Mestrado em Mudança Social e Participação Política Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, São Paulo Biblioteca Depositária: Biblioteca da EACH-USP.
65. SILVA, WILDEMAR FELIX ASSUNCAO E. **O PRINCÍPIO DA MORALIDADE POLÍTICA SEGUNDO RONALD DWORKING E O PROCESSO DE IMPEACHMENT: O CASO DE DILMA**

- ROUSSEFF'** 15/12/2017 71 f. Mestrado em FILOSOFIA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS, São Leopoldo Biblioteca Depositária: UNISINOS.
66. DIAS, TAYRINE DOS SANTOS. **"É uma batalha de narrativas": os enquadramentos de ação coletiva em torno do impeachment de Dilma Rousseff no Facebook'** 14/06/2017 130 f. Mestrado em CIÊNCIA POLÍTICA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, Brasília Biblioteca Depositária: biblioteca central da Universidade de Brasília.
67. ALECRIM, MYLENA SOUZA. **"O fim de todos os males": o debate editorial do impeachment de Dilma Rousseff nos jornais O Estado de S. Paulo e Folha de S. Paulo'** 27/11/2020 200 f. Mestrado em CIÊNCIAS SOCIAIS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA, Salvador.
68. REBOUCAS, THIAGO BRITO. **O impeachment de Dilma Rousseff: ordem e disciplina nos editoriais dos jornais Folha de S. Paulo e O Estado de S. Paulo'** 11/02/2020 undefined f. Mestrado em COMUNICAÇÃO E SEMIÓTICA Instituição de Ensino: PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO, São Paulo Biblioteca Depositária: PUC/SP.
69. THORPE, BRUNA GABRIELI MORAIS DA SILVA. **Dialogismo e ironia em gêneros discursivos digitais: o impeachment da presidente Dilma Rousseff representado através dos memes'** 28/08/2018 82 f. Mestrado em CIÊNCIAS DA LINGUAGEM Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE, Mossoró Biblioteca Depositária: Biblioteca Central da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.
70. SOUZA, FELIPE MASQUIO DE. **O discurso sobre a destituição de Dilma Rousseff em Folha de S. Paulo, Carta Maior e Le Monde: impeachment ou golpe? '** 15/04/2021 189 f. Mestrado em LINGÜÍSTICA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS, São Carlos Biblioteca Depositária: <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/14259>.
71. MAGALHAES, SARA ALVES. **A POLITIZAÇÃO DA JUSTIÇA SOB A PERSPECTIVA DA MULTIVALÊNCIA INTERPRETATIVA DO DIREITO: UMA ANÁLISE DE DECISÕES DO STF SOBRE O EXERCÍCIO DO CONTROLE JUDICIAL DOS IMPEACHMENTS DOS PRESIDENTES COLLOR DE MELLO E DILMA ROUSSEFF'** 21/02/2022 101 f. Mestrado em DIREITO CONSTITUCIONAL Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DE FORTALEZA, Fortaleza Biblioteca Depositária: UNIVERSIDADE DE FORTALEZA-UNIFOR.
72. AMORELLI, ERIKA DOURADO. **A (DES)CONSTRUÇÃO DA IMAGEM DE DILMA ROUSSEFF DURANTE O IMPEACHMENT EM CAPAS DE JORNAIS IMPRESSOS'** 17/08/2018 103 f. Mestrado em LETRAS Instituição de Ensino: PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS, Belo Horizonte Biblioteca Depositária: PUC/MG.
73. LIMA, DAVID JOSE ANDRADE. **ANÁLISE DE ETHOS DISCURSIVO DOS LÍDERES PARTIDÁRIOS DE OPOSIÇÃO DURANTE O IMPEACHMENT DE DILMA ROUSSEFF'** 23/11/2018 106 f. Mestrado em CIÊNCIAS DA LINGUAGEM Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO, Recife Biblioteca Depositária: Biblioteca Central da UNICAP.
74. COSTA, MAISIA CARLA DOS SANTOS. **CONCEPTUALIZAÇÕES DO GOLPE/IMPEACHMENT DA EX-PRESIDENTA DILMA ROUSSEFF EM JORNAIS DOS PAÍSES DO MERCOSUL'** 09/07/2018 158 f. Mestrado em LÍNGUA E CULTURA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA, Salvador Biblioteca Depositária: Biblioteca Macedo Costa.
75. AMORIM, PEDRO PASCHOALIN DE. **A Política em Espiral: Normalidade e Excepcionalidade nas Abordagens da Grande Imprensa Ao Impeachment de Dilma Rousseff'** 04/05/2020 234 f. Mestrado em CIÊNCIA POLÍTICA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS, Belo Horizonte Biblioteca Depositária: FAFICH.
76. CARNEIRO, DEBORA DE MARCHI. **O impeachment de Dilma Rousseff: uma reflexão crítica à luz dos princípios do Estado Democrático de Direito'** 17/08/2020 100 f. Mestrado em Direito Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE VEIGA DE ALMEIDA, Rio de Janeiro Biblioteca Depositária: UVA.
77. SILVA, MILENA MANGABEIRA DA. **COMUNICAÇÃO POLÍTICA E REDES SOCIAIS PRODUÇÃO DISCURSIVA DOS SENADORES NO FACEBOOK SOBRE O IMPEACHMENT DE DILMA ROUSSEFF'** 05/04/2018 137 f. Mestrado em Comunicação e Territorialidades Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO, Vitória Biblioteca Depositária: Central e Setorial do CAR.
78. SILVA, VALERIA MOREIRA DA. **HUMOR E CRÍTICA: UMA ANÁLISE LINGÜÍSTICO-DISCURSIVA DAS CHARGES QUE RETRATARAM O PROCESSO DE**

- IMPEACHMENT DA PRESIDENTA DILMA ROUSSEFF'** 30/09/2019 107 f. Mestrado em Linguística e Literatura Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS, Maceió Biblioteca Depositária: Biblioteca Central da Ufal.
79. SANTOS, ALLAN CARLOS DOS. **Os “Memes do MBL” e a Vinculação de Públicos Afetivos em Rede durante o Impeachment de Dilma Rousseff'** 25/02/2019 141 f. Mestrado em COMUNICAÇÃO Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO, Rio de Janeiro Biblioteca Depositária: Biblioteca da Escola de Comunicação da UFRJ.
80. ARAUJO, EDSON VIEIRA. **O IMPEACHMENT DE DILMA ROUSSEFF E O PADRÃO PÉREZ-LIÑÁN DE INSTABILIDADE POLÍTICA NA AMÉRICA LATINA'** 31/08/2018 98 f. Mestrado em CIÊNCIA POLÍTICA Instituição de Ensino: FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ, Teresina Biblioteca Depositária: Biblioteca Setorial do Centro de Ciências Humanas e Letras - CCHL.
81. COPELLO, CALEBE SOARES. **Análise Linguística de Textos Jornalísticos sobre o Processo de Impeachment da Presidente Dilma Rousseff'** 26/02/2018 undefined f. Mestrado em Letras Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS, Pelotas.
82. RUGGIERI, ANA LUISA. **A PESQUISA DE OPINIÃO PÚBLICA COMO DISCURSO DE MANIPULAÇÃO: A campanha do Instituto Datafolha pelo impeachment de Dilma Rousseff'** 06/04/2017 undefined f. Mestrado em COMUNICAÇÃO Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO, Mariana Biblioteca Depositária: <http://repositorio.ufop.br/handle/123456789/8035>.
83. CORREA, JESSICA FLAVIA RODRIGUES. **JUDICIALIZAÇÃO DA POLÍTICA COMO BONAPARTISMO JUDICIAL BRASILEIRO: A atuação do STF no golpe institucional ao Governo de Dilma Rousseff'** 24/09/2019 130 f. Mestrado em CIÊNCIAS SOCIAIS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE, Campina Grande.
84. ARANTES, WALDIR THIAGO RIBEIRO. **IMPEACHMENT OU GOLPE: A RECEPÇÃO DA CASSAÇÃO DA PRESIDENTE DILMA ROUSSEFF PELOS DISCENTES DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ (UECE - FORTALEZA)'** 27/08/2019 146 f. Mestrado em Sociologia Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ, Fortaleza Biblioteca Depositária: Biblioteca Central.
85. SILVA, YOUSSEF UD ALIGHIERE DE PAIVA MACENA DA. **JUNTORES DE CONDICIONALIDADE E FINALIDADE EM NOTÍCIAS DO IMPEACHMENT DE DILMA ROUSSEFF EM JORNAIS ONLINE DE NATAL: IDENTIFICANDO TRADIÇÕES DISCURSIVAS'** 09/04/2019 249 f. Mestrado em ESTUDOS DA LINGUAGEM Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE, Natal.
86. SILVA, RENATO SORDI TOLENTINO DA. **O OLHAR ESTRANGEIRO DO IMPEACHMENT: UM ESTUDO COMPARATIVO DOS EDITORIAIS DE SEIS JORNAIS INTERNACIONAIS SOBRE A DEPOSIÇÃO DE DILMA ROUSSEFF'** 30/07/2019 178 f. Mestrado em Comunicação Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ, Curitiba Biblioteca Depositária: Biblioteca Central da UFPR.
87. RODRIGUES, ISABEL CRISTINA DE ARAUJO. **A narrativa espetacular na mídia televisiva: A votação do impeachment de Dilma Rousseff (PT) na câmara dos deputados'** 26/03/2018 66 f. Mestrado em COMUNICAÇÃO Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE PAULISTA, São Paulo Biblioteca Depositária: Universidade Paulista - UNIP.
88. CAUDURO, DOUGLAS HINTERHOLZ. **A opinião do Estado de S. Paulo nos impeachments dos presidentes Fernando Collor de Mello e Dilma Rousseff'** 20/03/2018 107 f. Mestrado em COMUNICAÇÃO SOCIAL Instituição de Ensino: PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL, Porto Alegre Biblioteca Depositária: Biblioteca Central Irmão José Otão.
89. GOMES, LAURA ROSA. **Rir para não chorar: o riso nas notícias do Sensacionalista referentes aos processos de votação do impeachment de Dilma Rousseff'** 27/08/2018 110 f. Mestrado em COMUNICAÇÃO Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA, Juiz de Fora.
90. OLIVEIRA, NATHALIA BETTONI. **MIDIATIZAÇÃO E ESPETACULARIZAÇÃO DO PROCESSO DE IMPEACHMENT DA EX PRESIDENTE DILMA ROUSSEFF– a circulação da hashtag #ImpeachmentDay'** 28/02/2018 237 f. Mestrado em Comunicação Social Instituição de Ensino: PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS, Belo Horizonte Biblioteca Depositária: Pe. Alberto Antoniazzi.

91. MOURA, DISRAELI DAVI REINALDO DE. **Análise do Discurso Político-Jurídico do Impeachment de Dilma Rousseff em Memes e Redes Sociais: memória e poder.**' 04/12/2018 112 f. Mestrado em CIÊNCIAS DA LINGUAGEM Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE, Mossoró Biblioteca Depositária: Biblioteca Central da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN.
92. SOUZA, CIBELE SILVA E. **A PERSONALIZAÇÃO DA POLÍTICA E PROCESSOS DA CONSTRUÇÃO DA IMAGEM: estratégias de Dilma Rousseff e Aécio Neves nas Eleições 2014 e Impeachment 2016'** 22/02/2018 247 f. Mestrado em COMUNICAÇÃO Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA, Juiz de Fora.
93. SILVA, TALES ARAUJO. **REGRAS PARA O IMPEACHMENT NO BRASIL: ESTUDO COMPARATIVO ENTRE OS JULGAMENTOS DOS EX-PRESIDENTES FERNANDO COLLOR (1992) E DILMA ROUSSEFF (2016)'** 17/02/2022 135 f. Mestrado em DIREITO Instituição de Ensino: FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ, Teresina.
94. MOURA, DEYSE ALINI DE. **A COMUNICAÇÃO PÚBLICA NO RÁDIO E A COBERTURA DO IMPEACHMENT DE DILMA ROUSSEFF: Um estudo de caso sobre a Voz do Brasil'** 13/06/2017 145 f. Mestrado em ESTUDOS DA MÍDIA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE, Natal Biblioteca Depositária: Biblioteca Centra Zilla Mamede.
95. SIFFERT, BRAULIO QUIRINO. **"MÍDIA, ESTADO E CRISE: AGENDA E ENQUADRAMENTOS DA ECONOMIA BRASILEIRA NO JORNAL NACIONAL ANTES E DEPOIS DO IMPEACHMENT DA PRESIDENTA DILMA ROUSSEFF'** 07/12/2017 135 f. Mestrado em DESENVOLVIMENTO SOCIAL Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MONTES CLAROS, Montes Claros Biblioteca Depositária: : Biblioteca Central Professor Antônio Jorge.
96. MACHADO, DANIELLE FERREIRA DE OLIVEIRA. **É GOLPE, SIM! COM SUPREMO, COM TUDO: Uma análise da comunicabilidade do Jornal Nacional no processo de destituição de Dilma Rousseff em 2016.'** 28/03/2019 162 f. Mestrado em INTERDISCIPLINAR LINGÜÍSTICA APLICADA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO, Rio de Janeiro Biblioteca Depositária: JOSÉ DE ALENCAR.
97. SILVA, MARA KARINA SOUSA BARBOSA DA. **MUITO ALÉM DAS "PEDALADAS": UMA ANÁLISE DOS ENQUADRAMENTOS DA COBERTURA POLÍTICA DO SITE DEUTSCHE WELLE BRASIL SOBRE O IMPEACHMENT DE DILMA ROUSSEFF.'** 19/12/2019 155 f. Mestrado em COMUNICAÇÃO Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, Brasília Biblioteca Depositária: BCE.
98. PRATES, ANDRESSA COSTA. **RELAÇÕES ENTRE MÍDIA E POLÍTICA: ENQUADRAMENTOS DOS JORNAIS O GLOBO E FOLHA DE S. PAULO ACERCA DO IMPEACHMENT DE DILMA ROUSSEFF'** 27/03/2017 96 f. Mestrado em COMUNICAÇÃO Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA, Santa Maria Biblioteca Depositária: Biblioteca Central Manoel Marques de Souza Conde de Porto Alegre - UFSM.
99. SANTOS, MARCEL DE FREITAS. **O processo persuasivo sobre o impeachment de Dilma Rousseff nos jornais Folha de São Paulo e The New York Times: um enfoque crítico da Linguística Sistêmico-Funcional'** 27/11/2017 67 f. Mestrado em LINGÜÍSTICA APLICADA E ESTUDOS DA LINGUAGEM Instituição de Ensino: PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO, São Paulo Biblioteca Depositária: PUC/SP.
100. MOURA, DOUGLAS RIBEIRO DE. **ARGUMENTAÇÃO E POLÍTICA: UMA ANÁLISE DAS CONSTRUÇÕES DISCURSIVAS DE DILMA ROUSSEFF E DE MICHEL TEMER EM ENTREVISTAS AO TELEJORNAL SBT BRASIL DURANTE O IMPEACHMENT PRESIDENCIAL DE 2016'** 22/03/2019 159 f. Mestrado em LETRAS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA, Viçosa Biblioteca Depositária: Biblioteca Central da UFV.
101. CARDOSO, LAIS CRISTINE FERREIRA. **DO "FORA DILMA" AO "NÃO VAI TER GOLPE": análise da cobertura do Jornal do Commercio sobre as manifestações pró e contra o impeachment de Dilma Rousseff em 2016'** 30/05/2017 180 f. Mestrado em COMUNICAÇÃO Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO, Recife Biblioteca Depositária: Biblioteca Central da UFPE.
102. OLIVEIRA, IVANILCE SANTOS. **Redes Sociais on-line e o impeachment da presidente Dilma Rousseff - uma análise do discurso e das relações de poder nas fanpages do Facebook'** 06/04/2018 250 f.

- Mestrado em COMUNICAÇÃO Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE PAULISTA, São Paulo Biblioteca Depositária: Universidade Paulista - UNIP.
103. RIBEIRO, HERBENIA FREITAS. **CONSTRUÇÃO DISCURSIVO-MIDIÁTICA DO PROCESSO DE "IMPEACHMENT" DA PRESIDENTA DILMA ROUSSEFF: UMA ANÁLISE DE DISCURSO CRÍTICA NOS JORNAIS FOLHA DE S. PAULO E THE GUARDIAN** ' 16/03/2018 187 f. Mestrado em LINGÜÍSTICA APLICADA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ, Fortaleza Biblioteca Depositária: Biblioteca Setorial do Centro de Humanidades.
 104. LOPES, BARBARA ALBUQUERQUE GOMES. **GOLPE OU IMPEACHMENT? UMA ANÁLISE SEMIOLINGÜÍSTICA DOS DISCURSOS DA VEJA E DA CARTA CAPITAL SOBRE O AFASTAMENTO DA PRESIDENTE DILMA ROUSSEFF**" 23/03/2018 159 f. Mestrado em LETRAS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA, Viçosa Biblioteca Depositária: Biblioteca Central da Universidade Federal de Viçosa.
 105. FERREIRA, RODRIGO CAMPELO. **MEMÓRIA, EFEITOS-SENTIDO E FRENTE PARLAMENTAR EVANGÉLICA: ENVOLVIMENTO COM A CORRUPÇÃO E FUNCIONAMENTO NA ADMISSIBILIDADE DO PROCESSO DE IMPEACHMENT DE DILMA ROUSSEFF**' 31/08/2018 153 f. Mestrado em MEMÓRIA:LINGUAGEM E SOCIEDADE Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA, Vitória da Conquista Biblioteca Depositária: Biblioteca Professor Antonio de Moura Pereira.
 106. GUERRA, LAURA FERREIRA. **Da deposição de João Goulart ao impeachment de Dilma Rousseff: um estudo comparativo de editoriais dos jornais Folha de S. Paulo e O Globo**' 19/01/2018 156 f. Mestrado em CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS, São Leopoldo.

Dissertações na Sociologia (19)

1. OLIVEIRA, NATALIA PIRES. **MOVIMENTO ESTUDANTIL LIBERAL: DE JUNHO DE 2013 AO IMPEACHMENT DE DILMA ROUSSEFF**' 05/06/2020 undefined f. Mestrado em Sociologia Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA, Londrina.
2. ARAUJO, FERNANDO HENRIQUE SOUSA. **Lazer e distinção social: um estudo sobre as práticas de lazer em um clube de classe média em Uberlândia**' 02/10/2015 172 f. Mestrado em Ciências Sociais Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA, Uberlândia Biblioteca Depositária: UFU.
3. MAIDANA, ANDREIA SENA. **POLÍTICA DO IMPEACHMENT PRESIDENCIAL: UMA ANÁLISE COMPARATIVA DOS FATORES QUE IMPULSIONARAM O IMPEDIMENTO DE COLLOR E ROUSSEFF**' 28/02/2019 110 f. Mestrado em CIÊNCIAS SOCIAIS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA, Santa Maria Biblioteca Depositária: Biblioteca Central.
4. OLIVEIRA, WANDERLEA ALMENARA MERLO EMMERICK. **Instabilidade e Queda Presidencial em Perspectiva Comparada: um Estudo de Caso Mais-similar Sobre Os Governos Kirchner (2007-2015) e Rousseff (2011-2016)**' 30/08/2021 246 f. Mestrado em CIÊNCIAS SOCIAIS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO, Vitória.
5. COSTA, OSCAR WILLIAM SIMOES. **COMICIDADE E POLÍTICA: A CONSTRUÇÃO DA IMAGEM PÚBLICA DA PRESIDENTA DILMA ROUSSEFF ATRAVÉS DA CHARGE**' 29/11/2017 116 f. Mestrado em CIÊNCIAS SOCIAIS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE, Campina Grande Biblioteca Depositária: Biblioteca Central da UFCG.
6. TEOTONIO, ANTONIO RAFAEL ALVES. **LUTAS PELO MONOPÓLIO DA APARÊNCIA: as representações do impeachment de Dilma Rousseff nas revistas Carta Capital e Veja** ' 14/12/2018 116 f. Mestrado em CIÊNCIAS SOCIAIS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE, Campina Grande.
7. ALBUQUERQUE, THIAGO LEITE KRAMER. **"ESPÍRITO GERAL DE UMA MANIFESTAÇÃO PACÍFICA, UMA VERDADEIRA FESTA": UMA ANÁLISE DA NARRATIVA DO JORNAL NACIONAL SOBRE AS MANIFESTAÇÕES DE JUNHO DE 2013 EM SÃO PAULO - SP**' 24/09/2019 107 f. Mestrado em CIÊNCIAS SOCIAIS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE, Campina Grande.

8. SILVA, JANAINA OLIVEIRA DA. **A REPRESENTATIVIDADE POLÍTICA DAS MULHERES NO GOVERNO TEMER E OS IMPACTOS CONJUNTURAIS NA DEFINIÇÃO DAS POLÍTICAS PÚBLICAS PARA AS MULHERES NO BRASIL** ' 28/08/2019 106 f. Mestrado em Sociologia Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ, Fortaleza Biblioteca Depositária: Biblioteca Central.
9. VERNILLE, VICTOR MORAES. **PARADIGMAS DA ESQUERDA BRASILEIRA. AS QUEDAS DO SENADOR PRESTES E DOS PRESIDENTES GOULART E ROUSSEFF À LUZ DE FORMULAÇÕES DE MAQUIAVEL E GRAMSCI**' 02/07/2020 154 f. Mestrado em CIÊNCIAS SOCIAIS Instituição de Ensino: PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO, São Paulo Biblioteca Depositária: PUC/SP.
10. TOLEDO, MATHEUS TANCREDO. **A tríade de um revés: a crise do governo Dilma sob perspectiva política, econômica e discursiva**' 11/09/2019 98 f. Mestrado em CIÊNCIAS SOCIAIS Instituição de Ensino: PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO, São Paulo Biblioteca Depositária: PUC/SP.
11. ALBERTI, LAURA OLIVEIRA. **POLÍTICA PÚBLICA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL NO GOVERNO DE DILMA ROUSSEFF (2011-2016): um estudo de caso Pronatec/BSM**' 21/03/2017 207 f. Mestrado em SOCIOLOGIA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS, Campinas Biblioteca Depositária: Biblioteca Digital Unicamp.
12. PEREIRA, FERNANDA CIRIBELLI DE CARVALHO. **ELEGENDO PRESIDENTAS: QUESTÕES DE GÊNERO NOS VÍDEOS PUBLICITÁRIOS DAS CAMPANHAS DE CRISTINA KIRCHNER EM 2007 E DILMA ROUSSEFF EM 2010**' 27/06/2017 120 f. Mestrado em Ciências Sociais Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO, Seropédica Biblioteca Depositária: BIBLIOTECA CENTRAL DA UFRRJ.
13. CORREA, JESSICA FLAVIA RODRIGUES. **JUDICIALIZAÇÃO DA POLÍTICA COMO BONAPARTISMO JUDICIAL BRASILEIRO: A atuação do STF no golpe institucional ao Governo de Dilma Rousseff** 24/09/2019 130 f. Mestrado em CIÊNCIAS SOCIAIS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE, Campina Grande.
14. ALECRIM, MYLENA SOUZA. **“O fim de todos os males”:** o debate editorial do impeachment de Dilma Rousseff nos jornais **O Estado de S. Paulo e Folha de S. Paulo**' 27/11/2020 200 f. Mestrado em CIÊNCIAS SOCIAIS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA, Salvador Biblioteca.
15. MOURA, PAULO JOSE DE CARVALHO. **"ENTRE A OUSADIA E O DEVER DE CASA" - A POLÍTICA FISCAL NO GOVERNO DILMA ROUSSEFF (2011-2016): DISCURSOS, AGENTES E INSTITUIÇÕES**' 14/02/2022 undefined f. Mestrado em Ciências Sociais Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA JÚLIO DE MESQUITA FILHO (ARARAQUARA), Araraquara Biblioteca Depositária: Faculdade de Ciências e Letras - UNESP - Campus de Araraquara.
16. ARANTES, WALDIR THIAGO RIBEIRO. **IMPEACHMENT OU GOLPE: A RECEPÇÃO DA CASSAÇÃO DA PRESIDENTE DILMA ROUSSEFF PELOS DISCENTES DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ (UECE - FORTALEZA)** ' 27/08/2019 146 f. Mestrado em Sociologia Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ, Fortaleza Biblioteca Depositária: Biblioteca Central.
17. VACCARI, GABRIEL DA SILVA. **EMPRESARIADO E POLÍTICA NO BRASIL CONTEMPORÂNEO: O DISCURSO DA FIESP E DOS BANQUEIROS FRENTE À POLÍTICA ECONÔMICA DO GOVERNO DILMA ROUSSEFF (2011-2014)**' 17/03/2016 201 f. Mestrado em CIÊNCIAS SOCIAIS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA, Santa Maria Biblioteca Depositária: Biblioteca Central.
18. MELO, JULIANA FONSECA OLIVEIRA DE. **O PLANO DE DESENVOLVIMENTO AGROPECUÁRIO MATOPIBA E O PROCESSO DE SUA CONSTRUÇÃO ATRAVÉS DO ESTADO DURANTE O GOVERNO DILMA ROUSSEFF (2010-2016)**' 30/08/2019 90 f. Mestrado em CIÊNCIAS SOCIAIS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA, Salvador Biblioteca Depositária: ISAIAS ALVES.
19. OLIVEIRA, DIEGO BATISTA RODRIGUES DE. **Vem Pra Rua e Movimento Brasil Livre: uma análise marxista dos “movimentos de classe média” sob os governos de Dilma Rousseff (2015-2016) e Michel Temer (2016-2018)**' 20/04/2018 125 f. Mestrado em Sociologia Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA, Londrina Biblioteca Depositária: Universidade Estadual de Londrina.

Apêndice

Turma que se formou juntamente com a Dilma na UFRGS em 1977

Ângela Berardi; Ari Vivente Schuck; Carlos Antonio Sampaio Soares; Carlos Sidnei Coutinho; Cláudio Humberto Guedes; Claudio Perrone; Dilma Vana Rousseff Linhares; Edson Rebes Abreu; Elisa Maria Favaretto; Elizabeth Fernandes; Enno Leal; Flávio Paim Falcetta; Gerson Marcos Venzon; Gibrail Rodrigues; Homero Albuquerque Eschiletti; Homero Moacir Lisboa da Moraes; Janete Aparecida Deste; João Carlos Goulart de Moraes; José Bernardo Coutinho; Karen Stallbaum; Lais Helena Villa Boas Tarasconi; Luiz Antonio Saredri; Luiz Carlos Pilotto; Luiz Roberto Carlos Stern; Marcio André Martinbianco Brigidi; Margaret Lemes Brassani; Maria Emilia Castilhos de Araujo; Maria Helena Sartori; Maria Lúcia de Moraes Machado; Maria Terezinha da Silva Gomes; Nelson Correia Karan; Nicola Barletta; Octavio Augusto Camargo Conceição; Othelo Laurent Júnior; Pablo Borba Urriola; Paulo Krug Bicca; Pedro Cezar Dutra Fonseca; Roger Norberto Keller; Ronald Luiz Cuzmar Del Castilho; Rosa Tarabini Machado; Rosilda Fernandes da Silveira; Wilmar Wottrich; Zuleica Wolff.²⁹³

²⁹³ C.f.: Bachareis em Ciências Econômicas pela UFRGS. Disponível: <https://www.ufrgs.br/fce/bachareis-em-ciencias-economicas>, consulta: 30/01/2024.

Quadro 20- Rede de Dilma

Nome	Apelido	Sexo	Nasc.	Estado nasc.	Int./ capital	Formação	Local/ formação	Filiação	Experiência mais alta (Legislativo)	Experiência mais alta (Executivo)	Experiência ministerial	Experiência militante	Preso político	Atuação profissional	
Alceu Collares	Não	H	1927	RS	Interior	Direito	UFRGS	PTB (1959-65); MDB (1965-79); PDT (1980-)	Dep. federal	Governador RS	<i>Sem experiência</i>	Sindicalismo	Não	Advogado	
Alexandre Padilha	Padilha	H	1971	SP	Capital	Medicina	Unicamp	PT (1988-)	Dep. federal	<i>Sem experiência</i>	Ministro Rel. Institucionais (2009-10; 2023-); Ministro Saúde (2011-4)	Mov. Estudantil	Não	Médico	
Aloizio Mercadante	Primeiro-ministro; Dilmo da Dilma	H	1954	SP	Interior	Economia	USP/ Unicamp	PT (1980-)	Dep. federal	Senador	Ministro Educação (2015-6; 2012-4); Casa Civil (2014-5); Ministro Ciência e Tec. (2011-2)	Mov. Estudantil e CUT	Não	Economista e professor universitário	
Ana de Hollanda	Não	M	1948	SP	Capital	Artes Cênicas	Teatro Vento Forte	Sem informação	<i>Sem experiência</i>	Diretora Centro de Música Funarte	Ministra Cultura (2011-2)	Não	Não	Cantora	
Anderson Dornelles	Primeiro filho	H	1979	RS	Capital	Direito	Não consta	Avante	<i>Sem experiência</i>			Não	Não	Empresário	
Antonio Palocci	Não	H	1960	SP	Interior	Medicina	USP	PT (1980-17); Presidente PT-SP (1997-8)	Dep. federal	Prefeito (experiente)	Ministro-Chefe Casa Civil (2011); Ministro da Fazenda (2003-6)	Convergência Socialista	Sim	Médico	
Arthur Chioro	Não	H	1963	SP	Interior	Medicina	UniFESO	PT (2010-)	<i>Sem experiência</i>	Presidente Ebserh (2023-)	Ministro Saude (2014-5)	Não	Não	Professor universitário	
Calino Pacheco Filho	Não	H	1948	RS	Interior	Economia	UFRGS	<i>Sem experiência</i>			VAR-Palmares	Sim	Economista		
Carlos Alberto de Re	Minhoca/ Codinome Danilo	H	1951-2021	RS	Interior	<i>Sem informação</i>		PDT (1980-m. 2021); Presidente Juv. Socialista (PDT)	<i>Sem experiência</i>			Var-Palmares/ VPR	Sim	Coordenação de atividades culturais	
Carlos Araújo	Codinome Max	H	1938-2017	RS	Interior	Direito	UFRGS	PDT (1980-04; 2013-m. 2017)	Dep. estadual (experiente)	<i>Sem experiência</i>			VAR-Palmares	Sim	Advogado
Clara Ant	Não	M	1948	Bolívia	Capital	Arquitetura e Urbanismo	USP	PT (1982-)	Dep. estadual	Vice-presidenta FNA	Assessora Especial do Presidente (2003-7); Assessora-chefe (AEPD-GPPR) (2023-)	CUT	Não	Professora universitária	

Nome	Apelido	Sexo	Nasc.	Estado nasc.	Int./ capital	Formação	Local/ formação	Filiação	Experiência mais alta (Legislativo)	Experiência mais alta (Executivo)	Experiência ministerial	Experiência militante	Preso político	Atuação profissional
Cláudio Galeno de Magalhães Linhares	Codinome Aurélio	H	-	MG	Interior	Jornalismo	UFMG	PDT (s/d)	<i>Sem experiência</i>			Polop	Sim	Jornalista
Celso Amorim	Não	H	-	SP	Interior	Rel. Internacionais	Instituto Rio Branco	MDB (1979); PMDB (1980-09); PT (2009-)	<i>Sem experiência</i>		Assessor-chefe AEPD (2023-); Ministro Defesa (2011-5); Ministro Rel. Exteriores (2003-10; 1993-5); Ministro Rel. Exteriores (1993)	Não	Não	Diplomata
Edson Antonio Edinho Silva	Edinho	H	1965	SP	Interior	C. Sociais	Unesp	PT (1985-)	Dep. estadual	Prefeito (experiente)	Ministro SECOM (2015-6)	Pastoral da juventude	Não	Professor universitário
Erenice Guerra	Não	M	1959	DF	Capital	Direito	CEUB	PT (1981-)	<i>Sem experiência</i>		Casa Civil (2010); Secretária-Executiva Casa Civil (2005-10)	Não	Não	Advogada
Eleonora Menicucci	Não	M	1944	MG	Interior	C. Sociais	UFMG	PT (1981-)	<i>Sem experiência</i>		Ministra-chefe Sec. Especial de Políticas para Mulheres (2012-5)	Mov. Estudantil/ PCB	Sim	Professora universitária
Eliseu Lemos Padilha	Padilha	H	1945-2023	RS	Interior	Direito	Unisinos	MDB (1966-1979; 1980-m. 2023)	Dep. federal (experiente)	Prefeito	Casa Civil (2016-9); Ministro Trabalho (Interino) (2018); Ministro-chefe Sec. Aviação Civil (2015); Ministro Transportes (1997-01)	Mov. Estudantil	Não	Advogado
Fernando Haddad	Haddad	H	1963	SP	Capital	Direito	USP	PT (1983-)	<i>Sem experiência</i>	Prefeito SP	Ministro Fazenda (2023-); Ministro Educação (2005-2012); Sec. Ex. Ministério Educação (2004 -2005)	Mov. Estudantil	Não	Professor universitário
Fernando Pimentel	Codinome Jorge	H	1951	MG	Capital	Economia	PUC-Minas	PT (1980-)	Dep. federal	Governador MG	Ministro Des., Indústria e C. Exterior (2011-4)	Mov. Estudantil	Sim	Professor universitário
Franklin Martins	Não	H	1948	ES	Capital	Economia	UFRJ/ EHESS	Não consta	<i>Sem experiência</i>		Ministro SECOM (2007-11)	Mov. Estudantil; MR-8	Sim	Jornalista
Giles Azevedo	Giles	H	1961	RS	Não consta	Geologia	UNB	PT (s/d-)	<i>Sem experiência</i>		Assessor Especial GPPR (gov. Dilma); Chefe de Gabinete da Presidência (gov. Dilma); Sec. Ex. Adjunto da Casa Civil (gov. Lula); Sec. Minas e Metalurgia Ministério Minas e Energia (gov. Lula)	Juventude socialista PDT	Não	Professor universitário
Gilberto Carvalho	Gilbertinho	H	1951	PR	Interior	Filosofia	UFPR	PT (1980-)	<i>Sem experiência</i>		Ministro-chefe Sec.-Geral da Presidência (2011-5); Chefe GPPR (2003-11)	Pastoral Operária	Sim	
Gleisi Hoffmann	Não	M	1965	PR	Capital	Direito	FDC	PCdoB (1983-9); PT (1989-); Presidente PT (2017-)	Senadora PR	<i>Sem experiência</i>	Casa Civil (2011-4)	Mov. Estudantil	Não	Advogada

Nome	Apelido	Sexo	Nasc.	Estado nasc.	Int./capital	Formação	Local/formação	Filiação	Experiência mais alta (Legislativo)	Experiência mais alta (Executivo)	Experiência ministerial	Experiência militante	Preso político	Atuação profissional
Glênio Peres	Não	H	1933-1988	RS	Interior	Jornalismo	Sem informação	MDB (1972-7); PDT (1980-m. 1988)	Vereador (experiente)	Vice-prefeito POA	<i>Sem experiência</i>	MDB	Não	Jornalista
Graça Foster	Não	M	1953	MG	Interior	Eng. Química	UFF	Sem informação	<i>Sem experiência</i>	Presidenta da Petrobras (2012-5)	Sec. de Petróleo, Gás Natural e Combustíveis Renováveis Min. Minas e Energia (2003-5)	Não	Não	Consultora
Guido Mantega	Não	H	1949	Itália	Capital	Economia	USP	PT (1980-)	<i>Sem experiência</i>	Presidenta BNDES (2004-6)	Ministro Fazenda (2006-15) Ministro Planejamento, Orç. e Gestão (2003-4)	Mov. Estudantil	Não	Economista
Ideli Salvatti	Não	M	1952	São Paulo	Capital	Física	UFPR	PT (1980-)	Senadora SC (experiente)	Presidenta SINTE-SC	Ministra-chefe Sec. Rel. Institucionais (2011-4); Ministra Pesca e Aquicultura (2011)	Pastoral Operária	Não	Sem informação
Inês Etienne Romeu	Codiname Estela	M	1942-2015	MG	Interior	História	UFC	Sem informação	<i>Sem experiência</i>			Polop, VPR, VAR-Palmars	Sim	Historiografia
Izabella Teixeira	Não	M	1961	DF	Capital	Biologia	UNB	<i>Sem experiência</i>			Ministra Meio Ambiente (2010; 2011-6)	Sem informação	Não	Servidora pública
Jaques Wagner	Não	H	1951	RJ	Capital	Eng. Civil Incompleto	PUC-Rio	PT (1980-)	Senador BA (experiente)	Governador BA (experiente)	Casa Civil (2015-6); Ministro Defesa (2015); Ministro Rel. Institucionais (2005-6); Ministro Trabalho e Emprego (2003-4)	Mov. Estudantil	Não	Político
José Eduardo Cardozo	Não	H	1959	SP	Capital	Direito	PUC-SP	PT (1980-)	Dep. federal (experiente)	Sem experiência	Advogado-Geral da União (2016); Ministro da Justiça (2011-6)	Mov. Estudantil	Não	Professor universitário, jurista
José Eduardo Dutra	Não	H	1957-2015	RJ	Capital	Geologia	UFRJ	PT (1983-m. 2015); Presidente PT (2010-1)	Senador SE	Presidente Petrobras (2003-5)	<i>Sem experiência</i>	Sindicalismo	Não	Geólogo
João Santana Filho	João Santana	H	1953	BA	Interior	Publicidade	UFBA	Não consta	<i>Sem experiência</i>			Não	Sim	Marqueteiro
José Dirceu	Zé Dirceu	H	1954	MG	Interior	Direito	PUC-SP	PCB (1961-6) PT (1980-); Presidente PT (1995-02)	Dep. federal	<i>Sem experiência</i>	Ministro-chefe Casa Civil (2003-5)	UNE	Sim	Advogado
José Luiz Alquéres	Não	H	1944	RJ	Capital	Eng. Civil	PUC-Rio/ Chicago University	Não consta	<i>Sem experiência</i>	Presidente do grupo Light (2006-7)	Secretário Nacional de Energia (1992)	Não	Não	Eng. civil

Nome	Apelido	Sexo	Nasc.	Estado nasc.	Int./capital	Formação	Local/formação	Filiação	Experiência mais alta (Legislativo)	Experiência mais alta (Executivo)	Experiência ministerial	Experiência militante	Preso político	Atuação profissional
José Genoio	Genoio	H	1946	CE	Interior	Filosofia e Direito Incompleto	UFRJ	PCdoB (1968-80); PT (1980-)	Dep. federal	<i>Sem experiência</i>	Assessor Ministério da Defesa (2011-3)	UNE	Sim	Aposentado
João Vaccari Neto	Não	H	1958	SP	Capital	Não consta		PT (1990-); Tesoureiro nacional do PT (2010-14)		<i>Sem experiência</i>		Sindicalismo	Sem informação	Bancário
Jorge Rodrigo Araújo Messias	Bessias	H	1980	PE	Capital	Direito	UFPE	Não consta		<i>Sem experiência</i>	Advogado-Geral da União (2023-); Subchefe assuntos jurídicos Casa Civil (2014-6)	Não	Não	Procurador
Leslie Belosque	Não	M	1948	SP	Interior	Economia	Unicamp	Não consta		<i>Sem experiência</i>		Mov. Estudantil	Sim	Professora universitária
Lícia Peres	Não	M	1940-2017	BA	Capital	C. Sociais	UFRGS	MDB (s/d) PDT (1980- m. 2017)		<i>Sem experiência</i>		Mov. Estudantil	Não	Sem informação
Luciano Zica	Zica	H	1951	MG	Interior	Incompleto	Não consta	PT (1995-2009) PV (2009-)	Deputado federal (experiente)		<i>Sem experiência</i>	Sindicalismo	Não	Petroleiro
Luiz Pinguelli Rosa	Pinguelli	H	1942-2022	RJ	Capital	Física	UFRJ/PUC-Rio	Não consta	<i>Sem experiência</i>	Presidente da Eletrobrás (2003-4)	Secretário-executivo Fórum Brasileiro de Mudanças Climáticas (2004-16)	Não	Não	Professor universitário
Luiz Sérgio	Não	H	1957	RJ	Interior	Não consta		PT (1980-)	Dep. federal (experiente)	Prefeito Angra dos Reis (1993-6)	Ministro Rel. Institucionais (2011); Ministro Pesca e Aquicultura (2011-2)	Sindicalista	Não	Metalúrgico
Luiz Oscar Becker	Becker	H	Sem informação			Eng. Civil	ITA	Não consta		Sem informação		Mov. Estudantil	Não	Engenheiro
Marco Aurélio Garcia	MAG	H	1941-2017	RS	Capital	Filosofia e Direito	UFRGS/EHESS	PT (1980-m. 2017); Vice-presidente PT (2005-10)		<i>Sem experiência</i>	Assessor Rel. Internacionais (Gov. Lula e Dilma)	Vice-presidente UNE	Sim	Professor universitário
Maria Celeste Martins	Não	M	1942	RS	Interior	Não consta				<i>Sem experiência</i>		VAR-Palmares	Sim	Servidora pública
Maria Regina Barnasque	Buluga	M	Sem informação	RS	Interior	Direito	Sem informação			<i>Sem experiência</i>		Político-partidária	Sem informação	
Maria do Rosário	Não	M	1966	RS	Interior	Pedagogia	UFRGS	PCdoB (1985-94); PT (1994-)	Dep. federal (experiente)	<i>Sem experiência</i>	Ministra-chefe Sec. Direitos Humanos (2011-4)	Político-partidária	Não	Professora universitária

Nome	Apelido	Sexo	Nasc.	Estado nasc.	Int./capital	Formação	Local/formação	Filiação	Experiência mais alta (Legislativo)	Experiência mais alta (Executivo)	Experiência ministerial	Experiência militante	Preso político	Atuação profissional
Marta Suplicy	Marta	M	1945	SP	Capital	Psicologia	PUC-SP/ Michigan University	PT (1981-15); MDB (2015-8); Solidariedade (2020); PT (2024+)	Senadora SP (experiente)	Prefeita SP	Ministra Cultura (2012-4); Ministra Turismo (2007-8)	Político-partidária	Não	Sexóloga
Maurício Tolmasquim	Não	H	Sem informação			Economia	UFRJ	Sem informação	Não consta			Não	Pesquisador	
Michel Temer	Temer	H	1940	SP	Interior	Direito	USP	MDB (1981-)	Dep. federal (experiente)	Presidente do Brasil (2016-9); Vice-presidente do Brasil (2011-6)	Sec. Est. Segurança Pública SP (1984-92; 1993)	Mov. Estudantil	Não	Advogado
Miguel Rossetto	Rossetto	H	1963	RS	Interior	C. Sociais	Unisinos	PT (1982-)	Dep. federal	Vice-governador RS	Ministro Trab. e Prev. Social (2015-6); Ministro Secretaria-Geral (2015); Ministro Des. Agrário (2003-6)	Sindicalismo	Sim	Sociólogo e sindicalista
Miriam Belchior	Não	M	1958	SP	Interior	Eng. Alimentos	Unicamp	PT (1981-)	<i>Sem experiência</i>	Presidência Caixa Econômica Federal (2015-6)	Sec.-Executiva Casa Civil (2023-); Ministra Plan., Orç. e Gestão (2011-5)	Sem informação	Não	Eng.
Nelson Jobim	Não	H	1946	RS	Interior	Direito	UFRGS	MDB (1986-)	Dep. federal	Presidente STF (2004-6); Presidente TSE (2001-3)	Ministro Defesa (2007-11); Ministro Supremo Tribunal Federal (1997-06) Ministro Justiça (1995-7)	Político-partidário	Não	Jurista e professor universitário
Olívio Dutra	Nego Olívio	H	1941	RS	Interior	Letras	UFRGS	PT (1979-); Presidente PT (1988)	Dep. federal	Governador RS	Ministro Cidades (2003-5)	Sindicalismo	Sim	Sindicalista
Olimpio Antônio Brasil Cruz	Olicruz	H	-	DF	Capital	Jornalismo	CEUB	Não consta	<i>Sem experiência</i>	Assessor especial do GPPR (2015-6) SECOM (2014-5)			Não	Jornalista
Orlando Silva	Não	H	1971	BA	Capital	Não consta	Não consta	PCdoB (1989-)	Dep. federal (experiente)	Presidente UNE	Ministro Esporte (2006-11)	Mov. estudantil	Não	Político
Paula Zagotta	Paulinha	M	Sem informação			Letras	UFJF	Não consta	<i>Sem experiência</i>			Não	Marketing digital	
Paulo Bernardo	Não	H	-	SP	Capital	Geografia	UNB	PT (1984+)	Dep. federal (experiente)	<i>Sem experiência</i>	Ministro Comunicações (2011-5); Ministro Planejamento, Orç. e Gestão (2005-11)	Sindicalismo	Não	Bancário
Patrus Ananias	Não	H	1952	MG	Interior	Direito	UFMG	PT (1982-)	Dep. federal	Prefeito BH	Ministro Des. Agrário (2016); Ministro Des. Social e Combate à Fome (2004-10)	Mov. estudantil	Sim	Advogado e professor universitário

Nome	Apelido	Sexo	Nasc.	Estado nasc.	Int./capital	Formação	Local/formação	Filiação	Experiência mais alta (Legislativo)	Experiência mais alta (Executivo)	Experiência ministerial	Experiência militante	Preso político	Atuação profissional
Pedro Pullen Parente	Não	H	1953	RJ	Capital	Eng. Eletrônica	UNB	Não consta	<i>Sem experiência</i>	Presidente da Petrobras (2016-8)	Ministro Minas e Energia (2002); Casa Civil (1999-03); Ministro Plan., Orçamento e Gestão (1999)	Não	Não	Eng.
Raul Pont	Não	H	1944	RS	Interior	História	UFRGS	MDB (1975-8); PT (1980-)	Dep. federal	Prefeito POA	<i>Sem experiência</i>	Presidente DCE	Sim	Professor universitário
Renato Janine	Não	H	1949	SP	Interior	Filosofia	USP/Paris I	Não consta	<i>Sem experiência</i>		Ministro Educação (2015)	Não	Não	Professor universitário
Ricardo Berzoini	Berzoini	H	1960	MG	Interior	Eng. incompleto	FEI	Presidente PT (2005-6; 2007-10)	Dep. federal	<i>Sem experiência</i>	Ministro-chefe AEPD (2015-16); Ministro das Comunicações (2015); Ministro-chefe Rel. Institucionais (2014-5); Ministro Trabalho e Emprego (2004-5); Ministro Previdência Social (2003-4)	Sindicalismo; Bancoop	Não	Bancário
Rui Falcão	Codínome Marcelo e Daniel	H	1943	MG	Interior	Direito	USP	PT (1982-); Presidente PT (2011-17)	Dep. federal (experiente)	<i>Sem experiência</i>		VAR-Palmares	Sim	Jornalista
Sereno Chaise	Não	H	1928-2017	RS	Interior	Direito	PUC-RS	PTB (1949-65) PDT (1980-99) PT (1999-m. 2017)	Dep. estadual (experiente)	Presidente CGTEE	<i>Sem experiência</i>	Partidária	Não	Advogado
Sônia Maria Lacerda	Não	M	-	MG	Interior	Economia	Sem informação		<i>Sem experiência</i>		Chefe GRPR-MG (2012-4)	Mov. estudantil	Sim	Sem informação
Tarso Genro	Não	H	1947	RS	Interior	Direito	UFSM	MDB (1968-80); PMDB (1980-88); PT (1988-); Presidente PT (2005)	Dep. federal	Governador RS	Ministro Justiça (2007-10); Ministro-chefe Rel. Institucionais (2005-6); Ministro Educação (2004-5)	Comunista	Sim	Advogado e professor universitário
Tereza Campello	Não	M	1969	SP	Interior	Economia	UFU	PT (1980-presente)	<i>Sem experiência</i>	Diretora Socioambiental BNDES (2023-)	Ministra Des. Social e Combate à Fome (2011-6)	Não	Não	Professora universitária
Vera Lúcia Stringuini	Codínome Sandra	M	1943	RS	Interior	Medicina	UFRGS	Não consta	<i>Sem experiência</i>			FBT/POR	Sim	Psiquiatra
Wagner Rossi	Não	H	1943	SP	Capital	Direito	USP	MDB (1981-)	Dep. federal	Presidente CONAB (2007-10)	Ministro Agr., Pecuária e Abastecimento (2010-1)	Não	Não	Produtor rural

Fonte: Autoria própria (2024).

Referências- Rede

ANA DE HOLLANDA: *Site pessoal*. Disponível: <https://www.anadehollanda.site/sobre>, consulta: 04/04/2024.

ANE BRASIL. *Membro: Maria das Graças Silva Foster*. Disponível: <https://anebrasil.org.br/membros/maria-das-gracas-silva-foster>, consulta: 17/02/2024.

APERS. 02/04/2022. *Ilha do Presídio: um lugar de memória para dizer “Ditadura nunca mais”!*. Disponível: <https://www.apers.rs.gov.br/ilha-do-presidio-um-lugar-de-memoria-para-dizer-ditadura-nunca-mais>, consulta: 17/02/2024.

ARQUIVO PÚBLICO ESTADUAL JOÃO EMERENCIANO. *Comissão Estadual da Memória e Verdade Dom Helder Câmara (2012-06-01): Arquivos Vera Lúcia Stringuini*. Disponível: https://www.comissaodaverdade.pe.gov.br/index.php/vera-lucia-stringuini-pdf?sf_culture=pt_BR, consulta: 09/02/2024.

ASSEMBLEIA LEGISLATIVA RS, 11/05/2011. *Morre, aos 60 anos, Carlos Alberto Tejera De Ré*. Disponível: <https://ww4.al.rs.gov.br/tval/4011>, consulta: 15/02/2024.

ASSEMBLEIA LEGISLATIVA SP. *Clara Ant: Biografia*. Disponível: <https://www.al.sp.gov.br/deputado/?matricula=300173>, consulta: 16/02/2024.

BNDES. *Currículos de conselheiros*. Disponível: <https://www.bndes.gov.br/wps/portal/site/home/mercado-de-capitais/conselheiros-curriculo>, consulta: 16/02/2024.

_____. *Quem é quem: Tereza Campello*. Disponível: <https://www.bndes.gov.br/wps/portal/site/home/quem-somos/quem-e-quem/tereza-campello>, consulta: 17/02/2024.

BRASIL DE FATO, 29/05/2018. *Pedro Parente | O senhor dos apagões* por Leonardo Fernandes. Disponível: <https://www.brasildefato.com.br/2018/05/29/pedro-parente-or-o-senhor-dos-apagoes>, consulta: 16/02/2024.

BNM Digital. *Ação Penal nº 526/71 Apelação STM nº 39.215*. Disponível: <https://bnmdigital.mpf.mp.br/sumarios/300/232.html>, consulta: 09/02/2024.

BNM Digital. *Ação Penal nº 20/71 Apelação STM nº 39.769*. Disponível: <https://bnmdigital.mpf.mp.br/sumarios/200/178.html>, consulta: 15/02/2024.

BNM Digital. *Ação Penal nº 89/66 Apelação STM nº 38.685*. Disponível: <https://bnmdigital.mpf.mp.br/sumarios/600/562.html>, consulta: 17/02/2024.

CÂMARA DOS DEPUTADOS. *Alexandre Padilha: Biografia*. Disponível: <https://www.camara.leg.br/deputados/204503>, consulta: 17/02/2024.

_____. *Antonio Palocci: Biografia*. Disponível: <https://www.camara.leg.br/deputados/74701/biografia>, consulta: 17/02/2024.

_____. *Eliseu Padilha: Biografia*. Disponível: <https://www.camara.leg.br/deputados/73892/biografia>, consulta: 15/02/2024.

_____. *Gleisi Hoffmann: Biografia*. Disponível: <https://www.camara.leg.br/deputados/107283/biografia>, consulta: 17/02/2024.

_____. *José Dirceu: Biografia*. Disponível: <https://www.camara.leg.br/deputados/74782/biografia>, consulta: 15/02/2024.

_____. *José Eduardo Cardozo: Biografia*. Disponível: <https://www.camara.leg.br/deputados/74274/biografia>, consulta: 15/02/2023.

_____. *José Genoio: Biografia*. Disponível: <https://www.camara.leg.br/deputados/73540/biografia>, consulta: 15/02/2024.

_____. *Luciano Zica: Biografia*. Disponível: <https://www.camara.leg.br/deputados/73545/biografia>, consulta: 05/02/2024.

_____. *Luíz Sérgio: Biografia*. Disponível: <https://www.camara.leg.br/deputados/74688/biografia>, consulta: 17/02/2024.

_____. *Maria do Rosário: Biografia*. Disponível: <https://www.camara.leg.br/deputados/74398>, consulta: 05/02/2024.

_____. *Miguel Rossetto: Biografia*. Disponível: <https://www.camara.leg.br/deputados/73905/biografia>, consulta: 17/02/2024.

_____. *Orlando Silva: Biografia*. Disponível: <https://www.camara.leg.br/deputados/178987>, consulta: 17/02/2024.

_____. *Patrus Ananias: Biografia*. Disponível: <https://www.camara.leg.br/deputados/74160/biografia>, consulta: 15/02/2024.

_____. *Raul Pont: Biografia*. Disponível: <https://www.camara.leg.br/deputados/133953/biografia>, consulta: 17/02/2024.

_____. *Paulo Bernardo: Biografia*. Disponível: <https://www.camara.leg.br/deputados/73784/biografia>, consulta: 17/02/2024.

_____. *Ricardo Berzoini: Biografia*. Disponível: <https://www.camara.leg.br/deputados/74793>, consulta: 17/02/2024.

_____. *Rui Falcão: Biografia*. Disponível: <https://www.camara.leg.br/deputados/73604>, consulta: 17/02/2024.

_____. *Tarso Genro: Biografia*. Disponível: <https://www.camara.leg.br/deputados/1526/biografia>, consulta: 17/02/2024.

_____. *Wagner Rossi: Biografia*. Disponível: <https://www.camara.leg.br/deputados/73567/biografia>, consulta: 17/02/2024.

CÂMARA MUNICIPAL DE ARARAQUARA. *Biografia do prefeito eleito pelo povo para a 13^a, 14^a e 17^a Legislatura, Edson Antônio Edinbo da Silva*. Disponível: <https://www.camara-arq.sp.gov.br/Memorial/Pagina/803>, consulta: 16/02/2024.

CÂMARA POA, 31/01/2014. *Há 37 anos, dois vereadores foram cassados pelo AI-5* por Carlos Scomazzon. Disponível: <https://www.camarapoa.rs.gov.br/noticias/ha-37-anos-dois-vereadores-foram-cassados-pelo-ai-5>, consulta: 16/02/2024.

_____. *Memorial: Maria do Rosário*. Disponível: <https://memorial.camarapoa.rs.gov.br/galeriadasmulheres/maria-do-rosario/>, consulta: 05/02/2024.

_____. *Memorial: Glênio Peres*. Disponível: <https://memorial.camarapoa.rs.gov.br/glenio-peres7>, consulta: 16/02/2024.

_____. *Memorial: Sereno Chaise*. Disponível: <https://memorial.camarapoa.rs.gov.br/galeriadospresidentes/sereno-chaise>, consulta: 16/02/2024.

CARDOSO, Claudira; COELHO FARIAS, Gustavo; FERRARI MONTEMEZZO, Laura. A trajetória política de Sereno Chaise: da democracia de 1945 aos dias atuais. *História Oral*, v. 17, n. 1, 2014. pp. 1-36. Disponível: <https://revista.historiaoral.org.br/index.php/rho/article/view/372/pdf>, consulta: 16/03/2024.

CARTA CAPITAL, 20/07/2017. *Marco Aurélio Garcia morre aos 76 anos*. Disponível: <https://www.cartacapital.com.br/politica/marco-aurelio-garcia-morre-aos-76-anos>, consulta: 15/02/2024.

CEBRI. *Biografia. Izabella Teixeira*. Disponível: <https://cebri.org.br/especialista/63/izabella-teixeira>, consulta: 17/02/2024.

CNN BRASIL, 03/02/2024. *Quem é Marta Suplicy, escolhida para ser vice de Bolsonaro na eleição de São Paulo* por Douglas Porto. Disponível:

<https://www.cnnbrasil.com.br/politica/quem-e-marta-suplicy-escolhida-para-ser-vice-de-boulos-na-eleicao-de-sao-paulo/>, consulta: 28/02/2024.

COMISSÃO NACIONAL DA VERDADE EM PORTO ALEGRE, 17/07/2013. *Entrevista com Calino Pacheco Filho (7min48)*. Disponível: <https://www.youtube.com/watch?v=x7FohbjW2IY>, consulta: 17/02/2024.

CORREIO BRAZILIENSE, 05/12/2010. *Futuro chefe de gabinete de Dilma, Giles Azevedo, é firme nas decisões*. Disponível: https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/politica/2010/12/05/interna_politica,226254/futuro-chefe-de-gabinete-de-dilma-giles-azevedo-e-firme-nas-decisoes.shtml, consulta: 16/02/2024.

DIÁRIO OFICIAL DA UNIÃO, Seção 2, Nº 63, sexta-feira, 31 de março de 2023. Disponível: <https://pesquisa.in.gov.br/imprensa/servlet/INPDFViewer?jornal=529&pagina=65&data=31/03/2023&captchafield=firstAccess>, consulta: 09/02/2024.

ELISEU PADILHA: *Site pessoal*. Disponível: <http://www.eliseupadilha.com.br/politico/historia.php>, consulta: 15/02/2024.

ESCAVADOR. *Perfil de Calino Pacheco Filho*. <https://www.escavador.com/sobre/1858485/calino-ferreira-pacheco-filho>, consulta: 17/02/2024, consulta: 15/02/2024.

_____. *Perfil de Jorge Rodrigo Araújo Messias*. Disponível: <https://www.escavador.com/sobre/6134090/jorge-rodrigo-araujo-messias>, consulta: 09/02/2024.

_____. *Perfil de Leslie Belosque*. Disponível: <https://www.escavador.com/sobre/1550745/leslie-denise-belosque>, consulta: 09/02/2024.

ESPM. *Docentes: José Eduardo Cardozo*. Disponível: <https://www.espm.br/professores/jose-eduardo-martins-cardozo>, consulta: 15/02/2023.

ESTADÃO, 22/12/2022. *Quem é Jorge Messias, advogado geral da União do novo governo Lula*. Disponível: <https://www.estadao.com.br/politica/quem-e-jorge-messias-advogado-geral-da-uniao-do-novo-governo-lula/>, consulta: 09/02/2024.

_____, 20/05/2016. *PERFIL: Com FHC, Pedro Parente foi o 'ministro do apagão' por Carla Araújo*. Disponível: <https://www.estadao.com.br/economia/perfil-com-fhc--pedro-parente-foi-o-ministro-do-apagao>, consulta: 09/02/2024.

ESTADO DE MINAS, 26/06/2011. *Chefe de gabinete é um dos poucos para apontar os erros de Dilma*. Disponível: https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2011/06/26/interna_politica,236125/chefe-de-gabinete-e-um-dos-poucos-para-apontar-os-erros-de-dilma.shtml, consulta: 16/02/2024.

_____, 15/02/2012. *Amiga de colégio de Dilma comanda escritório da presidente em BH* por Patrícia Aranha. Disponível: https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2012/02/15/interna_politica,278080/amiga-de-colegio-de-dilma-comanda-escritorio-da-presidente-em-bh.shtml, consulta: 17/02/2024.

FACEBOOK. *Calino Pacheco Filho*. Disponível: <https://www.facebook.com/calino.ferreirapachecofilho>, consulta: 17/02/2024.

FFLCH-USP. *Docentes: Fernando Haddad*. Disponível: <https://dcp.ffeilch.usp.br/fernando-haddad>, consulta: 15/02/2024.

_____. *Docentes: Renato Janine Ribeiro*. Disponível: <https://filosofia.ffeilch.usp.br/professores/renato-janine-ribeiro>, consulta: 17/02/2024.

FGV-CPDOC. *Verbetes* *Biográfico:* *Miguel Rosseto.* Disponível:
<https://www18.fgv.br/CPDOC/acervo/dicionarios/verbete-biografico/miguel-soldatelli-rosseto>,
consulta: 17/02/2024.

_____. *Verbetes* *Biográfico:* *Renato Janine Ribeiro.* Disponível:
<https://www18.fgv.br/CPDOC/acervo/dicionarios/verbete-biografico/renato-janine-ribeiro>,
consulta: 17/02/2024.

_____. *Verbetes* *Biográfico:* *Ricardo Berzoini.* Disponível:
<https://www18.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/berzoini-ricardo>,
consulta: 17/02/2024.

_____. *Verbetes* *Biográfico:* *Olívio Dutra.* Disponível:
<https://www18.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/olivio-de-oliveira-dutra>,
consulta: 15/02/2024.

FGV-EAESP. *Professor:* *Guido Mantega.* Disponível:
<https://pesquisa-eaesp.fgv.br/professor/guido-mantega>, consulta: 17/02/2024.

FOLHA DE S.PAULO, 17/09/2015. *Giles, o fiel e discreto assessor de Dilma, tenta reunir a base* por Natuza Nery. Disponível:

<https://m.folha.uol.com.br/poder/2015/09/1682694-giles-o-fiel-e-discreto-assessor-de-dilma-tenta-reunir-a-base.shtml>, consulta: 16/02/2024.

_____, 30/11/2012. *Sai do estaleiro?* por Vera Magalhães. Disponível:
<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/poder/80954-painel.shtml>, consulta: 17/02/2024.

_____, s/d *Anderson Dorneles.* Disponível:
<https://www1.folha.uol.com.br/poder/eleicoes/candidatos/2022/rs/deputado-federal/anderson-dorneles-210001620441.shtml>, consulta: 16/02/2024.

FUNDO COMISSÃO ESPECIAL DE INDENIZAÇÃO/APERS - *Processo de indenização nº 6700-1200/98-5*, Maria Celeste Martins.

_____- *Processo nº 4990-1200/98-3*, Vera Lucia Stringhini.

G1, 14/03/2014. *Chefe de gabinete de Dilma é exonerado para atuar na campanha.* Disponível:
<https://g1.globo.com/politica/noticia/2014/03/chefe-de-gabinete-de-dilma-e-exonerado-para-atuar-na-campanha.html>, consulta: 16/02/2024.

_____, 03/12/2010. *Cardozo teve posição central na campanha de Dilma.* Disponível:
<https://g1.globo.com/politica/noticia/2010/12/cardozo-teve-posicao-central-na-campanha-de-dilma.html>, consulta: 15/02/2023.

_____, 19/11/2010. *Cardozo diz quem é quem nos 'três porquinhos' de Dilma.* Disponível:
<https://g1.globo.com/politica/noticia/2010/11/cardozo-diz-quem-e-quem-nos-tres-porquinhos-de-dilma.html>, consulta: 15/02/2023.

_____, 01/11/2010. *Conheça a história da infância e adolescência de Dilma Roussef* por Liliana Junger. Disponível:
<https://g1.globo.com/jornal-da-globo/noticia/2010/11/conheca-historia-da-infancia-e-adolescencia-de-dilma-roussef.html>, consulta: 17/02/2024.

GAZETA DO POVO, 01/06/2018. *Conheça a trajetória de Pedro Parente.* Disponível:
<https://www.gazetadopovo.com.br/politica/republica/conheca-a-trajetoria-de-pedro-parente-4t58nh3ngxln5t7jrj5135br2/>, consulta: 16/02/2024.

GRUPO AUTÊNTICA. *Autores:* *Clara Ant.* Disponível:
<https://grupoautentica.com.br/autentica/autor/clara-ant/1959>, consulta: 16/02/2024.

GZH, 11/05/2011. *Aos 60 anos, morre o militante e fundador do PDT, Carlos Alberto Tejera de Ré.* Disponível:
<https://gauchazh.clicrbs.com.br/geral/noticia/2011/05/aos-60-anos-morre-o-militante-e-fundador-do-pdt-carlos-alberto-tejera-de-re-3306832.html>, consulta: 15/02/2024.

_____, 01/06/2013. *Os fichados do Dops: primeiro marido da presidente Dilma participou de sequestro de avião.* Disponível:

<https://gauchazh.clicrbs.com.br/geral/noticia/2013/06/os-fichados-do-dops-primeiro-marido-da-presidencia-dilma-participou-de-sequestro-de-aviao-4156368.html>, consulta: 16/02/2024.

_____, 28/03/2014. *Coronel que admitiu matar e esconder cadáveres durante regime militar ensinou tortura no Rio Grande do Sul*. Disponível:

<https://gauchazh.clicrbs.com.br/geral/noticia/2014/03/coronel-que-admitiu-matar-e-esconder-cadaveres-durante-regime-militar-ensinou-tortura-no-rio-grande-do-sul-4458783.html>, consulta: 17/02/2024.

_____, 12/05/2016. *Giles, “Bessias” e “Google do Planalto” estão na equipe de Dilma*. Disponível: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/politica/noticia/2016/05/giles-bessias-e-google-do-planalto-estao-na-equipe-de-dilma-5799673.html>, consulta: 09/02/2024.

_____, 27/09/2017. *A trajetória de Palocci: de homem forte do PT a delator de Lula*. Disponível: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/politica/noticia/2017/09/a-trajetoria-de-palocci-de-homem-forte-do-pt-a-delator-de-lula-cj83lql6s01mj01mjf358lvqk.html>, consulta: 17/02/2024.

_____, 16/03/2017. *Morre Lícia Peres, socióloga, feminista e militante política*. Disponível: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/geral/noticia/2017/03/morre-licia-peres-sociologa-feminista-e-militante-politica-9749714.html>, consulta: 09/02/2024.

HOJE EM DIA, 22/10/2013. *“QG” de Dilma em BH já custou R\$ 329 mil, sem receber a petista* por Humberto Santos. Disponível:

<https://www.hojeemdia.com.br/primeiro-plano/pol%C3%ADtica/qg-de-dilma-em-bh-j%C3%A1-custou-r-329-mil-sem-receber-a-petista-1.215321>, consulta: 17/02/2024.

INFOMONEY, 30/01/2024. *Maurício Tolmasquim: “O futuro da Petrobras passa por sua transformação em uma empresa de energia”* por Felipe Mendes. Disponível: <https://www.infomoney.com.br/business/mauricio-tolmasquim-o-futuro-da-petrobras-passa-por-sua-transformacao-em-uma-empresa-de-energia/>, consulta: 09/02/2024.

ISTO É, 01/11/2010. *A descoberta da política no Colégio Central*. Disponível: https://istoe.com.br/103661_A+DESCOBERTA+DA+POLITICA+NO+COLEGIO+CENTRAL, consulta: 17/02/2024.

_____, 18/06/2010. *Os tempos de Dilma no Sion*. Disponível: https://istoe.com.br/81836_OS+TEMPOS+DE+DILMA+NO+SION/, consulta: 17/02/2024.

_____, 10/12/2010. *Os escudeiros de Dilma* por Hugo Marques. Disponível: https://istoe.com.br/114861_OS+ESCUDEIROS+DE+DILMA/, consulta: 16/02/2024.

_____, 11/03/2016. *O esquema Erenice* por Débora Bergamasco. Disponível: https://istoe.com.br/448524_O+ESQUEMA+ERENICE/, consulta: 17/02/2024.

JUSBRASIL, 11/05/2011. *Faleceu nesta madrugada, em Porto Alegre, Carlos Alberto Tejera de Ré*. Disponível: <https://www.jusbrasil.com.br/noticias/faleceu-nesta-madrugada-em-porto-alegre-carlos-alberto-tejera-de-re/2680147>, consulta: 15/02/2024.

LINKEDIN. *Edinho Silva*. Disponível: <https://br.linkedin.com/in/edinho-silva>, consulta: 16/02/2024.

_____. *Graça Foster*. Disponível: <https://br.linkedin.com/in/graca%C3%A7a-foster-9b639a292>, consulta: 17/02/2024.

_____. *Izabella Monica Teixeira*. Disponível: <https://br.linkedin.com/in/izabella-monica-teixeira-she-her-66405812a>, consulta: 17/02/2024.

_____. *Maurício T. Tolmasquim*. Disponível: <https://br.linkedin.com/in/mauricio-tolmasquim-09820b122>, consulta: 09/02/2024.

_____. *Tereza Campello*. Disponível: <https://br.linkedin.com/in/tereza-campello-01744710a>, consulta: 17/02/2024.

MARIA DO ROSÁRIO: *Site pessoal*. Disponível: <https://mariadorosario.com.br/sobre-maria-do-rosario/>, consulta: 05/02/2024.

MEMÓRIA DA ELETRICIDADE. *Profissional: José Luiz Alquéres*. Disponível: <https://memoriadaeletricidade.com.br/acervo/2071/jose-luiz-alqueres>, consulta: 17/02/2024.

- MEMÓRIAS DA DITADURA. *Entrevista com Franklin Martins* (2h49min). Disponível: <https://memoriasdaditadura.org.br/video/franklin-martins/>, consulta: 15/02/2024.
- _____. *Personagens: Inês Etienne Romeu*. Disponível: <https://memoriasdaditadura.org.br/personagens/ines-etienne-romeu>, consulta: 17/02/2024.
- MEMORIAL DA RESISTÊNCIA. *Eleonora Menicucci*. Disponível: <https://memorialdaresistencia.org.br/pessoas/eleonora-menicucci/>, consulta: 15/02/2024.
- _____. *José Genoio Neto*. Disponível: <https://memorialdaresistencia.org.br/pessoas/jose-genoino-neto>, consulta: 15/02/2024.
- _____. *Leslie Denise Belosque*. Disponível: <https://memorialdaresistencia.org.br/pessoas/leslie-denise-beloque/>, consulta: 09/02/2024
- _____. *Dossiê sobre militante Inês Etienne Romeu é lançado*. Disponível: <https://memorialdaresistencia.org.br/noticias/ultimo-dossie-orgulho-e-resistencia/>, consulta: 17/02/2024.
- METRÓPOLES, 30/11/2023. *Ex-braço direito de Dilma ganha cargo em empresa do BB e reduz em 93% dívida com o banco* por Guilherme Amado e João Pedrosa de Campos. Disponível: <https://www.metropoles.com/colunas/guilherme-amado/ex-braco-direito-de-dilma-ganha-cargo-em-empresa-do-bb-e-reduz-em-93-divida-com-o-banco>, consulta: 16/02/2024.
- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. *Arthur Chioro*. Disponível: <https://www.gov.br/ebserh/pt-br/composicao/administracao-central/presidencia/ademar-arthur-chioro-dos-reis>, consulta: 17/02/2024.
- MINISTÉRIO DA FAZENDA. *Fernando Haddad*. Disponível: <https://www.gov.br/fazenda/pt-br/composicao/ministro/fernando-haddad>, consulta: 15/02/2024.
- MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES, 01/03/2023. *Celso Luiz Nunes Amorim*. Disponível: <https://www.gov.br/mre/pt-br/biblioteca/colecoes/celso-luiz-nunes-amorim>, consulta: 15/02/2024.
- MUSEU DO FUTEBOL. *Personalidades: Anna de Hollanda*. Disponível: <https://museudofutebol.org.br/crfb/personalidades/533879/>, consulta: 04/04/2024.
- NEAMP-PUCSP. *Lideranças políticas: Alceu Collares*. Disponível: <https://neamp.pucsp.br/liderancas/alceu-de-deus-collares>, consulta: 15/02/2024.
- _____. *Lideranças políticas: Aloizio Mercadante*. Disponível: <https://neamp.pucsp.br/liderancas/alozio-mercadante-oliva>, consulta: 16/02/2024.
- _____. *Lideranças políticas: Fernando Damata Pimentel*. Disponível: <https://neamp.pucsp.br/liderancas/fernando-damata-pimentel>, consulta: 15/02/2024.
- _____. *Lideranças políticas: Gleisi Helena Hoffmann*. Disponível: <https://neamp.pucsp.br/liderancas/gleisi-helena-hoffmann>, consulta: 17/02/2024.
- _____. *Lideranças políticas: Marta Suplicy*. Disponível: <https://neamp.pucsp.br/liderancas/marta-teresa-suplicy>, consulta: 05/02/2024.
- OS DIVERGENTES, 15/05/2017. *O crepúsculo de Dilma, na paleta de cores de Olicruz* por Rudolfo Lago. Disponível: <https://osdivergentes.com.br/rudolfo-lago/o-crepusculo-de-dilma-na-paleta-de-cores-de-olicruz/>, consulta: 09/02/2024.
- PDT, 16/01/2023. *PDT homenageia Lícia Peres com cartilha que reverencia trajetória da trabalhista*. Disponível: <https://pdt.org.br/index.php/pdt-homenageia-licia-peres-com-cartilha-que-reverencia-trajetoria-da-trabalhista/>, consulta: 09/02/2024.
- PERSEU ABRAMO, 17/12/2007. *Ricardo Berzoini é reeleito presidente nacional do PT para o biênio 2008/2009*. Disponível:

<https://fpabramo.org.br/2007/12/17/ricardo-berzoini-e-reeleito-presidente-nacional-do-pt-para-o-bienio-20082009/>, consulta: 17/02/2024.

PIAUI, 11/05/2017. *Há um ano por Olímpio Cruz Neto*. Disponível: <https://piaui.folha.uol.com.br/charutos-e-calhordas/>, consulta: 02/03/2024.

PORTAL DOS JORNALISTAS, 11/06/2017. *Franklin Martins*. Disponível: <https://www.portaldosjornalistas.com.br/jornalista/franklin-martins/>, consulta: 15/02/2024.

_____, 29/07/2015. *Olímpio Cruz deixa a Secretaria de Imprensa da Presidência da República e vai para o Banco do Brasil*. Disponível: <https://www.portaldosjornalistas.com.br/olimpio-cruz-deixa-secretaria-imprensa-da-presidencia-da-republica-va/>, consulta: 09/02/2024.

PPE-UFRJ. *Professor Emérito: Luiz Pinguelli Rosa*. Disponível: <https://www.ppe.ufrj.br/index.php/pt/o-ppe/docentes/docente-visao-unica/79-professor-emerito/168-luiz-pinguelli-rosa>, consulta: 05/02/2024.

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. *Alexandre Rocha Santos Padilha*. Disponível: <https://www.gov.br/sri/pt-br/composicao/ministro>, consulta: 17/02/2024.

_____. *Biografia: Michel Temer*. Disponível: <http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/michel-temer/biografia-1/biografia>, consulta: 04/04/2024.

_____. *Clara Levin Ant*. Disponível: https://www.gov.br/planalto/pt-br/aceso-a-informacao/institucional/gabinete-pessoal-do-presidente-da-republica/Curriculo_CLARA_ANT.pdf, consulta: 16/02/2024.

_____. *Ministro e Secretários*. Disponível: <https://www.gov.br/trabalho-e-emprego/pt-br/composicao/ministro-e-secretarios>, consulta: 17/02/2024

_____. *Miriam Aparecida Belchior*. Disponível: <https://www.gov.br/casacivil/pt-br/composicao/secretaria-executiva/curriculos-se/se-gab-miriam-belchior.pdf>, consulta: 04/04/2024.

PT. *Éden Valadares*. Disponível: <https://pt.org.br/eden-valadares/>, consulta: 16/02/2024.

_____. *Rui Falcão*. Disponível: <https://pt.org.br/rui-falcao>, consulta: 17/02/2024.

RANKING DOS POLÍTICOS. *Rui Falcão*. Disponível: <https://www.politicos.org.br/Parlamentar/7185-rui-goethe-da-costa-falc%C3%A3o>, consulta: 17/02/2024.

RIO GRANDE DO SUL. *Palácio Piratini: Tarso Genro*. Disponível: <https://www.palaciopiratini.rs.gov.br/tarso-genro>, consulta: 17/02/2024.

SBARDELOTTO, Moisés. *Mater et Magistra: uma síntese entre comunismo, socialismo e capitalismo*. Entrevista com Patrus Ananias. *Revista do Instituto Humanitas (IHU-Online) - Unisinos*. 360, ano X. São Leopoldo, 09/05/2011. pp. 5-12.

SEADE. *Informações Eleitorais: Edson Antônio Edinbo da Silva*. Disponível: http://produtos.seade.gov.br/produtos/eleicoes/candidatos/index.php?page=pol_det&cand=69403, consulta: 16/02/2024.

_____. *Informações Eleitorais: Eustáquio Luciano Zica*. Disponível: http://produtos.seade.gov.br/produtos/eleicoes/candidatos/index.php?page=pol_det&cand=517, consulta: 05/02/2024.

SENADO. *Ideli Sabatti*. Disponível: <https://www25.senado.leg.br/web/senadores/senador/-/perfil/3373>, consulta: 17/02/2024.

_____. *Jaques Wagner*. Disponível: <https://www25.senado.leg.br/web/senadores/senador/-/perfil/581>, consulta: 15/02/2024.

_____. *José Eduardo Dutra.* Disponível: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2015/10/04/morre-aos-58-anos-o-ex-senador-jose-eduardo-dutra>, consulta: 15/02/2024.

_____. *Marta Suplicy.* Disponível: <https://www25.senado.leg.br/web/senadores/senador/-/perfil/5000>, consulta: 05/02/2024.

_____. *Nelson Jobim.* Disponível: <https://www12.senado.leg.br/institucional/arquivo/biografia?grupo=relatores&id=nelson-jobim>, consulta: 04/04/2024.

SENADO NOTÍCIAS, 20/08/2003. *Secretário admite mudança em compensação por extração mineral.* Disponível: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2003/08/20/secretario-admite-mudanca-em-compensacao-por-extracao-mineral>, consulta: 09/02/2024.

SINDICATO DOS BANCÁRIOS, 29/06/2023. *A trajetória de luta de João Vaccari, ex-presidente do Sindicato* por Redação SPBancarios. Disponível: <https://spbancarios.com.br/06/2023/trajetoria-de-luta-de-joao-vaccari-ex-presidente-do-sindicato>, consulta: 15/02/2024.

SISEJUFÉ, 01/10/2012. *Três Passos, uma cidade que foi torturada pela ditadura.* Disponível: <https://sisejufe.org.br/noticias/tres-passos-uma-cidade-que-foi-torturada-pela-ditadura/>, consulta: 17/02/2024.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE SOCIOLOGIA. *Bionotas: Eleonora Menicucci de Oliveira* por Magda de Almeida Neves (UFMG/PUCMinas). Disponível: <https://sbsociologia.com.br/project/eleonora-menicucci-de-oliveira/>, consulta: 15/02/2024.

SOLON, Castor M. M. Bartolomé R., VIOLA Eduardo Annes (Orgs.). *TESTEMUNHAS DE UMA BARBARIE: uma perspectiva da injustiça a partir das vítimas do estado de exceção, Brasil 1964-1988.* São Leopoldo: Casa Leiria, 2016. 1050f. Disponível: https://www.ihu.unisinos.br/images/stories/cadernos/livros/livro_testemunhas_barbarie.pdf, consulta: 17/02/2024.

SUL 21, 11/05/2011. *RS perde um militante político e social. Morre, aos 60 anos, Carlos Alberto Tejera De Ré.* Disponível: <https://sul21.com.br/ultimas-noticias-geral-noticias-2/2011/05/rs-perde-um-militante-politico-e-social-morre-aos-60-anos-carlos-alberto-tejera-de-re/>, consulta: 15/02/2024.

TSE, 07/11/2016. *Ação de Investigação Judicial Eleitoral nº. 1943-58.2014.6.00.00000/DF - Depoimento de Giles Carriconde Azevedo, 36f.* Disponível: <https://www.tse.jus.br/internet/arquivos/aije-2014/depoimento/32-audiencia-de-7.11.2016-giles-carriconde-azevedo-fls-4902-4937-vol-17.pdf>, consulta: 19/03/2024.

UFRJ, 02/03/2022. *Adeus a Luiz Pinguelli Rosa* por Assessoria de Imprensa da Reitoria. Disponível: <https://ufrj.br/2022/03/adeus-a-luiz-pinguelli-rosa/>, consulta: 05/02/2024.

UNIFESP-EPM, 10/03/2023. *Arthur Chioro toma posse como presidente da Ebserh.* Disponível: <https://sp.unifesp.br/epm/noticias/arthur-chioro-presidente-ebserh>, consulta: 17/02/2024.

VALOR, 25/01/2024. *Quem é Guido Mantega?* por Bianca Guilherme. Disponível: <https://valor.globo.com/empresas/noticia/2024/01/25/quem-e-guido-mantega.ghtml>, consulta: 17/02/2024.

VEJA, 06/01/2010. *O superministro Giles.* Disponível: <https://veja.abril.com.br/coluna/radar/o-superministro-giles-2>, consulta: 16/02/2024.

_____, 13/07/2010. *Quem é Erenice Guerra.* Disponível: <https://veja.abril.com.br/politica/quem-e-erenice-guerra>, consulta: 17/02/2024.